This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

A. R. GONÇALVEZ VIANA

APOSTILAS

AOS

DICIONÁRIOS PORTUGUESES

TÔMO II

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — A. M. TEIXEIRA & C.TA
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20
1906

'OSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

'OSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

---

ichão

Êste termo, que o Nôvo Dicionário rejista como antigo, com a significação de medida itinerária asiática, é diferente de outro *ichão*, que nada tem de asiático, pois é português, derivado do latim medieval hutica, que deu *huche* em francês, *ucha* em castelhano, em português *(h)ucha*, e queria dizer «arca do pão e da farinha». Conforme Diez [1], o vocábulo será germânico, e D. Carolina Michaëlis é do mesmo parecer [2].

De *ucha* procedem *ucharia (q. v.)* e *ichão*, por *uchão*, com mudança de *u*, absolutamente átono, para *i*, por ser pretónico e estar antes da consoante palatina *ch*, palatalização que se não deu em *ucharia*, porque, sendo êste um trissílabo oxítono, tem acento secundário na sílaba inicial, que por isso não foi atenuada. **ucha** e **ucharia.**

ichó

É comparável a *ichão* êste vocábulo, que procede de *ustiónu*, e no qual se deu igual mudança de *u* em *i*: cf. *hucha*. Significa uma armadilha para apanhar caça meúda.

---

[1] Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen.

[2] Revista Lusitana, I, p. 305.

idi

É termo do Aname, e significa, ao que parece, sacerdote gentílico: — «representando com esta figura sermos letrados, e não idys ou bonzos» —[1].

idoiro, idouro

O Nôvo Dicionário, no Suplemento, dá-nos êste vocábulo como antigo, abona-o com Frei Fortunato de Sam Boaventura, e atribui-lhe a significação de «vindouro», dizendo ser forma antiga dêste. Não é assim; o próprio autor reconhece que equivale a iturus latino, e é o particípio do futuro do verbo *ir*, como é sabido, ao passo que *vindouro* o é do verbo *vir*; não é, portanto o primeiro forma antiga do segundo: são vocábulos independentes, qualquer que haja sido o significado que a qualquer dêles se tenha atribuído.

É pena que estes expressivos particípios do futuro tenham quási desaparecido do português, e hajam perdido de todo a vitalidade productiva de novos vocábulos, limitando-se o emprêgo destas formas às que existem. O mesmo aconteceu com os particípios presentes activos em *-nte*, como *falante*, *temente*, *pedinte*, dos quais não existem já, a bem dizer, senão formas herdadas.

igarité

É termo do Brasil, e designa uma embarcação feita num só: — «Cavalheiros e senhoras embarcaram n'uma canôa, espécie de igarité cavado, construido de um só madeiro, toscamente» —[2]

---

[1] P. António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 80.

[2] Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e Pernambuco, in «O Seculo», de 27 de maio de 1899.

igreja, egreja

Até meados do século passado a escrita dêste vocábulo foi com *i*, e não com *e* inicial. Proferindo-se o *e* inicial átono normalmente *i*, como em *elogio, elegância, erguer*, etc., considerou-se que, se tal ortografia era acertada, por se conformar com as das palavras latinas de que estas derivam, se devia restabelecer a de todas as outras em que um *i* inicial corresponde aparentemente a *e* latino na mesma situação, concorrendo ainda a ortografia francesa com *e* para se assentar em tal regra. Por essas razões se reformou também a escrita de outros vocábulos, como *igual, idade*, etc., que passou a ser *egual, edade*, etc., porque em latim são aequalis, aetas, isto apesar dos hábitos contraídos durante uns poucos de séculos de literatura, e com o gratuito fundamento de que *ae* era equivalente a *e*.

A palavra *igreja* fôra sempre ortografada *igreja*, conforme a pronúncia, e os reformadores entenderam que ela deveria sujeitar-se à medida das outras; e como em latim se escreve ecclesia, e em francês *église*, apesar de em espanhol ser *iglesia*, os literatos emendaram *igreja* para *egreja*. Emendaram mal, porque *i* não representa em tal dição o *e* do latim ecclesia.

Anterior à forma *igreja* aparece em documentos medievos *eigreja*, escrita *eygreia*, que antecedeu a actual portuguesa *igreja*, e castelhana *iglesia*.

Como o *g* das formas peninsulares corresponde a *c* latino, depois de vogal, e não depois de consoante (cf. *lago* ⟨ lacus, *vaca* ⟨ vacca), segue-se que ou no latim popular a palavra soava com um *c* sinjelo, e não com *cc*, e assim conjectura Menéndez Pidal [1] com pouco fundamento, não obstante os exemplos que cita; ou o primeiro *c* do grupo *cc* se vocalizou em *i*, como em *chirar* ⟨ flagrare aconteceu ao *g*, como em *feito* ⟨ factum

[1] MANUAL ELEMENTAL DE GRAMÁTICA HISTÓRICA ESPAÑOLA, Madrid, 1904, p. 48.

se deu com o mesmo *c*. Daqui resultou a forma portuguesa *eigreja* citada, comprovada por dezenas de documentos, e já admitida no abundantissimo glossário de A. A. Cortesão [1], conjuntamente com *eigleija*, mais literal com relação ao seu étimo, mas que não pode ser considerada castelhana em razão do *j*.

Êsse ditongo *ei* inicial condensou-se ao depois em *i*, como aconteceu com *Inês*, antes *Einês* ⟨ Agnes [2], com *Idanha*, antes *Eidãia* ⟨ Egitania [3] ⟩ *Eg'tania*, com *isento*, antes *eisento* [4] ⟨ exemptum=*ecsentum*, com o popular *iró(s)* ⟨ *eiró* ⟨ *areola*, e medial, com *lição* ⟨ lectionem (cf. *eleição*), *crível*, de *creível*, e provávelmente com *arisco* ⟨ *areisco*. Não será difícil, com alguma paciência, encontrar muitos mais exemplos.

João Ribeiro, em nota a pájinas 133 da sua excelente Selecta Classica [5], impugna esta explicação claríssima, por mim aceita na Ortografia Nacional [6] para os vocábulos *igreja*, *Inês*, e, se me não engano, primeiro proposta por J. Leite de Vasconcelos, e depois perfilhada por outros romanistas portugueses, entre êles pelo autor dos Subsídios.

O erudito académico brasileiro opõe a esta doutrina umas conjecturas, que não diz em que se estribem, e pelas quais explica que o *ei* inicial de *eigreja* é eco do *ei* da sílaba seguinte, na qual, note-se, não existia na forma antiga *eigreja*, nem existe na moderna *igreja*, eco, assimilação progressiva (influeso regressivo lhe chama), de que não dá mais exemplos. O Nôvo Diccionário abona também a forma *greja*, da qual se depreende que a escrita *Grijó (q. v.)* é errada; deveria escrever-se *Grejó*, visto

---

[1] Subsidios para um diccionário completo da lingua portuguesa, Coimbra, 1900.

[2] *Id. ib.*

[3] J. Leite de Vasconcelos, Religiões da Lusitania, II, 1905, p. 32, n. [5]; nos Subsídios *Eidanha*.

[4] A. A. Cortesão, Subsídios, onde se pode ver a devida abonação.

[5] Rio-de-Janeiro, 1905, p. 133, nota.

[6] Lisboa, 1904, p. 74, 75, 94, 97.

existir também *igrejó* rejistada no mesmo DICCIONÁRIO, o que para a pronúncia do reino é indiferente, pois o *ĕ* átono antes de palatal tem o valor de *i*.

Com relação a *Inês* ¦ *Einês* ¦ Agnes, diz-nos que o *y (Eynês)* pode ser alguma vez êrro de transcrição por *g*, suposição perfeitamente gratuita; mas como, por outra parte, não afiança que o seja sempre, o que lhe havia de ser dificultoso, deixa sem explicação a forma *Einês*, ou procura analisá-la pela seguinte série de permutações que teriam por base *Enhez*, forma inventada, procedente de Agnes, e de que proviriam *Eniez*, que também não existe, e afinal *Einês*. Em que leis fonéticas reconhecidas e comprovadas se ampara para tais deduções, como para as singulares influências das letras *z*, *x*, *j*, a que se refere a páj. 134, eis também o que nós ignoramos e nos não diz. Para a palavra *reino* supõe do mesmo modo que de regnum, proviesse *renho*, que não está documentado, e dêste resultassem *renio*, e ao depois *reino*; isto é, exactamente o contrário do que está assente, pois se o *nh* ou *n* palatal, que diz ser igual a *n* + *i* brevissimo, o que é inexacto [1], procede muitas vezes de *ni*, como em *Minho* ¦ Minium, ou de *ne*, como em *vinha* ¦ uinea, não é capaz o douto académico de citar um exemplo único, irrefutável, de *ni*, procedente de *nh*.

Capitulam-se na mesma nota de exemplos rebuscados os que apontei, da contracção de *ei* em *i*, convém saber *Einês*, *Grijó (Grejó)*, *irô*. Rebuscados, ou não, são verdadeiros: os primeiros dois na literatura, *Einês* como forma obsoleta da actual *Inês*, o segundo não só como substantivo comum *(q. v.)*, mas como nome de povoação, *Grejó* ¦ Ecclesiola; quanto ao terceiro pode vê-lo no Nôvo DICCIONÁRIO de Cândido de Figueiredo, a páj. 775, 2.ª

[1] Veja-se qualquer tratado de fonética: *nh* é uma consoante nasal proferida com o dorso da língua na extremidade posterior do palato duro; o *n* é também consoante nasal, mas proferida com a ponta da língua nas genjivas; nenhuma fusão de *n* + *i* pode produzir o *n* palatal, que figuramos por *nh*.

col. do vol. I, e ouvi-lo a toda a gente, culta ou inculta, em Lisboa, onde não há ninguém que o desconheça ou o estranhe, tam geral e freqùente êle é. Os três exemplos citados díz-nos ainda o erudito anotador que são raros. Não são: todos os vocábulos iniciados por *ex*, se proferem usualmente, não como *eis*..., mas sim como *is*, tais: *exemplo, exército, exame,* etc., (cf. *isento),* centenas e centenas dêles emfim; e em todos o *is* inicial é condensação, contracção de *eis,* procedente de *ecs,* com vocalização do *c*. Isto funda-se em leis fonéticas muito conhecidas para que seja necessário indicá-las; as explicações abstrusas, a que nos referimos, foram excojitadas expressamente, cada uma para sua hipótese, e para mais nenhum facto similar.

ilha, *ínsua;* insular, isolar

Esta palavra é indubitávelmente derivada do latim insula, mas por evolução muito especial, e de que talvez não haja outro exemplo em português, principalmente se atendermos ao alótropo *ínsua,* perfeitamente regular e comparável a *régua* ⟨ regula, *magoa* ⟨ macula. Em castelhano diz-se *isla*.

É sabido que êste termo tem no Pôrto um significado particularíssimo, correspondente ao de *pátio* em Lisboa, e que no Dicionario Contemporaneo é assim definido: — «especie de beco cercado de pequenas habitações para gente de poucas posses» —. No jornal O Seculo, de 14 de agosto de 1899, vem uma referência a êsses bairrinhos, apartados da série de prédios que formam as ruas e vielas da cidade: — «Uma das tristes curiosidades do Porto são as *ilhas,* corredores estreitissimos» —.

O vocábulo é muito antigo na língua na sua acepção natural, e é possível que, em vista da sua formação anómala, êle seja de orijem catalã.

Como termo de calão, *ilha do sumiço* é o «cemitério».

Quanto à palavra *ínsua,* que parece ter sido sempre a acepção restrita de «*ilhota, ilhote* em rio», não há memória ou documento de que alguma vez significasse *ilha,* no mar.

— «A barra do sul do rio Minho, chamada — *portuguesa* —, que se abria entre a insua do Castello e o cabedello» — [1].

Muitos escritores preferem *insular*, como verbo a *isolar*, «apartar, deixar só, desacompanhado», por ser galicismo o segundo. Galicismo, ou não, porque a forma é mais italiana que francesa, pois, em toscano que se diz *isola*, por «ilha», entanto que em francês o nome é *île*, antigo *isle*, entendo que já não é tempo de desterrar palavra tam usada e tam expressiva; *insular* é igualmente neolojismo, e em latim seria barbarismo.

ilhó(s)

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2] já identificou êste vocábulo com o francês *œillet*, sendo ambos, assim como o catalão *ollet*, o castelhano *ojete* e *ojal*, «casa aberta em roupa», o galego *oxal*, formas derivadas de oculum, «ôlho», por meio de vários sufiesos. A forma primitiva portuguesa há de ter sido *olhó*, ou *ulhó*, cujo *o* ou *u* inicial se converteu em *i*, como o de *ucha*, na forma derivada *ichão (q. v.)*, ou em *ichó* { *ostiôla*, plural de *ostiôlum* { ostium, «abertura da porta, o intervalo deixado para ela» [3], e não própriamente a peça ou peças de madeira ou outra substância com que esse intervalo se tapa, ou cerra, ou fecha.

Assim *ilhó* é um buraquinho, que se abre, um «*furinho* redondo», como com tanta propriedade lhe chama a escritora citada.

Como outros substantivos de estrutura análoga, tais *eiró*, *filhó*, o povo acrescenta-lhe um *s* no singular, e a êste *-es* para o plural, *ilhós*, *ilhoses*, formas que também vemos escritas.

---

[1] Portugalia, I, p. 611.
[2] Revista Lusitana, I, p. 305.
[3] J. B. Gardin Dumesnil, Synonymes latins, Paris 1853, n.º 1962.

iluminador

Como termo de theatro, não apontado nos dicionários, significa um «indivíduo que tem a seu cargo acender as luzes».

imã, iman; imam, imamo, emamo

Um vocábulo escrito usualmente **iman**, e pronunciado *imane* tem duas significações enteiramente distintas, e para qualquer delas é errónea a escrita e a pronúncia convencional, porque o povo não conhece nem uma nem a outra, e a palavra é estranha para êle.

Começarei pela primeira que o Nôvo Diccionário aponta, *magnete*.

Nesta acepção o vocábulo provém do francês *aimant*, do latim adamantem, acusativo de adamas, «diamante», e êsse dissílabo francês, que actualmente se profere *èmã*, pronunciava-se antes em três sílabas *aïmant* = *a-i-mã*. Ora, como o acento tónico, tanto no francês *aimant*, como no latim adamantem recai na sílaba *-man-*, é evidente o êrro de o passar para o *i* de *iman*, como também o é pronunciar o *n* distintamente, em vez de se nasalizar com êle o *a*. A pronúncia, pois, e a escrita portuguesas devem ser *imã*, e a todo o tempo é tempo de se fazer a correcção, visto que a palavra nunca foi, nem é popular.

O outro *iman* ou *imam* é mais moderno ainda, e há hesitação em pronunciá-lo com o acento na primeira, ou na segunda sílaba. A escrita com *n* é absolutamente errada, como o é a acentuação na primeira sílaba: a palavra é arábica e transcrevo-a, conforme o método aqui adoptado, da seguinte forma, AÏMAM, cuja pronúncia é *imâame*.

O mais que poderemos fazer, para contemporizar com a forma afrancesada da palavra, é acrescentarmos-lhe um *e* final, lendo *imame;* o mais cordato, porém seria regressarmos à forma an-

tiga portuguesa *imamo,* que Bluteau [1] rejista, dando-lhe o significado em certo modo exacto de — «principal zelador da lei de Mafoma» — [2], ou a escrita mais desviada *emamo,* dos nossos autores antigos. Assim, ficariam os dois vocábulos tam perfeitamente distintos na pronunciação e na escrita, como o são na significação, ficando ao mesmo tempo certos ambos. V. sôbre êste objecto a ORTOGRAFIA NACIONAL, do autor [3].

imajinaria, imagineria, imajética

O NÔVO DICCIONÁRIO rejista no Suplemento a forma *imagineria* com a seguinte interpretação conjectural: — «producto da imaginação? phantasia? capricho? — e abona o vocábulo com um trecho de VIDA DO ARCEBISPO DOM FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, de Frei Luís de Sousa: «capa de brocado de tres altos com sabastros de imagineria» —. Quere dizer a palavra «figuras humanas bordadas, ou pintadas», o que em francês se denomina *imagerie.* Sabe-se que *imaginário* é o fabricante de *imagens;* não há pois razão para hesitar no sentido dêste vocábulo.

O adjectivo *imajético* é um infeliz neolojismo, pois de imajem (latim imago, imaginis), o que se poderia derivar fôra *imájico,* ou melhor *imajínico:* — «e os [azulejos] da ermida de Nossa Senhora do Cabo, em Cezimbra, constituem a mais adoravel representação imajetica da lenda» — [4].

impedido

Êste participio passivo do verbo *impedir* aplica-se, substantivado, à praça que está afastada, do serviço geral, para ficar

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

[2] V. Garcin de Tassy, MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878, p. 68: «officiant», *celebrante.*

[3] Lisboa, 1904, p. 140, e nota.

[4] Portugalia, I, p. 590.

ao de um oficial, na qualidade de *camarada*, como também se diz.

Em jíria de fadistas quere dizer «amázia»:—«La vae o Borôa e o impedido. Aquillo é que é um governo»—[1].

império, imperador

Nas ilhas dos Açôres assim se denomina «a casa armada para a ocasião, onde, nas festas do Espírito-Santo, se coloca a coroa num altar, depois de ter sido benta na igreja. A coroa é geralmente de prata, e rematada por uma pomba. O indivíduo que é escolhido para levar a coroa à igreja chama-se *imperador*.

Esta informação foi-me prestada pelo escritor Rodrigo Alves Guerra, natural da Ilha do Pico, e conhecido autor de primorosos contos, referentes ao Arquipélago, publicados na revista literária do jornal O Seculo.

—«O vestuario varia de *imperio* para *imperio*, segundo o capricho do *imperador*, ou do *costumier*»—[2].

Imperador se denomina a personajem principal, adornada de coroa e manto, que figura numa procissão, que sai do mosteiro de Nossa Senhora da Vitória (Batalha):—«Batalha.—Este anno não ha *Imperador* sendo organisada uma commissão, a fim de levar a effeito aquella festividade»—[3].

impuza

Não sei a orijem, nem o significado exacto dêste vocábulo, que vi empregado, como usual em Castelo-de-Vide, no trecho seguinte:—«o mal que atacou os gafanhotos seja justamente aquelle parasita (a impuza)»—[4].

---

[1] O Seculo, de 13 de janeiro de 1902.
[2] O Seculo, de 8 de julho de 1901.
[3] O Seculo, de 14 de junho de 1905.
[4] O Seculo, de 26 de agosto de 1901.

inapto, inepto (apto)

O Diccionario Contemporaneo rejistou ambos êstes vocábulos, com significações análogas; mas o primeiro é um barbarismo, visto como, por uma regra conhecida em morfolojia latina, a vogal *a* de um radical se enfraquece em *e* nas sílabas fechadas por consoante, ou antes de *r*, e em *i* nas outras sílabas abertas, quando dêsses radicais se formam derivados por preficso; dêste modo, a idea oposta a *apto*, aptum em latim, é *inepto*, ineptum, e não, inaptum.

Semelhantemente, de facio, factum temos conficio, confectum, de capio, captum, incipio, inceptum, de castum incestum, em português *casto*, *incesto*, e não *incasto*.

Eis aqui um exemplo em português, no qual se pretendeu formular conceito, e nada mais se fez que uma tautolojia:— «De qualquer modo hão-de produzir abortos na sociedade [meninas educadas em convento], ou seres ineptos ou seres inaptos» —[1]. É muito duvidoso que quem isto escreveu tivesse idea clara do que queria exprimir.

inço, desinço; indez

O substantivo rizotónico *inço*, do verbo *inçar* ¦ *indiciare*, falta em geral nos dicionários portugueses. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos cita uma frase, de mulher de Valpassos a quem a ouviu, referida à dificuldade que há em exterminar os gérmenes de insectos daninhos:— «*sempre fica inço*» —, isto é «resto, resquicios» —[2].

O Nôvo Diccionário rejistou o termo, como algarvio, no

---

[1] O Seculo, de 24 de agosto de 1900.

[2] V. o excelente artigo publicado pela exímia romanista sôbre o verbo francês *enger*, português e galego *inçar*, *in* Zeitschrift für Romanische Philologie, xxix, p. 607-617, e nomeadamente, p. 608 e 610.

sentido especial de — «vegetaes que na ceifa, ou em outro corte, se deixam illesos para fructificarem e reproduzirem-se» —, definição citada pela ilustre escritora a quem me referi, conjuntamente com muitíssimas e preciosas erudições, no artigo apontado em nota.

Desinço, substantivo verbal de *desinçar,* é o nome que em Trás-os-Montes se dá ao pente [1], que geralmente se chama *pente-meúdo,* «para limpar a cabeça», cabendo-lhe êste último nome por o intervalo entre dente e dente, muito delgados, ser pequeníssimo.

O étimo primário de *inçar* é (ouum) index, «o ôvo que se coloca em qualquer lugar certo, para que a galinha siga nesse lugar a postura, em vez de a dispersar em sítios recónditos».

De *index,* no acusativo neutro, deriva a mesma escritora a palavra *indez, endez,* ou *éndez,* conforme as localidades, usada no mesmo sentido em português, ou substituída por *aninhador.* A deslocação do acento da primeira para a segunda sílaba apresenta certas dificuldades, é certo, mas não invalida, a meu ver, o étimo proposto, principalmente porque a par existe a forma regular *éndez,* dela inseparável, com referência a êsse étimo, e o acusativo comum indícem tam pouco explicaria essa deslocação.

índigo, anil, anileira

Muito modernamente introduziu-se na linguajem científica o termo *índigo* para designar a planta, a droga e a côr, a que em português se chamou *anil,* quási desde os inícios da língua, mas principalmente depois das nossas relações marítimas com o Oriente, quando êste termo arábico ali confirmou o seu uso em português.

O termo *índigo* principiou, creio eu, a usar-se para designar uma das côres do prisma solar, porque assim lhe chamaram os

[1] *ib.* p. 613.

franceses *(índigo,* pronunciado *ēdigô),* visto que os constituimos nossos mestres em todos os despropósitos.

Como se tratava de côres imperou a influência do arco-íris. Cousas do arco-da-velha! Quem primeiro empregou cá aquele palavrão é provável que nem soubesse que côr era assim em França denominada, na escrita, note-se, porque também lá não desceu ao vulgo.

Na GAZETA DAS ALDEIAS [1] surje porém uma novidade: já não é *índigo,* é *indígo,* a rimar com *umbigo!* E tanto, que quem lhe deu esta forma extravagante, para que todos assim leiam, acompanhando-o no êrro, foi contra os princípios de acentuação gráfica minuciosíssima adoptados na dita publicação, pois a pronúncia *indígo* resultaria já de o vocábulo não ter acento marcado, sendo portanto supérflua a marcação. Não se pode levar o êrro à conta de tipográfico, pois em duas colunas o acento no segundo *i* aparece todas as vezes que a palavra foi repetida, nada menos de quatro, se me não escapou alguma da conta. Os poucos dicionários que já incluem a palavra *índigo* acentuam todos o primeiro *i,* para indicarem que o vocábulo é esdrúxulo, como convém que seja, pois é apenas forma diverjente de *índico,* isto é, «das Indias» (cf. *arábico* e *arábigo);* sendo única excepção o DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO de Francisco Adolfo Coelho, onde, com certeza, nem podemos supor o contrário, por êrro tipográfico aparece a acentuação *indígo.* A planta chama-se *anileira,* que é palavra moderna.

Outra singularidade é o emprêgo que se faz, na mesma utilíssima publicação periódica, do termo *violête,* para traduzir o francês *violet,* quando a palavra portuguesa usada em todo o reino por quem não sabe francês é *roixo,* para todos os matizes da côr entre o azul e o encarnado: *violete* não é nada, e *violeta* é apenas o nome de uma flor.

A continuarem estas influências do arco-da-velha, difundir-se-hão em breve nos livros sérios, em vez das expressões portu-

[1] de 13 de agosto de 1905.

guesas *pardo, azul, côr de romã,* as palavras francesas *gris, bleu* e *grenat,* as quais bom seria ficassem definitivamente, com o *índigo* e o *violête,* a esmaltar a literatura barata e o estilo campanudo e almiscarado dos folhetinistas e noticiaristas dos jornais diários.

Anil é a palavra arábica AN-NIL, de orijem índica: *nīl,* «azul ferrête».

induna

É termo da África Oriental Portuguesa, e Inglesa, pertencente a uma das línguas cafriais ali faladas: — «*Induna* — grande chefe entre os zulos. Os inglezes chamam indunas a todos os chefes na Africa Austral, embora não sejam zulos» —[1].

ingreme, ingrime

Há talvez dois anos, um filólogo estranjeiro, que se ocupa do estudo do português, preguntou-me por escrito como se deveria pronunciar êste vocábulo, se com o acento na primeira, ou na segunda sílaba. Nunca tinha pensado em semelhante cousa com a devida atenção, e solicitada esta para o caso, tive de responder-lhe com um subterfújio — que os doutos dizem *íngreme,* e o povo, *ingrime;* e mais não disse, porque nada mais sei, nem achei nos meus livros explicação que valesse a pena compendiar, com excepção de uma a que já vou referir-me. Disse-lhe ainda que a orijem desta palavra, que eu soubesse, sómente portuguesa, é enteiramente desconhecida.

Dom Rafael Bluteau, no seu precioso VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, traz a palavra INGREME, de que não dá a acentuação, ao contrário do que faz as mais das vezes, em três acepções distintas, duas naturais e a terceira figurada: — «muyto

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902.

direito e difficultoso de sobir (fallando de caminhos, escadas); alho ingreme: aquelle que não tem dentes, mas uma rayz, a modo de cebola pequena» —; e por fim, a terceira — «No sentido moral val o mesmo, que Nú, despojado de toda a affeição, e amor proprio» —, e abona-se com Frei Tomé das Chagas, CARTAS ESPIRITUAES, t. II, 107.

Darei desta acepção figurada uma abonação de que tomei nota nas minhas leituras: — «E sem embargo de tudo isto o padre [Francisco Xavier] se embarcou nesta mesma nao para a China, mas bem differente do que ouvera de yr se fôra com Diogo Pereyra, mas elle ficou em Malaca, e a não foy toda por côta do capitão, e dos seus apaniaguados *[q. v.]*, e com capitão pôsto de sua mão, e o padre foi ingreme, sem autoridade nenhũa, ás esmolas do contramestre, e sem levar outra cousa mais que só hũa loba que levava vestida» — [1].

A primeira acepção perdura na língua moderna, a terceira perdeu-se, creio eu; ignoro se a segunda subsiste. Nada posso dizer quanto à etimolojia.

Eis aqui abonações do sentido material do vocábulo: — «ingremes serras — o mato ingreme e espesso que estava na ladeira de além — rochedo de todo muito ingreme» — [2].

O adjectivo *ingreme* existe na America espanhola, pelo menos no Chile e na Bolívia, com a forma *ingrimo* e o significado de «sòzinho, desamparado» [3]. A respeito dêle diz-nos Rufino José Cuervo: — «La voz *grima* vale desazon, miedo, espanto, y entre nosotros se usa en frases como «da grima ver tanto despilfarro», «estaba solo en grima»: este complemento *en grima* en fuerza de la asimilacion se ha convertido en el adjetivo *ingrimo* («estaba solo ingrimo»), bárbaro á todas luces» — [4].

---

[1] Fernam Mendez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXV.

[2] «Historia Tragico Maritima», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, t. XL, p. 59 e 89; t. XLI, p. 67.

[3] A. Echeverría i Reyes, VOCES USADAS EM CHILE, Santiago, 1900.

[4] APUNTACIONES CRITICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881.

Atenta a existéncia do adjectivo uniforme *ingreme* em português, com significação análoga, como vemos pelo passo da Peregrinação aduzido, é claro que o douto hispanista não tem razão na censura, como também me parece que a não tem na orijem que dá ao vocábulo; o que, seja dito, raríssimas vezes lhe sucede. Por outra parte *grima* não é palavra portuguesa, e não é natural que de *en-grima* se formasse *ingrimo* com deslocação do acento injustificada. O adjectivo é portanto peninsular, conquanto o Dicionario da Academia Espanhola o não aponte, e nada tem que ver com *grima*.

ingrês, ingresia

A segunda destas palavras quere dizer «linguajem confusa, que se não entende», e é uma formação análoga á de *aravia*, ou *algaravía [q. v.]*. Antigamente não se dizia *inglês*, forma culta, entrada artificialmente na língua no seculo XVI, como já vemos nos LUSIADAS

> — Vede lo duro Inglês que se nomea
> Rei da velha e santissima cidade
> Que o torpe Ismaelita senhorea: — [1].

A forma usual e usada era *ingrês*, como o eram *Frandes*, *prantar*, ao depois *Flandres*, *plantar*, como o são ainda hoje *prego*, castelhano *pliego*, *branco*, cast. *blanco*, *cravo*, cast. *clavo*, latim clauum; não é portanto corrutela a palavra *ingresia*, — «fala de ingreses ou ingleses, tala ininteligivel» —, como diz o DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO de F. Adolfo Coelho, mas um derivado regularíssimo da forma portuguesa perfeitamente lejítima *ingrês*, visto que os grupos de duas consoantes, a segunda das quais *l*, é de adopção artificial, e muito posterior às orijens da língua e suas primeiras evoluções.

---

[1] Canto VII, est. IV.

inhabaca

Termo da África Oriental Portuguesa:—«O Farelay fez seguir para se agregarem á «guerra» 50 inhabacas (monhés [*q. v.*] nobres)»—[1].

inhacuana

—«*Inhacuana*—senhor de terra de um prazo, verdadeira nobreza antiga entre os pretos, regulo suzerano»—[2]. Na África Austral; é cafrial o termo.

interessal

Este adjectivo, derivado do substantivo *interêsse*, é dado como antigo no Nôvo Diccionário, com a significação de «interesseiro». Gil Vicente, porém, empregou-o num sentido, que por modo nenhum importa a censura que está incluída no epíteto *interesseiro*:—«pola gloria interessal dos comércios»—[3].

invenção

—«Invenções se chamavam os emblemas e as representações de figuras truanescas adjuntas a cada classe [popular]»—[4].

invernadouro

—«Portanto, em cada anno n'uma das folhas de «rastolho» ou de «pousio»—a do *invernadouro* as mais das vezes»—[5].

---

[1] Jornal das Colonias, de 17 de fevereiro de 1906.
[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902.
[3] Auto da Fama.
[4] António de Campos, Luís de Camões, II parte, XIV.
[5] Portugalia, I, p. 546.

inverneira

Eis aqui uma acepção muito curiosa dêste vocábulo, que em geral é tomado no sentido de *invernia:*— «Se a ventania, porém, é violenta, e com ella o abaixamento da temperatura constituem um flagello... mudam-se as residencias [em Castro-Laboreiro] para as inverneiras, outras habitações situadas n'um valle profundo e abrigado da tormenta.

[Nota] ([1]). Alfredo de Campos, JORNADAS EM PORTUGAL. *Castro Laboreiro, in* «Jornal de viagens e aventuras de terra e mar», IV, p. 53, Porto, 1881»—[1].

j: ji, jota

Os nossos dicionários maiores, saindo sem necessidade dos limites da lecsicolojia portuguesa, para entrarem nos da filolojia geral e até da paleografia, difundem, por falta de suficiente preparo, doutrinas erróneas, que ao depois se propagam, e se convertem quási em assiomas para a maioria da gente. Assim, fazem-se longos arrazoados sôbre—o jota e o *i* romano—, como dizia Nicolau Tolentino, e a verdade é que os romanos não conheceram mais que uma forma, a do I, como também não diferençaram nunca o *u* do *v*, escrevendo V em vez destas duas figuras. Que havia para êles certa distinção entre I vogal e I consoante, como a havia entre V vogal e V consoante, é fora de dúvida, visto que os gramáticos, entre êles Quintiliano, a essas diferenças se referem, e com especialidade a respeito do I, advertem não ser êle jamais consoante em grego. Efectivamente, não só o *i* antes de vogal conta por sílaba distinta na métrica helénica, mas recebe o acento tónico dentro das leis que o rejem na lingua antiga, se os gramáticos de Alexandria formularam bem

[1] Portugalia, I, OS PALHEIROS DO LITTORAL, p. 81.

essas regras, como parece; o que é confirmado ao compararem-se os vocábulos gregos, acentuados todos, com os muitos que no sânscrito védico recebem o *udata*, ou acento principal, e ainda pela acentuação actual das palavras antigas, que perduraram no romaico, ou grego moderno, e a qual na maioria dos casos persiste.

Os sons que damos ao *j* e ao *v* não eram romanos, desenvolveram-se ao depois: o I e o V, quando consoantes, tinham com certeza os valores do *i* de *maior*, do *u* de *água*, em português. Não obstante quási todas as línguas que herdaram o alfabeto romano possuirem *j* e *v*, verdadeiras consoantes, diferentes de *i* e *u*, a representação delas foi sempre hesitante e promíscua, o que deu causa a se inventarem certos expedientes ortográficos para, em casos extremos, elas se distinguirem. Escrevia-se e imprimia-se, em geral, *i* em comêço e meio de palavra para significar *j*, e depois de consoante e *hi* inicial para representar *i*; e quanto ao *u* e *v*, a figura **V** era a inicial, **u**, a medial; quando se queria indicar *u* inicial escrevia-se *hu*. Isto durou até fins do século XVIII; e mesmo quando a distinção rigorosa entre *i* e *j*, *u* e *v* se fazia já, ainda nos dicionários figuravam em uma única secção alfabética *u* e *v* por uma parte, *i* e *j* por outra, o que se pode observar, por exemplo, no Vocabulário de Bluteau. Veja-se neste trabalho a palavra *fachi*, na qual me referi a uma temerária afirmação e errada conclusão, em um livro moderno, a respeito das grafias *u* e *v*.

jacaréu

Êste vocábulo é uma forma popular do termo *jacaré*; mas na praia da Nazaré designa uma casta de sardinha, que se seca ao sol, **borrifada** [salpicada] antes com sal.

jagre, jagra, jágara, xágara

O NOVO DICCIONÁRIO diz-nos ser êste o nome do açúcar feito de côco, na Ásia. É restrita de mais a definição.

Eis o que a êste respeito se lê no Glossário de termos anglo-índicos, de Yule & Burnell: [1] — «Açúcar mascavado (ou quási preto), feito da seiva de várias palmeiras. A tamareira brava (*Phœnix sylvestris*, Roxb.), em indostano *khajār [sic]* é a árvore que principalmente produz o açúcar de palma no Guzarate, em Choromándel, e a bem dizer a única lavrada para êsse fim em Bengala... O coqueiro também a dá... A jagra fabrica-se geralmente em pães pequenos e redondos... A palavra *jagra* [jaggery] não é mais que uma forma da palavra *açúcar*, sendo ambas corrutelas do sánscrito XARKARĀ, em concani *sakkarā*» —.

Outro escritor inglês ministra mais as seguintes explicações: — «*xarkara*, sánscrito, passou às línguas vernáculas por intermédio do prácrito *sakkara*, e delas proveio o arábico SUKKAR, dêste o latim medieval *zucara*, por uma parte; e por outra a palavra índia produziu o grego SÁKK'ARON, que deu o latim saccharum» — [2].

Ao Dr. Gama Pinto devo a seguinte informação: *Jāgara*, *jagra*, açúcar mascavado feito da seiva do coqueiro (çura), e também de cana. Êste último é mais ordinário. Em Goa chamam-lhe *goḍ*.

Vê-se pois que não é feito dos *cocos*, fruto, mas do *coqueiro*, árvore.

Bluteau deu as duas formas *jagara* e *jagra*, mas definiu, em parte erróneamente, declarando-a feita dos cocos, e só acertou em dizer que também se fazia das palmeiras.

A forma *xágara*, mais exacta, é a que dá Duarte Barbosa [3].

Veja-se também a edição, feita e anotada pelo Conde de Ficalho, dos COLOQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA, de Garcia da Orta [Lisboa, 1891, I, p. 236, 238, 246], donde extrato aqui o essencial: — «E depois que se tira esta vasilha da

---

[1] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN COLLOQUIAL WORDS AND PHRASES, Londres, 1896, p. 340, col. II.

[2] Lanman, SANSKRIT-READER.

[3] Livro de Duarte, n.º VII, das NOTICIAS PARA A HISTORIA E GEOGRAFIA DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS, Lisboa, 1812.

çura, se dá muyta, tiram outra de que fazem açucare, embasteído ao sol ou a fogo, a que se chama *jagra;* e o milhor de todos he o das ilhas de Maldiva, e este não é tão preto como o das outras terras» —. Antes a respeito da *çura* dissera:—«Fazem duas maneiras de palmeiras, humas pera fruta, e outras pera darem çura, que he vinho mosto; e quando he cozido, chamam-lhe *orraqua;* e estas de *çura*, se as querem pera isso, cortam-lhe huns cabos, e atam-lhe alli as vasilhas, donde tiram a *çura*» —.

Mais claramente se vê, por esta descrição, que não é o fruto que produz a *jagra*, ou açúcar de palma, mas a própria árvore, e que, portanto a definição, tanto de Bluteau, em parte, como a do Nôvo Dicc., no total, é inexacta.

jaja

O Nôvo Diccionário inclui, precedido do asterisco, sinal de inédito, êste vocábulo, e define-o assim:—«(infant[il]) Nome com que, na Beira-Baixa, falando-se a crianças, se designa o fato dellas: Que bonita *jaja* tu trazes hoje!»—. João de Freitas Branco, o conhecido e eruditíssimo literato e comediógrafo, natural da ilha da Madeira, cita-me, como usado ali, o mesmo vocábulo, mas num sentido inconciliável com aquele; pelo quê, ou a informação dada para o Nôvo Dicc. foi errada, ou mal entendido o exemplo, ou então há dois vocábulos distintos entre si, e que se reduziram à mesma forma. Na Madeira *jaja* quere dizer «moça, amolgadura».

Nada posso conjecturar sôbre o étimo, ou étimos da dita forma.

jalne

O Nôvo Diccionário relaciona com o francês *jaune*,—«amarelo da côr do ouro»—, a palavra antiga *jalne*, que tem a mesma significação, dando-lhe como étimo o latim *galbĭnum*, correspondente a galbanum, de galbus, os quais todos significam

«verde amarelado»; parece, portanto que o epiteto «côr de ouro» é pouco adequado. Por outra parte, do latim galbinum, de galbum, idéntico ao alemão *gelb* e ao inglês *yellow*, não podia resultar imediatamente o português *jalne*, porque o *g* antes de *a* não passa a *j* senão em francês; sendo portanto para o português *jalne* étimo imediato o francês antigo *jalne*, depois *jaûne*, *jaune*=*jône*, hoje *jaune*=*jône*.

V. em **jardim**, e sôbre a identidade de *gelb*, galbum e o grego K'LO(Ŭ)OS, Augusto Fick, VERGLEICHENDES WÖRTERBUCH DER INDOGERMANISCHEN SPRACHEN, Gotingue, 1890, p. 436, e Miguel Bréal & Anatólio Bailly, DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE LATIN, Paris, 1885, *sub v.* **flavus.**

janela

É um deminutivo formal, evidente, do latim ianua, «porta», o qual faz supor uma forma intermédia *ianna;* como *janeiro*, provém directamente, não de ianuarium, mas sim de *iannarium*, por assimilação do *u*, consoante, ao *n*. A forma *iennarium* existiu no latim popular, e foi transcrita para grego como GENNARĒS [1].

Entre ianua, «abertura da porta», e ianuarium, «janeiro», não há a mínima relação, visto que ianuarium se deriva de Ianus, «o deus Jano», procedendo êste de Dianus, forma masculina de Diana.

Merece a pena lêr-se, pela disfarçada ironia com que Bluteau moteja das duas etymolojias extravagantes, propostas por Manuel de Faria para êste vocábulo, o artigo JANELLA, no VOCABULARIO. Não o transcrevo por ser muito longo.

Em Caminha, e noutras partes do Minho provávelmente, denominam-se *janelas* «as portas de dentro das janelas» e não

---

[1] *V.* KRITISCHER JAHRESBERICHT FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, v, I, p. 362.

a abertura delas, ou elas próprias, correspondendo portanto êste vocábulo ao que em castelhano se chama *hojas*, «fôlhas».

januadim

—«O termo de arrematação a que nos referimos, é o documento o *[sic]* mais antigo que diz as condições com que os rendeiros do Estado administravam os redditos publicos, obrigando-se a vender os vinhos nativos do cajury (urraca, valium e dobrado)... a 6 *januadins*. [Nota] (1). Januadim equivale a seis réis antigos ou 2 réis de convenção» —[1].

Japão, japão, japões, japoa, japona, japonês, (a)japonesar

A forma, pela qual o nome da grande nação asiática é conhecido na Europa, foi difundida pelos portugueses nos séculos XVI e XVII, época em que ali exerceram comércio e tiveram alguma preponderância. Essa forma é malaia, DAPAM [2] e não chinesa, como diz Bluteau; e são assim outras muitas que para a Europa foram pelos portugueses transmitidas [3], por ser o malaio costeiro a língua geral no sul e oriente da Ásia. Estabeleceram os portugueses escrita própria sua para tais nomes, a qual predominou em quanto as nossas relações duraram. Substituíu-a depois nos nomes japoneses a escrita holandesa, que pela sua parte foi posta de banda, sucedendo-lhe a inglesa, que é hoje quási a oficial no império do Micado, para a transcrição europeia, que ali mesmo é usada em relações internacionais; e é esta transcrição a que,

---

(1) F. X. Ernesto Fernández, O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 23.ª série, p. 220.

[1] H. Yule, THE BOOK OF SER MARCO POLO, Londres, 1875, p. 238. Prefere-se quási *djapã*.

[2] *ib.*, p. 296.

mais ou menos alterada e acomodada às feições de cada idioma, prevalece na Europa; com excepção da Alemanha, onde, mais patrióticos, mais avisados, e também mais sabedores, os seus escritores criaram transcrição sua, devida ao conhecimento que adquiriram da língua japonesa.

Ali, quem dita a lei nestes assuntos é quem sabe; aqui, é quem ignora.

Nós, os primeiros que excojitámos meio de trasladar as palavras japonesas a escrita romana, até metódica e diacrítica, somos exactamente aqueles que pusilânimemente imitamos, a êsmo e sem critério, as escritas estranhas. Triste fadário!

Foi publicado no DIARIO DE NOTICIAS um conto, portuguesissimo na intenção, estranjeiríssimo nas formas em que figuram a rôdo nomes e vocábulos japoneses, escritos caprichosamente à inglesa. Basta perfuntóriamente folhear Bocarro, ou a VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, de João de Lucena, para se reconhecer, ao primeiro relance de olhos, que todos aqueles nomes e palavras, empregados na dita novela, foram colhidos em obra estranjeira, ou estranjeirada, e estão errados para portugueses. Nem com razão se pode alegar que foram tirados de obra portuguesa, pois a que ali se dá como tal é simples cópia e tradução de escritos de procedéncia inglesa, porque o seu autor não sabia japonês, e se em certo modo deu a entender, talvez involuntáriamente, que o sabia, é pura ilusão acreditá-lo quando tal afirmou, se o afirmou.

Farei ainda uma adverténcia ao leitor que tiver a paciéncia de seguir-me neste desabafo.

Em uma nota ao n.º 2 do conto, o qual se intitula A ESTRELLA DE NAGASAKI, id est, *Nangassaque* ou *Nangaçaque*, como escreviam também, diz o seu autor o seguinte: — « . . . O supremo poder era representado [no Japão] pelo mikado (imperador) e pelo shiogun, shogun (xogum como diriam os portugueses) » —. Estas palavras envolvem uma censura iniqua, pois nós agora sabemos muito menos dessas cousas do que êles sabiam, porque a nossa erudição aparente é bebida em livrinhos franceses escritos *for the million*, a três francos cada um. O autor não

sabe, nem ninguém sabe, o que os portugueses diziam há três séculos, visto que a êsse tempo ainda os gramofones não tinham sido inventados, e das palavras pelos nossos proferidas então não ficou memória que se ouça, ficou apenas a que se vê. Os portugueses, pois, não sabemos como diziam; sabemos só que escreviam *xogum*, o que todo o português pode ler com acêrto; *shogun* é que eu não sei como se há de ler na nossa língua. Entrar em maiores explicações fôra abusar da paciência que solicito, e por isso vou limitar-me a algumas considerações gerais, que são tam aplicáveis à obra que mencionei, como, genéricamente, a quási tudo o que a imprensa periódica publica, de certo tempo para cá, relativamente a países estranjeiros; e até a obras de muito maior tômo e responsabilidade, incluindo tantas didácticas, outras devidas à pena de escritores sisudos e sabedores, mas assombrados do mesmo preconceito: que é supor que os nossos autores antigos nem tinham discernimento, nem dispunham de informação bastante para acertarem na escrita portuguesa dos nomes pertencentes aos vocabulários de outros idiomas; quando a verdade é, que êles muito cientemente os escreviam de modo, que os portugueses os pudessem ler, como se à própria língua pertencessem.

Insisto um tanto longamente em tal assunto, na defesa de um nosso património, a recordação que deixámos em todo o mundo ao escrevermos tantos nomes com a nossa escrita: onde ela perdurou ou perdurar, subsiste a nossa memória, e fica rejisto da nossa estada, e dos nossos feitos. ¿Pois o autor, que trabalha de contínuo para vulgarizar os actos heroicos dos portugueses, não vê que, popularizando formas estranjeiras de nomes que em português tinham forma, os desnacionaliza, e incute, o que é pior, no ánimo de quem o lê, uma idea deprimente, falsa, da nossa capacidade? ¿Se os portugueses que sabiam japonês, ou pelo menos ouviam no Japão proferir *xogum*, assim o escreveram, que direito assiste ao autor para os emendar, fazendo tal emenda com relação à própria época em que êles o escreveram assim? Se alegar, em sua defesa própria, que a ciência de hoje emendou êsses nomes, eu tenho apenas a responder-lhe que essa

tal ciência é de torna-viajem: o japonês pronuncia *xo-gun,* com um *n* tam pouco perceptível, que muitos fonolojistas sustentam ser mera nasalização do *u* e não *n* verdadeiro [1]; assim *xó-gum* dá exactamente, para portugueses, a pronúncia japonesa do nome, contanto que se dê ao *x* o valor que tem todas as vezes que é inicial, como em *xadrez, xarife,* etc.

¿Como quere o autor que lhe leiam o seu *shogun,* com os olhos, ou com a língua?

¿E quando ler em voz alta, o que faz o leitor do conto para proferir aquele aleijão?

O autor, se não podia, e vê-se que não pode, ter voto em tal assunto, o que deveria impreterívelmente fazer era copiar com todas as letras os nomes, como êles foram escritos por portugueses, visto que para portugueses se escreviam outra vez. Recomendo à sua perspicácia o seguinte passo da obra do Coronel Henrique Yule, versão e comentário do livro de Marco Paulo Véneto:—«Os nomes próprios nos textos franceses de Marco Paulo estão escritos em geral ao modo italiano. Nenhuma utilidade vejo em conservar tal escrita num livro inglês, de sorte que os expresso em ortografia inglesa, depois de ter averiguado qual seja a melhor leitura dêles. [Polo's proper names in the French texts are *in the main* formed on an Italian fashion of spelling. I see no object in preserving such spelling in an English book; so, after selecting the best reading of the name, I express it in English spelling, printing *Badashan, Pashai, Kerman,* instead of *Badascian, Pasciai, Querman,* and so on]»—[2].

É isto, sem dúvida, o que se deve fazer em todas as versões executadas com saber e consciência. E se na realidade assim é,

---

[1] *V. passim* a obra capital sôbre pronúncia japonesa, de Ernesto Ricardo Edwards, intitulada ÉTUDE PHONÉTIQUE DE LA LANGUE JAPONAISE, Lípsia, 1903.

[2] THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, CONCERNING THE KINGDOMS AND MARVELS OF THE EAST, newly translated and edited, with notes and other illustrations, by Colonel Henry Yule, second edition revised, London, 1875, I, p. 138.

quanto mais o deveria ser em obra orijinal, pensada em português, sobre assuntos portugueses, e cuja mássima informação devera ter sido procurada em fontes portuguesas da época a que o conto se refere, mesmo porque nenhumas outras europeias se poderiam encontrar em tal tempo. Foi isto o que se fêz? Não: a execução o está a demonstrar; toda a informação foi joeirada por crivo estranjeiro, de onde saiu eivada de barbarismos na forma, manchas que se evitariam, se com discernimento se houvessem procurado notícias nos escritores portugueses coevos, que não foram poucos, nem de pequena autoridade.

Rara, raríssima é a obra saída actualmente dos prelos de Portugal, que em tudo e por tudo seja verdadeiramente portuguesa; e é com tal sistema peregrino que se cuida espertar o amor e o respeito ao que é nosso! Assim o que se provoca é o desdém; porque o leitor comum, que não tem tempo nem habilitação para ajuizar por si em tal matéria, fica decididamente capacitado de que os portugueses do chamado período áureo da nossa literatura eram uns ignorantes desastrados, que nem sequer sabiam escrever os nomes que ouviam às gentes com quem por anos e anos lidaram, e erravam por obtusidade aquilo em que qualquer francesinho moderno agora acerta cá de longe.

Dir-se há que assim se identificam os nomes escritos à antiga com a sua forma moderna.

¿Mas moderna onde? ¿Em Inglaterra, em França, em Espanha, em Itália, na Alemanha, na Holanda, na Escandinávia, ou aonde? Cada um dêstes países transcreverá a seu modo os nomes escritos em alfabetos, silabários ou sistemas diversos do romano, predominante na Europa. Nós os portugueses, em conformidade com êste novo e interessante método de propaganda, escrevê-los hemos de cinco ou seis modos diferentes, e o leitor escolherá aquele que melhor possa ler em português, porque neste idioma literário e rude lhos não queremos nós dar escritos.

Quem tal faz de propósito, ou para isso concorre por ignorância ou inadvertência, corta as raízes que devem prender ao presente a tradição do passado, para que o futuro da nação ao presente se ligue indissolúvelmente. Onde não houver respeito e

amor ao que fomos, em todas as manifestações do nosso vigor intelectual e da nossa virtude, não pode existir verdadeiro patriotismo, útil, comunicativo e simpático.

A escrita portuguesa e o idioma que falamos são feições tam nacionais, como outra qualquer das que nos diferençam dos mais povos e nos dão fisionomia e carácter próprios; e dar a entender que até nisto o estranjeiro se nos avantaja, é acto de imprudência, que todo o escritor deve fazer por não praticar. Leia-se português principalmente no que a Portugal respeita, e não se abalance ninguém, qualquer que seja a autoridade e prestíjio que suponha ter, a emendar de ánimo leve o que os nossos fizeram muito pensada e advertidamente. É assim que se presta serviço valioso à pátria, e não de outro modo.

Por um artifício muito engenhoso os nossos escritores formavam nomes étnicos declinando os de terras para designarem os seus habitantes. Êste artifício que ainda subsiste, pois dizemos os *Chinas*, os *Angolas*, os *Zanzibares*, tinha e tem a vantajem de evitar a monotonia das mesmas terminações acentuadas, muito repetidas, o que se pode fácilmente ajuizar, se, assim como dizemos o *francês*, o *inglês*, o *holandês*, acrescentarmos o sufico *-ês* a *China*, *Angola*, *Zanzibar*, e dissermos *chinês*, *angolês*, *zanzibarês*.

De Japão, portanto, fizeram os nossos escritores o substantivo *um japão*, *uma japoa*, ou *japona*, *os japões*, como fizeram os *Siames*, os *jaus*, os *bramás*, etc. — «Foram muitos os japões que se converteram — era uma japoa christã — há na ilha [Ainão] pau preto, japão [ou *sapão*], que é o brasil» —[1]. Aqui *japão* é o nome de uma madeira empregada na tinturaria. *(V.* **caucho**).

De *japonês*, que é adjectivo, derivou-se já o verbo *japonesar*, melhor fôra *ajaponesar*: — «O Japão vae japonesando a Corêa» —[2].

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 2, 109, 228.

[2] JORNAL DAS COLONIAS, de 26 de dezembro de 1903.

Japona é o nome de uma espécie de jaquetão.

Dou a seguir a lista dos nomes ou vocábulos que encontrei erradamente escritos no conto a que me referi, explicando, quando fôr mester, um ou outro que me pareça necessário analisar mais a preceito. É o que, para exemplicação, vou fazer com o citado título *xogum*.

Os japões teem várias espécies de escrita, que melhor ou pior se subordinam a duas categorias: ideográfica, em que não se atende ao som das palavras, mas ao seu significado; fonética, em que os vocábulos se figuram em atenção ao modo por que se proferem. Esta escrita, porém, não é alfabética, é silábica: cada símbolo, ou letra, representa não um elemento da sílaba, mas a sílaba enteira. Assim, êste nome *xogum* (xo-gun, «capitão militar») escreve-se com quatro letras silábicas: *si-o-gu-n*. A primeira letra, *si*, quando está seguida de uma sílaba que comece por som vogal, profere-se como em português o *x* de *xairel*, isto é, como todo o *x* inicial, e daqui provém que *si-o* se lê *xo*. A segunda sílaba, para o japonês a terceira letra da palavra, é *gu*; a quarta letra, a única que no silabário competente representa um som de consoante sem vogal, é *n* proferido sem voz, meio termo entre o *n* verdadeiro e a nasalização da vogal da letra que o precede, ou quási entre o *m* final português e o *n* final castelhano de *um, un*. Resulta desta análise minuciosa que a pronúncia do vocábulo, que em japonês se escreve com as letras 42-15-28-48 do seu silabário de 48 letras (a 28, aqui modificada com um sinal para ser proferida *gu* e não *ku*) é, conforme a escrita portuguesa, *xogum*, a inglesa *shogun*, ou *shogoon*, a francesa *chogoun*, a italiana *sciogun*, a alemã *schogun*, a holandesa *sjogoen*, etc., porque a articulação inicial, que em português se representa com uma só letra, *x*, tem nas outras línguas citadas de ser figurada ou por duas, em inglês *sh*, em francês *ch*, ou por três, em italiano *sci*, em alemão *sch*. Creio que não haverá pessoa que não concorde ser a figuração portuguesa a mais simples de todas; e tanto assim foi julgada, que, em relação aos nomes asiáticos, ela foi seguida, imitada, por largo tempo entre as outras nações

europeias, e ainda prevalece em França para a transcrição do anamita.

É possível que o leitor me advirta de uma circunstância importante: nem todos são obrigados a saber japonês. E eu respondo que também o não sei: estas minúcias vêem-se em qualquer obra adequada, evitando-se desta maneira propagar desacertos; e depois, se ninguém é obrigado a saber japonês, ainda menos o é a escrever a respeito do Japão, quando para tal efeito se não habilitou primeiro com o preparo suficiente. Além disto, para se saber que *x*. . .*o* faz *xo* não é preciso conhecer mesmo nada de japonês; basta não ignorar como em inglês se lê *sho*, se inglês é o livro que serviu de guia.

Farei mais uma observação: emendo *Nagasaki* para *Nangassaque*, não porque a escrita e pronúncia *Nagassáque* não fossem também certas, mas porque os nossos escritores dos séculos XVI e XVII seguiram na transcrição do *g* entre vogais a pronunciação de Iedo, nasalada [1], isto é, *ng*, visto que ali, e em outros pontos do império, o *g* intervocálico, em vez de se proferir como o *g* de *maga* em português, se pronuncia como *ng* de *manga*. Esta transcrição lejítima tem a vantajem de com ela se evitar o horroroso cacófaton que resulta de escrevermos *Cagoximá*, devendo portanto em português preferir-se-lhe a pronúncia, também exacta, *Cangoximá*, à imitação da nossa antiga escrita *Cangoximaa*, ou *Cangoxumaa*, onde o *u* por *i* é devido à vizinhança do *m* (cf. *arrumar*, em vez de *arrimar* [*rima*); e ainda porque, em japonês, tanto o *u* como o *i* são vogais fraquíssimas, de timbre indistinto, e só acentuadas, em geral, quando no vocábulo não existe sílaba que tenha por vogal *a*, *e*, ou *o*: assim se acentuam *Óku*, *Kurôki*, *Itô*, três nomes agora muito conhecidos. A palavra *ximá*, quere dizer «ilha», e pode escrever-se em separado, *Cango-Ximá*, «ilha de Cango».

Na série de nomes aleijados que passo a emendar, para poderem ser lidos em português, há um, de cuja identificação tenho

---

[1] Hoffmann, JAPAANSCHE SPRAAKLEER, 1867.

de desistir: é *Yyeya*, com dois *yy* iniciais, que assombrariam o próprio Satanás. Esta singular escrita talvez provenha da leitura do prefácio do *Han de Islândia*, de Victor Hugo, onde o grande romancista e poeta francês (agora desbancado, conforme os anúncios, por dois génios portugueses, que se juntaram como duas gemas num ovo), onde o poeta disse que as letras *h*, *k*, *w* e *y* são muito românticas. Ao tal nome *yyeya* falta pois sómente acrescentar alguns *hh*, alguns *kk* e muitos *ww* para ficar uma perfeição no género. Na realidade, quantas mais letras incongruentes e improferíveis êle tiver, mais japonês, isto é, mais esquisito se tornará no conceito de muita gente, afeiçoada a bujigangas.

A cidade, que o próprio autor declarou portuguesa, de *Nangassaque*, forma que emprega em uma carta escrita por uma das personajens do conto, volta algumas linhas mais abaixo, a denominar-se *Nagasaki*, sem se dizer porquê. Ora *Nangassáqui*, ou *Nangassaque* foi sempre a forma usada pelos portugueses, desde que tiveram relações com o Japão, e emquanto as tiveram, e *Nangassaque* portanto é que é a forma certa, visto se dizer que a cidade era portuguesa. Por êste caminho ainda espero ver escritas *Makau*, *Kalekut*, *Kakonda*; ¿e porque não também *Koimbra*, *Kadaval*, *Keluz*, *Agwalva*?

Segue a correção dos nomes, de que tomei nota; é possível, porém, que outros me escapassem.

Em vez de	Ashikaga Yoshi Aru	leia-se e escreva-se	*Axicanga Ioxe Aru*
» » »	C(a)go-Shima	» » »	*Cangoximá*
» » »	Dai Nippon	» » »	*Dai Ni(p)pon*
» » »	daimiato	» » »	*daimiado*
» » »	daimio	» » »	*dáimio*, ou *daimió*
» » »	Gotonoki	» » »	*Gotonóqui*
» » »	Kiuciu	» » »	*Quiussiú*, ou *Quiú-Siú*
» » »	mikado	» » »	*micado*
» » »	Nagasaki	» » »	*Nangassaque*
» » »	Samorai	» » »	*Samurai*
» » »	Satsuma	» » »	*Sátsuma*
» » »	Shogun	» » »	*xogum*
» » »	Taikosama	» » »	*Taico-Sama*
» » »	Tonkim	» » »	*Tonquim*

Terminarei êste artigo com uma referência pessoal, porque não tenho outra à mão, que melhor argumento seja em favor de completa nacionalização da escrita, ampliando assim o que acima disse do escrúpulo dos alemães em tal matéria.

Em 1903 foi publicada em Lípsia uma gramática portuguesa fonética, que em francês escrevi a convite do Dr. Guilherme Viëtor, para a sua colecção intitulada SKIZZEN LEBENDER SPRACHEN, e que se intitula PORTUGAIS, PHONÉTIQUE ET PHONOLOGIE. MORPHOLOGIE. TEXTES [146 pájinas].

Segui na escrita fonética das palavras portuguesas a transcrição científica mais conhecida e mais generalizada, adoptada, com grande aprazimento meu, pelo referido director dessa colecção, convém saber, a da Associação dos professores de línguas vivas, cujo órgão mensal é o boletim intitulado MAÎTRE PHONÉTIQUE, dirijido pelo Dr. Paulo Passy, de Paris. Essa transcrição, conquanto de aspecto um tanto estranho, pelos caracteres novos, e letras voltadas que emprega, é de facílima intelijéncia e leitura, e tam completa que apenas me foi necessário, para expressar fidelíssimamente todos os complicados acidentes da pronúncia portuguesa, introduzir duas pequenas modificações de caracteres, tam copioso é aquele sistema de transcrição. O livro é destinado a circular em todas as nações.

Em 1905 fui inopinadamente convidado pela empresa editora Langenscheidt, de Berlim, a escrever um pequeno tratado de pronúncia portuguesa, para servir de introdução ao dicionário português-alemão que a mesma casa publicará talvez ainda em 1906; dicionário de uso prático para alemães especialmente, pois a língua portuguesa é com empenho estudada por milhares de indivíduos de língua alemã, já na própria Alemanha, já na Áustria, já na Suíça, já emigrados para outros países, onde estão estabelecidos, ou se vão estabelecer, principiando por estudarem as línguas que neles se falam.

Tive de escrever essa introdução em alemão; mas a transcrição imposta, ao contrário do que eu supusera, não foi nem a minha portuguesa, que lá conhecem por escritos meus, nem a científica e cosmopolita, que citei, da Associação dos professores

de linguas vivas; mas uma de caracter exclusivamente nacional, baseada no sistema ortográfico alemão, do qual só me foi lícito apartar-me quando absolutamente faltava símbolo aprossimado em tal sistema, que pudesse figurar distintamente determinado som português. Assim, tive necessidade de empregar, como base, os caracteres, convencionalmente denominados góticos, da escrita alemã, para todos os sons que com pequena diferença são comuns; os romanos, para aqueles cuja diferença é maior; os itálicos para certas particularidades de pronúncia portuguesa absolutamente peculiares; e além disto quatro sinais diacríticos, muito conhecidos em toda a parte. Para expressar aos compositores tipográficos esta diferença de tipos, forçoso me foi escrever com tintas de cinco côres diversas, visto não haver convenções tipográficas que pudessem marcar tantas diferenciações. Foi dificultoso e bem pago êste trabalho; mas ficou alemão, e não, estranjeiro, ou cosmopolita.

(jangá), janga, jangada

Êstes dois vocábulos, *janga* e *jangada*, parece que são diferentes. Fernám Méndez Pinto distingue-os um do outro:— «Embarcados em tres mil seroos, e laulees, e jangas—os chins que levavamos no junco por marinheiros... tinhão feito hũa jangada dos pedaços de paos, e de taboas que puderão aver às mãos» —[1].

A *jangada* era pois uma embarcação, como diríamos, feita à pressa dos restos, cosidos, de navio ou embarcação maior, desconjuntados pelo temporal; *janga*, embarcação perfeita, construída em terra.

O Nôvo Diccionário na ordem alfabética inclui sómente *jangá* e *jangada*, pondo ao primeiro a anotação seguinte:— «Os diccion. registam *janga*, que supponho sêr palavra que nunca existiu» —.

---

[1] Peregrinação, cap. CLXXIX, CLXXXI.

Mas no Suplemento reconsidera, dizendo: — « Parec
janga também é bôa fórma; entretanto, nos nossos velhos
sicos só vejo *jangá*. Cf. Fern. Mendes Pinto, Peregr. p. 10
Não se citando a edição, esta referência a pájinas não po
caminhar à conferência que se aconselha. Suponho será
meira, que não possuo, nem tenho agora ocasião de busca
cotejá-la; a segunda, a Rolandiana, quási sempre correcti
não é porém. Já dei da própria Peregrinação um trecho n
figura *janga*, e não **jangá**, como na Rolandiana se acent
meu ver temerariamente; e fundo-me em que no mesmo
vemos as escritas seroos *(=serõs)*, e laulees *(=laulês)*,
pediria jangaas *(=jangás)*, se *jangá*, e não *jánga* o vo
fosse. Tenho, pois, até documento que prove o contrário, c
verdadeira forma, *janga*.

Não sei a que língua da Ásia pertence a palavra
A outra, *jangada*, não é, como pareceria, um derivado da
é o támil-malabar *xangāḍam*, em outras línguas dravídica
gāḍam, ǰangāḷa, e parece ser desta última forma que vei
português *jangada*: *ḍ* e *ḷ*, cacuminais, são quási idénticos
ticamente, parecendo-se ambos muito com o *r* lene port
de *cara*.

O vocábulo, ou seja dravídico própriamente, ou provie
sanscrito ṡam + gaḍ, « conjugar, junjir », é já citado, no
culo, no Periplus maris Erythraei, com a forma hele
zaggara [1], isto é, *zángara*.

Êste artigo deveria preceder o de *januaquim*, como
a ordem alfabética.

jaqué, jaquete, jaqueta, jaquetão, jaco

Não é derivada da segunda a terceira destas palavr
qual a quarta é um aumentativo evidente. Parece ser

[1] A Glossary of Anglo-Indian colloquial words and
ses, Londres, 1896, p. 343.

mediatamente de um francês *jaquet*, cuja pronunciação imita, e quere dizer — «certo casaco de mulheres» — [1]. Como o autor citado na nota é transmontano, presumo que o vocábulo seja lá usado; mais para o sul do reino é desconhecido, mas o Suplemento ao Nôvo Diccionário já o rejista, abonando-o com Camilo Castelo-Branco.

A última, *jaquete*, que vem já em Fernám López [2], como se diz no dito Suplemento, que a rejista, é palavra da mesma família, e talvez o membro dela primitivo em português, mas derivado de pronúncia mais antiga daquele francês *jaquet*, na qual o *t* não era nulo, como actualmente, servindo para o comprovar esta forma portuguesa e a inglesa *jacket*. É possível também que provenha da forma femenina francesa *jaquette*, que deu orijem ao português *jaqueta*. Hoje em dia os franceses chamam *jaquette* ao que nós denominamos *fraque*, palavra também francesa de orijem alemã (frack), a qual porém é em França o nome da peça de vestuário que designamos com o nome de *casaca*. Os espanhóis conservam os nomes franceses, e a aplicação dêles, nos termos *frac*, «casaca», *chaqué*, «fraque». Para aumentar a barafunda dos mesmos nomes aplicados a cousas diversas, *frock*, em inglês é «roupão», e deriva do francês *froc* (que é o mesmo alemão *frack*), querendo dizer «*hábito* (de frade)», ao passo que em França *habit* é outro nome para a *casaca*.

O mais singular é que o francês *jaquet(te)* é uma forma deminutiva de *jaqué*, que em português é *jaco*, e em italiano *giaco*; não sendo êste último, em extrema análise, outra cousa mais que o substantivo próprio *Jaque*, «Jacob», nome de um capitão, natural de Beauvais, que figurou por meados do XIV século, conforme opinou Ducange [3].

---

1 Trindade Coelho, A B C DO EOVO, p. 5.

2 CRÓNICA DE EL-REI DOM JOÃO I, parte II, cap. XLV.

3 V. Frederico Diez, ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1869, p. 211.

jardim, hôrto

A êste vocábulo dão os nossos lecsicógrafos orijem germánica, no que acertam, contanto que se não pretenda ser essa a orijem imediata, o que seria inadmissível.

A dição germánica que se aponta como étimo da portuguesa *jardim* é o alemão *garten*, ou outra forma mais antiga desta palavra.

A orijem do vocábulo *jardim* é porém o francês *jardin*, pois é nesta língua que ao *g*, como ao *c*, antes de *a*, latinos ou germánicos, correspondem *j*, *ch*, como em *geai*, português *gaio*, *chambre*, port. *camara*, *geline*, port. *galinha*, etc. Dêste modo, quando em qualquer palavra portuguesa se vêem *ch*, ou *j* por *c* ou *g* dos vocábulos orijinais, é fôrça que se lhe atribua orijem imediata francesa; neste caso estão *chapêu*, *charrua*, fr. *chapeau*, *charrue* ¦ lat. capellum, carruca; *jaula* ¦ castelhano *jaula* ¦ francês *geôle* ¦ lat. *caveóla*, por caveŏla, a par do português *gaiola*, que talvez provenha imediatamente do italiano *gabbiola* ¦ *gabbia* ¦ cauea.

A palavra mais usada no norte, e que vai passando para a língua do sul outra vez (porque antes era geral) é *hôrto* (cf. *horta*) ¦ hortus, que em última análise é o mesmo vocábulo que o germánico citado e o inglês *yard*, «pátio», formas todas reductíveis a um étimo proto-árico *g'arta*, o qual está disseminado por todos os idiomas desta vasta família [1].

---

[1] *V.* Augusto Fick, VERGLEICHENDES WÖRTERBUCH DER INDO-GERMANISCHEN SPRACHEN, Göttingen, I Theil, s. 436, *sub v. ghorto, gherdho;* Frederico Kluge, ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN SPRACHE, Estrasburgo, 1894, *sub v. Garten;* Gualtério Skeat, A CONCISE ETYMOLOGICAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, Ocsónia, 1887, *sub v. garden, yard.*

jazer

Êste verbo, que representa o latim iacēre, da 2.ª conjugação, é intransitivo, hoje defectivo, mas pertence à flecsão fraca, com o pretérito *jazi;* antigamente conjugava-se pela flecsão forte, *jouve, jouvesse, jouvera, jouver,* que Santa Rosa de Viterbo [1] e antes o próprio Bluteau tomaram por infinitivo; sendo, ao contrário, o futuro do subjuntivo de *jazer,* como *couber* ¦ *coube* ¦ *caber* ¦ *capere;* Moraes emenda o êrro, mas apesar disso, repetiram-no outros: — «JOUVER, futur. subjunct. de jazer» — [2].

A par, todavia, de *jazer* ¦ iacere, existe o verbo reflecso *jazer-se,* usado na ilha de Sam Miguel, no sentido de «estar, ficar» [3], e que é comparável a *ficar-se, quedar-se,* por *ficar, quedar,* ambos intransitivos.

jazerino, jazerina, jazerão

Êste adjectivo, substantivado principalmente no femenino, com supressão do substantivo concordante *cota (de malha),* é considerado arábico por Frederico Diez, como derivado da forma do nome *Arjel* em árabe [4].

O vocábulo existe em quási todas as línguas románicas, com excepção, já se vê, do romeno, porque os Dácios, ou Moldovalacos, nunca estiveram em convívio com árabes ou mouros. Em português existe outra forma, *jazerão.* Cf. **lazerão,** *(q. v.).*

Em árabe *Arjel* chama-se AL-GAZAᵃIR, «as ilhas» plural que

---

[1] ELUCIDARIO DAS PALAVRAS QUE ANTIGUAMENTE SE USARAM, Lisboa, 1798.

[2] DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, RECOPILADO... por Antonio de Morais e Silva, natural do Rio de Janeiro, Lisboa, 1823, (3.ª edição).

[3] O SECULO, de 5 de julho de 1901.

[4] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1869, I, p. 208.

deu para o castelhano *Algeziras*, e para o português *lezir(i)as*; e do radical GAZR, «refluxo do mar», deriva-se um adjectivo GAZARI, que quere dizer «insular» e «argelino» [1].

Je(h)ová(h), Iavé(h)

Até investigações muito modernas, que seria deslocado trasladar ou mesmo resumir aqui, o nome do Ente Supremo no hebraico bíblico era transcrito *Jehovah*.

Hoje em dia parece estar apurado definitivamente que é *Iaveh* a lejítima transcrição. Pondo de parte análise mais meúda, o tetragrama hebraico consta, como o nome o está dizendo, de quatro letras, as quais históricamente correspondem no abecedário romano a IEUE. A estas quatro letras, consideradas todas como consoantes pela teoria da Massora, acrescentam-se as vogais de outro nome da divindade *Eloa* (AA̤LOĀE), que em vez daquele se profere na leitura, quando se lhe não substitui *Adonai* (AA̤DONĀI), que tem a mesma vocalização.

A forma *Jeová*, porém, está já tam usual, que seria pedantismo empregar *Iavé*, ou *Iaué*, a não ser em livros de pura filolojia semítica, ou de exejese bíblica. Conforme os comentadores êste nome quere dizer «sempiterno».

Veja-se em Bluteau, VOCABULÁRIO, mais circunstanciada informação a êste respeito, se se não puder obtê-la em livros modernos estranjeiros, pois nacionais sôbre tal objecto não os há, que mereçam confiança.

jejum, jejuno, jejuar, jejuante

O verbo *jejuar*, que o povo, para evitar a haplolojia *(q. v.) juar*, profere *jajuar* e *jijuar*, era antigamente, e ainda hoje é em

[1] L. Galland, GRAMMAIRE D'ARABE RÉGULIER, Paris, 1903, p. 207.

um ou outro ponto, *jejūar* ¦ ieiunare. O Nôvo Diccionário, no Suplemento, abona com Fortunato de Sam Boaventura a forma antiga *jejuno*, mais conforme com o étimo ieiunum, que a moderna *jejum*.

António Francisco Cardim emprega o participio activo de *jejuar*, *jejuante*, como adjectivo substantivado, que ainda não está rejistado nos dicionários portugueses: — «Fizeram-se christãos certos jejuantes, discipulos dos bonzos» — [1].

jens, gens, jã(s)

Entidades míticas, nas tradições populares do Algarve, muito semelhantes nos atributos aos elfes germánicos. O substantivo é femenino e sempre empregado no plural; pode todavia formar-se o singular *gem*, *jem*, que ficará análogo a *bem*, a par de *bens*: — «Eram duendes, respondiam uns, fadas affirmavam outros; mouras encantadas sustentava muita gente... e mui principalmente nos concelhos de Portimão, Lagos, Aljezur e villa do Bispo, não há muitos annos, e ainda hoje, falam das *gens* ou *jens*» — [2].

J. Leite de Vasconcelos, escreveu *jans*, isto é, *jãs*, como também ortografa: — «No Algarve acredita-se na existência de umas mulheres chamadas *Jãs* ou *Jans* que gozam da virtude de, deixando á noute no borralho do lar um pouco de linho e um bôlo, encontrarem pela manhã o linho fiado tão fino como cabello» — [3].

Em asturiano existe *xana*, que Hévia, no seu Vocabulário, define do modo seguinte: — «Ninfa imaginaria de la mitologia popular» —. Note-se também *zana*, «fada», no dialecto dos ciganos romenos.

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1904, p. 244.

[2] Ataide de Oliveira, As Mouras encantadas, Tavira, 1898, p. 249.

[3] J. Leite de Vasconcelos, Tradições populares de Portugal, Porto, 1882, p. 301.

A. Thomas, no seu Comentário às Glossas provençais inéditas de um manuscrito das Derivationes de Ugúcio de Pisa, refere-se ao n.º 41, que é assim concebido: — «SOMPNUS... Fantasma sive visum est cum aliquis in principio sompni videt formas diversas et varias et alienas a natura rerum. In hoc genere continetur ephialtes, ab epy, quod est supra, et altes, premens; inde ephialtes, quasi supra premens, quia suo pondere videtur gravare et suffocare dormientem. — *Jana* (fol. 120 d)» — [1].

Vê-se que *jana*, no provençal do glossador queria dizer «pesadêlo». A. Thomas identifica o vocábulo com o latim Diana, seu correspondente fonético indiscutível, e aduz a forma portuguesa *jã*, já apontada por Menéndez Pidal, e a asturiana *xana*. Como, porém, a par de *jã*, existe a forma *jens*, e porque o significado do vocábulo diverje muito quer do latim Diana, quer dêsse provençal *jana*, poderíamos, sem grande fantasia, supor aquele derivado do árabe GIÑ, «génio, démon», atento o significado.

jerubaça: v. **jurubaça**

jibóia (gibóia)

É preferível a escrita com **j**, visto que a palavra não é latina, nem grega.

Como em tupi êste vocábulo tem a forma *mboi*, é natural que a feição que êle tomou em português seja devida a um plural *jimboia*, fabricado por escravos, que para o Brasil fossem levados de Angola, pois em quimbundo é com o prefixo *ji* que se pluralizam os nomes tomados de outras línguas; como por exemplo, *jicadeila*, «cadeiras», de que se servia uma pretita, já falecida, quando mal se podia expressar em português, língua que sete anos depois havia enteiramente substituido o seu quimbundo, que de todo esqueceu.

---

[1] *in* Romania, XXXIV, p. 192 e 201.

Por ser breve, não fujo à tentação de para aqui transcrever a pitoresca descrição que o Padre Gaspar Afonso fêz da descomunal serpente, na sua curiosíssima «Relação da viajem e sucesso que teve a nao Sam Francisco» (1596):—«Deixo as cobras de quarenta palmos de comprido, a que os indios chamam gibóias, que se não foram dobradiças, podiam servir de mastareos nas naos, ou de traves nas casas. Tragam estas um veado enteiro, sem se lhe atravessar na garganta nem um ossinho de toda a sua armação»—[1].

Não menos primorosas são as da *preguiça* e do *bogio*.

jimbaje

Na Lunda [2] dá-se êste nome, ao que se chama *crisma*, ou *marca*, e por galicismo muito usado em escritos, mas não conhecido nem reconhecido pelo povo, se diz **tatuajem**.

jimbo

Certa quantidade de missanga:—«missanga gimbo raiada, o kilo... 260 réis; missanga gimbo azul e branco, o kilo 220 réis»—[3].

jingo

Esta palavra designa uma espécie de cachimbo na África Oriental Portuguesa:—«fumando bangue pelo seu *gingu* (cachimbo) ricamente enfeitado de missangas»—[4].

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 20.

[2] Henrique de Carvalho, EXPEDIÇÃO AO MUATIÁNVUA, «Ethnographia e historia tradicional», Lisboa, 1890.

[3] Anúncio, *in* O ECONOMISTA, de 4 de novembro de 1882.

[4] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

¿Estará aqui a orijem da problemática palavra portuguesa *cachimbo? (q. v. in* **tabaco**).

Teríamos neste caso de supor uma forma derivada cafrial *kajíngu,* que ao passar ao português tivesse sofrido a anormal mudança do *g* em *b,* modelada portanto por outra palavra, também cafrial, *carimbo [q. v.].* As outras acepções de *cachimbo* seriam, em tal hipótese evolução de significado, a não ser, o que eu ignoro, que a palavra *jíngu* tenha outros significados nessa língua dos cafres.

joanino

Assim como o *estilo manuelino,* a *arquitectura manuelina,* são já expressões consagradas, do mesmo modo um articulista empregou também *joanino,* para designar um estilo arquitectónico:—«a espaçosa egreja [de Sam Domingos, de Guimarães], de tres naves em cinco arcos joaninos»—[1]. É derivado êste adjectivo do nome próprio *João* III, de Portugal, como o outro adjectivo *manuelino* o é de El-rei Dom *Manuel. Joane* era a forma portuguesa antiga, e ainda camoniana, do nome *João.*

joeiro

Como *joeira,* deriva-se de *joio* êste vocábulo, com perda da subjuntiva do ditongo *oi:*—«No logar onde cahe a farinha ha no sobrado um orificio ao qual... se adapta um tubo de lata que vem terminar n'uma peça cylindrica chamada *joeiro,* formada por uma rêde muito compacta de arame»—[2].

---

[1] O Seculo, de 23 de fevereiro de 1902.

[2] Costumes algarvios, *in* Portugalia, I, p. 387.

jogral, joglar

O Nôvo Diccionário dá a primeira destas formas como metátese da segunda, que diz, com razão, ser derivada do latim iocularis. O facto, porém, é que *joglar* não é forma portuguesa, mas castelhana; sendo a portuguesa lejítima *jogral* ¦ ioc'lare, com a mudança de *cl* em *gr*, perfeitamente regular, visto não serem portugueses os ditongos de consoantes de subjuntiva *l*, a qual se converte em *r*; cf. *regra*, castelhano *regla*, do latim reg(u)la. O *l* final por *r* é dissimilação de *r*; cf. *cramol* ¦ clamorem, e *frol* ¦ florem [1].

Se algum autor português usou da forma *joglar*, o que não afirmo nem nego, empregou, consciente ou inconscientemente, um castelhanismo escusado.

jorne, jorneia, jorné, jornéa

A terceira edição do Diccionário de Morais dá-nos as duas últimas formas, e o Nôvo Diccionário repete-as e deriva-as em dúvida do francês *journée*, que, como é sabido, significa «dia, o que se faz ou ocorre num dia», e define o vocábulo do seguinte modo:—«vestuário encanudado, que se usava sôbre a cota de malha»—.

Nada há comum, na realidade, entre o francês *journée* e a palavra de que se trata; a forma *jorné*, mesmo, parece estar errada na acentuação, e a outra, *jorné(i)a*, creio que nunca existiu.

Bluteau o que traz (Suplemento) é *jorne*, sem acento marcado, para ser, portanto, lido *jórne*; e, citando Bento Pereira [Prosódia], diz-nos que êste lecsicógrafo o trasladou para latim com a locução vestis imbricata,—«que val o mesmo, que

[1] F. Gonçalvez Viana, Ortografia Nacional, Lisboa, 1904, p. 215 e 374 e ss.

Capote feito a modo de telhado, porque no Minho com juncos amassados, e atados com cordeis fazem os Rusticos este genero de defensivo da chuva. Vid. Coroça» —. É pois mais um sinónimo a colijir e acrescentar aos vários, pelos quais a *palhoça* ou *coroça (q. v.)* é designada. Na idade média denotou, sem dúvida, outra vestimenta, aquela que o Nôvo Diccionário descreve, com o nome evidentemente errado, pois em Rui de Pina é *jorne*, o que se lê: — «por armas defensivas trazia o [infante Dom Pedro] sómente vestida uma cota de malha, e em cima uma jorne de veludo cremesim» —[1].

Nada posso sujerir a respeito do étimo dêste vocábulo, que tem aspecto muito germánico.

judaria, judiaria, judeu, judia, judas

Os nossos dicionários trazem o vocábulo *judiaria* com as significações de «ajuntamento de judeus, bairro, arruamento de judeus». Numa destas acepções usou Rui de Pina a forma *judaria:* — «e a nós outros... será razão que nos vamos ás judarias ou fora do reino, pois havemos ser delle [o infante Dom Pedro] pior tratados que judeus» —[2].

Judiaria é pelo povo ainda usado no sentido de «crueza», memória do tempo em que não havia atrocidade, que, para os perseguir e expoliar, se não atribuisse aos *judeus*. No mesmo sentido virtual de «cruel» usa também o povo o vocábulo *judeu*, quer como adjectivo, quer como substantivo, e o verbo *judiar*, semelhantemente, quere dizer «incomodar, molestar», e também «escarnecer, zombar».

O adjectivo *judia* deve ser de orijem castelhana, visto que em Espanha o masculino é *judío*, entanto que em português é

---

[1] Crónica de El-Rei Dom Afonso v, cap. cxxi.

A terceira edição do Dicionário de Morais (1823) cita errado, escrevendo *jornea*.

[2] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. li.

judeu, do qual se derivaria naturalmente *judeia*. Êste adjectivo substantivado, *judia*, designou, aí por 1845, uma vestimenta de homem, comprida e justa, com uma só abotoadura muito numerosa, mas não tanto como a das lobas eclesiásticas. Há quarenta anos ainda a usavam muitos judeus idosos estabelecidos em Lisboa, acompanhada de um barretinho como carapuça. A *judia* era quási sempre de pano azul, e tinha sido traje muito da moda para toda a gente fina vinte anos antes. Eu tive uma, quando era muito pequeno, e com ela me desvanecia todo. Meu pai, o actor Epifânio Aniceto Gonçálvez, mandou fazer três; uma para meu irmão, mais velho que eu dois anos, falecido em 1857, como meu pai, da febre amarela; outra, a tal em que eu me pavoneava, e ainda outra para si, tam comprida, e tam estreita, que lhe arrancava com os pés um pedaço cada vez que subia a escada. Pendurada num cabide alto, chegava ao chão, e metia-nos mêdo então vê-la assim imóvel e escura, a sobressair das paredes estucadas, que mais ou menos alvejavam na escuridão do quarto, depois de anoutecer.

jugo

—«Não lhes pareceo longe aos negros para virem a êlle [o arraial] ver os nossos, trazendo muito milho, e bolos feitos de farinha de uma semente do tamanho e côr do nosso milho, chamada delles ameixoeira,... e um legume chamado jugo, que é do tamanho de favas pequenas» —[1].

julepe, julepo

O Nôvo Diccionário, seguindo um modêlo qualquer, diz-nos que esta palavra procede do árabe:—«*djulab*», ou do persa

[1] «Relação do naufrájio da nao Santo Alberto», por João Baptista Lavanha (1611), *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol xliv, p. 50.

«*golapa*» —. Para português veio do árabe GULAB, que nada significa nesta língua, nem por ela se explica, mas foi tomado do persa ĠULAB, «água de rosas». O G é proferido na Arábia como *dj*, no norte da África como *j*, entanto que a inicial do termo ĠUL, em persa, «rosa», se pronuncia, pouco mais ou menos como o *g* português antes de *a, o, u*. O *p* por B explica-se pela forma alatinada *iulapium* (cf. *xarope [q. v.])* (XARAB, «bebida»); o *e* por A era pronúncia muito freqüente no árabe da Península Hispánica, como o era também a de *i*. O vocábulo *acepipe* apresenta do mesmo modo *pp* por *bb* arábicos, visto ser em árabe AL-ZIBIB, «passa de uva» [1].

jurubaça, jerubaça

Intérprete, na Ásia:—«O caso foi que um jurabaça, filho de pais christãos»—[2].

Conforme o Glossário de Yule & Burnell [3], eis aqui a orijem dêste vocábulo asiático:—Esta palavra, cuja significação é intérprete, occorre constantemente no diário de Ricardo Cocks, da feitoria inglesa no Japão... É o malaio-javanês *jurubahāsa [ḋurubahāsa]*, «mestre de linguajem», sendo *bahāsa* o sánscrito B'āṣā, «linguajem»—.

Acrescenta um trecho de Bocarro [4] traduzido de português, com data de 1613, no qual a forma é *jerubaça*.

---

[1] *V.* João de Sousa, VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1829.

[2] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 288.

[3] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN COLLOQUIAL WORDS AND PHRASES, Londres, 1896.

[4] DECADA 13 DA HISTORIA DA INDIA, Lisboa, 1876, p. 725.

A edição é da Academia Real das Ciências de Lisboa, anotada pelo erudítissimo e dilijente académico Rodrigo José de Lima Felner, há muitos anos já falecido, quási cego.

justa

Como termo de jiria dos ladrões do Pôrto, quere dizer «camisa» [1]. Entende-se bem a causa da denominação: está chegada ao corpo.

justiceiro

Êste vocábulo, como adjectivo, significa «amigo de fazer justiça». Como substantivo, porém, em Trás-os-Montes, quere dizer «litigante, demandista»: — «Houve em tempos uma longa demanda por causa daquele lameiro, e um dos justiceiros (litigantes), cansado de gastar cabedaes, disse zangado a seguinte praga...» — [2].

kermesse

Esta palavra, flamenga ou holandesa (*kerkmesse*, «missa, festa de igreja»), não nos veio de certo nem da Holanda, nem de Flandres; foi ao francês que a fomos buscar, como quási tudo que de fora vem para cá. É completamente escusada, pois, apesar da sua significação literal, corresponde ao que chamamos *feira*, ou *arraial*, melhor ainda *feira com arraial*.

Outro tanto se pode dizer do modernissimo *festival*, que é inglês, e a que em português correspondem, como substantivo, *festa* e *função*, como adjectivo, *festivo*. Pareceu porém à gente fina que dizer *arraial* e *função* seria plebeu de mais para que passasse pelos labios açucarados das damas, apesar de elas feirarem, com intenção aparentemente caritativa, mas na realidade ostentosa e foliona, com êsse mesmo povo de que desdenham; porque, emfim, êle vai deixando dinheiro para se poderem efec-

---

1 O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

2 M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

tuar essas festas ao divino e ao humano, e se manter pretexto para ganhar fama, e dar em que falar aos jornaes no *carnet mondain,* e no *high-life,* secções do maior interêsse social e moral!

Eis aqui uma abonação da palavra *kermesse:*—«Quando essa designação de «kermesse» se lançou ao publico, varias vozes protestaram»—[1].

Poderia sem o mínimo inconveniente escrever-se à portuguesa *quermesse,* se se entende que a palavra tem já raízes tam fundas, que se não possam extirpar; o que não creio, pois não logrou ainda popularizar-se, não obstante as gaitinhas com que certos noticiaristas dos periódicos a apregoam, no estilo túmido, adocicado e pretencioso que lhes é peculiar, e com que pensam aperfeiçoar a língua portuguesa, que mal conhecem.

Cada um dêsses, depois de ter polvilhado de palavras extravagantes, quási todas francesas, a sua prosa cheia de solecismos, cuida logo ser um Vieira ou um Latino Coelho, ou um Camilo Castelo-Branco, e de certo no próprio conceito não se trocaria por nenhum dêles.

Neolojismo, sem dúvida, derivado de *arraial,* é **arraialeiro,** que quere dizer o indivíduo que por ofício se incumbe de adornar as armações dos arraiais e festas populares:—«por forma a se não estarem a perder... contos e contos de réis por mãos de illuminadores e arraialeiros»—[2].

O vocábulo é muito bem feito e digno de rejisto e emprêgo geral.

kjækkenmöddings, kiökkenmöddings, çambaquis, sambaquis

Êste termo de arqueolojia pre-histórica é uma palavra composta dinamarquesa, que se pronuncia aprossimadamente *quiöene-*

---

[1] O Seculo, de 26 de março de 1900.

[2] O Dia, de 2 de novembro de 1905.

dings, dando-se ao *ö* o valor do *eu* aberto do vocábulo francês *d*.

No Relatório do IX Congresso de antropolojia e arqueolojia pre-histórica (Lisboa, 1880) foi adoptada a ortografia facultativa *kekkenmoeddings*, com *kioe* em vez de *kjö* [1], por ter o *j* valor muito diferente (o do *j* português) na língua em que foi publicado, a francesa, oficial nos ditos congressos. Eis aqui uma definição muito perfeita da arrevesada palavra:—«Chamam-se em archeolojia pre-historica *kjökkenmöddings* (palavra dinamarquesa) certos depositos artificiaes contendo rebotalhos dos banquetes e das cozinhas pre-historicas, descobertos á superficie do solo»—[2].

A palavra decompõe-se em *kjökken*, «cozinha», e *mödding*, plural *möddinger*, «monturo». A letra *ö* é islandesa e sueca, e não dinamarquesa, pois nesta língua é figurada por *o* atravessado por um traço obliquo, cortando-o de cima para baixo e da direita para a esquerda. Em norueguês usa-se de um e do outro indiferirimal, com ou sem diferença de valor. A transcrição europeia, ao adoptar a extensa e complicada palavra, empregou e emprega *ö*, por falta do dito *o* cortado em quási todas as tipografias, fora da Dinamarca.

A êsses refugos de cozinha e refeições chamam no Brasil *çambaquis*, (também escrito *sambaquis*), vocábulo polissintético, tupi com certeza, mas que parece estar adulterado, sendo porém reconhecivel parte da palavra *nhembiabiqui*, «cozinhar» [3].

Seria para desejar que a palavra brasileira *çambaqui* ou *sambaqui* substituísse *kjökkenmödding*, que quem não souber, pouco que seja, dinamarquês, não poderá ler, nem por conjectura.

---

[1] COMPTE-RENDU DE LA IX SESSION, Lisboa, 1884, *passim*.

[2] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 25.

[3] P.e Antonio Ruiz de Montoya, VOCABULARIO Y TESORO DE LA LENGUA GUARANI (Ó MAS BIEN TUPI), parte II, p. 250; Viena, Paris, 1876.

lábia

Êste expressivo termo, cuja significação é «facúndia para iludir», «boas palavras e ruins obras», parece ser vocábulo de ciganos, raçazinha de gente muito artificiosa e lisonjeira, para obter o que deseja por meio de palavriado. O vocábulo não vem rejistado no vocabulário caló-espanhol de Francisco Mayo [1], como pertencente ao caló ou dialecto cigano da Espanha, mas encontra-se no romani-francês de J. A. Vaillant [2], com a forma *laba* e a significação, «fala».

V. em **lolé.**

labrego, labrega

O Nôvo Diccionário dá, em dúvida, como étimo a esta palavra portuguesa, que em castelhano é *labriego,* o verbo *lavrar.* A ser assim, diríamos *lavrego,* e não consta que em parte alguma do reino se use *v* em tal vocábulo. O étimo é desconhecido, pois o latim hipotético laborecus, apontado por Körting [3], é formação tam rara, que merece pouca fé. Em qualquer caso não se resiste à tentação de lhe aprossimar o verbo *lavrar* { laborare.

Na Ilha do Pico *labrego* é um eufemismo de *diabo,* como no Continente o *careca,* o *mafarrico,* etc., e também nos Açôres, em geral, quere dizer *lobisomem.*

Labrego é também o nome de uma espécie de arado, com rodado deanteiro. Eis aqui a descrição feita por F. Adolfo Coelho, no seu excelente e erudito estudo, Alfaia agricola portuguesa [4]: — «Esse typo, com variantes, é muito usado na Estrema-

---

[1] El Gitanismo, Madrid, 1870.

[2] Grammaire dialogues et vocabulaire de la langue des Bohémiens ou Cigains, Paris, 1868.

[3] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1891, n.º 4606.

[4] Portugalia, I, p. 408.

dura. A aiveca, á esquerda do guia, é formada por uma taboa. O *apo*, a que se prende o jogo dianteiro, e que neste caso nunca se chama temão, forma um angulo, e insere-se nelle uma especie de faca que desce ao nivel da ponta da relha, a qual se chama *rego*, e serve para ir cortando a terra verticalmente, separando da parte do campo não lavrado a leiva que, cortada pela relha inferiormente, é levantada por esta» —.

Labrega é ainda o nome de uma rêde e de uma embarcação, usadas na ria de Aveiro [1].

lacha

O Suplemento ao Nôvo Diccionário dá, como termo da Bairrada, êste vocábulo, com a significação de — «vergonha, brio, pundonor» —.

Eu não sei o desenvolvimento que na rejião indicada terá tido o vocábulo; quero crer, porém, que foi informação errada: a palavra é termo de jíria, de calão, se quiserem, e foi recebida dos ciganos, pois em caló, ou dialecto dêles em Espanha, significa restritamente «castidade»; consistindo *a lirí es calés*, «a lei cigana», para as mulheres principalmente, na *lacha ya drupo*, «castidade corporal», que vem a ser — não castiçar com homem de outra raça. Veja-se, a êste respeito, Francisco Mayo, El Gitanismo [2], e Jorje Borrow, Gypsies of Spain [3].

Assim *lacha* poderá, por ampliação de sentido, significar «vergonha», «pudor»; nunca, porém, «brio» ou «pundonor».

lacrão, lacrães; lacrau, alacral

O Nôvo Diccionário inclui o plural *lacrões*, talvez incorrecto, como vamos ver, e dá por significação — «ganchos de

---

[1] V. Portugalia, II, p. 60.
[2] Madrid, 1870, p. 42.
[3] Londres, 1869.

ferro, câda um dos quaes nasce de uma chapa em que entram as extremidades da cavilha de atravessar da testa dos reparos de campanha»—. Abona-se com Leoni, DICCIONARIO DE ARTILHARIA, inédito, e conjectura como étimo *lacraus*, de *lacrau*. Parece-me que tem razão; mas é necessário supor, a par da forma *lacrau*, outra, *lacrão*, postulada pelo castelhano *alacrán*, plural *alacranes*, que em português será *lacrães*, e não *lacrões*.

A palavra castelhana, como a portuguesa, procedente do árabe (AL-)OQRAB, «escorpião, ponteiro de relojio», também significa, «presilha, gancho». Outra forma, como a castelhana, precedida do artigo arábico AL, e rejistada por Bluteau, é *alacral*.

ladaínha

Modernamente, por ignorância ou por pretensão, os escritores fantasistas estão substituindo esta forma, perfeitamente portuguesa, pelo latinismo, ou antes francesismo *litania*, que não sei como acentuam. A forma *ladainha* é derivada do latim *litanīa* (⟨ grego LITANEÍA) pela seguinte série de formas intermédias, umas reais, outras hipotéticas: *ledania*, que é a forma antiga, *ledāĭa*, *ladaĭa*, *ladainha* [1]; cf. *vinho* ⟨ *vĭo* ⟨ *vinum*.

ladino, ladinho, latinado

A segunda forma é mera variante da primeira, e mais portuguesa, mas menos freqùente que ela. O étimo é latinum, e dêste se derivou também *latinado*, por «sabedor de latim», e como tal, «douto», empregado pelo cronista Rui de Pina [2].

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos dá-nos a seguinte explicação, perfeitamente exacta, do emprêgo do vocábulo *ladino*:—«Originalmente applicado ao mouro bilingue, e portanto

---

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 268.

[2] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXV.

intelligente, que além do seu arabe, ou *berbere*, falava o romance da peninsula, que nos seculos VIII a XI se chamaria ainda latino, passou depois a designar tudo quanto era intellectualmente fino» —[1].

No poema do Cide faz-se menção de um mouro latinado, isto é, que entendia *romance:*

> — Quando esta falssedad dizien los de Carrion,
> Un moro latinado bien gelo entendio —[2].

ladra, ladrão

Na ria de Aveiro dá-se êste nome, ou o de *malota*, a um batel, que acompanha o barco empregado na apanha e condução do moliço: — «Os barcos *moliceiros* trazem a reboque uma pequena bateira *(matola* ou *ladra)* de cerca de 3^{m} de comprido» —[3].

Ladrão na vela: «o argueiro que, a par do pavio, faz que a vela arda irregularmente e se gaste mais depressa».

Esta acepção, que o DICC. CONTEMPORANEO rejistou e é muito freqüente em Lisboa, deixou de ser indicada no NÔVO DICC. em seguimento a outra ali apontada, e que tem com ela analoïia: — «rebento vegetal, que prejudica o desinvolvimento da planta, roubando-lhe parte da seiva» —.

Não tenho abonação escrita dêste vulgaríssimo e pitoresco significado da palavra *ladrão*.

ladral, ladrais

«Taipal» «e taipais», em Trás-os-Montes. Procede do latim laterale.

---

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 257.
[2] Vs. 2666 e 2667, Edição de Ramón Menéndez Pidal, Madrid, 1900.
[3] OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugalia, II, p. 58.

lagarto

Esta palavra tem três significações, ou antes acepções totalmente distintas: 1.ª réptil, menor ou maior, pois os nossos autores assim chamaram, por exemplo, ao *jacaré* do Brasil; 2.ª o natural de Montarjil e Brotas; 3.ª a polpa da perna, e neste sentido é hoje desusado:—«estando o capitão no convés lhe deu um pelouro de mosquete na espada, que tinha com a ponta no chão, e lha quebrou pelo meio, e lhe fêz uma ferida no cinjidouro da liga da perna direita, não muito grande, e em continente lhe deu outro pelouro, da mesma sorte na propria perna, mais acima um palmo, que lhe atravessou o lagarto»—[1].

Além dessas significações apontadas nos dicionários, é também o nome de um aparelho, com a forma um tanto parecida com a de um lagarto, que serve de apertar as rôlhas de cortiça, para lhes dar menor diámetro.

lagrifas

No calão dos ladrões do Pôrto significa «olhos» [2].

laguinota

É o nome de uma arma ofensiva asiática, que não sei descrever nem identificar:—«afora as espingardas, lanças, fatamonos, laguinotas, catanas, rodelas e outras armas pequenas sem conta»—[3].

---

[1] «Memoravel relação da perda da nao Conceição», por João Carvalho Mascarenhas (1627), *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, VIII, p. 21.

[2] *V.* O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

[3] Padre António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 217.

Também não saberei dizer o que fosse o *fatamono*, palavra que tem aspecto muito japonês.

A ser assim, ou há êrro de *a* por *u* na primeira sílaba, sendo a palavra *futamono*, que quere dizer «cousa duplicada», podendo ser uma alabarda, ou então a forma é *hatamono*, «haste da bandeira». A primeira parece-me ser mais provável.

laia

Como êste termo é depreciativo e quási grosseiro, parece-me que mais fácilmente proveio de um dialecto de ciganos (em romani existe *lay [=lái]* com o mesmo significado), do que germânico, como opinam os etimolojistas, conquanto, em alemão êle até exista como suficso, com a forma *lei*, por exemplo em *allerlei*, «de toda a maneira».

laidrar

Em Marco de Canavezes parece usar-se esta forma, bastante singular, em vez da geral, *ladrar* [1].

lama; lôdo

O primeiro, como termo de jíria, significa «prata», e é o caló *lama*, que tem a mesma significação. Por imitação se passou a designar o «ouro» com o nome de *lôdo*, também na mesma linguajem de gatunos, diferençando-se assim os dois metais preciosos por palavras sinónimas em português, mas de género gramatical diferente, como *prata*, femenino, e *ouro*, masculino. Em caló, todavia, *lama* é o nome do metal, e não sinónimo de *lôdo*.

---

[1] Revista Lusitana, VI, p. 283.

lamba

Êste substantivo é usado apenas na locução *chorar o lamba*, «carpir as suas mágoas».

Deve ter provindo do convívio com os pretos de Angola, em cuja língua, o quimbundo, *lamba* significa «desventura». Na boca dos ambundos é muito freqüente a frase interjectiva *lamba riámi!*, «ai de mim!»

lambujem

O Nôvo Diccionário consigna êste vocábulo, que em sentido natural quere dizer «guloseima», e no sentido figurado —«pequeno lucro, que serve de engôdo a alguém»—. Esta acepção adquiriu já no Brasil o significado especial de *luvas*, «gratificação»:—«É o processo do pot-de-vins [sic] em França, da rasca na *assadura* em Portugal, e da *lambujem* no Brasil»—.

A palavra usual *lambujem*, pronunciada usualmente *lambuje*, é um termo de oleiro, e significa «barro muito fino»:—«O exame das qualidades apparentes d'este inducto fez-nos suspeitar que seria formado de barro muito fino, a que os oleiros de hoje chamam *lambuje*»—[1].

lambuzão

Nos Açôres denomina-se assim o *lobisomem*, ou *lubisomem* da superstição vulgar em quási toda a Europa, e que, conforme cada povo, adquire denominação especial, mais ou menos explicável. É possível que seja mera alteração fonética de *lubisomem*, com aprossimação ao verbo *enlambuzar*, ou ao substantivo *lambaz*.

---

[1] Carlos Ribeiro, Noticias de algumas estações e monumentos pre-historicos, I, p. 40.

lámina

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, inclui êste vocábulo, com o significado especial de «caixilho, quadro», e dá-o como colijido em Miranda. Não sei se a informação é certa.

O Contemporaneo já havia consignado a acepção de «folha ou chapa que tem gravada uma imagem», abonando-se com Garrett.

Nas Batalhas da Companhia de Jesus, do Padre António Francisco Cardim, é neste sentido que vemos empregado o vocábulo:—«Abriu duas laminas, uma do Salvador e outra da Virgem»—[1]. Concordo, pois, que, em Miranda como algures, esta palavra possa significar «painel, estampa, ou pintura com caixilho»; mas nunca o «caixilho» em si.

lançar, lance, lanço

Do verbo *lançar* formaram-se os dois substantivos rizotónicos *lance* e *lanço*, que em sentido natural de «acto de lançar», «arrojar» pouco diferem entre si em significação e emprêgo.

Acepção muito especial adquire a forma *lance*, acompanhada de um epíteto, como termo de pesca de rio, próprio de Valença, e não sei se de outras partes. O seguinte trecho dispensa mais meúda explicação:—«Dizem de Valença: «Realisou-se na segunda feira ultima, no logar de Sagadães, proximo a esta villa, o chamado—Lance da Cruz—. Este antiquissimo costume resume-se no seguinte:—o paroco da freguezia dirije-se de tarde ao logar onde se faz a pesca dos saveis, e ahi, com o mordomo que leva a Cruz, mette-se no barco a que pertence lançar a rede, asperge o rio, e os pescadores largam a rede. Abordando á margem, o paroco segue para sua casa, e os pescadores ficam co-

[1] Lisboa, 1894, p. 256.

lhendo a rede. O peixe que esta traz é para o paroco, mas quasi sempre foge da rede» —[1].

O comentário tem sua graça: pobre pároco, que perdeu o tempo, a água benta e o latim, e ficou a chuchar no dedo!

No mesmo sentido vemos empregado o outro substantivo verbal *lanço:*—«Aveiro, 11... Em geral lanços de pouco valor: pesca barata emfim» —[2].

landro

No Alentejo é êste o nome da árvore que em outras partes do reino se chama *eloendro* | lorandrum [3].

De uma forma aumentativa, *landrão*, cujo tema será *landrõ*, proveio sem dúvida o nome local *Alandroal*.

laneiro

Esta palavra tem aspecto de neolojismo individual; no entanto, aqui a rejisto:—«Casa da lã, ou laneiro» —[4]. Como, porém, no Alentejo são freqùentes os castelhanismos, é possível que o vocábulo seja aportuguesamento do castelhano *lanero*.

lapão: lapa, lapada

—«Nome que na serra, especialmente em S. Simão, Carvalho de Rei e Jazente, dão á armadilha de caçar teixugos *(Melles taxus)*, e isto porque, para a fazer, se servem de uma larga e pesada capa de schisto, a *lapa*» —[5].

---

[1] O Economista, de 20 de abril de 1889.

[2] *ib.*, de 25 de junho de 1890.

[3] Revista Lusitana, II, p. 34.

[4] José da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 541.

[5] José Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 93.

O vocábulo *lapa* tem três significações, incompatíveis com um só étimo: «nome de um marisco»; pedra, de onde vem o derivado *lapada*, «pedrada», e *lapão;* e por último «cova, cavidade». Devem pois ser palavras diferentes que se fundiram em uma só forma converjente.

Eis aqui uma abonação do terceiro signifiado:—«Deu a esta terra [Lapas] o nome de Lappas hum bem confuso labarinto dellas artificiadas no coração de um duro monte»—[1].

laque

Êste numerativo, muito freqüente nos nossos cronistas da Ásia, e ainda hoje muito usado na Índia Portuguesa com a significação de cem mil, é na Malásia e Zanzibar empregado com a de dez mil, equivalendo em malaio *(salaksa)* a *sapúlu ríbu* (10.1000) e não a *sarátus ríbu* (100.1000). A palavra em indostano é *lak*, derivada do sánscrito LAKṢA, «100.000». Um laque de rupias será portanto na Índia *cem mil rupias*, mas em em Malaca e nos Estreitos *dez mil rupias* [2]. *(V.* em **leque**).

A rupia equivale a 450 réis da nossa moeda continental; tem o diámetro de 500 réis em prata, metal de que também é feita, sendo um tanto mais delgada. As rupias antigas eram mais grossas e de menor diámetro, sendo imperfeitíssimas no cunho.

laquear

Não é claro o sentido em que Alberto Sampaio empregou êste verbo na sua douta monografia As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL:—«Por isso que n'esta época as aguas não estavam laqueadas, nem se tinha operado a terraplanagem artificial de

---

[1] MEMORIAS PAROCHIAES DE 1756, *in* «O Archeologo português», V.

[2] REVISTA LUSITANA, VI, p. 81 e 207, e Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896, *sub v.* **lack**.

grande parte de glebas... escolheram-se para a producção cerealifera os terrenos com uma certa seccura e de superficie plana ou quasi, onde o arado podesse trabalhar com facilidade; pois os cereaes então usados não eram cultivados em terras carregadas de humidade» —[1].

Parece significar «prender por meio de açudes, enxugar».

larião

No Algarve usa-se esta forma em vez de *leirão*, usada no resto do reino: é o rato a que os franceses chamam *marmotte*, que os nossos tradutores aportuguesaram em *marmota*, nome que se aplica em Portugal à «pescada pequena». O Nôvo Diccionário deu cabida ao vocábulo *marmota*, no sentido em que os franceses empregam *marmotte*, mas não o tendo abonado com autor de crédito, pode rejeitar-se.

larim

O Nôvo Diccionário dá-nos êste vocábulo, como nome de uma moeda na Índia. Em outro muito diverso sentido o vemos empregado na «Descrição da cidade de Columbo», do Padre Manuel Bernárdez: — «Quando estes matos mais se vão chegando a Manar, vão sendo menos frescos e mais infrutuosos em larins, que são umas árvores tam carregadas de espinhos, que nascem de dous em dous, quasi como a olaia de flores» —[2].

lata, latada

Lata, como termo de calão quere dizer «litro». Em sentido especialíssimo vemos empregado êste vocábulo no trecho seguinte,

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 313.

[2] Bibliotheca de classicos portuguezes, t. XLI, p. 94.

não rejistado em dicionários portugueses: — «Coimbra, 21... Prepara-se grande latada para domingo, a classica esturdia com que os estudantes de direito festejam o ponto das aulas» —[1]. É próssimamente o que os espanhóis denominam *cencerrada*, de *cencerro*, «chocalho».

lavadeira

Ave da ilha da Madeira *(motacilla melanope)* [2].

lavagante; lobrigar

O nome dêste crustáceo marinho, correspondente ao *homard* francês, varia de forma, conservando sempre a sua estrutura tetrassilábica, e a terminação *-gante*. Assim, chama-se-lhe *lavagante*, *levagante*, *lobagante*, *lobegante*, e até, por etimolojia popular, *navegante*.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, citando as formas sucessivas, desde o século XIV, e pode-se dizer que todas elas são simultâneas actualmente, dá como forma mais correcta *lubrigante* ← rubricum, «de furta-côres» [3]. Até mais perfeita investigação, parece poder aceitar-se o étimo, que, apesar do alegado *lombrigante*, galego, deixa bastante a desejar, quer pelo sentido, quer pela dedução fonolójica. Ao verbo rubricare atribui a douta romanista a orijem de *lobrigar* [4].

lavandeira-de-fora

Ave da ilha da Madeira *(motacilla alba*, Lin.) [5].

---

[1] O Economista, de 26 de maio de 1891.
[2] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras, 1899.
[3] Revista Lusitana, III, p. 178.
[4] *ib.*
[5] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras, 1899.

lavoura. lavrador

—« Por via de regra cada herdade ou grupo de herdades annexas sustenta uma exploração agricola e pecuaria. chamada *lavoira*. O dono da lavoira conhece-se pelo nome de *lavrador* » —[1].

lavradio

Como substantivo está abonado pelo seguinte passo: — « Do Neiva ao Lima as areias soltas occupam uma zona de 1500 metros. havendo nestes ultimos seculos coberto os **lavradios**, e fazendo recuar as aldeias » —[2].

lázaro

Este vocábulo toma-se geralmente na acepção de « leproso », e também na de « ferido. chaguento ».

Todavia. em Evora pelo menos. dá-se o nome de *lázaro* ao individuo que em Lisboa se diz *asilado*. recolhido em um hospicio. ou asilo. onde é vestido e mantido. em attenção à sua pobreza. O que é singular é que em Milão denominam também *lizzari* os asilados. que ali trajam umas casacas curtas de pano grosso côr de castanha. e usam chapéu alto.

É duvidoso se êste vocábulo está empregado no sentido de « leproso », ou no de « asilado », no seguinte trecho. parecendo, porém que o foi nesta segunda acepção: — « e puseram fogo ao hospital dos pobres e lazaros » —[3].

---

[1] J. da Silva Picão. ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO. *in* Portugalia. I. p. 271.

[2] Portugalia. I. p. 610.

[3] P. Antonio Francisco Cardim. BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa. 1894. p. 104.

lechia

O Nôvo Diccionário rejistou a forma *litchi*, palavra que não existe em português, como nome de uma árvore e do seu fruto, e declarou ser vocábulo chinês. No Suplemento acrescenta *lechia*, que identifica a *litchi*, dizendo ser forma antiga e preferível a esta. Não é preferível, é a única, e se com o epíteto antiga se quis dizer obsoleta, é isso uma inexactidão; a palavra é viva, e bem viva, em Macau.

Que na sua orijem seja chinesa a denominação ninguém, creio, porá em dúvida.

Com efeito, Aristides Marre inclui êste vocábulo entre os que do chinês passaram ao malaio, e diz-nos do fruto o seguinte: — «Fruit savoureux, à pulpe fondante et parfumée de *l'Euphorbia litchi* des naturalistes» —[1].

Os ingleses escrevem *leechee*, para pronunciarem *li-tchi*. Conforme Yule & Burnell, há duas formas chinesas do vocábulo, *li-chi* e *lai-chi* [2]; e na inscrição respectiva traz duas abonações portuguesas, uma de Fernám Méndez Pinto, para a rama da árvore, e outra de Garcia da Orta para a fruta, e em ambas elas *lechia* é a forma citada, e que ainda hoje dura. Aí vemos também duas citações estranjeiras, e em ambas elas é adoptada a forma portuguesa: e por ser portuguesa os de cá preferem-lhe uma forma peregrina, conforme o louvável costume, e apesar de todos os portugueses que teem estado na China continuarem a chamar-lhe *lechia*.

Quanto ao *e* por *i* na primeira sílaba, é êle dissimilação do segundo *i*; cf. *vezinho* { vicinum.

Os árabes conheceram êste fruto pelas suas relações com os mercadores chineses, e deram-lhe nome semelhante.

---

[1] Mélanges Charles de Harlez, Leida, 1896, p. 191.
[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1896

leito

Todos os dicionários incluem neste vocábulo a acepção que tem de «álveo», ou, *leito do rio;* nenhum porém à de *leito da rua,* isto é, o «tabuleiro, comprendido entre os passeios laterais, e mais ou menos abaulado»:—«As ruas Garrett e do Carmo teem, afora os respectivos passeios lateraes, a largura média de leito de cerca de 7 metros»—[1].

leitor; leital

Além do seu significado cognato do verbo *ler,* em latim lector e legere, tem êste vocábulo, mas com outra orijem, e significação diferente na Beira-Baixa, onde se dá êste nome a um anel grosso, que as mulheres criadoras trazem ao pescoço, enfiado num cordão, na crença de que evita o quebranto do leite.

Neste sentido ou se deriva directamente de *leite,* ou o que é mais natural, do latim lactor *-ōris* { lactēre, «ter leite».

Um adjectivo da mesma orijem é *leital,* que não figura nos dicionários, mas que vemos empregado no trecho seguinte, o qual faz parte da resenha de uma série de superstições e crendices populares:—«Em Requião [¿qual, porque há oito] as mulheres vão chupar em um penedo chamado *pedra leital,* e dão *tres voltas* em redor d'elle para terem leite»—[2].

leituario

Amuleto para conservar o leite e vigor às amas. É vocábulo semi-erudito.

---

[1] REPRESENTAÇÃO DOS LOJISTAS [das ditas ruas] DO REINO, *in* O SECULO, de 23 de agosto de 1901.

[2] O SECULO, de 27 de abril de 1906.

leixão

O Nôvo Diccionário traz êste vocábulo no sentido um pouco diferente daquele em que é empregado no passo seguinte: — «Christ desconhecia a existencia das ilhotas ou leixões» —[1].

lenço

Ao termo pouco limpo *lenço de assoar*, que dantes se chamava *guardanapo (q. v.)*, substituem em Caminha a denominação muito mais decorosa *lenço de mão*.

lenho, lenha

O segundo dêstes vocábulos representa o plural neutro latino lignu, como o primeiro o singular lignum, «madeiro». Considerado aquele como femenino, adquiriu o valor de colectivo, hoje no sentido restrito de «madeira para queimar», mas dantes em sentido mais lato de «paus, ramos, madeira»: — «barcos carregados de lenha de canela, a qual lenha trazia sua folha» —[2].

lentejoula

É palavra derivada do castelhano *lentejuela*, deminutivo de *lenteja*, «lentilha». Cf. *tejolo*, do castelhano *tejuelo*, deminutivo de *tejo*, «caco», masculino de *teja*, «telha» ← teg(u)la. O *j* por *lh*, correspondendo a *gl*, *cl* latino (lentic(u)la), mostra que tanto um, como o outro dêstes vocábulos é de proveniência castelhana em português.

O mesmo acontece com a palavra *tejadilho* ← cast. *tejadillo*,

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Geographia da Lusitania, p. 17, nota.
[2] Roteiro da viagem de Vasco da Gama, Lisboa, 1861, p. 99.

deminutivo de *tejado*, «telhado» colectivo de *teja*; se o vocábulo fosse português teria a forma *telhadíllo* ¦ *telhado* ¦ *telha*.

Leque, avano, abano

Leque. Neste vocábulo fundiram-se duas palavras diversas que ficaram sendo formas converjentes, homeótropos, conquanto os nossos dicionários dêem a ambas uma só inscrição.

O primeiro dêsses vocábulos, hoje em dia mais usado com a forma *laque (q. v.)*, é palavra da Índia, significa 100.000 [1], e por extensão designou uma moeda nominal de Ormuz e Pérsia, a que se referiram muitos dos cronistas das nossas conquistas na Ásia. Bluteau incluiu-a no seu Vocabulário, supôsto lhe não diga o valor. No Arquipélago Malaio denota não 100.000, mas 10.000. Sôbre esta palavra vem um bem elaborado artigo, na magnífica obra de Yule e Burnell «A Glossary of Anglo-Indian words and phrases» [2], para a qual remeto o leitor curioso, e com tanto maior empenho, quanto ali vem compendiada a principal literatura portuguesa, como acontece em muitos outros do mesmo Glossário, verdadeiro monumento de erudição, de sagacidade e de bom critério.

A segunda forma, *leque*, tem dado que pensar aos dicionaristas, nenhum dos quais, com excepção do último que já vamos nomear, lhe apontou etimolojia certa ou plausível; e com razão, pois seria trabalho baldado procurar nas outras línguas románicas palavra que, de perto ou de lonje, se parecesse com esta, na designação de objecto tam trivial hoje em dia, como o é a ventarola de abrir e fechar, a que os ingleses chamam *folding-fan*. Os franceses denominam êste objecto *éventail*, os italianos *ventaglio*, os catalães *ventall*, palavra sem dúvida de origem latina, mas de identificação igualmente difícil. Os castelhanos chamam-

---

[1] V. *in* Revista Lusitana, vol. VI, n.º 1, Monsr. S. R. Dalgado «Dialecto Indo-português de Goa», p. 81.

[2] Londres, 1886.

lhe *abanico*, e nós dantes dávamos-lhe o nome de *abano* [1], vocabulo que hoje designa o que os espanhóis chamam *aventador*, isto é, uma espécie de ventarola com que se areja e esperta o lume, e que em nada se parece com o «leque» própriamente dito, ou «de varetas».

Como se sabe, os instrumentos para agitar o ar e produzir fresco não são de certo invenção sómente chinesa ou japonesa. Raros serão os povos que os não conhecessem. No dicionário «Nouveau Larousse Illustré», vem representada uma collecção de várias formas de leques, entre as quais vemos o de varetas, a ventarola, e o de rotação *(à girouette)*, muito usado na Índia, em Goa por exemplo, onde o denominam *āi(a)nō*, e que consiste numa haste em tôrno da qual gira uma espécie de bandeira, mediante um pequeno movimento de rotação, à feição do cata-vento.

Voltando ao nosso *leque*, diremos que coube a José Leite de Vasconcelos a bôa fortuna de correr definitivamente o véu que encobria a etimolojia desta palavra. Na sua PHILOLOGIA MIRANDESA (I, páj. 16 e 17) dá-lhe como orijem o nome por que dos navegadores portugueses foi conhecido o grupo de ilhas que ficam a sul do Japão, e a que os ingleses chamaram ao depois Lew-Kew *(liuquiū)* e modernamente Lew-Chew *(liuchū)*, os franceses Liou-Kiou, Liou-chou, Liou-Tchou *(liuquiū, liuxū, liuchū)*, formas que, melhor ou pior, como as dos nossos autores, arremedam os nomes que elas teem em japonês, léquio e chinês. O snr. Leite de Vasconcelos estriba-se, para dar o étimo de *leque*, num passo de Fernám Méndez Pinto (PEREGRINAÇÃO, cap. 225), que vou reproduzir completando-o. É assim:— «he (a El Rey) pedi a reposta da carta que lhe trouxera do Visorrey, a qual me elle logo deu, porque a tinha já feita, & por retorno [do presente] lhe mandou [hũas armas ricas, e dous treçados douro, &] cem avanos lequios» —.

Cândido de Figueiredo, no seu NÔVO DICCIONÁRIO DA LÍN-

---

[1] *abanar* ‡ adunanare: F. Adolfo Coelho, Portugalia, I, p. 646.

GUA PORTUGUÊSA [1], atribuíu a esta palavra orijem chinesa, sem dizer qual; no Suplemento, porém, inclina-se também a propôr o étimo *léquio*, encontrando-se portanto com J. Leite de Vasconcelos [2], sem que um soubesse da conjectura do outro, pois o Suplemento acabou de imprimir-se em 8 de janeiro de 1900.

Parece, na verdade, certo que o *léquio* de Fernám Méndez Pinto é simplesmente um adjectivo, por mudança de categoria gramatical, do substantivo étnico, que pelo próprio nome de uma rejião, fazendo-se êste declinável, designa os seus habitantes, formação freqùentissima nos nossos escritores, como se vê de *Siames* por povos do Siame (ou Siam, como eles escreviam), *Japões* por povos do Japão, *Bramás, Pegus*, por povos de Bramá (Birmánia), Pegu, etc.; um pouco arcaica, mas não de tôdo desusada, felizmente, pois são perfeitamente correntes as expressões *angólas, chinas*, por angolenses, chineses ou chins, etc.

Empregado *léquio* como adjectivo concordando com o substantivo *abano*, ou *avano*, como diziam, fácil foi o substantivar-se, suprimindo-se o vocábulo *avano*, supressão que vemos em outras expressões análogas, como *basquinha* em vez de *roupa basquinha, varsoviana* por dansa de Varsóvia, *bretanha, irlanda* por fazendas de Bretanha, de Irlanda, *americano* por *carro americano*, etc.

Não é isto conjectura com relação à palavra *leque*, pois em Lucena [VIDA DE S. FRANCISCO XAVIER, liv. VII, cap. IX] lêmos as seguintes expressões, que se referem aos japoneses:— «com um leque, ou abano d'ouro».

Na REVISTA LUSITANA vem abonada, com um alvará da rainha Dona Caterina, de 14 de novembro de 1561, a locução *avano lequeo*, isto é, *abano léquio* [3].

---

[1] Lisboa, 1900.

[2] REVISTA LUSITANA, VII, 1902, p. 70, onde se reivindica o étimo para o Cardeal Saraiva (Obras, vol. VIII, p. 270); mas já antes, nos ESTUDOS DE PHIL. MIRANDESA, I (1900), p. XVII, nota.

[3] vol. VIII, p. 303.

Vemos igualmente por êstes passos que o vocábulo já tinha adquirido a sua forma actual, mas que não era tam usual, que para o leitor não fosse necessária explicação. *Leque* foi também uma das formas usadas para designar os grupos das ilhas de Léquio, ou Léquios, sendo estas três escritas correntes nos nossos cronistas da Ásia.

Com respeito à palavra *abano*, dantes *avano*, como vimos, encontramo-la no catalão *vano*, com o mesmo significado, e provém sem dúvida do verbo *abanar*, *avanar*, por um processo de derivação estudado já por Egger, recentemente tratado por Mohl [1], e a que êste investigador chama «substantivos postverbais», isto é, formados dos radicais dos verbos, sem aficsos, e rizotónicos, ou acentuados no radical, como o são as pessoas do singular do presente; tais são em português *enrêdo* ¦ *enredar*, *poda*, *lavra* ¦ *podar*, *lavrar*, etc.; e, conforme a opinião autorizadissima de Gastão Paris, foram êles feitos à imitação dos latinos cantus, nota, a par de cantare, notare, o que parece explicar satisfatóriamente esta formação peculiar das linguas românicas, e cuja vitalidade perdura ainda.

Assim, pois, *leque* parece ter significado primeiramente só o «de varetas», e o termo *abano* continuaria a indicar outra qualquer espécie de ventarola, das muitas que os nossos viajantes foram encontrar em todo o Oriente. Na própria Índia, além do *ainõ*, a que já me referi e cuja forma e nome nunca lograram chegar cá ao uso comum, havia e há leques de outras muitas e variadissimas formas e substâncias, a começar no descomunal *pouoá* (indostano *pāk'ā*, escrito pelos ingleses *punkah* e *punkaw)* até o da simples fôlha do coqueiro, à qual tam minuciosamente se refere Floriano Barreto [PHALENAS, Bastorá, 1898], esquecendo-lhe todavia mais esta entre as noventa e nove serventias

[1] *V.* ROMANIA, t. XXIX, p. 440-455, julho, 1900. *V.* também na mesma Revista o que eu disse acêrca dêsses substantivos em português, t. XII, p. 84 e 85, 1883, e Leite Vasconcelos no livro já citado, PHILOLOGIA MIRANDESA, vol. I, p. 463.

dessa bemdita árvore, providência do índio, e que, como êle diz, (p. 22):

— Limpa, illumina, embriaga, veste,
aquece, cura, alimenta, abriga —.

A enumeração curiosa que faz das muitas aplicações que tem o coqueiro lembra as que Yule [1] menciona na sua edição e tradução das Viagens de Marco Paulo, a respeito da cana-da-Índia [2].

E visto que citei versos alheios, seja-me licito incluir os seguintes meus, que escrevi num leque, para o qual, segundo o banal costume português, me pediram «um pensamento»:

Contam que um chim afrontado,
Há não sei quantos mil anos,
Para afujentar a calma,
Enjenhou êstes abanos.

P'ra cá veio o grande invento,
Mas tem outra serventia:
Assopra, que nem um fole,
Calor dá, ¿quem tal diria?

Se a paixão em qualquer homem
Arrefece, a dama, logo,
Com três meneios dum leque,
Num momento ateia o fogo.

Abanos, como termo de calão, quere dizer «as orelhas».

---

[1] Coronel Henry Yule THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, etc., 2.ª edição, t. I, p. 299, n. 2.

[2] Êste artigo foi já publicado na REVISTA LUSITANA, VII, 1900-1901, com algumas diferenças na redacção.

levadigas

— «Espeta-se pontada viva ou no lado por baixo do braço, ou junto da virilha: é o que os nossos antigos na pandemica peste negra de 1348 chamavam a dôr de levadigas—a dôr que precedia ou acompanhava a levação, a ingoa»—[1].

levantamento

— «Chegou o padre da respectiva freguezia [Bom Successo], para realizar a ceremonia chamada do *levantamento do corpo*, ou encommendação»—[2].

levante

Êste substantivo verbal rizotónico, de *levantar*, além de outras acepções já apontadas nos dicionários, tem mais a seguinte: — «Se os ha que não escrupulizam [os senhorios] em aceitar «levantes» de rendas, propostos para satisfação de vinganças odientas»—[3].

levita, *labita*

O Nôvo Diccionário rejista a segunda destas formas, que é meramente a deturpação da primeira, e dando-a como termo de jiria, diz-nos significar «casaca». Nada disto é exacto. A palavra é castelhana, *levita*, e quere dizer, não «casaca», mas o que denominamos *sobrecasaca*, pois os espanhóis chamam à «casaca»,

---

[1] Ricardo Jorge, A peste bubonica no Porto, 1899.

[2] O Seculo, de 7 de dezembro de 1901.

[3] José da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 277.

frac, e ao «fraque», *chaqué*. O termo não é de jíria; foi aprendido com as companhias de *zarzuela* que freqüentam Lisboa e Pôrto todos os anos; é apenas um modo, mais ou menos irónico ou facêto de designar, como disse, a *sobrecasaca*.

A definição dada pelo Dicionário da Academia Espanhola, ainda que incompleta, é a seguinte: — «Vestidura moderna de hombre, ceñida al cuerpo y con mangas, á modo de túnica abierta por delante y abotonada sobre el pecho» —. Faltou-lhe acrescentar — «con dos juegos de botones» —, «com duas abotoaduras, ou ordens de botões».

lezirão

Êste vocábulo é empregado, ora como substantivo, aumentativo de *lezira*, de orijem arábica [1], ora como adjectivo, servindo de epíteto ao substantivo *carro*.

Como substantivo significa: primeiro, no sul do Tejo, «terrenos inundados pelo rio, e nos quais se semeia arroz; segundo, desde a Azambuja até Santarém, «grandes tratos de terreno inculto, nas marjens do Tejo».

Como adjectivo, diz-se *carro lezirão* um «carro grande de quatro rodas, usado nas lezirias» [2].

lhama

O *lh* inicial está a indicar ser castelhana a orijem do vocábulo, e o povo, para evitar essa consoante inicial, antecede-a com um *i*, e diz *ilhama*. *Llama* castelhano corresponde ao português *chama*, e é como êste derivado do latim flamma.

---

[1] *V. sub v.* **jazerino.**

[2] *V.* O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, vol. VIII, p. 129.

lhano

Outro vocábulo castelhano usado em português no sentido de «afável»; mas na língua de onde proveio tem todas as acepções do português *chão*, como êle, derivado do latim planum.

libré, livré

É esta uma das palavras francesas (livrée) de mais remota adopção na nossa língua, pois a empregou duas vezes Rui de Pina, com a significação de «trajo de cerimonia, acomodado a certa circunstância»:—«Mas a Rainha e o Infante Dom Pedro, e toda a côrte, vendo-o [ao infante Dom Anrique] com sua triste livré, renovaram com sua vista outros prantos maiores—[1]. Donde logo partiu [o Condestabre, filho do infante Dom Pedro] com mais gentes de sua ordenança... E certo d'armas, cavallos livré e arreios, foi gente mui luzida e mui aparelhada para fazer um bom serviço»—[2].

limpo, límpido, limpeza; lindo

O adjectivo *limpo* deriva-se do latim limpidum, como prova o castelhano *limpio*, que tem a mesma significação; entanto que a forma alatinada *límpido* adquiriu a de «limpo e transparente», e se aplica restritamente a líquidos, e ao cristal ou vidro, quando empregado na sua acepção comum e natural; em acepção figurada são enteiramente sinónimos os dois.

O substantivo derivado *limpeza* ainda hoje se emprega como sinónimo de «probidade, lisura», e Rui de Pina usou-o com a

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. iv.
[2] *Id.*, cap. lxxxv.

significação de «pureza, inocência»: — «nunca por amor de mim e por segurança de minha limpeza entendaes que o digo por El-rei meu senhor, nem que o meto nesse conto» — [1].

Sôbre a duvidosa conformidade de étimo entre *limpo* e *lindo*, como provindo ambos de limpidum, veja-se o substancioso artigo de Rufino José Cuervo na REVUE HISPANIQUE [2], no qual o douto hispanista faz sua a etimolojia sujerida por Morais para *lindo*, isto é, *litimum* | *liitimum* | *ligitimum* | legitimum: cf. *lidimo*, que tem a mesma orijem, e é forma mais bem conservada. O sentido primitivo de *lindo* seria pois «lejitimo, puro, castiço».

Santa Rosa de Viterbo, no Elucidário, dá como significados primitivos «puro, perfeito» sem os abonar, declarando serem do princípio da monarquia. Não faltam porém exemplos para o castelhano no artigo citado, de Rufino Cuervo, e dêles darei aqui apenas o primeiro: — «E si has verguença de ser yo tu munger linda / tenme por tu barregana: [CRÓNICA GENERAL, I, cap. 57]».

Conforme Cuervo, o desenvolvimento das acepções todas por êle abonadas para o castelhano, foi o seguinte: «lejítimo, castiço, velho (cristão), puro, nobre de estirpe, estreme, perfeito, formoso».

Quanto ao desenvolvimento fonético, partindo nós já da forma irrefutavel *lídimo*, temos *límido*, por metátese, e com a supressão do *i* da segunda sílaba, para se reduzir o vocábulo esdrúxulo a grave, *lim'do*, *lindo*.

linaloés

Madeira aromática da Índia, lignum aloes. V. na edição dos COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA ÍNDIA, de Garcia da Orta, a nota do Conde de Ficalho [3].

---

[1] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CIX.

[2] vol. IX, p. 5-11 (1902).

[3] Lisboa, 1892, vol. II, p. 60 e seguintes.

linguado, linguada

A forma masculina é muito conhecida em três ou quatro acepções, que podem ver-se em qualquer dicionário; a femenina não foi ainda inserta em nenhum, que eu saiba, mas usou-a Gil Vicente para designar um peixe, naturalmente aquele a que chamamos *linguado:*

—«Linguadas frescas fritas»—[1].

linguester

Eis aqui duas abonações dêste vocábulo, que tem a significação de «intérprete»:—«Aqui apparece uma palavra que foi inventada pelos portugueses da costa do norte... O linguester é em geral um prêto dos importantes do povo do regulo, em cujas terras está a feitoria.—Todas as traducções são discutidas e assentadas em portuguez, por meio do linguester, que traduz desta lingua para *fiote* a negociação aos indigenas»—[2].

linho

Esta planta téxtil é assim dividida em castas, com relação à cultivada em Portugal: linho *galego;* linho *mourisco;* linho *coimbrão;* linho *de fora,* ou *de Riga.* O linho *mourisco* subdivide-se em linho *albertiço* e linho *serrano.*

linho (2)

Este termo algarvio equivale ao geral *ninho,* tendo-se dado nele a dissimilação de *n* para *l* inicial, em virtude da nasal pa-

---

[1] Auto das Fadas.

[2] Relatório do juiz Francisco António Pinto, *in* O Economista, de 19 de março de 1885.

latina da 2.ª sílaba. Quanto à etimolojia de *ninho*, forma só portuguesa ou galega *(niño)*, pois em castelhano é *nido*, a mais admissível é a dada por J. Cornu [1], nidum } *nio* } *nĩo* } *ninho*, que lhe compara *minha* { *mia*, *(en)demoninhado* { *endedemoniado*.

lisproso

Em Caminha, e não sei se em outras partes do Minho, significa «escrupuloso».

lissa, lisseira

São peças de tear minhoto: — «As lisseiras... são quatro regoas horizontaes destinadas, duas a duas, a conservarem entre si uma serie de cordeis verticaes, chamados lissas» — [2].

livel, ao livel, livelar

São estas as formas antigas, correspondentes às modernas *nivel (q. v.)*, *nivelar*, francesas, como já havia indicado Duarte Núnez de Leão, e cujo *n* procede de dissimilação do *l* final, de libel(lum), como em *negalho* por *ligalho*, de ligaculum. Alexandre Herculano ainda usou tanto *livel*, como *livelar*. *Ao livel*, pronunciado *òlivél*, é locução popular, muito freqùente.

Todos os dicionários portugueses acentuam *livél*, com excepção do Manual etymologico de Francisco Adolfo Coelho, onde é provável que a acentuação marcada *livel* seja êrro tipográfico. O Nôvo Diccionário acentua *lível*, e no Suplemento busca defender com o uso esta acentuação errada. Mas o uso é o contrário do que ali se afirma; o povo diz *livél*, os oficiais de ofício *livél* dizem, e a gente culta não usa tal palavra, mas sim *nível* (ainda

---

1 Romania, t. xi, p. 90 (1882).
2 Portugalia, i, p. 374-375.

que erradamente por *nivél*). ¿Que uso é êsse então que se invocou? Uso de quem?

Para prova de que *livél* é a acentuação, e não, *lível*, basta ver em Garcia de Resende a seguinte quintilha:

— E vimos a poderosa
Rainha Dona Isabel,
Tam prudente, virtuosa,
Tam real, tam grandiosa
Governar bem por livel —[1].

Quanto ao significado da palavra *livel*, bem como de *nivel* em Gil Vicente, citado no lugar competente, é êle, sem dúvida, «medida justa». Pedro de Alcalá emprega *nivelado al plomo* [2], para traduzir o vocábulo arábico uazan, «pesar», e em árabe uāzan quere dizer «medida de verso». *V.* ainda ORTOFRAFIA NACIONAL [3].

Que se diga pois, e se marque a acentuação de *nivel*, na primeira sílaba, conquanto erróneamente, por ser o uso, admite-se; mas que, contra o uso, se marque e se acentue *livel*, em vez de *lível*, é inaceitável. *V.* **nivel.**

livro do padrão

— «livro das inquirições; tombo registo da propriedade, o *Livro do Padrão*, como se denominou um dos que constituíram os das inquirições feitas em Portugal, no tempo de Dom Afonso II» —[4].

Com esta expressão traduzi o *Doomsday-book*, inglês.

---

[1] MISCELÂNEA.

[2] VOCABULISTA ARÁBIGO EN LETRA CASTELLANA, citado por Dozy & Goeje, DESCRIPTION DE L'AFRIQUE ET DE L'ESPAGNE, por Edrisi, p. 385, l. 29.

[3] A. R. Gonçalvez Viana, Lisboa, 1904, p. 163 e 164.

[4] Gonçalvez Viana & Berkeley Cotter, SELECTA DE LEITURAS INGLESAS FACEIS, Lisboa, 1897, p. 139.

lo(s), la(s), no(s), na(s), o(s), a(s)

É reconhecido, por todos quantos teem estudado históricamente a língua portuguesa, que o pronome-artigo *o(s) a(s)* se orijinou, como em quási todas as línguas románicas, do pronome latim illum, illos, illa, illas, e a única opinião diverjente é, em tempos modernos, a que lhe atribuíu, por fantasia e teòricamente, como étimo outro pronome latino, hic, haec, hoc, hipótese inadmissível. Com efeito, havendo o neutro latino desaparecido das línguas románicas, substituído pelo masculino, e derivando-se as formas, quer substantivas quer adjectivas dessas línguas, não do nominativo, mas do acusativo latino, resultaria que o artigo português actual *o, a,* da língua literária deveria provir do acusativo masculino dêsse pronome, isto é, de hunc, hanc(!), o que é absurdo.

Isto diz o raciocínio; mas os factos ainda dizem mais. Não só pronome e artigo são uma e a mesma palavra, com a diferença de o pronome ser enclítico, e o artigo proclítico, e ainda, de o pronome ter um nominativo singular *êle,* procedente do latim ille; mas casos se dão em que as formas eram antes totalmente idénticas, e o são ainda na linguajem popular, todas as vezes que a palavra antecedente se termina em *r, s* ou *z,* e em vogal nasal ou ditongo nasal, resultando da primeira situação que o *l* inicial se mantém, com perda dêsse *r, s* ou *z,* e na segunda, que êle se assimila em *n* à nasalização. Dêste modo, na linguajem popular nenhuma diferença se faz entre as formas correspondentes àquelas duas categorias gramaticais, isto é, entre *ei-los,* e *ei los-homens, dao-no* e *dão no-pão;* ao passo que na língua escrita se dirá hoje *dão o-pão,* com um hiato, que a língua falada não admitia, e na bôca do povo continua a não admitir.

As formas *o(s), a(s)* resultaram da situação do pronome-artigo entre duas vogais, pelo quê desapareceu o *l* medial, como é normal em português. Desta maneira diz-se *vi-o* por *vi-lo,* como se diz *fio* por *filo,* castelhano moderno *hilo.*

Exemplos da permanéncia do *l* orijinário do artigo, depois

de *r*, *s* (*z*), e da sua conversão em *n* depois de nasalização, dei-os de sobejo na ORTOGRAFIA NACIONAL [1], onde tratei circunstanciadamente dêste assunto, e da qual extrairei para aqui alguns, adizindo mais dois, para me não limitar à cópia dos que ali apresentei, conquanto êles fossem muitos, suficientes e probantes:

— Beijo-vo las mãos — [2]
— Vêde los alemães, soberbo gado — [3]
— Demandá la terra —
— Vinde vê lo Deus menino —
— Quem vai para o céu vai bem
— Se não errá lo caminho —
— Esta noite de janeras
Se rezam nas profecias —
— Procuram no Deus menino — [4]
— Ei lo demo vai, ei lo demo vem — [5]
— O paí má(i) lo filho —

Esta última forma é popular, e nela *mai* ou *má* está por *mais*.

A contracção *no* provém da junção da preposição *em* com o artigo *lo*, *enno*, forma real, ora assim escrita em documentos antigos, ora *ẽno*.

O *ẽ* caíu ao depois por ser átono, e a preposição passou a ser representada por *n*, em *no*, *na*, e dêste, por analojia, em *nele*, *neste*, *nesse*, *naquele*, *noutro*, *nisto*, *nisso*, *naquilo*, etc.

Em antigo castelhano encontram-se também as formas *avienna*, por *aviena la (haviam-na)*, e *bienno*, por *bien lo* [6].

Com respeito à maneira pela qual o pronome conjunto *lo* ou

---

[1] Lisboa, 1894, p. 209-211 e 394-395.
[2] Gil Vicente, FARSA DOS ALMOCREVES.
[3] Os LUSIADAS, VII, 4.
[4] A TRADIÇÃO, série I, n.º 1.
[5] Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.
[6] F. A. Sánchez, VOCABULARIO DE VOCES ANTICUADAS, Paris, 1842, p. 31 e 106.

no se há de escrever ligado ao verbo, é evidente que a única racional, na ortografia moderna, é uni-lo a êsse verbo pelo hífen, escrevendo-se *louvá-la, louva-la, louvam-na*, por exemplo, como se escreve *louvo-a*, isto é, deixando o pronome enteiro depois do hífen.

Foi isto o que fizeram já Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Borjes Carneiro, e todos os que antes souberam a orijem dessas formas pronominais. Os antigos juntavam os pronomes aos verbos sem hífen intermédio.

Se o pronome-artigo fosse *o(s), a(s)*, como em tempo se preceituou e ainda se reflecte na escrita usual errónea que predomina; ¿como se havia de explicar a coexisténcia de *eis aqui*, a par de *eil-o* (aliás, *ei-lo)?* Não foi nem é portanto uma mudança disparatada de *s, r (matal-a*, por *matár-a)*, ou de *z (fêl-o*, por *fêz-o)* em *l*, ou a adjunção eufónica de um *n (matam-n-o*, por *matam-no)*, o que explica estas formas portuguesas.

Não há hoje um único gramático ou lecsicógrafo que defenda semelhante desacêrto; e se prevalece, ou se prevaleceu, tam defeituosa escrita, a ignoráncia, ou o desleixo, ou o receio de alterações ortográficas são a causa, e não uma teoria qualquer racional, com que se possa defender semelhante extravagáncia.

Às gramáticas portuguesas cumpre explicar as três formas do pronome *lo, no, o*, e as das contracções *no, neste, noutro*, etc., e fazer menção das idénticas do artigo popular, *lo, no, o;* aos dicionários rejistá-las a todas, justificando-as com abonações, já literárias, já populares, e declarar a propriedade do seu emprêgo adequado.

(frade) lóio, lóio de jardim

A esta flor azul, que, também tem o nome de *fidalguinho (dos jardins)*, especialmente no norte do reino, corresponde o que em francês se chama *bleuet*, ou *bluet*, nome que lhe proveio da côr, o que também aconteceu com o nome português, como D. Carolina Michaëlis deixou plenamente averiguado no trecho seguinte:—«A flor campestre chama-se *loio* (ou *frade-loio)* por

andar vestida do mesmo azul que servia de traje distinctivo aos frades loios, cujo padroeiro é o ourives de Limoges SANCTUS ELOGIUS, ou *Santo Eloy* (com nome francez que se popularizou em Portugal)» —[1].

Assim *lóio* procede de (Santo) Elói, que o povo pronuncia *Elóio*. O adjectivo *azulóio*, haplolojia de *azul-lóio*, tem a mesma orijem, e significa «azul da côr do hábito dos frades lóios».

—Terra das claras noites estrelladas,
E do luar caiando os campos loios—[2].

loja, lójia, loje

Três são as formas conhecidas dêste vocábulo, que é natural provenha do italiano *loggia*, palavra germánica, forma hipotética *laubīa*, em alto alemão antigo *louba* [3]. O significado primitivo, o que tem em italiano, é «pórtico», e para êsse poderia reservar-se a forma mais antiga da palavra, *lójia*, que mais perto está da italiana. É natural que, em razão de nos pórticos se estabelecerem casas, ou lugares ambulantes de venda, tomassem aquelas o nome de *lojas*, ainda quando situadas em qualquer outra parte.

Loja tem ainda a acepção especial de «casa de habitação ou de venda, colocada ao rés-do-chão», por oposição aos *andares*, e à *sobreloja*, que os separa da *loja*.

A forma *loje* é provável que proviesse do francês *loge*, e pela primeira vez, creio, vemo-la empregada no AVISO, de 26 de março de 1755:—«cada uma das tres escadas que sobem da

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 170-171.
[2] Martinho de Brederode, O SUL, Lisboa, 1905, p. 130.
[3] G. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1896, n.º 4704.

loje... que não entrem pela porta do corredor que vem pela escada da loje da Rainha Nossa Senhora» —[1].

lolé

Êste termo faceto, que se pronuncia *lòlé*, e significa «chiste, graça», como quando dizemos *isto não tem lolé nenhum*, é sem dúvida o cigano *lolé*, «pimento», que se encontra no dialecto romani, e se empregou em sentido figurado, do mesmo modo e com o mesmo intuito que a palavra *sal*, querendo dizer também «graça ou chiste»:

Donde nacen las morenas
Es donde la sal se cria.

É sabido como permutam a todo o momento os vocábulos próprios de uns dialectos ciganos com os próprios de outros, mercê da constante peregrinação dessa raça, principalmente do oriente para o ocidente, onde tantas vezes se vêem greis de ciganos valacos ou húngaros, conductores de ursos, *ursári*, ou caldeireiros, *calderári*.

lopa

— «a troco de alguns *sagates* de aguardente, algodão e lopa (algodão tinto de azul)» —[2]. *V.* **saguate.**

loução, louçainha, louçania

A última destas palavras é castelhana, *loçania*, hoje em dia escrita *lozania*, que deriva de *lozano*, adjectivo correspondente

---

[1] O AVISO refere-se aos lugares no teatro da Ópera, e vem na COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, Suplemento de 1750-1762; o significado é, sem dúvida, na segunda citação, «camarote», como o do francês **loge.**

[2] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

ao português *loução*. Do tema de *loução*, com o suficso *-ĩa*, derivou-se *louçãĩa*, *louçãinha*, e por dissimilação de nasais *louçainha*, que é a verdadeira forma substantiva portuguesa, de que *louçania* é sinónimo. O étimo de *loução* é desconhecido, e inútil seria indicar aqui os que teem sido propostos, pois nenhum oferece probabilidade de ser exacto.

louro

Esta forma representa quatro vocábulos distintos. Como adjectivo, designa um matiz entre amarelo claro e côr de avelã, e que se aplica especialmente aos cabelos, que os franceses chamam *blonds*, e os espanhóis *rubios*. Como substantivo, é nome de uma árvore, do latim laurum; de um macaco, e do «papagaio». Neste último sentido é o malaio *núri* ou *nóri*, e em castelhano também é usado o vocábulo, com a forma *loro*. Eis o exemplo desta palavra, como denominação de um símio. — «Entre elles [os bujios] vimos alguns de cheiro, louros e mui fermosos, que em lhe mudando os ares morrem logo» —[1].

O étimo de *louro*, adjectivo, não está averiguado, e fôra ocioso citar as opiniões de Diez ou de Baist, pois nenhuma delas oferece a mínima probabilidade.

louva-a-Deus

Êste substantivo composto, que no Continente designa um insecto, é na ilha da Madeira nome da ave que também se chama *papinho* [2].

---

[1] Padre Gaspar Afonso, «Relação da viajem e sucesso que teve a nao San Francisco», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 20.

[2] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

luada

— «em esta [criança] attingindo tres ou quatro mezes d'edade, dependuram-lh'o [o amuleto, meia-lua] ao pescoço... para a preservar do *quebranto,* do *mau olhado,* e das *luadas*» —[1].

luarento

Êste neolojismo, que não abona o bom gôsto de quem o inventou e ainda menos o de quem o emprega a tôrto e a direito, parece querer dizer «da côr do luar, ou por êste alumiado»: — «Na verdura das arvores havia lividez luarenta» —[2].

Pertence ao vocabulário retorcido e afectado dos noticiaristas.

luco

Em Marromeu, África Oriental Portuguesa, quere dizer «colher de pau».

luminária

Como substantivo abstracto é neolojismo, que vemos empregado no passo seguinte: — «é uma pagina curiosa para a historia da *Luminaria*» —[3].

lupassa

— «*lupassa,* esteira de caniço onde dormem [os pretos da África Oriental Portuguesa]» —[4].

---

[1] Portugalia, I, p. 618.
[2] O Seculo, de 29 de maio de 1900.
[3] Sousa Viterbo, *in* Portugalia, I, p. 368.
[4] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902.

lupato

—«Na primeira entrevista com a rapariga deve o rapaz dar-lhe o *lupato*, signal»—[1].

É termo de Marromeu, na África Oriental Portuguesa.

luzicu

Em Caminha é o nome que dão ao pirilampo.

luzio

O Nôvo Diccionário diz-nos ser—«espécie de embarcação indiana»—; não sei com que fundamento, pois na «Relação do naufrájio da nao Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso, vemos que êste nome é dado a um barco na África Austral:—«houveram vista de um luzio, que é embarcação desta gente [cafres]»—. Mais adeante repete-se a definição nestes termos: —«partiram em duas embarcações com que se neste rio [Cuama] navega, a que chamam luzios»—[2].

luzo, luza

É um adjectivo, cuja significação não fica bem patente do trecho em que foi empregada e que é o seguinte:—«Setubal, 5. —O peixe em geral tem sido de boa qualidade, isto é, de *agua luza*, como dizem os pescadores. A sardinha grande ainda é gorda, o que admira n'este tempo, mas os entendidos em materia de pescarias explicam isso por ser de *lufada*»—[3].

---

[1] Jornal das Colonias, de 20 de julho de 1903.

[2] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xliii, p. 71 e 76.

[3] O Economista, de 6 de março de 1891.

O último termo carece de explicação. Quanto ao *luzo, luza*, talvez queira dizer «quieto, sossegado».

mabure

—«sahiam a vender leite [os cafres] e uma fruta semelhante ás nossas balancias, chamada dos cafres mabure»—[1].

maca

É provável que êste vocábulo proceda do francês *hamac*, como diz o Nôvo Diccionário; no que não tem razão é em supôr que o francês provenha de um caraíbe *hamack*, visto que, sendo esta língua americana analfabética, ninguém pode saber o que significaria nela o estranho grupo de letras *-ck*, em que uma das duas é supérflua.

maçã, maçaneta

Como é sabido, *maçã* é o nome de uma fruta; tem porém outras acepções, mais ou menos derivadas da sua forma, ou do seu cheiro ou sabor, muitas das quais estão colijidas nos dicionários. Aqui vão mais algumas, que suponho não haverem sido ainda rejistadas em livros dessa espécie.

Maçã-do-peito: termo de *carniçaria*, que especifica certa carne bovina de ínfima qualidade, visto que a Nota dos preços dos talhos municipaes a classificava na 4.ª classe.

Maçã de preto:—«teem outra bebida... e faz-se com o que se denomina maçã de preto»—[2].

Maçãs das queixas: peças do tear [3].

---

[1] «Relação do naufrájio da nao Santo Alberto», por João Baptista Lavanha (1611), *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xliv, p. 34.

[2] O Dia, de 18 de abril de 1903.

[3] Portugalia, i, p. 374.

Maçaneta: espécie de puxador com a forma de maçã; ornato com a mesma forma:—«Um chapeu redondo guarnecido de maçanetas de retroz»—[1]. É um bom termo para substituir o que, à francesa, se chama *pompon*.

macabro

Sem entrar em mais investigações, êste adjectivo veio para o português do francês *macabre*. De onde os franceses tiraram a palavra é que por emquanto é ponto duvidoso. Opinam uns que seja o latim (chorea) Macchabaeorum, que oferece dificuldades fonolójicas insuperáveis; outros que o árabe AL-MUQABIR, «ossuário, cemitério», do qual se derivou em português *almocávar*, «cemitério dos mouros».

Emílio Littré, no seu modelar Dicionário da língua francesa, traz abonação do vocábulo em autor dos princípios do século XV, e pronuncia-se a favor do primeiro étimo aqui indicado, o qual é repudiado recentemente por muitos filólogos.

macaco; macacão

Nos Açôres é um eufemismo, que se profere em vez de *diabo* [2].

No calão dos ladrões do Pôrto, é, ou era, uma «libra» [3].

Macacão entende-se que seja «macaco grande». Todavia, outra é a significação no passo seguinte:—«o macacão das dominicas, figura monstruosa, sob-posta ao orgão da egreja de Santa Rosa em Guimarães, e ao qual o vento dos folles faz agitar os braços, abrir a bocca e roncar»—[4].

---

[1] O ECONOMISTA, de 27 de setembro de 1892.
[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 49.
[3] O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.
[4] Portugalia, I, p. 624.

O nome foi-lhe pôsto, provávelmente, por ser feio o aspecto da figura, e as dimensões descomunais.

maçadouro, maçadoiro

— «Bate-se o linho com a *maça* sobre uma pedra que vulgarmente se chama maçadoiro» —[1].

macambuze

— «Os macambuzes (boieiros) indigenas fogem» —[2].

¿Será êste vocábulo a orijem da palavra *macambúzio*, «tristonho»?

maçarico

Na ilha da Madeira é o macho da galinhola [3].

maceirão

— «Assim succede que, na maioria dos poços de nascentes medianas e abundantes, ha um chafariz para bebedouro do gado grande, como bois, vaccas e eguas, e ainda alguns maceirões (gamelões) de madeira para as rezes meúdas, como ovelhas, cabras, porcos. A agua é tirada pelos «ganadeiros» *[q. v.]* (guardadores dos gados), empregando tambem o caldeiro e a corda» —[4].

---

[1] Portugalia, I, p. 370.

[2] CAMPANHA DOS NAMARRAES, *in* O SECULO, de 24 de agosto de 1897.

[3] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

[4] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 546.

machadinha

Além do seu significado natural, é também o nome de um legume:—«A quinta secção comprehende: legumes... assim como feijões seccos, grão de bico e machadinhas»—[1].

machamba

—«O tabaco, sem duvida introduzido em África pelos nossos antepassados, aclimatou-se perfeitamente em todo o continente, podendo dizer-se que não ha machamba de preto em que elle não seja cultivado»—[2].

machila, machira

É termo da Índia Portuguesa, em concani *makila,* quási pronunciado *matchila.*

É uma espécie de maca para transportar pessoas tanto na Índia, como na África Portuguesa, agùentada por homens, que com ela carregam.

Outra forma do mesmo vocábulo é *machira:*—«D. Isabel e sua filha D. Luísa, ás quaes traziam os escravos do capitão mor ás costas em cachas concertadas ao modo de redes do Brasil, que em Cuama chamam machiras»—[3].

Outro vocábulo designativo da *machila* é *rêde,* omisso neste sentido no Nôvo Diccionário, conquanto muito antigo na língua, pois se encontra já em texto dos fins do XVI século, com referência ao Brasil:—«nos vieram nossos padres [da Companhia

---

[1] O Seculo, de 26 de julho de 1900.

[2] Jornal das Colonias, de 22 de abril de 1905.

[3] «Relação do naufrájio da nao Santo Alberto», por João Baptista Lavanha, in Bibl. de classicos portuguezes, vol. XLIV, p. 30.

de Jesus] e irmãos desembarcar em barcos e levar em rêdes para casa, que são as cadeiras, andas e coches que lá se usam» —[1].

macombeira, macoma

O mesmo que *macomeira*, palmeira do Brasil [2].

—«havia palmeiras bravas... e outras com uma fruta, que em Cuama chamam macomas, e são do tamanho e feição de peras pardas» —[3].

madona

Está muito em moda, não por italianismo, mas por francesismo, dar êste nome ao que os franceses chamam *madonne*, do italiano *madonna*, abreviatura de *mia donna*, «minha senhora». Com aquele vocábulo se denomina uma imajem da Virjem Maria pintada ou em relêvo. É absolutamente inútil o neolojismo, pois em português temos *Nossa Senhora*, que vem a dizer o mesmo, quer orijináriamente, quer nessa especial acepção. Outro neolojismo ainda mais repreensível, e que usam os escritores de poucos melindres com relação a vernaculidade, é o *bom Deus (le bon Dieu)*, quando a locução portuguesa popular, e muito mais expressiva e formosa, é *O Pai do Céu*, que lembra a expressão homérica *Pai dos deuses e dos homens*, PATĒR ANDRŌNTE T'EŌNTE, aplicada a Júpiter.

Mafoma, Mafamede, Mahomet, Mohámmad, Mohámed, Maumete, Mehemet, Mamede, mafomista, etc.

A forma arábica dêste nome, transliterada rigorosamente, representando-se as consoantes por versaletes e as vogais por

---

[1] Padre Gaspar Afonso, «Relação da viajem e sucesso que teve a nao Sam Francisco» (1596), *ib.* vol. XLV, p. 15.

[2] O SECULO, de 12 de janeiro de 1902.

[3] «Relação do naufrájio da nao Santo Alberto», por João Baptista Lavanha, *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, XLIV, p. 76.

minúsculas, é MUHAMMAD, pois em árabe o nome do profeta se escreve com quatro letras e quatro sinais, três para as vogais, e um de reduplicação no M. Procede do verbo HAMA, «louvar», e é dêle um particípio passivo, que significa «louvado».

Quem ouve proferir êste nome a um árabe reconhece haver nele uma consoante que falta às linguas europeias, e que os portugueses imitaram com o *f*, do que resultaram duas formas, *Mafoma*, na qual se conservou a acentuação arábica, na 2.ª sílaba, suprimindo-se o *d* final, e *Mafamede*, em que se manteve o *d*, aumentando uma sílaba, com sacrifício da acentuação rigorosa do nome arábico. Dêste se deriva *Mamede*.

Mohámed, *Muhámmad* são transcrições scientificas; *Mahomet* uma forma afrancesada.

Há também a forma *Maumete*, que se diria aportuguesamento desta, se Camões não houvesse empregado como adjectivo *maumeta*:—«a torpe seita *maumeta*»—.

Mehemet é o modo turco de proferir o nome; contanto que se aspire o *h*.

Como derivados existem em português os seguintes: *maometano*, *maumeta(no)*, *moametano*, *mafomista*.

As primeiras três formas são conhecidas, e a última dessas três é a mais conforme com a escrita *Moámed*, ou *Muhámmad* arábica (MUHAMMAD, Mafoma, Mafamede, Maumete), mas a menos usada em português. *Mafomista* só a encontrei até agora no seguinte passo do «Tratado das batalhas e sucessos do galeão Sam Tiago e da nao Chagas», de Melchior Estácio do Amaral (1604):—«naquelle bemaventurado seculo de mil e duzentos [e XII] em que levantou o Magno Dom Afonso Henriquez... verdugo fortissimo dos Mafomistas»—[1].

Além do adjectivo trissílabo *maumeta*, vemos nos LUSÍADAS (III, 19) o tetrassílabo *maometa*.

---

[1] in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVI, p. 21.

mafua

— «Nas palhotas, a um lado ha a *mafua* (fogão), que consiste em duas pedras chatas, eguaes, enterradas ao alto, e separadas entre si cêrca de um palmo» —[1].

Mas, ¿há de ler-se *mafúa*, ou *máfua?*

mafuco

Termo africano, cafrial evidentemente: — «entregou a bandeira portuguesa que tinha em seu poder e que o tenente Magalhães e Silva restituiu ao mafuco André Loembo» —[2].

maga

Em Caminha, e provávelmente em outras partes do litoral minhoto, dá-se êste nome às «guelras e tripas do peixe que se amanhou».

magareb(e)

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vem êste vocábulo, abonado com João de Barros, e declara-se que é uma oração que os persas fazem a Deus, ao sol-pôsto. O passo a que se faz referência é o seguinte: — «Dizem os Párseos que três vezes basta fazer oração a Deos, pela manhã em nascendo o Sol chamado Sob, e a segunda Dor ao meio dia, e a terceira Magareb ao sol pôsto, porque ellas contém em si toda las partes do dia» —[3].

---

[1] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1892, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

[2] O Economista, de 10 de junho de 1883.

[3] Década ii, livro x, cap. vi.

A palavra indicada, em árabe MAYRAB, quere dizer «poente», e tem no texto um *a* intercalar a mais, separando o *g* do *r*: cf. *caramol* por *cramol* | clamorem.

magarefe

Como quási todos os termos de carniçaria, deve ser de orijem arábica também êste. Tem a significação de um nome verbal de ajente, do verbo YARAF, «cortar». Conforme informação do conhecido prosador e poeta, português, castelhano e francês, José Benoliel, natural de Tánjere, ao cortador de açougue dá-se ali um nome derivado, também com o preficso MA-, do verbo SALAH, «esfolar». Assim parece que os mouros em Portugal não usaram êste, mas aquele. Em castelhano dizia-se em vez de *magarefe*, *matarife*, por influência do verbo *matar*, e hoje chama-se-lhe *jifero*.

magazim

Da mesma orijem que o vocábulo português *armazém* é o italiano *magazzino*, do qual os franceses tiraram o seu *magasin*, que tem a mesma significação de «depósito de mercadorias». A palavra passou para inglês com a forma *magazine*, pronunciada *mágazine*, e nesta língua, além do seu significado usual, adquiriu o de «publicação periódica, de caracter literário, contendo leituras amenas e instrutivas, e adornada de estampas». A palavra inglesa voltou, no primeiro quartel do século passado, a França, onde com esta forma actualmente, ou primeiro com a francesa, designou e designa esta mesma espécie de publicações, às quais modernamente se adicionaram artigos e figurinos de modas, principalmente femeninas.

Na ilha da Madeira o vocábulo inglês *mágazine* tomou a forma *magazim*, no plural *magazins*, e designa *figurinos* e *moldes* para talhar peças de vestuário.

magote

Conforme Júlio Moreira, proviria êste vocábulo directamente do castelhano *mogote,* «monte isolado», que seria o vasconço *muga,* «marco divisório». Tudo isto me parece problemático, excepto que *magote* seja dissimilação de *mogote,* que se derive de *mogo (q. v.)* «monje», nada tendo o vasconço que intervir aqui. Cf. o termo *frade (q. v.),* «colunelo».

maiá

O Suplemento ao Nôvo Diccionário diz ser o nome da língua do Iucatã, na América do Norte. Melhor fôra dizer na América Central.

Acrescenta-se que a ortografia *maya* se não justifica. De certo; mas explica-se, não só por ser a castelhana, como por ter sido a antiga portuguesa, na qual *i* átono entre vogais se escrevia *y,* por ser considerado consoante. O que se não justifica, nem explica é a acentuação errada, pois se diz *maiá,* e não, *máia.*

mainato

Dá-se êste nome na Índia Portuguesa ao indivíduo que lava a roupa. O termo é támil, conforme Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado [1].

mais

Êste advérbio, do latim magis, tem em castelhano a forma *mas,* servindo de advérbio e também de conjunção, equivalente à portuguesa *mas,* que é o mesmo vocábulo, reduzido por ser

[1] Dialecto indo-português de Goa, *in* «Revista Lusitana», VI, p. 82.

proclítico. Ora, o povo não diz *mas*, o que diz é *mais*, quer como advérbio, quer como conjunção; cumprindo advertir que como advérbio se usou em época remota *chus*, do latim plus, e que nesse tempo *mais* era a forma da conjunção *mas*:— «E era muito leterado, mais a donzela chus» —[1].

major-do-reino

—«Alem d'estes postos principaes ha ainda uns sujeitos denominados *majores do reino*, commandantes das guardas do regulo, dando-se alguns reinos o luxo de um *major de infanteria*, que não corresponde a cousa alguma» —[2].

mal

Mal rubro:—«Vaccina preventiva contra o mal rubro ou tabardilho dos porcos» —[3].

Mal branco:—«As vinhas vão dando serios cuidados aos cultivadores, pelo apparecimento do *oidio* ou *mal branco*, nome por que é conhecido pelos lavradores» —[4].

Mal da infusa, em Caminha, a «influença», ou *grippe*.

malápio, melápio

O Nôvo Diccionário remete da primeira para a segunda destas formas, da qual tem por corrutela a outra, dando-lhe como étimo o vocábulo *mel*, que apenas explicaria a primeira sílaba, e é de presumir que seja mera suposição. Como significação atribui-lhe a de—«variedade de pêro dôce» —.

---

[1] Otto Klob, Demanda do Santo Graal, *in* «Revista Lusitana», VI, p. 54.

[2] J. S. Pereira Jardim, Notas ethnographicas sobre Timor, «Portugalia», I, p. 354.

[3] Assucio n.º 787, *in* O Seculo, de 10 de abril de 1901.

[4] O Economista, de 10 de julho de 1894.

A árvore que dá os *malápios* denomina-se *malapeiro*, e d veria ser *malapieiro:* — «Possuo uns malapeiros antigos, q são anneiros *[q. v.]*» —.

Tanto *malapeiro*, como *malapieiro* são omissos nos dicion rios portugueses.

A primeira forma, *malápio*, nas cercanias de Lisboa, e Sarreira e Malveira, por exemplo, aplica-se ao láparo, ou coel adolescente, como fui informado pelo snr. Martinho de Brederod que, com outros termos, o colheu da bôca dos çaloios nes acepção.

malateca

No Alentejo, «herdade pequena»: — «As [herdades] pequ nas distinguem-se pelo diminuitivo de *malatecas* ou *charavi caes*, quando porventura se pretende amesquinhal-as» —[1].

malato

O Nôvo Diccionário define êste vocábulo como — «carnei de meia idade *ou* de um anno, pouco mais ou menos» —.

A informação que tenho é que no Riba-Tejo se dá êste nom ao «borrego de um ano, da criação do ano anterior».

malga

— «As malgas, primeiro vaso que o oleiro do Prado co segue fabricar é a calote de todos os povos primitivos» — Se assim é, ¿porque se lhe não há de chamar *malga*, visto palavra *calote* ter em português outro significado?

---

[1] José da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 275.

[2] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 24

malha, mancha, mangra, mágoa, maua, mácula; mela

Êstes seis vocábulos, que adquiriram sentidos entre si diversos, teem a mesma orijem, são alótropos, formas diverjentes, que entraram na língua em diferentes períodos. A mais antiga parece ser *malha* ¦ *mac'la* (cf. *gralho* ¦ *grac'lum*). *Mancha*, que é comparável a *ancho* ¦ amplum, sofreu a nasalização da vogal, por influência do *m* inicial (cf. *mãe*, em galego *nai*), e em virtude dêsse amparo do *n*, o *cl* passou a *ch*, como se fosse inicial (cf. *chave* ¦ clauem).

Mágoa, que se deve escrever com *go*, e não *gu*, atenta a circunstância de o verbo *magoar* se conjugar *magôa* [1], e não *magúa*, perdeu o *l* intervocálico, fenómeno muito português, mesmo em sílaba átona (cf. *águia* ¦ aquila), e é de introdução posterior aos outros dois alótropos. Quanto a *mácula*, é puro latinismo, copiado do lécsico latino com todas as letras.

A acentuação de todos os quatro vocábulos é, como a latina, na primeira sílaba, por ser breve o *u* da segunda.

Outra forma talvez da mesma orijem é *mangra*, a que corresponde o castelhano *mangla*, como a *regra* ¦ regula corresponde *regla*, e que é definida no Nôvo Dicc. do modo seguinte: — «humidade que os nevoeiros deixam nas espigas do trigo e que as impede de se desenvolvêrem; ferrugem dos trigos; humidade ou orvalho que prejudica os frutos; * (antigo) qualquer doença» —. Creio que todos êstes significados se podem reduzir a um só, «mancha, nódoa».

Como em *mancha*, deu-se a nasalização em razão do *m* inicial.

Outro alótropo é *máua*, isto é *mágoa* sem o *g*, e conforme

---

[1] — Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magôão;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que desta sorte o quis, lhe não perdôão —.
Os Lusíadas, III, 130.

Henrique Lang, TRADIÇÕES POPULARES AÇORIANAS [1], não é raro nos Açôres, e está por êle abonado com a seguinte quadra popular:

—[Eu] já não tenho a quem conte
Máuas do meu coração,
Hei de fazer uma cova,
Hei de enterrá-las no chão—.

Não ficam por aqui os rebentos da palavra latina macula, se aceitarmos a etimolojia dada por Körting [2] a *mela*, o latim *magella*, deminutivo de macula: cf. a forma castelhana *mella*.

malhada, malheiro

O NÔVO DICCIONÁRIO contém cinco inscrições distintas para êste vocábulo, e a meu ver poderiam elas reduzir-se a três: *malhada* ¦ *malho*, *malhada* ¦ *malha*, e a 5.ª do DICC.—«mata de carvalhos já crescidos, mas ainda não adultos»—.

A estas três acrescentarei duas, citando um trecho, que não sei explicar:—«Aveiro, 16... Na segunda feira, pelas 4 horas da tarde foi lançado *[sic]* á malhada d'Ilhavo a chalupa Monica 1.ª»—[3].

—«Desde os tempos de D. Diniz que nos maninhos da serra [de Serpa] fora concedida aos moradores de Serpa permissão para o estabelecimento de fabricas de cêra que se denominaram malhadas. A malhada era constituida pelo conjuncto de dois estabelecimentos: uma cêrca para resguardo das colmeias, e casa para habitação do malheiro que é o encarregado do tratamento das abelhas»—.

Vê-se que a acepção restrita em que ali é tomada a palavra

---

[1] *in* «Revista Lusitana», II, p. 46, e nota [9].
[2] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890.
[3] O ECONOMISTA, de 20 de março de 1892.

malhada foi deduzida da 4.ª apontada no dito dicionário — «cabana de pastores; curral para gado» —[1].

malhal

— «**Malhaes** são bancos ou calços de madeira sobre os quaes assentam as vasilhas nas adegas. Se as vasilhas são toneis, ficam os malhaes entre elles e os canteiros ou baixetes de pedra» —[2]. É termo transmontano, devidamente abonado com um trecho de carta: — «é preciso tambem alguma madeira para os malhaes» —.

malhar

Quere dizer «cair na malha ou rêde»: — «com ella [rêde] se cobre a bocca da cova para o coelho *malhar* á sahida» —[3].

malhete

Malhetes do órgão do peito [4]: peças do tear minhoto.

maloca

Em dois sentidos nos dá o Nôvo Diccionário êste vocábulo: — «grande barraca, coberta de palmas sêccas, habitação de cocamas e outros indigenas da América do Norte; bando de indigenas do Brasil» —. Nenhum dos sentidos está abonado.

---

[1] O Seculo, de 29 de julho de 1906 *(q. v.)*.

[2] Júlio Moreira, Notas sobre syntaxe popular, *in* «A Revista», de 15 de dezembro de 1905.

[3] J. Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, [illegible], p. 98.

[4] Portugalia, I, p. 374.

Há equívoco forçosamente aqui. Ou a palavra pertence aos índios da América do Norte, e tem a significação que lhe é atribuída, correspondendo portanto ao que os Nortamericanos chamam *wigwam;* ou pertence a qualquer vocabulário das línguas indíjenas que no Brasil se falam, e que nenhum parentesco genealójico teem com as da América do Norte.

Aceito pois, até prova em contrário, apenas a segunda acepção, que vejo abonada no passo seguinte:—«Começa o trabalho da conservação do seu tropheu [cabeça de inimigo] neste mesmo local e o acaba mais tarde na sua maloca»—[1]. É possivel porém que o termo se aplique para designar, além de «fracção de uma tribo de índios bravos do Brasil», também a sua vivenda, ou arraial, ficso ou temporário.

malta, maltês, maltesaria, maltesia

Não está averiguada a orijem do primeiro dêstes vocábulos, do qual os outros se derivam, pois a que se lhe atribui, o nome da ilha de Malta, não merece nem discussão nem reparo, emquanto não fôr históricamente demonstrada, e duvido que o possa ser. Significa «matula», e também casa comum, pousada, *casa de malta.*

Maltês se chama ao trabalhador rural vagabundo, que vai oferecer-se às herdades do Alentejo, principalmente. É o que os franceses dialectamente chamam *chemineau.*

Maltesia, conforme o Diccionario Contemporaneo, é um grupo de *malteses;* mas na segunda citação com que me abono o termo é *maltesaria:*—«albergue habitual de mendigos e vagabundos que, no geral do Alentejo são conhecidos por maltezes —a maltezaria acoita-se em albergue proprio, mais ou menos distanciado [da casa de habitação]»—[2].

---

[1] O Economista, de 18 de dezembro de 1889.

[2] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 540.

Maltês é igualmente o nome que se dá a um formosíssimo gato, de côr cinzenta. Bluteau diz que é também nome de uma raça de cães, vindos de Malta. Não sei se os gatos assim chamados vieram de lá.

maluco

— «A propósito de *casuco* [«casinhola», deminutivo de *casa*] recordamos que *maluco* no está autorizado como deminutivo de *malo*, sino en el sentido de natural de las Malucas; encuéntrase sí *malucho*, bien es verdad que esotro no está mal pergeñado» —[1].

mamaltar

Quere dizer «mamoa, montilhão»: — «*mammaltar* é provávelmente *mamma-altar*» —[2].

V. **mamoa.**

mambo

— «Mambo, auctoridade cafreal, governador, administrador» —[3].

mameluco; mamaluco

Estas duas formas são geralmente confundidas num só vocábulo, em que predomina a primeira, com *e* na segunda sílaba; e todavia elas são completamente distintas na orijem e na significação. A primeira, que é a que própriamente tem êsse *e*, que em Portugal serve apenas para articular o *m*, *mam'luco*, é de orijem arábica, MAMLUK, «escravo» ¦ MALAK, «possuir», e quere diner «o que tem dono». Era o nome que tinham os soldados de uma milícia turca, ao serviço do soldão do Ejipto, e que

---

[1] Rufino José Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. 543.

[2] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 47.

[3] Azevedo Coutinho, CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902.

foram espingardeados todos juntos, por ordem do vice-rei Mamede Ali, em 1811, em razão da sua turbuléncia, depois de haverem durante três séculos imposto os seus caprichos e a sua indisciplina aos soberanos do Ejipto. A milícia era composta de indivíduos comprados na Turquia e no Cáucaso, e orçava por dez mil homens.

Bluteau refere-se-lhe longamente, autorizando-se com uma a citação de João de Barros (2.ª DÉCADA), e acrescenta: — «No livro 8 da sua historia, cap. 4. *De incolis Brasiliae*, diz Jorge Marggravo que no Brasil chamão *Mameluco* ao filho de pay Europeo, e may negra» —.

No Suplemento aduz também a forma *mamaluco*, com referéncia à primeira acepção, «soldado».

Assim se foi escrevendo, tanto cá como fora, unindo-se sempre as duas formas, como se a segunda fosse desenvolvimento de significação da primeira; na hipótese absurda de que os rudes bandeirantes e sertanejos do Brasil, meios europeus meios índios, soubessem alguma cousa da história do Ejipto mocelemano, para ali aplicarem semelhante alcunha arábica aos mestiços de branco e índio, e não de branco e negro, como dissera Bluteau.

Teodoro Sampaio, no seu valiosíssimo estudo acêrca do elemento tupi na nomenclatura corográfica do Brasil, destrinçou a meada, declarando perentóriamente que o nome de *mameluco* ou, melhor dito, *mumaluco*, de lá, nada tem que ver com o dos mamelucos do Ejipto; pois, querendo dizer «mestiços», ou «misturados», é a palavra composta nheengatu (ou tupi) *mamã-ruca*, que se decompõe em *mamã*, «misturar», e *ruca* ou *ïruuca*, que quere dizer «tirar», significando o composto — «tirado da mistura» —, ou — «*de procedencia mixta*» —.

E acrescenta: — «Não raro se empregava, entre os tupis a europeus que falavam a lingua geral, o suficso *ûa*, forma contracta de *ruca* ou *Iruuca* para formar nomes indicativos da orijem ou nascimento do individuo» —[1]. O *r* em tupi equivale

[1] O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL, Sam Paulo, 1901, p. 67 e 68.

ao *r* brando português de *caro*, mesmo quando inicial: em tupi não há *l* nem *rr*.

mamoa, mámoa, mamuinha, mamunha

— «Os principaes monumentos sepulcraes d'esta epocha [prehistórica]... são as *antas* e as *antellas* ou *antinhas*, que podem ser cobertas por um montão de terra, chamado pelo povo *mammóa*, *mammúa*, *mâmmoa*, *mammoinha*, *mammunha*, e ainda *mammaltar*» —[1].

manada; manadinha

Esta palavra, que se aplica a rebanho de gado grosso, como bois ou cavalos, não procede de *mesnada*, pois o *s* é letra bem firme em português, mas, conforme J. Leite de Vasconcelos [2], de *manuata* ¦ manu: cf. *janela* ¦ ianuella, *janeiro* ¦ ianuarium. *Manadinha*, no Minho, significa «mancheia».

manchua

Os dicionários dão êste vocábulo como significando — «leve embarcação asiática» —, e o Nôvo Dicc., que traz esta definição, abona-a com a Peregrinação de Fernám Méndez Pinto, e com a Historia tragico-marítima.

Na edição, bem incorreta por sinal, que faz parte da Bibliotheca de classicos portuguezes, vemos porém esta forma com significado muito diverso: — «para desenfastiar da manchua, que é um peixinho muito miudo» —[3].

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Portugal pre-historico.

[2] Revista Lusitana, III, p. 261.

[3] vol. XLV (VI da Hist.), Padre Gaspar Afonso, «Relação da viajem e successo que teve a nao Sam Francisco», p. 9.

mandarim; mandarinete, mandarina

Como êste título de cargo público é empregado pelos europeus sempre em relação à China ou à Indo-China, julgar-se-ia ser êle chinês; creio porém que nunca tal se supôs. A teoria geral, principalmente professada por estranjeiros, é que *mandarim* é um derivado do verbo *mandar;* insustentável doutrina, pois não existe na língua suficso *-im* para derivar de infinitos de verbos substantivos de ajente. O vocábulo é índico, em indostano *mantri,* «ministro», e a influéncia do português consistiu em mudar *-tri* em *dari* pela influéncia do verbo *mandar,* provávelmente: —«Os soldados o cercaram em roda, ficando-lhe no meio e nas suas costas o mandarim regente»—[1].

Um deminutivo de *mandarim, mandarinete* parece designar autoridade de menor categoria:—«o mandarinete que ali vinha, indignado contra André, o ameaçou com uma canga bem pesada»—[2].

O adjectivo *mandarina* dá-se como epíteto à língua, para indicar o dialecto literário chinês, por oposição aos vários dialectos vernáculos do Império:—«aprendendo a lingua, antes duas, a mandarina e a propria da terra»—[3].

mandora, bandurra

O Nôvo Diccionário rejistou êste vocáculo, sem abonação, e eu duvido da sua existéncia em português. O étimo que lhe atribui, latim *pandura,* que é simplesmente o grego PANDOÚRA, deu em português *bandurra,* é possível que por influéncia arábica, *b* por *p*.

---

[1] P. António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 195.

[2] *ib.*, p. 187.

[3] *ib.*, p. 247.

Quanto ao *r* dobrado, confronte-se *guitarra* [KIT'ÁRA, em que se deu o mesmo fenómeno, ou por influência também arábica, ou porque, sendo tomados de ouvido os dois vocábulos, já do grego moderno, a abolição da antiga distinção entre consoantes simples e dobradas fizesse que duplicados fossem aqueles *rr*. Um grego a quem conheci pronunciava sempre *yérrè*, e não *yérè*, a saudação K'AÍRE.

manêlo, manélo

O NÔVO DICCIONÁRIO acentua como a primeira forma, com *e* fechado, e define — «pequena porção de coisas, que pode abranger-se na mão» —.

J. Leite de Vasconcelos acentua *manêlo* [1].

É possível que existam as duas pronúncias, como em *castêlo* e *castélo*. Em sentido especial vemos empregado o vocábulo no trecho seguinte: — «Depois de penteada [a estôpa] fazem-se d'ella pequenos volumes chamados *manelos*» — [2].

manga

Muitas são as acepções em que é tomado êste vocábulo, derivado do latim man(i)ca.

Eis aqui algumas, que ou não estão colijidas, ou não teem sido abonadas:

— «Este apparelho [a arte, ou rêde de sardinha] é formado de um *saco*, de duas redes quadrangulares chamadas *mangas*... São compostas de redes de diferentes malhas, que se chamam — *alcanela, caçarete, regalo, misena* e *claro*» — [3].

— «Ha até herdades que a certa altura estreitam bastante,

---

[1] REVISTA LUSITANA, II, p. 118.
[2] Portugalia, I, p. 371.
[3] P. F. Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 151.

prolongando-se entre duas visinhas. A estes prolongamentos chama-se-lhes *mangas* ou *aguilhões* » — [1]. Dois excelentes termos, que mereceriam entrar na língua comum, para expressar o que para aí se denomina à francesa *enclave*.

Mangas-de-veludo: ave marinha: — « On était entouré de *mangas de veludo*, manches de velours » — [2].

— « Algumas mangas de cavalo » —: « hostes, companhias » [3].

manga, mangueira, mangal

Fruto asiático, que dizem ser um dos melhores do mundo, quando é de boa qualidade: os que tenho comido, provávelmente por não possuírem êste predicado essencial, não sabem senão a resina.

Conforme Yule & Burnell [4], a palavra *manga* foi difundida pelos portugueses, que a remedaram do támil *mān-kai*, « fruto da *mangueira* », a qual se chama *māmarum*.

Como em malaio a palavra dravídica tomou a forma *manka*, que na boca do vulgo se profere *manga*, temos daí derivada directamente a forma portuguesa.

Esta última ponderação tem por base o que a êste respeito disseram os autores do Glossário, e que não estou habilitado a criticar.

Mangal é uma mata de *mangueiras* ou árvores que dão manga; tem outra significação, porém, a de « mata de *mangue* » *(q. v.)*, que é nome de outras árvores muito diversas.

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I. p. 276.

[2] Jurien de la Gravière, LES ANGLAIS ET LES HOLLANDAIS DANS LES MERS POLAIRES ET DANS LA MER DES INDES, Paris, 1890, p. 148.

[3] P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 35.

[4] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896.

mango, mangueira, mangùeira

O Novo Diccionário diz ser *mango* a vara mais curta do *mangual (q. v.)*, e o mesmo diz Francisco Adolfo Coelho, no Diccionario Manual etymologico, a respeito de *mangueira*, ou *mangùeira*.

Joaquim de Castro Lobo afiança, pelo contrário, que *mangueira* e *mango* são o cabo, ou vara mais comprida [1]. Tem razão: *cf.* o castelhano *mango*, «cabo» [2].

mangual

Dizem os nossos dicionários que *mangual* vem de *mango* + suf. *-al*. Seria nesse caso *mangal*, como de *morango*, *morangal*. O vocábulo procede imediatamente do latim manuale { manu, mediante a consonantização do *u* em *gu*, e pequena relação tem com *mango* ou *manga* { manica.

Consonantização análoga é a de *minguar* { minuare, de que os italianos fizeram *menovare*, com *v* por *u*, ao passo que na Península Hispánica foi preferido o grupo *gu* para expressar a consonantização do *u*.

mangue, manga, mangal

É nome de várias plantas do Brasil, que nada teem que ver com a *manga* da India: — «há á proa uma peça feita de manga, madeira do Brasil» — [3].

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 328.

[2] Á tí mañana, a mí hoy,
yo soy punta, y tú eres mango;
este mundo es un fandango,
tú vienes, y yo me voy.
Espronceda, El Diablo Mundo, canto IV.

[3] O Seculo, de 28 de outubro de 1901.

O nome genérico de *mangue* dá-se também às árvores que teem as raízes na água, à beira dos rios, e que em francês se dizem *palétuviers:*—«A repressão no rio, pelas circumstancias especiaes do mangal que orla o rio»—[1].

—«Árvore que forma nas praias salgadas, nos lodos alagagados, junto do mar ou da agua salobra do curso inferior dos rios, matas densas sempre verdes, de um typo particular, denominadas *mangaes*»—[2].

mangustão, mangostão

Esta fruta, que todos os que a comeram declaram ser deliciosa, dá-se principalmente no Arquipélago Malaio, e na língua ali falada chama-se *mangusta,* ou *mangistan,* de onde os portugueses, entre êles Garcia da Orta [3], formaram o nome que lhe deram, e do qual as outras línguas europeias derivaram os seus.

Êste nome é independente do de outra fruta asiática, a *manga (q. v.).*

O plural dado por Orta é *mangostães,* talvez porque, escrevendo *mangostam,* pronunciaria *mangostã.*

manha

A esta palavra, que dantes significava «habilidade» e actualmente só se emprega no sentido de «ardil», dão-se dois étimos; um, o mais aceito, é o latim *mania,* conquanto o significado pouco se lhe acomode; o outro, proposto por Körting [4] é o latim

---

[1] *ib.,* de 19 de maio de 1901.

[2] Conde de Ficalho, PLANTAS UTEIS DA ÁFRICA PORTUGUEZA, Lisboa, 1884, p. 181.

[3] COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA ÍNDIA, Lisboa, II, 1892, p. 161-162, 377-378.

[4] LATENISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890.

machĭna. Para corroborar esta etimolojia temos o francês dialectal *magnier*, «moleiro», de machinarium.

manhã

Em Trás-os-Montes diz-se *manhã*, como antigamente, no sentido em que no resto do reino se diz *àmanhã*, isto é, «o dia seguinte àquele em que estamos». O mesmo acontece em castelhano, onde com a mesma significação se diz *mañana*.

maninho

Este adjectivo é aplicado ora a animais, ora a terrenos, e sempre significa «estéril»:—«Uma das palavras com que se nomeiam os terrenos vagos e incultos *maninho*»—[1]. Aqui está o adjectivo substantivado.

A ser verdadeira a etimolojia proposta por G. Baist [2], um latim *mannus*, «mulo», correspondente ao vasconço *mando*, de que se tivesse derivado o adjectivo *manninus*, o epíteto teria sido primeiro aplicado a animais: ainda hoje se diz *cabra maninha*, e até da mulher estéril,—«que é *maninha*»—.

manjorra

Encontrei esta forma no trecho que passo a transcrever: —«Vallongo, 12... deslocando-se o batente do tambor, que serve de travão, a manjorra recuou com grande força»—[3].

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 117.

[2] Zeitschrift für Romanische Philologie, XIV, 1890.

[3] O Economista, de 14 de agosto de 1892.

¿Haveria aqui êrro tipográfico por *manjarra,* que na localidade substitua o mais usado *almanjarra,* o qual é o mesmo vocábulo sem o artigo AL-? Não ouso afirmál-o.

A forma arábica é AL-MAGARRE, «o pau torto da atafona ou nora, a que se prende a bêsta».

manojo

Êste vocábulo é usado no Alentejo, e é castelhanismo já antigo, visto conservar-se nele a antiga pronúncia do j castelhano, igual à portuguesa; corresponde-lhe na significação e na forma *molho (=môlho),* como aquele, derivado do latim manupl'um, «feixe», mais português, porém, visto haver perdido o *n* intervocálico, e o grupo *cl* haver produzido *lh*, e não *j*.

manta, mantana

Na ilha da Madeira é o nome que se dá ao «milhafre» [1].

mantedor, *mantenedor*

O segundo dêstes vocábulos é indubitávelmente castelhanismo, ao qual corresponde a forma portuguesa *mantedor,* usada pelo cronista Rui de Pina:—«para que a dita Infante [D. Briatiz] em sua vida e por seu falecimento a Senhora D. Felipa sua irmã, ou D. Diogo duque de Viseu, e o Senhor Dom Manuel, seus filhos, com seus alcaides e capitães fossem os sós e principaes mantedores e seguradores das ditas terçarias [territorios neutros, entre Portugal e Espanha]»—[2].

---

[1] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

[2] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CCVI.

manteiga, manteigaria

Conforme Júlio Cornu, provém êste vocábulo de *nattalica* | *natta* [1]. De todos os étimos propostos é êste o mais aceitável, não obstante a troca de *n* inicial em *m*, a qual não é muito explicável, podendo dizer-se raríssima.

Manteigaria é um neolojismo bem feito, e significa «o local, ou estabelecimento, em que se fabricam manteigas»:—«Nem aproveitavamos o leite magro nas manteigarias para o fabricar [o queijo]»—[2].

mão

Este vocábulo, por desenvolvimento de significado, é talvez o que em português tem maior número de acepções, já só, já acompanhado de epítetos.

Aqui estão dois, da segunda categoria, que suponho não haverem sido rejistados em dicionários.

Em Trás-os-Montes denomina-se *mão-francesa* o que chamamos *viga*; *mão-da-barca* é o «cabo da rede».

mapira

—«Uma bebida extraída de mapira [sorgo] branca, a que chamam pombe»—[3]. África Oriental.

mapô

No Daomé dá-se êste nome a um bordão, entortado em uma das pontas em forma de cajado, e coberto de ornatos de prata.

---

[1] Grundriss der romanischen Philologie, I, p. 763.
[2] D. Luís de Castro, *in* Diario de Noticias, de 10 de maio de 1906.
[3] Jornal das Colonias, de 30 de maio de 1903.

Mandam-no como sinal de saudação, e usam-no como se fosse um cetro [1].

marar, merar

Significa «matar», como termo de jíria: é o caló *marar, merar,* que tem o mesmo significado: — «*Já o marei,* como quem dissesse que já o tinha ferido de morte» — [2].

O Nôvo Diccionário já rejistou o vocábulo, sem abonação nem étimo.

É provável que passasse de Espanha para cá, pois *marar, merar,* que também significa «morrer, fenecer», entrou na jíria castelhana actual com a forma *remarar,* «acabar, morrer» [3].

marasca

O Nôvo Diccionário declara que êste nome designa — «variedade de cereja azeda, que serve para o fabrico do marasquino» —. Não me consta que exista em Portugal a variedade de cereja amarga (e não, azeda), de que os italianos fabricam o *marasquino,* ou, como nós dizemos, *marrasquino,* e que se denomina em italiano *marasca,* por *amarasca,* derivado de *amaro,* «amargoso».

Marasca, com *ciliegia,* «cereja», subentendido, quere dizer pois «(cereja) um tanto amargosa».

---

[1] *V.* Carlos Eujénio Correia da Silva, Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá, em 1865, Lisboa, 1866, p. 30.

[2] O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

[3] Rafael Salillas, El delincuente español, Lenguaje, Madrid, 1896, p. 215.

marçalino

Êste adjectivo popular significa «pertencente ao mês de março», e não está rejistado em nenhum dicionário:—«Lua marçalina, se pega a chuva, temo-la para um mez»—[1].

mareiro

Êste adjectivo, muito usado como significando «do mar», por oposição a *terral*, com relação ao vento, não figura nos dicionários, portugueses:—«dada a extensão da zona em que são os mesmos os effeitos dos ventos mareiros»—[2].

marfim

Esta palavra adquiriu modernamente uma acepção especialissima, pois serve para designar uma qualidade de queijo:—«o queijo realmente primoroso denominado «Marfim», typo Camembert d'uma parceria de agronomos nossos»—[3].

Maria-das-pernas-compridas

É uma expressão popular engraçada para designar a «chuva».

marimbas

—«Em alguns prasos de Sena, e sobretudo em Tete, ainda os cypaes usam marimbas, formadas com reguas de madeira

---

[1] Marcelino de Mesquita, O TIO PEDRO.
[2] Portugalia, I, p. 93.
[3] D. Luís de Castro, *in* DIARIO DE NOTICIAS, de 10 de maio de 1906.

(umas 20) sobre cabaças, sendo o conjuncto ligado e formando uma especie de meza, transportada... ao pescoço do tocador» —[1].

Não inclui aqui êste vocábulo como inédito em dicionários portugueses, mas sim para o explicar. Dizemos *marimbas* e não *marimba*, porque o vocábulo *marimba*, tanto em quimbundo, como em outras linguas cafriaes, quer da costa ocidental, quer da oriental de África, é plural, pertencendo à classe dos nomes que, não tendo preficso especial no singular, recebem o preficso *ma-* para indicação do plural, que também poderia ser *mirimba*.

mariquinhas

Em Caminha dá-se êste nome ao mal-me-quere branco.

marisco, marisca

Como adjectivo, vêmo-lo na designação de uma variedade da truta, na locução *truta marisca*.

marmelo

Em Sam Miguel dos Açôres: bebedeira [2].

marnel, marnota, marnoto, marnoteiro, marnotal

O Nôvo Diccionário rejistou o termo *marnoto*, como significando o «homem que trabalha nas marinhas do sal», o que tam-

---

[1] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905. *V.* Henrique de Carvalho, Expedição ao Muatiânvua, Ethnographia, Lisboa, 1899, p. 368.

[2] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

bem fêz com relação a *marnota*, que, como o CONTEMPORANEO, relacionou com *marnel*, «campo alagadiço», e sem dúvida é certo. Outro tanto não direi a respeito da relação que estabelece entre êstes vocábulos e *marna*, por *marga*.

Marnoteiro, «o individuo que aparelha os tabuleiros onde se fabrica o sal», figura em ambos os dicionários, mas em nenhum dêles o adjectivo *marnotal*, que foi empregado no seguinte trecho:—«Dizem de Aveiro: «O tempo vario, mas predominando o de caracter invernoso, tem atrazado os trabalhos marnotães»—[1]. Quere isto dizer «os trabalhos das marnotas». É um neolojismo individual, que o lecsicógrafo tem o dever de rejistar, mas que é bem pouco feliz; nasceu da preocupação que muitos escritores modernos teem de que, a par de cada substantivo, há de haver um adjectivo, bem ou mal formado, que lhe corresponda.

marocha

—«Barrancos... attrahidos pelas bellas espanholas, ou *marochas*, nome por que são conhecidas»—[2]. Em Barrancos toda a gente fala castelhano: é possível que seja termo provincial espanhol; não figura, porém, no DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA DE LA LENGUA, edição de 1899. ¿Será deminutivo de *Maria?*

marrar, marrado

O adjectivo participial pressupõe um verbo *marrar*, que não sei se existe neste sentido:—«Affirmam-nos que se está vendendo em varias tabernas da cidade vinho marrado, absolutamente improprio para consumo»—[3].

Qual seria o significado do adjectivo é o que não sei informar.

---

[1] O ECONOMISTA, de 28 de abril de 1889.
[2] O SECULO, de 6 de dezembro de 1900.
[3] COMMERCIO DE VISEU, *in* «O Economista», de 28 de agosto de 1888.

marrei

Futuro do verbo arcaico *maer* | *mãer* | manēre, diferente de *marrei*, pretérito do verbo *marrar* [1]. Cf. o castelhano *querré*, «quererei», de *querer*.

marrucate

No Alentejo tem êste nome o pão de centeio que se dá, molhado em água e leite, aos cães e ao gado.

martelo, marteleiro

—«O paiz está cheio de mixordias, abarrotado de vinho a martello... Sabem os poderes publicos, porque conhecem e convivem com os marteleiros»—[2]. O sentido de *vinho a martelo* é evidente: quere dizer «vinho aldrabado», e a locução *a martelo* já pertencia à lingua comum, querendo dizer «à fôrça», «sem dever ser».

(baile de) mascarado

Em Portugal chama-se *baile de mascaras* ao que os franceses chamam *bal masqué*.

No Brasil, ao que parece pelo trecho seguinte, é usado o galicismo *baile de mascarado*:—«Na cidade do Rio Preto, provincia de Minas Geraes, houve no domingo do carnaval um grande baile de mascarado»—[3].

---

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, III, p. 172.

[2] DIARIO DE NOTICIAS, de 10 de agosto de 1903.

[3] O ECONOMISTA, de 5 de abril de 1889, Correspondencia do Brasil.

mascate, mascatear

O Diccionario Contemporaneo define êste verbo como brasileiro, com a significação de — «vender fazendas pelas ruas» —, *mascate*, como também brasileiro, significando — «vendedor ambulante» —. Não dá abonação. Eis aqui uma do verbo: — «Este homem [um arabe] disse mais, que andando ha dias a mascatear em Itapemerim, Estado do Espirito Santo» —[1].

Vê-se bem que o verbo procede do substantivo *mascate*, e que êste não é mais que o nome da cidade de Mascate na Arábia, tomado na acepção, primeiramente, de um habitante dela, e depois, de um mouro asiático qualquer, que exerce comércio de venda ambulante.

mascoto

Peça da fula, ferramenta: — «A *fulá* é uma operação feita nos engenhos chamados pisões ou mascotos» —[2].

masmorra, mazmorra, matmorra, matamorra

Destas três formas a única usada hoje é *masmorra;* a segunda, *mazmorra*, durou emquanto, ao menos gráficamente, se distinguiram com rigor *z* de *s* medial, *ç* de *s*, *ss*. A última, *matmorra*, é a que mais fielmente representa o seu étimo arábico MATMURE, «subterráneo», própriamente «silo», ou cavidade subterrânea onde se arrecadam os cereais, mas que também servia de cárcere. A mudança do *t* em *z* e depois em *s* foi devida a não serem grupos portugueses os de *tm*, (cf. o popular *logarismo*, por *logaritmo*). Na forma *matamorra*, que se não tornou vulgar, evitou-se o grupo peregrino intercalando a vogal *a* entre o *t* e o *m*.

---

[1] O Economista, de 20 de novembro de 1890.

[2] Portugalia, I, p. 377.

Eis aqui uma boa definição do termo, na sua primitiva significação: — «São as mazmorras umas covas grandes em que os mouros recolhem os cativos de noute pelos terem mais seguros, e tem uma só boca por onde decem a ellas» — [1].

Diferiam portanto das *séjanas (q. v.)*, que eram simples prisões, sem tamanhas cautelas.

O passo refere-se à Barbaria.

massarete

Dança de pretos, assim chamada em Marromeu, na África Oriental Portuguesa [2].

massolar, massolado

Nenhum dicionário traz êste verbo, ou o seu particípio, e é duvidoso se a escrita com *ss* é certa, ou se deverá ser com *ç*: A significação é «quebrar», *quebrantar*, como se diz em castelhano. — «8. O Marquez que foi de Tavora Francisco de Assis, Inspector e Director da Cavallaria do Reino: Morreu rodado e massolado vivo» —.

Com esta sobriedade se dá notícia dessa cruel morte inflijida por instigação do Marquês de Pombal, e mandada executar com a assinatura do inepto e perverso rei Dom José I. O documento intitula-se assim: — «Relação das 11 pessoas que foram punidas pela infame conjuração contra a Fidelissima Pessoa e preciosissima Vida do nosso beneficentissimo Monarcha o Senhor D. José I, Na praça do Caes de Belem, em 13 de Janeiro de 1759» — [3].

Quem se empenha agora por erijir um monumento ao ferino Marquês deveria erguê-lo naquela praça, dando-lhe por pedestal

---

[1] Jerónimo de Mendoça, JORNADA DE ÁFRICA, I, cap. VI.

[2] JORNAL DAS COLONIAS, de 18 de julho de 1903.

[3] COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, 1756-1762, p. 605.

o patíbulo dos onze supliciados, que foram reconhecidos inocentes por sentença posterior, tanto ou mais lejítima, pois não foi o pavor que a ditou, do que aquela por que foram condenados aos mais espantosos e barbaros tormentos.

Muito podia a adulação vilissima e servil, para alcunhar de beneficentíssimo, com outros superlativos, o autómato coroado, espécie de manipanso europeu, que sómente servia para impôr a chancela da sua autoridade à vontade suprema do Marquês, cuja memória se não lavará jamais da repugnante nódoa que aquelas atrocidades inúteis e já extemporáneas lhe deixaram, quaisquer que sejam os serviços que à nação prestou, e por grandes que fossem, como foram de facto, a sua enerjia, e o seu talento e tacto administrativo.

Naqueles tempos ominosos a adoração convencional pela pessoa do rei era levada a extremo tam insensato, que o tradutor espanhol do TRATTATO DEI DELITTI E DELLE PENE, do benemérito César Beccaria, no qual todos os castigos corporais, todas as torturas e as mortes afrontosas haviam sido eloqùentemente condenados, dizia no Prólogo: — «á fin de conservar ilesas las sagradas personas é inmunidad de los Soberanos, no hay pena que pueda llamarse excesiva. El suplicio mas estudiado, queda muy inferior para satisfacer la naturaleza de tan exêcrables acciones» — [1]. Sem esta vilania, não lhe permitiriam a publicação.

O covarde tradutor sujeitou-se a alienar assim toda a influência benéfica da obra imortal do generoso advogado italiano.

mata-bicho

Diz-se, não só em português, mas, pelo menos também em francês, *matar o bicho (tuer le ver)*, por tomar, em jejum, qualquer bebida, alcoólica, em geral.

---

[1] TRATADO DE LOS DELITOS Y DE LAS PENAS, traducido del italiano, por D. Juan Antonio de las Casas, Madrid, MDCCLXXIV.

A expressão passou à África Portuguesa, denominando-se *mata-bicho,* naturalmente, já, na bôca de pretos. Desta acepção, «oferta de bebida», passou a locução a adquirir o significado de «dádiva», e é de presumir que os indíjenas africanos, conquanto falem melhor ou pior português, a empreguem sem saberem o valor exacto, nem do total da expressão, nem da oportunidade do seu uso. Assim, denomina-se na África *mata-bicho* um mimo, mais ou menos voluntário, mas já costumeiro, independente do preço da permuta de géneros, ou prestação de serviços. Em Sam Tomé dá-se êste nome a um presente de roupa, feito anualmente a cada preto contratado para o trabalho das roças.

matapulga

Êste substantivo composto, ligado tam intimamente, que o primeiro elemento perdeu a acentuação própria, significa em Trás-os-Montes certa herva do mato, de que se fazem vassouras.

Assim fui informado por indivíduo natural de Mirandela, que profere a palavra *matapúlga,* e não, *máta-púlga,* devendo conseguintemente escrever-se sem linha divisória. Veja-se, sôbre o emprêgo sistemático do hífen o que disse na minha Ortografia Nacional [1].

maticar

O Nôvo Diccionário traz êste verbo num sentido em que o não conheço:—«dar signal, latindo, (falando-se do cão que vai na pista da caça)»—. O significado seguinte está abonado e expressamente definido: «barrar, rebocar com barro»:—«São elles que constroem o madeiramento e cobertura das palhotas, e as mulheres que lhes maticam as paredes—*Maticadas*—Forradas com barro»—[2]. Ignoro se o termo é só africano.

---

[1] Lisboa, 1904, p. 182, 192, e principalmente a p. 213.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Baruê em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de junho de 1904.

mato, mata

Esta palavra, com dois géneros, que lhe diversificam subtilmente a significação, é de orijem até agora não bem averiguada, pelo quê não sei com que fundamento os lecsicógrafos mais casuistas, como lhes chamou o brasileiro Morais, a escrevem com dois *tt*. Na ortografia aqui seguida, da qual bani as letras dobradas inúteis para a pronunciação, vai escrita com um só *t* sem mais discussão, que por êste motivo fôra descabida.

Mata implica a idea, mais ou menos explícita, de «bosque artificial», e assim dizemos a mata do Buçaco; *mato*, não sómente a de «selva natural», mas também a de «espessura de arbustos ou hervas altas», e por isso se diz *mato rasteiro*, para se diferençar de *mato grosso*, que quere dizer «selva basta» de árvores de porte alto e de nascença natural, sem intervenção intencional humana. *Mato-grosso* é, como se sabe, o nome de uma província do Brasil, e o nome foi-lhe dado no tempo do seu descobrimento, em atenção às densas selvas que a cubriam.

António Francisco Cardim empregou *mato* no sentido acima exposto: — «ficando-lhe pela parte do poente um mato bravo» — [1].

No calão dos ladrões do Pôrto, *a grande mata* é «Lisboa», *a segunda mata*, «o Pôrto» [2].

matula, mátula, matulo (?); matilha

Além de outras, tem duas acepções distintas a palavra *matula*, ou melhor, há duas dições diversas que se reduziram a uma única forma, visto que seria difícil, se não impossível, que um significado fosse desenvolvimento de significação, ou emprêgo figurado do outro.

Matula significava, e não sei se ainda em qualquer parte do

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 215.

[2] O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

reino significa, «torcida»: — «Muitas alquatifas estendidas e dous castiçaes daquelles del-Rey muito grandes, e estavam acesos em cima delles huns candeeiros grandes de ferro com azeite ou manteiga, e estavam quatro matulas em cada candeeiro... e estes mesmos candeeiros costumam elles trazer por tochas» — [1].

Êste trecho oferece interêsse, não só pelo vocábulo citado, mas ainda pelo emprêgo de outros dois *castiçal* e *candeeiro*, no sentido que teem actualmente: isto é, *castiçal* (já mencionado num documento de 1283 [2] e cujo étimo é desconhecido) no de «suporte para uma luz», *candeeiro*, no de depósito de oleo ou gordura, com a competente torcida, que era a *matula*. É sabido que em outras línguas románicas a palavra correspondente a *candeeiro*, *candelero* em castelhano, *chandelier* em francês, por exemplo, designam o que chamamos *castiçal*. O Suplemento ao Nôvo Diccionário rejista *matulo*, no mesmo sentido, mas não o abona, pelo que suponho ser êrro tipográfico.

Eis aqui outra abonação de *matula* com significação de «torcida»:

— Emprestai-me do azeite,
Que se me seca a matula — [3].

Quanto a outras *matulas*, mais duas, direi o seguinte:

Matula, termo brasileiro, definido no Nôvo Diccionário como significando — «farnel, alforje» — é para mim novidade e ignoro a orijem dêle.

Matula, do mesmo dicionário, com o significado de — «vaso em que se urina» — é vocábulo latino, e deve acentuar-se *mâtula* (matŭla), o que das Erratas consta.

Ninguém o emprega já, a não ser como termo de arqueolojia.

Quanto a *matula*, no sentido de «súcia, ajuntamento de gente

---

[1] Roteiro da viagem de Vasco da Gama, Lisboa, 1861, p. 63.

[2] Inventario do tesouro da igreja de Santa Maria, de Guimarães, in O Archeologo portuguès. x, 135.

[3] Gil Vicente, Pranto de Maria Parda.

infima e perversa», é igualmente desconhecido o seu étimo, como o é o de *matilha* de cães, e também, no norte, de «malfeitores». ¿Haverá conecsão entre os dois vocábulos?

mauindo

O Suplemento ao Nôvo Diccionário escreve — «**mahundo**, ou antes **maúndo**» —. Nem uma cousa, nem a outra: é *mauíndo*, plural de *riuindo*, que em quimbundo é o nome do pulex penetrans [1], ou *bicho-do-pé*. Passou portanto ao português com a forma do plural, em vez da do singular, talvez por ser aquela mais freqüente.

maxunguzo

— «N'esta visita (maxunguzo)» —[2]. É termo cafrial, usado em Marromeu.

meã, meão

Esta forma femenina do adjectivo *meão* (do latim medianu- mediana- { medium, «meio») é substantivado em Trás-os-Montes no sentido especial de designar uma peça do mangual: — «Em Trás-os-Montes dá-se o nome de *casulo* a um gancho de ferro do mangoal, e o de *meã* a uma das correias» —[3].

mealha, mealho (mialha, mialho)

— «A meio do orreiro *[q. v.]* ha uma pequena cavidade onde entra uma placa de ferro quadrada; é a *mealha* — n'este

---

[1] Joaquim da Mata, Ensaio de Diccionario kimbúndu-portuguez, Lisboa, 1893.

[2] Jornal das Colonias, de 20 de junho de 1903.

[3] F. Adolfo Coelho, Portugalia, I, p. 645.

[o orreiro] há inserto n'uma pequena cavidade um quadradinho de ferro denominado *mealho* » —[1].

Pelo que se leu, parece serem uma só cousa o *mealho*, e *a mealha*. Estão ambos os vocábulos escritos com *ea*, conquanto certissimamente pronunciados *miálha, miálho*. Se procedem de *mediaculum*, assim devem ser escritos; se não, é preferível o *i*.

mecha

As únicas acepções portuguesas dêste vocábulo, que nos veio do francês *mèche*, «pavio, torcida, morrão», «madeixa», são os três primeiros, ou outros com êles intimamente ligados na significação e na serventia, e jamais o do último, ou o de *meada*. É portanto galicismo censurável o emprêgo que desta palavra se fêz no trecho seguinte, a não ser, o que não creio, que localmente a palavra *mecha* haja adquirido a significação que se lhe atribui nele:—«Na machina de pentear... formam-se as «mechas» de linho» —[2]. Quis-se dizer, sem dúvida, as *meadas*.

Conquanto a *mèche* se atribua como orijem myxa, ou myxum, «bico da candeia», estou inclinado a supor que o étimo da palavra francesa é o mesmo que o da portuguesa *madeixa*, a qual provém de metaxa ou mataxa, isto é, *matacsa*, «trança, entrançado», com vocalização do *c* em *i* e palatalização consequente do *s* em *x*, e do *a* em *e*: cf. *seixo* { saxum=*sacsum*.

meda: *méda, mêda*

Não está ficsado o valor do *e* dêste vocábulo na língua comum, isenta de particularidades locais. Quási todos os autores se limitam a escrever *meda*, deixando ao leitor a faculdade de pronunciar como lhe aprouver. Outros, porém, como para advertirem quem ler, acentuam *mêda*, ou *méda*. Camilo Castelo Branco

---

[1] J. Núnez, Moinhos, *in* Portugalia, I, p. 388 e 389.

[2] Diario de Noticias, de 11 de junho de 1903.

acentuava *mêda*, como o acentua o Nôvo Diccionário, e um periódico da Guarda citado no jornal O Economista, de 10 de novembro de 1887, escreveu Villa de Mêda. Na excelente publicação intitulada Portugalia, em um estudo referente ao Alentejo, vemos *méda*:—«Antigamente havia ainda as médas de lenha, nucleo de pyramides mouumentaes, que de lonje chamavam a attenção do viandante»—[1]. Vê-se que no Alentejo, como em geral no sul, predomina o *e* aberto neste vocábulo, ao passo que no norte o *e* fechado é talvez o único a ser nele pronunciado. O Diccionario Contemporaneo acentua *méda*; assim fizera J. Inácio Roquete, e assim fêz F. Adolfo Coelho. Bluteau não acentua.

Se a palavra procede, como se diz, da latina mēta, o *e* deveria ser fechado, como em *cêra* ⟨ cēra; mas o valor do *e*, como o do *o*, acentuados, tem outras muitas leis a que se subordine, para concluirmos que a melhor pronúncia, isto é, a dominante, seja *mêda*. (*V.* **medo**).

medalhística; numismática

É um neolojismo e significa «estudo de medalhas», «colecção de medalhas para estudo». A palavra é híbrida, mas na realidade não me ocorre outra mais bem feita com que a substitua:—«a medalhistica portuguesa está actualmente devendo valiosos estudos»—[2].

Numismática tem acepção mais lata, pois abranje a medalhistica, e o estudo das moedas.

mediável, medicável (?)

Não é fácil descortinar o sentido em que o Padre António Francisco Cardim empregou êste adjectivo no trecho que passo a

[1] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo.
[2] O Archeologo português, vol. xi, p. 80.

transcrever:— «No mar desta ilha [de Áinão] se pescam aquelles prodigiosos caranguejos, que, estando no mar, vivem, comem, andam como qualquer outro vivente; tirando-os do mar, ficam pedra; são muito mediaveis; alguns levei á Europa, e de um se ajudou o padre Casimiro, então de nossa Companhia de Jesus, depois cardeal da santa Egreja romana, hoje rei de Polonia, estando doente em Loreto, no anno de 1645» —[1].

O sentido parece exijir o significado que hoje damos a «medicinal»; mas a forma? ¿Haverá êrro de impressão, ou de cópia, ou de leitura do manuscrito (e alguns mais se encontram, evidentes, na edição), e teremos de ler *medicaveis?*

medo, medorro, modorro, modorra, madorra, medão, médão

A segunda destas formas lê-se no trecho seguinte:— «terreno... formando pequenas e numerosas encostas, portellos e medorros» —[2].

A quarta figura no Elucidário de Viterbo e vemo-la no Nôvo Diccionário:— «(aut.) monte de pedras miúdas ou cascalho. (Por *medorra*, de *médo)*» —. A respeito de *medo*, diz o mesmo dicionário:— «monte de areia, mais ou menos prolongado, e formado pelo vento, nas vizinhanças do mar, duna (Cp. *medam)*» —. De *medam* (isto é, *médão)* nos tinha dito antes:— «o mesmo que *médo* (Cast. *médano)*» —. O *médano* castelhano é definido, no Dicionário da Academia, assim:— «(Del lat. *meta* hacina) **Duna.** Montón de arena casi a flor de agua, en paraje en que el mar tiene poco fondo» —[3]. Bluteau abona a palavra *medão* com autores que a empregaram no plural *medãos*, o que nos não resolve a dúvida sobre se a acentuação é na primeira sílaba, ou na segunda, como a marca Roquete e o plural *medões* parece indicar:

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 228.

[2] Manuel Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Môfreita, *in* «Revista de Educação e ensino», 1891.

[3] Madrid, 1899.

— «Entre Douro e Neiva avultam os medões de Avel-o-mar» —[1]. A omissão da forma *medão* no Nôvo Dicc. denota que o autor acentua *médão*. Junte-se a isto a singularidade de no mesmo dicionário se acentuar *médo* e *mêda (q. v.)*, e concluir-se há que os dois vocábulos dão para uma vasta monografia.

meiogo, meógoo, meogo, meago, amago, ámago

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2] deriva a primeira destas formas de medio e loculo, reunidos em um só vocábulo, e com a perda conseqüente não só do *d*, mas ainda do *l*. De meiogo se deduziu a forma *meiago, maago* e desta deriva Júlio Cornu [3] *ámago*, que a douta romancista lhe põe em dúvida em atenção à deslocação do acento. É de notar que Bluteau o não acentua gràficamente.

¿Mas quem nos diz que a acentuação que damos agora a êste vocábulo, *ámago*, é certa? Êle deixou há muito de ser vulgar, e é possível que os literatos, que o foram desencantar em livros velhos, lhe mudassem a acentuação, como fizeram a *pántano* por *pantano (q. v.)*, a *mester* ou *mister*, que já foi moda acentuar *mister*, e a muitos outros, que deturpam a seu bel-prazer, porque a pronúncia popular os não pode já corrijir, em razão de serem vocábulos fora do uso comum.

Tenho pois todas estas etimolojias por certas, e por errada a acentuação *ámago*.

É evidente que o castelhano *amago*, «ameaça», seja, ou não, certo o étimo árabe que lhe dão, é outra palavra.

meirinho, *merino*, merinó

Tanto no sentido do substantivo, «empregado judicial», como no adjectivo *meirinho*, substantivado, *meirinho*, «casta de uva

[1] Portugalia, I, p. 610.
[2] Revista Lusitana, III, p. 150.
[3] Grundriss der romanischen Philologie, I, p. 776.

preta da Beira-Alta» (Nôvo Diccionário), ou «carneiro *meirinho*», é êste vocabulo contracção de *maiorinho*, deminutivo de *maior*.

Na última acepção tem-se-lhe hoje substituído, sem razão, o castelhano *merino*, que é a mesma palavra.

Ao tecido feito com lã meirinha chamaram os franceses *merino* (=*mêrinô*), que em tempos passou a português com a forma *merinó*, substituída ao depois por *merino*.

Eis aqui três abonações de *meirinho*, equivalendo ambas ao castelhano *merino*:

«Também nós fazemos pano
Da lã das ovelhas meirinhas» [1].

E mil ovelhas meirinhas [2].

¿Tendes vós aqui borel
De pardo de lã meirinha? [3].

Cf. *moiral*, contracção de *maioral*.

mela, melar; remela, remelar

O Diccionario Contemporaneo, copiando outros anteriores, define o vocábulo *mela* como sendo o nome de uma — «doença que ataca o trigo» —, e — «lacuna em branco n'uma escritura» —.

Evidentemente o significado primordial não é nenhum dêsses. Morais e Silva [4] acrescenta — «calva parcial» —, «falta de cabelo» e atribui-lhe origem espanhola, o castelhano *mella* (=*melha*), que não só nada adeanta, mas tem poucas probabilidades de ter passado para cá, com a pronúncia alterada: cf. *cavo-*

---

[1] Rodriguez Lobo.
[2] Gil Vicente, Trajicomédia da serra da Estrêla.
[3] *Id.* Auto da Feira.
[4] Diccionario da lingua portugueza, Lisboa, 1823.

lheiro ¦ *caballero, estribilho* ¦ *estribillo* ¦ *estribo*. Com efeito, a palavra castelhana *mella* tem as acepções da portuguesa, e além delas a de *hueco*, «cova, por falta de dente», por exemplo, bem como as de «falha, mossa».

Quanto ao étimo da forma castelhana (e da portuguesa), o Dicionário da Academia Espanhola sujere malleare, inadmissível fonéticamente, não mais, porém, que o proposto por Baist [1], (ge)mella, inaceitável, em razão do sentido.

O que maiores probabilidades tem a seu favor é um latim *magella*, por *macella*, forma deminutiva correspondente a macula; cf. *catella* por catula ¦ *cadela, fivela* ¦ *fibella*, por fibula, etc. Os deminutivos em -ellum, -ella eram, na verdade, raros no latim clássico, mas foram freqüentes no popular, como o atestam as línguas románicas, que tantos herdaram. Dêste modo, além das formas diverjentes *malha, mágoa, mancha* ¦ macula, teríamos mais a rejistar esta, *mela*, castelhano *mella* ¦ *ma(g)ella*: a única dúvida está naquelle *g* por *c*, que fica sem explicação plausível. Em todo o caso, o significado primitivo do vocábulo, tanto em português, como em castelhano deve de ter sido «nódoa», e assim se explica o que tem o verbo *melar*, quando aplicado a flores ou fôlhas, pois dizemos que uma pétala está *melada*, quando apresenta manchas, que indicam estar a murchar.

O étimo *mel*, que já foi lembrado é absurdo, visto que em castelhano se diz *miel*, com ditongo e *l*, e não *e* e *ll*.

Na Revista, periódico semanal portuense, tem o snr. Júlio Moreira publicado umas interessantíssimas notas sôbre sintasse popular, e no número de 15 de dezembro de 1905 deu à estampa a carta de um transmontano, colijindo e explicando a seguir vários termos pertencentes à pitoresca linguajem ali empregada. Entre êles vem o verbo *remelar*, assim definido pelo douto filólogo:—«diz-se de uma pipa ou tonel quando verte

[1] *apud* Gustavo Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1890, n.º 3639.

alguma coisa, apresentando apenas humedecida a madeira no logar por onde sae o vinho, sem que se veja gotejar: Formado de *remela* » —. Não nos dizendo em que sentido toma êste substantivo, presumo que seja no vulgar de « humor ressequido nas extremidades das pálpebras e no lacrimal ». Eu creio, pelo contrário, que tanto o substantivo *remela* como o verbo *remelar* procedem de *mela*, na acepção, que, como vimos, é primordial, de « mancha », pois o étimo já proposto para *remela* { lamella é inaceitável, atenta a raridade da dissimilação entre *l* e *rr* vibrado. *V.* **malha**, a páj. 97 (t. II).

melão, meloa, melancia, balancia

Todos sabem o que é um *melão*, e sôbre a deliciosa fruta que êste nome designa não creio que haja diverjéncia de opiniões. Já assim não acontece com a sua fémea, a *meloa*.

Conforme o Nôvo Diccionário é — « melão grande » —. Em oposição a êste parecer, vemos na Gazeta das Aldeias que as *meloas* são — « variedade de melões pequenos e redondos » —[1]. Por outra parte, pessoa da Chamusca, dessa famosa pátria dos bons melões, onde *a terra é boa e a gente é fusca*, diz-me que lá se chamam *meloas* uns melões, grandes ou pequenos, redondos ou sôbre o comprido, de casca branca ou esbranquiçada listada de escuro.

Três opiniões diversas, a última das quais é a menos vaga, e se funda na côr da casca, sem alusão a tamanho ou forma.

Em relação a *melancia*, que tomou êste nome culto em substituição do verdadeiro e popular *balancia*, de orijem problematica, é evidente que o seu rival, o *melão*, influíu para a crisma, que é relativamente moderna, e não é geral entre o povo.

Esta fruta *apoasa*, « aquosa », assim a baptizam os romenos, que lhe chamam *harbuz*, como outros povos orientais europeus,

[1] de 5 de agosto de 1906.

nuda de nome de terra para terra, às avessas do seu compadre *melão*, que assim se denomina, com pequenas alterações de terminação, em todas as partes da Europa onde êle se dá, quero dizer, onde êle se cria e se vende, porque dado não me parece que o seja em parte nenhuma, por uso e costume.

À *melancia* chamam os espanhóis *sandía*, nome mouro que, segundo Dozy, quere dizer *do Sinde*, na Índia, em árabe SINDIE [1].

Bluteau, que já traz a forma, hoje tida por culta, *melancia*, não deixou de mencionar a popular *balancia*, à qual dá por étimo *balança*, por alusão ás duas metades em que ela se pode partir, seccionando-se no sentido da largura, e remedando assim dois pratos de balança. Nenhuma plausibilidade tem a etimolojia, pois se lhe opõe, entre outras razões, até o modo, pelo qual usualmente se cortam as melancias, em talhadas, ao comprido, deixando-se em pé no meio delas o *castelo* com a sua guarnição de pevides.

Nenhum outro lesicógrafo sujeriu, porém, até agora qualquer étimo aceitavel, para êste vocábulo, só português.

Melão em sentido especial, vemo-lo no seguinte passo:

— «O que vulgarmente chamam *melão* do cavallo é o symptoma que em medicina se chama alopécia [calvície], que tanto pode apparecer na sarna, como no eczema, como na tinha» — [2].

meleante, meliante

A escrita ordinária dêste vôcábulo, cuja significação é «vadio de maus costumes, e mesmo larápio», é com *i*; todavia como o castelhano correspondente é *maleante*, ainda que pouco usado hoje em dia, parece que mais correcta ortografia será *meleante*:

— «á principios del siglo diecisiete no servia *[s(e)or*, por *señor]*, como ahora, á acompañar términos denigrantes, sino que en la boca de la gente maleante iniciaba cualquier vocativo» — [3].

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE.

[2] GAZETA DAS ALDEIAS, de 22 de abril de 1906.

[3] F. de Haan, *in* REVUE HISPANIQUE, X, p. 240.

melena

Termo de jíria, que já se propagou e quere dizer «trança, ou madeixas de cabelo». É o vocábulo cigano romani *mlana*, que transitou para a Península Hispánica, provávelmente recebido da Grécia; pois em grego *melaína (=meléna)* é o femenino do adjectivo triforme *mélan*, que quere dizer «negro», e parece ser usado em algum dos muitos dialectos populares romaicos, conquanto substituído na língua comum por *melanós, melaní, melanón:* cf. *kalé*, que quere dizer em romani «a alva do olho», e é o grego *kalí*, femenino do adjectivo romaico *kalós, kalón*, «bom», no grego literal *kallós, kallé, kallón*, «bonito». São numerosíssimos os vocábulos gregos em todos os dialectos ciganos da Europa, o que prova a longa estada dessas tribos na Grécia, antes que se disseminassem mais para o ocidente, e talvez mesmo para o oriente, onde receberam muitas palavras esclavónicas, além das que de lá haviam já trazido ao virem da Ásia por terra, da India, certíssimamente.

melro, melra, melrinho; merlo

Eis aqui as várias aplicações da palavra *melro* (de merulum), e do seu deminutivo *melrinho*, na ilha da Madeira, com designação das localidades, tudo colhido na interessante monografia de Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS [As aves da ilha da Madeira] [1]:

Melra-porca (Ponta do Pargo e Fajã): turdus merula. Lin.
Melro, ou *melrinho:* passarinho pequeno que canta.
Melro do rancho (Serra d'Água): pardal.
Melro de Nossa Senhora (Ponta do Pargo): pintassilgo.

[1] *in* «ORNITHOLOGISCHES JAHRBUCH», X, 1899.

Melrinho das urzes (Estreito e Fajã de Ovelha): abibe.
Melrinho dos pereiros (Estreito): abibe.
Melrinho da serra (Prazeres): abibe.
Melrinho da giesta (Serra d'Agua): abibe.
Melrinho do mato (Machico): cigarrinho, silvia conspicillata.
Melrinho dos ribeiros (Estreito): motacilla melanope.
Melrinho de Nosso Senhor, ou *de Nossa Senhora* (Fajã, Ponta do Pargo, Estreito): anthus Bertheloti.
Melrinho de papo vermelho (Serra d'Água): fringilla cannabina.

Em Mértola, conforme informação de J. Leite de Vasconcelos, diz-se *merlo*, e não, *melro*.

meneria

— «nem a *meneria*, pela qual o rei herdava do villão sem filhos» —[1].

menĩo, mẽor, mẽos

O Suplemento ao Novo Diccionário rejista, como formas antigas, os três vocábulos *menio, meor, meos:* são êrros evidentes por *menĩo, mẽor, mẽos*, ou mesmo o til, que se omitiu, estava no manuscrito como abreviatura do *n*, sendo em resultado disso as formas apontadas enteiramente iguais às que actualmente se usam, *menino, menor, menos*. Se é natural que alguma vez existissem as formas *mẽor, mẽos*, outro tanto se não pode afirmar com *menino*, a que em castelhano corresponde *niño*, o que faz supor *nn*, e não *n* intervocálico, o qual produz em castelhano *n*,

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 566.

e em portugues *nh*, depois de *i*: cf. o português *pano*, com o castelhano *paño* ⟨ pannum, e o português *linho* com o castelhano *lino* ⟨ linum.

mercador, mercadoria, mercadeiro, mercadaria

Do verbo *mercar* se deriva naturalmente o substantivo de ajente *mercador*, em latim mercator, e dêsse substantivo, o de produto, *mercadoria*. Em castelhano temos *mercader* como substantivo de ajente, sendo o de produto *mencancía*. Existiu, sem dúvida também em português, castelhanismo ou não, a forma *mercader*, ou talvez antes *mercadeiro*, de que se derivou o substantivo de produto *mercadaria*, por *mercadoria*, que se encontra no ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA: — «punham logo sua mercadaria — que tinha já pôsto a mercadaria em terra» — [1].

mercantel

Êste adjectivo parece ser usado únicamente como epiteto de bateira, *bateira mercantel*, e designa uma embarcação que na ria de Aveiro serve ao transporte da pesca maritima [2].

merecunda

Termo da Guiné Portuguesa: — «Tabancas são aldeias fortificadas com estacada e fosso, que se distinguem das aldeias abertas ou *merecundas*» — [3].

---

[1] Lisboa, 1861, p. 74 e 77.

[2] *V.* Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugalia, II, p. 52.

[3] O SECULO, de 23 de abril de 1902.

merendeira, mendreira, mendreirinha

Merendeira, palavra derivada de *merenda*, «refeição que se toma entre o jantar e a ceia», pelo menos no português de há quarenta anos, significa um «pão pequeno». De *merendeira*, por dupla metatátese, formou-se *mendereira*, e com perda do *e* da 2.ª sílaba, *mendreira*, provincialismo abonado por uma local publicada no Diario de Noticias, de 22 de maio do ano corrente:—«Depois de feitas as solemnidades da egreja [Nossa Senhora da Vitória na Vila da Batalha] sairá a grande procissão de variadas e importantes «fogaças», onde irão tambem bandejas com porções de mendreirinhas»—: «De tempos remotos se faz esta religiosa procissão [da Santíssima Trindade] com a ceremonia das «mendreirinhas», que terão pouco mais d'uma onça cada uma, e que todas são bentas antes de para ali irem»—.

Toda a notícia é de muito interêsse, como referindo-se a uma festa tradicional, muito caracterisamente popular.

mermar

Êste verbo, hoje desusado, deriva-o D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos muito bem de *minimare* [1]. Os italianos fizeram do mesmo latim vulgar o seu *menomare*. A significação é «diminuir, cercear».

mesquinho

A verdadeira forma portuguesa é *mezquinho*, como a castelhana é ainda hoje *mezquino*, e qualquer das duas pronunciava-se dantes *meçquinho*, *meçquino*, pronunciação da consoante final da primeira sílaba, que ainda se conserva em Trás-os-Montes.

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 173.

O significado primitivo desta palavra arábica é «pobre», e com êle passou também ao malaio, em que *mískin* se opõe a *kaia*, «rico». Nesta acepção o usou Diogo do Couto:—«porque comũmente os que morrem nestas naos são os mezquinhos, que vem no convés, mortos de fome»—[1].

mesta, mestenho

O vocábulo *mesta* é pelo Dicionario da Academia Espanhola definido dêste modo:—«Agregado ó reunión de los dueños de ganados mayores y menores, que cuidaban de su crianza y porte, y vendian para el comun abastecimiento»—[2]. O adjectivo *mesteño* define-o assim:—«Perteneciente a la mesta»—.

Aqui os dois vocábulos são dados como antigos, mas actualmente não usados na América do sul.

Não me consta de autor português que os empregasse, a não ser eu próprio, em uma nota à SELECTA INGLESA, aprovada para uso dos liceus. A nota explica o seguinte passo do texto inglês **The wild Horse:** The Mustang is another race... It roams the broad prairies of South America...:—«O mestenho é outra raça: vagueia nos vastos pascigos da América do Sul»—. Eis o que disse em nota:—«mestenho» (isto é, que pertence **à mesta**, corporação de pastores de gado transumante, ou que muda periódicamente de pastagens). Ambos os vocábulos são espanhóis, usados na América do Sul»—[3].

metade, meitade, ameitade

Não pode haver a menor dúvida de que a forma popular é a mais correcta, e a culta uma deturpação dela. Acontece isto a meúdo com os termos vernáculos: quem os aleija são os doutos.

---

[1] Relação do naufrájio da nao Santiago, *in* HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, Lisboa, 1904, IV, 11.

[2] Madrid, 1899.

[3] Gonçálvez Viana & Berkeley Cotter, 1897, p. 78.

O vocábulo provém do latim medietatem: suprimido o *d* intervocálico (cf. *meio*, de medium), fica, eliminada a terminação casual, a forma *meitate*, da qual procede *meitade*, pelo abrandamento do segundo *d* intervocálico (cf. *ci(vi)dade* { ciuitate).

Da freqüência da adjunção do artigo *a* orijinou-se outra forma popular, *ameitade*.

metalista

O Nôvo Diccionario inseriu êste neolojismo, de que apresento aqui abonação:

— «Os metallistas, desde os ourives, como Gil Vicente, até os modestos forjadores de ferro e os fundidores de sinos, os organeiros e constructores de instrumentos musicos... os arrasistas e tapeceiros... os admiraveis pintores de vidraças... prestaram o seu concurso á Igreja» —[1].

metara, embetara

O Nôvo Diccionário dá como inédito em obras semelhantes êste vocábulo brasileiro, que é o nome indíjena do que os portugueses chamaram *botoque*, de que proveio a denominação de *Botocudos*, por êles dada aos índios das terras de Santa Cruz, a quem o viram usar. O Vizconde de Porto-Seguro, na sua singular obra L'origine touranienne des Américains tupis-caribes et des anciens Égyptiens [2], em que se acumulou muita erudição mal empregada, e nem sempre de boa fonte, para defender uma tese absurda, descreve meúdamente o *botoque*, ou *metara*, a que também chama *embetara*, e compara-o ao apendículo que se observa na ponta do queixo de muitas figuras esculpidas, gravadas ou pintadas, ejípcias, e parece uma barbita ou pêra,

[1] Diario de Noticias, de 22 de setembro de 1905.
[2] Viena, 1876, p. 69.

revirada para cima. A comparação é na verdade enjenhosa, mas nada prova em favor da identidade de orijem dos dois povos.

meú

Termo de Daomé. É o título do primeiro ministro [1].

mexoeira

Termo da África Oriental Portuguesa: — «alimentam-se [os baruístas]... de mexoeira (milho miudo)» — [2].

mexuda

É um antigo particípio do verbo *mexer*, que se petrificou em substantivo, designando na Beira-Baixa «papas de milho».

mèzinha

Esta palavra, que representa o latim medicina, significa actualmente «clister», porém antes queria dizer «medicamento», sentido em que às vezes ainda é empregada, como se vê do trecho seguinte: — «todos os doentes se dispozeram a tomar a mezinha, que saborearam com grande fé de cura» — [3]. O texto é claro, e mais claro seria sem o cacófaton do remate, que poderia fazer crer outra a significação, atento o valor do termo no uso corrente.

No derivado popular *mezinhices*, ainda prevalece o antigo emprêgo do vocábulo *mezinha*.

---

[1] V. Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ, Lisboa, 1866.

[2] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

[3] O SECULO, de 25 de abril de 1901.

mica

Em Caminha dá-se êste nome à «cabra».

micho, micha

O Nôvo Diccionário refere a primeira à segunda destas formas, que define: — «fatia de pão, fabricado de farinhas diversas e misturadas» —. É pouco mais ou menos o que já dissera o Contemporaneo. José Leite de Vasconcelos, porém, informou-me que na Beira-Alta se denominava *micho (=mitxo)* «um pão pequeno de forma especial, que se distribuía aos pobres nas portarias dos conventos».

milando

Termo da África Oriental Portuguesa, e portanto cafrial: — «isto é causa de questões (milandos)» —[1].

Êste termo é omisso nos dicionários; quere dizer «pleito»: — «Divorcio e adulterio são vulgares sobretudo entre as tribus bitonga e mocorangas [África Oriental Portuguesa], dando origem á maior parte das questões (milandos) dos indigenas» —[2].

No dialecto cafre de Tete é *murando,* conforme o Diccionario Portuguez-Cafre-Tetense, do Padre Victor José Courtois [3].

milano

Assim se chama, e não, *milhano,* ao «milhafre» na Ilha da Madeira [4].

---

[1] Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903.

[2] Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 24.ª serie, p. 116.

[3] Coimbra, 1899, p. 361, col. II.

[4] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.

mildiú, mildio, míldio, mil-diabos

A primeira forma é a mais antiga e era a simples escrita à portuguesa do vocábulo composto inglês *mildew*, o qual, conforme o excelente dicionário de Carlos Annandale, quererá dizer «orvalho de mel», *(honey-dew)*.

Efectivamente, o segundo elemento, *dew*, é «orvalho», e só pode subsistir dúvida em relação ao significado do primeiro. Traduzida, a definição que dá êste dicionário é a seguinte:—«estrago causado por fungos minúsculos em matéria vejetal viva, ou em produtos com ela manufacturados»—[1].

É pois um *bolor* ou *môfo*, que ataca as substâncias vejetais. Vê-se que o vocábulo adquiriu uma acepção mais restrita em português, e hoje está generalizado com a forma *míldio*, na qual se conserva a acentuação tónica principal inglesa, com detrimento da independência do segundo termo do composto, mas de veras aportuguesada na pronúncia e na escrita, como convém para sua adopção.

Eis aqui abonações das três formas:—«como meio de destruir nas cepas atacadas de mildiu os sporos de inverno»—[2].

—«outras enfermidades da vinha, tal o mildio»—[3].

—«a calda bordeleza... efficaz para combattêr o míldio»—[4].

Mil-diabos é uma deturpação faceta e intencional da palavra *mildio*.

milhar, milheiro

O significado dêste substantivo, especialmente aplicável a moeda, ou a números abstractos, sem substantivo que os concretize, pois nesse caso se prefere *milheiro*, é modernamente

---

[1] A Concise Dictionary of the English language, Londres, 1896.

[2] O Economista, de 9 de outubro de 1892.

[3] [4] Gazeta das Aldeias, de 14 de agosto de 1899, e de 13 de agosto de 1905.

empregado para expressar o francês *milliard*. Assim, diz-se **um milhar de francos**, para traduzir-se a expressão francesa *un milliard (de francs)*. Ora *um milhar* de francos, de outra qualquer moeda, ou de cousas ou pessoas, é em português «mil dessas moedas, cousas ou pessoas»; e quem emprega *milhar* para traduzir o francês *milliard* ignora um de três rudimentos essenciais, ou todos êles juntos: aritmética, português e francês. *Milliard* quere dizer «um milhar ou milheiro de milhões», e em português êsse número expressa-se pela palavra *bilião*, como dizem todos os compêndios de aritmética; de modo que *un milliard de francs* é «um bilião, ou mil milhões de francos». *Milliard*, com a unidade *(francs)* subentendida, quere dizer a mesma cousa.

Não exponho aqui nenhuma lucubração filolójica; no mais comezinho vocabulário francês-português diz-se isto mesmo, e só a mais fundamental ignorância, ou a mais desarrazoada teima podem entender o contrário.

Para dizer porém a verdade toda, o caso é que quem escreve *três milhares*, por *trois milliards*, não faz a mínima idea da quantia que esta expressão representa, e repete-a com a mesma consciência com que um papagaio o poderia fazer.

Tenho tanto maior razão em estar capacitado de que a maioria dos que se servem da palavra *milhar*, remedando o francês *milliard*, não sabem o valor dêste múltiplo decimal nessa língua, quanto é certo que no Suplemento ao Nôvo Diccionário vejo preceituada esta confusão ininteljível: — «Suscitou alguma dúvida a noção que desta palavra [quatrillião] dá o autor no texto. Êlle sabe que há dois processos de lêr números. Por um, as classes são designadas por unidades, milhares, milhões, milhares, billiões, milhares, trilliões, etc.; por outro, designam-se unidades, milhares, milhões, billiões, trilliões, quatrilliões, etc. Foi a êste segundo processo que o autor se acostou» —. No texto dissera e bem o seguinte: — «**Milhar**: quantidade que abrange dez centenas; **Quatrillião**: (pop.) mil trilliões» —.

Não sei se quem pôs a dúvida ficou elucidado; eu declaro não entender a explicação, mais obscura que os textos.

milheira, milheiriça, milheiro, milheiró

O Nôvo Diccionário traz, como denominação de uma casta de uva preta, êste vocábulo, com a terminação em *-ó*, rara em português, menos porém que ess'outra em *ô*, que além de *avô*, só quasi figura em nomes locais, e dá-lhe como sinónimo *milheiro*, ao qual, independentemente de outro *milheiro*, sinónimo de *milhar*, atribui quatro significados, e entre êles ser nome de duas aves: a *milheira*, ou *milheiriça*, e o *pintarroixo*.

Na Madeira (Estreito), porém, *milheiró* é o nome do pintassilgo [1].

milho, milhão

— «Modernamente *milho* ou *milhão* veio designar o *maiz*, que se tornou o cereal preponderante. Todavia em muitas localidades ainda hoje, quando se diz *milho*, entende-se o *milho alvo*» — [2].

minarete

Esta palavra, forma turca do vocábulo arábico (al-)mĭnare, nome de unidade, que deu ao português *almiara (q. v.)*, deduzido de al-mĭnar, «lugar da luz» (nar), proveio para nós do francês, na significação de «tôrre de mezquita», cuja denominação portuguesa é *alcorão*. Quando muito pode chamar-se-lhe *almenara*, como fêz Alexandre Herculano, isto é, fogueira acesa no alto dos montes, para aviso: — «chaminés de typos varios... que semelham minaretes e zimborios» — [3].

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.

[2] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 314.

[3] Rocha Peixoto, Os palheiros do littoral, *in* Portugalia, I, p. 83.

Acêrca da forma castelhana *alminar*, ou *almenar* diz-nos Eguilaz y Yanguas: — «Torre de las mezquitas desde la cual convoca el almuedano al pueblo en las horas de oración. De *menâra*, y con el art[ículo] *almenâra*, que significa lo mismo» —[1]. O Dicionário da Academia Espanhola acentua melhor, *almuédano*, e a afirmativa do douto orientalista parece temerária, não obstante ser a reprodução do que se lê no Dicionário árabe-francês de A. de Biberstein Kazimirski: — «MANARE... 1 Endroit où l'on voit de la lumière, endroit où l'on a allumé du feu. 2 Lanterne. 3 Phare, fanal. 4 Minaret, tour d'une Mosquée d'où le muezzin appelle le peuple à la prière — NAR feu — NARA, luire briller» —[2].

O singular é que Eguilaz y Yanguas, acêrca da palavra *minarete* em castelhano, nos diz: — «De *manârét*, pl. de *menâra*, «candelabrum» en R. Martin y en glosa «magnum», «candelero en que las ponen (las candelas)» en P[edro] de Alcalá» —[3].

Vê-se pois que é duvidosa a acepção «tôrre». Dozy, pela sua parte, incluindo os vocábulos castelhanos *almenar* e *almenara*, a nenhum dêles deu a acepção de «torre da mezquita», que lhe atribuiram Kazimirski e Eguilaz: — «*almenar* —: ALMENAR (pied de fer sur lequel on mettait des torches de résine ou de bois résineux pour s'éclairer dans les campagnes) de *almenâr*, proprement «locus lucis». Actuellement le synonyme *manwar* a ce sens en Égypte, car c'est selon M. Lane (Modern Egyptians, II, 210): «a long stave, with a number of lamps attached to it at the upper part [poste alto com certo número de luzes no tôpo]—. ALMENARA (el fuego que se haze en las torres de la costa para aviso» Cob[arruvias]), de *almenâra* qui désigne *un Phare*» —[4].

---

[1] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

[2] DICTIONNAIRE ARABE-FRANÇAIS, Paris, 1860, p. 1366, 1865, 1371. Os vocábulos arábicos dou-os aqui transliterados.

[3] *Op. cit.*

[4] Dozy & Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE.

Com respeito ao termo português *alcorão*, pelo qual os nossos escritores antigos designaram a tôrre da mezquita, veja-se a FOLHA LITTERARIA do jornal «O Seculo», de 26 de março e de 9 de abril do ano corrente, na qual David López e eu tratámos dêle. Ao que ali disse acrescentarei o seguinte, corrijindo dois lapsos, um meu e o outro tipográfico, em duas citações que ali fiz: O ITINERÁRIO DA ÍNDIA é de Gaspar de Sam Bernardino, e não, de Gaspar da Cruz, autor do TRATADO DA CHINA; a edição das Batalhas da Companhia de Jesus é de 1894, (XXII, p. 158), e não de 1849 (XX, p. 148).

No Dicionário da Academia (vol. I e único, 1793) define-se *alcorão* do modo seguinte: — «*lugar alto em forma de torre em que se prêga a falsa doutrina do Alcorão de Mafoma*» —. A par de outras citações traz as seguintes, de João de Lucena: — «Os Mouros além de outras Mesquitas aqui tinhão hum dos mais famosos Alcorões de toda a Asia e Africa» —; e de Frei Gaspar de Sam Bernardino [ITINERARIO DA ÍNDIA, 9] — «A segunda maneira de Alcorão he o que responde antre elles [Mouros] á torre dos sinos» —.

No artigo de David López, acima indicado, declara-nos o douto arabista que o verdadeiro nome da tôrre é *súmaa* (por êrro tipográfico imprimiu-se *súmua)*. Ora, a respeito dêste vocábulo, o já citado Dicionário de Kazimirski diz-nos: — «ṣAUMAO, pl. ṣAUAMIO [transliterados] 1. tour, tourelle. 2. chapelle des chrétiens ou petit couvent de moines chrétiens. 3. Bonnet haut et pointu. 4. Cime, tête conique... 5. aigle... | ṣAMAOA donner à un tas forme conique» —[1]. Não menciona a acepção, que David López lhe dá, de «torre da mezquita».

Não tenho à mão dicionários árabes de maior autoridade, que me desfaçam a dúvida, a qual porém nada afecta a significação lejítima que o termo *alcorão* adquiriu em português, para designar o que os franceses, bem ou mal, chamam *minaret*, e os espanhóis, modernamente, *almenar, alminar*.

---

[1] p. 1371.

mingá-le

Termo de Daomé: título que se dá ao ministro da guerra, que é também o algoz [1].

Mas ¿como se há-de ler o vocábulo, *mingále*, ou *mingá-lé*?

minhoca

Esta palavra é indubitávelmente de orijem cafrial, pois se não encontra em nenhuma das outras línguas da Península Hispánica. Em verdade, a palavra castelhana *miñosa*, que o NUEVO VOCABULARIO PORTUGUÉS-ESPAÑOL [2] do vizconde de Wildik, obra bastante meritória, devemos confessar, dá como correspondente castelhano, o Dicionário da Academia Espanhola considera-a como termo local, provávelmente da raia portuguesa, sendo o verdadeiro nome dêste anélido em espanhol *lombriz*. Em quimbundo *munhoca* designa «verme», e é deminuitivo de *nhoca*, «cobra»; primitivamente queria dizer «comprido», como ainda hoje significa em uma língua da mesma família, pelo menos, o zanzibar *quisuaíle*, ou *quiunguja*, nomes equivalentes no significado.

A mudança de *u* em *i* em português é devida à atonia da vogal e à sua situação antes da nasal palatal *nh*.

mirone

No sentido que esta palavra, com aspecto italiano, tem em português parece provir do castelhano *mirón*, que significa o que nós dizemos *reparador*, «o que em tudo repara, que olha

---

[1] Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ, Lisboa, 1866.

[2] Paris, 1899, parte II. Não vem incluído na parte I, esp.-port.

atentamente e com curiosidade». Há uma peça de Miguel Cervantes intitulada ENTREMÉS DE LOS MIRONES.

mirzá

O NÔVO DICCIONÁRIO dá a forma *murza*, mas como não está abonada, suponho que não existe. Manda-nos comparar o vocábulo com o persiano *mirza*.

A palavra é persiana com certeza, e é o tratamento usual, correspondente a *senhor* em português. É abreviatura de MIRZADE, que quere dizer «filho do emir», e portanto o acento é na última sílaba, como o da maioria das palavras do persa moderno, convém saber, *mirzá*.

misena

Parte da manga da rede. *V.* **manga.**

missanga

Êste termo, indubitávelmente cafrial, significa «contas miudíssimas redondas, de louça, ou vidro, de várias côres», e é um colectivo. Pelo seu preficso *mi-* corresponderia à 2.ª classe das dez estabelecidas por Héli Chatelain para o quimbundo; seria plural, e o correspondente preficso do singular seria *mu-*, portanto, *mussanga*, no singular, *missanga*, no plural, que viria a ser forma-étimo do colectivo português.

O radical *sanga*, porém, no vocabulário que remata a excelente gramática do quimbundo [1] do laborioso africanista suiço, quere dizer «achar», que nenhuma relação pode ter com êste vo-

[1] GRAMMATICA ELEMENTAR DO KIMBUNDU OU LINGUA DE ANGOLA, Genebra, 1888-1889.

cábulo, o qual na dita gramática não figura, nem também no Dicionário de Joaquim da Mata [1].

No DICCIONARIO PORTUGUEZ-CAFRE-TETENSE, traduzido pelo Padre Victor José Courtois [2], encontra-se como correspondente da palavra portuguesa *missanga*, a tetense *u(s)sanga*, que deve pertencer à 6.ª classe ali estabelecida, e cujo plural será *mausanga*. Concluo daqui ser *missanga* termo cafrial, faltando porém investigar a qual idioma desta família êle propriamente pertence.

Em Caminha dá-se o nome de *missanga* aos gránulos de açúcar, a que chamamos *granjeia*.

misseiro

Êste substantivo, ou adjectivo, quere dizer «que ouve frequentes vezes missa»:—«É pouco *misseiro*, diz a gente fanática»—[3].

mistério

Nos Açôres tem êste vocábulo um sentido muito especial: é o terreno coberto pela lava, e que conserva na superfície as ondulações que tinha a jorra, quando estava em estado líquido ou pastoso [4].

O NÔVO DICCIONÁRIO separa sem razão êste vocábulo, que sem dúvida é de orijem semi-erudita, da palavra *mystério*, que escreve com *y-*, ortografando aquelle com *i*.

---

[1] ESSAIO DE DICCIONARIO KIMBÚNDU-PORTUGUEZ, Lisboa, 1893.

[2] Coimbra, 1899.

[3] António de Campos Junior, LUÍS DE CAMÕES, parte IV.

[4] V. F. A. Pereira da Costa, DESCRIPÇÃO DE ALGUNS DOLMINS OU ANTAS DE PORTUGAL, Lisboa, 1868, p. 8. V. também Henrique Lang, «Tradições populares açoreanas», *in* REVISTA LUSITANA, II, p. 54.

místico

No sentido de «muito bom» é talvez o caló *mistó*, «bom», com influência da palavra *místico*, na significação de «relijioso, devoto». Num sentido incerto empregou Rui de Pina êste segundo vocábulo no seguinte passo:—«Foi [o infante Dom Pedro, filho de Dom João I] príncipe de grande conselho, e foi bem latinado e assaz místico em siencias»—[1].

À locução *bem latinado* corresponde hoje *bom latinista*.

mistureiro

Êste neolojismo, muito bem feito, designa o traficante aldrabão, que faz misturas fraudulentas em generos destinados à alimentação pública:—«a protecção que está resolvido a dispensar aos falsificadores e mistureiros»—[2].

miul(e)

Êste vocábulo, de orijem desconhecida, significa—«a peça central da roda dos carros, na qual se embebe o eixo»—, conforme o Nôvo Diccionário [3]:—«no rodeiro accentua-se o miul»—[4].

O termo parece que é usual principalmente no norte do reino. Como o seu étimo é, por emquanto, ignorado, preferi escrever *miul*, e não, *meul*. Resta saber a forma do plural: *¿miuis*, ou *miules?*

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso V, cap. CXXV.

[2] O Dia, de 14 de novembro de 1902.

[3] *sub v.* **meão**, para a qual remete em **meul**.

[4] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 253

mó

Três palavras diferentes representa êste homeótropo monossilábico: no sentido de «pedra de moinho», e no particular, usado em Trás-os-Montes, de «dente queixal», castelhano *muela*, é o latim mola; no de «ajuntamento, volume», o latim molem; no de *modo*, na locução plebeia *a mó que*, é o latim modum.

Eis aqui abonações do segundo significado: — «*mó*, dente queixal ou molar» —[1]. A do terceiro é bem explícita: — «De feito o vocábulo *mó* dado aos fragaredos, montes de pedra, é usado em Trás-os-Montes; na freguezia de Outeiro há no rio Sábor *[sábôr]* o moinho da Mó» —[2].

moçada

Êste colectivo, derivado de *moço*, é usado em Mértola no sentido de «rapaziada», conforme a informação de José Leite de Vasconcelos.

moçárabe, mozárabe

Está em moda a segunda destas formas, que é errónea: tanto em português, como em castelhano até a reforma ortográfica de fins do século XVIII, sempre se escreveu *moçárabe*. Hoje em castelhano escreve-se com *z*, porque o ç cedilhado foi banido. Ora a pronúncia é com *ç* e não com *z*, portugueses. A forma arábica era MUSTOARABI, e por metátese de *st* em *tç*, escrito *ç*, *mutçárabe*, simplificando-se desde tempos antiqüíssimos o *ç*=*tç* em *ç*: cf. *ch*=*tch*, hoje em dia=*x*.

---

[1] Trindade Coelho, ABC DO POVO, p. 5.

[2] Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

mocó

— «Nos bornaes jaçanans e mocós; estes ultimos uma espécie de roedores» —[1].

É termo brasileiro.

moderno

Nos Açôres, «brando, moderado»; na Beira-Alta, «sossegado», «calado»[2].

moeiro

Ferramenta, em forma de espada, de que se serve o salineiro[3].

moente

Êste termo é definido no DICCIONARIO CONTEMPORANEO como significando — «o perno que gira dentro de um furo circular» —. Eis aqui uma abonação do termo, em aplicação especial: — «[O sarilho] na extremidade opposta, vae fixar-se n'uma grande chapa de madeira, que quasi tapa toda a trapeira *[q. v.]*, o *moente*» —[4].

O termo é algarvio, e não sei se geral, aplicado aos moinhos.

mogaininha

Em Caminha chama-se assim uma «fagulha».

---

[1] BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO, *in* «O Seculo», de 17 de junho de 1900.

[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 54.

[3] *V.* O SECULO, de 10 de junho de 1901, que traz o desenho.

[4] J. Núnez, MOINHOS, *in* Portugalia, I, p. 388.

mogo, monje

A forma *monje* deve ter provindo de uma forma francesa *mon(e)ge)*, correspondente à provençal *monegue*. A forma portuguesa, derivada, como aquellas, do latim monachum, foi *mógo* ¦ *móogo* ¦ *móago* [1] *(q. v.)*.

móg(o)no, mogueno

Ordináriamente escreve-se *mogno* o nome da madeira a que os franceses chamam *acajou*, os espanhóis *caoba* e os ingleses *mahogany*, pronunciado *maógani*, e que Carlos Annandale [2] diz ser vocábulo americano, é claro que pertencente a qualquer dos vários idiomas de índios da América Setentrional, caboclos, a que usualmente se chama Peles-Vermelhas, ruim tradução de *Red-Skin*, inglês. A forma orijinal do vocábulo parece ser *mohogoni*, pelo quê adoptei na SELECTA INGLESA [3], a forma portuguesa *mógono*, que representa outra pronúncia do vocábulo usada cá, e que é mais portuguesa. A preferir-se porém *mog-no*, deverá o vocábulo escrever-se *mógueno* para ficar português.

moiral, maioral

Esta palavra nada tem que ver com *moiro*, ou *mouro*. É simples contracção de *maioral*, como *meirinho (q. v.)* o é de *maiorinho*.

Designa no Alentejo o pastor que em cada rebanho noutros pastores governa, manda directamente, e responde pelo serviço

---

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 174.

[2] A CONCISE DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, Londres, 1906.

[3] Lisboa, 1897, p. 140.

dêles:— «Ha dias no sitio da Senhora do Verde foi morto com um tiro um moiral de gado» —[1].

A definição que de *maioral* deu o Conde de Ficalho, no seu modelar estudo O ELEMENTO ARABE NA LINGUAGEM DOS PASTORES ALEMTEJANOS, é a seguinte:— «*Maioral* é o primeiro pastor de cada rebanho — tantos *maioraes* quantos rebanhos —. A palavra nada tem de arabe, como é facil de ver; e a sua origem é perfeitamente clara» —[2].

moleiro

É tam rara a permanéncia de *l* medial, desamparado, em vocábulos portugueses de orijem latina popular, que a sua conservação em *oliveira, olival, males, valer, palito, mula, moleiro,* e outros, requere detido exame para ser explicada. Vou tratar aqui do último.

É, na verdade, extraordinaria em *moleiro* a permanéncia dêste *l*, que desapareceu em mais vocábulos conjéneres: *mõ, moer, moinha, moinho, moenda,* não citando *moajem*, que é moderno.

Supor influéncia castelhana ou raiana é inadmissível, visto que êstes diferentes termos devem ter andado sempre associados desde os inícios da língua, sofrendo conseguintemente alterações análogas.

Para explicar, pois, como o latim molinarium deu em português *moleiro,* emquanto molere e outros afins deram *moer, moinho,* etc., temos duas hipóteses a que recorrer:

1.ª molinarium *mol'narium } : *molleiro: moleiro.*
2.ª *mon'larium }

A 1.ª hipótese supõe simples supressão do *i* pretónico; a 2.ª, metátese das consoantes das duas sílabas consecutivas, -lina-: -nila-: a forma resultante será igual, * mollario, * *molleiro,*

[1] O ECONOMISTA, de 9 de setembro de 1881.
[2] *in* A TRADIÇÃO, I, p. 82.

por assimilação, regressiva na 1.ª, progressiva na 2.ª, de *n* a *l*, e queda do primeiro *l*, assimilação oposta à que se deu em *no (en lo: en no*, na qual prevaleceu o *n)*. A metátese contrária é vulgar no vocábulo *fulineiro* por *funileiro*, talvez por influência de *folha*.

A 1.ª hipótese, todavia, daria como resultado mais provável *malneiro*, como *solteiro* de solitarium, ou *mouneiro*, como *outeiro* de altarium, *poupar* de palpare, consideração que já nos levará a preferir a segunda.

Viterbo [1] cita a forma antiga *monleiro* em texto do XII século, o que confirma a preferência, isto é, que houve metátese de -lina- em -nila-, produzindo-se as outras alterações já dentro do português. Assim as formas sucessivas devem ter sido molinarium * monilarium * monelario * mon'lario: *monleiro (* molleiro)*: MOLEIRO: permaneceu o *l* por estar protejido pelo *n*; caiu êste por fim, porque o grupo *nl* deixou de ser usual no português posterior, quer neste vocábulo o consideremos igual a *on'l*, quer a *ōl*. Efectivamente, a vogal nasal seguida de *l* só a vemos na junção consciente do preficso *en-* a primitivos com *l* inicial, como *enlaçar*, *enlodar*, e num ou noutro vocábulo raríssimo, como em *conluio*, por exemplo. Cf. *lula* ¦ *lun'la* ¦ lunula, e *salitre* de *sal nitri*.

Viterbo traz *moinheira* ou *molinheira* no sentido de «moinho de moer pão», exemplificando o primeiro com um texto de 1501.

Entendo, porém, que tanto *moinheira*, como o galego *moinheira*, *muinheira*, são derivados directos de *moinho*.

Num texto alentejano do século XVI aparece *molinheiro*, como em tempo me advertiu J. Leite de Vasconcelos. Considero-o resultado da influência do vocábulo *moinho* no castelhano *molinero*, e assim se explicaria o *molinheiro* citado: não são raros os castelhanismos nos falares do Alentejo, tais como *ganadeiro (q. v.)*, etc. [2].

---

[1] ELUCIDÁRIO, *sub voc.* conducteiro.

[2] Êste artigo já foi publicado na REVISTA LUSITANA, II, 1890-1892, p. 180-181, um tanto mais extenso.

moleste

Em Sam Miguel dos Açôres usa-se esta forma singular no sentido de «prejuízo»; dêste modo, diz-se *não faz moleste*, como no Continente se diz *não faz mal* ou *não tem dúvida!*

molineta

É um deminutivo do castelhano *molino*, que, com mudança de género gramatical, se usa no Algarve, para designar um «moinho caseiro»: — «Tambem para moeção d'este cereal [milho] em casa tem quasi toda a gente uma molineta, instrumento constituído por duas mós de cerca de meio metro de diametro» — [1].

monhé *(=mònhé)*

Nome que na África Oriental Portuguesa se dá aos mestiços de árabes e negros cafres, moametanos, que se ocupam em negócio: — «A população é composta de *monhes (sic)*, mestiços de negros e árabes [2] — Na costa pullulam *monhés* — Um dia perguntando-se a um d'estes negociantes indios (mónhés) a como estava comprando o arroz aos pretos» — [3].

Fiz três citações, todas necessárias: à primeira falta acentuação, mas contém a definição exacta; a segunda é a que está devidamente acentuada para portugueses, é ortográfica; a terceira diz-nos a pronúncia, mas não sei se define erróneamente; os negociantes indios chamam-se *banianes*.

O vocábulo, devidamente ortografado *monhé*, vem já no Nôvo

---

[1] Portugalia, I, p. 387.
[2] Jornal das Colonias, de 27 de dezembro de 1902.
[3] *ib.*

Diccionário. Ignoro a etimolojia dêle, e parece não ser muito geral a denominação, pois se não encontra no Dicionário Suaíli [1] de Eduardo Steere, onde deveria figurar, se no Zanzibar fosse conhecida.

Eis aqui uma definição mais ampla do termo:

— «Dá-se o nome de *monhés*, indistintamente, a mouros e baneanes, assim como aos *mestiços* de mouro e negro. Os *monhés* verdadeiros vivem em Sofala e Chiloane perpetuando algumas d'estas familias, sem mistura, o sangue indio de origem» —[2].

montambole

Espécie de madeira da África Portuguesa [3].

montanhão, montanheiro

A primeira forma é minhota, a segunda, alentejana, e qualquer delas quere dizer «serrano, rústico». *Montanheiro* tem mais as seguintes acepções: — «o guia nos montes»; «o camponês que vive no *monte*, ou herdade» —, e esta última vem já no Nôvo Diccionário.

monte, montarico

O primeiro vocábulo é assim definido por J. da S. Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo. — «O centro do *commodo* [*V.* **cómodo**] é o «monte», vocábulo por que se denomina a casa

---

[1] A Handbook of the Swahili language, Londres, 1875.

[2] Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 24.ª série, p. 116.

[3] *V.* O Economista, de 5 de agosto de 1885.

de habitação da herdade, a qual casa serve simultaneamente de séde do grangeio agricola» —[1].

Montarico:— «montes de três a seis casitas baixas... estes montaricos habitam-nos os guardas, pastores, caseiros» —[2]. Vê-se que no Alentejo a denominação *monte* é um colectivo e equivale a «grupo, amontoado».

montês

Com aplicação a animais, e significando «serrano», é conhecido êste adjectivo, e do seu emprêgo são exemplos *cabrito montês, porco montês,* ou *javali,* palavra arábica GABALI, que quere também dizer «montês» de GABAL «monte».

É menos comum o epíteto referido a plantas, mas desta aplicação é exemplo o trecho seguinte:—«benjoim amendoado, que é leite de certas árvores monteses» —[3].

montilhão

Conforme Martins Sarmento, é em Espozende sinónimo de *mamoa.*

monturo

—«Semeiam-se todos os annos [os ferrajiais]... por serem adubados com os estrumes das cavallariças e lixo da limpeza. São os *monturos,* como se diz em certas escripturas de arrendamento» —[4].

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 271.

[2] *Id. ib., ib.,* p. 540.

[3] P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 255.

[4] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 274.

moranga

É o nome que em várias partes tem *o morango* bravo, que em castelhano se chama *fresa*, emtanto que o cultivado o denominam *fresón*. A etimolojia tanto de *moranga*, como de *morango* parece ser um adjectivo *moranicus, moranica*, derivado de *mora*, «amora».

morcego

É o nome de uma peça do tear:—«para tornar fixa a posição das duas varetas emprega-se o *morcêgo*, isto é, uma pequena haste terminada n'um gancho, e presa no outro extremo a um cordel que se liga a um *peso das cruzes*»—[1].

mordexi, mordixi, mordixins

É êste o nome que na Índia Portuguesa se dava à cólera, doença ali endémica. O vocábulo é gáurio, isto é, pertence às línguas pracríticas, em concani *mod(a)xī*, em marata *modxī*. *V.* Garcia da Orta, Colóquios dos Simples e drogas da India, Lisboa 1890-91, I, páj. 261, 264, 266, 275. Orta escreveu *morxi*. *V.* também Revista Lusitana, VI, páj. 82.

moreia

O Nôvo Diccionário dá uma definição bastante exacta dêste vocábulo:—«feixe de mato, que no inverno se cobre de terra e que se queima no verão, para que a sua cinza sirva de adubo ás terras que se semeiam de cereaes»—.

---

1 Portugalia, I, p. 376.

Completá-la hei com o trecho seguinte: — «entendendo-se que esta palavra abrange a vegetação espontanea [matos, estevas, sargassos]. As moreias são pois os montes ou linhas d'essas hervas, que depois se desmancham» —[1].

Em Caminha *moreia* é um monte de maçarocas de milho.

morilho, murilho, muril, mourão

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo como trasmontano, definindo-o da seguinte maneira: — «pedra ou peça de ferro, em que se apoia a lenha que arde na cozinha, e que separa da borralheira o lar. (De *muro)*» —. O vocábulo *trasfogueiro,* que é dado como sinónimo no mesmo dicionário, é pela sua parte definido assim: — «tôro de lenha, em que apoiam as achas na lareira; * utensílio de ferro formado de duas peças verticaes, travadas por uma barra, donde pende a gramalheira; * o mesmo que murilho» —. Vê-se pois que as duas palavras sómente são sinónimas em um sentido, conforme o dito dicionário.

No soberbo *ín-folio* de Hugo Schuchardt, dedicado a Mussafia [2], e de que à sua extremada amizade sou devedor pelo estimado exemplar que possuo, vê-se uma gravura do *morilho* ou *moril,* reproduzida de um desenho que lhe foi enviado por J. Leite de Vasconcelos, como sendo de objecto usado em Portugal. Compõe-se de duas hastes de ferro ligadas por uma barra inferior, e não superior como no trasfogueiro descrito, e logo acima de cada um dos dois pés, formados por um arco com a abertura para baixo. Cada uma das duas hastes *é rematada por uma espécie de curva,* ou cadelabro de quatro braços.

Diz-nos o mesmo abalisado professor e glossólogo que em Espanha, segundo a informação que lhe foi dada pelo hispanista

---

[1] Portugalia, I, p. 622.
[2] Graz, 1905, p. 5.

Menéndez Pidal, objecto análogo, senão em toda a sua estrutura, pelo menos na serventia, se chama *morillo*, e que o nome lhe proveio de o remate imitar a cabeça de um mouro, ou moura, com a trunfa competente.

A ser verdadeira a etimolojia, deveremos escrever *morilho*, com *o*, e não *u*; e na realidade, o suficso *-ilho* leva-nos a supor influência espanhola, corroborada pelo facto de o ditongo *ou* de *mouro* estar reduzido a *o* (=*u*), em razão de cá se haver perdido a noção do nome, que em Espanha estará talvez presente a quem dêle se serve para designar êsse objecto.

É evidente que êste étimo exclui o dado pelo Nôvo Diccionário, e que temos de rejeitar, em vista da existência do vocábulo, não só em Espanha, onde se não confunde na pronúncia *o* átono com *u*, mas ainda na Sardenha, em que se chama *moriglius*, como nos diz Schuchardt.

Na Beira-Baixa usa-se uma espécie de trasfogueiro, que consiste em dois pilares de pedra arredondados nos topos, e que, por tal sinal, se chamam *mourões*; no mais o trasfogueiro aprossima-se do de Trás-os-Montes, e as vasilhas que se querem pôr ao lume, circundam, como lá, o centro, onde está a lenha a arder.

morouço, moroiço

O Nôvo Diccionário dá como étimo a êste vocábulo, cuja significação é «monticulo», o vasconço *murua*. Tirando o artigo *a*, fica *muru*, que não explicaria a terminação que a palavra tem em português. Em vasconço, porém, existe também *mulço*, que por meio de formas intermediárias, poderá ministrar mais plausível étimo. *V.* Van Eys, Dictionnaire bacque-français, *sub v.* **muru.**

O Nôvo Diccionário estabelece relação possível entre êste vocábulo e *moreia*, mas por mera conjectura. Na realidade, os radicais dos dois parecem idénticos, mas os suficsos, que os diferençariam, ficam inexplicados.

morraça, morraçal, morraceira

Tanto o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, como o NÔVO DICCIONÁRIO deram dêste vocábulo definição satisfatória. Todavia, como a que se segue é mais explícita, dá-la-hei aqui: — «Os habitantes dos Concelhos do Seixal e Barreiro foram surprehendidos... com um edital... que lhes prohibe... apanhar morraça, ou os vegetaes nascidos no rio — no verão é com a apanha dos vegetaes nascidos nas morraceiras que elles sustentam o gado» — [1].

Conclui-se portanto que a *morraça, moliço, sargasso* ou *rapeira*, pois, conforme as rejiões essa vejetação vai mudando de nome, serve não só para adubo das terras, mas também, à falta de melhor, para alimentação de gados.

O NÔVO DICCIONÁRIO diferença *morraçal* de *morraceira*, definindo o primeiro, como — «terreno, em que há morraça» —, e o segundo como próprio da província do Minho, com a significação de *mouchão*, que define: — «pequena porção de terreno arborizado, nas lezírias, *ou* formando ilhota em meio de um rio» —. Da citação que acima fiz vê-se que, se assim é na rejião das lezírias (Riba-Tejo), em outros pontos *morraceira* é sinónimo de *morraçal*.

(noz) moscada, (noz) nozcada

O povo ainda hoje diz *noz noscada*, por *noz moscada*, isto é, cheirando e sabendo a almizcar. Aquela evolução especial é devida a assimilação da inicial do segundo vocábulo à do primeiro, por figurarem conjuntos para designação de tal especiaria.

É muito antiga esta assimilação, e eis aqui um exemplo: — «muitos cravos e cominhos e jinjivre e noz nozcada» [2].

---

[1] O SECULO, de 19 de junho de 1900.

[2] ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, Lisboa, 1861, p. 44.

môsco

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo como sendo de jíria, com a significação de «roubo»:—é sabido que [a ladra Giralinha] tinha uma d'aquellas letras miudas [artes], como nunca não possuiu nenhum gatuno de *môsco*, seu collega»—[1].

Moscou, Moscóvia, moscovita, mosco

Raríssimos serão os vocábulos esclavónicos de importação directa, que existam em português, pois mesmo os nomes de algumas danças, como *polca*, *mazurca*, *cracoviana*, provieram imediatamente do francês, pôsto que os dois primeiros adquirissem em Portugal acentuação mais conforme com a que teem na língua da Polónia, à qual pertencem, significando o primeiro «poeira».

A forma *Moscou* é também francesa, pois os nossos escritores antigos lhe chamavam *Moscóvia* [2], de que é ainda resto a denominação *couro-de-Moscóvia*, assim como a *Warszawa* (=*vàrxáva*) chamámos *Varsóvia*.

Há talvez sessenta anos que a forma francesa *Moscou* veio para Portugal, onde se ajeitaram à pronúncia portuguesa as vogais finais, que em francês se lêem *u*, entanto que nós as lêmos *ó*.

A título de curiosidade apontarei aqui, como já o fiz na Revista Lusitana [3], a oríjem da forma francesa *Moscou*, pronunciada *môçú*.

Em russo escreve-se o nome da segunda cidade do grande império do Çar, e sua antiga capital, *Moskva*; e recaindo o acento tónico sôbre a 2.ª sílaba, profere-se *moçkvá*, ou *maçkvá*. O acusativo dêste nominativo, femenino, e que designa também

---

1 O Seculo, de 1 de dezembro de 1901.

2 Bluteau traz também *Mosco*.

3 vol. v, 1897-1899, p. 78.

o rio que banha a famosa cidade, é *Moskvu,* proferido *moçkvú,* e, que eu lá ouvi pronunciar quási *maçkuú.*

Ora, como o acusativo é forma comuníssima, haja vista ao que aconteceu às línguas románicas, as quais do acusativo tiraram as formas dos vocábulos latinos herdados *(pastor* | pastorem), mormente em nomes de lugares, por designar aquele para onde se vai, ou se manda, os franceses adoptaram o nome russo com a forma que mais freqüentemente ouviam; e daqui proveio a nossa forma *Moscou* lida, como a vimos escrita em francês, e que poderia com vantajem ser substituída por *Moscóvia,* de onde derivámos *moscovitas,* que Luís de Camões denominou *Moscos* [1]:

mosqueiro

Tem várias significações êste vocábulo, derivado de *môsca,* as quais estão rejistadas nos dicionários. Darei aqui abonação de uma dessas acepções, e de outra, que os dicionários não rejistaram ainda, e que pertence à linguajem de jíria: — «Pelo tecto da casa pendem molhos de folhagem de sabugueiro ou de freixo, a que chamam *mosqueiro*» — [2].

— «E para os leitores que não conhecem a giria da gatunagem e a linguagem falada nas enxovias, necessario é dizer-lhes que *filho* é, em calão, synonymo de gatuno, e *mosqueiro* ou *cortiço* tem a significação de casa» — [3].

mosteiro

Língua mosteira é a denominação vulgar do antigo dialecto crioulo-português de Dio, no qual influíu portanto a língua gu-

---

[1] Entre êste mar e o Tánais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livónios.
LUSÍADAS, III, 11.

[2] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 339.

[3] O SECULO, de 13 de janeiro de 1902.

zarate, que é a gáuria vernácula naquela rejião da Índia Portugueza: — «De resto, em rigor, é agora difficil marcar a linha verdadeira a que se circunscrevia o antigo dialecto de Diu, vulgarmente conhecido por «língua mosteira» —[1].

Denominam-se idiomas *gáurios* os derivados de antigos prácritos, e portanto aparentados com o sánscrito, e como êste pertencentes à família árica, ou indo-europeia [2].

mostruário, monstruário

O Nôvo Diccionário remete para *monstruario* que nunca vi, nem ouvi, e que não abona: — «renovando-se frequentemente «mostruario» —[3].

mourir, moiro: morrer

O Nôvo Diccionário rejista êste infinito, como antigo, em vez de *morrer*, mas como não abona, tenho razões para supor que nunca existiu. De um latim *morĕre* por mori proveio para o castelhano *morir*, e para o português *morer*. Êste verbo no presente, e outras formas rizotónicas, era *moiro*, ou *mouro* (de morior), forma freqüentíssima nos quinhentistas, entre êles Camões. O futuro do verbo *morer* era *morerei*, que pela perda do *e* da 2.ª sílaba, se converteu em *morrei* (cf. o castelhano *querré*, futuro de *querer*), do qual se deduziu o infinito *morrer*, forma que passou a ser básica para toda a conjugação. É assim que explico êste verbo, cujo *rr* duplicado sómente, entre todas as linguas romanicas, figura em português, no infinito e em toda a conjugação.

---

[1] Carta de Diu, LXII, *in* «Diario de Noticias», de 14 de dezembro de 1905, *(q. c.)*.

[2] V., entre outras publicações, MAPPA DIALECTOLOGICO DO CONTINENTE PORTUGUÊS, PRECEDIDO DE UMA CLASSIFICAÇÃO SUMMARIA DAS LINGUAS, por J. Leite de Vasconcelos e A. R. Gonçálvez Viana, Lisboa.

[3] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 265.

mouro, moreno

É sabida a definição da primeira destas formas, bem como se encontram nos dicionários as diferentes acepções em que é tomado o vocábulo, e às quais acrescentarei uma:—«A designação de «mouro» indica aqui [Coura] sempre uma proveniencia pre-romana» —[1].

Esta especialização de significado ainda se generaliza nest'outra citação:—«*A Casa da Moura* e *Cova da Moura*. Como se sabe, a palavra *mouro* no nosso povo serve para designar não só os monumentos arruinados, mas aquelles que, como no caso presente, oferecem uma apparencia estranha. Os Mouros foram na Península os ultimos dominadores, e portanto os que mais impressões deixaram; d'aqui a razão do emprego profuso do termo» —[2].

Moreno, derivado de *moro*, e não de *mouro*, mostra claramente a sua proveniência directa castelhana; é, todavia o emprêgo dêste vocábulo em português mais limitado que na língua da qual o recebemos, em que muitas vezes se aplica aos pretos.

É muito usual a expressão *anda mouro na costa*, e a maioria das pessoas que a empregam, querendo dizer que «há motivo para se estar acautelado, de sôbre-aviso», não liga sentido à significação própria dêste modo de dizer.

Do seguinte passo da «Memoravel relação da perda da nao Conceição» se conhece a orijem dela:—«E na cidade que havia de tomar Soliman arráiz, viram que a tôrre fazia fumo, que é o sinal que se faz de dia para se saber que andam mouros na costa» —[3].

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 113.

[2] J. Leite de Vasconcelos, Portugal pre-historico, p. 21.

[3] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. XCVII, p. 131.

mouta, moita

Como étimo propõe D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *malta* | *mat'la* | mattula, deminutivo de matta «esteira de tabua» (?). É um pouco duvidoso o étimo, não fonolójica, mas ideolójicamente. A doutíssima romanista também hesita em aceitar a etimolojia, conquanto a sujira. Em todo o caso, é ainda a melhor que tem sido apontada por emquanto.

muave

— «Obrigam... a beber *muave,* veneno vegetal muito energico» —[1].

A respeito da planta lê-se na monografia do Conde de Ficalho, PLANTAS UTEIS DA AFRICA PORTUGUEZA, o seguinte:— «**Muave**... E frequente e geral em muitas regiões da Africa o emprego de substancias venenosas nas *provas* judiciaes, e as especies que as fornecem, se não podem considerar-se plantas *uteis* na genuina accepção da palavra, devem pelo menos contar-se no numero das plantas *usuaes*» —[2].

É claro o pensamento do pitoresco e douto escritor, mas as palavras atraiçoaram-no.

As plantas venenosas são mais *úteis* que *usuais,* porque *útil,* na sua acepção mais genuína, não quere dizer «proveitoso», mas sim «que se pode aproveitar, ou usar»; entanto que *usual* significa «corriqueiro, de uso freqùente»; e seria tam absurdo supôr que, ainda nos povos mais bárbaros e remotos do convívio europeu, o envenamento seja prática usual, como o fôra afirmar que nas nações em que a pena de morte é aplicada, ela o seja todos os dias e a toda a hora.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÈ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

[2] Lisboa, 1884, p. 164.

mucalina

—«nas suas mucalinas, que são as nossas devesas»—. Êste vocábulo foi empregado pelo Padre Manuel Barradas, na sua Descrição da cidade de Columbo, da ilha de Ceilão [1].

mucanda

Termo cafrial:—«De resto o indigena da costa do norte... tem uma confiança absoluta no negociante, e sobretudo nas suas *mocandas* (escripta a lapis ou tinta n'um bocado de papel de qualquer natureza ou tamanho), que considera como o mais seguro valor e penhor da quantia que representam»—[2].

A ortografia tem de ser com *u*, *mucanda*, e não, *mocanda*, porque o preficso cafrial é *mu-*, e não, *mo-*, e nenhum motivo plausível aconselha a escrevermos com *o* o que pronunciamos *u*, a não ser que a história da língua o exija; o que se não dá com vocábulos africanos, nos quais apenas o *-o* final é preferível a *-u* átono, ao passarem para português, com o efeito único de assim evitarmos acentuação gráfica.

mucata

Quere dizer «cabo de tropa» na Zambézia. *V.* Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902 [3].

muchém

O NÔVO DICCIONÁRIO já rejistou êste vocábulo e o definiu do seguinte modo:—«Nome que na África Oriental portuguêsa

---

[1] História trájico-marítima, *in* BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, XLI, p. 87.

[2] RELATORIO do juiz F. A. Pinto.

[3] *in* «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

se dá ao salalé; montículo construído pelo muchém» —. Eis aqui uma abonação colhida onde tantas se encontram referentes àquela rejião: — «estabeleci seis esquadras de landins, aproveitando para as abrigar os morros de muchém» —[1].

mucur(r)o

— «É êste braço de mar que se chama *rio* de Angoche, onde veem desaguar varios *mucurros* ou riachos» —[2].

Assim está escrito, com dois *rr*. No DICCIONARIO PORTUGUEZ-CAFRE-TETENSE, traduzido pelo Padre Victor José Courtois, missionário do real Padroado, e cuja nacionalidade ignoro, vejo que a *riacho* se dá como correspondente na língua cafrial da Zambézia *mucuro*, e a *ribeirinho*, deminutivo de *ribeiro*, *kamukuro*, com o preficso de deminuição *ka-*, idéntico ao do quimbundo. Temos a êste respeito de fazer duas considerações: a primeira, é que, se o Padre Courtois é francês de nação, ou de língua, como parece pelo nome e pelo seu português, e não nasceu em território provençal, onde, como em toda a Península Hispánica, incluindo as Províncias Vascongadas, se faz constante e bem clara distinção entre *r* final de sílaba, o *r* intervocálico, por uma parte, e *r* inicial, ou *rr* intervocálico por outra; se é francês de língua, repito, a sua escrita com um *r* merece pouquíssima confiança, a não ser que fizesse, o que não faz, menção expressa do valor exacto do *r* naquela língua cafrial. A segunda é que, se na África Ocidental, nas línguas de pretos, tanto cafriais abaixo da linha equinoccial, como pertencentes a outras famílias, ou isoladas, acima dela, predomina o *r* lene, de *caro*, antes de *i*, (permutável com *l* antes de outra vogal), facto notado ha muito, e que já até Gil Vicente observara, e reproduzira na Farsa CLÉRIGO DA BEIRA, na boca do Negro, a falar crioulo; não temos documento rigoroso que nos elucide sôbre se tal par-

[1] CAMPANHA DOS NAMARRAIS, *in* «O Seculo», de 25 de agosto de 1897.
[2] JORNAL DAS COLONIAS, de 27 de dezembro de 1902.

ticularidade substiste nos dialectos cafriais da costa oriental, e portanto, a não ser por audição directa, ou por informação fidedigna, somos incompetentes para decidir qual das formas, *mucuro*, ou *mucurro* é a exacta. Inclino-me todavia a considerar certa a última, visto aparecer escrita por mão de português, na citação com que encetei êste artigo, e não ser crível que o ouvido português se iludisse a êste respeito. Acrescentarei que a uma pretita da Zambézia, que foi minha criada uns quatro meses, sempre ouvi pronunciar *tarru*, e não *taru* o numeral «três», e ela falava menos mal português, no qual jamais confundia *r* com *rr*.

O seu principal embaraço era distinguir pelos nomes outras côres que não fossem preto, branco e encarnado, o que não conseguiu emquanto esteve ao meu serviço.

mueles

No calão dos ladrões do Pôrto quere dizer «rapé» [1].

muezin, muezzin

É a forma que Marcelo Devic [2] dá ao termo que em árabe, conforme a transliteração aqui adoptada, é ALMUAÐIN, de que os portugueses fizeram *almoádem (q. v.)*, mais à letra *almuádin*, e que se pode ver nos VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, de João de Sousa, onde se lê:—«Assim se denomina o Mouro, que chama o povo á oração do alto da torre de qualquer mesquita. Meu pai deo-me a hum Almoadem para me ensinar a lingoa do paiz, *Chr. do Conde D. Pedro, cap. 13, p. 29*»—[3].

---

[1] O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885.

[2] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

[3] Lisboa, 1830.

Os espanhóis chamaram-lhe e chamam-lhe *almuédano*. A letra que represento por ȣ é a 9.ª do respectivo alfabeto, que pròpriamente deve ter o valor do *th* inglês de *they*, mas que uns mouros pronunciam como *z*, e outros como *d*, prevalecendo esta última pronúncia.

A proposito dêste vocábulo francês, que emprega em português quem ignora a forma própria *almuadem*, farei um pequeno excurso.

A Gazeta das Aldeias, útil publicação semanal, que sai à luz no Pôrto, no número correspondente ao dia 10 de setembro de 1905, traz um artigo, o qual se intitula **A vespera do «Rahmadan»** *(sic)*.

Refere-se a Marrocos, e é evidentemente traduzido, naturalmente de francês. Abundam nele vocábulos que finjem ser arábicos, e se copiaram, mais ou menos fielmente, do orijinal que se traduziu. Não reparou o tradutor em que muitos dêsses vocábulos teem há séculos formas portuguesas, e não advertiu em que lhe cumpria dá-las em vez das francesas, pois se lá são peregrinas, em Portugal, como em Espanha, não o são. Aqui as vou apontar, dando a forma errada em que ali figuram, acompanhada com a competente correcção, devidamente autorizada. Cito-as pela ordem em que ali estão.

Minarete *(q. v.)—almenara,* ou *alcorão (q. v.)*: Bluteau, Roquete; *tôrre,* João de Sousa.

iman (!): *emamo, imamo (q. v.),* João de Sousa.

muezim: *almuadem (q. v.),* João de Sousa.

Rahmadan (!): *rámadan* [ramaẓan], ou à portuguesa, *ramadão.*

haschich (!): *haxixe* [haxix], cânhamo em pó. Nôvo Diccionário, Suplemento,

ghazzia: *gázua,* ou *gazi(v)a, (q. v.)* [yazue, yazie], Bluteau, João de Sousa, Roquete.

Ascari: *lascari(m)* [persiano laxkari], João de Sousa.

keseria: *alcaçaria(s)* [al-qaṣarie], João de Sousa.

suk: *açougue (q. v.)* [al-suq], Eguílaz y Yanguas *(q. v.).*

Todos os dicionários portugueses, mas especialmente Bluteau *(q. v.)*. João Carvalho Mascarenhas empregou a palavra *soco*, ou *çoco*. («Nova descrição da cidade de Arjel», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVII).

El aluá: [(A)LHALUE], «a doce», *alféloa*. Todos os dicionários portugueses.

kandjar: *alfanje* [AL-HANGAR]. Todos os dicionários portugueses.

Já é vontade de escrever em português com palavras francesas ou afrancesadas!

Todas as formas que dou como correctas teem abonações em escritores portugueses, cujas obras estão citadas nos lugares competentes desta ou nos dicionários e glossários indicados.

Com excepção de *haxixe* todas elas ou são conhecidas e populares, fazendo parte da língua comum, ou foram empregadas pelos autores portugueses que trataram de assuntos barbarescos, e tantos foram, que não é lícito a qualquer escritor, medianamente culto, o desconhecê-los.

mulato

Que *mulato*, no sentido de «cruzado de negro e branca», ou de «branco e negra», principalmente, é derivado de *mulo, mula* prova-o o passo seguinte: — «em um dia se passa êste caminho em mulatos e asnos» —[1]. Vê-se pois que é infundada a etimolojia arábica que se lhe quis atribuir. Como a palavra *mulato* significava «híbrido», no cruzamento de solípedes, passou o epíteto a pessoas, talvez com seu matiz de desprêzo.

Gil Vicente, no CLÉRIGO DA BEIRA, emprega *mulato* por «macho», e *mulatinha* por «mulinha».

Eis aqui mais uma acepção de *mulato:* — «os serradôres e

[1] Donald Fergusson, LETTERS FROM PORTUGUESE CAPTIVES IN CANTON, Bombaim, 1902, p. 69.

camponêzes julgam, nos campos de Coimbra, as árvores dos dois sexos como pertencentes a espécies differentes; dão-lhes nomes diversos: chamam aos indivíduos masculinos *Choupos mulatos*, e aos femininos *Choupos ordinários* » —[1].

muleia

Termo da Beira-Baixa, que se aplica à almofada que se coloca debaixo da canga do boi.

muleta

Êste deminutivo, ficso e inconsciente, de *mula*, tem além de outros significados, já colijidos em dicionários, ainda outro especial, que abono aqui: — « empurram [o barco] pelo lado da proa com... um forcado de ferro, chamado *moleta* » —[2].

mulola

— « A travessia do Cunene é facil de realizar, mas, uma vez na outra margem, o terreno é cortado por freqùentes *mulolas*, extensos areaes, por onde, na epoca invernosa, correm as aguas do rio e que, presentemente, se conservam seccos » —[3].

munda

Termo da África Ocidental Portuguesa, que quere dizer « morro » — « A munda do Zumbo » —[4].

---

[1] GAZETA DAS ALDEIAS, de 11 de março de 1906.

[2] F. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 150.

[3] O SECULO, de 6 de outubro de 1904.

[4] O SECULO, de 2 de julho de 1895.

Estranho vocábulo é o latino mons, montis, que se repete, com a significação de «monte», no vasconço *mendi*. e no cafre *munda!*

mundo

A locução *vestido ao mundo* quere dizer «em trajes seculares», ou então, «não amortalhado»:—«Nove senhoras vestidas ao mundo»—[1].

munumucaia

É o nome que se dá no canal de Moçambique ao tufão, como sou informado por pessoa que ali passou várias vezes, e esteve outras tantas na África Oriental Portuguesa. O vocábulo deve de pertencer a uma língua cafrial.

murcela

—«Ensaio e marca de objectos de ouro, denominados murcellas, cabeças lavradas e africanas»—[2].

O nome *murcelas* refere-se provávelmente à forma.

Melhor escrita será *morcela*.

murcho

Conforme J. Leite de Vasconcelos, provém de *murc(u)lum*, deminutivo de murcum, «fraco» [3].

---

[1] O Seculo, de 29 de março de 1901.

[2] Diario do Governo, de 24 de abril de 1897.

[3] Revista Lusitana, III, p. 277.

murraco

—«Apenas subsistiram [os brandões de madeira resinosa] através de todo o progresso industrial, para as viagens nocturnas, como persistem entre nós os murracos de vido *[q. v.]*»—.

Êste vocábulo deve relacionar-se com *murrão*.

—«os *murracos*, por fim, ou sejam as cascas de vidoeiro enroladas e já seccas, em Lindoso»—[1].

Servem de acendalhas.

murtoseira

Esta palavra, derivada do nome de lugar *Murtosa*, designa uma embarcação usada na ria de Aveiro, a que também se chama *labrega (q. v.)*:—«Assim para o serviço das salinas temos a *saleira;* para o transporte dos moliços o *moliceiro*, para o transporte fluvial da pesca maritima a *bateira mercantel;* para a pesca fluvial os dois typos de bateiras *murtozeiras* ou *labregas* e a bateira de Ilhavo»—[2].

musgar

É termo alentejano e significa, segundo informação fidedigna, «queimar com tojo o cabelo, lavar e barbear o couro do porco».

musiquia

—Que vos metedes agora
Em musiquias—[3].

Isto é, cantares, «músicas».

---

[1] Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, *in* Portugalia, II, p. 36 e 38.

[2] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugalia, II, p. 52.

[3] Gil Vicente, O VELHO DA HORTA.

mussoco

É termo da África Oriental Portuguesa. Assim se denomina o «tributo pago pelos pretos dos distritos centrais de Moçambique aos seus régulos» [1].

mutra, mutrar, mutrado

No seu Suplemento o Nôvo Diccionário dá-nos o substantivo *mutra*, com a significação de «sinete», e abona-o com Fernám Méndez Pinto, Peregrinação, páj. 96 e 177, sem referir a edição; pelo quê melhor fôra haver citado os capítulos da obra, para se poder cotejar a abonação. É porém omisso ali o verbo *mutrar*, derivado daquele substantivo, e cujo particípio adjectivado vemos empregado na «Relação do naufrájio da nao Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso:—«estava o chapiteo alastrado de moedas de oito reales em grande quantidade, afora muitos sacos que se botaram *mutrados* ao mar»—.

Note-se o plural castelhano *reales*, de *real*, naturalmente porque o autor à moeda espanhola se refere, como adeante faz, quando nos diz—«esconderam nela [a praia] os reales»—[2].

muxinga, muxingueiro

O primeiro dêstes vocábulos figura em vários dicionários, escrito *muchinga*, em duas acepções. Assim, o Contemporaneo diz:—«**Muchinga**... sova, tosa, surra [tanto sinónimo!] //. (Pleb.) excremento, dejecção, urina // F.[orma] bund[a] *Omichinga*»—. Êste *o* com que precedeu **michinga**, aliás *mixinga*, é o artigo definido, e *mixinga*, plural de *muxinga*, quere dizer

[1] Decreto de 18 de novembro de 1890.

[2] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xliii, p. 30 e 70.

em quimbundo — «açoutes, disciplinas» —[1], e deve de ser afim do verbo *kuxinga*, «injuriar».

O VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO de Dom Rafael Bluteau traz o vocábulo MUCHINGA com a seguinte definição — «Secreta no Limoeiro, carcere de Lisboa» —; e que SECRETA não é o moderno *segrêdo*, mas sim «privada, latrina», vê-se pela definição dada a essa palavra no mesmo Vocabulário. Êste significado parece relacionar-se com a segunda acepção consignada no CONTEMPORANEO, mas não tenho meio de averiguar se ela pertence também ao vocábulo quimbundo *muxinga*, acima apontado.

Seja como fôr, *muxingueiro* é na cadeia do Limoeiro o nome que se dá à autoridade imediata ao juiz da prisão. Se êste nome lhe foi dado porque êle com essas funções acumula as de guarda-latrinas, ou porque êle as exerce ou exercia por processos muito ligados à significação que o vocábulo *muxinga* tem na língua cafrial aonde o português o foi buscar, depende de averiguações ulteriores, que não tenho meios de fazer agora. É provável que o termo *muxinga*, com a significação de «pancada», «sova», viesse de relações com pretos encarcerados, passasse à jíria de malfeitores, e desta se generalizasse na língua comum, como tantos outros termos de calão.

muzimo

Termo da África Oriental Portuguesa, que quere dizer «áugure, adivinho».

— «Antes de marchar para qualquer empreza de guerra os grandes consultam sempre os augures *m'zimos*» —.

Acêrca do apóstrofo inútil, pois que a forma cafrial é tanto *muzimo*, como *mzimo*, e a primeira pode ser portuguesa, o que não acontece com a segunda, impronunciável para nós, veja-se o que disse na ORTOGRAFIA NACIONAL (páj. 229), acêrca das con-

---

[1] Joaquim da Mota, ENSAIO DE DICCIONARIO KIMBÚNDU-PORTUGUEZ, Lisboa, 1893.

soantes *m, n,* iniciais, seguidas de outra consoante, em vocábulos tirados das línguas africanas, cafriais ou outras.

muzungo

— «os homens de côr e os pretos baptisados querem ser tratados por *muzungos,* nome que antigamente se dava só aos brancos» —[1]. Em quisuaíle significa «senhor».

Corresponde êste termo de cortesia, na África Oriental Portuguesa, ao *engana* ou *angana* do quimbundo na África Ocidental.

nababo

Êste termo, que já Bluteau incluíu no seu VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, é assim definido por êle: — «Termo do Mogol. He o titolo do Ministro que he Cabeça» —. Do português tiraram os ingleses o seu *Nabob,* na opinião de Yule & Burnell [2]. Outra forma mais próssima do orijinal é *Nauabo,* empregada por Fernám Guerreiro [3].

A palavra veio para português directamente do indostano NAUAB, que é o plural do vocábulo arábico NAIAB, «rejedor, vice-rei, nomeado pelo Gram Mogol».

O título passou depois a ser aplicado a outras autoridades de menor importância, e nos tempos da Companhia inglesa das Índias equivalia, com maior estadão e pompa, ao indivíduo que em Portugal se chamou *brasileiro,* e em Espanha *mexicano (mejicano),* isto é, àquele que enriqueceu na Índia, como os termos peninsulares querem dizer o mesmo com relação ao Brasil e às Américas Espanholas.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 9 de julho de 1904.

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896.

[3] *ib.*

nabinha

É no Minho «semente de couve», e por extensão, «semente de qualquer hortaliça».

nadir, názir

Estas duas palavras arábicas são derivadas do mesmo radical, NAẒAR, «encarar, observar»; *nadir*, é o adjectivo verbal NAẒIR, «fronteiro», e como termo de astronomia, corresponde, conforme Marcelo Devic [1], à expressão arábica NAẒIR AL-SAMT, «oposto ao zénite».

O outro vocábulo é nome de ajente da mesma raiz verbal, NAẒIR, com *a* longo e *i* breve (ao passo que NAẒIR, adjectivo, tem *a* breve e *i* longo) e quere dizer «inspector», ou como é definido no NÔVO DICCIONÁRIO, — «superintendente das mesquitas, e Supremo Tribunal» —. Assim o primeiro vocábulo deve acentuar-se em português *nadír*, e o segundo, *nâzir*.

náfego, náfrico, nafo

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, deriva-se êste vocábulo de *náfrego* { naufragum [2].

O significado actual de *náfego*, segundo o NÔVO DICCIONÁRIO, é — «que tem quadril ou anca mais pequena que a outra (falando-se do cavallo)» —; e o de *náfrico* — «derreado de um quadril (falando-se de cavallo ou jumento)» —, o que vem a ser a mesma cousa, por outras palavras. No Riba-Tejo *nafo* aplica-se também à pessoa que tem um ombro descaído.

---

[1] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 175-177.

naifa

Êste termo de calão, para designar «navalha de ponta e mola», é, como se sabe, aportuguesamento do inglês *knife*, que se pronuncia *nâif:*—«Temos... a bella da femea, com sua *naifa*»—[1].

naipe

Modernamente significa êste vocábulo, que de Espanha veio, cada uma das quatro marcas ou emblemas das cartas de jogar, *ouros, copas, espadas* e *paus*, cujos nomes não condizem com as figuras que intitulam, porque essas figuras são francesas, *carreaux, cœurs, piques* e *trèfles*, «quadrados, corações, lanças e trevos»; ao passo que os nomes portugueses correspondem às marcas espanholas, *oros* (dinheiros), *copas* (copos), *espadas* e *bastos* (paus), o que já advertiu F. Adolfo Coelho na Introdução ao Dicionário, chamado de Domingos Vieira.

Em castelhano, porém, *naipes* são «as cartas de jogar», e assim se denominaram elas igualmente em português, por ocasião da sua introdução cá. A orijem do vocábulo é desconhecida:

—E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia—[2].

naixó

—«Nova Goa, 29 de setembro... Os naixós, que só se occupam de qualquer industria»—[3].

---

[1] O Dia, de 5 de maio de 1902.
[2] Gil Vicente, Auto da Feira.
[3] O Seculo, de 21 de outubro de 1897.

nandrenine

—«Nova Goa 29 de setembro... não ha agricultura senão a do coco e do nandrenine»—[1].

nanga

Em Marromeu, África Oriental Portuguesa:—«é então chamado o *nanga* (curandeiro cafrial)»—[2].

Nanquim

O Nôvo Diccionário, *sub v.* **Nankim**, diz-nos ser—«fazenda de algodão ou ganga amarella, que vinha antigamente da China; tinta preta, procedente da China e que se usa em desenhos e aguarelas»—.

Tenho a fazer sôbre êste vocábulo as seguintes considerações. Primeiramente, *nankim* não é português: a forma portuguesa é *Nanquim*, nome de uma cidade chinesa, que os portugueses fizeram conhecida dois séculos antes de quaisquer outros europeus, com excepção de Marco Paulo Véneto, que por terra os antecedeu lá outros dois séculos e mais. Nenhuma razão há para se escrever esta palavra com *k*, que não é letra portuguesa, e muito menos chinesa, pois os chins não teem alfabeto.

Em segundo lugar, nunca se chamou simplesmente *nanquim* à tinta preta da China, mas sim, *tinta de Nanquim*. O mesmo se pode dizer com relação à fazenda de algodão, côr de grão, mas de matiz vivo, que se usou muito aí por 1840 a 1850,

---

[1] O Seculo, de 21 de outubro de 1897.

[2] Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903.

principalmente para calças: os franceses chamaram-lhe *nankin;* mas em português denominava-se *ganga açucarada,* em razão da sua côr de açúcar mascavado, e para a diferençar de outro tecido, também de algodão, e do mesmo modo muito consistente, porém mais ordinário, azul ferrete, que se chamava ou simplesmente *ganga,* ou também *zuarte,* vocábulo êste último que provávelmente é a escrita portuguesa da palavra holandesa *zwaart,* «preto».

De todo o exposto concluo que não existe em português o nome comum *nanquim,* e sim o próprio *Nanquim.*

nariz, nareces, narigão, narigada, narigudo

O vocábulo *nariz,* que empregamos no singular, e mais raramente no plural, como os espanhóis e como a forma antiga portuguesa *nareces,* «ventas» [1], não é o representante do latim nas, naris, que daria *nar(e),* mas sim de outra forma alongada, do latim popular *narix, narīcis,* cujo tema *naric-* se reproduz nos derivados *narigão, narigada, narigudo,* com *g* pelo *c* latino intervocálico, como é de regra (cf. *amigo* ¦ amicum). Na realidade, se os derivados o fossem do português *nariz,* diríamos *narizão, narizada, narizudo.*

nassì, naci

O Nôvo Diccionário acentua e escreve *násì,* o que não é certo, e define: — «presidente do synhedrim entre os judeus» —, o que também não é certo. Se o vocábulo, que não está abonado, foi empregado por autor português, aliás, não tem cabimento em dicionários portugueses, deve de ser escrito *nassì,* ou *naci,* para não ser lido *nazi:* tem o acento na última sílaba

[1] Revista Lusitana, III, p. 290.

(hebraico NÃÇÍA, NÃSÍA) e deve definir-se: presidente do sanedrim, e não **synhedrim**, ou então do *sinédrio*, grego SUNÈDRION «sessão», palavra que os judeus hebraizaram.

nasso

É um masculino formado do femenino *nassa*, nome conhecido de uma rêde, e de uma armadilha para apanhar passaros, que também se chama gaiolo *(q. v.)*:—«O botirão tem outro sacco a que chamam nasso»—[1].

natrum, natrão, natro

O NÔVO DICCIONÁRIO dá-nos três formas dêste vocábulo, que acentua *nátrum* e define:—«carbonato de soda crystallizado, que certas águas, contendo soda carbonatada em dissolução, deixam depositar evaporando-se. (Do arabe *nathroum*, carbonato de soda natural)»—. Pela transcrição do árabe vê-se que esta definição foi traduzida de francês.

A acentuação é *natrún*, ou *natrum*, e é inutil marcá-la, visto o vocábulo ser ocsítono terminado em *u* seguido de consoante. O vocábulo arábico é NATRUN, sem H nenhum, e tem o acento na última silaba, por ser a vogal dela longa seguida de consoante. As outras duas formas são *natro* e *natrão*, de outra forma, alatinada, *natro, natronis*.

nauseado

Na Madeira emprega-se êste adjectivo participal como substantivo, com a significação de «enjoo».

---

[1] Portugalia, I, p. 380.

navém, navim

O Nôvo Diccionário rejistou êste vocábulo como termo da Índia Portuguesa, e define-o: — «título de compra feito por notário» —. Não lhe dá étimo, o qual provávelmente é o concani nāvī, que quere dizer «em nome de», locução equivalente a um substantivo, denominando certa espécie de documentos, por começarem por essa palavra: cf. as locuções substantivas portuguesas *acórdão (acordam os* etc.), *um abaixo assignado,* e outras semelhantes, como termos juridicos.

A forma correcta deveria porém ser *navim,* e não, *navém.*

neblina

É castelhanismo por *nebrina,* que é a forma portuguesa. Castelhanismo semelhante é *clina* por *crina.*

nechinim

— «O que sabido pelos negros circunvezinhos, trouxeram a resgatar uma semente como alpiste, chamada delles nechinim» —[1].

negra-do-pote

Negra que acarretava água do chafariz [2].

negrilho

O Nôvo Diccionário rejistou já êste vocábulo no sentido de «ulmeiro», mas sem abonação.

---

[1] «Relação do naufrájio da nao Santo Alberto» (1611), *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xliv, p. 51.

[2] António de Campos, O Marquez de Pombal.

Eis aqui, uma, referente a Trás-os-Montes: — «O povo da Mófreita subiu aos castanheiros e negrilhos para se defender das ondas» — [1].

nene, nena

Nene é termo da Beira-Alta e designa «boneca», como diz o Nôvo Diccionário, no Suplemento. J. Leite de Vasconcelos cita o femenino *nena*, que define «boneca de pano» [2]. Cf. *menino*, e o castelhano *niño, niña*, «criança».

nêspera

José Leite de Vasconcelos explica esta forma, do latim mespilum, por dissimilação em *n* do *m*, em razão do *p* da sílaba seguinte [3]: cf. *nembrar*, forma antiga de *lembrar* { memorare.

Nêsperas japónicas se denominaram dantes as de casta mais apurada: — «Os pomares actuaes, exceptuando as laranjas, limões, tangerinas e nêsperas japonicas» — [4].

nhancainga

Marromeu, África Oriental Portuguêsa: — «um grande da familia do rapaz, grande que toma o nome de *nhancainga* [para tratar de casamento]» — [5].

---

[1] M. Ferreira Deusdado, O recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1881.

[2] Revista Lusitana, v, p. 241.

[3] Revista Lusitana, iii, p. 302.

[4] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, i, p. 317.

[5] Jornal das Colonias, de 20 de junho de 1903.

nhanha

—«N'hanha é a designação que os indígenas dão á preta que vive amancebada com o branco, e que os mulatos e *muzungos [q. v.]* querem que se dê ás suas concubinas»—[1].

Suprimi o apóstrofo entre o *n* e o *h*, por não ter significação apreciável, e ser um uso irracional dêste sinal ortográfico [2].

É possível, porém, que a verdadeira forma seja *enganha (ngaña)*.

nhonha

Êste adjectivo feminino acrescenta-se ao substantivo *língua*, *língua nhonha*, para denotar o dialecto crioulo português falado em Macau.

O vocábulo *nhonha* quere dizer «*senhora*», de que é deturpação crioula, talvez chinesa, mas ainda com maior probabilidade malaia, pois nesta língua geral, principalmente a dos Estreitos, a palavra portuguesa *senhora* adquiriu duas formas, *nonna* para designar «menina solteira» e *noña* (quási *nonha)*, para designar «senhora casada», e são êstes os tratamentos que em malaio respectivamente se lhes dão.

O crioulo macaísta, *língua nhonha*, orijinou-se naturalmente entre gente indíjena que falava malaio como língua própria, ou como idioma geral de comunicação com estranjeiros, e tem, como todos estes crioulos, por base o vocabulário português, regulado por sintasse indíjena, mediante abolição de quási todas as formas gramaticais europeias.

É de notar que os dialectos crioulos das várias línguas europeias, formados na Ásia e África, foram sempre produzidos

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÊ EM 1902.

[2] ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1904, p. 229.

pelo contacto de uma língua flecsiva com outra amorfa, isto é, sem formas gramaticais, ou entre duas línguas amorfas; jámais entre dois idiomas, ambos de complicada estrutura gramatical.

Exemplos frisantes dêste fenómeno são os vários crioulos portugueses da Guiné, e a ausência dêsses crioulos nas terras onde os idiomas cafriais, de riquíssima estrutura gramatical, são falados, em África, a sul da linha equinoccial, onde nenhum crioulo se produziu, falando os pretos português relativamente normal.

nhurro

No calão dos ladrões do Pôrto: «um pataco» [1], moeda de bronze do valor de 40 réis, que há muito tempo foi retirada da circulação.

nial

O Suplemento do Nôvo Diccionário rejista a forma *nial*, como trasmontana, com a significação de «ninho». É desnasalização de forma mais antiga *nīal*, ou mesmo derivação directa do latim *nidale* ¦ nidus, de que proveio o castelhano *nido*.

nicles

Esta expressão, meia faceta, meia calão, designa «cousa nenhuma». Deve ter sido introduzida na jíria entudantesca, quando ao latim nihil se dáva a pronúncia *níquil*, e a escrita nichil, atribuindo valor ao *h* medial, e dessa forma procede também o verbo *aniquilar*: — «A respeito do thesouro *trefles, bitocles, nicles*» — [2].

---

[1] O Economista, de 8 de fevereiro de 1885.

[2] O Economista, de 21 de fevereiro de 1890.

nivel, *nivel*

O Diccionário Contemporâneo acentua a primeira destas formas *nível,* e é esta a acentuação usual, não obstante ser errónea, devida modernamente a falsa analojia com os adjectivos verbais em *-ível,* como *temível, possível,* etc. A acentuação antiga era *nivél,* como pede o seu étimo imediato, o francês antigo *nivel, niveau (=nivèu),* actualmente pronunciado *nivô.* Que a acentuação era *nivél* demonstra-se pelas rimas de Gil Vicente, com palavras agudas em *-el:*

—*Non est tempus* bacharel
Imbarquemini in batel
. . . . . .
Semper ego in justicia
Feci, e bem por nivel—[1].

—Eu não fui ca enviado
Por piedoso nivel,
Senão socorrer ao gado
Das ovelhas de Israel—[2].

O Padre Gaspar Afonso emprega já *nivel,* que com certeza acentuava *nivél,* no sentido moderno da palavra, isto é, no do antigo *livel:*—«é esta penha tam rasa e tam igual, quanto os olhos se podem estender ao longo do mar, como se a natureza quisera lagear aquella praia com regra [régua] e com nivel»—[3].

A forma portuguesa é *livel (q. v.)* do latim libellum. Em castelhano acentua-se *nivél, desnivél.*

---

[1] Auto da barca do Inferno.

[2] Auto da Cananeia.

[3] «Relação da viajem e sucesso da nao Sam Tiago», *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xlv, p. 96.

nó

—«As figuras 11 e 12 fazem comprehender bem a disposição destas [lissas] e dos orificios chamados nós pelos quaes passam os fios da urdidura»—[1].

noca, noquinha *(=nòquinha)*

Em Caminha chama-se assim ao «nó do dedo».

noda, nódoa

A primeira destas palavras não é abreviatura da segunda; representa o latim nota, e a segunda o deminutivo notula: cf. *regua* ¦ regula, *mágoa* ¦ macula. Temos de escrever *nódoa*, e não *nódua*, porque o verbo *ennodoar* nas formas rizotónicas tem *ó* e não *u*, *ennodoa*, e não, *ennodua*.

nogão, nogal, nogueira, nogado, nógado

Todas estas formas procedem do radical latino *nuc-*, e não do nominativo nux, ou do accusativo nucem, que deu *noz*. O *c* abrandou em *g*, por ser intervocálico. *V.* **narigão.**

O doce feito de nozes, améndoas e pinhões deveria chamar-se *nogado*, com acento no *a*, por ser uma forma participial em *-ado*; mas o facto é que no Algarve acentuam, não sei com que fundamento, *nógado*, e é do Algarve que principalmente vem êsse doce, amassado com mel, em ladrilhos duríssimos.

---

[1] Portugalia, I, p. 375.

nora

Êste vocábulo, no sentido de aparelho para tirar água, é palavra arábica NAOURE, que deveria produzir em português *noura,* a não ser a 18.ª letra, que aqui represento por o, e que talvez explique o *i* do castelhano *noria,* com a mesma significação.

notrizio

É palavra antiga, mas ainda usada no Alentejo, com a significação de «aio» [1].

novel

Êste adjectivo, de emprêgo já raro na moderna literatura portuguesa, e pouco freqüente mesmo na antiga, parece não haver descido nunca ao uso popular. Não trataria dêle aqui, pois nenhum interêsse oferece, nem poderia dizer nada a seu respeito, que se não encontre em qualquer dicionário da língua, se, com surpreza minha, o não visse em publicação muito esmerada, como o é a GAZETA DAS ALDEIAS [2], acentuado *nóvel.* Ora, o sistema gráfico de acentuação usado na afamada publicação é o do NÔVO DICCIONÁRIO, muito metódico, e que se em alguma cousa peca, a meu ver, é por excesso de marcação, que às vezes perturba a leitura, por exemplo, com respeito ao emprêgo dos ápices, ou sinal de diérese.

¿Onde foi o signatário do artigo, em que aparece a singular forma *nóvel,* buscar semelhante acentuação? Ao uso comum, não de certo, porque o dito adjectivo lhe não pertence, e talvez nunca pertencesse. ¿Seria a qualquer dicionário? Nos vinte que con-

---

[1] REVISTA LUSITANA, II, p. 23.

[2] de 13 de agosto de 1905.

sultei, desde o de Bluteau até o de Cândido de Figueiredo, compreendendo o de Morais, os dois de Roquete, o de RIMAS de Eujénio de Castilho, o de SYNONYMOS de José da Fonseca, o PROSÓDICO de João de Deus, etc., não há senão um que assim acentue, o MANUAL ETYMOLOGICO de F. Adolfo Coelho; e cumpre-me declarar que nem por um momento é lícito supor que êste douto filólogo assim o profira: visto pois que lá está o êrro, deve êle ser imputável aos tipografos e aos revisores. Que é crassissimo o êrro, demonstra-o a mais superficial análise. O português *novel* é o castelhano *novél*, o italiano *novél(lo)*, o francês *nouvel* (ou *nouveau*), o latim nouellum. Adjectivos em que a terminação *-vel*, procedente de -bĭle latino, exista em português não há senão os verbais, derivados de participios passados passivos latinos, como *amável* (amabĭle), *crível* (credibĭle), *solúvel* (solubĭle), *móvel* (mobĭle), de amatum, creditum, solutum, motum, e êsses é que são acentuados na vogal temática, que conservam, dos ditos participios, por ser breve o *i* de -bĭle. Proferir *nóvel* por *novél*, e pior ainda, indicar com acento marcado tal pronúncia, é defeito, que não deve passar despercebido para que se corrija e se não difunda, o que seria lastimoso; em *novel* ¦ *novo* o suficso é *él* ¦ -ellum; o *v* pertence ao tema.

novo, novidade

Em Leiria o adjectivo *novo* acrescenta-se ao apelido, ou alcunha, no sentido em que na língua culta se emprega o latinismo *Júnior*: É o que acontece em francês com *jeune*.

O vocábulo *novidade*, com a acepção de «primícias de frutos», o que os franceses chamam *primeurs*, é já antigo, como se vê do trecho seguinte:— «Não deixou contudo de ser a novidade [de frutos] ainda mais abundante» —[1].

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 221.

nozelha

—«e como o comer não era muito [na Cafraria], aproveitaram-se [os portugueses] de umas raízes, semelhantes a outras chamadas entre Douro e Minho nozelhas, que eram mui doces, e da feição de pequenas nabiças, as quaes se acharam por êste caminho»—[1].

nuca

Êste vocábulo dá-se como sendo provávelmente derivado do árabe NUчAO, o que oferece muitas dúvidas. Primeiramente, a 7.ª consoante do alfabeto arábico, equivalente ao actual **j** castelhano, e que figuro aqui por ч, como figuro a 18.ª, que termina a palavra, por o, foi nas línguas peninsulares representada por *f*[2], conjuntamente com a 6.ª e a 26.ª, e não por *c*, a não ser já do século XV em deante, por transcrição convencional, e a palavra *nuca* há de ser mais antiga; em segundo lugar, o acento é em árabe na última sílaba por conter vogal longa, seguida de consoante. É possível, porém, que, como termo de anatomia, o vocábulo haja sido alatinado primeiro em *nucha*, pronunciado *nuca*.

ocarina, ocarinista; ocar

O NÔVO DICCIONÁRIO deriva êste nome (que se deu a um instrumento músico feito de barro) do verbo *ocar*, que diz ser desusado e provir de *oco*. Isto mesmo dissera o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, o primeiro que rejistou o vocábulo, com a di-

---

[1] «Relação do naufrájio da nao Santo Alberto», por João Baptista Lavanha (1611), *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIV, p. 36.

[2] *V.*, do autor, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE, Lisboa, 1892.

ferença de que não deu o verbo *ocar* como desusado. Ora, o termo *ocarina* é modernissimo, não chega a ter quarenta anos de existência em português, para o qual veio do Tirol italiano com uns músicos, os *ocarinistas*, que em Lisboa estiveram aí por mil oitocentos e setenta e tantos, a quem chamavam *apeninos*, e que deram vários concertos nesta cidade. Depois, houve também músicos portugueses que os imitaram, e do mesmo modo se intitularam *ocarinistas*, conservando o instrumento o nome de *ocarina*.

A respeito dêste instrumento, diz-nos a enciclopedia NOUVEAU LAROUSSE ILLUSTRÉ em resumo o seguinte: — «orijem [do nome] desconhecida. A ocarina foi inventada, aí por 1880, em Búdrio, na Itália, por um fabricante chamado José Donati» —.

Por aqui se vê quanto é infundada a conjectura de que o nome provenha do verbo *ocar*, que não existe em italiano. É provável que a palavra pertença a qualquer dialecto vernáculo de Itália, se não foi inventada lá, o que é menos natural, juntamente com o instrumento.

Ao verbo *ocar*, fora do uso comum, corresponde em castelhano *ahuecar*, muito usado, como *hueco* corresponde a *oco*.

oficiala

No Pôrto usa-se êste femenino de *oficial*, para designar o que em Lisboa se chama «costureira de modista».

ogro

O NOVO DICCIONÁRIO diz-nos que *ogro* é — «monstro imaginário que, segundo a superstição popular, comia gente» —.

Não existe semelhante vocábulo em português; encontra-se em francês *ogre* com aquela aplicação; mas a tal entidade fabulosa chama-se em português *papão*, do verbo *papar*, «comer», e chamou-se dantes *coco (q. v.)*, como ainda hoje em castelhano. *Ogro* é que nunca se lhe chamou cá.

oja, ojea

O vocábulo foi empregado por Gil Vicente para designar certa ave:

—Oja. Esta ave segue um temor;
Traz a ralé assombrada,
Porque a cada hora é mudada—[1].

A seu respeito diz-nos Bluteau o seguinte:—«Ave de rapina do tamanho de francelho, no talho semelhante ao falcão. Voa com summa velocidade. Sua caça he todo o genero de passarinhos. Os caçadores que cação com estas aves, não as largão: mas com ellas poem medo aos passarinhos, que vendo a ogea se escondem e cozem com a terra, tão espantados e estupidos, que se deixão prender com o laço»—[2].

Esta definição aclara o sentido do terceto de Gil Vicente.

ola, ola de repúdio

Êste vocábulo usado na Índia portuguesa, com a significação de «fôlha de palma», é o vocábulo malabar *ola* que tem a mesma significação, e ao qual se referiram João de Barros, Gaspar Correia e Garcia da Orta. A respeito dêle diz Bluteau:—«OLA ou olla, folha da palma, na India. (Faz telhado e cuberta a folhada das palmas, a que chamam ola). Hist. de S. Domingos, 3.ª parte, páj. 347»—. E no Suplemento acrescenta:—«Ola de repudio. Os Naires do Malavar, como se enfadão de suas mulheres, lhes dão huma Ola, como carta de repudio, para fazerem de si o que quiserem»—. *Couto, Dec. 7 fol. 234, col. 2.*

---

[1] AUTO DAS FADAS.
[2] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

Que o termo *ola* continua a ser usado na Índia portuguesa, vemo-lo pelo vocabulário indo-português, publicado por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado na REVISTA LUSITANA [1].

olaria, oleiro

A palavra latina olla, «panela», parece ter desaparecido em português, deixando porém, como vestíjios indubitáveis da sua existência, os derivados *olaria* e *oleiro;* ao passo que em castelhano, o qual conservou o vocábulo latino com a forma *olla, (=olha),* «oleiro» se diz *alfarero,* e «olaria», *alfareria,* com referência ao fabrico de panelas de barro, sendo menos usados neste sentido especial os termos *ollero* e *ollería. Alfarero,* conforme Eguílaz y Yanguas, é o antigo *alfaharero,* de *alfahar,* palavra arábica (ALFAHAR), e acrescenta:— «Los moros granadinos usaban el plural del nombre de oficio por el del lugar ú oficina en que se ejercia; asi en Pedro de Alcalá *haddidin* significaba «herreros y herrería». La puerta de Granada llamada *Bib alfajjárin,* puerta de los alfareros, resultó romanzada en los doc[umentos] cast[ellanos] del siglo XVI por «puerta de las ollerías»— [2].

O mesmo acontece em português, em que dizemos *rua dos Çapateiros,* em vez de *rua das Çapatarias,* conquanto porém haja em Lisboa uma rua chamada das *Olarias,* onde eu morei desde 1846 até 1857, em que havia, e não sei se ainda há, *olarias.*

A palavra *alfarero,* castelhana, na opinião de A. A. Cortesão [3] encontra-se em português no nome local *Alfarelos;* etimologia pouco verosímil, porque sendo *-eiro* terminação conhecida e

[1] t. VI, p. 82.

[2] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

[3] SUBSÍDIOS PARA UM DICC. DA L. PORT., Coimbra, 1900.

freqüentissima em português, para designar oficio, profissão, não era natural que se desse a dissimilação do *r* em *l*, por causa de outro *r*, com a perda do *i*; e a prova é que de *vara* se não fez *varelo*, mas *vareiro*, apesar do *r* do primitivo.

Olaria, além de significar a oficina onde se fabricam vasos de barro, quere também dizer, como o castelhano *ollería*, acumulação, colecção, comércio, de objectos de barro: — «O inquerito local atribue á olaria de Guimarães uma importancia de dez contos annuaes» — [1].

V. o vocábulo **panela.**

olhal

A esta palavra, que significa «vão entre os pilares de uma ponte», e em outras acepções, que se podem ver nos dicionários, «orificio», é conforme J. Leite de Vasconcelos, o latim oculare [2], isto é, *oclare*, *olhar*, e *olhal*, por assimilação. A mesma orijem tem o castelhano *ojal*, «casa em roupa».

olhalva, olhalvo

O Diccionario Contemporaneo diz-nos ser *olhalva* termo exclusivo de Leiria — «que designa a terra que se lavra duas vezes no anno e dá duas novidades» —. Conforme a informação de Acácio de Paiva, natural daquela cidade, tambem se diz *olhalvo*.

Êste ultimo vocábulo significa igualmente «que tem olhos com malhas brancas nas capelas», falando-se de cavalos, e neste caso a etimolojia é evidente, *olho* + *alvo*.

---

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 264.
[2] Revista Lusitana, II, p. 118.

olicórnio, licorne, unicórnio

As duas primeiras formas são corrutelas da terceira; a segunda é muito conhecida, e a primeira está documentada em Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

oliveira

É êste um dos vocábulos em que o *l* medial do latim olivaria se não suprimiu em português. Esta permanência explica-se, visto ser popular e evolutivo, pela forma *olveira* (ol(i)varia, ainda usada em Avis, à qual se acrescentou ao depois a vogal anaptíctica *i*, sendo a identidade com a forma latina mera coincidência. *Ulveira* ainda existe como nome de povoação [1].

Oliveira pressupõe a existência de *oliva*, ou forma desta derivada, que ao depois foi substituída pela palavra arábica *azeitona*, para designar o fruto. A êste respeito lêmos na revista Portugalia o seguinte:—«juntamente com esta [azeitona] ha ainda em hespanhol *oliva*, que esteve do mesmo modo em uso aqui, pois o nome toponymico de Modivas é expresso por *mola de olibas* n'um diploma»—[2]. É natural que a forma portuguesa haja sido *(o)ívas*.

ónibus, ómnibus

A primeira forma representa a pronunciação que toda a gente dá à palavra, *ómnibus* a ortografia latina, e também a pronúncia que, ao ler latim, damos a êste dativo-ablativo do plural de omnis, omne, «cada um», isto é, «para todos». A palavra foi introduzida como designação de uma carruajem, que compor-

---

[1] Portugalia, I, p. 160.

[2] Alberto Sampaio, As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *ib.*, I, p. 819.

tava várias pessoas, e fazia transporte de gente de Lisboa para o Campo Grande, para Belém, e para Bemfica. O nome veio de França com o objecto; mas como por essa época, apesar de haver só dois anos de estudo de latim em Portugal, algum se sabia mais que actualmente, em que há sete, deu-se ao vocábulo a pronunciação latina, ao nosso modo e não, afrancesadamente, *omnibüce,* como depois se fez a *recepisse,* que ridiculamente se lê *récépissé,* à francesa.

Fundou-se ha uns sessenta anos a chamada *Companhia dos Omnibus,* que veio a falir quarenta anos depois por falta de concorrência do público. A êste respeito lê-se no ECONOMISTA de 17 de agosto de 1885:—«1834—Concede-se o exclusivo estabelecimento de doze carruagens denominadas *omnibus,* a Aristides Henry de Barros»—[1].

ópera

Esta palavra italiana, que significa, como termo de teatro, «peça com música cantada», é simplesmente o plural opera do latim opus, «obra», palavra portuguesa que tem a mesma origem.

Como é sabido, são inúmeros os plurais neutros em *-a* introduzidos nas línguas románicas como singulares femeninos, confusão devida à coincidência das formas em que êsse *a* era terminação do singular femenino dos nomes da 1.ª declinação, e do plural neutro dos da 1.ª e 3.ª. Sómente o italiano conservou reminiscência, já inconsciente, do valor daquele *a* dos neutros latinos, pois *le ossa* é o plural de *l'osso,* por exemplo.

—«No primeiro quartel do seculo XVIII ensaiou-se um novo genero de peças em prosa e verso, com musica, especie de *zarzuelas,* a que davam a pomposa designação de *operas portuguezas*»—[2].

---

[1] ANNIVERSARIOS CELEBRES DA HISTORIA PORTUGUEZA.
[2] António de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL.

ópido

Êste termo de arqueolojia é pouco usado, e é o latim oppidum, que significava «fortaleza, lugar afortalezado», e ao depois qualquer «cidade pequena ou vila», reservando-se urbs para as grandes cidades, e para Roma, por excelência:—[1]. «Segundo revelam as explorações das ruínas d'alguns ópidos—Briteiros e Sabroso» [2].

Melhor se diz *cividade, citania, castro, crasto (q. v.).*

Por muito tentador que seja aprossimarmos de oppidum nome da vila de *Óbidos,* temos de rejeitar esta etimolojia, que pareceria intuitiva, porque *b* medial não pode provir de *pp,* mas sim, de *p,* e além disso o *d* medial desapareceu em português, nos vocábulos de orijem evolutiva, se em latim ficava entre vogais.

oranjino

É um neolojismo que se empregou para designar os cidadãos da abolida República de Oranje, na África Austral:—«O general orangino... e tres filhos seus ficaram prisioneiros»—[3].

orango-tango

A palavra é malaia, *óran után,* «homem (das) selvas»; mas para cá veio imediatamente do francês *orang-outang,* já errado, que se aportuguesou com o acrescentamento do *o* final:

> —O orangotango a corda á banza abana
> Com gestos e visagens de mandinga—[4].

---

[1] J. B. Gardin-Dumesnil, SYNONYMES LATINS, Paris, 1853, n.º 515.

[2] Alberto Sampaio, As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 109.

[3] O SECULO, de 29 de agosto de 1900.

[4] Bocage, SONETOS.

orca

Termo da Beira-Alta, o qual designa o que mais a norte, ou a sul, se chama *anta (q. v.)*:—«O nome de *orca* por que é designado o dolmen numa grande parte da Beira-Alta, pareceu-nos ser alli [Oliveira do Hospital] desconhecido»—[1].

orchata

Êste vocábulo veio do castelhano para português, como o prova o *ch* pelo *ge* do francês *orgeat* ¦ *orge* ¦ hordeum, «cevada».

ordenar, ordenhar, ordenho

Ordenhar é a forma evolutiva portuguesa, antes *ordēar*, do latim ordinare; *ordenar*, uma forma posterior, ou tirada novamente do latim, ou derivada de *ordem* (cf. *armazenar* ¦ *armazem*).

Em Caminha usa-se *ordenar*, com a significação de «amanhar peixe».

O verbo *ordenhar* na acepção mais usual, equivale a *munjir*, que o povo diz *mujir* ¦ mulgere; cf. *doce* ¦ dulce, com perda do *l*. *Ordenho* é um substantivo verbal rizotónico, derivado de *ordenhar*, e que expressa acto, acção:—«todos os annos muda de local [o bardo], ficando sempre proximo do monte [casal], e de modo que da porta principal se veja bem. Convem isso para, ás horas do ordenho, o pessoal do monte dar noticia da chegada das cabras»—[2].

---

[1] Portugalia, I, p. 18.

[2] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 547.

orelhas de orreiro

V. em **orreiro.**

órgão, pl. órgãos

Além de outros significados que esta palavra, do latim organum, adquiriu em português, cumpre rejistar mais as seguintes, determinadas por epítetos, designando várias peças do tear caseiro, no Minho: *órgão do fiado,* ou *das costas; órgão do peito; órgão do pano* [1].

Orgão, no sentido do que hoje dizemos *metal da voz,* foi empregado pelo cronista Rui de Pina: — «Suas palavras eram sempre bem ordenadas, e entoadas com mui gracioso orgão» — [2].

oriente

Tem uma acepção muito especial em português êste vocábulo, além daquelas que lhe são comuns com outras línguas românicas nas correspondentes formas: designa o «lustro natural das pérolas e aljófares». Esta acepção não está rejistada em dicionários, que eu saiba: — «perolas de um tão lindo «oriente», assim se chama o poder de dispersão luminosa da superficie margarítica» — [3].

É termo de ourivez, joalheiro e lapidário.

Orleãs, orleã

Conquanto ambos êstes substantivos, o próprio *Orleãs,* e o comum *orleã,* provenham ambos do nome da cidade francesa

---

[1] *V.* Portugalia, I, p. 374.

[2] Crônica de El-rei Dom Afonso V, cap. CCXIII.

[3] Bettencourt Ferreira, *in* Diario de Noticias, de 15 de junho de 1904.

Orleans, pronunciada actualmente *òrlêã,* é facto que, no nome da cidade proferimos um *s,* que não pronunciamos no nome do tecido delgado de lã, que designa o segundo vocábulo.

A razão presumível da diferença estará em que, quando o nome da cidade começou a dizer-se em Portugal, ou ainda o *s* soava nele em França, ou, escrevendo-se *Orleans,* se leu como se fosse português. O nome comum, porém, é muito mais moderno cá, e adquiriu a forma portuguesa *orleã,* por transmissão oral, como se reconhece pela ausência do *s* final.

orreiro

— «No fundo d'este poço, em uma cavidade aberta nas lageas que o forram, está uma trave que tem o nome de *orreiro;* n'uma das extremidades d'este, chamada *as orelhas do orreiro,* entra uma vara de ferro denominada a *agulha*» —[1].

osso, ossa

Como em castelhano, existiu sem dúvida a forma *osso, ossa* (a par de *usso, ussa* ¦ latim ursus, ursa), que J. Inácio Roquete incluíu no NOUVEAU DICTIONAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, (Paris, 1855).

ostreal, ostreira

Hoje chamamos *ostreira* ao local onde se criam ostras; dantes chamava-se *ostreal,* forma mais directamente derivada do latim ostrea, «ostra»: — «perolas... das quaes toda a Ilha [do Haiti] em redondo está cercada, ou calçada; porque ao pé della em redondo vai cingida de grandes ostreaes, em que se

[1] OS MOINHOS, *in* Portugalia, I, p. 388.

ellas criam, em tanta altura de água, que ás vezes custa a vida aos mergulhadores» — [1].

ouriço

Conforme J. Leite de Vasconcelos, êste vocábulo procede de uma forma *eiriço* ¦ ericio, forma postulada pelo nome *Ericeira* [2].

Mas ¿de onde veio o *i* de *eiriço?* Eu prefiro supor que a palavra *ouro* influiu em *eriço*, para o modificar em *ouriço*.

ourives, ourivez, ourivezeiro

A par da forma *ourivez* ¦ aurificem existiu em português também *ourivezeiro* ¦ aurificiarium [3]. O plural antigo de *ourivez* era *ourivezes:* — «E assi como os ourivezes, querendo alguũ ouro... o metem no cimento» — [4].

No Alentejo deduziu-se do plural *ourives*, um singular *ourive*.

ousia

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, do latim obsidia [5].

outono

¿Em que sentido está empregada esta palavra no trecho seguinte, que a não define? — «Algum *outono* das terras desapare-

---

[1] P.e Gaspar Afonso, «Relação da viagem e sucesso da nao Sam Francisco», in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 90.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 268.

[3] REVISTA LUSITANA, V, p. 52.

[4] LEAL CONSELHEIRO DE EL-REI DOM DUARTE, Paris, 1852, p. 26.

[5] REVISTA LUSITANA, III, p. 178.

ceu» —[1]. Refere-se à invernia nos Açôres, e o vocábulo é da Graciosa.

outro que tal

Esta locução pronominal tem por orijem, conforme Júlio Moreira, o latim alterum aeque talem [2].

ouvinho

É difícil de descortinar o significado e a orijem dêste adjectivo, empregado por Gil Vicente:

> — Vai logo ás ilhas perdidas
> No mar das penas ouvinhas,
> Traze três fadas marinhas
> Que sejam muy escolhidas — [3].

pá

Aos vários significados colijidos nos dicionários e atribuídos, com ou sem epítetos, a êste vocábulo, acrescentarei os seguintes, que não encontro rejistados nêles.

pá de aspar (Bragança): serve para limpar o trigo contra o vento.

pá de cavar: corresponde ao *bêche* francês.

pá da eira: é evidente o significado [4].

pá do laboreiro: pá pequena, usada nas marinhas do sal [5].

---

[1] O ECONOMISTA, de 25 de fevereiro de 1888.

[2] REVISTA LUSITANA, IV, p. 270.

[3] AUTO DAS FADAS.

[4] Francisco Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, *in* Portugalia, I, p. 646.

[5] O SECULO, de 10 de junho de 1904, onde vem figurada.

A forma antiga era *paa* | pala, com a queda normal do *l* latino entre vogais.

pacari

Segundo informação pessoal e fidedigna, dá-se na Índia Portuguesa êste nome ao que no reino se chama «alpendre, alpendrada».

Não tenho à minha disposição elementos que me habilitem a indagar a forma indiana da palavra; só direi que no Diccionário concani português encontro P'AKAḌĪ, com a significação de «corola» [1].

pachavelão

— «em retôrno do qual [presente] mandou logo [o Naique] dar ao padre Provincial cinco pachavelões que são uns panos pintados» — [2].

paço, passo

São dois vocábulos distintos na escrita, e em certas partes do reino (Trás-os-Montes, Beira-Alta, Minho) também na pronúncia, como antes do século XV o eram em todo o reino, e mesmo até o XVII o foram em quási todo, a partir do Tejo para o norte.

Já na Ortografia Nacional [3] me referi ao êrro de tomar, como se fêz em algumas edições das Obras de Camões, o vocábulo *paço* por *passo* nos seguintes versos:

—¿E que é êsse amador
Que quer ter comigo paço?—

---

[1] Sebastião Rodolfo Dalgado, DICCIONARIO KOṄKAṆÎ-PORTUGUEZ, Bombaim, 1890, p. 320, col. II.

[2] P.e Manuel Bernárdez, «Descrição da cidade de Columbo», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, t. XLI, p. 118.

[3] Lisboa, 1894, p. 115.

Paço é «gracejo», e ao trecho de Lucena, ali aduzido para prova, acrescentarei êste do mesmo escritor, que é mais explícito:—«porque o ordinario he sobejar o riso e o paço, onde faltam forças e poder, e desprezar gracejando o inimigo»—[1].

padecer, padecente

Êste verbo tem uma acepção muito especial, a de «ser justiçado», e por isso se dizia o *padecente*, particípio activo substantivado dêsse verbo, que em tal acepção já era usado no XVII século, como se vê no passo seguinte:—«estava para ir a padecer»—[2].

Fernám Méndez Pinto emprega *padecente* no sentido referido: —«o triste padecente»—[3].

padiola

Esta palavra é definida por Bluteau [4] como significando «instrumento de braços em que pegam dous homens, e acarretam pedras, lenha, etc».

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO define-a melhor:—taboleiro quadrado, com quatro braços, um em cada ponta, que serve para o transporte de fardos, de terra, de areia, e é levado por dois ou quatro homens—, e dá-lhe como étimo o castelhano *parihuela*, que Cándido de Figueiredo [5] aceitou em dúvida, e F. Adolfo Coelho admitiu, hesitando porém em dar-lhe como orijem a que lhe atribui o Dicionário da Academia Espanhola, isto é, *par*, sem

---

[1] João de Lucena, VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, v, 7.

[2] P.e António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1904, p. 194. (1596 † 1659).

[3] PEREGRINAÇÃO, cap. CXCVIII.

[4] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

[5] NÔVO DICCIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUÊSA.

nos declarar se êste *par* é substantivo ou adjectivo, e qual a acepção em que foi tomado, para produzir o que a Academia nos diz ser um deminutivo.

No I volume da Revista Lusitana [1887-89], a páj. 215, tratei da expressão castelhana, usada no dialecto transmontano português de Rio-Frio, *á la parigùela!*, como querendo dizer «vá ganhar a vida!, vá trabalhar!», e identifiquei essa palavra com a espanhola *parihuela*, de que é variante dialectal, dando-lhe como correspondente quer formal, quer significativo, o português *padiola*.

A ninguém, creio eu, occorreu ainda que os dois vocábulos tivessem orijem diferente, suposto apresentem uma permutação rara de *r* e *d*, de que são exemplos todavia o português *lamparina*, a par de *lámpada*, castelhano *lámpara*, *lamparilla*, e o castelhano e português *mentira*, a par do catalão *mentida*, inquestionávelmente participio passivo de *mentir*, substantivado.

Mantenho tanto para o português *padiola*, como para o castelhano *parihuela* o étimo que então propus, o latim *paleóla*, por paleōla, deminutivo de pala, «pá», mudado o *l* para *r* em castelhano e para *d* em português, por dissimilação do *l* da terminação: cf. ainda *padejar* ⟨ pala [1], *adejar* ⟨ ala.

Acrescentarei que a orijem imediata de português *padiola* é provàvelmente o castelhano *parihuela*, visto que, se *padiola* se derivasse directamente do latim *paleola*, o *l(a)* haveria sido suprimido. O mesmo podemos dizer com relação a *lamparina*, que parece igualmente ser uma acomodação do castelhano *lamparilla*, visto que o primitivo é *lámpada* ⟨ lampas, -adis, e não *lámpara*, como na outra língua hispánica. A palavra é de sua orijem grega, lampas, genetivo lampádos, e significava «archote», «brandão».

A forma popular portuguesa é *alampada*, com *a* prostético; que provàvelmente é o artigo femenino *a*, que se lhe soldou.

Como me adverte o meu amigo Júlio Nombela, na Es-

[1] J. Cornu, Grundriss der romanischen Philologie, I, p. 754.

tremadura espanhola são usuais os deminutivos em *-ino, -ina*, correspondentes a *-inho, -inha* portugueses e a *-illo, -illa* castelhanos, e é portanto de presumir que o vocábulo *lamparina* seja enteiramente espanhol estremenho, visto que deminutivos em *-ino, -ina* não são portugueses.

padixá, paxá, baxá

A primeira destas formas é enteira, em persiano *pādixāh* (PADIXAE), «monarca»; *paxá* é abreviatura, com supressão da sílaba DI, e é título dado aos governadores das províncias e outros funcionários superiores da Turquia; *baxá* é a arabização de *paxá*, porque em árabe não há nem o som, nem a letra *p*. As escritas *padichah, padischah, pachah, paschah, bachah, baschah* são bárbaras; quando muito, em transcrição rigorosa, poderiam escrever-se *padixáh, paxáh*, visto que a última letra do nome em persiano tem o valor de *h* aspirado; como porém o não aspiramos, é inútil escrevê-lo, e mesmo em árabe nenhuma aspiração final termina a palavra *baxá*, e a sua escrita e pronúncia é BAXÁ [1].

pagaia, pagaiar

Como em francês *pagaie*, é *pagaia* na Guiné uma casta de remo, e *pagaiar* remar com êle [2]. Os etimolojistas franceses consideram, em dúvida, o vocábulo *pagaie* como americano, caraíbe. A ser assim, o nome português seria talvez cópia do francês.

---

[1] V. Garcia de Tassy, MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878, p. 40, 41,-44, 60 e 75.

[2] C. E. Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

pagode, pagodento

Em dois sentidos foi a primeira destas palavras empregada pelos nossos escritores quinhentistas e seiscentistas, e às vezes pelo mesmo autor, na mesma obra: «templo»; «ídolo».

Aqui vou pôr exemplos de ambas as acepções principais, e de algumas subsidiárias.

ídolo: — «lhe jurava pelas alparcas douradas do seu pagode» — [1].

templo: — «pagode seu pai enterrado» — [2].

templo: — «como se o dia de oje lhe fizerão comer carne de vaca na porta principal do seu pagode» — [3].

templo: — «vimos em cima da cêrca do pagode grande dos jazigos dos reis, hũa muito comprida carreira de fogos» — [4].

ídolo: — «já naquelle paço se não adorava o pagode Amida» — [5].

ídolo: — «É esta nação [Aname] muito inclinada ao culto dos seus deuses e pessoas que tem por santas, que com serem pobres é muito o que gastam no culto dos pagodes, e edificios de templos sumptuosos» — [6].

ídolo: — «Nem se pode dizer serem os pagodes autores do universo, quando é certo que qualquer pagode (ainda o primeiro que se assine) teve pae e mãe» — [7].

ídolo: — «levando em uma charola o pagode» — [8].

templo: — «Tinha este mandarim Paulo, sendo gentio, feito um grande pagode, com dotação de muitas rendas de arroz» — [9].

---

[1] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. IX.

[2] [3] [4] *Idem, ib.*, cap. IX, XI e LXXVIII.

[5] [6] [7] [8] Padre António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 27, 71, 138 e 248.

[9] *Id., ib.*, p. 238.

Outros exemplos podem ver-se em Yule & Burnell [1], e em Bluteau [2], de onde copio a seguinte inscrição que é elucidativa: — «Pagode. Tambem he moeda de ouro, de duas, ou tres castas que o gentio da India fabrica, & por ser cunhada com a figura do diabo, foy chamada Pagode. Finalmente a huns pequenos idolos de porcellana, que vem da China, derão alguns o nome de pagode» —.

Quanto à etimolojia, é ela por emquanto ignorada.

Os diversos étimos que teem sido propostos, mesmo o que mais aceitação teve, isto é o persiano PUTKUDE, de PUT, «ídolo», e KUDE, «casa», oferece fraca probabilidade de ser o verdadeiro. Quanto a mim, toda a investigação ulterior deve partir da acepção «ídolo», e não, da de «templo».

No sentido de «imajem de ídolo», vemo-lo até empregado como deminutivo: — «Iam adeante quatro andores com alguns pagodinhos» — [3].

O adjectivo *pagodento*, empregado por António Francisco Cardim, equivale a «pagão»: — «e como fosse grande pagodenta e capital inimiga dos christãos» — [4] — «e pode ser tambem que a divina semente brote um dia na terra esteril dêstes pagodentos» — [5].

É evidente que de pagode, no sentido de «ídolo», se derivou *pagodento*, no de «idólatra».

Pagode, como termo de calão, é de uso muito moderno, e significa «folia, bambocha, despesa louca»: — «Já não ha «cabarets», com «bocks» a 50 centimos, com canções e pagode» — [6].

— «Com o regimen de pagode, que tem sido o programma dos governos até hoje» — [7].

---

[1] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, etc., Londres, 1886.

[2] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO. *V.* também o Suplemento.

[3] P.e Manuel Bernárdez, «Descrição da cidade de Columbo», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, t. XLI, p. 107.

[4] e [5] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 218 e 227.

[6] O SECULO, de 30 de abril de 1900.

[7] *ib.*, de 15 de abril de 1902.

É natural que esta acepção provenha das funções que se realizam nos pagodes, e que indivíduos portugueses que tivessem estado na India houvessem trazido para cá o termo, já no sentido de «folgança».

pai

Esta forma muito portuguesa, cujas anteriores foram *pae, pare, padre* ⟨ patrem, adquire, além dos vários sentidos em que pode ser tomada, outras acepções determinadas por epítetos, e das quais rejisto aqui duas, que ainda não vi apontadas.

pai-da-cabrada, no calão dos ladrões do Pôrto: «o comissário de policia» [1].

pai dos caixeiros:—«Rio de Janeiro. O meu amigo talvez não saiba que ás 10 horas da noite corre aqui um grande sino da egreja de S. Francisco de Paula, o que indica a hora a que são obrigados a fechar todos os estabelecimentos que não teem licença especial. Chamam geralmente a este toque—*o Aragão* [q. v.],—ou *o pae dos caixeiros*... a segunda [denominação], claro é que provém de ser áquella hora que os caixeiros acabam sua tarefa da noite»—[2].

paiol

O correspondente castelhano, quer formal, quer ideolójico, para esta forma portuguesa é *pañol*, como termo de bordo. Há o *paiol da polvora*, o *paiol da bolacha*. Para encontrar étimo comum, temos de admitir que primeiro se desse êste nome ao repartimento em que se arrecadasse a bolacha, ou *pão*, e supor que a forma portuguesa antiga fosse *pãiol* de um vocábulo latino popular paniolum ⟨ panis, «pão», que com menor alteração desse em castelhano *pañol*.

---

[1] O Economista, de 8 de fevereiro de 1885.

[2] *Ib.*, de 12 de agosto de 1885.

país, paisajem, paisajista, paisista

A palavra *país*, hoje perfeitamente naturalizada, com a suprema autoridade de Alexandre Herculano, nem é vernácula, nem clássica. Foi tirada já há muito do francês *pays* ⟨ pagensis ⟨ pagus, «aldeia» e corresponde-lhe em catalão a forma *pagés*, «rústico, camponês, dos campos», por oposição a «cidadão, da cidade, urbano».

País, no sentido, rejistado por Bluteau, de termo de pintura, é por êle definido — «Paineis em que estão representados arvoredos, prados, fontes, casas de prazer e outros apraziveis objectos do campo» —. Aqui o abalisado filólogo cincou; melhor fôra não ter traduzido tanto à letra *maison de plaisance*; «casas de recreio ou de recreação» seria mais português.

De *país* neste sentido se derivou *paisista*, que Bluteau também rejista e define: — «Aquelle que tem genio para fingir bem arvoredos, longes, prados, fontes e lugares campestres» —.

Dêste termo de pintura se serviu modernamente, referindo-se à ilha de Sam Miguel, o eximio poeta e prosador Bulhão Pato, devoto cultor da boa linguajem portuguesa: — «mas está ainda para vir um paisista de genio que o traslade na tela ou nas folhas de um livro» —[1].

Neste sentido, porém, é mais freqüente escrever-se *paisajista*, visto dizer-se pintura de *paisajem*, e não, de *paises*: — «[Camões] soube ser paysagista cheio de grandesa e magestade» —[2].

A propósito dos vocábulos *paisajem*, *paisajista*, direi que é absurdíssimo conservar-se neles a ortografia francesa com **y**, visto que a sua relação com *país* é evidente, e neste ninguém se lembra de escrever tal letra, que se em francês tem uns vizlumbres de propriedade, por equivaler a dois **ii** (**pai-is**=*pêi-i*), com

---

[1] O Seculo, de 6 de junho de 1904.

[2] J. Gomes Monteiro, Carta ácerca da Ilha dos Amores, Pôrto, 1849, p. 69.

forme um dos modos de pronunciar a palavra, essa razão não se dá em português.

Absurda é também a pronúncia *pàisajem*, visto que ninguém pronuncia *pà-is:* deve pronunciar-se *paìsajem, paìsajista,* em cinco sílabas, *paìsista,* em quatro.

pajião, pajão, paisão

A pronúncia das duas primeiras formas é *pàjião, pàjão,* com a aberto na primeira sílaba átona. É o nome que nas marinhas de sal se dá a uma pá grande, com longo cabo.

O Seculo, de 10 de junho de 1901, traz a figura dela.

palangana, pelangana

O Diccionario Contemporaneo e à imitação dêle o Nôvo Diccionário escreveram pellangana, com *ll,* e o segundo arbitra-lhe uma etimolojia, confundindo ambos numa só dição dois vocábulos diferentes: o primeiro é derivado de *pele:* o segundo, «tejella», é também *palangana,* como em castelhano, onde quere dizer «bacia de lavar as mãos».

palanquim, palanque, palanca

O Nôvo Diccionário diz-nos que êste vocábulo veio do páli *palangka [sic]* [1]. É possível que orijinàriamente seja páli, o que não afirmo nem contesto, pois não há lugar aqui para escojitar etimolojias das línguas áricas da Índia: excursos e divagações dessas guardam-se para monografias especiais, ou deixam-se aos indianistas, únicos que teem competência para tratar de tais

[1] A forma transliterada rigorosamente é PaLLĀKA.

assuntos, e autoridade para impor como verdadeiras as suas conclusões.

Quando os portugueses foram à Índia, de onde, segundo todas as probabilidades, trousseram talvez êste termo, equivalente a *andor,* já o páli estava morto, extinto como língua vernácula, havia muitos séculos, e portanto não podiam êles ir lá buscar a palavra, porque da literatura páli nada, ou quási nada conheceram.

O termo foi empregado na PEREGRINAÇÃO de Fernám Méndez Pinto: — «hiam nũs palanquins que outros sacerdotes, seus inferiores, levavaõ aos ombros» — [1]. Deve pois ter sido recebido o termo de uma língua vernácula da Índia (em indostano é *palki)* ou do malaio, que servia de língua geral e onde a forma correspondente é *palánki,* mas orijinária naturalmente da Índia.

É possível também que a palavra *palanque* influísse na forma portuguesa, como opinam Yule & Burnell [2], se esta palavra não é meramente um primitivo ideado, por se supôr *palanquim* forma deminutiva. No emtanto, o vocábulo *palanque* tem várias acepções bem portuguesas; ao passo que *palanquim* nunca se vulgarizou no continente, a não ser em tempos modernos, mercê de o povo ouvir nomear assim os *andores,* ou *andas,* que nos teatros figuram em peças com cenário oriental. Eis aqui um exemplo vernáculo de *palanque:* — «Organizadas as peças separam-se à cordel e dispõem-se depois em *estadas,* ou *palanques,* ou sejam os taboleiros situados fora ou dentro do cobêrto» — [3]. Aqui a palavra equivale a *prateleira,* em sentido geral.

A prova de *palanque* ser termo vulgar, talvez aparentado com *palanca,* «padiola», «estacaria», é ter dado orijem a um anexim — ver touros de palanque —, isto é, «a salvo, sem perigo». Nas praças de touros *palanque* é a «trincheira».

---

[1] cap. CLX.

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886.

[3] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 23[illegible]

palhão

Ignoro o significado desta palavra, que vejo empregada no trecho seguinte: — «dos andores tradicionaes, grande armação, santo ao alto, fitas voejando, palhão e espelhos faiscando e aureolando o orago» — [1].

palheira

— «A palheira é uma simples pavêa de colmo de que os rapazes se servem, na maioria dos casos, para caçar os grillos. Para isso introduzem-na nas covas ou *buracas*, e andam com ella ao redor» — [2].

palheiro

Em Espinho dá-se êste nome à casa em que se arrecadam os petrechos para pesca [3].

palito

Conquanto a indústria do fabrico de palitos seja bem portuguesa, o nome é forçosamente castelhano, *palito*, deminutivo de *palo*. Os espanhóis, porém, hoje em dia, aos palitos importados de Portugal, e que já vão sendo lá muito usados, chamam *palillos* (= *palilhos*), outra forma deminutiva do mesmo primitivo *palo*, «pau», e que também tem outras acepções, em geral correspondentes ao deminutivo português *pauzinho*.

Conforme o seu maior ou menor acabamento, os palitos tomam vários nomes, quási sempre epítetos, alguns dos quais se empregam independentemente, com elipse do substantivo.

---

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 253.

[2] J. Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 90.

[3] Diario da Manhã, de 23 de setembro de 1877.

Dêste modo, há: *palito frisado; palito de flor* ou *bordado,* — «assim denominado em virtude da sua ornamentação mais ou menos esculpida» —[1]; *(palito) marquesinho,* com haste pequena e bem alisado.

palminha(s), palmilha(s)

Êste deminutivo de *palma(s),* na acepção de «palmas das mãos», é usado no modo de dizer *trazer nas palminhas,* subentendendo-se *das mãos,* e cujo sentido é «tratar com muito carinho», como a significação natural das palavras o está declarando. Numa folha periódica da capital transformou-se esta conceituosa expressão, pretendendo-se, porém, conservar-lhe o valor ideológico, em outra, que quereria dizer exactamente o contrário:— «publicaram-lhe o retrato... trouxeram-no nas palmilhas» —[2], isto é, «debaixo dos pés». Se acaso não foi êrro tipográfico, já é vontade de estragar uma frase tam bonita.

palmito

Além das acepções desta formosíssima palavra, já admitidas nos dicionários, tenho a acrescentar uma, que desdiz bastante de todas elas: é o nome que dão na África Ocidental Portuguesa a um lagarto das árvores, segundo vêmos na EXPEDIÇÃO PORTUGUESA AO MUATIÂNVUA, de Henrique de Carvalho.

paló

Na Índia Portuguesa *pano paló* é «pano ordinário», em concani *palão,* «ourela, ourelo» [3]. Diz-se por oposição a *pano-baju,* que é mais fino.

---

[1] Portugalia, I, p. 627.
[2] O SECULO, de 25 de setembro de 1905.
[3] Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, REVISTA LUSITANA, VI, p. 82.

palpite

Êste substantivo rizotónico, derivado do verbo *palpitar*, é definido no DICCIONARIO CONTEMPORANEO em duas acepções: — «palpitação, pulsação do coração... Presentimento (particularmente ao jogo)» —. O NÔVO DICCIONÁRIO resume ainda a definição.

Na primeira acepção, de *palpitação*, nunca o vi nem ouvi, e creio que ninguém o emprega.

Na segunda, «pressentimento», está abonado no passo seguinte: — «mas *tivera o palpite* de que não matara» —[1].

A nenhuma das duas acepções apontadas pode subordinar-se êste vocábulo na frase que vou transcrever: — «depois que se doseiam [as arjilas] n'uma proporção de palpite» —[2].

Aqui *palpite* significa «tentativa, experimentação, quási segura pela prática adquirida».

palrante

No calão dos ladrões do Pôrto quere dizer «relojo»[3].

panal

— «Para lançar ao mar estes barcos [os de fundo chato] collocam-se na praia grandes rolos (panaes) em direcção ao mar» —[4].

---

[1] O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

[2] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 288.

[3] O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

[4] P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 150.

Dêste modo, há: *palito frisado; palito de flor* ou *bordado,* — «assim denominado em virtude da sua ornamentação mais ou menos esculpida» —[1]; *(palito) marquesinho,* com haste pequena e bem alisado.

palminha(s), palmilha(s)

Êste deminutivo de *palma(s),* na acepção de «palmas das mãos», é usado no modo de dizer *trazer nas palminhas,* subentendendo-se *das mãos,* e cujo sentido é «tratar com muito carinho», como a significação natural das palavras o está declarando. Numa folha periódica da capital transformou-se esta conceituosa expressão, pretendendo-se, porém, conservar-lhe o valor ideológico, em outra, que quereria dizer exactamente o contrário: — «publicaram-lhe o retrato... trouxeram-no nas palmilhas» —[2], isto é, «debaixo dos pés». Se acaso não foi êrro tipográfico, já é vontade de estragar uma frase tam bonita.

palmito

Além das acepções desta formosíssima palavra, já admitidas nos dicionários, tenho a acrescentar uma, que desdiz bastante de todas elas: é o nome que dão na África Ocidental Portuguesa a um lagarto das árvores, segundo vêmos na EXPEDIÇÃO PORTUGUESA AO MUATIÂNVUA, de Henrique de Carvalho.

paló

Na Índia Portuguesa *pano paló* é «pano ordinário», em concani *palão,* «ourela, ourelo» [3]. Diz-se por oposição a *pano-baju,* que é mais fino.

---

[1] Portugalia, I, p. 627.

[2] O SECULO, de 25 de setembro de 1905.

[3] Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, REVISTA LUSITANA, VI, p. 82.

palpite

Êste substantivo rizotónico, derivado do verbo *palpitar*, é definido no DICCIONARIO CONTEMPORANEO em duas acepções: — «palpitação, pulsação do coração... Presentimento (particularmente ao jogo)» —. O NÔVO DICCIONÁRIO resume ainda a definição.

Na primeira acepção, de *palpitação*, nunca o vi nem ouvi, e creio que ninguém o emprega.

Na segunda, «pressentimento», está abonado no passo seguinte: — «mas *tivera o palpite* de que não matara» —[1].

A nenhuma das duas acepções apontadas pode subordinar-se êste vocábulo na frase que vou transcrever: — «depois que se baseiam [as arjilas] n'uma proporção de palpite» —[2].

Aqui *palpite* significa «tentativa, experimentação, quási segura pela prática adquirida».

palrante

No calão dos ladrões do Pôrto quere dizer «relojo»[3].

panal

— «Para lançar ao mar estes barcos [os de fundo chato] collocam-se na praia grandes rolos (panaes) em direcção ao mar» —[4].

---

1 O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

2 Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 288.

3 O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

4 P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 150.

panca, pancada, palanca

Panca é uma «alavanca de madeira», um «barrote», e *pancada* um derivado dêsse vocábulo, que se generalizou muito mais que êle. O étimo de *panca* é sem dúvida *planca*, com a vogal anaptíctica *a* entre o *p* e o *l*, *palanca*, que existe nos falares transmontanos, talvez por influência das línguas raianas, nas quais o *l* intervocálico permanece, como em castelhano. Cf. *càveira*, castelhano *calavera* ¦ latim caluaria.

Outro étimo se propôs para *palanca*, o grego P'ALÁGGĒ, que deu o latim phalanga; a mudança anormal, porém, do *g* em *c*, aconselha-nos a repudiá-lo como inverosímil.

A locução adverbial *de pancada*, equivalente a «duma só vez», hoje trivial, foi já culta e literária: — «árvore velha e torta, que de pancada se não pode endireitar» — [1].

pancá, *pancar*

Na Índia é um grande abano suspenso no teto, para arejar e refrescar a casa, ajitado pelos servos. O Nôvo Diccionário dá a forma *pancar*, que é inexacta, pois não é mais que uma convenção de escrita inglesa para representar o *a* aberto acentuado da forma concani e indostana orijinal PĀMK'Ā. Outras escritas inglesas para o mesmo fim são *pankah*, *pankaw*. Com efeito, um dos maiores defeitos da ortografia inglesa é não ter modo de figurar claramente a pronúncia do *a* de *father* (nem a do *u* de *bull*), recorrendo-se para isso a expedientes vários, todos êles dúbios, e que induzem em êrro a quem desconhece esta particularidade.

O Dicionário concani-português de Dalgado dá duas formas, a citada, com o sentido indicado, e PĀMK'O, com a signifi-

[1] P.e António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 279.

cação de «leque» *(q. v.)*. A palavra éi ndostana, e, conforme Yule & Burnell [1], designou primeiro a «ventarola de palma».

pandilha

Tem dois sentidos êste vocábulo: o primeiro, mais comum, é «pessoa vil»; o segundo, castelhanismo *(pandilla)*, pouco usual, quere dizer *conluio*, o que o povo chama *panellinha*, por alusão provável à *panelinha à parte*, que se prepara para doente, separada da *panela comum*, para o resto da família. *V.* em **panela.**

pandoro

Termo da África Oriental Portuguesa: — «os grandes consultam sempre os augures, *mzimos*, por intermedio geralmente de uma velha feiticeira, ou do feiticeiro, *pandôro*» — [2].

pandulho

O Nôvo Diccionário diz-nos ser — «lastro da tralha inferior das rêdes» —. É uma acepção, mas tem outra: «pedra grande presa a uma corda e que serve de âncora a barcos pequenos».

panela, paneleiro

Esta palavra é forma deminutiva de latim vulgar *panna* ¦ *patna* ¦ patĭna, que tinha significação análoga. Dessa forma vulgar procederam o inglês *pan* e alemão *pfanne*, «sertã».

---

[1] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886, *sub voc.* **Punkah.**

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

Em italiano temos *padella*, com o mesmo suficso deminutivo. É fenómeno comum às linguas románicas esta ampliação das palavras monossilábicas ou dissilábicas latinas, de significação concreta, designando quer objectos, quer plantas, quer animais: ou porque essas formas, ampliadas em geral por suficsos deminutivos, eram já preferidas no latim vulgar, particularidade que herdaram os idiomas novi-latinos, com excepção do ríjido francês; ou porque, perdida a terminação casual latina, os vocábulos ficaram com pouco corpo e sujeitos a confusão com outros, que por perda igual, e abrandamentos de consoantes se reduziam a formas converjentes.

Darei um exemplo bem claro dessa ampliação: *abelha* e *ovelha*, de apic(u)la e ouic(u)la, deminutivos de apis e ouis, como o é *janela* ¦ *iannela* por ianua, o primeiro dos quais ficaria quási igual a *ave* ¦ auem.

No sul do reino *panela* designa uma «vasilha de barro, de ferro, ou de folha, onde se cozinha a sopa»; no norte, porém, só se dá êste nome àquela que se ergue sôbre três pés, para se lhe meter lenha acesa por baixo. A vasilha que para tal fim se usa, por exemplo, em Mirandela, assente sôbre a trempe do fogareiro ou sôbre o lar, denomina-se *chaspa (q. v.)*, e não tem pés.

Panela designa também a comida principal, a *sopa* ou *caldo*, por serem preparados em *panela*, e não em *tacho*, *frijideira*, etc., e por isso se diz *panela de carne*, *panela de galinha*, *panela de peixe*, ou *de jejum*:

> —Outro bem terás com ela:
> Quando vieres da arada,
> Comerás sardinha assada,
> Porqu'ela janta à panela—[1].

Os espanhóis também dizem, do mesmo modo e com a mesma metáfora, *el puchero*, e os franceses, *le pot-au-feu*, *la marmite*. (*V. panelinha* em **pandilha**).

---

[1] Gil Vicente, AUTO DA FEIRA.

Do vocábulo *panela* derivou-se, e bem, *paneleiro*, desusado no sul, com a significação de «fabricante de panelas», mas que subsiste ainda no norte, em Trás-os-Montes, etc., designando o *oleiro*, palavra cuja formação e sentido são idénticos, pois se deriva de *ola*, castelhano *olla* ¦ latim olla, «panela». — «Como em Trás-os-Montes, denominam-se vulgarmente «paneleiros» os ceramistas rusticos dos logares de Villa Secca e Corujeira, freguesia de Gondar, no concelho de Amarante, e ainda os de Lordello, freguesia de Ancêde, e os de Paredes, freguesia de Gôve, ambas no concelho de Baião. Em cada uma das localidades referidas constituem os oleiros verdadeiras corporações, quasi exclusivamente votadas ao fabríco da loiça negra» — [1].

Açúcar panela, segundo Morais é o nome que se dá a uma qualidade inferior — «mais baixo que o reespuma» — [2].

O mesmo lecsicógrafo diz-nos que *reespumas* é o nome do açúcar — «feito da primeira escuma» —.

pango

— «O marido no final do nascimento do 3.º filho costuma dar qualquer maquia ao sogro, dadiva a que chamam *pango*» —. É termo da Africa Oriental Portuguesa [3].

pano

Esta palavra aplica-se a todos os tecidos tapados, como genérica, havendo *pano de lã, pano de algodão, pano de linho*, mas não, *pano de seda*. Diferençam-se ainda na espessura, no modo por que são tecidos, etc., mediante nomes especiais, ou então epítetos, como *pano piloto, pano castor*, etc.

---

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 74.

[2] DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, 1823.

[3] JORNAL DAS COLONIAS, de 4 de julho de 1903.

Entre os de algodão há um que se chama *pano patente*, e êste epíteto provém-lhe da marca *patent*, que traziam os que importávamos de Inglaterra. Outras vezes são admitidos com os nomes das terras onde se fabricam, ou fabricavam, como *orleã* em *Orleãs, (q. v.)*, *bretanha* na *Bretanha*, *holanda* na *Holanda*, etc.

Pano é também o nome, a par do de *tanga*, do pedaço de fazenda que vários povos selvajens trazem preso à cinta. Na Guiné Portuguesa denomina-se *pano da costa* aquele que é lá mesmo fabricado, e *pano rico da costa*, o que é feito com seda e algodão, de côres vivas [1].

pantana, pantano, pántano

Os dois vocábulos primeiros são apenas forma femenina e masculina de um só, seja qual fôr a sua etimolojia, que não está averiguada. Qualquer das duas formas saíu do uso vulgar, ficando apenas como sinal da primeira o modo de dizer *dar com tudo em pantana*, por «extravaganciar». A forma masculina perdeu-se de todo na língua vulgar. Vieram depois os eruditos, e, segundo o seu costume, alteram-na a capricho, desta vez em *pántano*, com o acento tónico deslocado para a primeira sílaba, como fizeram em *ámago (q. v.)*.

Com efeito, em todas as línguas da Península em que êste vocábulo existe o acento é na segunda sílaba, *pantáno*, em castelhano, *pantáño* em galego, *pantán* em catalão: e o mesmo acontece fora da Península Hispánica em todos os idiomas que possuem a palavra: *pantáno* em toscano, *pantán* em piemontês e em romanche, *paltán* em lombardo, etc.

A própria forma sobrevivente, ainda que petrificada, *pantána* está a indicar o êrro que se cometeu ao reviver-se o vocábulo *pantano*.

---

[1] C. E. Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

pão, pães

Esta palavra foi provávelmente no singular antigamente *pãe* ¦ panem, e ao depois recebeu por generalização o ditongo *ão*, quando êste se manifestou na língua, abranjendo palavras e formas, que tinham outras terminações nasais; o mesmo acontece às terminações átonas da 3.ª pessoa do plural dos verbos, *-ō* do perfeito, *-ā* do mais que perfeito, ainda diferentes em alguns dialectos continentais, *louvárō, louvárā,* como em castelhano *loaron, loaran,* mas na língua geral e na literária há muito infelizmente unificadas em *-ão* átono, hoje escrito *-am: louvaram,* de *louvou,* e de *louvara.*

Generalização análoga se deu nos plurais de muitos vocábulos, que antes terminavam em *-ãos,* tónico, e hoje se pluralisam pelos mais freqüentes em *-ões,* tais como *aldeões, vilões, hortelões,* antes *aldeãos, vilãos, hortelãos,* em castelhano *aldeanos, villanos, hortelanos;* e da mesma maneira, a forma popular *cidadões,* por *cidadãos,* castelhana *ciudadanos,* foi buscar a analójia do plural em *-ões* de quási todos os polissílabos.

A palavra *pão* designa não só a «massa», mas igualmente a «fórma», acepções que outras línguas diferençam; assim, em inglês *bread* refere-se à massa, *loaf,* plural *loaves,* à forma. Por modo idêntico a palavra *b(o)roa* que no centro e sul do reino significa mais a forma do que a farinha de que o pão é fabricado, especializa-se no norte, onde o pão de farinha de milho é o mais usado, designando êste. Em vasconço também, por exemplo, *ogui* é o «pão de trigo», *artó,* o «de milho», e êste vocábulo, conforme Guilherme de Humboldt, deriva-se de *arté,* «carvalho», porque primitivamente o pão se fabricava de farinha de lande. Os romanos também faziam massa de farinha de castanhas, *polenta,* ainda usada em Itália, assim como também a de milho.

Em Lisboa dizemos *pão de trigo, pão de milho, pão de centeio;* em outras partes o cereal designa-se por adjectivos: *pão trigo, pão (de) milho, pão centeio,* e o mesmo se faz com as competentes farinhas: *farinha milha, farinha triga,* etc.

papel, papelão

Entre outros significados que esta palavra tem, quer só, quer acompanhada de epítetos, há um muito especial, sinónimo de *parte*, como termo técnico teatral, o que os franceses chamam *rôle*, isto é «o que uma personajem de peça de teatro tem de dizer ou fazer em cena».

Dêste primitivo derivam-se deminutivos, como *papelinho*, *papelito*, para designarem um «papel pequeno, ou de pouca importância», ou o aumentativo *papelão*, que, pelo contrário, denota um papel, grande ou pequeno, mas de suma importância e difícil desempenho: — «Setta da Silva, que tem, o que se chama em theatro, um papelão» — [1].

Fora da linguajem cénica, *papelão*, em sentido figurado, designa o que por outras palavras se denomina *parlapatão*, *paparrotão*, *paspalho*, *papa-fina*, etc., e modernamente se diz *snob*, à inglesa; sem maior necessidade, pois, ainda que muito abundantes por cá os sujeitos dêste feitio, o povo tem sabido inventar, como se vê, nomes para todas as espécies em que o género de reparte, e todas as modalidades ridículas e incómodas do grotesco tipo, tam primorosa e sarcásticamente descritas por Guilherme Thackeray na sua conhecida obra THE BOOK OF SNOBS.

papo

Não sei quem foi da lembrança desastrada de emendar o anexim popular *ver-se em papos de aranha*, para... *palpos de aranha*. Preponderou aqui, como é costume, o raciocínio, em vez de observação dos factos. A emenda é inadmissível, visto que, sendo o anexim popular, não poderiam entrar nêle palavras ou expressões que o não sejam; e *palpo* é termo muito moderno, de

---

[1] O SECULO, de 6 de novembro de 1902.

introdução artificial, que Bluteau não rejistou, porque até o seu tempo não havia sido admitido na língua, pois foi colhido ao depois no dicionário latino: palpum, afim de palpare, cujo correspondente popular é *poupar;* devendo, conseguintemente, o palpum ter produzido *poupo,* evolutivamente, e não, *palpo.* Em latim palpare queria dizer «afagar com a mão», e palpum, «afago»; em castelhano *popar,* correspondente formal do *poupar* português, ainda hoje em dia tem êste significado.

Com relação a *al* latino, correspondendo a *ou* português e a *o* castelhano, cf. *outeiro, otero* { altarium.

A palavra *papo* em composição serve para denominar vários pássaros, e o mesmo acontece com o seu deminutivo *papinho.* Citarei alguns que não figuram nos nossos dicionários, todos êles colhidos na monografia de Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras [As aves da Madeira], já tantas vezes aproveitada nesta obra.

Papo-roixo (Erithacus rubecula, Lin.).

Papinho, fem. *papinha, id.*

Papinho-amarelo (Ponta do Pargo): canário.

Papinho-encarnado (Fringilla cannabina, Lin.): Serra-d'Água.

papuas

Povos da Oceánia. Conquanto em Fernám Méndez Pinto vejamos duas vezes *papuaas* [1], quando se refere a êste nome, em outros passos da Peregrinação está escrito *papuas,* isto é, *papuas,* pois se fosse *pápuas,* estaria ortografado *papoas.*

A palavra é malaia, conforme Marcelo Devic, *papúa,* contracção de *puapúa* [2], «encarriçado, crespo», denominação moti-

[1] Cap. XLI e CCXIV: edição rolandiana. Deve de ser êrro tipográfico, dos poucos que se poderão repreender em tão primorosa edição.

[2] Dictionnaire étymologique des mots origine orientale, Paris, 1876.

vada pelos cabelos encarapinhados daquelles negros da Polinésia. Nem admira a alcunha, visto que lhes foi imposta pelos malaios, cujos cabelos são invariávelmente corredios, desanelados e rijos.

Bluteau acentua *Papûas,* mas dá como étimo palavra da lingua dêles, que, segundo diz, significa «negro», acrescentando que assim se chamam a si próprios, o que não é exacto. Raras vezes as denominações étnicas gerais pertencem aos idiomas dos povos que designam.

papus(es), bubuche(s)

Bluteau, no Suplemento ao VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, descreve assim êste calçado: — «de que usam os Orientaes de hum, e outro sexo; os homens trazem Papuses de couro negro, ou vermelho, e as mulheres de veludo ou brocado; nem huns nem outros tem salto, tem todos um beiço muito agudo que revira para cima, e a parte da sola que volta costuma ser dourada, não tem palla, correa, nem fivella, como todos os Asiaticos» —. Como descrição nada há mais exacto. Os outros dicionários portugueses dão definições incompletas.

A palavra é persiana, PAPUX, de PA, «pé», e PUX, «cobertura». Dêste vocábulo composto fizeram os árabes, por não terem *p,* BABUX, que passou ao francês *babouches,* «chinela», para entrar outra vez em Portugal assim escrito, mas pronunciado (e também ortografado) *babuche.*

Vê-se que a forma portuguesa antiga era a mais correcta, e procedeu directamente da Pérsia, ou da Índia. Bom fôra revivesse, o que seria facílimo, pois a forma francesa *bab(o)uches* ainda não logrou divulgar-se.

paqueta, paquete

— «Uma desavergonhada das de lá levou-me para casa, como paqueta, dizia ella, mas era para vender-me a um sujeito gor-

do» — [1]. Atenta a significação de *paquete*, «moço de mandados», deve *paqueta* significar «moça de recados, criada de fora».

— «carreiros ou almocreves, paquete, cavallista, lançarote» — [2].

PAQUETE é o titulo de um formosíssimo conto de D. João da Camara, colijido no livro intitulado «Contos» [3] e é nele aplicado a um recoveiro ou alviçareiro.

Paracleto

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO, desviando-se dos seus antecessores, acentua *Parácleto*, talvez por lapso tipográfico, o qual foi repetido no MANUAL ETYMOLOGICO e no NÔVO DICCIONÁRIO. É êrro: a palavra não é vulgar, e portanto não há mesmo a desculpa de vício inveterado e irremediável. Em latim, onde ela, se bem fosse grega, se foi buscar, o acento é na penúltima sílaba, por ser longa, Paraclētus, nome empregado por Tertuliano, em vez de Spiritus Sanctus. Em grego a forma é PARÁKLĒTOS, «amparo», e conquanto proparocsítona, entrou regularmente no latim como parocsítona em razão da quantidade da penúltima sílaba: cf. Epicúrus, em grego EPÍKOUROS, etc. Não é a acentuação marcada grega que regula a acentuação proferida dos vocábulos dessa língua, em latim ou em português, mas sim a conhecida regra de Quintiliano:

—Nos vocábulos de mais de duas sílabas o acento tónico faz-se na penúltima, se é longa, e na antepenúltima, se a penúltima é breve—.

Nos tempos da férula, rapaz que, sabendo ser longo o *e* de *Paracleto*, acentuasse ao ler latim ou português *Parácleto*, apanhava como lembrete uma boa palmatoada: é o que mereciam

---

[1] O DIA, de 25 de setembro de 1902.

[2] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 541.

[3] Lisboa, 1900.

os lecsicógrafos, ou os revisores, ou os compositores, que modernamente teem acentuado assim a palavra, aconselhando um êrro manifesto e concorrendo para êle se ficsar e perpetuar.

paral

—«A ligar os dois extremos dos arredores *[q. v.]* estão os *paraes,* que são duas taboas de meio metro de largura... collocadas verticalmente e um tanto inclinadas para traz»—[1].

parapata (?), parapara

Termo da África Oriental Portuguesa:—«toda a noite se ouviu na direcção de Ibrahimo tocar parapatas (corno)»—[2].

Não sei se haverá êrro tipográfico: *kuparapara* em quissuaíle significa «tropear», como os cavalos fazem com as patas. Suprimido o preficso do infinito, fica *parapara,* e não, *parapata.*

parau, prau, paró

Estas formas designam embarcação própria dos mares a sul da Ásia. Conforme Yule & Burnell [3], fundiram-se, em qualquer das duas, dois vocábulos distintos, pertencente cada um a sua língua, enteiramente desaparentadas. Um dêles é malaio, *prau,* ou *prao,* na escrita arábica transliterada PRAU; o outro, malabar, *pāru,* «barco».

As escritas portuguesas antigas dêstes vocábulos variam, sendo *paroo* a mais usual:—«algũs paroos de pescadores»—[4]. «E velejando por nossa derrota, chegamos a hũa ilha pequena...

---

[1] MOINHOS, *in* Portugalia, I, p. 386.
[2] CAMPANHA DOS NAMARRAES, *in* «O Seculo», de 25 de agosto de 1897.
[3] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v.* **prow.**
[4] Fernám Mendéz Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CXXVIII e CXLV.

que se chamava Pullo Hinhor, donde nos sahio hum paraoo em que vinhão seis homens baços» — [1].

Outras abonações portuguesas encontrá-las há o leitor na obra de Yule & Burnell, citada.

As escritas *paraoo* e *paroo* indicam as pronúncias *paraó, paró*, se a primeira não foi expediente para designar *paráu-o* em três sílabas, servindo o primeiro *o* para expressar o *u* assílábico, que, a ser escrito **u**, seria lido *v. paravo,* o que se quis evitar.

parche

Esta palavra, que Bluteau quis derivar do francês *charpie,* por anagrama, é, conforme se demonstra na publicação JAHRESBERICHT FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE [2], (nellum) parthicum, «péle pártica», ou usada, fabricada pelos partos».

pardeeiro, pardieiro, pardeiro, paredeiro

A última destas formas, não conhecida no sul do reino, é devida a falsa analojia com *parede,* de que se supôs ser derivado imediato; a terceira, *pardeiro,* é essa mesma com a supressão do *e*, muito freqùente na sílaba pretónica, quando a presença do *r* a favorece: cf. *merecer, parecer,* proferidos *mẹrcer, pạrcer.*

A primeira forma, *pardeeiro* é a única a dever ser considerada correcta, e é talvez a mais geral; o seu étimo imediato, conforme J. Leite de Vasconcelos [3], é o latim bárbaro paretenarium, | parietĭnae, «ruínas».

—«Os casaes reguengos... no século XIII eram todos caracterisados pelas construcções unicamente destinadas a exploração

---

[1] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CXXVIII e CXLV.

[2] t. VI, I, p. 291.

[3] REVISTA LUSITANA, VI, p. 70-71, *q. v.*

agricola, tam pobres, desconfortaveis e exiguas, que se chamavam *pardieiros,* palavra que substituíu *casa* [latino], quando esta se nobilitou: — «adhuc modo ibi sedet paridenarius ubi fuit casale» — [1].

pardeus, pardês, pardelhas

São palavras interjectivas, e a primeira explica as outras duas: a segunda é abreviação por se usar como enclítica; a terceira, eufemismo para — não jurar em vão o santo nome de Deus — A primeira foi empregada por Gil Vicente, no AUTO DAS FADAS — «Mas, pardeos, mui bem se guarda» —. A preposição com junta é *per,* cujo *e* surdo se mudou em *a,* igualmente surdo por influência do *r;* cf. *para* pelo antigo e popular *pera,* de per ad.

pardo, pardal, pardau, pardela, pardoca, pardoa, pardão

Ou êste adjectivo provenha, ou não, do latim pallidum deu êle orijem a vários substantivos para denominar aves, de quais *pardal* é o protótipo. Em Caminha chama-se-lhe *pardelho* *pardela* na Ilha da Madeira é sinónimo de *cagarra* (Puffinus Kuhli, Boje) [2]; *pardau,* em Serra-d'Água (Madeira) [3], equivale a *pardal,* e em Porto-Moniz (Madeira) é a Sterna cantiaca de Gmelin [4]. *Pardoca* é no reino a fémea do *pardal* a qual se chama *pardoa* em Pôrto-da-Cruz (Madeira) [5], o que supõe um masculino *pardão:* cf. *pavoa* | *pavão.*

Mas *pardau* tem outros significados, que se não compadecem com *pardo.* J. Leite de Vasconcelos dá êste nome ao «machado pre-histórico». *Pardau* era também o nome de uma moeda de ouro da Índia Portuguesa, e neste caso, conforme

---

[1] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 770.

[2] [3] [4] [5] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

Yule & Burnell [1], deve de ser corrutela, ou portuguesa ou já vernácula na Índia, do sânscrito PRĀTĀP, «esplendor». O valor seria entre 300 e 400 réis.

Na Ilha da Madeira usa-se uma locução adverbial, formada com o adjectivo *pardo*, substantivado, em que persiste a contracção *al* | *a lo*, por *ao* | *a o*; é *al pardo*, «ao escurecer». Um cabo da guarda fiscal, madeirense, a quem a ouvi e estranhei, explicou-a do seguinte modo:—entre o dia e a noute—.

páreas, párias

É de duvidosa orijem e formação êste vocábulo, que, desde Bluteau, todos os lecsicógrafos vão definindo—«tributo que paga um principe a outro, em razão do reconhecimento e obediencia»—. O mesmo douto filólogo dá-lhe como étimo o latim *parēre*, «obedecer», ainda o mais aceitável, se bem que a formação fique enigmática:—«sem fazer as zumbaias *[q. v.]*, que são as pareas que se pagam a estes reis»—[2].

O vocábulo é também castelhano, com a forma *parias*: —«nombrarse un alcaide con derecho á llevar alzado el pendón aragonés y satisfacer al moro de parias seis mil doblas anuales»—[3].

pariá, *pária*

O Nôvo Diccionário incluíu êste vocábulo, que para nós proveio do francês *paria (pariá)*, com a acentuação mudada a capricho, e diz:—«homem da última casta dos índios, dizem

---

[1] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886, Suplemento, p. 837 e ss., *q. v.*

[2] P.e António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 263.

[3] André Giménez Soler, Españoles en África, *in* «Revue Hispanique», XII, p. 341.

tôdos os diccion[ários]. É êrro. *Pária* é indivíduo de qualquer casta indiana, ainda da mais nobre, mas expulso della por seus vícios *ou* crimes, desprezado por tôdas as castas e só recebido pêlos estrangeiros, que lhe aproveitam o trabalho. (Do tamul *parayers*, homem expulso da sua classe)» —.

À parte a etimolojia, ou antes a sua interpretação, e suprimindo a declaração peremptória de a primeira definição ser êrro, a explicação poderia aceitar-se, pois expressa o sentido em que a palavra foi em geral aproveitada na Europa, como flor de retórica.

Definição rigorosa do termo, na acepção em que êle é tomado, na Índia e na Europa, pelos indianistas mais competentes, não é; e o autor, reconsiderando, revogou no Suplemento a sentença proferida, ficando prevalecente, portanto, a definição que repudiara como êrro. Andou de mais, a meu ver. Seja qual fôr a acepção em que um vocábulo é tomado, na língua a que pertence, por aqueles que a falam vernáculamente ou bem a sabem, transferido que seja a outra, e havendo nesta adquirido outro ou outros significados, são êstes, dentro dela, os lejítimos. Na realidade, ¿que importa o valor que tem em támil o vocábulo, se em francês, e, por intermédio dêste idioma, em português, ninguém lho atribui? Entendo, pois, que a significação «expulso da casta» em português, como em francês, deve manter-se nos dicionários destas linguas, visto que as mais das citações que abonam o termo, para não serem contraproducentes, o hão de conter em tal significado. Feito isto, conforme as dimensões e a natureza dos lécsicos, acrescenta-se a crítica, para elucidar o consultor acêrca do verdadeiro valor da palavra, e do seu abusivo emprêgo.

Entendo conveniente trasladar aqui, traduzindo-o em parte, o artigo do Glossário de termos anglo-índios, de Yule & Burnell [1], que a êste termo se refere, e elucida plenamente a questão.

«**Pariah, Parriar.** Nome de uma casta inferior de índios no sul da Índia, a qual constitui uma das castas mais numerosas,

[1] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886.

se não a mais numerosa em terras de támules. A palavra, na sua forma actual, quere própriamente dizer «tambor». O *parai* é um bombo, que se tanje em certas funções, e os tanjedores hereditários denominam-se *parayar*, no singular *parayan*. Na cidade de Madrasta forma esta casta um quinto da população total, e dela proveem, ainda mal, os mais do fámulos que estão ao serviço dos europeus naquelas partes da Índia. Tanto, quanto os de outras castas inferiores em categoria, teem hábitos sórdidos, comendo carne pútrida e outros repugnantes alimentos, e são muito dados às bebidas.

Como são êles os que mais entram no convívio dos europeus, e por isso êstes melhor os estudam, o nome *Pariah* veio a ser considerado aplicável a toda a parte da população pertencente às classes inferiores, e até a denotar os indivíduos espúrios, que a nenhuma casta estão adstritos; o que é abuso evidente de expressão, visto haver diferentes castas consideradas inferiores a êles em terras de támules, por exemplo, a dos çapateiros, e a ínfima dos lavadeiros, na Índia portuguesa *mainatos, [q. v.]*. O *Pariah* trata estas castas inferiores à sua com o mesmo desdém que recebe das que lhe são superiores.

«Os *Pariahs*, diz o Bispo Caldwell, são casta antiga, per-«feitamente definida, diferente das outras, e que tem as suas «subdivisões, os seus usos peculiares, as suas tradições, e o seu «ciúme pela contaminação das outras castas, quer inferiores, quer «superiores à sua. Constituem talvez a casta mais numerosa que «existe em terras de támules. Na cidade de Madrasta orçam «por 21 por cento da população índia»... «Êste escolar, na sua Gramática dravídica [1], declara que os pariahs são provávelmente drávidas, mas reconhece que podem descender de outra raça anterior, que pelos drávidas fosse avassalada nas terras que ocupa» —.

Disse que a acentuação portuguesa que os dicionários mar-

[1] A COMPARATIVE GRAMMAR OF THE DRAVIDIAN OR SOUTH INDIAN FAMILY OF LANGUAGES, 1875.

cam é arbitrária, e na realidade assim parece. O termo veio de França onde se acentua *pariá*. Os ingleses, efectivamente, hoje em dia acentuam *páriah;* mas as escritas *pariar, pariah*, indicam uma de duas pronunciações diferentes desta, e entre si: *paráia*, rimando com *friar*, (cf. a forma támil *parayar*), e *pariá*, rimando com *afar*.

Manuel de Melo, nas suas eruditas e interessantíssimas Notas Lexicologicas [1] referiu-se circunstanciadamente aos dois termos portugueses, o antigo *poleá*, e o moderno *pariá*, cuja acentuação na última sílaba advoga com a autoridade de Alexandre Herculano: — «um pariá da Europa passou na terra, e nunca soube quaes as duras condições de existencia que a sociedade impõe aos da sua casta» — [2].

Toda a nota é merecedora da mais atenta leitura, e as citações minuciosíssimas e apropriadas, com que a enriqueceu, aumentam-lhe a valia, já de si considerável. Todavia, cumpre advertir que há na sua argumentação um êrro de facto, e é que o moderno *pariá* seja o antigo *poleá (q. v.)*. Não é assim: pertencem a línguas diferentes, conquanto da mesma família dravídica; são vocábulos enteiramente distintos, que procedem de radicais cuja significação é totalmente dissemelhante, como pode vêr-se comparando êste artigo com aquele em que me refiro a *poleá*.

Quanto à acentuação *pária*, sem dúvida errónea, temos já agora de a aceitar, pelo menos como liberdade poética, pois assim acentuaram nos seus metros nada menos de cinco poetas modernos, que cita e cujos nomes, com sobeja razão, todos acatam como de mestres: António Feliciano de Castilho, João de Deus, Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Papança, acompanhados com versos dêles; fora outros que nomeou sem apontar documentos daquela acentuação, a qual foi a que usaram igualmente, imitando os exemplos dados, e não obstante a acentuação correcta

[1] Rio de Janeiro 1880, p. 35-44.

[2] Illustração, I, p. 157.

de Alexandre Herculano, antes citada, e que provávelmente ignoraram.

—«Todos aqui são páreas»—[em Moroto, aldeia da parte de Gale, a seis leguas de Columbo, cidade da Ilha de Ceilão] [1].

É claro que a errada acentuação, que se vê no trecho citado, é baseada em simples conjectura.

No Dicionário da Academia espanhola (1896) lêmos a singularidade seguinte, a respeito do vocábulo *pariá:*—«Del sanscr. पराय्यल, *paráyalla* (!!!), sometido á la voluntad de otro»—.

Isto é um despropósito evidente. Nem os caracteres devanágricos ali impressos correspondem à transliteração que se fêz dêles, pois seria ñaśab'ata, lida à portuguesa *nhaxabhata,* nem a transcrição *paráyalla* é vocábulo sanscrítico. O meu amigo Vasconcelos Abreu decifrou o emmaranhado enigma. Os caracteres devanágricos estão todos errados, e a suposta transcrição também o está na última sílaba. O vocábulo é parāīatta (e não, parāyalla), e quere dizer «subordinado a outrem», na realidade, de para, «outrem», e āīatta, particípio passado passivo da raiz īatt, «ligar» + ā, «para com».

Não tem fundamento, porém, a imajinária etimolojia, mesmo depois de acertados os vocábulos.

Veja-se o vocábulo **poleá.**

parne

Como termo de jíria, «dinheiro». É o caló *parné,* com a mesma significação, e cujo acento retrocedeu, como em outros vocábulos da mesma orijem: *clises, gajo (q. v.),* etc. O substantivo *parné* deriva-se de *parnó* (pl. *parnés),* que tanto no cigano de Espanha, ou caló, como no da Roménia, ou romani [2], quere

---

[1] «História trájico marítima», *in* Bibl. de classicos portuguezes, xli, p. 86.

[2] *V.* em **romano.**

dizer «branco»; sendo provável que o nome fosse primeiro dado ao dinheiro em prata, assim como as peças de ouro eram em linguajem familiar chamadas *louras* em Portugal. Em castelhano, conquanto houvesse em tempos uma moeda denominada *blanca*, é provável que a expressão *no tener uno blanca*, «estar alguém sem vintém», seja devida a que às moedas de prata se dava o nome genérico de *blancas*.

paródia

Esta palavra adquiriu modernamente, entre gente de baixa condição, uma acepção muito desviada de todas as que o vocábulo, de orijem grega, obtivera na linguajem culta. Essa acepção, «dança de entrudo», já figura em rejisto oficial, e deve portanto ser incluída nos dicionários, com citação que a abone. Aqui está uma: — «Nas ruas e logares publicos são prohibidos os trajos e mascaras offensivas da religião, da moral e dos bons costumes, bem como as dansas, musicas, parodias e grupos carnavalescos, cujos directores não hajam obtido do governo civil prévia licença» —[1].

À parte o solecismo, a citação é aproveitável.

parola

Esta dição portuguesa é de orijem estranjeira certíssimamente, visto que do latim parabola { grego PARABOLÉ, resultaram as formas vernáculas *parávora, parávoa,* ant. e *palavra,* mais moderna, e na segunda das quais desapareceu o *l* intervocálico e o *b* medial se abrandou em *v;* elidindo-se na terceira o *o* breve átono da penúltima sílaba, o grupo *bl* mudou-se em *vr,* e o *r* da segunda sílaba converteu-se em *b* por dissimilação do *r* do grupo *vr*.

[1] DIARIO DO GOVERNO, de 5 de fevereiro de 1901.

O significado de *parola* também é muito diferente do de *palavra*, pois quere dizer «palavras vãs, palavreado».

Em italiano *parola* significa, sem sombras de motejo, «palavra», e em francês *parole* quere dizer «fala». Ou do italiano directamente veio pois o termo *parola*, ou mais provávelmente do francês, pois em dialecto picardo *paroler* é «tagarelar», e no normando «falar do papo» [1], como dizemos.

Existindo *parolar*, é presumível que *parola* seja em português substantivo verbal. *V.* **fala.**

parra; parreira, parreirão

É desconhecido o étimo dêste vocábulo, que significa em português «fôlha de vide». Como conjectura, apenas, admite G. Körting [2] que seja o mesmo que o latim parra, «certa ave cujo piar era de mau agouro», como em Portugal se diz que o é o do mocho. Crê-se que também significasse o «picanço», e é nessa hipótese que o douto alemão funda o seu raciocínio conjectural, que, traduzido, é em resumo o seguinte:—o picanço para subir às árvores ajuda-se com o bico, e as vides, para treparem pelas uveiras, parreiras, ou latadas, teem os gavinhos com que se aferram a êsse amparo—. Não digo que sim, nem que não; à falta de melhor, poderá servir provisóriamente a quem se contenta com pouco.

Em castelhano *parra* é a «vide», e não a «fôlha», e *parreira* diz-se *emparrado*.

Parreira de carne é o nome que no Alentejo se dá às «enfiadas de chouriços pendentes do teto». [*V.* em **fumeiro**].

Parreirão é uma «mesa côncava em plano inclinado, a qual termina em goteira no tôpo inferior» [3]. Confronte-se com êste aumentativo o deminutivo castelhano *parrillas*, «grelhas».

---

[1] ROMANIA, IV, p. 460.

[2] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 5901.

[3] J. da Mota Prego, *in* JORNAL DO COMMERCIO, de 11 de agosto de 1905.

parro, parracho

Em Bragança dá-se êste nome a um «pato grande»: cf. *parracho,* colijido no Suplemento ao Nôvo DICCIONÁRIO, com a significação de «rasteiro, que tem pouca altura». É um adjectivo derivado de *parro,* com o suficso *-acho* ¦ *-asc(u)lum.*

parvo, párvuo, párvua, parvuíce

A forma antiga, pelo menos a escrita, é *párvoo,* ¦ paruŭlum, o que ainda se conhece pelo substantivo derivado *parvuíce,* e queria dizer «pequeno», como vemos em Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO; a acepção de «néscio» é dedução posterior, ampliação de sentido, como a de *pobres de espírito.*

Nas povoações rurais da Estremadura, e naturalmente de outros pontos do reino, *párvua* é uma «parca refeição matutina», o *primeiro almôço, petit déjeûner* francês, *desayuno* espanhol.

Parece que antigamente em Portugal, à semelhança do que acontece nas povoações pequenas da Rússia Europeia, em casas de gente abastada, havia cinco refeições diárias: *párvua, almôço, jantar, merenda* e *ceia;* respectivamente: ao erguer da cama, pelas oito horas da manhã, pelas duas da tarde, ao entardecer, e à noute, antes da *deíta;* e também como hoje na Rússia, petiscava-se nos intervalos. Felizes tempos e bons estómagos!

Isto de *tomar chá,* e *lanche* são cousas mais recentes, costumes estranjeirados que vieram ao depois, há uns cinqùenta anos a esta parte, e as horas de tais comidas e bebidas teem variado muito.

pascigo

Conforme Júlio Cornu, deriva-se de pascui lŏcum, «lugar de pasto»: ¦ *pascilogo* ¦ *pascígolo,* com metátese das duas últimas sílabas, e dêste *pascígoo* ¦ *pascigo.*

Cf. para a metátese a corutela *diágolo*, por *diálogo*, muito vulgar entre gente semi-culta, mas que está longe de considerar-se povo.

passadiço, *passerelle*

No jornal de Lisboa O Seculo disse ao seu proprietário um passajeiro dos caminhos de ferro o seguinte:

—«No caminho de ferro do Minho e Douro há também carruagens que servem a determinados comboios que são munidas dos competentes signaes de alarme, e que communicam todas entre si por meio de *passerelles;* ou como se deva chamar a este meio de communicação de uma carruagem com outra»—.

O dito passajeiro duvidou, e com a razão, da propriedade do termo francês, aplicado a um acessório de carruajens em Portugal. Mas o modo melhor de denominar a tal comunicação existe em português, e toda a gente o conhece, até por ser o nome de uma rua de Lisboa, na freguesia de S. José: é *passadiço*, palavra muito antiga, que Bluteau define da seguinte maneira:—«Especie de corredor por onde se passa de hũas casas a outras»—; e o Contemporaneo assim:—«corredor de communicação; passagem»—.

Se ao passajeiro ainda não serve êste vocábulo, tem outro, derivado também de *passar*, de que pode servir-se: é *passadeira*, que o mesmo Contemporaneo explica dêste modo:—«cada um dos degraus... sobre um telhado... para se poder andar por elle»—. No Nôvo Dicc. vemos, porém, outra acepção do dito vocábulo, também muito conhecida:—«larga tira, ou especie de teia, que se estende nos pavimentos e escadas, pâra sôbre ella se passar»—.

Portanto, em vez de um nome tem dois para o tal corredor ou ponte, e se continuar a usar da palavra francesa é porque faz muito gôsto em entrar nos coros dos que, sabendo dezassete palavras dessa língua, mal pronunciadas, e que seriam incapazes de arrumar numa frase francesa que se entendesse, não esperdiçam a ocasião de fazer vista com elas, a finjir que teem tantas

ideas, que nem já a língua que a mãe lhes ensinou chega p
expressá-las, se não polvilharem, com tal granjeia, o seu tú
estilo de pataratas.

Outro vocábulo tam ridículo, ou mais que êste, em po
guês, é um estrambótico *o tèrrasse* (!), com muitos *rr* no m
tal qual o *burrié — rrié,* com que substituem *terraço,* ou *terr*
que são muito mais portugueses que aquele é francês, po
para lá lhes foi provávelmente da Península ou da Italia. T
bém, em vez de alarme, melhor seria *aviso* ou *rebate.*

passado

Hoje em dia dizemos *o ano passado, o mês passad*
semana passada, pelos imediatamente anteriores àqueles em
estamos. Antigamente, porém, não era tam restrito o emp
dêste participio adjectivado, como vemos, por exemplo, em
de Pina: — «E neste ano [muito anterior àquele em que o
nista escrevia] e assi no passado determinou El-Rei de pas
África» — [1].

passajar

Dar *passajens,* pontos em roupa, para a consertar.

passal

É conhecido êste vocábulo, que o Diccionario Contr
raneo define assim: — «porção de terra cultivada annexa
sidencia do parocho ou prelado e que faz parte dos seus r
mentos. (Antigamente era um terreno de 30 passos)» —. O t
é antiqüíssimo na língua, como o prova êste trecho: — «Co
fines templares e *sepulterarii* dos velhos templos, os *passus*

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v. cap. clxii.

sales vão-se estendendo sob a denominação passal, até abrangerem muitas vezes parte consideravel da villa [fazenda]» —[1].

passante

Êste participio activo substantivado, que é galicismo no sentido do francês *passant*, «quem passa, transeunte», vemo-lo empregado em português numa significação especial, talvez desta derivada, como se lê no seguinte trecho: — «e os hoteis... quando por acaso lhes sobrevenha grande numero de pessoas de fora, a que elles dão o nome de *passantes*» —[2].

passarão

Ave grande: — «Informam-nos de Mogadouro, que anda alli um passarão com um chocalho» —[3].

pasteurizar, pasteurização, pastorizar, pastorização

Tanto *pasteurizar*, como *pasteurização* provieram do francês *pasteuriser, pasteurisation*, e são neolojismos indispensáveis: — «Obtem-se a esterilização [do mosto] por diversos meios, como são o frio, o calor... mas os meios mais práticos são a *sulfuração* e o aquecimento ou *pasteurização* em apparelhos especiaes» —[4].

¿Como se há de, porém, pronunciar a 2.ª sílaba, tanto do verbo como do substantivo dêle derivado?

¿À francesa *past***ö***rizar, past***ö***rização,* ou à portuguesa, *pasteurizar, pasteurização?* Se se adopta a primeira pronunciação

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 583.

[2] O Dia, de 2 de dezembro de 1904.

[3] Actualidade, *in* «O Economista», de 19 de junho de 1885.

[4] Gazeta das Aldeias, de 3 de setembro de 1905.

como a lejítima, os vocábulos aportuguesados tornar-se hão impossíveis de proferir para todos os portugueses que não pronunciem muito bem francês, pois o som do *eu* francês aberto e longo é dos mais difíceis de imitar para todos os indivíduos em cujas línguas ele não exista, como acontece em português. A adoptar-se o segundo alvitre, os vocábulos ficarão deformados, não na escrita, mas na pronúncia. Parece-me, portanto, que o melhor seria aportuguesá-los de todo em *pastorizar, pastorização,* visto que o nome do grande médico francês *Pasteur* corresponde formalmente ao vocábulo português *pastor.*

E assim os mais derivados dêste nome.

pata

Êste vocábulo, que significa pé de animal, sobretudo de quadrúpede, pois não dizemos como os franceses *pattes de mouche,* por exemplo, nem *patas de aves,* mas sim *pés,* é de orijem germánica, não porém do alto alemão ou tudesco, em que se diz *pfote,* mas sim de qualquer das línguas do ramo denominado baixo-alemão.

Num sentido muito especial foi empregada a expressão *pata de elefante* no trecho seguinte:

—«As melenas e as calças de «pata de elephante» desappareceram»—[1]. Não sei se é neolojismo individual; popular e geral creio que esta expressão não é, pois o nome que se dá a êsse talho de calças, e muito apropriado por sinal, é o de *calças-de-bôca-de-sino,* por alargarem nas extremidades, junto aos pés; e por outra parte o elefante não é animal tam visto em Portugal, que o seu nome subministre comparações fundadas na figura, ou particularidades das formas dêle:—«calças de ganga azul ou de ganga amarella, com bocca de sino»—[2].

---

[1] O Seculo, de 15 de fevereiro de 1898.

[2] Pinto de Carvalho, A historia do fado, Lisboa, 1903, p. 38. Descrevem-se aí a primor os trajos, tipo, usos e costumes do *fadista.*

pataca, pataco

Pataca é o nome de uma moeda americana, de prata, de valor variável de um para outro Estado. O nome, porém, foi de Espanha para lá, e no continente designava certa moeda, que tinha no cunho duas colunas, pelo quê se diz que os mouros lhe chamaram ABU-TAQE ou BATAQE, «o da janela». Não oferece a mínima probabilidade o étimo: essas palavras arábicas são apenas interpretação com que os indivíduos, cuja língua vernácula é o árabe, procuraram explicar o nome. ¿Porquê, se a palavra fosse as duas arábicas, se lhe havia de mudar em castelhano a inicial para *p*? Que os mouros, porque em árabe não há *p*, o mudassem para *b* compreende-se perfeitamente, e os exemplos dessa mudança abundam; a permutação contrária é porém inadmissível, pois não falta o *b* ao castelhano.

Pataco designava em Portugal uma moeda de bronze, do valor de 40 réis, a qual deixou de ter curso há uns vinte e cinco a trinta anos.

patagarro

Em Arco de Sam Jorje (ilha da Madeira) dá-se êste nome à ave, que em outros pontos da mesma ilha se chama *boeiro (q. v.)*.

patamar, patamarim

Além do significado usual de *patamar*, «espaço horizontal entre cada lanço de escada, para o qual abrem as portas de cada andar de casas», tem esta forma outros dois, que são provàvelmente independentes do étimo, ignorado, da primeira, e são termos asiáticos, isto é, da Índia, ambos rejistados no NÔVO DICCIONÁRIO, um, no sentido de «embarcação» no côrpo dêle, o outro, no de «correio» no Suplemento. Qualquer dêstes dois é, no que se julga, um e o mesmo vocábulo, em concani, PAT'MĀR,

«correio». Todavia, há quem afirme que no sentido de «embarcação» é outra palavra, malabar *pattamar*, própriamente «asa de ganso», por alusão às velas que nessa embarcação se usam, ou usavam [1].

Também se afirma, que *patamarim* é palavra diversa, e Molesworth [2] diz significar, «noticieiro, alvissareiro» [tidings-bringer], de PATTA, «notícia». A forma marata é PATEMĀRĪ. Cf. o apelido de uma embarcação portuguesa, afamada, que tinham baptizado com o nome de *Mexeriqueira*.

patém

O NÔVO DICCIONÁRIO, em que se escreveu e acentuou *pátem*, não sei porquê, diz ser êste vocábulo o nome de uma — «árvore indiana, de fibras têxteis» —. Em concani é *patẽ*, que Dalgado transcreve *pâtem* no seu Diccionário, e quere dizer «piteira»; mas tem ainda outros significados.

pátio, páteo

Prefiro a primeira escrita, porque não vejo razão para admitir a segunda; em castelhano escreve-se *patio* e pronuncia-se *pátio*, e o vocábulo, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, deriva-se do latim patĭdum ¦ patēre, «estar patente, franco, aberto».

Pátio de bichos era o nome que dantes se dava ao que os franceses chamam *ménagerie*. *Pátio de comédias* era o teatro: — «autos e farças... depois se foram divulgando pelos *corros* e *pateos* de comedias» — [3].

---

[1] *V.* Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub voc.* **Pattamar**, e Supl. p. 842.

[2] MAHRÁTÍ DICTIONARY.

[3] António de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL.

Corro é castelhano, equivale a «pátio»; *corral* em Espanha é o que chamamos *quintal*, «pátio pequeno, térreo e sem teto, com muros *(tapias)* em tôrno».

pato

É singular esta denominação, cuja orijem é duvidosa. Dizem os etimolojistas ser o árabe BAṬ, «adem». Tenho dúvidas, que julgo procedentes, e são estas: ¿Porque se mudou o *b* em *p*? Em búlgaro *pato* diz-se *pátek* ou *pátok*, que é uma forma derivada, a qual pressupõe a existéncia anterior de *pat;* e é possível que a escrita árabe BAṬ, com *b*, provenha da falta de *p* nesta língua [*V.* **pataca**]. Em persa também se chama BAṬ, e é provável que os árabes troussessem da Pérsia, Arménia ou Índia o vocábulo, e êle pertença ao tesouro das línguas áricas, e não ao das semíticas. Em arménio também se lhe chama *pat*, ou *bad*, conforme o dialecto, da Europa, ou da Ásia.

Pato designa o indivíduo que fácilmente se deixa lograr:— «Um pato com sorte. Não se trata de qualquer endinheirado galan, que conseguisse afinal derreter... o gelo d'um coração»—[1].

pátola; patóla

O NOVO DICCIONÁRIO declara querer dizer—«tecido de seda»—uma das acepções desta forma, que é *pátola*, e não *patóla* e nada tem commum com a de *(ganso) patóla*, a qual deveria ter nele inscrição separada. É exacta a definição, porém demasiada; faltou acrescentar que o termo e o tecido são da índia; e por outra parte é talvez restrita em demasia, visto que Bluteau nos diz ser «pano», sem especificar a matéria de que esse feito; mas pelo seguinte trecho se vê que a *patola* podia ser de outra substáncia, pois de outro modo fôra redundante o

[1] O SECULO, de 18 de agosto de 1902.

epíteto *de seda:*—«dez homens envoltos em muitos cheiros, e encachados com patolas de seda»—[1].

O escritor refere-se ao reino de Bramá, ou como hoje se diz *Birmánia*. Conforme Yule & Burnell [2], o vocábulo é malabar e canará, *pattuda*, «certo tecido de seda».

patulea

Êste substantivo, que antes do meado do século findo designou o partido democrático em Portugal, bem como qualquer dos seus partidários, parece ser alcunha depreciativa desdenhosamente imposta pelos conservadores, e alusiva à pobreza e grosseria dêsses partidários. Em tal hipótese seria o caló *patulé*, «rústico», o qual, ouvido aos ciganos, fosse aproveitado como termo de desprêzo, que depois se tornou glorioso. Cf. *gueux*, e *sans-culotte*, em francês. Eis aqui uma abonação da palavra:—«os patuleias foram mettidos na Torre de S. Julião, a cargo dos carcereiros inglezes»—[3].

Como disse, a expressão deve ter procedido de Espanha. A definição que para ela dá o Diccionário da Academia é:—(fam.) soldadesca desordenada. // (fam.). Gente desbandada y maleante»—[4]. Abonação muito apropriada é a seguinte:—«La recluta duró mas de cuatro meses: puede suponerse que clase de gente se alistaría en unas tropas, cuyo destino era tan lleno de peligros, que iban á tierra de infieles y en estado permanente de guerra. Más que tropas debían ser verdaderas patuleas [5].

---

[1] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CLX.

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886.

[3] Bulhão Pato, *in* O SECULO, de 26 de março de 1906.

[4] Madrid, 1899.

[5] André Giménez Soler, ESPAÑOLES EN ÁFRICA, *in* «Revue Hispanique», XII, p. 307. Refere-se o autor a gente alistada na Catalunha, para servir os alcaides mouros na Barbaria, em princípios do século XIV. Todo o artigo é de muitíssimo interêsse.

pau

À copiosa colecção de vocábulos compostos com êste primeiro elemento, o classificado, e com vários outros classificadores, já substantivos sós, ou precedidos de preposição, já adjectivos, e que foram admiftidos no Nôvo Diccionário, acrescentarei mais os seguintes, ficando, com certeza, ainda muitos para incluir.

pau de elefante (África Portuguesa):—«páo de elefante empregado em taboado»—[1].

pau de escrever (Lourenço-Marques e Moçambique), «poste de telégrafo»:—É preciso que entre as duas terras não demore o estabelecimento dos paus de escrever e dos fios de guerra, como os pretos dizem—[2].

É claro que assim dizem, quando falam português, ou porque assim os denominam nesta língua, quando lhes é familiar, ou porque para ela traduzem expressões dos próprios dialectos bantos, que teem esta significação.

pau seringa, pau moeda, «seringueira».

A segunda expressão já teve cabida no dicionário indicado, mas reproduzo-a para estabelecer a sinonimia.

pau de grade (Bragança) «temão», para se puxar e guiar [3].

Deitar um pau, no Alentejo, é «romper com o arado um rêgo direito de um a outro ponto, sem a mínima sinuosidade».

paul

O étimo imediato é *padule,* metátese de palude [4].

---

1 O Economista, de 5 de agosto de 1885.
2 O Seculo, de 9 de agosto de 1895.
3 Portugalia, I, p. 633.
4 Revista Lusitana, VII, p. 72.

paza

Em Marromeu, África Oriental Portuguesa, dá-se êste non à «pá de cavar» [1]. É provável que seja o plural *pás*, acomoda(à pronúncia cafrial.

pazada

Esta palavra, derivada de *pá* e que se profere *pàzáda,* co servando o valor da vogal tónica do primitivo, por ser forma(com o suficso *z,* dos aumentativos, é comparável a *mãozada,* quere dizer «pancada com pá», e em geral «pancadaria» [2].

pé

Tomarei nota aqui de mais uma locução em que entra a] lavra *pé,* numa acepção especial, a de certo «passo dado para zer cair o adversário»: — «mandou-lhe a arma rasteira de enc(tro ao ventre, sem lhe dar o tempo de *meter* um pé» — [3].

peaçá, peaçaba: v. **piaçá**

peal, v. **pedal**

peão

Darei mais algumas acepções dêste vocábulo, além das con: nadas em dicionários.

---

[1] JORNAL DAS COLONIAS, de 4 de julho de 1903.

[2] V. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, p. 179.

[3] O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

—«A um ponto que fica junto às mós chamado pião... fica presa a tolda»—[1].

—«Nas soleiras são bem visiveis as ranhuras que entraram nas empanadas, os orificios para os peões ou gonzos»—[2]. Feio galicismo êste de ranhura por *encaixe*, ou *entalho*.

—«Ouro em filigrana (fina e de peão)»—[3].

Aqui *peão* parece querer dizer «ordinario, de rústico».

pẽar, pear

O Nôvo Diccionário rejista a forma antiga *pear*, «pear» | poenare. É evidente que, se não existe na língua moderna, temos de admitir que essa forma antiga era *pẽar*, e não *pear*, como o actual *cear* foi primeiro *cẽar* | cenare.

O mesmo acontece com outras formas antigas que teem sido reproduzidas sem o til sôbre a vogal, a que em latim se seguia *n*, e que foi omitido, ou porque já o estava nos manuscritos, ou porque inadvertidamente se transcreveram as palavras sem êle.

Na reprodução de monumentos antigos seria conveniente que o til, que representa o *n* latino, fosse representado por *m* ou *n* entre paréntese, quando às imprensas faltem *e, i, u* com aquele sinal ortográfico indispensável; de outro modo a reproducção dêsses textos fica falseada como documento da língua, e por vezes até no sentido que em tais monumentos se quis expressar.

peça

Peça das queixas: é uma peça pertencente ao tear caseiro, no distrito de Viana do Castelo [4].

---

[1] [2] Portugalia, I, p. 387 e 393.

[3] Programa para a exposição de ourivezaria no Pôrto, em 1883.

[4] V. Portugalia, I, p. 374, onde vem uma nomenclatura completa referida a gravuras, com indicação do sítio que ocupa cada peça, e que aqui não posso reproduzir.

pechincha; pichincho, pichincha

Em Sam Miguel dos Açôres êste adjectivo biforme quere dizer «pequeno», e dêle presumívelmente se derivou o substantivo *pechincha*, «lucro pequeno e inopinado», e dêste o verbo *pechinchar*, e outro substantivo, *pechincheiro*.

O étimo é desconhecido, a não ser que se suponha ter êsse adjectivo relação com a palavra *pequeno*, que em vários pontos do reino se pronuncia *piqueno*, forma preferida por Almeida Garrett, e nos Açôres com uma articulação das iniciaes da 2.ª e 3.ª sílabas, mais fácil de imitar que de descrever, mas que para ouvido inexperto faz que o vocábulo sôe quasi como *pitchenho*.

Essa articulação palatina é igual à que o *t* ali adquire depois de *i*, como em *pintor*, e forma-se em dois pontos do palato duro, com a língua distendida horizontalmente, de modo que com a parte posterior toca no limite posterior do palato duro, e com a pájina superior, junto à ponta, no limite anterior do mesmo palato, sem a mínima intervenção, porém, de *i*, o que acontece com as consoantes palatalizadas das línguas esclavónicas. Na Revista Lusitana já me referi a esta particularíssima articulação, ao tratar da fonética de Ponta-Delgada [1]. Conforme a descrição feita por Max Müller, existe em certos dialectos polinésios articulação igual, e é um som intermédio entre *k* e *t*, como a sua formação indica [2].

A ser fundamentada a hipótese, o *ch* de *pechincha* teria sido, no continente, remêdo, imitação imperfeita dessa articulação na pronúncia açoriana do vocábulo *pequeno*, como *pitchênho*, ou cousa muito parecida.

O próprio étimo de *pequeno* está ainda muito problemático [3].

---

[1] t. I, p. 226.

[2] Nouvelles leçons sur la Science du langage, Paris, 1867, p. 211-213.

[3] *V.* Revista Lusitana, t. I, p. 226.

peçonha

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos explica êste vocábulo por influência de *vergonha, mençonha* (mentira), exercida no tema *poçõ* ¦ lat. potionem, «bebida», de que proveio o francês *poison*. Mas, neste caso, ¿como se há de explicar o *n* do castelhano *ponzoña?* Cumpre advertir que na língua arcaica *peçonha* queria dizer «bebida venenosa», «veneno», como o francês *poison*, e não «veneno de animal vivo», como actualmente. Em francês deu-se a mesma ampliação e desvio de sentido com a palavra *venin* ¦ venenum: — «estive tentado para me matar com peçonha» — [1].

pedal, pedalar; peal

Êste vocábulo é um adjectivo latino pedale ¦ pes, pedis, que se substantivou. Além de significar uma peça do piano, do órgão ou da máquina de costura, como já rejista o Nôvo Dicionário, designa também peça, ou peças especiais da bicicleta, dos teares, e outros maquinismos, cujo funcionamento é determinado pela aplicação ou movimento de pé. O verbo *pedalar*, dêle derivado, é neologismo recentíssimo e indispensável, que expresa «dar êsse movimento, ou fazer essa aplicação».

O povo não diz *poial* ¦ *poio* ¦ podium, mas sim *pial*, por exemplo, o *peal-do-pote*, isto é, a «peanha de pedra em que nas cozinhas assenta o pote da água»: Não me parece que em *peal* (pronunciado *pial*, cf. *tear* = *tiar*) houvesse condensação do ditongo átono do vocábulo *poial;* antes julgo ser uma forma evolutiva, alótropo, forma converjente, a par da artificial *pedal* ¦ pedale ¦ pes, pedis.

---

[1] Fernám Méndez Pinto, Peregrinação, cap. VI

pedidor

É um nome de ajente do verbo *pedir*, derivado, conforme os usos da língua, do seu participio passivo *pedido*, como *pulidor* | *pulido* | *pulir*. Adquiriu, porém, êste substantivo significado especial, de que os dicionários não rezam: — «Nas freguezias do littoral... ha o costume, quando algum pescador adoece, a familia se dirigir ao parocho, que nomeia um ou mais individuos, a que chamam *pedidores*, e que percorrem as povoações esmolando a favor do doente» —[1]. «O actual costume dos pedidores de missas» —[2].

Missa pedida é aquela que há de ser rezada, mediante esmolas solicitadas nas ruas e de porta em porta para se pagar ao padre, peditório, que umas vezes se realiza em virtude de promessa feita em doença, outras por humildade, outras em razão da pobreza de quem pede, outras ainda por especulação e lôgro.

pedra; pedregulho

Eis aqui algumas locuções em que figura a palavra *pedra*, e que não estão ou rejistadas, ou abonadas nos dicionários.

Pedra argueirinha: — «pequenina pedra do feitio de uma lentilha para a extracção dos argueiros» —[3].

Pedra balouçante: — «a pedra balouçante, rochedo enorme, pousado sobre outro em certas condições de equilibrio, e oscillando a um certo impulso» —[4].

Pedra-de-parar-o-sangue, e também *pedra-de-estancar-o-sangue:* — «a ágata ou sanguinha» —[5].

---

[1] Portugalia, I, p. 384.
[2] O Seculo, de 23 de fevereiro de 1902.
[3] Portugalia, I, p. 621.
[4] J. Leite de Vasconcelos, Portugal pre-historico, p. 44.
[5] Portugalia, I, p. 605.

Pedra-de-raio, ou *pedra-de-trovão:* — «O nosso povo dá o nome de pedras-de-raio ou pedras-de-trovão ao seguinte: crystaes de rocha ou simples seixos rolados (Norte), e instrumentos prehistoricos (Sul)» — [1].

Pedra-grão: areisca, arenito *(q. v.)* ou grés [2].

Pedra-mole: — «No local [Campolide] chamam *pedra molle* áquella especie de calcareo que em regra forma o extenso tracto de terreno que desde Buenos Ayres se extende até á serra do Monsanto. Aquella denominação provém de que o calcareo, por falta naturalmente de calor central, não tomou a forma crystallina perfeita, e não adquiriu ainda, consequentemente, a cohesão e dureza da pedra lioz» — [3].

Pedra b(o)roiça se denomina na Beira-Baixa «aquela que fácilmente se esboroa» [4].

A palavra *pedregulho,* que na língua commum significa «pedra grande sôlta», aplica-se na Beira-Alta a um montão de pedras [5].

pedreiro-livre

Esta denominação caracteristica portuguesa do que à francesa se chama *maçon,* e às vezes *mação,* é geralmente omitida nos dicionários, sem o mínimo fundamento.

Não só, históricamente, ela é exactíssima, mas, por outra parte, na linguajem vulgar adquiriu a significação de «ímpio», que o nome francês não tem, nem teve jamais em português. Deve, portanto, ser incluída nos dicionários com os seus dois significados, e para os abonar não faltam autoridades.

É sabido que tanto *pedreiro-livre,* como *franc-maçon,* como o inglês *free-mason,* são denominações hoje simbólicas, mas cujo

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, p. 54.
[2] Hugo Schuchardt, KREOLISCHE STUDIEN, IX, p. 130.
[3] O ECONOMISTA, de 31 de agosto de 1888.
[4] Informação do editor, natural de Almeida.
[5] J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, II, p. 83.

valor na idade-média era o de membro de uma associação de arquitectos e lavrantes de pedra, espécie de comunidade internacional, à qual hoje definitivamente se atribuem os planos e execução de grande parte das igrejas de estilo chamado gótico, como, por exemplo, em Portugal, o mosteiro da Batalha [1].

pega, pegada, pegadeira; pegar

Esta palavra, que se pronuncia com *e* aberto, ao contrário de *pêga,* «ave», em que o *e* é fechado, significa, em geral, «apêndice a qualquer objecto, e pelo qual êste se segura» —: «em todas [as vasilhas] pegas cylindricas por asas» [2].

Pega: maçã, peça do tear: — «pega das queixas» — [3].

Pega do arado: aravela [4].

Pegada: — «Denomina-se *pegada* a execução simultanea de dois ou tres palitos d'uma só haste» — [5].

Pegadeira: — «o infeliz... foi alcançado por uma das pegadeiras do sarilho, que o arremessou a grande distancia» — [6].

O verbo *pegar* emprega-se para designar que uma planta criou raízes, e figuradamente que um uso, uma instituição, certa moda foram adoptados preferentemente: — «... o novo mercado do Campo de Sant'Anna *pegou,* como de maneira expressiva diz êsse plebeismo» — [7].

Nos Açôres *pegar* é «brigar» [8], e em castelhano «bater».

---

[1] Sôbre a orijem da denominação *Franc-maçon* vejam-se: Conde de Raczynski, LES ARTS EN PORTUGAL, Paris, 1856, p. 334-336, e também Augusto Fuschini, A ARQUITECTURA RELIGIOSA NA EDADE-MÉDIA, Lisboa, 1904.

[2] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 245.

[3] Portugalia, I, p. 374 *(q. v.)*.

[4] F. Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, *ib.*, p. 408.

[5] *ib.*, p. 626.

[6] O DIA, de 8 de junho de 1905.

[7] O SECULO, de 1 de novembro de 1901.

[8] *ib.*, de 5 de julho de 1901.

pègada

Êste vocábulo que deve ser marcado com o acento grave no e aberto, conquanto átono, para se diferençar de *pegada*, do verbo *pegar*, em que o *e* é surdo, provém da forma antiga *pecegada*, { pedicata, e quere dizer «sinal, vestijio que deixa o pé». É absurdo pronunciar *pégada*, tendo a primeira sílaba por predominante, como já se pretendeu defender, com o único argumento desta acentuação gráfica defeituosa.

pegulho, pegulhal

No Alentejo designa êste substantivo «ovelha ou porco dado por soldada, ou parte de soldada ao rabadão *[q. v.]*». É o latim peculium e peculiare, que provinham de pecus, «gado». Os termos portugueses derivam, portanto, do sentido natural e primitivo dos latinos, e não do figurado e predominante, que como derivados de peculium adquiriram em latim, isto é, «bens particulares e inalienáveis, propriedade do cliente ou servo, e da qual o patrono ou senhor não podia dispôr legalmente».

peitoril

O significado geral é «parapeito», mas na Beira Alta significa—«um pequeno pateo, descoberto, ou coberto por um telhado suspenso em quatro columnas de pau ou de pedra, á entrada da porta, sobre um lanço de escadas»—[1].

A palavra procede de *pectorile* { pectus, pectŏris, «peito», e em castelhano por metátese diz-se *pretil* { *petril* { pe-t'rile, por «parapeito», que tem o mesmo significado, mais evidente.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 19, nota.

peixinheiro

Na praia da Nazaré denomina-so assim o «almocreve que vende o peixe», e que nas Beiras se chama *vareiro*.

A etimolojia de *peixinheiro*, é *peixinho* (pronunciado em Lisboa *pexinho = pixinho)*, deminutivo de *peixe*, antigo *pexe*; a de *vareiro* é provávelmente a *vara* ou *recoveira* em que vão suspensos os cabazes, o que em Macau se chama *pinga*, que lá é de cana-da-Índia, e cá de madeira.

péla

—«Nesta [na *mealha, q. v.]* penetra por meio d'um espigão do mesmo metal [ferro] a *pela*, que é um madeiro com quatro faces até ao meio e d'ahi para cima redondo, tendo na extremidade superior um ferro que atravessa a mó inferior e por meio de uma segurelha *[q. v.]*, mettida n'uma cavidade, sustenta a superior»—[1].

Péla é propriamente uma «bola». *V.* em **pelouro.**

pelanca

É um derivado especial de *pele:*—«É celebre nos seus annaes [do Real Collegio Militar] a famosa *pelanca* (carne guisada)»—[2]. Vê-se que é um termo de emprêgo muito restrito, neste sentido, porque *pelancas, pelangas,* como dição de uso popular, quere dizer «peles pendentes e moles».

pelangana: v. **palangana**

---

[1] J. Núnez, COSTUMES ALGARVIOS, *in* Portugalia, I, p. 388.

[2] O SECULO, de 1 de março de 1903.

peliteiro

É termo antigo, que modernamente foi substituido por *peliceiro;* era o individuo que commerciava em pelicas, peles: — «peliteiros com o gato paull (gato bravo)» — [1].

pelouro

Pelouro, derivado de *péla,* significava, nos inícios do emprêgo de armas de fogo, a bala de espingarda, mosquete e outras portáteis, por oposição à *péla,* que era a de peça de artelharia, primeiramente de pedra, ao depois de ferro. *Pelouro,* pois, era uma *péla,* ou bola pequena. A orijem do emprêgo desta palavra para designar cada uma das repartições em que o serviço municipal se divide pelos vereadores vê-se do seguinte passo: — «dava-se êste nome a uma bolla de cera, dentro da qual se mettia um pequeno papel (alvará com a designação do que se queria eleger)» — [2].

pemberar

— «fazendo [os cafres] suas algazarras e maneando suas armas, a que elles chamam pemberar» — [3].

Parece fora de dúvida que aquilo a que os ditos cafres chamam *pemberar,* não são as armas, mas sim a «vozearia e alardo dessas armas»; e portanto, se o termo é orijináriamente indijena, formou-se dêle um verbo em português, com a competente desinencia do infinito da 1.ª conjugação.

---

[1] António de Campos, LUÍS DE CAMÕES, parte II, XIV.

[2] Eduardo Freire de Oliveira, ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, I, p. 5, n. 2.

[3] Diogo do Couto, «Relação do naufrájio da nao Sam Tomé», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIII, p. 107.

pena, penha

Conforme J. Leite de Vasconcelos, êste vocábulo deve representar um latino pĭnna, ¦ céltico *penn,* cabeça, «cabeço», de que procederam *penedo, empena, Peniche* ¦ *penniscula*e [1], etc.

São homónimos dêste vocábulo, isto é, formas converjentes, *pena* ¦ latim poena, e *pena* ¦ latim penna, que nas ortografias usuais também se escreve com dois *nn.*

Penha, que tem o mesmo significado que o primeiro indicado, deve provir, na opinião, com que me conformo, do mesmo competentissimo filólogo, de *pennia* [2]. De *penha* procede *penhasco,* que em Sam Miguel dos Açôres se diz *pinasco* [3].

penachista

— «Nas aulas de Lisboa chama-se *penachista* ao estudante mais classificado de uma aula...» — [4].

É como se lhe fosse concedido um *penacho* como distintivo do seu merecimento.

penaia

É termo de calão: — «Um verdadeiro typo de boa e excellente pessoa, em nada parecido com o que elle era ao tempo de commetter o crime, quando elle usava calças á «penaia», segundo a pittoresca expressão d'uma das testemunhas de accusação» — [5]. Por outro nome se dizem *calças-de-bôca-de-sino.* *V.* em **pata.**

---

[1] Revista Lusitana, iv, p. 132 e 273.
[2] *ib.*
[3] O Seculo, de 5 de julho de 1901.
[4] Diario de Noticias, de 9 de dezembro de 1904.
[5] O Seculo, de 15 de fevereiro de 1898.

penico

Eis aqui a orijem que atribuo a êste nome enfástico.— «Equivalente es la generalización patronimica de Pedro, que en «Perico» y en «Don Pedro» alude al vaso excrementicio» —[1].

pénsil

O plural dêste adjectivo é *pênseis,* como o de *fácil* é *fáceis;* Duarte Núnez de Leão, porém, usou a forma alatinada:—«ortos pénsiles de Babilónia»—[2].

pente, pentem

A segunda destas formas é a antiga, do latim pectinem ¦ *peitem, pẽitem* ¦ *pentem* [3].

A segunda é moderna e pode comparar-se às populares *nuve, home,* por *nuvem, homem.*

pêpa

—«Findo isto [certa cerimónia supersticiosa] é chamada toda a gente, afim de que tanto o regulo como a irmã lhes *[sic]* uma pequena porção de pó nas fontes e na testa (a que dão o nome de pêpa)»—[4].

Parece que *pêpa* há de ser o tal pó; mas também poderiamos supor, e atenta a construção gramatical, com maior razão, que seja *testa.* E depois, ¿a quem se refere aquele *lhes?*

O trecho descreve costumes da África Oriental Portuguesa.

---

[1] Rafael Salillas, El Delincuente español, Lenguaje, Madrid, 1896, p. 65.

[2] Origem da lingoa portuguesa.

[3] Revista Lusitana, III, p. 280.

[4] Jornal das Colonias, de 8 de setembro de 1906.

péra

Êste vocábulo, talvez pronunciado com *e* aberto, desapa
do vocabulário usual, conservando-se únicamente no onom
local, com a significação de «pedra», que tinha dantes.
temos *Péra-fita,* | «petra ficta», *Peravana,* que J. Le
Vasconcelos interpreta por «pedra abana», isto é, «pedra
çante» [1].

Sôbre a perda do *d,* cf. *Pero* por *Pedro,* e *hera* | he
a par de *Edral* [2].

perda, perca

A primeira destas formas, que é considerada como a cor
está por *pêrdida,* correspondente ao castelhano *pérdida* |
dita [3], e operou-se nela a haplolojia, ou simplificação, en
tude da repetição do *d* em duas sílabas consecutivas: cf. *bo*
por *bondadoso* | *bondade.*

A segunda é popular e analójica com outros substa
rizotónicos, formados de verbos: êste é igual ao presen
subjuntivo de *perder,* pertence portanto à categoria en
entra o substantivo verbal *escolha,* do verbo *escolher,* e é id
ao subjuntivo (1.ª e 3.ª pessoa singular do presente) d
verbo. Cf. *venda (q. v.).*

perequi, pereli

Ambas estas locuções adverbiais são usadas por Gil Vi
e nelas persiste a preposição *per,* e deu-se o enfraquecime
e de *aqui, ali* em *e*:—«Perequi entrou, pereli saíu»—[4].

---

[1] PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 54.
[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 286.
[3] J. J. Núnez, REVISTA LUSITANA, III, p. 285.
[4] AUTO DAS FADAS.

perna; pernária

A palavra *perna*, no seu sentido natural, figura em várias locuções, quási todas colijidas nos dicionários mais completos portugueses. Farei apenas menção de uma aqui, abonando-a, para a referir a outra locução de sentido obscuro, que no lugar competente vai explicada: — «os dois amigos se haviam posto na perna, correndo a bom correr» —[1].

Correspondente a esta locução é também *dar à perna*, ou *dar às canelas* equivalentes a *dar às de Vila-Diogo*, *[q. v.]*.

Perna usa-se também, em sentido figurado, para denominar certos acessórios que ocupam posição vertical, como, por exemplo, *pernas de prumo das costas*, e *peças de prumo da frente*, que são peças do tear [2].

O adjectivo *pernária* é deturpação, naturalmente intencional e faceta, por *prenária*, forma antiga do adjectivo *plenária*, feminino de *plenário*, que é hoje o único usado: cf. *suprimento*, popular por *suplemento*.

perruma, parruma

Em castelhano diz-se *perruna*, de *perro*, «cão». Êste vocábulo no Alentejo designa — «o pão feito de farelo, sem fintar, de bagaço, etc., para os cães de gado» —[3].

A forma anterior há de ter sido *perrũa*, como a forma anterior à actual culta em todo o reino, e vernácula no sul, *ũa* foi *ũa* | una. A nasalização consonantizou-se em *m* por influência do *u*, vogal labial, como o *m*, emtanto que depois de *i* se consonantizou em *nh*, consoante palatal, como o *i*, por

[1] O Seculo, de 10 de dezembro de 1900.
[2] Portugalia, I, p. 374.
[3] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, II, p. 36.

exemplo, em *vinho* ⟨ *vĩo* ⟨ uinum. A forma *parruma*, com *e* átono por *e* átono, é devida a influência do *r*.

persoutar

No Baixo-Douro usa-se êste verbo no sentido de «andar nos soutos ao rebusco da castanha» [1].

É sabido que *souto* provém de saltum, «selva».

peru, pirum

Principiarei por dizer que a forma popular é *pirum*, parecendo que a culta foi emenda, baseada na suposição de que o nome da ave fosse derivado do geográfico *Peru*, o que é êrro, evidente pelos motivos que passo a expor.

Primeiro: a ave parece que é orijinária do México, e com certeza o não é do Peru, para onde veio depois da conquista.

Segundo: A provir do nome próprio, o vocábulo ter-nos-ia sido transmitido pelos espanhóis, pois nenhumas relações especiais tivemos nunca com o Peru; ora, em Castelhano a ave não se denomina *perú*, mas *pavo*, palavra correspondente à nossa *pavão*, ave a que os espanhóis chamam *pavo real*, pelo menos actualmente, para a diferençarem do *pavo común*, ou «peru».

Terceiro: em indostano *peru* diz-se *peṛū*, conquanto nem a ave seja lá indíjena, nem o nome se explique por essa língua.

É pois, por emquanto, um enigma a orijem da ave e do seu nome português. *V.* sobre êste objecto o Glossário de termos anglo-índios de Yule & Burnell [2].

Devo acrescentar que o *Peru* foi também chamado *Pirú* pelos escritores espanhóis do tempo da conquista.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Respigos Camonianos, p. 49.

[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886, *sub* **Turkey.**

[3] Revue Hispanique, x, p. 300.

peruleira

— «peruleiras, que são vasilhas de um almude» —[1]. Em castelhano é *perulero* que o Dicionário da Academia Espanhola define — «vasija de barro, angosta de suelo, ancha de barriga, e estrecha de boca» —.

pesca

No sentido de «peixe, pescado», vemo-lo usado no trecho seguinte, e parece ser designação local: — «Aveiro 16 — Está completamente exhausto o mercado de pesca salgada» —[2].

pescoço

Em castelhano é *pescuezo*, que mais própriamente se aplica ao *cachaço*, visto que para pescoço dizem *cuello*, que é *o colo* português, do latim collum. *Pescoço* parece ser vocábulo composto de post + cocceum, adjectivo derivado de cocca, «búzio, concha». [V. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.os 1972 e 6295]. Conquanto a argumentação, com a qual se procura justificar esta etimolojia, seja pouco de convencer, nenhuma outra conheço que possa opor-se-lhe com certo vizlumbre de probabilidade.

De *pescoço* se derivam *pescoção*, «pancada que se dá no pescoço com a mão, como castigo», *pescocinho*, «gola branca, debrum branco e de tirar e pôr, nas golas das lobas e batinas», e *pescoceira*, «pescoço gordo».

V. Lic. de Filol. ao Carolina R. n. 84

---

[1] P.e Gaspar Afonso, «Relação da viajem e sucesso da nao Sam Tiago», in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 92.

[2] O ECONOMISTA, de 20 de março de 1892.

pesponto, pespontar

O Nôvo Diccionário escreve *posponto, pospontar,* e portanto manda pronunciar *pusponto, puspontar,* naturalmente com o fundamento da etimolojia que lhe atribui — «*pos*... + *ponto*» —; rejista as formas com *pes-* inicial e abona algumas delas, referindo, porém, *pesponto* a *posponto,* do que se depreende que tem esta forma como a mais exacta. Pela minha parte direi que nunca a ouvi, e que desde Bluteau a forma é *pesponto.* A etimolojia foi provávelmente copiada da que lhe dá o Manual Etymologico de F. Adolfo Coelho, no qual as formas com *pes-* nem figuram. Todavia, a ninguém é lícito reformar a pronúncia geral dos vocábulos usuais com o fundamento das orijens que lhe atribui. Em castelhano é também *pespuntar, pespunte,* e portanto as formas com *pos-* inicial são apócrifas e inventadas.

pesqueiro

— «O *espinhel* consiste n'uma corda bastante comprida, ou n'uma porção de linhas de pesca, presas umas ás outras, a que estão ligados de distancia em distancia pesqueiros de linha mais fina, com um anzol cada um, podendo ter cada aparelho 300 a 400 anzoes» —[1].

É pois um substantivo de instrumento derivado do verbo pescar.

pesselão, pesselista

Pesselão é o nome que vulgarmente se dá à letra *y* (ípsilon): — «os dois *pp,* os *pcelões* e os *ph*» —[2].

---

[1] P. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 152.

[2] O Mundo, de 21 de novembro de 1902.

Pesselista é o «indivíduo que defende a manutenção em português da letra *y*, para os vocábulos gregos, em que, conforme a ortografia latina, êle figura»:—«*assunto* por *assumpto*, coisa que até hoje mais tem dado no gôto aos pcelistas»—[1].

petar

O Nôvo Diccionário dá êste verbo em dois sentidos, «dizer petas» [mentiras], e «sarrazinar».

O natural é que sejam duas palavras diversas, a segunda das quais está, na acepção que ali se admitiu, em sentido figurado.

O sentido natural, no litoral do Minho pelo menos, é «migar». Cf. *pitada (q. v.)*, que pressupõe um verbo *pitar*, de que *petar* será alteração dialectal. *V.* **pitança.**

pete

Termo da África Oriental Portuguesa—«O pette (anuel) que é quasi sempre uma manilha de arame amarello»—[2].

peto

O Nôvo Diccionário incluíu êste vocábulo como transmontano, com a significação de—«machadinha nas costas do podão»—. Efectivamente, na revista Portugalia, com referência a Bragança, fêz-se menção de *enxada de peto* [3]. *Peto* em galego é a *picareta*.

No Minho e Trás-os-Montes *peto* é «mealheiro».

---

[1] O Mundo, de 21 de novembro de 1902.

[2] Jornal das Colonias, de 30 de maio de 1903.

[3] F. Adolfo Coelho, Alfaia agricola portuguesa, I, p. 329.

petórrito

O Nôvo Diccionário rejistou um vocábulo que não existe, **petórrita**, que define — «carroça de quatro rodas, usada pelos antigos romanos» —.

A palavra é *petór(r)ito*, em latim peto(r)ritum, e não *petórrita*. Ignoro em que autor português foi colhido o vocábulo assim aleijado. A definição pela sua parte também não é certa: desde o Septem linguarum Calepinus, pelo menos na oitava edição de 1758, esta palavra é explicada como sendo o nome de um carro de quatro rodas usado pelos Gálios belgas, e não pelos romanos, que só ao depois, por imitação o adoptaram.

peúca [1]

No Norte do reino. ¿Corresponde a *peúga* ¦ peduca?

pexote

É termo de jôgo e significa «indivíduo que joga mal, por inexperiência, ou azar constante».

A verdadeira escrita portuguesa deve considerar-se esta, a ser, como parece, a locução chinesa *pe xot*, «não sei», termo também de jôgo, usado em Macau. — «Luiz xiv foi um jogador apaixonado, mas sempre pichote, apesar das diligencias de Chamillard seu ministro e seu mestre de bilhar» — [2].

pezunho

Aumentativo de *pé*, formado pelo deminutivo *pézinho*, opina D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Esta etimolojia é contes-

---

[1] Portugalia, i, p. 664.

[2] O Economista, de 30 de abril de 1882.

tável, visto que se não pronuncia *pèzunho,* mas sim *pẹzunho,* ao passo que em todo o reino se diz *pèzinho,* com o *e* aberto do primitivo, *pé.*

pia, pio

Sepultura cavada em rocha: — «Com o nome de *pias* são conhecidas no Minho, no Douro e na Beira-Baixa, as sepulturas abertas» — [1].

O masculino *pio,* no Alentejo, é um «tanque».

piaçá, piaçaba, piaçava, piassava, peaçá, peaçaba

Com diversas escritas vem êste vocábulo nos diferentes dicionários, sendo a fórma *pias(s)ava* a que apresenta Bluteau. A mais correcta ortografia parece que deve ser *peaçá(ba),* ou quando muito *piaçá* ou *piaçaba,* pois nos nomes brasílicos se não escreveu nunca *s(s),* mas sim *ç,* porque quando o tupi teve literatura, desde o século XVI até o XVIII, por influência europeia, ainda o *s* português tinha o valor do *s* castelhano, ou transmontano [2].

Conforme Teodoro Sampaio, *peaçá* ou *peaçaba* é um vocábulo tupi que significa, «pôrto», e a denominação — «vem decerto do communissimo emprêgo nos portos (peaçaba) das cordas tecidas com a fibra dessa palmeira *(Attalea funifera)*» — [3].

A forma *peaçá* (pron. *pidçá)* não é corrutela vulgar, mas abreviatura perfeitamente correcta em tupi, nos nomes, como êste, compostos: *apé,* «caminho» e *açaba,* «saída».

piar, piela

Como termo de jíria quere dizer «beber», e é o caló *piyar,* que tem a mesma significação. *Piela,* «bebedeira» provém da forma intensiva *piyelar, piyela,* do mesmo dialecto.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 53.

[2] *V.* ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1904, p. 115.

[3] O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL, Sam Paulo, 1901, p. 70 *(q. v.).*

A palavra ou veio com os ciganos já da Índia, pois existe ali nas vernáculas áricas, denominadas *gâurias* como termo genérico dêsse ramo, ou entrou no dialecto com outros muitos vocábulos gregos, que se observam nele, pois em grego moderno, como no antigo, *pio* significa «bebo».

pica-burro

Nome de uma ave, em Gaula, na ilha da Madeira, sylvia conspicillata [1].

picadura

Eis aqui uma acepção dêste substantivo derivado de *picar*, a qual não deu ainda entrada nos nossos dicionários: — «No norte da França emprega-se muito a palha e o feno picado, o que recebe então o nome de *picadura*» — [2].

É provável que o termo francês, que por êste se verteu, seja *hachure*, de *hacher*, «picar, migar», mas nenhum dicionário lhe aponta esta significação, entre as várias que tem.

picanço

Cegonha para tirar água.

picão

Em Elvas é o carvão meúdo, de vides ou ramas, para o braseiro. Em castelhano chama-se *picón*.

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.

[2] Doutor E. Darbory, Criação de gado, traducção e adaptação de Pacheco Novais, Lisboa, 1906, p. 41.

A tradução é esmerada, e quási sempre vernácula.

piçarra

— «Os schistos, cujas folhas sam mechanicamente separaveis teem em português o nome de piçarras» —[1].

pichão

No litoral da província do Minho dá-se êste nome ao *borracho*, ou «pombo pequeno». Em castelhano também se diz *pichón*, e em galego *pichón*, ou *pichó*, conforme os dialectos, de algum dos quais passou para Portugal. O vocábulo castelhano e galego parece provir do francês *pigeon* ¦ pipionem, «passarito pequeno, que mal pode piar» (pipare). Com efeito, é em francês que de *p* seguido de *i* assilábico latino procede a consoante palatal *j*, que passou a castelhano e galego com a forma *ch*, por não terem o *j* francês e português.

picheleiro

No norte de Portugal dá-se êste nome ao artífice que trabalha em fôlha-de-Flandres, e em Lisboa se chama *latoeiro-de-fôlha-branca*, e também *funileiro*. O *picheleiro*, cá, trabalha em estanho, faz *pichéis* dêste metal.

pichelim

Tem duas acepções esta forma, que representa provávelmente dois vocábulos de orijens diversas: 1.ª «infusa pequena», no litoral do Minho; 2.ª — «a carne [do carocho, peixe] depois de uma immersão de quarenta e oito horas, n'uma salmoira muito forte, é lavada em agua doce e secca ao sol; sendo em

[1] A. G. Gonçálves Guimarães, ELEMENTOS DE GEOLOGIA, p. 130.

seguida exportada para o Alemtejo e sul de Hespanha, debaixo do nome «pichelim» —[1].

pico

Além de outros muitos significados já colijidos nos dicionários, apontarei mais o que do texto seguinte consta, como nome de uma ferramenta de oleiro, no nórte: — «doseados o amarello e o asul, ou o amarello e o cinzento [barros]... procede-se á trituração com um *pico,* ou maço de carvalho, n'uma pia, especie de conca, obtida n'uma raiz de velha arvore» —[2].

Pico é também o nome de um pêso: — «tem um pico da China cem arrateis, e cada arratel vinte onças» —[3].

piçó

O Nôvo Diccionário dá a êste termo, que diz ser de jíria, o significado «bêbedo», e abona-se com uma cantiga de marinheiros, onde há estes dois versos:

— E aquela alma de mestre
Mal que me apanhou piçó —

Em concani *piçô* [pisõ] quere dizer «doido», e é possivel que os marujos troussessem da Índia a palavra, com a significação «fora do seu juízo».

(à) picolea

Pronunciam *à piculéia.* É locução adverbial do litoral da província do Minho, que significa «à escuta».

---

[1] Ichthyologia, por Dom Carlos de Bragança.

[2] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal, *in* Portugalia, II, p. 75.

[3] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 228.

pijeiro

— «deixa no *talhadoiro*, ou *pijeiro*, o chapéo ou um ramo de carvalho, e emquanto existem ali aquelles symbolos de apropriação ninguem a [água] desvia» —[1]. Ignoro o significado de qualquer dêstes dois vocábulos, que parecem ser sinónimos, e o autor não os define, conquanto os assinale no texto para sobressaírem.

pimpão

Como termo de jíria quere dizer «pimento».

pimpolho

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, êste vocábulo vem do latim pini pullum[2], «rebento do pinheiro». Acrescentarei que talvez por intermédio do castelhano *pimpollo*, atenta a circunstância de *ll* latino ter dado *lh* em português, o que é anómalo.

píndi

Na África Oriental Portuguesa (Marromeu) «esteira».

pindorna

Na Beira-Baixa, «má mulher».

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 117.

[2] Revista Lusitana, III, p. 180.

pinga

Em Macau vara de cana-da-Índia, que se traz ao ombro, para se lhe dependurarem objectos nos dois extremos, como em Portugal a *recoveira* dos cabazeiros.

pingue, pingueiro, pingar, pingo, pinga

No litoral da província do Minho dá-se êste nome ao que em Lisboa se chama *manteiga de porco,* ou *banha (derretida).*

Pingueiro é o tacho para o *pingo.*

Tanto *pingue* como *pingo* e *pinga,* são substantivos derivados do verbo *pingar,* o qual, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, se deriva do latim pen(di)care [1].

O verbo *pingar* significa «ir caindo gota a gota». Como verbo intransitivo *pingar* é «chover em gotas pequenas e intervaladas»; como verbo transitivo era um tormento, que consistia em deixar cair no corpo do padecente pingos de resina ou azeite a ferver: — «e os começaram a açoutar e a pingar tanto sem piedade, que dous delles morrêrão logo» — [2].

No mesmo sentido usou-se em Espanha o verbo *pringar* { *pringue,* «gordura, *pingo*»:

¡Mal haya un hacha y tocino!
Lope, El Arenal de Sevilla, acto I, esc. IV.

Rufino José Cuervo, que faz esta citação, acrescenta: — «Aquí uno de los interlocutores quisiera tener á la mano hacha y tocino para pringar al otro (que lo es una mulata), segun usanza antigua de aplicar á los esclavos semejante castigo» — [3].

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 168.

[2] Fernám Méndez Pinto, Peregrinação, cap. CCV.

[3] Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano, Bogotá, 1881, p. 237.

Vê-se por isto que o verbo *pingar* em português, neste sentido, se deriva de *pingo*, «gordura», e não do verbo *pinar* | pendicare.

Também se chama *pingo* a uma gota de solda para tapar furo em louça de fôlha ou zinco. *Pinga* é sinónimo de «vinho», em linguajem familiar.

pingùé, pingoé

O vocábulo, que é da África Oriental Portuguesa, pronuncia-se próprìamente *pingùè*:— «Nesta visita o *sanculo* deve levar um molho de lenha, que deve ser de madeira boa, *camite, pingué*»—. Poderia escrever-se *pingoé* para se evitar a leitura *pin-gué*.

pinta (cega)

Na Gazeta das Aldeias, de 25 de agosto de 1906 vemos as seguintes denominações do *noitibó*:— «Há duas espécies de caprimulgus entre nós, o *Caprimulgus europæus* e o *Caprimulgus ruficollis*, que quási só apparece no sul do país.

Os costumes das duas espécies são idênticos e o vulgo designa-os [*aliás*, designa-as] indistinctamente pêlos nomes de *Noitibó*, *Pinta*, *Pinta cega*, e *Boas noites* no norte do país e também pêlo de *Cá váe* no sul... Quando porém, ao voar, apanha algum insecto faz ouvir um zumbido caracteristico que lhe motiva o nome de *Engole-vento*» —.

Seis nomes, nem menos, para a mesma ave!

pintarroixo, pintorroixo, pintorroixa [1]

A segunda forma na ilha da Madeira designa o «macho», a terceira a «fémea», emtanto que no Continente se diz *pintar-*

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.

roixo, e *pintarroixa,* ou *pinto-roixo, pinta-roixa;* quando a forma correcta seria *pinto-roixo, pinta-roixo,* e não as citadas, pois o étimo não é, como propõem o CONTEMPORANEO e o MANUAL ETYMOLOGICO, o substantivo *pinta* e o adjectivo *roixo,* mas sim o adjectivo participial *pinto* (pictum, por analojia com tinctum), fem. *pinta* (picta), e o adjectivo *roixo* (russum) com valor de advérbio, como quem dissesse *pintado, pintada, a roixo.* Todavia, a segunda forma continental explica-se por atracção, como est'outras portuguesíssimas *meia feita, toda feita,* convém saber «metade feita», «feita na totalidade».

A forma madeirense é devida à enteira obliteração do valor ideolójico de cada componente, e pode comparar-se a substantivos compostos do tipo *guarda-sol, guarda-sóis,* que equivalem a *guarda para o sol, guardas para o sol,* conquanto formados do imperativo, ou do presente do indicativo dos verbos, seguidos de um complemento objectivo que lhes restrinje e completa a significação.

Nas formas continentais mais comuns, *pintarroixo, pintarroixa* perdeu-se também a noção do valor do primeiro elemento *pinto, pinta,* e é natural que a feminina seja a que deu o tipo *pinta-roixa* ¦ *pintarroixa* ¦ *pintarroixo,* como se o vocábulo não fosse composto. Outro tanto aconteceu com *pintassilga, pintassilgo (q. .v).*

pintassilgo, pintassilvo

A primeira forma é a geral, a segunda é própria da ilha da Madeira, no Estreito, em Santa-Cruz e nos Prazeres. *Pintassilgo derrabado* é o *abibe* em Ponta-do-Pargo [1].

V. **pintarroixo.**

---

[1] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

pior, peor, peior, pioria

Êste vocábulo é hoje escrito geralmente *peior*, conquanto ninguém o profira *pei-ór*. Alguns autores mais escrupulosos ortografam-no *peor*, e foi esta a maneira que adoptei na ORTOGRAFIA NACIONAL [1], condenando *peior*, e mencionando a mais antiga *pior*.

Mais atento exame levou-me ao convencimento de que é esta forma antiga a única certa em presença da pronúncia actual do vocábulo, e da sua evolução em português.

Com efeito, quer na forma arcaica *peior* (peyòr) o *i* assilábico reproduzisse o *i* do latim (peiorem), quer êle aí fosse introduzido para desmanchar o hiato *pe-or*, o facto é que o *i* da forma clássica *pior* é condensação do *ei* anterior, e conseguintemente deve ser restabelecido, visto não haver razão histórica a justificar o emprêgo de *e* com o valor de *i*. Para os puristas exajeradamente devotos da conservação das feições latinas na ortografia portuguesa será mais racional escrever-se *peior*, que *pior*; *peor*, todavia, é que não tem motivo plausível com que se escude.

Razões análogas militam em favor das antigas escritas *rial*, *lial*, que tem orijem idéntica: *rial*, provém de regale, *lial* de legale, pela vocalização do *g* em *i*, de que resultou *reial*, donde *arraial*, e *lial* deve ter provindo de *leial*.

Da condensação do ditongo *ei* em *i* resultaram pois as formas *lial*, *rial*; *real*, porém, de res, deve escrever-se *real*, diferençando-se assim de *rial* (réjio), como em francês *réel* de *royal*.

Outro vocábulo que antes se escrevia com *i* é *lião*, sendo de presumir uma forma anterior *leião*, com igual contracção de *ei* em *i*.

A palavra *deão*, antes *(a)daião* (cf. *arraial*) é mais provável que tenha orijem imediata no francês *doyen*, cujo étimo é o latim decanum, tendo-se dado nele a vocalização do *c* em *i* assilábico, pois *doyen* = *duài-en* está por *duè-i-en* | *do-ien*.

[1] Lisboa, 1904, p. 96 e 107.

Sôbre a contracção de *ei* em *i* veja-se *igreja*.

De *melhor* formam-se os substantivos *melhora* e *melhoria*, e, semelhantemente, de *pior* se formou *pioria*, que hoje se diz *piora*: — «entender-se hũa língua mais que outra não he efficaz argumento de melhoria ou *pioria*» —[1]. *V.* **pió(s)**.

pió(s)(es)

Como *pior* foi precedido da forma *peior*, assim *pió* teve por antecedente *peió(o)*, correspondente ao castelhano *pihuela*, que passou a Trás-os-Montes com a forma *pigüela*, que também é dialectal castelhana *(pigüela)*: cf. *padiola (q. v.)*, castelhano *parihuela*. Deu-se a mesma condensação de *ei* átono em *i* átono, que vemos em *pior*, *(e)iró(s)*, etc. O significado dêste vocábulo é dado no Nôvo Diccionário, que o escreve *peós*, do modo seguinte: — «*m. pl.* correias que os caçadores de altanaria punham nos sancos [melhor, *çancos*, castelhano antigo *çancos*, ortografia moderna *zancos*] do falcão ou do açôr. Cf. Fernandes, *Caça de altanaria*, onde se lê *piós*. (De *peia* ou de *pé*)» —. Reproduzi por enteiro a inscrição, à qual serve de comentário o que acima disse e que não é mais que a reprodução analisada da excelente nota que sôbre êste vocábulo escreveu D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, anterior à publicação do Nôvo Diccionário, na Revista Lusitana [2], e que parece ter passado despercebida ao autor do Nôvo Dicc., pois o étimo ali demonstrado é *pediola* ¦ pede, e não directamente *peia* ou *pé*. O *s* é, como em *eirós(es)* plural duplo, e o substantivo é femenino, e não masculino.

pirar-se

Vocábulo cigano, no caló de Espanha *pirar* ou *pirelar* — «ir-se, caminhar». É termo de jíria por «fujir».

---

[1] Duarte Núnez de Leão, Origem da lingoa portuguesa, cap. xxiv.

[2] t. iii (1895), p. 180.

pires

Êste vocábulo, entre todos os povos europeus únicamente usado em Portugal, é de orijem oriental, como outros vários que designam peças do aparelho com que se serve o *chá (q. v.)*:— «bandejas cheias de muitos pratos, cada uma acabava com muitos pires, fazendo um monte» —[1].

pisang

O Nôvo Diccionário declara ser êste o nome de um— «vegetal comestivel dos sertões americanos» —. Há aqui êrro, por fôrça.

Nem o vocábulo tem feitio americano, nem me parece que a simples indicação de vejetal seja suficiente. ¿Que é que se come dêle? ¿o talo, a raiz, as fôlhas, os frutos, ou quê? Ora *pisan*, pronunciado quási *piçã*, é em malaio o nome da «banana»; mas não creio que jamais fosse empregado em português, e como o autor o não abona, inscrevi-o na epígrafe a itálico, para ser rejeitado, como não pertencendo ao vocabulário português autorizado pelo uso ou por qualquer escritor.

pitafe

Esta abreviatura do latim epitaphium, o qual não é mais que a latinização de um grego EPITÁP'ION, de EPÍ, «sôbre» e ÁP'IOS, «lousa, campa», adquiriu significação muito diferente daquela que à forma alatinada se atribui, isto é, «letreiro em sepultura». No Riba Tejo *pitafe* é «ditério, nome ruim, que a alguém se chama»; na ilha de Sam Miguel significa «defeito,

---

[1] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1892, p. 80.

pecha» [1]. Outra forma equivalente é *bitafe;* cf. *bispo* ¦ episcopum. Tanto *bitafe,* como *pitafe* estão já rejistados no Nôvo Diccionário.

pitança, pitada, pitar

—«As *pitanças,* que outr'ora se estatuiam na maioria dos arrendamentos, pouco se usam hoje. Em geral constam do seguinte: carradas de lenha, de duas a seis no tempo do córte; um ou dois porcos gordos, ou arrobas de carne cheia, por occasião das matanças e *fumeiros* (Entrudo)»—[2]. O vocábulo parece provir de um verbo *pitar,* «comer aos poucos», que existe em provençal, *pitá,* e de que *pitada,* deve de ser um adjectivo participial, substantivado. A palavra *pitança* encontra-se com pequena variação em quási todas as linguas románicas; mas *pitada* é exclusivamente portuguesa. Cf. *petar (q. v.),* que no Minho significa «migar».

pitungáli

—«as pitungali (panellas para cozinhar). E termo da África Oriental Portuguesa»—[3].

piúca: v. **peúca**

plateia

Êste vocábulo, que pertence à nomenclatura especial dos teatros, figura já no Aviso de 26 de março de 1755:—«mostrar o bilhete de V. Ex.ª com o seu nome e destino para a Platea»—[4].

---

[1] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[2] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 279.

[3] Jornal das Colonias, de 30 de julho de 1904.

[4] Collecção de legislação portugueza, do desembargador António Delgado da Silva, Suplemento de 1750-1762, p. 338.

pó

O étimo desta curtíssima palavra portuguesa, a que em castelhano corresponde *polvo*, não pode ser o latim puluis, de que veio o italiano *polve*, porém sim uma forma paralela puluum pelo as intermédias conjecturais puluu | *pulu* | *polo* | *poo* [1].

Creio não estar rejistada nos dicionários a denominação *pó-de-pedra*, dada a certa louça fina, mas não transparente, nome correspondente ao de *faiança*, do francês *faïence*, que todavia nada o não desterrou: — «Grande saldo de louça fina de pó de pedra» — [2].

Esta locução, tam corrente no comércio, parece não ser muito antiga, pois não só não figura no VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau (1712-1728), mas tampouco faz parte da nomenclatura portuguesa da louça, incluída no Vocabulário de negociadorias, em doze línguas, publicado por Felipe André Nemnich em 1797 [3], no qual colijiu *louça de cozinha, louça da China ou Japão, louça de barro, louça vidrada, louça de estanho*, etc.

poço, poça, poçada

O substantivo masculino *poço* tem o *o* tónico fechado, como razão visto provir do *u* de puteum; o femenino *poça*, o *o* aberto por metafonia (cf. *óvo, óva, formôso, formósa)*; o plural *poços* também tem o *o* aberto, por igual motivo (cf. *óvos, formósos*). De *poça* deriva-se um substantivo abstracto *poçada*, que os dicionários não rejistam: — «Bragança, 21... Os rios não têm agua para fazer moer os moinhos; é necessário reprezar para poder moer de poçada» — [4].

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 297.
[2] Anúncio n.º 13800, do DIARIO DE NOTICIAS, de 4 de maio de 1904.
[3] WAAREN LEXICON IN ZWÖLF SPRACHEN, Hamburgo.
[4] O ECONOMISTA, de 28 de agosto de 1894.

poeira

Que eu saiba, é o Nôvo Diccionário o único em que está apontada a significação de «areeiro» a êste vocábulo, pôsto que Morais e Silva [1] já houvesse incluído a de «areia para secar tinta», sôbre a qual tenho muitas dúvidas. O Nôvo Diccionário não comprova com citação a acepção inédita que lhe dá; entendo pois conveniente abonar-lhe a exactidão. Na Peregrinação, de Fernám Méndez Pinto, vem êste passo, que se refere à mobília de um tribunal chinês, e confirma aquele significado: — «um escritoriozinho redondo que tinha o tinteiro e a poeira» — [2].

Era, portanto, *poeira* um vaso, pertence da escrevaninha, com um pó qualquer para enxugar a tinta no papel. Em castelhano ainda hoje o *areeiro* se denomina *salvadera*, de *salvado*, «sémeas», que em tempo lá se utilizaram certamente para êsse fim.

Confirmação decisiva da orijem do vocábulo castelhano *salvadera* é a seguinte: — «antiguamente en lugar de polvos se usaba salvados para enjugar y secar lo acabado de escribir; lo cual se comprueba por el hecho de encontrarse en manuscritos del siglo XVI algunas cascarillas de salvado pegadas á las letras» — [3].

poita, poitada, pouta, poutada

O primeiro vocábulo está rejistado nos dicionários; não assim o seu derivado *poitada*, ou *poutada*: — «Lê-se na *Estrella de Caminha*... Os tripulantes de uma das lanchas, logo que lan-

---

[1] Lisboa, 1823.

[2] cap. CIII.

[3] Romão Cabrera, *apud* Rufino José Cuervo, Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano, Bogotá, 1881, p. 433.

çaram a poitada ao mar, considerando a lancha segura, deitaram-se a dormir» —[1].

A *poita* é um pêso amarrado a um cabo, e serve de áncora.

pojadouro

Termo de carniçaria: carne de 1.ª classe [2], tirada da parte mais grossa da perna da rês bovina.

polaina

Em francês antigo dizia-se *poulaine* o que hoje se diz *guêtre*, e chamava-se-lhe assim por ser feita de couro da Polónia; cf. *(couro de) Moscóvia, marroquim* («de Marrocos»), *cordovão* («de Córdova»). O francês *poulaine* parece ter dado o português *polaina*, a não ser que êste seja um adjectivo formado já dentro do português, com deslocação do *i*, para a sílaba tónica, *polania* ¦ *polaina:* cf. o português *bairro* com o castelhano *bárrio*.

polé

É com certeza o mesmo vocábulo que o francês *poulie* ¦ *polidia* ¦ grego POLÍDION [3]. Há quem suponha ser anglo-saxónia a palavra e relacionar-se com o inglês *to pull*, «puxar». Em castelhano diz-se *polea:* cf. port. *maré* e cast. *marea;* mas a par dêstes está o francês *marée* como étimo imediato, ao passo que *poulie* o não pode ser de *polé, polea,* atenta a diferença da vogal tónica.

---

[1] O ECONOMISTA, de 8 de agosto de 1892.

[2] NOTA DOS PREÇOS DOS TALHOS MUNICIPAES.

[3] JAHRESBERICHT FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 291.

poleá, empolear(se), desempolear(se)

Para explicação cabal dêste termo e seus derivados, freqùentes nos nossos escritores quinhentistas, podendo fácilmente o primeiro ser confundido com *pária (q. v.)*, de que difere, traduzirei aqui, eliminando as citações de literatura estranjeira, o artigo que lhe foi consagrado no monumental Glossário de termos anglo-índios de Yule & Burnell [1]: — «Poleá, malabar *pulayan*, «indivíduo de casta vil ou impura, que polui *(pula)* pelo seu contacto as pessoas de casta superior, a pequena distância que esteja delas». De *pula* fizeram os portugueses os verbos *empolear-se*, «ficar poluído pelo contacto de pessoa de casta inferior», e *desempolear-se*, «purificar-se dessa polução» [ou também purificar-se]» —.

— A ley da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina:
Andaõ nus, e sómente hum pano cobre
As partes que a cubrir natura ensina.
Dous modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados sam, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A ley não mesturar a casta antiga — [2].

Acrescentarei algumas, poucas, considerações minhas.

Em vez de me guiar pela transcrição da estança camoniana adoptada pelos autores, corriji-a pela excelente reprodução da 2.ª edição, feita por F. Adolfo Coelho, em 1880, beneméritamente publicada pelo Diario de Noticias. Efectivamente conquanto a citação por êles feita seja de uma das duas edições de 1572, há nela erros evidentes tais coma *ricca*, Poleas (aliás, Poleaas=*poleás)* misturar, minos (menos).

---

[1] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886.

[2] Camões, Os Lusíadas, vii, 37.

Os autores acrescentaram a versão de Burton, em que êste afamado tradutor dos Lusíadas acentuou erróneamente Poléas:

> — Poléas, whom their haughty law contain
> from intermingling with the higher strain —.

Vária outra literatura portuguesa adequada citaram ou aduziram os autores, a qual suprimo, por nada acrescentar ao que êles tam claramente expuseram.

Outro *empolear* figura no Nôvo Diccionário como termo transmontano, com a significação de «arrebatar pelos ares», e o étimo inverosímil *polé; desempolear* é inédito. Êstes dois verbos, pois, teem de ser incluídos nos diccionários portugueses, conferidos que sejam os passos com que o Glossário os abona, isto é, A. de Gouveia, Jornada do Arcebispo de Goa, D. Frey Aleixo de Menezes, Coimbra, 1606, f. 97.

Manuel de Melo [1] já a êsses vocábulos se referiu abonando-os com outros trechos que pontualmente os elucidaram, e de entre os quais para aqui traslado o que contém o verbo *desempolear*, sem pronome reflecso:

—«Abrasou a todos e queimou o pagode, o que elles sentiram muito, por ser de muito grande veneração sua pela offensa feita á sua religião, e na reedificação e purgação delle (a que elles chamam desempolear) gastaram muito dinheiro e tempo»—[1].

polela, polilha

Bicho de traça. *Polela* é a forma portuguesa correspondente à castelhana *polilla*, que também se usa, e não está rejistada nos dicionários. O étimo mais plausível é o proposto por Baist, *pulla*, forma femenina de pullus, «animal pequeno e novo», mediante as formas deminutivas *pullella* e *pullic(u)la*.

---

[1] Notas lexicologicas, Rio de Janeiro, 1880, p. 35-38.
[2] *ib.*, Diogo do Couto, Década décima, l. iii, cap. xvii.

política, politiqueiro, politicante, politiquice

Os três últimos vocábulos são derivados do primeiro, e todos três são tomados à má parte. *Politiqueiro* vem já rejistado no Nôvo Diccionário, que lhe acusa o sentido depreciativo em que é empregado. Significa o «sujeito que faz da política profissão para seu interêsse», e a aplicação dêle é, e deve de ser, uma verdadeira injúria. O terceiro, *politicante*, não está rejistado e é de invenção mais moderna, irónico mas não vilipendioso: quere dizer o «indivíduo que por paixão se dedica à política, ou faz dela vida, sem que cínicamente o faça por exclusivo interêsse próprio, conquanto se não possa em absoluto dizer desinteressado», pois nenhum político o é.

Politiquice, termo igualmente rejistado no Nôvo Dicc. é o «oficio de *politiqueiro*». Não me socorre a memória com uma abonação do termo, suposto êle seja trivial na imprensa periódica.

É possível que a palavra *pelotiqueiro* influísse na criação do termo *politiqueiro*.

Quási que não valia a pena criar nova denominação para distinguir as duas profissões, porque, na verdade, a diferença entre *politiqueiro* e *pelotiqueiro* é ainda mais ténue na esséncia do que o é na forma. Equivalem-se um ao outro perfeitamente.

O Nôvo Dicc., rejistando a palavra *politiqueiro*, autoriza-se com um passo do Fabulario de Henrique O'Neil, que não transcreve, e não pude encontrar naquelas interessantes peças poéticas, nem nas suas curiosas anotações.

A pájina 919 apontada, é êrro tipográfico, ou lapso de quem a citou.

Dizendo que a não pude encontrar, refiro-me ao exemplar que me foi oferecido pelo falecido autor; mas não creio que do Fabulario se fizesse outra edição, além daquela [1].

---

[1] Lisboa, 1885.

poltrona, poltrão

Recentemente, num jornal de Lisboa [1], como etimolojia, sugeriu-se em carta uma palavra russa híbrida, composta; russa pelo prefiçso *pol* «meio», e estranha pelo vocábulo *trone*, ou cousa assim, «trono», que não é russo.

A esta extravagância respondeu-se, em carta também, refutando-se tal etimolojia, com argumentos negativos.

O étimo é evidentemente o italiano *poltrona*, femenino de *poltrone*, na acepção de «preguiçoso»: cf. em português *preguiçeiro*, ou *preguiceira*, que também significa uma cadeira de recôsto, ou o que em francês se denomina *chaise-longue*, conquanto com feitio diverso.

Ora, o vocábulo *poltrona*, como substantivo, é assim definido por Petròcchi [2]:—«Sèggiola grande a bracciòli e per lo più imbottita»: «cadeira grande, de braços, e quási sempre almofadada»—.

Creio que é bastante isto para convencer a todos de que para cá a palavra não veio da Rússia, mas sim de Itália; provávelmente com o móvel, ou a moda dêle, como tantos outros termos de artes e indústrias, e nomeadamente muitos termos de arquitectura, de pintura, de teatro, de cenografia, de literatura, de música, tais como: *baldaquim, grotesco, estatura, pitoresco, paleta, fresco, palco cénico, pôr em cena (mettere in scena) camarim, comparsa, ribalta, entrecho, contracenar, arlequim, palhaço, charlatão, soneto, estança, trombone, violino, violeta, oboé, maestro, batuta*, etc., etc.

O que se não sabe é quando êste substantivo *poltrona* adquiriu o significado que tem há bastante tempo em português e vai perdendo, para ser substituído pelo arrevesado

---

[1] Diario de Noticias.

[2] Nôvo Dizionàrio universale della lingua italiana, Milão, 1887-1892.

fauteuil francês, mal pronunciado pelo povo como *fôtelhe*, por lhe não caber na bôca. No VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau, isto é, por princípios do século XVIII, é esta palavra assim definida:—«sella (Termo de Estardiota). Há a quê tem o arção traseiro muito baixinho, cuberto com obra acolchoada, e seu arção dianteiro pequeno. Desta sella se cahe facilmente, e trata mal os assentos dos cavalleiros. Galvão. Tratado 2 da Estard. pag. 454»—.

Má sela para mandriões!

Na palavra *poltrão* lêmos no mesmo Vocabulário:—«Fraco, Pusillanime. Hé palavra italiana, derivada de *poltra*, que em Italiano vale o mesmo que *Cama*, ou *Leito*, porque o Poltrão tambem é preguiçoso, e sobre *Fraco, Ocioso*, sem querer emprender cousa alguma não só por medo do perigo, mas tambem com receyo do trabalho. Segundo Salmasio *Poltrão* se póde derivar *à Pollice truncato*, porque os que não querião ir à guerra, para se declararem incapazes dos exercicios militares, cortavão o dedo pollegar»—.

Sem acreditar, já se vê, na etimolojia proposta por Salmásio, e que estava perfeitamente ao gôsto da sua época, como a que ficou já agora clássica, *póstumo*, de post e humus, não me parece também que *poltra* provenha do alemão, antigo ou moderno *polster*, «almofada», como se afirma, pois não vejo a razão da perda do *s*, e resta ainda provar que *poltrone* venha de *poltra*, conquanto êste étimo imediato seja plausível.

Para português estas investigações são escusadas, bastando-nos que fique enteiramente averiguado, como parece estar, que tanto *poltrona*, como *poltrão* nos vieram de Itália, ou ao mesmo tempo, ou sucessivamente.

Em castelhano a *poltrona* chamou-se *silla* (cadeira) *poltrona*, e foi em breve substituído o nome por *sillon*, aumentativo, isto é, «cadeirão», que em Portugal já se vai usando também.

polverim

Pólvora fina: — «o morrão [do arcabuz]... era levado à «caçoleta» onde estava a polvora fina, «polverim» —[1].

pomaleiro

Termo de Timor: — «Pigarreia n'esta occasião o pomaleiro (feiticeiro) certas coisas» —[2].

pomba, pombo, pombinho

O Diccionário Contemporaneo rejista êste vocábulo, como termo de arquitectura, que define assim: — «Papo de *pomba*, linha formada de duas curvas oppostas, sendo a concava em baixo e a convexa em cima» —.

Como termo de construção de aparelhos vemos o mesmo vocábulo empregado no trecho seguinte: — «inferiormente a ella [a roda de oleiro] crusam-se duas espessas regoas, as *pombas* que se afastam do disco pelas *cravelhas*, ou sejam curtas espiguetas de madeira» —[3].

No seu sentido natural rejistarei aqui algumas denominações de pombos, não colijidas em dicionários.

pomba do mar (Porto Moniz, Madeira) *alma negra*, ave.
pombinho, pombinha, pombo bravo (Madeira).
pombo-branco. — Madeira.
pombo-claro. — Madeira.

---

[1] Portugalia, I, p. 602.
[2] Portugalia, I, p. 357.
[3] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da roda primitiva de oleiro em Portugal, in Portugalia, II, p. 75.

pombo da rocha — pombo bravo. Madeira [1].

pombo-papo: assim chamado por ter a faculdade de dilatar o papo.

pombo-trombeta: quando arrulha produz um som semelhante ao de uma trombeta.

pombo-ramela: com os olhos debruados de vermelho.

pombo-pederneiro.

pombo-gravata.

pombo-leque: por ter a cauda levantada em leque.

pombo-cambalhota, ou *rodador:* quando vai no ar deixa-se cair, como se estivesse morto.

pombo-mariola.

pombo-viúvo: branco com a cabeça, cauda e guias, tudo preto.

pombo-arcanjo: pequeno e roixo.

pombo-andorinha.

pombo-tambor.

pombo-romano.

pombo-pêga.

pombo-emperador.

pombo-setineta.

pombo-ganga [2].

Em sentido figurado, *pombos do orgão das costas,* e *pombos do orgão do pano* são peças do tear, em número de duas de cada espécie [3].

pombo

Termo da África Oriental Portuguesa: — «Em caso de adulterio tem mais o pombo (indemnisação dada ao marido)» — [4]: Marromeu.

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.

[2] O Seculo, de 23 de fevereiro de 1902.

[3] Portugalia, I, p. 374, *(q. v.).*

[4] Jornal das Colonias, de 4 de julho de 1903.

ponta

Os chavelhos também se denominam *pontas*, o que já figura s dicionários; a aplicação desta denominação, porém, aos den- s dos elefantes é inédita: — «das pontas — da terra, dos elefantes ortos, que ficam voltadas para o solo» —[1].

ponte

— «Inferior ao mastro [*v.* **trapeira**] e presa tambem ao fre- chal ha outra trave do diametro do moinho, a que se chama *ponte*» —[2].

pontificado

Êste termo vemo-lo aplicado, não à administração do papado, mas à de um bispado, no trecho seguinte: — «Já nosso Illustrissimo Prelado corria pelo sexto de seu pontificado» —[3].

Refere-se, ao benemérito bispo de Goa Dom Frei Aleixo de Meneses, ao *bispinho de negros*, como lhe a fidalga mãe chamava, a soberba Dona Luísa de Meneses, que lhe não queria perdoar a aceitação de tam humílima dignidade eclesiástica, na altiva e presunçosa opinião dela.

ponto; ponto-d'água

No Douro chamam-se pontos os recifes: — «O rio Douro tem muitos... escolhos, a que os povos ribeirinhos chamam pontos» —[4].

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

[2] Portugalia, I, p. 386.

[3] O ORIENTE PORTUGUÊS, III, p. 248.

[4] REVISTA LUSITANA, VI, p. 242.

Pontos, como termo de marcenaria, são o nome de dois espigos em que rodam as portas dos armários, um em cima outro em baixo.

A locução *ponto-d'água* parece ser própria da Guiné Portuguesa; designa, ao que parece, um sítio em que se encontre água de beber: — «a gente de Varella que defendia um *ponto d'agua*» —[1].

porão, de prão, de prau

Todos os dicionários portugueses incluem e definem êste vocábulo, e quási todos assim o escrevem, sem alteração, desde o de Bluteau até o de Cândido de Figueiredo. Nenhum dêles lhe aponta a etimolojia.

Em Fernám Méndez Pinto lêmos: — «se entendeo logo com toda a presteza em alijar a fazẽda ao mar, & saltando em baixo no prão obra de cem homẽs» —[2]. Esta forma do vocábulo está já apontada por Morais, Lacerda e em outros dicionários portugueses, como equivalendo a *porão;* foi, porém, omitida no de F. A. Coelho, no «Contemporaneo», e no «Nôvo Diccionário» de Cândido de Figueiredo. O «Grande Diccionario Portuguez», atribuido a Frei Domingos Vieira, o Português-francês de Roquete, e outros dão o vocábulo *prão* como igual a *plano.* A locução adverbial *de pram* ocorre por exemplo cinco vezes no Cancioneiro de Dom Denis [3]; na edição completa, feita pelo douto romanista suiço Henrique Lang, é essa locução explicada em alemão por *leichtlich* («fácilmente»), e *gern* («de boa mente»). É pois êste vocábulo mais um alótropo, usado em português, do latim *planus,* para juntar aos já compendiados: *chão, lhano* (castelhano), *plano* [4], e o italiano *piano,* com sentidos

---

[1] Jornal das Colonias, de 29 de abril de 1903.

[2] Peregrinação, cap. LXI.

[3] Henrique R. Lang, Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal, Halle, 1894.

[4] Revista Lusitana, I, p. 208.

comuns ou especiais. *Porão* é conseguintemente um desenvolvimento fonético de *prão*, empregado como substantivo, em sentido análogo a *chão*, ou ao italiano *piano*, na acepção de «sobrado», ou, como hoje dizemos, «andar».

Derivados do mesmo radical planus são *praino* ou plaino, e *chairo* ⟨ *chãairo* ⟨ planarius:

planarius : planus :: plenarius : planus [1]

Com relação ao *o*, é êle uma vogal intercalar, ou anaptíctica, como em *fevereiro* ⟨ februarium, *fêvera* ⟨ fibra *(q. v.)*.

Esta etimolojia está confirmada pelo nome próprio Sam João de *Alporão*, acêrca do qual o arabista português David López publicou uma interessantíssima notícia no jornal O Seculo, de 26 de março dêste ano. Lêmos aí, entre outras provas de que *Alporão* é um latim arabizado (al, artigo e *porão*, por planum latino) um trecho extraído da notícia da conquista de Santarém, publicada nos Monumentos históricos de Portugal, o qual reza assim:—«que uocatur *alplan*, eo quod ad comparationem precipicii tocius circuitus planum uidebatur—[2] o qual se chama alplan, porque em relação ao precipício em volta parece plaino»—.

Ainda hoje se emprega *de prau* forma desnasalizada, comparável a *sarau* em relação a *serão*, e que quere dizer «a par, à face». *V.* **serau.**

Na edição da História trájico-marítima, da Bibliotheca de Classicos Portuguezes, vol. xl, vemos três vezes *pião* por *prão* (páj. 56, 57 e 61); apontarei a primeira:—«não fazermos mais que tirar agua do pião e deitá-la no convés»—.

Deve ser êrro de revisão, como a páj. 114 *babaie*, por *babaré (q. v.)*.

---

[1] *V.* Theil, Dictionnaire latin-français, Paris, 1889, *sub voc.* plenarius.

[2] Portugaliae Monumenta historica, Scriptores, i, p. 94, a.

porco

Porco cilhado é o nome que se dá em Rio Maior àquelle que tem no peito uma malha branca, que passa por baixo dos braços e vem fechar por cima dos ombros.

Porco-do-mar, no Brasil, é o nome que dão ao golfinho:—«o monstro marinho, que os mais entendidos denominaram porco do mar ou golfinho»—[1].

Porco-espim, ou *porco-espinho:* Gil Vicente usou a primeira destas locuções no AUTO DAS FADAS. A palavra *espim* é aí um adjectivo uniforme, como em *uva-espim*.

porrão

Tanto o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, como o NÔVO DICCIONÁRIO dizem ser o mesmo que *moringue*. Creio que estão ambos errados. No Minho *porrão* é um «boião com duas asas», ao passo que o *moringue* é uma bilha com dois bicos, um para cada lado, e uma só asa que passa por cima de toda a vasilha, fazendo-lhe arco.

Na Catalunha o *porró* (plural *porrons)* parece-se muito mais com o moringue, porque tem dois bicos no tampo, e não no bõjo, e uma só asa entre êles; são de barro,, de lata ou de vidro. Em castelhano chama-se ao moringue *botijo*, e *porrón* a uma espécie de moringue de vidro, mas o termo é provincial, como o declara o Dicionário da Academia [2].

portador

—«Os portadores, esses, aliviados da carga os cavallos, passaram a vao o rio»—[3].

---

[1] O ECONOMISTA, de 5 de junho de 1884.

[2] Madrid, 1899.

[3] BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO, *in* «O Seculo», de 27 de maio de 1900.

A não ser que haja aqui um neolojismo de acepção, é termo brasileiro, pois em Portugal dizemos *carregadores*.

portaló

Êste vocábulo, provávelmente derivado de *portal*, é conhecido como termo de arquitectura naval. Aplicado a edifícios vemo-lo no trecho seguinte:—«no segundo [andar do moinho] ha tambem... uma porta, da qual se pode sahir... por uma escada de cantaria... chamam-lhe *portaló*»—[1].

posse

—«Em Guimarães festeja-se todos os annos o S. Nicolau... Posse é a obrigação em que certas familias estão de dar aos estudantes, uns castanhas para o magusto, outros lenha para as fogueiras»—[2].

postiço

Tem êste adjectivo significado muito especial no litoral da provincia do Minho; quere dizer, «de adopção», que não é da casa; e assim chamam *filho postiço* ao «filho adoptivo». Em Rui de Pina, quere dizer «falso, disfarçado»:—«e as outras [cartas] eram acidentaes e postiças, ou o mais certo constrangidas»—[3].

pôsto

Tem, além de outras significações a de, «vau, sítio de passajem» [4].

---

[1] Costumes algarvios, *in* Portugalia, I, p. 387.
[2] O Dia, de 10 de fevereiro de 1902.
[3] Crónica de El-rei Dom Afonso V, cap. XCV.
[4] F. Martins Sarmento, Observações á Citania do snr. D. Emilio Hübner.

postura

No Minho *fazer postura* é «fazer trejeitos».

posual

—«á sua alma primitiva o fetichismo aflora, irresistivelmente, e verá em cada pedra signaes de uma divindade, e no *posual* a arca santa.

[Nota] Logar onde se guardam as cousas sagradas, lousas, pedras, zagaias, amuletos, etc.»—[1].

poucachinho

Assim escreveram Bluteau e J. Inácio Roquete, e com plena razão, pois êste vocábulo não é um composto de *pouco* e *chinho*, que não é cousa nenhuma, senão um deminutivo duplo, formado de *pouco*, e dos suficsos *-acho* e *-inho*, com eliminação do *o* final do radical, e do primeiro suficso: *pouco* ⟨ *poucacho* ⟨ *poucachinho*. O suficso *-acho* encontra-se em *bonacho*, do qual provém *bonacheirão*, e não **bomcheirão**, *fogacho* ⟨ *fogo*, *penacho* ⟨ *pena*, *verdacho* ⟨ *verde*, *velacho* ⟨ *vela*, e procede de -asc(u)lum. Ora, como não existe **poucocho**, nem **bonocho**, nem **verdocho**, a forma pseudo-literária *poucochinho*, sôbre não ser a que o povo usa, é falsa, bárbara e mal feita; sendo apenas de sentir que já, pelo menos, três dicionários lhe tenham dado cabimento, com, ou sem exclusão da verdadeira, que repudiam por capricho dos seus autores [2].

---

[1] J. S. Pereira Jardim, NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, *in* Portugalia, I, p. 357.

[2] V. J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, II, p. 349.

pouchana

Duarte Núnez de Leão [1] aponta esta forma, metátese das consoantes iniciais das duas primeiras sílabas de *choupana*.

poupão

Na Ilha da Madeira dá-se êste nome à *poupa*, «ave», de que é forma aumentativa [2].

pousar, pousa, pouso, pousio, pousada

O verbo *pousar* procedeu do latim pausare, por evolução. O significado do verbo pausare, era «descansar». O substantivo pausa, que o precedeu, coincide com o grego PAŬSA, o qual se deriva do verbo PAŬŌ, «pôr fim, terminar». É pois natural de supor que o substantivo latino seja proveniente do grego, atenta a sua forma sigmática (com *s*) que em grego tem explicação (aoristo ÉPAUSA) e a não tem dentro do latim. Deixemos porém essa investigação, descabida aqui.

Do latim pausa e pausare passaram ambos para a maioria das línguas românicas, se não para todas elas; e em português da forma femenina deduziu-se outra masculina, *pouso*, a qual, além de várias acepções, compreende uma, um tanto desusada, mas ainda aproveitável para substituir o galicismo *étappe*, que o povo não entende, e com muita razão: os broncos somos nós que a empregamos, e não êle que a não aceita nem a percebe como sua. Eis aqui um exemplo dêsse especial significado: — «e

[1] ORIGEM DA LINGOA PORTUGUESA, cap. XVIII.
[2] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

indo desta maneira, fazendo muitos pousos, chegámos ao alto do cabeço» —[1].

Em Trás-os-Montes *pouso* é, como o castelhano *poso*, o *pé*, ou «depósito que fica no fundo de um vaso», e também *pé*, «fundo das águas»: — «Desaparece o lameiro e agora é um lago com arribas escarpadas, parecendo que não tem fundo, visto haverem lançado cordas immensas, com amarras, mas ainda não encontraram pouso» —[2].

O femenino *pousa* emprega-se num particularíssimo sentido em Trás-os-Montes. A tal respeito diz-nos o abalisado filólogo Júlio Moreira, documentando-se com um trecho de uma carta de homem indouto, camponês daquela interessante e portuguesíssima provincia: — «Pousas. Periodo em que se costuma dividir o tempo que os homens do lagar empregam em pisar o mosto. Cada *pousa* dura 4 horas. Assim, fazer este serviço quatro, oito ou doze horas diz-se *dar uma pousa*, dar duas pousas, tres pousas» —[3].

Oxalá o douto escritor nos desse, em volume separado, um vocabulário das dições transmontanas, portuguesas, excluindo as que só pertencem às línguas raianas daquela provincia, mirandês, guadramilês e rionorês, já em grande parte colijidas e estudadas por José Leite de Vasconcelos na sua obra monumental e escrupulosíssima Philologia mirandesa [4], que é um primor de método e de execução, como talvez não haja outro, escrita em Portugal, neste genero.

Pousio, como adjectivo, encontra-se no seguinte trecho: — «E as excedentes [terras] ficam pousias» —[5].

---

[1] «História trájico marítima», *in* Bibl. dos classicos portuguezes, t. xl, p. 74.

[2] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

[3] Notas philologicas, *in* «Revista Lusitana», vol. ix, p. 127.

[4] Dois volumes, Lisboa, 1900 e 1901.

[5] Portugalia, i, p. 275.

Pousada é um numerativo, usado nos arredores de Bragança, para o cereal em rama; cada *pousada* tem quatro molhos.

Se o cereal é em grão, o numerativo é *conta (q. v.)*; cada *conta* equivale a 40 alqueires, isto é, uns quinhentos litros.

Advertirei aqui uma singularidade que se dá no modo de contar daquela rejião, como fui informado. O número básico é *vinte*, à semelhança do que acontece em França, na Dinamarca, nas Províncias Vascongadas.

Os aldeãos daquelas terras trasmontanas dizem *quatro vezes vinte*, como dizem mesmo *sete vezes vinte*, por «cento e quarenta».

São vestíjios de um sistema de contajem menos abstracto que o geral. O povo prefere estes numerativos que lhe facilitam mais a compreensão rápida de qualquer número. É esta a razão da singular maneira de contar dinheiro, que todos nós conhecemos e usamos e que tanto confunde os estranjeiros: cinco réis; dez réis, quinze réis; um vintem; vinte e cinco; trinta réis; trinta e cinco; um pataco; dois [vinténs] e cinco; meio tostão; meio [tostão] e cinco; três vinténs; três [vinténs] e cinco; setenta réis; quatro [vinténs] menos cinco; quatro vinténs; quatro e meio; um tostão menos cinco [réis]; um tostão e cinco [réis]; cento e dez; seis [vinténs] menos cinco, etc.; dois tostões; onze vinténs; doze [vinténs] menos cinco; doze vinténs; doze e meio; etc.; três tostões; etc.; dezanove [vinténs] menos cinco; dezanove vinténs; um cruzado menos dez réis,... menos cinco réis; um cruzado; quatrocentos e vinte; um cruzado e meio tostão; etc.; cinco tostões menos dez... menos cinco réis; cinco tostões, *ou* meia c(o)roa; sete tostões; setecentos e vinte [réis], etc.; dez tostões; um quartinho, treze tostões, etc.; dois mil réis, etc., etc.

Todas estas expressões devem figurar em separado nos dicionários, com o valor que se lhes atribui.

Espacejei muito de propósito o vocábulo que designa a mudança de unidade, ou NUMERATIVO, com relação ao anterior.

praça

Na África oriental portuguesa dá-se, ou dava-se ainda há trinta anos, êste nome às quintas, ou fazendas no Transval. *V.* Dicleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES [1], *passim.*

praieiro

Termo brasileiro — «os praieiros [banhistas?] trataram de aproveitar a ocasião» — [2].

pralina

É o francês *prâline,* que quere dizer «améndoa coberta de açúcar». O vocábulo foi usado por António Feliciano de Castilho na comédia O AVARENTO, tradução de uma de Molière, *L'avare.*

prancha

Poderia supor-se que fosse um antigo derivado do francês *planche:* J. Leite de Vasconcelos, porém, dá-lhe por étimo uma forma latina hipotética, planc(u)la [3].

pranta

Êsta forma é antiga, e ao depois foi substituída pelo latim *planta:* mas o povo continua a usá-la, como também emprega

[1] Lisboa, 1878.
[2] O ECONOMISTA, de 5 de junho de 1884.
[3] REVISTA LUSITANA, I, p. 278.

rantar, por *plantar* e *pôr*, já forma secundária, pois a ante-
ior, da mesma orijem, foi *chantar*. Na ilha da Madeira dão o
ome de *prantas* às pontas da cana-de-açúcar, metidas na terra
ara reprodução [1].

prão, prau: v. **porão**

prato, prata

Este vocábulo, como adjectivo, só o conheço usado como epí-
eto de queijo, *queijo prato*, queijo flamengo em forma de disco,
enominado pelos holandeses *platte kaas* «queijo chato», por
posição ao esférico, a que chamamos *flamengo*, e que os espa-
nhóis denominam *queso de bola*. É provável que a denominação,
já bastante antiga, *queijo prato* seja simples aportuguesamento
do nome que tem em holandês.

Deriva-se ordináriamente o substantivo *prata* do adjectivo
grego PLATÚS, «chato»; como porém o femenino de PLATÚS seja
PLATEÍA, temos de supor, a ser o étimo verdadeiro, que em latim
existiu um adjectivo parissílabo *pratus, prata, pratum*, co-
piado do masculino e neutro do grego.

prazo

Do latim placĭtum, substantivo | placĭtum, participio pas-
sado passivo de placēre, e que significava «aprazimento».

A locução *prazo dado* corresponde, à falta de melhor, à fran-
cesa *rendez-vous*, e à castelhana *cita*: — «Quando elles [os go-
vernantes] se compenetrassem da vantagem de tornar Portugal
um prazo dado do *tourismo* cosmopolita» — [2]. Outro termo foi e

[1] Informação do conhecido escritor João de Freitas Branco, que é natu-
ral da Madeira.

[2] H. López de Mendonça, *in* O SECULO, de 4 de julho de 1904.

é *espera*, que deu o nome ao Cabo da Espera, na Terra Nova, imposto por Côrte Real [1].

prego, pregueiro

Casa de prego, é aquella em que se empresta dinheiro sôbre penhores. O nome proveio-lhe de em pregos se dependurarem dantes os objectos empenhados.

Prego, por elipse do substantivo *casa*, tem a mesma significação.

Todos os dicionários nos declaram que *pregueiro* é o «fabricante de pregos». Não é porém neste sentido que vemos o vocábulo, empregado como adjectivo, na seguinte frase: — «navios muito pregueiros» — [2]. Talvez signifique «ronceiro».

preguntar, perguntar

Na minha Ortografia Nacional [3] defendi, a páj. 125-127, a escrita antiga *preguntar*, contra a moderna *perguntar*, com o fundamento, não só dos primeiros monumentos da língua, e das formas populares *prèguntar*, *proguntar*, castelhana *preguntar*, mas principalmente do *g* medial, que de modo nenhum pode representar o *c* do étimo que se lhe atribuía, perconctari, porque *c* latino sómente passa a *g* português e espanhol quando está depois de vogal, em vocábulos de orijem popular; de sorte que o grupo *rc*, a ser verdadeiro o étimo, deveria ser representado por *rc* (cf. *cêrco* | circum, *fôrca* | furca) e não por *rg*, como está.

A estas razões, que me parecem convincentes e perfeitamente

---

[1] *V.* H. P. Biggar, The voyages of the Cabots and Corte-Reals to North-America and Greenland, *in* «Revue Hispanique», x, p. 587.

[2] Joaquim Viegas, Relatorio, de 30 de setembro de 1869.

[3] Lisboa, 1904.

conformes com as permutações que a filologia románica nos ensina, objecta o académico brasileiro João Ribeiro, em nota 130, à sua notável SELECTA CLASSICA [1], dizendo que não tenho razão; e acrescenta: — «também a lei phonetica da permanencia do *c* na occurrencia *rc* não é cousa positiva; apresentamos de momento exemplos que merecem ser estudados: amargo, *amaricus*, sirga, xerga | *serica*, cargo» —. Não entendo em que não tenho razão: quer em *amargo* | amaricus, *sirga*, *xerga* | serica, *cargo* | caricum, o *r* estava separado do *c* por *i*, e portanto o *c* vinha depois da vogal; o mesmo acontece com *torga*, que não procede de torcula, como ali se diz, mas de torica, como J. Leite de Vasconcelos declarou a respeito da forma masculina correspondente *torgo* [2].

Se no Brasil, porém, a pronúncia usual e despretenciosa é *pèrguntar*, e não *prèguntar*, é evidente que a forma literal ali tem de ser *perguntar*. Em Portugal a escrita é indiferente; em qualquer caso a palavra será lida, como é pronunciada, *prèguntar*.

pregustação

O NÔVO DICCIONÁRIO rejistou o verbo *pregustar*, «provar, prelibar» e autorizou-se com António Feliciano de Castilho; mas não lhe acrescentou o substantivo verbal *pregustação*, que tem, como termo litúrjico católico-apostólico-romano, acepção especialíssima: — «a pregustação... consiste em irem para o altar duas bestias, sendo uma d'ellas escolhida pelo celebrante para o sacrificio, e a outra immediatamente ingerida por um dos acolytos» — [3]. Parece que em qualquer época, ou ocasião, se deu tentativa de propinação de veneno, feita por qualquer acólito ao sacerdote, e em razão disso foi adoptado êste costume estranhável.

---

[1] Rio-de-Janeiro, 1905, p. 126.
[2] REVISTA LUSITANA.
[3] O DIA, de 2 de março de 1902.

presilhice

Termo de jiria teatral, que também se chama *cábula*, e quere dizer «artifício, já de chavão, com que se engana o público, por ser de efeito seguro»; é o *truc* francês: — «antes lhe provoca (ao público) sorrisos das presilhices a que o artista [actor] se agarra» —[1].

prêto, apretado; apertar, perto, préto, apretar

O adjectivo *apretado*, o qual significa «alcoolizado para o gôsto dos pretos», referido a vinho, está abonado pelo seguinte trecho: — «tendo-se conseguido que preferissem ao alcool d'Hamburgo os nossos vinhos [portugueses], devidamente apretados, pois de outra forma os não queriam beber» —[2].

É um adjectivo com forma de particípio passivo de um verbo *apretar*, que não existe nesta acepção, sendo o seu étimo o adjectivo substantivado *prêto*; cf. *apani(a)guado* e *apipado*, (*q. v.*).

A significação literal é «acomodado ao prêto».

¿Qual é o étimo do adjectivo *prêto?* Êste vocábulo existe em castelhano com a forma *prieto*, e o Dicionário da Academia espanhola [3] define-o assim: — «color muy obscuro y que casi no se distingue del negro» —. O adjectivo está a bem dizer banido ali do uso comum, em que só subsiste como apelido. O mesmo dicionário dá-lhe por étimo o particípio passivo pressus { premere, sem declarar por que processos, velhos ou novos, o *t* proveio de *ss*; êste étimo, todavia é tambem atribuido a *prieto*, no sentido de «apertado», tendo dado orijem ao verbo *apretar*, e correspondendo à palavra *perto* portuguesa.

---

[1] O Dia, de 13 de julho de 1904.

[2] O Seculo, de 22 de novembro de 1905.

[3] Madrid, 1896.

F. Adolfo Coelho [1] deriva *apertar* de *perto*, e nada nos diz sôbre o étimo ou os étimos dêste ou de *prêto*. Veremos que na realidade é o mais prudente.

Júlio Cornu [2] dá como origem de *perto* um particípio passivo contracto, *perctus* (?), por perrectus, de pergere, «encaminhar-se, proseguir», mas não o relaciona com *apertar*, nem com *prêto*.

R. Menéndez Pidal [3] attribui a *apretar* um étimo, tentador na verdade, mas pouco provável, o latim *adpectorare* «conchegar ao peito» *(apetrar } apretar)*.

Se compararmos o verbo português *apertar* com o castelhano *apretar*, vemos que há uma metátese de *pre* para *per*, e o mesmo acontece com *perto* comparado a *prieto*. As formas antigas portuguesas, porém, são *preto*, *apretar* [4], como as espanholas; a metátese é conhecida em outros vocábulos, como *prejuízo*, castelhano *perjuicio*, *preguntar* e *perguntar*, etc.

Um exemplo de *preto*, por *perto*, vemo-lo no Roteiro da Viagem de Vasco da Gama, páj. 94: — «começaram a arribar à popa pera a terra, e nós que hiamos mais preto della» —.

Com relação à metátese frequente de *r*, cf. o galego *porveito*, *esquirbano*, *apertar*, que se lê no Livro de Alexandre, etc.

João Ribeiro, na sua Selecta Classica [5], em um longo excurso acêrca dos termos *negro* e *prêto*, referidos a raça, interessantíssimo na verdade, considera o vocábulo *prêto* como procedente de pletus, «cheio», particípio passivo de plere, identificando *prêto*, com *preto*, *perto*, e exemplificando com *reais prêtos*, «reais cheios» por oposição a *reais brancos*, isto é, «reais vazios».

---

[1] Diccionario etymologico da lingua portugueza.

[2] Grundriss der Romanischen Philologie, I, p. 800.

[3] Manual elemental de gramática histórica española, Madrid, 1904, p. 94.

[4] V. Diccionario da Academia, *sub voc.* **apretar**.

[5] Rio-de-Janeiro, 1905, n. 132.

Eis aqui um exemplo castelhano: — «y acuñó los *diversos prietos* y que «de estos dineros facia» quince dineros el maravedí» —[1].

Segundo esta conjectura, *prêto* seria o mesmo vocábulo que *perto,* antiga forma *preto,* da qual proviria o verbo *apretar, apertar;* e dêste modo *apretado* «acomodado ao preto» e *apretado, apertado,* «conchegado» seriam apenas acepções diversas de uma só dição.

A esta etimolojia opõem-se as considerações seguintes, baseadas em factos incontestáveis:

a) de plētus latino não pode provir uma forma *prieto* castelhana, porque a *ē* longo latino não corresponde nunca *ie* em castelhano, nem *l* líquido passa a *r* nesta língua, como acontece na portuguesa; cf. cast. *clavo,* do latim clauus, português *cravo; plata* { plata: *prata.* Além disto, o *t* entre vogais daria *d.*

b) o *e* de *perto* é aberto, e a *ē* longo latino corresponde em português *e* fechado, quando nenhuma lei especial, como a pofonia ou metafonia, perturba a regra; cf. *cêra* { cēra.

Portanto, *prêto,* e *preto, perto* são palavras distintas, cujos étimos estão por descubrir.

Advertirei ainda que em castelhano, tal como se falou e fala e escreve no Oriente da Europa, *preto* designa a «côr negra»: — «El era moreno de cara, i sus ojos pretos» —[2].

prisão

As *prisões novas,* como a Penitenciaria [de Lisboa] é conhecida na giria dos carceres» —[3].

---

[1] Júlio Punyol y Alonso, UNA PUEBLA EN EL SIGLO XIII, *in* «Revue Hispanique», XI, p. 294.

[2] LA CORONA DE SANGRE, ROMANSO ISTORICO, *apud* R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. XLVII.

[3] O SECULO, de 7 de setembro de 1901.

propaganda, propagandista; propagação

Os termos são conhecidos no sentido de «divulgador de uma doutrina qualquer, relijiosa ou científica», bem como no da divulgação dessas doutrinas.

Todavia, começaram já a difundir-se estas expressões com referência a indústria, a processos comerciais, etc. — «Propagandistas. Precisam-se que dêem referencias das casas onde teem trabalhado. Trata-se na administração do *Seculo*» [1].

Referências na acepção de «abonações» é anglicismo, felizmente pouco divulgado por emquanto.

Antes *propaganda* era principalmente relijiosa; em outros sentidos usava-se *propagação*.

prospector

Neolojismo recente: — «*Prospector* de *prospector* em inglez. Designação pela qual na Africa Oriental nós conhecemos os pesquizadores de ouro» — [2].

pudó

— «Uma fruta, a que [os cafres] chamam pudó, que em verde toca de azeda, que lhe dá muito bom gôsto, e madura é doce e saborosa» — [3].

---

[1] O SECULO, de 24 de dezembro de 1900.

[2] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902.

[3] História trájico-marítima, *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIII, p. 54.

pudvém

Em concani pupvẽ. Conforme informação pessoal de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, natural de Goa, é o nome de um pano que se enrola em tôrno dos quadris e serve de saiote: só é usado pelos homens—«veste casaco de tanná, pudvém branco e trunfa preta»—[1]. É termo da Índia portuguesa.

puló

—«eram invenções para grangear caixas [dinheiro] e arroz puló»—[2].

pulpe

—«Os residuos da beterraba—o pulpe, depois da extracção do assucar, constituem uma alimentação do gado»—[3].

Melhor fôra *polpa,* que o francês *pulpe,* com a extravagante mudança de género gramatical.

púlpito

Hoje em dia só se aplica êste vocábulo à tribuna onde o orador sagrado faz as suas prédicas, nas igrejas, ao auditorio; antes, porém, era uma tribuna qualquer;—«[Vasco Gil] fêz no outro dia ajuntar no refeitorio de Sam Domingos todo o povo, aquelle que pôde caber, onde em púlpito Pedro Anes Sarrabodes

---

[1] O Seculo, de 1 de abril de 1902.

[2] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 227.

[3] O Seculo, de 15 de julho de 1900.

notificou em alta voz o acôrdo passado» —[1]. Em latim pulpĭtum «palco» [2]. Cf. o francês *pupître* ¦ pulpitulum.

púlvego, púvrico, público

A forma mais antiga é *púlvego; púvrico* é já semi-erudita; *público* enteiramente alatinada.

pungo

—«A muári... que deve vir acompanhada da sua *pungo* mulheres grandes encarregadas de ensinarem ao rapaz ou á rapariga os deveres conjugaes)» —[3]. É termo da África Oriental Portuguesa.

puridade

A locução *à puridade,* «em segrêdo», deriva-se do significado que tem em português o substantivo, como se vê do provérbio *A quem dizes tua puridade, dás tua liberdade.*

puxar

O verbo *puxar* com a preposição *por,* no sentido de «promover, animar, favorecer» é já antigo:—» e porque a provincia... está tam atrasada, não quis puxar por ela» —[4].

---

[1] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XXXVIII.
[2] J. B. Gardin Dumesnil, SYNONYMES LATINS, Paris, 1853, n.º 2353.
[3] JORNAL DAS COLONIAS, de 20 de junho de 1903.
[4] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 162.

quadrar, quadrador

Nenhum dicionário aponta a acepção em que êste verbo e o substantivo *quadrador*, derivado do seu participio, são empregados pelos operários que manufacturam a cortiça:—«onde estavam a quadrar cortiça... diante de duas tinas largas onde cahiam as aparas»—[1].

—«A grève dos quadradores e machinistas da fabrica das Lezirias terminou»—[2].

O vocábulo *quadrador* vem já, com referência à cortiça, no INQUERITO INDUSTRIAL, de 1881 [3].

quartão

Peça de artelharia antiga:—«A outra [cousa assinada] foi que a pedra do primeiro tiro, que com um quartão se fêz, deu por um escudo das armas do Priol, que estava sôbre a porta»—[4].

Além dêste significado, vemos no Nôvo DICC. mais duas acepções diferentes—«quarta de almude»—e «cavalo pequeno»—.

É tambem empregado no sentido do galicismo, hoje muito usado, *panneau*, que pode igualmente ser traduzido por *painel*, ideolójica e formalmente idéntico:—«as duas principaes [portas] são de figuras de relêvo das histórias de seus infames pagodes [*q. v.*=ídolos], repartidas por fora em onze painéis ou quartões—[5].

---

[1] O DIA, de 30 de maio de 1903.

[2] O SECULO, de 16 de janeiro de 1897.

[3] II parte, livro II, p. 211.

[4] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXI.

[5] Padre Manuel Bernárdez, «Descrição da cidade de Columbo», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, t. XLI, p. 106.

quarzo, quarço, quartzo

É já tempo de aportuguesar de todo êste vocábulo que, faz parte integrante da nomenclatura mineralójica, escrevendo-se *quarzo*, sem o *t*, ou *quarço*, se se preferir por estar mais próssimo da pronúncia alemã de *quartz*, convém saber *cvartçe*. Os espanhóis escrevem *cuarzo*, pronunciando o *z* quási como o nosso ç. A. J. Gonçálvez Guimarães empregou a forma estranjeirada *quartzo* [1], o que me admira, pois com o maior escrúpulo procurou nacionalizar a nomenclatura geolójica. No Suplemento ao Nôvo Diccionário já se aconselham as duas formas aportuguesadas a que me refiro aqui.

que, quê

Êste monossílabo português é homeótropo, ou resultado de várias formas converjentes, todas latinas, que se fundiram em uma única; convém saber:

1.ª O pronome relativo qui, quae, quod, e o interrogativo quis;

2.ª A conjunção quod;

3.ª A conjunção quam, no segundo termo de um comparativo de desigualdade;

4.ª O advérbio aeque, na locução *outro que tal*, alter aeque talis [2].

Que, proferido *que*, com *e* surdo, que se muda em *i* na pronúncia antes de vogal, é a forma átona, proclítica, ou enclítica; *quê*, com *e* fechado, a forma tónica, independente, como nesta afamada quadra de Sá de Miranda:

---

[1] Elementos de Geologia, Coimbra, 1897, p. 4, 65, 67, e *passim*.

[2] Júlio Moreira, Revista Lusitana, IV, p. 269-271, *q. v.*

—Seis cousas sempre tu vê
Quando falares, te mando:
De que falas, onde e o quê
E a quem, e como e quando.—

Cousa singular! Os mesmos conceitos estão expressos nestes versos tradicionais e anónimos do condado de Yorkshire, no norte da Inglaterra:

—I'll save ya neeal all trouble
If when talking ya tak care,
Ov whamm ya speeak, ti whamm ya speeak,
An hoo, and when an wheer—[1].

A versão literal é: «Poupa-se-te quási todo o incómodo, se, quando falares, tiveres cuidado (em ver) de que falas, a quem falas, e como, e quando e onde».

queijo, queija, queijada

A nomenclatura dos queijos nacionais e a dos estranjeiros importados é considerável: rejistarei apenas aqui *queijo cabreiro*, «feito de leite de cabra», em atenção ao emprêgo de *cabreiro* como adjectivo.

O femenino *queija*, na Beira-Baixa, é o nome que ali dão ao que chamamos *queijo-de-correr*, isto é, muito frescal, e cuja côdea estala e deixa saír a massa.

Queijada é o nome de uma espécie de pastel em que entra leite ou queijo, e cujos ingredientes e preparo variam de terra para terra. Em sentido figurado, como termo de calão, quere dizer «dádiva de dinheiro»;—«companheira para o sustentar [ao gatuno] quando o *trabalho* [furtos] faltava, e para moer de pancadas, quando a *queijada* não era bastante para uma noite de *moina* [estúrdia]»—[2].

---

[1] PERIODICAL, dezembro de 1898.
[2] O SECULO, de 13 de janeiro de 1902.

queima das fitas

—«Coimbra 26. Foi verdadeiramente deslumbrante e unica a festa da queima das fitas [que distinguem pelas côres as diversas faculdades], realizada hoje pelo curso do 4.° anno theologico e juridico» —[1].

quente; quenda, queda

É sabido que *quente* procede de *caente* { calentem.

Pelo mesmo processo *quenda* é contracção de *caenda* { calenda [2], como também *queda* é contracção de *caída*, e ainda hoje se diz *descaída*, por «descuido».

O *quente*, como termo familiar, quere dizer a «cama»:

—E cada um afinal
Que vá meter-se no quente—[3].

querela, querelar-se

Querela, no sentido usual de «queixa», como em latim, temo-lo empregado em Rui de Pina:—«Ajuntavam-se a isto os criados da Rainha Dona Lianor, que, para mais agravarem suas querelas, diziam contra o Infante... muitas cousas à verdade muito contrairas» —[4].

No sentido de «queixar-se» usou o mesmo cronista *querer-se*:—«A primeira [empresa] era a necessidade que tinha de prover e remediar os males e roubos que neste tempo os fran-

[1] O Seculo, de 27 de maio de 1900.
[2] Revista Lusitana, v, p. 59.
[3] Acácio de Paiva, *in* O Seculo, de 11 de novembro de 1902.
[4] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. lxxxix e cxxxv.

ceses faziam no mar aos naturaes dêstes reinos, de que se o mercadores a El-rei muito querelavam» —[1].

quete

Como termo de calão, quere dizer «gatuno de môsco» *(q. v.)*

quibumbo

«Chapéu alto», em terminolojia chula. Parece ser um voc bulo híbrido, o português vulgar *bumbo,* com o preficso aume tativo quimbundo *ki,* e é possível que fossem pretos de Ango que o formassem, e o difundissem.

Os antigos caiadores pretos, que estacionavam na rua Amparo, junto ao Rossio, tinham quási todos *chapéu-alto* cabeça, pincel com cabo de cána, da altura de dois met ou mais, e a competente *tejela-da-casa,* com a cal líquida.

Um preto velho, que exercia espertamente as funções de ticeiro, há seus quarenta anos, usava *chapeu-alto,* sobrecasaca argola de ouro numa orelha. Os pretos sempre foram devo dêsse carapuço:

—«No Rio de Janeiro havia tambem o *Bocca* queimada, negro que trajava sobrecasaca e chapeo alto...; chefe de *ma* ou quadrilha de capoeiras [fadistas]» —[2].

quico, quicada

Significa «chapéu», em geral, na terminolojia faceta, e *cada,* a pancada dada por troça em um chapéu:—«improvi um apertão, que favorece a bella quicada nos chapéus» —[3].

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso V, cap. LXXXIX e CXXXV.

[2] Pinto de Carvalho, Historia do Fado, Lisboa, 1903, p. 37.

[3] O Seculo, de 7 de janeiro de 1902.

quiço, quício, quisso

—«[A roda de oleiro]... compõe-se d'um estrado rectangular... do centro do qual se ergue um eixo, o *quisso,* para o alto»—[1].

Prefiro a escrita com *ç,* por me parecer que o vocábulo é o mesmo que *quício,* sendo *quiço* a forma portuguesa e *quício* a castelhana, que para o português passou também: cf. *serviço,* port. e *servicio,* castelhano.

Seria, em todo o caso, necessário ouvir pronunciar o vocábulo a indivíduo de Trás-os-Montes, onde se diferença *ç* de *ss* medial, para se decidir com segurança qual seja a verdadeira ortografia da palavra.

quijila, quezília, quezila

A forma mais correcta é sem dúvida a primeira, que representa a palavra quimbunda *kijila,* «preceito»; todavia a que mais se generalizou é a segunda, devendo porém advertir-se que da terceira *quezila* se derivaram *quezilento, (en)quezilar,* o que prova ter sido ela vulgar algum tempo. O vocábulo tem os significados de «antipatia, embirração», «transtôrno».

quil(e)

O Nôvo Diccionário insere, como inédito e antiquado, êste vocábulo, que define—«espécie de breu ou betume na Índia portuguêsa»—. Em árabe dizia-se QIR [2], mas o termo não tem feitio arábico; e como a forma portuguesa é *quil,* ou *quile,*

---

[1] Portugalia, II, p. 75.

[2] Engelmann & Dozy, Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869.

vê-se que troussemos da Índia o vocábulo, como os árabes tinham feito, sendo êle ou o concani *kila*, ou o malabar *kīl*, que parece ser a forma orijinária.

quilolo

É vocábulo quimbundo que quere dizer o mesmo que o português «deanteiro» [1], e o francês *pionnier;* é derivado de *lólu*, «êsse», como quem aponta para êle.

O vocábulo está abonado no Nôvo Diccionário, que em dúvida lhe attribui o significado de «peregrino», o que não tem fundamento; a significação própria é: «quem vai na frente».

quilovátio

Escrevo com *qu*, e não *k*, como assim escrevo *quilograma*, *quilómetro*, etc.:—«equivalendo um kilovátio a um cavallo de vapor e um terço»—[2].

Sobre *qu* por *k*, veja-se Ortografia Nacional [Lisboa 1904], páj. 82.

quimão, queimão

J. Inácio Roquete, no Diciónario português francês [3], diz ser êste vocábulo asiático, e dá-lhe como correspondente em francês *robe-de-chambre*, e como sinónimo português «*roupão*», aumentativo de *roupa*, que, na realidade, significava dantes uma ves-

---

[1] Joaquim da Mata, Ensaio de diccionario kimbúndu-portuguez, Lisboa, 1893.

[2] Diario de Noticias, de 6 de outubro de 1903.

[3] Paris, 1855.

timenta comprida, além de ter a acepção, que hoje lhe damos, de «fato» em geral, mas especialmente o que anda junto à pele:

> —Vestido o Gama vem ao modo hispano
> Mas francesa era a roupa que trazia—[1].

Dêste significado de *roupa* procedeu o termo *roupinhas*, o qual designava um «corpete, que não passava da cintura», não estando ainda de todo esquecidos o termo nem a sua significação.

Quimão, ou, por influência do verbo *queimar, queimão*, é pròpriamente o roupão que trazem usualmente os japoneses, amplo, talar, sem abotoadura, unido ao corpo por um cinto, de mangas larguíssimas na entrada e canhão revirado, assim como a gola e bandas. Em japonês é *kimono*, de que provém a forma portuguesa, usada pelos nossos escritores antigos, mas que de tal maneira se enraizou, que até na África Oriental Portuguesa é conhecida. Assim mo afirmou um oficial de marinha, que trouxera um de Moçambique onde o comprou, acrescentando que ali aparecem à venda com êsse nome, juntamente com outros objectos asiáticos. É claro que o não confundia com a *cabaia*, vocábulo que designa trajo também asiático, mas que, na opinião de Yule & Burnell [2] foi para lá levado pelos portugueses, pois é arábico, QABAIE:

> —Luzem da fina púrpura as cabayas,
> Lustram os panos da tecida seda—[3].

Note-se o verbo *lustrar*, como intransitivo.

Eis aqui abonações das duas formas que em português adquiriu o vocábulo japonês *kimono*, (ou *quimono*), *quimão, quei-*

---

[1] Os Lusíadas, II, 97.
[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886.
[3] Os Lusíadas, II, 93.

mão: — «o rico quimão do seu vestido [1] — queimões de seda como os dos japões [2] — vestido um queimão roxo a modo de opa, recamado de pérolas» — Esta ultima citação é feita por Bluteau, em presença da primeira edição da PEREGRINAÇÃO, que não tenho à vista; e declara ser — «vestidura de alguns povos da India [isto é da Ásia]» —, aduzindo igualmente a forma *queimão,* abonada também.

quincunce, *quincóncio, quinconce*

Êste vocábulo, que em latim é quincunx (quinque-uncia, queria dizer «cinco duodécimos», e designava também os cinco pontos de uma quina marcada em dado (⁝ · ⁝), e por fim plantio de árvores em cinco fileiras, na primeira, terceira e última das quais se dispunham cinco, e na segunda e quarta quatro, sempre equidistantes, nesta figura:

Desta forma latina, cujo acusativo é quincuncem, não se pode derivar em português culto senão *quincunce;* sendo portanto a forma *quincóncio,* incluída, mas sem abonação, no NÔVO DICCIONÁRIO, o galicicismo aportuguesado de *quinconce,* que, ainda mal, foi usado num trabalho valiosíssimo a todos os respeitos, e em geral correcto e vernáculo na linguajem: — «um pateo commum ladrilhado, não raras vezes em xadrez ou quinconce» — [3].

---

[1] [2] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CXIX e CLXVI.

[3] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 109.

quingosta (congosta)

É um alótropo de *cangosta*, já rejistado por Bluteau. Qualquer das formas desta palavra, que quere dizer «caminho estreito, viela», representa o latim canale-angusta | *caale angosta* | *caa-angosta*, com perda do *l* e do *n*.

quinhame

Como termo de calão quere dizer «perna».

É o vocábulo quimbundo *kinama*, «perna *ou* pé», «perna e pé».

É sabido que num grande número de idiomas um só vocábulo designa «perna e (ou) pé», e outro «braço e (ou) mão». Dá-se este caso não só nas linguas bantas, mas igualmente em malaio *(káki, tânan)*, por exemplo. O mesmo acontece numa lingua europeia, da mesma grande família árica a que pertencem o grego, o latim e o português, e essa é o russo, em que *nogá* significa «pé e perna», e *ruká*, «mão e braço».

quinta, quintã; quinteiro

Da segunda forma, que representa um adjectivo *quintana* substantivado, temos exemplo em Rui de Pina: — «D. Briatiz, com toda a frol e gentileza de Portugal que ali foi junta, sahio, e a uma legoa de Moura, junto com a quintã que dizem da Coroada... recebeu a dita Infanta Dona Isabel» —[1].

— «Em resumo, as quintas alemtejanas, na sua quasi totalidade, quer sejam accessorio de herdade, quer constituam predio independente, são terrenos de exclusiva exploração horticola e pomifera» —[2].

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. ccix.

[2] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, i. p. 548.

A palavra *quinta* parece deduzida de *quintã*, como *campa* de *campã (q. v.)*, de *campana*.

Emprêgo moderno da palavra *quintã* vemo-lo no trecho seguinte:—«As casas com sua quintã (linguagem da Beira)»—[1].

Quinteiro é um dos vários derivados de *quinta*:—«casaes terreos e *castellos* ou *torres*... com seus quinteiros e eirados»—[2].

Equivale a *quintal*.

quipo(s)

O Diccionario Contemporaneo accentua *quipós*, guiando-se talvez pelo êrro cometido por Manuel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez no Diccionario Español-portugués [3]; e o mesmo fêz o Nôvo Diccionário, emendando-o porém no Suplemento. J. Inácio Roquete e Francisco Adolfo Coelho, com todo o discernimento, seguiram a acentuação espanhola, *quipos (=quípos)*, visto que de Espanha veio o vocábulo, que pelos escritores castelhanos, que trataram da conquista do Peru, foi divulgado na Europa.

Sôbre êste sistema de transmissão do pensamento por meio de nós de diferentes côres e em várias disposições, usado no império dos Incas, onde não foi conhecida, ao que parece, outra escrita, veja-se Ricardo Andree, Ethnographische Parallelen und Vergleiche [4], que escreve *quipu (quípu)* e traz uma estampa colorida, a qual representa uma corda côr de castanha, que tem *pendentes complicadas combinações de nós e laçadas de cordéis*, principalmente verdes, mas também encarnados, e dois amarelos.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Portugal pre-historico, p. 19.
[2] Portugalia, I, p. 178.
[3] Lisboa, 1864.
[4] Stutgard, 1878, p. 194-197.

quissapo

Termo de Moçambique — «Respondeu que a uma pataca (600 réis) o quissapo (10 litros) [de arroz]» —[1].

quissau

— «Como quissau (conducto) usam caça» —[2].

quitanda

O vocábulo é cafrial, e designa «arraial, feira no sertão». Passou depois para o reino, onde quere dizer «lugar de venda ambulante»: — «uma pobre vendedeira de capilé com toda a quitanda partida e a louça em cacos» —[3].

Em quimbundo é *kitanda*. Esta mesma palavra em quissuaíle (Zanzibar) quere dizer «cama»[4].

Quixote, Quijote, *Quichote*

No Diario de Noticias de 2 de junho de 1905, subordinado à epígrafe «Falar e escrever», vemos um artigo assinado por C[àndido] de F[igueiredo], em que se condena com sobeja razão a disparatada escrita **Quichote**, que proveio do francês *Quichotte*, e parece por isso mesmo ser a preferida em Portugal!

---

[1] Diario de Noticias, de 30 de setembro de 1902.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

[3] O Seculo, de 27 de agosto de 1900.

[4] Eduardo Steere, A Handbook of the Swahili language, London, 1875, p. 302, col. I.

Ora, *Quichotte* é simplesmente a escrita fonética, adoptada pelos franceses, para que o castelhano *Quixote* não fosse lido *kiksote*, como o é em inglês *(kuíksot!)*, ainda que escrito correctamente. O mesmo fizeram os italianos ao transcreverem *Chisciotte*, porque na sua ortografia, **sci** equivale a *x* português ou castelhano antigo, **chi** a *qui* do francês e peninsular. No tempo em que a obra capital de Cervantes foi traduzida, quer para francês, quer para italiano, ainda não era mania dominante, como agora é, o escreverem-se os nomes estranjeiros fielmente para os olhos, deixando aos leitores o encargo de os lerem como souberem ou puderem. Essa mania difundiu-se muito depois, e por isso os ingleses lêem o nome do herói manchego pelo modo singular que acima fica indicado; recentemente, porém, já mesmo em Inglaterra, há reacção contra o absurdo.

O **x** castelhano há três séculos tinha exactamente o valor que tem o **x** português e catalão quando inicial, como em *xadrez*, castelhano antigo *axedrez*, moderno *ajedrez* (=aqedréç) [1]. Isto prova-se com as transcrições castelhanas de nomes estranhos, com a toponímia espanhola de orijem arábica, onde êle representa a 13.ª letra do alfabeto árabe, o *xin*, com a transcrição das palavras árabes feita por Pedro de Alcalá no princípio do século XVI [2], e com outros muitos documentos irrefutáveis, que seria descabido citar aqui.

É cousa perfeita e pontualmente averiguada.

Por ocasião da reforma ortográfica, concebida e executada pela Academia Espanhola nos fins do século XVIII, tanto o **x**, como o **j**, **ge**, **gi** os quais semelhantemente designaram valor igual ao do *j* português ou catalão, haviam-se identificado num som único, o do **j** castelhano actual, fricativa póstero-palatal surda, proferida entre o véu do paladar e a raiz da língua, análoga, mas não idéntica ao **ch** alemão em conjunção com *a*, *o*, *u*,

---

[1] *q* = póstero-palatal fricativa surda; *ç* = ginjival fricativa surda.

[2] VOCABULISTA ARÁBIGO EN LETRA CASTELLANA, ARTE PARA APRENDER LIGERAMENTE LA LENGUA ARÁBIGA.

ási igual á 7.ª letra do alfabeto arábico. A Academia repre-
ou constantemente êsse som com o **j**, ou **ge**, **gi**, reservando
para o escasso número de palavras, de orijem artificial mo-
a, em que êle tinha o valor de **cs**; o mesmo aconteceu ao **ç**
z, que se unificaram em **z**, ou em **c** antes de **e**, **i**. Dêste
o, um único vocábulo antigo, *próximo* produziu dois moder-
prójimo e **próximo** *(=prócsimo)*, com diferença de signi-
ão.

Averiguado como está o que fica expendido, escrever **Qui-**
e por *Quixote* prova apenas que quem usa ortografia
esa em um nome castelhano usado em português, não sabe
francês, nem castelhano, nem português, o que pior é ainda;
a também que nunca leu, a não ser nalguma ruim versão,
que o fez, nem um capítulo sequer do primor da literatura
hola, e sómente ouviu ou viu citado o livro em algum resumo
de procedéncia francesa, *à l'usage des gens du monde.*

Até aqui estou perfeitamente concorde com a doutrina exposta
rtigo a que me referi, e o que deixo expendido serve apenas
a corroborar com mais argumentos, para os quaes não creio
de boa-fé possa haver nem pretexto, quanto menos funda-
o, que motive resposta contraditória.

É apenas de sentir haver escritores, que teem responsabili-
s reconhecidas e podem por isso exercer influéncia de auto-
le, que continuem a insistir por capricho ou por cegueira
erro manifesto e já corrijido por forma, que não deixa a
or sombra de dúvida acêrca do disparate que divulgam.
tulo do livro na sua primeira edição, a de 1605, é textual-
te—EL INGENIOSO | HIDALGO DON QVI- | XOTE DE
MANCHA, | *compuesto por Miguel Cervantes* | *Saàvedra...*
MADRID. Por Iuan de la Cuesta, | Año 1605.—*Capi-*
Primero. Que trata de la condicion, y exercicio del
oso hidalgo don Quixote de la Mancha.—Isto, transcrito
ndo a ortografia da Academia, corresponde modernamente ao
inte:—«El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha,
puesto por Miguel Cervantes Saavedra... en Madrid, por
n de la Cuesta, año 1605.—Capítulo primero, que trata de

la condición y ejercicio del famoso hidalgo Don Quijote de la Mancha» —. Comparada esta modernização com a ortografia antiga, vê-se que a diferença consiste, além de acentuação marcada, em **u** por **v** e **j** por **x** em *Quixote,* **j** por **x** em *exercicio,* **j** por **i** em *Iuan,* com *i,* conforme o costume do tempo. Vê-se também que o *x* do castelhano antigo corresponde a *x* em português, em *exercicio,* como lhe deve corresponder em *Quixote.*

O Diccionario Contemporaneo, apesar da severidade vaidosa e azeda, com que no prefácio invectiva os seus antecessores, não só levou a insensatez a tal ponto, que escreveu **quichotada** e **quichotice,** mas até por seu alvedrio emendou a ortografia castelhana ao dar a orijem dêstes neolojismos: — «*Quichote* (nome do protogonista *[sic]* no livro de Miguel Cervantes intitulado *D. Quichote de la Mancha)!!*» —.

Não há livro nenhum assim intitulado em espanhol, como é fácil averiguar; inventou-o quem escreveu êste dislate.

A parte do artigo com a qual não estou perfeitamente conforme, o que porém não invalida a argumentação dêle, é que Cervantes quisesse fazer trocadilho entre a palavra *quixote,* «barbote do elmo», ou, como se dizia em francês, *mentonnière,* e o apelido do herói, *Quixada,* ou, como êste o aceita à hora da morte, *Quixano el Bueno;* o trocadilho consiste mais no equívoco entre *quixada, «queixada»,* e *quesada,* «queijada»: — «Quieren dezir que tenia el sobrenombre de Quixada o Quesada, (que en esto hay diferencia en los autores que deste caso escriven), aunque por conjeturas verosimiles se dexa entender que se llamava Quixana... Puesto nombre [Rosinante] y tan a su gusto a su cavallo, quiso ponersele a si mismo, y en este pensamiento duro [duró] otros ochos dias, y al cabo se vino a llamar Don Quixote; de donde, como queda dicho, tomaron ocasion los autores desta tan verdadera historia, que sin duda se devia llamar Quixada, y no Quesada, como otros quisieron dezir... [1].

[1] Parte I, cap. I.

... Dadme albricias, buenos señores, de que ya no soy Don Quixote de la Mancha, sino Alonso Quixano, a quien mis costumbres me dieron renombre de Bueno» —[1].

O trocadilho, pois, está entre *quixada* e *quesada*, ou, traduzido em português, entre *queixada* e *queijada*. Em castelhano moderno um deminutivo de *quesada* e que o pressupõe, *quesadilla*, designa um bolo, análogo aos que em português se denominam *queijadas*, talvez porque o seu elemento principal seja *queijo*, em castelhano *queso*, ou em atenção à sua forma discóide, como dizemos *queijos de marmelada*, e no Roteiro da Viagem de Vasco da Gama [2] se escreveu *queijos de açuquar de palma*: cf. *pão de açúcar, pão de cera*.

Quanto à significação própria de *quixote*, pouco importa para o caso que ela fosse *barbote do elmo*, como eu creio, ou *coixote*, «armadura das coixas», como dizem vários dicionários castelhanos, e entre êles o da Academia; nem a comparação de *quixote* com o catalão *cuxote* e o francês *cuisse* prova cousa alguma a favor desta interpretação da palavra castelhana, visto como, por exemplo, ao francês *puits* corresponde em castelhano **pozo**, moderno, *poço*, antigo, e não *pizo* ou *piço*, sendo aqueles ambos representantes do latim puteum.

rã, ranilha, rela, arrã

A forma antiga era *rãa*, dissílabo { rana, que se condensou modernamente em *rã*, como aconteceu a todas as formas em *-ãa*; *arrã* é forma popular, resultante, como *arraia*, em vez de *raia*, de se lhe ter soldado o artigo *a* proclítico. *Ranilha*, que tem feitio muito castelhano, onde é deminutivo de *rana*, conquanto já se não use em sentido natural na língua comum de Espanha,

[1] Parte II, cap. LXXIV.
[2] Lisboa, 1861, p. 94.

é no litoral da nossa província do Minho o nome que se dá «rã verde».

Rela [rana arborea] é contracção de *ràela* { ranella.

rabadão

No Alentejo o «maioral dos pastores». É o árabe RAB AL-DA «mestre das ovelhas»:—«*Rabadão* é o pastor chefe, a cargo quem está a fiscalisação e inspecção de todos os rebanhos gado lanigero do mesmo dono. Um grande lavrador, poder possuir alguns milhares de cabeças, divididas em numerosos banhos, tem ao seu serviço um unico rabadão... *Maioral* primeiro pastor de cada rebanho—tantos *maioraes* quantos banhos»—[1].

rabana, rabanada, rebanada

No vocabulário que acompanha o erudito estudo feito Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado acêrca do dialecto in português de Goa, encontra-se a palavra *rabana,* termo mal que designa uma—«especie de atabales»—, do qual se de *rabanada,* toque de *rabanas*—: «Serão obstados toques esti dosos, taes como rabanadas»—[2].

Dêste último deve proceder a expressão *rabanada,* ou *r nada de vento,* usualissima em vez de *rajada de vento.*

V. **rambana,** que há de ser o mesmo vocábulo.

rabanada (rabo); rabanada, rebanada.

Nesta forma há de haver forçosamente três vocábulos tinctos. O primeiro, derivado de *rabo,* significa «pancada co

---

[1] Conde de Ficalho, O ELEMENTO ARABE NA LINGUAGEM DOS P TORES ALEMTEJANOS, *in* «A Tradição», I, p. 82.

[2] REVISTA LUSITANA, VI, p. 83.

rabo»; o segundo, «rajada (de vento)»: [*v.* rabana]. O terceiro há de ser castelhanismo, *rebanada,* que quere dizer «fatia», ou de pão, molhada em leite, frita e polvilhada de açúcar, a que os espanhóis dão o nome especial de *torrija,* e nós o vulgar de *fatia-de-parida,* ou «talhada de cortiça», e nesta última acepção é modernissimo o vocábulo.

A forma *rabanada,* em vez de *rebanada,* é devida à influência do *r:* cf. *rasgar* ¦ resecare. — «Greve dos corticeiros... 3.º não se medirem as rabanadas» [1].

rabeca, rabecão, rabequista; rebeca, rebecão, rebequista; Rebeca

Tem-se ventilado últimamente, com um calor digno de melhor assunto, se *rebeca* é forma correcta, ou um êrro em vez de *rabeca,* visto que se diz comummente *rabecão, rabequista,* e não *rebecão, rebequista* (que também se dizem).

Sem pretender aclarar completamente a questão, nem pronunciar-me a favor ou contra os que sustentam ser a forma *rebeca* tam lejitima como *rabeca,* que todos concordam em aceitar, direi apenas que a forma orijinal há de ter sido *rebeca* (cf. o francêz *rebec),* e que o *a* é devido a influência do *r,* como em *para,* forma antiga e ainda popular *p(e)ra* ¦ per ad; como em *rasgar,* popular *resgar* ¦ resecare; como em *amaricano,* popular por *americano, libaral,* por *liberal;* como na terminação *-aria* de *cavalaria, artelharia,* a par de *correria, bateria,* etc.

Nem as formas *rabecão, rabequista* invalidam a lejitimidade da forma *rebeca,* pois êste vocábulo é monótono, convém saber, tem um só acento, ao passo que o ocsítono *rabecão,* e o tetrassílabo parocsítono *rabequista* teem acento secundário na primeira sílaba, separada da predominante pela sílaba átona *be.* É êste ritmo que explica as formas populares *reção, rezão,* a par de

[1] O Economista, de 13 de setembro de 1892.

arraçoar, arrazoado: os substantivos *reção, rezão* são monótonos como *rebeca* o é; os derivados tem acento secundário na primeira sílaba, e por isto não se enfraqueceu tanto a vogal em contacto com o *r*, ou melhor, o *r* nos derivados exerceu a sua influência especial, de ficsar o valor da vogal conjunta: função, que não só em português, mas em outras linguas, se manifesta, por exemplo, em todas as germánicas e muito especialmente na inglesa, idioma no qual o *r* altera sempre o valor da vogal que o precede na mesma sílaba, criando uma série enteira de vogais, que só com êle coexistem. Mesmo no castelhano actual, em que todas as vogais são plenissonantes, começa a manifestar-se tendéncia para reduzir a neutro, às vezes nulo, o *e* átono que precede o *r* nos polissílabos; sendo agora freqùente, mesmo em pessoas de esmerado falar, a pronunciação *lit'ratura*, em vez de *literatura*, com *è*, convém saber, *e* médio, entre aberto e fechado, como todos os *ee* normais castelhanos, tónicos ou átonos.

Examinemos a questão por outra face.

Bluteau consigna a forma *rebeca*, a par de *rabéca*, sem criticar nenhuma: vê-se pois que tinha qualquer delas por boa; e cita-lhe como étimo um vocábulo arábico, de que procederiam também *(ar)rebil, rebil, rabel* ou *rebel*, formas todas rejistadas no ELUCIDARIO de Santa-Rosa-de-Viterbo. E Littré [1] aponta êsse étimo, dando-o como orijem da palavra francesa *rebec*. O Glossário de Engelmann & Dozy [2] incluiu *arrabil*, mas não citou *rebeca*, ou *rabeca:* e a meu ver, prudentemente, pois oferece muitas dúvidas o tal étimo arábico, que em todo o caso não é o imediato da palavra portuguesa, pois dêle provieram, como já disse, outras formas diversas, todas terminadas em *-l*, e não em *-ca*. Por outra parte, o alegado étimo arábico, ainda quando fosse imediato e verdadeiro, nada provaria a favor, ou contra o *a* ou *e*, átonos, da primeira sílaba; pois se o étimo é RABAB, a

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

única vogal firme, que êste vocábulo contém, é o *a* da 2.ª sílaba, por ser longo, e esta mesma ninguém põe em dúvida que se alterou para *e:* o motivo já o vou declarar, não a propósito de *rabeca* ou *rebeca*, mas de *rabel, rebel,* ou *(ar)rabil.*

No árabe peninsular o *a* longo, isto é, expresso pela primeira letra do abecedário, precedida da moção ou vogal *a...e,* o chamado *fat'ha,* adquiria o valor da segunda moção, ou vogal, *...i;* manifestava-se nele o fenómeno denominado *imala,* que consiste em se proferir *e,* ou *i,* o que se escreve como A. Quanto à vogal da primeira sílaba, mesmo no árabe literal, variava ela entre *a* e *e,* e poderia transcrever-se por *æ:* mais *e* com as consoantes normais, acercando-se porém de *a* com as guturais e as enfáticas. No árabe falado, todavia, mormente no africano, que é o que na Península Hispánica predominou, a primeira vogal de um trilítero como RABAB, é, e era provávelmente, nula, ou quási, vogal de som indistinto, como o *e* e o *a* surdos do português *levár* e *lavár,* ou um som intermédio como o do *e* surdo francês ou catalão. Primeiramente, portanto, pronunciar-se-ia *rbel* ou *rębil,* dando-se ao *e* o valor que lhe damos em *rebelde;* depois o *ę* abriu-se mais, por influência do *r,* como disse, e passou a valer *ą,* como em *rąbêlo,* e as escritas e pronúncias *rebel* e *rabel,* facultativas, são disso prova e exemplo.

Os que se contentarem com aquele RABAB arábico como étimo também de *rabeca,* ou *rebeca,* tem aqui a explicação das duas formas, lejítimas ambas. Para mim *rebeca* provém do francês antigo *rebec,* e duvido muito de que êste tenha como étimo a citada forma arábica. A alteração do *e* por *a* em *rabeca* é fenómeno que se passou já dentro do português, e que uns podem aceitar, e outros não: o mesmo acontece, por exemplo, com a palavra *ouro* ¦ aurum, que numa parte considerável do reino se profere *oiro,* coexistindo ambas as escritas e ambas as pronúncias, sem nenhuma delas ser tida por defeituosa.

Pelo que diz respeito ao nome próprio bíblico *Rebecca,* convém advertir não ser esta a forma orijinal hebraica, a qual é, conforme a notação massorética, RIBĘQÃE, isto é, *ribeqá,* provávelmente trissílabo, ou então dissílabo, *ribqá.*

A escrita e a pronúncia *Rebê(c)ca*, são as da Vul *Rebecca* e dos Setenta REBÉKKA, com *cc* ou KK dobrados, se explicam pela dilijéncia de se querer imitar o valor enf do Q, diferente do de K, duplicando êste, o que acústicam lhe dá um valor aprossimado ao do Q; em grego a desloc do acento do *a* para o segundo E, proveio provávelmente énfase.

Outra questão suscitou a discussão sôbre *rebeca* e *rabe* foi, se será lícito dizermos, à italiana, *violino*. Parece-me, menos, singular êste escrúpulo da parte de articulistas qu nhum teem de empregar a tôrto e a direito os mais inút absurdos estranjeirismos, nomeadamente galicismos, de vo los, e, o que pior é, de frase, de sintasse e de estilo.

Mas se quiserem desterrar os inúmeros italianismos d nero de *violino*, que abundam, como termos de arte, em p guês, não lhes faltará que fazer: uma grande parte dos t de música são italianos, e entre os nomes de instrumentos bram-me já aqui os seguintes: *violeta*, talvez mesmo *viola loncelo, trombone, fagote, flauta* (o português é *frauta*), *p oboé* (conquanto a palavra italiana proceda da francesa *haut trompa*, etc., os quais todos, com mais outros que me não rem de momento, de Itália nos vieram com os objectos designam. Terão de expunjir também os termos *contralt prano, prima-dona* (« primeira dama »), *comparsa, ribalta, cénico, camarim, partitura, coxia*, etc., todos já antigos, outros muitos, mais modernos, conjuntamente com quási to termos de pintura e artes plásticas. Repito, não lhes env tarefa, que lhes há de fazer dar a água pela barba!

(*V.* em **poltrona**).

rabisca, rabiscar, rabisco

Como em *rabanada (q. v.)*, há aqui duas formas converj que concorreram produzindo aparentemente um só voc A primeira é de certo um derivado de *árabe, arabisca*

italiano *arabesco*, e *ragno* ¦ aranea, «aranha»), e quere dizer traço confuso e inintelijível, como os caracteres arábicos; *engaços de passas* chamou Alexandre Herculano a essas garatujas. A segunda palavra é *rabisca* ¦ *rabiscar* ¦ *rebuscar* [1]; cf. *corisco* ¦ *coriscar* ¦ coruscare.

rabo, rabear; rabiar

Do vocábulo *rabo*, acompanhado de epítetos, formam-se substantivos compostos, muitos dos quais estão já colijidos nos dicionários.

Aqui vão mais alguns.

Casaca-de-rabo-de-galo, ou, *-de-bacalhau* era o nome que se dava por mofa à casaca cujas abas não chegam à frente, quando nos fins do século XVIII começou a usar-se. Esta denominação durou até quási meados do século XIX entre o povo.

Rabo-forcado. — «Les mouettes grises que les Portugais appellent *garraios [sic]* ou *rabos forcados*, oiseaux noirs marquetés comme des pics, avec une longue queue fendue» — [2].

Rabo-de-guerra: locução usada na África Oriental Portuguesa: — «Os *canhongos* e o feiticeiro usam *rabo de guerra*, cauda de bufalo, que sobresahe nas cerimonias feitas antes da guerra» — [3].

Cumpre não confundir o verbo *rabear* ¦ *rabo*, com outro verbo, que no infinito se pronuncia da mesma maneira *rabiar*, «raivar» ¦ *raiva*, e provávelmente é castelhanismo, *rabiar* ¦ *rabia* ¦ *rabia*, em vez de *rabies*. A conjugação, nas formas rizotónicas é facultativa, pois se pode dizer, por exemplo *rabeia*, como de *rabear*, ou *rabía*. Uma peça de fogo-de-vistas chama-se

---

[1] *V.* J. Leite de Vasconcelos, RESPIGOS CAMONIANOS, p. 48.

[2] Jurien de la Gravière, LES ANGLAIS ET LES HOLLANDAIS DANS LES MERS POLAIRES ET DANS LA MER DES INDES, Paris, 1890, p. 290.

[3] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

bicha-de-rabear, porque, emquanto lhe dura o lume coleia por uma e outra parte. Mas, quando de uma pessoa se diz *fartou-se de rabiar,* é o mesmo que se se dissesse «fartou-se de raivar, impacientou-se». Dêste verbo procede *rabioso,* castelhanismo em vez de *raivoso.*

raca, arraca, orraca, urraca, (ur)raque

O Nôvo Diccionário inseriu a forma estranjeirada — «**rack** ou **rak**» —, que diz ser — «licôr indiano, misturado com arroz, açúcar e noz de côco» —. A ser certa a definição, ficaria a tal droga uma papa, para ser comida com colher, e não, bebida. A palavra é arábica, al-oraq «suor», e junta com o epíteto tamar, oraq al-tamar, «aguardente de palma», da primeira distilação.

Na Índia Portuguesa, porém, dá-se o nome de *arraca, orraca, urraca, urraque* à aguardente distilada do melaço, da çura, e do arroz, aromatizada ou não, segundo parece. O vocábulo difundiu-se para norte da Ásia e para a Turquia, designando sempre aguardente, mas variando as substâncias de que é extraída, assim como o nome, que foi adquirindo formas mais ou menos alteradas, mas que não vem para o caso citar [1].

Garcia da Orta usou a forma *orraqua:* — «Fazem duas maneiras de palmeiras, humas para fruta, e outras para darem *çura,* que he vinho mosto; e quando é cozido, chamam-lhe *orraqua*... desta *çura* estilam ao modo de agoa ardente; e deitam hum vinho como [a] agoa ardente; e queimam hum pano molhado nella, como faz agoa ardente; e esta fina chamam *fula,* que quer dizer frol; e á outra que fica chamam orraqua, mesturando nella [d]estoutra alguma pouca cantidade» — [2].

---

[1] V. Yule & Burnell, A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886, *sub v.* **Arrack.**

[2] Coloquios dos simples e drogas da Índia, Lisboa, 1891, I, p. 236.

O eruditíssimo comentador acrescenta:—«Em Goa as *orracas* andavam arrendadas, e Simão Botelho explica que eram de tres sortes:—Çura que he assy como se tira, orraqua que he çura cozida hũa vez, xaráo que he cozida duas vezes e he mais forte que a orraqua, por ser confeytada—.

—[Nota]. A palavra *xaráo* vinha sem dúvida do árabe *scharáb [sic:* XARAB], que significou primitivamente qualquer bebida; e da mesma palavra arábica procederam, na Península, o hespanhol *xarave,* e o português *xarope (q. v.). Orraca* era o arábico *arak [sic.],* propriamente transpiração, e d'ahi exsudação ou seiva da palmeira. *Çura* ou *sura* é o sanskritico *Sura,* com a mesma acepção»—[1].

raca, racá (maran atá)

Alexandre Herculano, no cap. II da sua novela O BOBO, emprega a seguinte locução, não portuguesa, que deixa sem explicação:—«Gritando-lhe com uma visagem d'escarneo—*racca maranatha, racca maranatha*»—. Diz-nos apenas, que era —«sciencia hebraica»—. Para a grande maioria dos leitores estas duas palavras serão um enigma tam indecifrável, como o célebre verso indecifrado da Divina Comédia de Dante, o qual tem feito suar o topete aos comentadores

—Pape Satan, pape Satan aleppo [2];

ou os dezasseis versos da fala do 5.º acto que Plauto põe na bôca do capitão Hanom na comédia PÉNULO (O cartajinêzinho), e que teem sido interpretados por várias línguas, desde o hebraico até o vasconço!

Eis a explicação, que posso dar, das duas palavras, ou melhor três, *racca maran/atha.* A palavra *raca* foi usada no Evanjelho

[1] Conde Ficalho, *ib.*, p. 246.
[2] DELL' INFERNO, VII, 1.

de Sam Mateus (v. 22), no seguinte preceito: «Qui autem dixerit fratri suo raca: reus erit concilio»—. E quem ao seu irmão disser raca, será reu perante o tribunal—[1].

Maran ata, que parece querer dizer em aramaico «Nosso Senhor vem» [MĀRAN ATĀ], figura na I Epístola de Sam Paulo aos Coríntios:—Si quis non amat Dominum Nostrum Jesum Cristum, sit anathema, Maran Atha [2].—Se alguém não ama a Nosso Senhor Jesus Cristo, seja maldito: Marán atá—. É pois uma imprecação, metade em grego, metade na língua semítica falada na Judea no tempo de Cristo, e no de Sam Paulo [3].

Martinho Lutero, porém, usou outras palavras a que não deu interpretação:—«So Jemand den Herrn Jesum Christum nicht lieb hat, der sei Anathema, Maharam Motha»—[4].

Com relação ao *racá,* dizem os semitistas ser um adjectivo substantivado, RAQĀ em caldeu, que significa ou «vazio, chocho», ou, pior ainda, «cuspido», «conspurcado», RIQĀ, de um radical RAIAQ, «cuspir».

Devo confessar, porém, que tenho muitas dúvidas sôbre a interpretação que se dá a Maran atha, ou como quer que seja a lição verdadeira.

rafião

O mesmo que *rufião,* de que é variante, devida à influência do *r:*

—Um que foi amancebado,
Alcoviteiro provado,
E um frade rafião—[5].

---

[1] O texto grego acentua RAKÁ: os dois *cc* é que eu não sei onde A. Herculano os foi buscar.

[2] No texto grego: EÍ TIS OU P'ILEÎ TON KÚRION IĒSOÛN K'RISTÒN, ÉTŌ ANÁT'EMA: MARÀN AT'Á (XVI, 22).

[3] *V.* MARAN ATHA, no Vocabulário de Bluteau.

[4] DIE BIBEL, ODER DIE GANZE HEILIGE SCHRIFT; DAS NEUE TESTAMENT, Colónia, 1859, p. 198, col. II.

[5] Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

rafidi, *raphazi*

O Nôvo Diccionário inseriu, como inédito o vocábulo **raphazi**, definindo-o, sem abonação, como significando: — «membro de umas das seis classes que formam as setenta e duas seitas muçulmanas» —.

A forma está errada, mesmo porque *ph* não é grupo de letras que se empregue para transliterar palavras arábicas. A forma certa é *rafidi*, em arabe RAFIḌI, que quere dizer «hereje» [1].

raja, rajá

A acentuação antiga era *rája:*

— E tem uns governadores
Rajas, que são regedores — [2].

Modernamente acentuam *rajá*, e acrescentam-lhe um *h* no fim, que se não sabe donde veio, pois o não tem nas línguas da Índia. Se se atender à acentuação do sánscrito, como ela se lá faz, também não tem fundamento marcar neste vocábulo como sílaba predominante a última: — «Nunca será acentuada a última sílaba, nem mesmo quando a única sílaba longa do vocábulo» — [3].

rala, ralo

Êste termo, pertencente à nomenclatura relativa aos moinhos, vem assim definido na publicação Portugalia [4]: — «Ao mastro

---

[1] J. B. Belot, VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 260, col. II.

[2] Garcia de Resende, MISCELÂNEA.

[3] G. de Vasconcelos Abreu, CURSO DE LITERATURA E LÍNGUA SANSKRÍTICA CLÁSSICA E VÉDICA, II, tômo I, Lisboa, 1889, p. 3, citando [Jorge] Bühler [THIRD BOOK OF SANSKRIT].

[4] MOINHOS, p. 386.

que gira sob o impulso do vento e vem na extremidade interna entrar por um ferro de ponta conica, a que dão o nome de aguilhão, n'um orificio aberto no frechal chamado *rala,* adhere uma roda dentada, a *entrosa* » —.

É pois o vocábulo *rala* o nome do tal orificio, termo algarvio, que parece uma forma femenina correspondente á masculina *ralo,* que deriva do latim rallum, cujo plural *ralla* pode ter dado orijem á forma femenina (cf. *tormento* e *tormenta)* citada, e que falta nos dicionários com aquela significação.

Deve também notar-se a acepção especial em que está empregado o vocábulo *aguilhão,* isto é, na de « espigão ».

Na ilha do Pico, quere dizer « janela » : — « Vem do antigo uso de serem de ralos, ou rótulas, quasi todas as janellas » —[1].

À palavra *rala,* com o significado de « rolão », em vez de *rolão,* que serve de epiteto a *pão,* na locução *pão de rala,* é pelo Dicc. Contemporaneo dado como orijem o adjectivo *ralo,* o que já Bluteau fizera, e parece acertado; tendo portanto êsse adjectivo *ralo* o mesmo étimo latino que o substantivo homónimo que em último apuro seria, conforme o Dicionário etimológico latino de Bréal e Bailly [2], rad(u)lum derivado de rade « raspar ». Outra forma, mas enteira e femenina, radula, significa « ralador », que, como se sabe, é crivado de buracos.

Todavia, o adjectivo *ralo* parece vir de rauulus, pois Plauto emprega a expressão rauula tunica, no sentido de « vestimenta leve », sendo uma forma deminutiva de rauus ¦ rauicus=rarcus, no sentido de « fraco ».

Em vez dêste adjectivo *ralo,* vemos empregado *raro* (lat. rarum), dando marjem a confusão, no seguinte passo: — « sementes que se mettem em uma pequena sacca de tecido raro » —[4]. Supomos, mas não temos a certeza, ao ler isto, que

---

[1] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[2] Dictionnaire etymologique latin, Paris, 1885, *sub v.* rā.

[3] Theil, Dictionn. latin-français, Paris, 1889.

[4] Gazeta das Aldeias, de 9 de setembro de 1906.

« *saca pequena* tem de ser feita de tecido ralo, e não, raro, «precioso», que se poderia, com tanta, ou mais razão, conjecturar» —.

O adjectivo *ralo*, tanto em português como em castelhano, tem significação especial, que se não confunde com a de *raro*.

Quanto a *ralo*, nome de um insecto, é provávelmente outro vocábulo, pois seria difícil, atenta a significação, identificá-lo com os antecedentes.

O galicismo *rala* (râle), é moderníssimo no sentido de «estertor», e foi introduzido na avariada nomenclatura médica actual, da qual deve ser expunjido, bem como de um ou outro dicionário que lhe tenha dado cabimento.

ralhar; raxar

Dois étimos foram já sujeridos para o primeiro dêstes verbos portugueses, que não tem símile evidente, senão no toscano *ragliare*, «zurrar», ou no francês *railler*, «escarnecer». O primeiro, proposto por J. Leite de Vasconcelos é *radulare* [1] ¦ radula ¦ rado, «raspar»; o segundo por J. J. Núnez, *rabulare* [2] ¦ rabula ¦ rabo, «esbravejar».

Nenhum dêles satisfaz, é força dizê-lo, quanto ao sentido, que tem de convir a *ralhar*, *ragliare* e *railler*; ainda assim, o segundo, atenta a significação que tinha rabula em latim, será o mais admissível: «advogado gritador».

O verbo *radulare* explica talvez, mas em muita dúvida, *raxar*, como pretende Körting [3].

Cumpre advertir que no uso comum o verbo *ralhar* é intransitivo, e que portanto, do mesmo modo que não dizemos *gritar alguém*, mas, *gritar com alguém*, assim também *gronder quelqu'un* deve traduzir-se, com a proposição, *ralhar com al-*

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 295.
[2] *Ibidem*, *ib.*, *ib.*
[3] Lateinisch-Romanisches Wörterbuch.

guém, pois é galicismo dizer-se *ralhou-me,* em vez de *ralhou comigo—il m'a grondé.*

rama, ramo, ramalho, ramalhete, ramilho, ramilhete

Êste vocábulo, que no seu sentido natural é um colectivo de *ramo,* tem a acepção de «falta de preparo para utilização», aplicado a várias substâncias vejetais e mesmo animais, e êste significado vem já consignado nos dicionários.—«Cumpre-lhe retirar a sua seara em rama, até ao dia 31 de agosto. Digo «em rama», porque o... antigo rendeiro não tem direito de debulhar a seara dentro da herdade que deixou»—[1].

No calão dos ladrões do Porto *rama* é «corrente de relójio» [2].

Ramalho é deminutivo de *ramo,* como o é *ramilho;* é portanto indiferente que o duplo deminutivo, formado com o suficso *-ête,* se acrescente a uma ou à outra forma: *ramalhete* | *ramalho,* como *ramilhete* | *ramilho.* O que é de estranhar é que podendo, à escolha, dizer-se, *ramo, ramalhete, ramilhete de flores,* ainda haja quem lhe prefira o francês *bouquet.*

ramada

É também colectivo de *ramo* e *rama* adquire porém acepções especiais, de que exemplifico uma aqui:—«Às cabanas mais rusticas, construídas de madeira, com os tectos cobertos de colmo, piorno ou giesta, chamam-se-lhes *[sic]* ramadas. Os termos «estabulo» e «arribana»... são quasi desconhecidos pelos camponios do Alemtejo»—[3].

---

[1] J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, 280.

[2] O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885.

[3] J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 544.

A respeito de *estábulo* não é de admirar, visto ser vocábulo e orijem artificial, copiado pelos doutos do dicionário latino.

ramalde

— «um dos padres que lhe entregou um ramalde para que mbem apresentasse ao principe» —[1].

¿Que é *ramalde?* O Nôvo Diccionário traz *ramaldeira* o sentido de — «especie de musica e dansa populares. (Provávelmente, de *Ramalde*, n. p. de uma povoação nos subúrbios do Pôrto)» —.

É cousa de *Ramalde*, mas quê?

ra(m)bana

O Nôvo Diccionário diz-nos que *rabana* é o nome de cerros — «atabales, usados no Malabar» —.

Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado no Diccionario Concani-Portuguez dá a forma *rambana* com o significado de — «tamborilete» —. V. **rabana.**

ramerrão

Esta expressão ainda hoje usual, significa «repetição fastidiosa», e por extensão, «costumeira».

O Diccionario Contemporaneo define-a dêste modo: — «voz imitativa do som repetido da solletração da syllaba *ram*» —, e abona-a com um passo de Castilho; mas, segundo o seu costume, não nos cita em que obra, das muitas do ilustre mestre da língua, ela figura.

---

[1] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 145.

O Nôvo Diccionário adopta a definição, resumindo-a, e pete a acepção figurada, «costumeira», que dera o Contem raneo, e que é a mais usual da palavra, actualmente.

Que há uma repetição de som, percebe-o toda a gente; que ela seja devida ao hábito da soletração é o que certiss mente parecerá singular, visto que os vocábulos começados sílaba *ram* se limitam a *ramo* e seus derivados, e a pouquiss mais, todos os quais raras vezes se lerão em cartilhas, e se se soletraram *ra-mo,* e não *ram-o.*

No Glossário, a todos os respeitos interessante e com de Yule & Burnell [1], vemos uma inscrição *Ram-Ram* de nos termos seguintes:

— «The commonest salutation between two Hindus me on the road; an invocation of the divinity»: A saudação usual entre dois índios que se encontram no caminho; invo à divindade» — Seguem-se-lhe três abonações, a mais antig quais é de 1673, não sendo nenhuma de escritor portugu tigo, o que prova ser a expressão moderna cá, tanto mai ainda não figura no Vocabulário de Bluteau.

É pois certo que tal expressão a troussemos da nossa em tempos posteriores ao do nosso predomínio lá, por iss se já estivesse divulgada na Índia portuguesa nos séculos XVII, provávelmente dela teriam feito menção os nossos e res, e os eruditos autores do Glossário teriam aduzido ab portuguesa, como fizeram cautamente em toda a sua notal ma obra.

Por ser muito aprazível e ajudar à intelijéncia do qu exposto, confirmando a etimolojia proposta, traduzimos o da terceira abonação, que é do século há pouco findo.

---

[1] Hobson Jobson, Being a Glossary of Anglo-Indian colla words and phrases, and of kindred terms, Londres, 1886, col. II. *V.* também Monnier Williams, Modern India, and the In Londres, 1879, e Handbook of the visitor to Benares, Calcut por M. A. Sherring.

—Em 1869-70, estando eu [1] no Palacio de Cristal, vi no aviário um papagaio verde, tam doente e murcho que fazia pena olhar para êle. Falei-lhe, chamei-lhe loiro, fiz-lhe festas, mas nenhum caso fêz de mim. Lembrei-me então de que poderia ser algum *popat* [2] marata *[popata]*, e saudei-o com o *Ram-Ram!*, falando-lhe em marata. No mesmo instante saiu do marasmo em que estava, pôz-se a saltar e a jingar, respondeu-me trepando às grades até se chegar a mim, e encostou a cabeça aos nós dos meus dedos.

E daí em deante, todas as vezes que eu ia visitá-lo, ficava êle muito contente e corria para mim quando me aprossimava—.

¿Seria um papagaio da Índia, trazido para Portugal por alguém, vindo de lá, quem nos transmitisse esta expressiva palavra?

A análise dela é a seguinte: o nome *Rama*, que se aplica à divindade, e é o do heroi mítico, personajem principal do poema *Ramáiana*, é pronunciado *rám* nas línguas vernáculas, com supressão da vogal breve final, e quando na pausa, a terminação *am* é proferida como *ã*: dêste modo, na bôca de um índio *Ráma-Ráma* sôa como *ramrã*, de que se fêz em português *ramerrão*.

ranjífer, ranjífero

É bastante singular esta palavra, que, já se vê, não é popular, mas de orijem artificial, introduzida na língua pelos doutos. Os espanhóis dizem *rangífero*, forma idéntica à italiana *rangifero*, com a mesma acentuação, mas pronúncia diferente do *g*.

Fundam-se as três formas num latim, artificial também, *rangiferus*.

Os franceses chamam-lhe *renne*, os ingleses *reindeer*, os alemães *renntier*, que são o mesmo vocábulo que o francês,

---

[1] Sir G. Birdwood.

[2] *popata*, com o *a* final nulo, significa própriamente «pombo».

tendo a mais as palavras *deer*, «veado» e *tier*, «animal», que na orijem são pela sua parte uma só palavra. As outras línguas germánicas possuem vocábulos, que concordam morfolójica e semasiolójicamente com o francês *renne*, parecendo que o étimo imediato dêste, como o do primeiro elemento dos dois citados, inglês e alemão, seja o sueco antigo *ren*, que hoje se emprega, como termo comum de dois, especializando-se em *rentjur* para o macho, e *renko* para a fémea *(ko*, «vaca»).

Vê-se que à forma latina artificial se deu a mesma direcção, acrescentando-se as sílabas ferus *(rangiferus)*, representativas de fera, vocábulo latino correspondente na forma e na significação ao alemão *tier* e sueco *tjur*, e de orijem comum com estes e com o grego T'ĒR.

Todas estas deduções, porém, não explicam a primeira parte da dição, *ranji/fer(o)*.

Frederico Diez declara que essa primeira parte é o vocábulo, que diz ser a um tempo finês e lápio, *raingo* [1], o qual debalde se procurará nos dicionários destas duas línguas, de perto aparentadas.

Foi Gualtério Skeat, creio eu, o primeiro a desvendar o mistério. Eis aqui o que a tal respeito nos diz em bem poucas, mas seguras palavras, que traduzo:—«Refere-se Diez a um *raingo*, lápico, mas êste não é mais que a escrita errónea do sueco *renko*, «ranjífer fémea». A verdadeira palavra lápica para o nome dêste animal é *påtso*, que ocorre constantemente associada a *reino*, «pastajem», e que os suecos, ouvindo-a, erradamente supuseram ser o nome do animal. Em lápio diz-se, por exemplo, *påtsoit warin reinohet*, «os ranjíferes nas fragas apascentar», e qualquer outra frase semelhante»—[2].

É natural que, por ser o supino *reino(het)* a última pala-

---

[1] Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen, Bonn, 1869, *sub v.* **rangífero.**

[2] A Concise Etymological Dictionary of the English language, Ocsónia, 1887, *sub v.* **reindeer.**

vra da oração, ela chamasse a atenção de quem a ouvia, percebendo-lhe o sentido total, mas não sabendo analisar o valor de cada vocábulo desta frase, e de outras análogas.

rapaçaio, rapaceiro

O primeiro nome é proprio de Sam Vicente, o segundo de Estreito (Madeira), para designar a avezita denominada *cigarrinho* em Santa Cruz (sylvia conspicillata) [1].

rapar; rapa

O DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LÍNGUA PORTUGUEZA, e como êle o NÔVO DICCIONÁRIO, divide o verbo *rapar* em duas inscrições: na primeira declaram-no sinonimo de *raspar* e dêste derivado; na segunda, com a significação de «roubar», derivado de rapere.

Nenhuma plausibilidade oferecem as etimolojias, nem a separação. O vocábulo é um só, de orijem germánica *rapôn* [2], «arrebatar», e a acepção de «roubar» é secundária. Opõem-se aos étimos apontados no MANUAL as considerações seguintes. De *raspar* não pode provir *rapar*, porque o *s* final de sílaba não se perde em português, como acontece em francês; *rapar* não se derivou de rapĕre, atenta a permanéncia do *p*, que deveria ter-se mudado em *b* por ser intervocalico (cf. *rabo* { rapum), e a mudança de conjugação, pois da terceira latina procedem verbos em *-êr* ou em *-ir* portugueses, e não verbos em *-ar*.

Rapa é o nome de um jôgo de rapazes e da peça com que se joga, a qual vem incompletamente descrita no NÔVO DICC.

---

[1] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

[2] G. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 6658.

Consiste a peça num cubo de madeira, osso ou marfim, tendo numa face um bico, também de madeira, e na oposta uma carapeta ou pega, com que se imprime movimento de rotação ao bico, girando o peão alguns segundos até parar. Em cada uma das quatro faces restantes está pintada sua letra diferente: T, P, D, R, iniciais dos quatro imperativos *tira, põe, deixa, rapa,* o último dos quais dá o nome ao peão e ao jôgo. Distribuídos tentos em certo número a cada parceiro, cada um dêles concorre para o bôlo com um, e de cada vez que a qualquer parceiro, a seguir, cabe jogar, conforme a letra que fica para cima, parada que seja a rotação do peão, assim êle tira do bôlo um tento, põe um, deixa-o intacto, ou guarda-o todo para si: *rapa tudo.*

rapaz, rapaza, raparigo, rapariga

A etimolojia que aparentemente se oferece provável é o latim *rapax, rapācis.* A tal étimo opõe-se a permanéncia do *p,* e a nenhuma analojia de significado.

Dá-se a mesma impossibilidade que já vimos com o verbo *rapar,* que não pode provir de rapĕre. O étimo está portanto para averiguar.

Numas partes do reino (Miranda) diz-se *rapaz, rapaza;* noutras *raparigo, rapariga;* noutras *raparigo, rapaza;* na Estremadura emfim, *rapaz, rapariga.* Outro ponto obscuro é o modo por que de rapaz se derivou *raparigo.*

rapeira, rapilho

— «A rapeira é o conjuncto de plantas marinhas, algas, etc., onde se effectua o desenvolvimento dos pequeninos peixes e onde se realiza a germinação dos ovulos. A rapeira... é aproveitada em massas enormes para adubo das terras» —[1].

---

[1] O Seculo, de 19 de junho de 1897.

—«A gente mais rude, como os banheiros e pescadores, explicavam o phenomeno dizendo que era o *rapilho* que tingia as águas»—[1].

Refere-se êste passo ao trecho de uma correspondéncia de Augusto Luso da Silva, acêrca do aparecimento de noctílucos nas águas da praia de Matozinhos.

rascol, rascolnismo, rascolni(s)ta

O Nôvo Diccionario inseriu o segundo e terceiro dêstes vocábulos, não porém o primeiro.

A palavra, como a seita, é russa, e em russo *raskol* corresponde perfeitamente ao vocábulo de orijem grega *cisma* (relijioso), isto é, «separação», de sk'ízein, «abrir, fender».

Os cismáticos, ou sectários que constituíram o *rascól*, igreja à parte da ortodocsa, em 1659, na Rússia, denominam-se lá *raskólhnik*, femenino *rascólhniça*, a que fica correspondendo o neolojismo *rascolnista*, e melhor fôra *rascolnita*, como *Marocita*, por exemplo. Tanto *rascolnismo*, como *rascolnista* vieram de França directamente, já feitos e prontos, para Portugal, onde com a mudança prévia da vogal final *e* para *o* e *a*, se acomodaram à analojia da nossa língua.

rasgar, resgar

O povo diz *resgar*, *resga* e muito bem, visto que o verbo provém do latim re-se-care «cortar fora, aparar». Por influéncia do *r* a língua comum formou *rasgar*, com mudança de *e* átono para *a* átono, que depois passou a *á* nas fórmas rizotónicas da conjugação. Em galego também se diz *resgar* [2].

---

[1] O Reporter, de 8 de outubro de 1888.

[2] V. Revista Lusitana, II, p. 23 e VII, p. 144.

O substantivo *rasgo,* no sentido de «abertura, entalhe» empregado por Francisco Martins Sarmento [1], é provávelmente provincialismo do norte.

rastolho, rastolhice, restolho, restolhiça

O Nôvo Diccionário insere as duas últimas formas, que são na realidade as mais usadas; *rastolho* também se ouve, e parece ser a forma primitiva; *rastolhice* está abonado no trecho seguinte: — «Passado o dia 15 de agosto tem que estar a rastolhice despejada e o gado fora» — [2].

O étimo proposto por Júlio Cornu é stupula, «palha», com influência de rastrum [3]. Cf. o castelhano *rastrojo,* o qual desvia a hipótese de que a forma correcta seja *restolho* ⟨ *resto.*

ratinho, ratinha

O nome de *ratinho,* aplicado ao trabalhador rural que do Minho e principalmente da Beira-Alta acode a procurar trabalho e a ajustar-se para êle no Alentejo e Estremadura, é já antigo, visto que Gil Vicente o emprega:

> — Ter quatro homens de recado,
> E deixar lavrar ratinhos — [4].

> — ¿ Onde é o vosso ratinho?
> Não tem os cheiros colhidos? —

---

[1] Observações á Citania do snr. Emilio Hübner.

[2] J. Silva da Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I. p. 280.

[3] Grundriss der Romanischen Philologie, Estrasburgo, I, 1888, p. 726.

[4] Farsa dos Almocreves.

A significação parece ter sido primeiramente «moço de lavoura» [1].

— «Existem aqui (Coimbra) duas especies de faiança: A chamada impropriamente de Vandelli... e a chamada ratinha» — [2].

ravina

Galicismo inútil: em português diz-se *barranco, barroca, barrocal.* V. **barroco.**

Em francês arcaico *ravine d'eau* significava «enxurrada»: — «En cette année, il eut une telle ravine d'eau que le peuple appelle *souberne,* qu'elle emplit tous les chaix» — [3].

razia, gazia, gaziva, gázua, gazua

Modernamente introduziu-se o galicismo **razzia** para designar «incursão predatória em território inimigo, expedição militar», quando já existiam cá, do tempo em que os mouros residiram em Portugal, os três vocábulos *gázua, gazia* e *gaziva,* cuja orijem é a mesma. *Gazua,* «chave falsa», em castelhano *ganzúa* é outro vocábulo, talvez vasconço.

A inicial desta palavra arábica é uma fricativa sonora, isto é, acompanhada de voz, proferida no véu do paladar, ou palato mole, as mais das vezes acompanhada de vibração da úvula, de modo que é própriamente um *r* duplicado, uvular precedido de um *g* fricativo, mais ou menos perceptível, pronunciado no mesmo ponto. Represento-a aqui por ʏ.

Os franceses, depois que, pelas tentativas e guerras para a conquista de Arjel, entraram em relações freqüentíssimas com

---

[1] O Velho da Orta.

[2] O Seculo, de 17 de maio de 1900.

[3] Chronique. Bordeloise (1572), *in* Romania, xxxv, p. 403.

os mouros barbarescos, que falam um dialecte arábico, aprenderam a palavra, e como o *r* de uma parte da França uvular é também, julgaram ouvir esse *r* e com êle a transcreveram. Em Portugal entrou ela, com essa forma, pela leitura de, livros franceses; mas em vez de a acentuarem *raziá*, à francesa ou *razia*, como os árabes, fizeram o novo vocábulo esdrúxulo.

Duas são as formas arábicas equivalentes no significado, YAZUE, que deu o *gázua* portugês, e YAZIE, que deu o francês *razia*, e o português *gazia*, *gaziva* [1].

Ou porque os mouros da Península dessem ao Y pronúncia menos gutural, menos semelhante a *r* vibrado na garganta, ou porque os portugueses e espanhóis, cujo *r* se proferia com a ponta da língua, não podiam fácilmente imitar a consoante arábica, o facto é que ela foi sempre representada por *g* na Península Hispánica, em todos os vocábulos recebidos dos árabes, em que ela figurava. Se atendermos a que a consoante surda correspondente ч (**jota** castelhano actual) a ouviram como *f*, e como *f* passou para as línguas da Península, somos levados a crer que, uma e a outra, eram menos vibradas, menos *rr* na bôca dos mouros hispanos, do que o são na dos habitantes da Arábia, Ejipto e Marrocos.

Em qualquer ortografia a escrita *razzia* com dois *zz* é êrro, pois não tem em arabe o vocábulo mais que um *z* na escrita e na pronúncia.

real

Adjectivo que procede do latim regale ¦ rex, regis, «rei», e cuja forma anterior foi *reial*, com vocalização do *g* em *i*, como em *praia* ¦ plaga, pelo quê se deveria escrever *rial* (*v.* **pior**).

---

[1] Veja-se Engelmann & Dozy, GLOSSAIRE; João de Sousa, VESTIGIOS, (1830); Egnílaz y Yanguas, GLOSARIO; Marcelo Devic, DICTIONNAIRE, multas vezes citados, e R. Lepsio STANDARD ALPHABET, Londres, 1863, p. 206 e 207.

Substantivado, designa uma moeda portuguesa, que tem variado de valor e de metal, sendo actualmente de cobre, e representando a milésima parte de uma coroa de prata, 1000 réis. O plural, como moeda de conta é *réis,* como moeda verdadeira e cunhada, *reais,* de que *réis* é uma contracção: cf. em inglês *penny,* plural *pence,* e *pennies.*

O *real* espanhol (que o Nôvo Diccionário escreveu, com um *e* final a mais, *reale,* tanto no côrpo da obra, como no Suplemento) vale a quarta parte de uma peseta, equivalendo, ao par, a 45 réis portugueses. O mesmo Diccionário diz que o plural, ao citar-se a moeda espanhola, deve de ser *reales* (como em castelhano). Não sei em que se funda para preceituar o plural castelhano *reales,* em vez do português *reais,* para um só vocábulo *real,* que a um tempo pertence a ambas as línguas: *v.,* no emtanto, em **mutra.**

realejo

Êste deminutivo de *real* é castelhano, e não português. Como a palavra designa um instrumento, moinho de moer música lhe chamou Manuel Pinheiro Chagas, que em Espanha se chama actualmente *organillo,* é natural que o nome viesse para cá no tempo em que lá ainda se lhe chamava *realejo,* nome cuja orijem parece ter sido o peditório que o tocador fazia ao terminar cada peça: *Un realejo!* «um realzinho!»

rebanada: v. **rabanada**

Esta palavra castelhana, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, provém de *repanata* { panis, panis, «pão», com influência de *pannale,* que me parece escusado aduzir, pois a permanência do *n* neste vocábulo se explica pela sua procedência imediata de Espanha.

rebanho

Conforme Júlio Cornu [1], êste vocábulo procede do latim herbaneum { herba, «herva»: cf. *relójio (q. v.)*, de horologium.

É claro que a aceitação do étimo proposto por J. Cornu, *herbaneum*, nos leva a rejeitar a etimolojia arábica dada em dúvida pelo abalisado hispanista Rufino José Cuervo, *rubbanum* [2], «multidão»; isto é, RUBAN, visto que a sílaba *-un* é ali simples desinéncia casual, a qual não passou aos vocábulos peninsulares dessa orijem, e é mesmo provável que não existisse no árabe vulgar de então, como não existe no actual.

rebôco, rebocar

É natural que o verbo proceda do nome, se êste se deriva, como parece, do árabe RABUQ, nome de produto do verbo RABAQA, «misturar», e não de RABAKA, «arrumar, arranjar».

rebôlo de neve

Na Beira-Baixa dá-se êste nome à bola de neve que, por e para brinquedo, se amassa entre as mãos.

rebuçado, rebuçar

Êste adjectivo quere dizer «escondido, disfarçado», «tapado até o buço».

---

[1] GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I. Estrasburgo, 1888, p. 739.

[2] APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881.

—Ouriço cacheiro. Este animal enganado
Cuida que anda escondido,
E êle é mais conhecido
Rebuçado —[1].

Como substantivo designa uma gulodice ou confeito, embrulhado num papel em forma de sinal de parágrafo (§), doce a que os espanhois chamam *caramelo*. O nome que tem em português veio, naturalmente, de estar encoberto com o papel, embuçado nele».

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *rebuçar* provém de *buço* | *bucceum* [2] | bucca, «boca» significando pois «tapar a bôca», tapar, «encubrir».

rébus

Êste termo, que designa um logogrifo acompanhado de vinhetas ilustrativas, é pouco usado em português; tenho-o encontrado às vezes porém, conquanto não possa dêle dar abonação, se não encontre em dicionários portugueses. Os franceses, que o usam, pronunciam-no *rêbüce*, com o seu *u* especial, em conformidade com o modo por que lêem o latim, acentuando sempre as sílabas finais.

Nós, temos de o pronunciar à nossa maneira de ler latim, isto é, *rêbus*.

Eis aqui a orijem desta denominação, traduzida do jornal italiano Emporio Pittoresco, de 2 a 18 de maio de 1880:—No século XVI os rapazes picardos tinham por costume, no carnaval, publicar certos folhetos, que continham inúmeras indiscrições escandalosas. Tais folhetos, com a capa de fórmulas e emblemas enigmáticos, disfarçavam as mais graves injúrias e ditérios e ti-

[1] Gil Vicente, Auto das Fadas.
[2] Revista Lusitana, III, p. 134.

nham por título De rebus quae geruntur [«Cousas que acontecem»]—.

Com o andar dos tempos êsses folhetos passaram a ser designados sómente com as duas primeiras palavras De rebus, e afinal o título resumiu-se apenas na última, Rebus, e com tal nome se indicava um livro qualquer, um epigrama, uma notícia, que contivessem alusões, figuras ou expressões, tomadas em sentido diferente daquele em que usualmente se empregavam.

recábedo, recabedar

O Nôvo Diccionário inclui êste vocábulo, que acentua *recabêdo*. Deve de ser êrro, visto que a par insere também *recábito, recabdo,* vocábulos todos êles afins de *recab(e)dar,* que, como termo antigo, define — «receber por espôsa» —.

Santa Rosa de Viterbo dá todos estes vocábulos, e o verbo, com o sentido geral de «receber», e o especial que o Nôvo Dicc. rejistou. Acentuou também **recabêdo,** mas os erros de acentuação do Elucidário, precioso aliás para o estudo da língua, abundam nêle. *Recabedar* provém de recapitare, e *recábedo,* de recapĭtum; a propria forma *recabdo* está a indicar a verdadeira acentuação.

recadeiro

O indivíduo a quem o rei do Daomé incumbe de uma missão [1].

recalar

«Buscar o navio negreiro o lugar destinado a receber a carga [2]».

---

[1] C. E. Correia da Silva, Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá em 1865, Lisboa, 1866.

[2] *ib.*

recalmão

O Nôvo Diccionário define do modo seguinte esta expressiva palavra: — «intervalo sereno, nas grandes ventanias ou temporaes do mar» —, e abona-se com o primoroso escritor Bulhão Pato, Livro do Monte, páj. 258. A definição como genérica é perfeita; acrescentarei apenas que, segundo sou informado por pessoa que residiu largos anos em Macau, ali se chama recalmão ao remanso que se produz no ar, quando o centro de um tufão alcança um sítio qualquer, remanso que cessa nesse sítio tam depressa o tufão prosegue no seu movimento de translação.

recente, recental

Existe em português, como em castelhano, o substantivo *recental*, que quere dizer «cordeiro de poucos meses». Que é um derivado de adjectivo *recente* prova-o o seguinte trecho:

> — Senhora Moneca, ¿ trazeis
> Algum cabrito recente? — [1].

Aqui *recente* significa «nascido de pouco»: cf. *recem-nascido*, que ainda hoje em dia se usa.

Em castelhano também, antes que se dissesse *recental*, empregou-se *reciente* como adjectivo, ligado ao substantivo *cordero:*

> Perdieron con gran miedo muchos dellos los sentidos,
> Non se podien dar consejo mugeres nin maridos...
> «Traennos como lovos a los corderos rrecientes» [2].

---

[1] Gil Vicente, Auto da Feira.

[2] Poema de Fernán Gonçález, *apud* R. Menéndez Pidal, La leyenda del Abad Don Juan de Montemayor, Dresde, 1903, p. xxviii.

reclamo, *réclame*, pregão

Tem-se espalhado pelos jornais diários e até por livros o vocábulo francês *la réclame*, fazendo-o masculino, o *réclame*, com acento marcado na primeira sílaba, o que é insensato, do momento que essa palavra, por uso ou abuso, se admite em português, visto que as pessoas que não souberem francês, hão de supor que é esdruxula, como *réplica*, por exemplo.

Escritores mais escrupulosos repudiam o francês *reclame*, com acento, ou sem êle, masculino, ou femenino, e substituem-lhe a palavra portuguesa *reclamo*, que na sua estrutura muito se parece com o dito francesismo. Seria lícito o processo, se *reclamo* tivesse exactamente a mesma ou análoga significação, e em português não houvesse palavra ou locução para expressar a idea que o vocábulo *réclame* sujere aos franceses. Ora, conquanto o substantivo *reclamo*, ou mais antigo *recramo*, não seja raro, no sentido de «aliciativo, aliciação, tentação», o seu significado próprio é material; designa a ave, que também se denomina *chamariz* ou *chamo (q. v.)*, e a imitação, com instrumento apropriado, da voz dela, empregadas como artifício de caça. É neste sentido que disse Camões:

—A leda codorniz acode ao reclamo
Do sagaz caçador que a rede estende—.

Para traduzir a idea que os franceses expressam com a sua palavra *réclame*, a palavra portuguesa é *pregão*, do latim praeconem; e é também popular a locução *servir de chamariz* aplicada a qualquer expediente ou meio visível, pelo qual um lojista chama freguesia e atrai a atenção do público, ou mesmo o artifício com que uma pessoa qualquer solicita em seu favor o reparo de outrem. —Mulher muito apregoada não está longe de vendida—, disse o Padre António Vieira.

recolha, recolhimento

O primeiro substantivo verbal rizotónico, de *recolher*, como *escolha*, de *escolher*, é por um correspondente proposto à secção do DIARIO DE NOTICIAS [1] «Falar e escrever», para traduzir o termo francês *garage*, com relação às «cocheiras em que se arrecadam os automóveis, e nas quais se vijia pela sua conservação».

Parece-me excelente, contanto que se lhe anteponha a palavra *cocheira*, isto é, *cocheira de recolha*.

O segundo, além de outros significados, recebeu uma acepção particularíssima, que se vê no passo seguinte:

— «Os maridos tem certo tempo de recolhimento no qual não convém sair fora nem trabalhar por não empecer a criança» — [2].

Êste trecho foi-me subministrado pelo primoroso escritor Eduardo Augusto Vidal, em carta datada de 21 de novembro de 1890. É o costume que os franceses chamam *couvade*, «chôco», e Oliveira Martins denominou *rejimento*.

récua, récova, recova, recovar

São formas diverjentes as duas primeiras, cujo étimo é o árabe RAKBE, que Dozy, criticando Engelmann, que acentuara *recúa* e lhe atribuíra por étimo RAKUBE, «azêmola, bêsta de carga», declara significar — «troupe de voyageurs montés sur des bêtes de somme» — [3].

Não ficou em absoluto decisiva a sentença de Dozy. Existem dois vocábulos, ambos portugueses, *récua* e *récova*, ou *recóva*.

---

[1] de 5 de março de 1906.

[2] Simão de Vasconcelos, CHRONICA DA COMPANHIA DE JESUS.

[3] Engelmann & Dozy, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

Como o único vulgar hoje é *récua*, e não *récova*, conquanto ambos os vocábulos, *recua (récua)* e *récova*, sejam também castelhanos, com as mesmas significações, poderemos supôr que *récua* provém de RAKBE, com vocalisação do *b* em *u*, e que *recova (=recóva)* representa o RAKUBE, aduzido por Engelmann. É todavia mais verosímil que, conforme Dozy, *récua* e *récova* sejam ambos representativos do árabe RAKBE, tendo a segunda forma a vogal anaptíctica *o*, a desunir o desusado grupo de consoantes *cv*, como o de *çv* em *alcáçova* ¦ árabe ALQAṢBE, que os espanhóis hoje erróneamente acentuam *alcazába*, por *alcáçaba*, com *a* por vogal anaptíctica.

Neste pressuposto, *recóva* seria substantivo rizotónico do verbo *recovar*, de que também se derivam *recoveiro*, «almocreve», e *recoveira*, pau de que usam os pexeiros ao ombro, para transportarem um *cabaz* em cada ponta, costume muito chinês para carregar baldes de água suspensos em uma vara de cana-da-Índia, que em Macau se chama *pinga*.

M. Ferreira Deusdado usou de *récua* como «caravana»: — «formando recuas de romeiros» —[1].

rêde

Êste vocábulo em composição com outros substantivos designa, conforme êles são, variedades de rêdes.

Rêde fole: — «Pequena rede de suspensão, composta de um sacco cozido a um arame» —[2].

Rêde-pé: — «Rêde de arrasto de um só panno que se lança perto da praia, e está presa a duas varas de madeira» —[3].

---

[1] O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de educação e ensino», de 1891. É talvez neolojismo do autor.

[2] Portugalia, I, p. 381 e 382.

[3] *ib.*, p. 152.

redenção

No sentido de «salvação» é muito popular esta palavra:— «Quarta feira, ia ficando debaixo de um trem... uma creancinha. A sua redempção foi agarrar-se com toda a força a uma das mãos dos cavallos»—[1].

redondel

Espécie de capa:—«O *çurame* ou *çorame* era em geral uma capa de resguardo simples, duradoira e barata e ficava muito abaixo do tabardo senhoril, assim como do redondel»—[2].

redondeza

Eis aqui uma acepção, dêste vocábulo, a de «feira», não colijida nos dicionários usuais, e com a competente definição:— «Outr'ora as «*redondezas*» feitas nos grandes terreiros «ou terrados lisos e abertos» limitavam-se a simples vendas e compras de bugigangas e especiarias, gados e agasalho» [3].

redor, arredor

Em português diz-se *ao redor, de redor,* em castelhano *alrededor* ¦ rotatorem [4]. Houve pois em português haplolojia no vocábulo *rededor,* como a houve em *bondoso, caridoso,* por *bon-*

---

[1] O ECONOMISTA, de 1 de outubro de 1891.
[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 142.
[3] O DIA, de 2 de maio de 1906.
[4] J. Leite de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, III, p. 269.

dadoso, caridadoso, adjectivos formados dos substantivos *bondade, caridade,* mediante o suficso *-oso.*

A palavra *arredores,* em castelhano *alrededores,* provém da locução adverbial citada. Com relação ao *re* em vez de *ro* do latim rotatorem, confronte *redondo* ⟨ rotundum.

regaxa, arregaxa

Não afianço que a ortografia seja esta, ou *regacha, arregacha,* por ignorar a orijem do vocábulo, usado no Alentejo para denominar a ave que na Estremadura se chama *narceja.* Tem aspecto arábico, mas nesta língua não encontro palavra, ou radical que se lhe assemelhe, a não ser RAOAX, «tremer», de que se deriva o substantivo MUROAX, ou MAROAX; êste, porém, conforme Belot [1], é um nome que se dá ao pombo branco.

regressivo

Denominam-se, em nomenclatura glotolójica moderníssima, formas regressivas aquelas que por analojia se deduzem, mais simples, de outras que, sendo primitivas, se supõem derivadas. Assim, deduziu-se *aço* ⟨ *aceiro,* por analojia com *pinheiro* ⟨ *pinho* [2].

regueira, règüeira

—«uma peça... aguentada no solo por um espeque... e que se chama *regueira*»—[3].

Mas, ¿qual é a pronúncia do vocábulo, *règu-eira,* de *régua?*

---

[1] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893.

[2] *V.* ROMANIA, XXXIII, p. 212.

[3] O SECULO, de 28 de outubro de 1901.

É de presumir, visto que na citação vemos *aguentar,* por *agü-entar,* ou, melhor escrita, *agoentár.*

reino, reinar, reinação, reinadio

O substantivo *reino* foi dantes escrito *reyno,* quando o *y* ra empregado para a subjuntiva dos ditongos. Foi também, do éculo XV em deante ortografado com *g, regno,* mera fantasia timolójica, e não pronúncia real.

O verbo *reinar,* além das acepções mais ou menos relaciona-s com o sentido de «dominar, prevalecer», tem na linguajem pular a de «gracejar», já apontada nos dicionários, e que deu ijem ao substantivo *reinação,* e ao adjectivo *reinadio.*

Na ilha da Madeira *reinar* usa-se no sentido de «raivar, bravejar», mas parece palavra de outra orijem.

reiseiros

Em Ramalde, perto do Pôrto, tem êste nome os representa-res de autos, que se levam à cena na aldeia por ocasião da sta dos Reis, em janeiro. O étimo imediato é *Reis.*

reixa, rixa

Tem três acepções perfeitamente distintas esta forma, resul-ante de duas converjentes. A primeira é antiga, com o mesmo ignificado que a moderna *rixa,* e procedéu do latim rixa= *ricsa,* por vocalização do *c* em *i, reixa* [1], e por condensação do litongo *ei* em *i,* a forma moderna *rixa,* que não é tirada do icionário latino artificialmente, como o prova o valor do *x:* f. *fixo,* pronunciado *ficso.*

---

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 131; já antes, Júlio Cornu.

A segunda forma provém de regula, ou como outros tendem de *rallia*, e tem uma forma diverjente *relha*, co pondendo-lhe em castelhano *reja* (=*reya*), quer como a «f cortante do arado», *relha*, quer como «grade», *reixa*.

A terceira acepção, nascida desta, é «prisão, cadeia», calão dos presos do Pôrto [1]. Cf. a seguinte cantiga andal

En las rejas e la trena	Tu às grades da cadeia
no te pongaj a yorá;	Não te ponhas a chorar;
ya que no me quitaj pena,	Já que não me tiras penas,
no me laj vengaj á dá [2].	Não mas venhas cá deixar.

rejistar, rejisto

Os espanhóis usam do verbo *registrar* e do substantiv *gistro*, como correspondentes das nossas expressões fiscais *tar* e *revista*, de bagajens, por exemplo. Essas expressões também portuguesas, e do seu emprêgo temos a seguinte a ção, do século XVII: — «registam as pessoas e o fato» — [3]

Fato está aqui empregado na acepção de «fazenda, ob que pertencem a cada um».

relojio, relojo, relojoeiro, relojoaria

Êste vocábulo tem duas formas, *relojio*, que se con mais culta, e *relojo*, que é a popular.

O étimo é, como se sabe, *horologium*, palavra latina, da grega 'ŌROLÓGION, «o que diz as horas», e pelos ro

---

[1] O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

[2] LOS ESPAÑOLES PINTADOS POR SI MISMOS, Madrid, 1851,

[3] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE Lisboa, 1894, p. 281.

aplicada ao relojo-de-sol, e à *clépsidra*, ou relojo-d'água», nome igualmente grego, KLEPSÚDRA.

Nas formas portuguesas, como na castelhana *reloj*, deu-se metátese entre o *o* e o *r*, análoga à que se deu entre *r* e *e*, na palavra *rebanho (q. v.)*, de herbaneum.

Temos de supor, para explicar os derivados *relojoeiro, relojoaria*, outro étimo imediato, convém saber, um aumentativo *relojão*, de cujo tema *relojõ* se derivassem, como *cordoeiro* e *cordoaria* ¦ *cordão, limoeiro* ¦ *limão;* pois sem êle diríamos *relojeiro, relojaria*, castelhano *relojero, relojería*, como de *livro* derivamos *livreiro, livraria*.

Hoje chamamos *dispertador* a um relojo com campainha, a qual por certo artifício, que faz parte do seu maquinismo, soa estridentemente à hora que por um ponteiro especial se marca. Dantes chamava-se-lhe *relojo espertador:*— «um relojio de [dar] horas com seu espertador» —[1].

Relójio, ou *relójio de mar*, como traz Bluteau, era o espaço de meia-hora contado por uma ampulheta:— «e se um só relojio levavamos mão disto [dar à bomba]» —[1].

relva, relvar

Atribui-se como étimo a *relva* o latim herba, com metátese de *e* e *r*. É pouco provável. Cornu propõe ¦ *elua* ¦ (h)eluella, hortaliça meúda»[1].

O verbo *relvar*, além da acepção, que lhe rejista o NÔVO DICCIONÁRIO, de «cubrir(-se) de relva», tem no Riba-Tejo a de «pastar na relva».

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

[2] História trajico-marítima, *in* BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, t. XL, p. 51.

[3] GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, Estrasburgo, I (1888), 719.

remate, rematar

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, provém de *re-* + *mate,* termo do jôgo do xadrez [1].

Frederico Diez propôs em dúvida *remactare* para *rematar* [2].

Qualquer dos dois é duvidoso, sendo preferível o último.

remercear

Parecerá galicismo, visto que *remercier* em francês quer dizer «agradecer». Não é, ou o é muito antigo, pois f empregado pelo cronista Rui de Pina, na Crónica de El-r Dom Afonso v. O étimo é *mercê.*

remualho

—«um enxame de abelhas que tenho ha oito annos mesmo cortiço de cortiça e que agora appareceu com um mualho ou especie de farello, que algúem diz ser couça *[q. v.]*»—

renda

Na acepção do tecido aberto, é vocábulo independente *renda;* «rédito», pois é o latim *retĭna* ¦ rete, «rêde»; deve supor-se as formas intermediárias *renĭta,* por metátese consoantes das duas últimas sílabas, e dêste **rénida,* de que suprimiu o *i,* para evitar o vocábulo esdrúxulo.

---

[1] Revista Lusitana, iii, p. 184.

[2] Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprach Bonn, 1869.

[3] Gazeta das Aldeias, de 25 de fevereiro de 1906.

Em quási todas as formas derivadas se dá confusão com as que procedem do verbo *render: rendeira, arrendar,* etc.

render, renda, rendeiro, arrendar

O verbo *render* provém do latim reddĕre «restituir», com a influência do seu contrário em significação prehendere, «tomar». É o que parece averiguado. Do mesmo modo, em francês temos *rendre,* a par de *prendre.*

De *render* procede o substantivo verbal rizotónico *renda,* «lucro que se disfruta de capitais empregados em propriedade, indústria, etc.», e «ónus por parte de quem tem de os satisfazer ao proprietário»; e por isso *arrendar* tanto se aplica a quem dá, como a quem toma de arrendamento; *rendeiro,* porém só se diz no segundo caso, emtanto que em francês *rentier* é aquele que disfruta, e não quem paga:—«O dono da lavoira conhece-se pelo nome de lavrador, accrescentando-se-lhe o sub-titulo de *rendeiro* se as herdades que disfructa são propriedade de outrem a quem elle as arrendou»—[1].

repicar, repique, repiquete

O Nôvo Diccionário atribui ao substantivo *repique,* com referência ao dos sinos, um sentido que pode ser exacto como termo provincial, mas o não é na língua comum. Define-o assim: —«rebate de sinos, alarma»—. Abona-se com Francisco Manuel do Nascimento, Vida de Dom Manuel, III, páj. 401, que não tenho ao meu alcance para o cotejar. Ora Bluteau define «Repique de sinos. O som dos sinos harmonico, e alegre, como se costuma em occasião de festas»—. Efectivamente, as expres-

[1] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 271.

sões *repique de sinos, repicar(em) os sinos* indicam semp tom de festa, manifestação festiva, e assim o declaram qu todos os dicionários. Ao *repique* chamam os franceses *carillo* de onde tirámos *carrilhão*. O toque apressado para avisar perigo denomina-se *tocar a rebate* (sonner l'alarme): é o que franceses chamam *le tocsin*, «*toque de rebate*».

Repicar é iterativo de *picar*, no sentido de «bater», co o italiano *picchiare*.

O Nôvo Dicc. dá *repiquete* com a significação de « deira», que não sei se é lejítima, pois a não abona. O Contemporaneo, além de «ladeira íngreme», diz-nos significar, c relação ao vento,—«o que corre todos os rumos durando po em cada um»—.

Não o abona também em nenhum dos dois sentidos; mas último emprêgo está êle autorizado por Henrique Díaz, na «I lação da viagem e naufrájio da nao Sam Paulo», em que d vezes o emprega:—«se nos mudou o vento e nos fêz mil r quetes—ventos a prazer e com mil repiquetes»—[1]. Subst com vantajem êste vocábulo o francesismo *ricochete*.

repolga, repolgar, repolho

O primeiro vocábulo designa uma casta de cogumelos qu cria nos castanheiros, o terceiro uma hortaliça conhecida.

A qualquer dos dois atribui J. Leite de Vasconcelos c étimo *repullicare, repolgar* [2], de que *repolga* será substan rizotónico. Todavia, *repolho*, ainda que relacionado com étimo remoto, há de ter outro imediato, que não está averigu

O Nôvo Diccionário inseriu *repolegar* e *repolêgo*. Cf. *gar, folga, fôl(e)go, folêgo*.

---

[1] Bibl. de classicos portuguezes, vol. xlii, p. 41 e 49.

[2] Revista Lusitana, iii, p. 64.

rer

Êste verbo corresponde ao castelhano *raer*, «rafar», «roçar», que o DICCIONÁRIO CONTEMPORANEO rejistou como português, no sentido de «raspar» e no de — «puxar com o rodo (o sal nas marinhas)» —. É esta também a significação de *rer*. O étimo é radere, «raspar, rapar».

O verbo parece ser defectivo, usado sómente no infinito, no gerúndio *rendo*, e no particípio passivo *rido* [1].

resbunar, rebusnar, rosnar

O NÔVO DICCIONÁRIO consigna um verbo *resbunar*, como provincial, com o significado de «*ronsonare*», que nos não diz o que seja. Abona-se com Camilo Castelo Branco.

Resbunar, se não é êrro tipográfico, ou equívoco ou invenção de Camilo, é metátese de *rebusnar*, *rebuznar*, castelhano *rebuznar* ¦ *rebucinare*, que é talvez também o étimo de *rosnar*.

Rebuznar, porém, em castelhano, significa «zurrar». Cf. *resmungar (q. v.)* ¦ *resmugar* ¦ *remusgar*.

resbutos, reisbutos, raiputos, razbutes, rajaputros

Todas estas formas equivalem a um só vocábulo das línguas áricas da Índia, *rājpūt*, em sánscrito RĀĠAPUTRA, «filho de rei». É o nome de uma raça nobre na Índia, dedicada à milícia.

A forma que mais se aprossima da clássica é a última da epígrafe; a mais portuguesa, a primeira, que oferece a vantajem de evitar um cacófaton, e é devida à assimilação em sonora do *t* ao *j* orijinário das línguas vernáculas. *Reisbutos* sofreu a influência do plural *reis*, de *rei*.

---

[1] V. J. Leite de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, IV, p. 132.

resgatar, resgate

Estes vocábulos tinham dantes a significação de «permutar, permuta», «negociar, negócio».—: onde eu resgatei uma bainha» [1].

resineiro

Êste vocábulo é um adjectivo derivado de *resina*, mas que no norte se emprega substantivado, para designar «pau, ou feixe de paus resinosos, que servem de brandão, para alumiar» —: «Os *resineiros*, melhor que o gamão, a silva, a carqueja e a urze, forneceram um dia uma luz mais duravel e intensa. Usavam-se no norte do paiz ha trinta annos, obtendo-se dos toros de pinheiros derribados e propositalmente salientes fóra da terra um palmo e mais. Depois da amputação, o toro permanecia no solo preso á raiz, e opportunamente desbastado em lascas, utilisava-se depois na vida caseira (Famalicão, Ponte de Lima, villa do Soajo, etc.» —[2].

Outra acepção de *resineiro* é a que resulta do seguinte passo:—«nem à machada do resineiro convém lá ir tirar o sangue áquelles gigantes [pinheiros]» [3]—.

É pois também o nome que se dá ao «indivíduo, cuja profissão é sangrar os pinheiros, para lhes tirar a resina».

resistir

Êste verbo era dantes transitivo, como o é em inglês *to resist*, isto é, ligava-se ao seu complemento sem preposição:—«os

---

[1] Roteiro da viagem de Vasco da Gama, Lisboa, 1891, p. 6.
[2] Rocha Peixoto, A illuminação popular, *in* Portugalia, II, p. 37.
[3] O Seculo, de 5 de novembro de 1901.

quaes Condestabre e Mestre d'Alcantara... tomaram uma liança «remedio para o resistir» —[1].

resmungar

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, procede de um verbo latino hipotético *remussicare* | *remussitare*[2] | mussare «falar por entre os dentes», mediante nasalização do *u* por influência do *m* inicial, e metátese do *s*: *remus'gar* | *resmugar* | *resmungar*. Cf. *resbunar (q. v.)*.

ressio: v. **rossio**

restêlo, restela

É assim definido êste adjectivo por B. D. Coelho: — «Ao linho fragmentado chama-se estôpa, a qual se distingue em *restella*, a que sahe do sedeiro mais grosso, e *sedeira* a que sahe dos outros sedeiros» —[3].

— «A denominação vulgar do pente é restello» —[4].

Derivado do título do *Conde do Restêlo*, já falecido, grande influente eleitoral e trunfo político, criou-se um substantivo comum: — «Em quasi todo o paiz são os *restellos* que montam e manejam a machina eleitoral» —[5].

---

[1] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LVI.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 184; *v.* também J. Leite de Vasconcelos, ESPIGOS CAMONIANOS, p. 45, n. [1].

[3] INDUSTRIA CASEIRA DE FIAÇÃO, TECELAGEM E TINGIDURA DE SUBSTANCIAS TEXTIS *(sic)* NO DISTRICTO DE VIANNA DO CASTELLO, Portugalia, I, p. 371.

[4] *ib.*, p. 371.

[5] O SECULO, de 26 de novembro de 1900.

restumenga, rastumenga

É o peixe meúdo que o pescador vende para comprar os adrutibos e preparos para fazer a *caldeirada*, e que, como esta e a *carnada*, ou «isco para nova pesca», é isento do imposto de pescado [1].

retalhista

«Vendedor a retalho, ou por meúdo»:—«torna o retalhista responsavel pelas adulterações praticadas pelo fornecedor»—[2].

retanha

—«Porto 21... Na viella da Cadeia foi ante-hontem praticado um audacioso roubo... o gatuno... abrindo a porta com uma retanha»—[3].

reto, repto

Hoje dizemos *repto*, com reversão à forma latina *(reptare)*; antes porém dizia-se *reto*:—«e quando de tal reto se escusasse, que então sem pejo poderia para seus reinos partir»—[4].

retorta

Êste substantivo, adjectivado com *mourisca*, era o nome de uma dança no século XV:—«a «retorta mourisca», dansada por damas do paço, em rigoroso trajo musulmano»—[5].

---

[1] DIARIO DO GOVERNO, de 5 de setembro de 1881.

[2] O DIA, de 17 de setembro de 1902.

[3] O ECONOMISTA, de 13 de julho de 1891.

[4] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXIX.

[5] D. Pedro da Costa de Macedo, Prefácio do drama DOM JOÃO II, *in* «Diario de Noticias», de 10 de dezembro de 1901.

retroceder

No sentido natural significa êste verbo «voltar para trás pelo caminho já andado».

O Padre António Francisco Cardim emprega-o no sentido figurado de «apostatar, voltar à relijião antiga»:—«E ainda que esta chapa [provisão réjia] contra nossa santa lei foi a primeira e universal, porque as mais só se publicaram na côrte, não mandou el-rei [do Aname] prender a christão nem obrigou a retroceder»—[1].

revalenta

O Nóvo Diccionario, inserindo êste neolojismo, que designa um alimento medicinal, e abonando o seu emprêgo em português com Camilo Castelo Branco, aceita o étimo proposto por Émilio Littré, *ervum* + lens, lentis. O termo é fabricado, sem dúvida, artificialmente, como a substância, que teve o nome de *revalenta arabica*, e ao depois se chamou em francês *revalescière Du Barry*, do nome do médico inventor dela; mas tanto um como o outro nome apelativo foram derivados do latim revalescere, «reforçar, reavigorar».

revel, revelia, rebelde, rebeldia

A forma portuguesa *revel* provém do latim rebelle, de re- e bellum, sendo *revelia* o substantivo derivado dêste adjectivo. Ambos, quási fora de uso, foram substituídos pelos castelhanismos *rebeldía*, rebelde | *rebeldar* (de *rebellitare*, conforme José Leite de Vasconcelos [2]):—«por quanto já se começara d'en-

---

1 Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 104.
2 Revue Hispanique, v, p. 430.

tender contra os que eram revéis e desobedientes a seu Re
mento [autoridade] » —[1].

Ainda hoje *à revelia* é locução jurídica.

O mesmo aconteceu ao antigo adjectivo *úmile* ¦ humile
que foi substituído pelo castelhano *humilde* ¦ *humildar*, ai
empregado nas duas línguas da Península Hispánica, e que
deriva de humilitare.

revolta, revôlta

Revolta, com *ô* aberto, é o substantivo, *revôlto*, rev
com *ô* fechado, o adjectivo.

Êste, porém, substantiva-se conservando o mesmo valor a
— « A colheita dos milhos ainda está bastante atrasada, por ca
das ultimas chuvas, mas promette ser muito boa. As rev
[revôltas] estão já adiantadas e também teem boa aparencia » —

Sal de revôlta: — « Tem um valor menor o chamado sa
revolta [revôlta], que não está coberto e que está em eiras
ceptiveis de alagamento » —[3].

ribeirão

— « um ribeirão quasi secco na estação calmosa, pore
inverno... pujante de agua » —[4].

---

[1] Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. LXXV.

[2] O Economista, de 28 de outubro de 1891.

[3] O Campeão das Provincias [de Aveiro], in « O Econ
7 de outubro de 1887.

[4] Bosquejo de uma viagem no interior da Paraíba
Pernambuco, in « O Seculo », de 8 de julho de 1900.

ribeirós, ribeiró

Termo da Guarda: — «Os passaros, principalmente os ribeirotes, juntaram-se aos bandos» — [1]. Deve de ser um plural duplo, *ribeirós*, de *ribeirol*, tomado como singular: cf. *eiró(ses)*.

rinjir, rinjer, ranjer

As formas populares são *rinjir* e *rinjer*, mais usual a primeira, e ambas correctas, visto que procedem do latim ringĕre e os verbos da 3.ª conjugação latina, em -ere breve, se repartiram nas línguas hispánicas, não proençais como o catalão, pela 2.ª e 4.ª em -ēre, -īre. São excepção, em português os infinitivos *dir*, *far* e *trar* { dicĕre, facĕre, trahĕre, que serviram para formar os futuros *direi*, *farei*, *trarei*, e os futuros perifrásticos *di-lo héi*, *fá-lo hei*, *trá-lo hei*, e bem assim os condicionais *diria*, *di-lo-ia*, etc.

A forma culta *ranjer* é devida à influência do *r*, como o é *usgar*, forma popular *resgar* (*q. v.*). O verbo latino ringĕre significava «ranjer os dentes», e também «ralhar», e dêle procede o castelhano *reñir*, «contender, repreender».

robalete

— «Junto desta [a popa] tem o costado do barco uma sancia de ferro, chamada *robalete*» — [2].

É, no sentido natural, o nome de um peixe.

---

1 O Seculo, de 29 de maio de 1900.

2 O Seculo, de 28 de outubro de 1901.

roçar, rôço, roçadoura, roçana

Êste verbo, do latim *ruptiare*,[1] produziu em português um grande número de derivados, quási todos colijidos nos dicionários. Alguns dão marjem a elucidações, que farei mediante alguns textos que as abonam.

—«A herva seca do monte que se *roça* (corta). Dar o roço de meias é consentir que alguem corte a herva, sendo metade d'ella para quem faz esse serviço e metade para o proprietario dos terrenos em que a herva se corta»—[2]. Transmontano, devividamente abonado com um trecho de carta:—«dá-se o roço de meias como nos mais annos»—[3].

Roça:—«Encontram-se alli [em Sam Tomé] roças (grandes propriedades) correspondentes ás *haciendas* do México, e onde se cultiva o café, o cacao e a quina. Estas roças são vastas explorações»—[4].

O vocábulo *roça* foi primeiro um nome verbal de acção que significa «o acto de roçar, de desbravar»; depois concretizou-se para designar o «terreno roçado, desbravado».

Roçadoura, ou *fouce roçadoura:*—«*foice roçadoira,* ou simplesmente *roçadoira* d'Evora, conhecida em outras partes do país, do comprimento total, incluindo o cabo, de 1^{m},70, tem alvado que se embebe no cabo; serve para cortar mato»—[5].

Roçana. A roçana rasgara-lhe a cara d'alto a baixo»—[6].

rocio: v. **rossio**

---

1 D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 143.

2 3 Júlio Moreira, NOTAS SOBRE SYNTAXE POPULAR, *in* «A Revista», de 15 de dezembro de 1905.

4 O ECONOMISTA, de 5 de agosto de 1885.

5 F. Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, *in* Portugalia, I, p. 636.

6 Marcelino de Mesquita, TIO PEDRO.

roçoeiro

—«ficando em terra um dos cabos ou cordas da rede, que se chama *roçoeiro*, e indo o outro que se chama *mão da barca*... com a «rede» —[1].

roda: rodalho, rodela, rodete, rodízio

É êste um dos vocábulos portugueses que, já só, já acompanhado de epítetos, tem maior número de acepções, nem todas as quais estão colijidas, sendo o DICCIONÁRIO CONTEMPORANEO um dos que em maior cópia as compendiou. Aqui vão algumas:

Roda, termo de calão: uma moeda de tostão. No Pôrto chama-se *rodinha* [2].

Roda, parceria, turno: Instituição da roda, levada a cabo por iniciativa particular [3].

Roda viva, azáfama. É já antiga esta expressão:—«andar em uma roda viva» —[4].

Roda de navalhas: peça de uma máquina de retalhar azeitonas:—«Por baixo da roda de navalhas» —[5]. [V. **torva**]. Refere-se a Elvas.

——: rajadas de vento muito frio.

Rodalho:—«D'ella [laje de granito, no chão] parte um eixo que atravessa superiormente uma viga de madeira horisontal, o *jugo*, e finda com o rodalho, que é o disco onde todas as peças [de barro] se modelam» —[6].

---

1 P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p. 151.

2 O ECONOMISTA, de 8 de fevereiro de 1885.

3 A RODA MARITIMA, *in* «O Seculo», de 7 de agosto de 1897.

4 António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 97.

5 O ECONOMISTA, de 3 de outubro de 1888.

6 Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 236.

Rodela: — «afora as espingardas, lanças, fatamonos, lanquinotas, catanas, rodelas e outras armas pequenas sem conta» — [1]. Certissimamente se não refere a escudos redondos, visto que todas as outras armas de que faz rol são ofensivas, e não defensivas. Trata-se da Cochinchina.

Rodete. «Na parte inferior da pella entra o rodête, que é uma peça circular com um orificio ao centro e seis raios» — [2].

Rodizio. «É esta a especie de moinhos d'agoa mais em voga nesta provincia, mas ha tambem os chamados de rodizio» — [3].

rodriga, rodrigão, rodrigar

Fr. Diez dá como étimo a êste termo de viticultura o latim ridīca, «latada», com influência do nome *Rodrigo* [4]; em castelhano é *rodrigón*. É muito duvidosa a etimolojia proposta, na parte que se refere ao nome próprio. José Leite de Vasconcelos, com melhor critério, sujere o deminutivo de ridīca, ridicula, de que se derivasse o verbo ridiculare, do qual proceda *rodrigar*, apesar da dificuldade que oferece, e se confessa, de *ro-* em vez de *ri-*, que porém não é sem exemplo [5].

Há outra objecção mais grave e consiste ela na permanência do *d*, que deveria ter desaparecido, visto sér medial. Assim, seria preferível supor para *rodrigo* o substantivo reticula; deminutivo de rete, «rêde» com as formas intermédias *redigra*, *redriga*.

Nem êste porém é isento de dificuldades; visto que, se em português os grupos latinos de consoantes, formados com *l* como subjuntiva, mudam êsse *l* para *r*, outro tanto não acontece em

---

[1] António Francisco Cardim, *op. cit.*, p. 217.

[2] [3] J. Núnez, Costumes algarvios, *in* Portugalia, I, p. 388.

[4] Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen, II, b.

[5] Revista Lusitana, II, p. 119, *q. v.*

castelhano, a não ser por dissimilação, como *peligro* ⟨ peri-c(u)lum, a par de *siglo* ⟨ saeculum.

roedorno

—«E as excedentes [fôlhas] ficam pousias, disfructando-se-lhes os pastos e roedornos com gados manadios, até lhes chegar a vez de serem limpas e cultivadas»—[1].

roixo

Côr entre azul e carmesim, côr de violeta ou de lírio.

Há diversos roixos, mais ou menos acarminados, mais ou menos azulados. A estas côres chamam os francezes *violet*, e os espanhóis *morado* ⟨ *mora*, «amora».

Modernamente diz-se, ou antes, escreve-se por cá *violeta*, mas o povo nem o diz, nem conhece o termo neste sentido.

Dantes *roixo* equivalia a «encarnado», como ainda acontece com o castelhano *rojo*, que se aplica, por exemplo à côr do sangue.

Desde quando êste adjectivo designa própriamente a côr que actualmente denomina, é difícil decidir; mas deve de ser há muito, como testemunha a seguinte quadra popular:

O cravo caíu do céu
Deu na pedra, ficou coixo:
O lírio, com sentimento,
Logo se vestiu de roixo [2].

Vejam-se, a respeito de *violeta* as epígrafes **avergoar** e **indigo**.

---

[1] J. S. Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 875.

[2] J. Leite de Vasconcelos, ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS, vol. III. Lisboa, 1906, p. 185, nota.

rojão

—«O rojão é muito empregado para enterrar a semente de nabo e outras rementes miudas»—[1].

rojoneador

—«O facto incontestavel é que o primordial toureio portuguez constava apenas de rojoneadores, e os peões eram simplesmente auxiliares»—[2].

rôla, rolinha

Êste nome na Ilha da Madeira é dado, conforme os sítios, a duas aves diferentes daquela que assim se chama no Continente. Em Pôrto Santo *rôla* ou *rolinha* é o Charadius Alexandrinus, Lineu; no Seixal, *rôla,* o Scolopax rusticola [3].

rolador

—«O proprio *trol[l]ey* é o *rolador,* como muitos lhe chamam, pela simples tradução. Tem a roldana que róla sob o fio [nos carros electricos]»—[4].

---

[1] Félix Pereira, As Georgicas de Virgilio, *in* Portugalia, I, p. 633.

[2] O Seculo, de 21 de junho de 1900.

[3] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.

[4] Falar e escrever, *in* «Diario de Noticias», de 10 de novembro de 1901.

roldana, roldaina

Conforme J. Leite de Vasconcelos [1] *roldana* provem de *rolutana*, metátese de *rotulana* { rotula. Mas, ¿como se explica *roldaina?* — «O poço de carretel ou de *roldaina*» —[2]. Cf., ainda assim, *andana* e *andaina*, de fato.

Roma: romano; románico, Romania, romanizar, romance, romanço, romancear; romanche; romaico; romeno, roménico, Roménia; Romélia; Rumes; romaria, romeiro, romeira. Romani, romenho.

Todos estes vocábulos, com excepção dos dois últimos, são entre si estreitamente aparentados, e teem por seu projenitor o nome da cidade eterna, *Roma*. O segundo, *romano*, é um derivado já latino, e significou primeiramente o habitante de Roma, ou o natural dela, quer como urbe, quer como nação: ciuis Romanus sum, «sou cidadão de Roma».

Os treze vocábulos que a êste se seguem são formações posteriores, algumas ainda latinas, outras formadas dentro dos idiomas que se desenvolveram do latim popular.

Romaria, porém, é derivação portuguesa da palavra *Roma*, como capital da Igreja Católica, e quere dizer «peregrinação (a Roma)»; como *romeiro* é sinónimo de «peregrino», e *romeira*, o nome dado à murça que nos ombros guarnecia a vestimenta do peregrino, do *romeiro*, e a que os franceses chamaram *pèlerine*, de *pèlerin*, «peregrino». Êste nome de peça de vestuário ao depois passou a designar acessório parecido em outros vestidos.

Romani tem outra orijem; quere dizer o «dialecto dos

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 288.
[2] Portugalia, I, p. 580.

ciganos do oriente da Europa, aparentado, como os mais, com as línguas áricas vernáculas do norte do Indostão, principalmente com o sindi. Está hoje averiguado que os ciganos foram da Índia enxotados pelas invasões dos mogores, já no XIII século quando capitaneados por Jénguis Cã, mas especialmente no XIV, por Tamerlão. Essas invasões, como tempestade furiosa, revolveram o fundo do mar imenso das populações do norte da Índia, e impeliram à sua superficie essa babujem para a Europa e leste da África setentrional, nomeadamente o Ejipto, de onde por muito tempo se julgou que os ciganos fossem oriundos.

Romenho é o nome que se dá à jeringonça portuguesa, eivada de termos ciganos, que êles falam quando nascidos cá, ou longamente domiciliados no nosso território. Não é dialecto cigano e nem mesmo chega a ser o que se chama língua mista; é português ruim, sem que por isso se lhe possa chamar *jíria*, pois não é artificial: pertence à categoria de idiomas corrutos, como o andaluz aciganado de Sevilha, por exemplo [1].

Examinemos agora os outros vocábulos da epígrafe.

De *Roma*, já como nome da cidade, já como designação latina do Império, procedeu, no latim clássico, como vimos, o substantivo-adjectivo *romano*, nas diferentes acepções em que foi ou é tomado. *Románico* é um adjectivo, dêste derivado, neolojismo que em português menos mal traduz o francês *roman*, diverso de *romain*, «romano, de Roma», e aplica-se às línguas que do latim popular se orijinaram; e, restritamente, denominou os vários dialectos provençais e lemosins do sul da França, a que a escola do afamado filólogo francês Francisco Raynouard supôs uma unidade fictícia e ilusória, da qual tivessem provindo os demais idiomas novi-latinos, unidade, que hoje se reconhece constituída apenas por êsses dialectos provençais, pelos catalães e pelo valenciano.

---

[1] Sôbre as invasões dos mogores veja-se Leão Cahun, INTRODUCTION À L'HISTOIRE DE L'ASIE, Paris, 1896; e sôbre o *romenho*, F. Adolfo Coelho, OS CIGANOS DE PORTUGAL, Lisboa, 1892.

Dá-se também o nome de *románicas* às literaturas em que desde a idade média se manifestaram os idiomas *románicos*, a que se chamou *romances*, (romanice) ou *romanços* (romanĭum), e que são: italiano e seus dialectos; dialectos galo-itálicos; sardo; castelhano e asturiano; português, galego e mirandês; provençal, catalão e valenciano; francês e valão (na Béljica), com todas as suas numerosas variedades; o *ladino*, *romanche*, grisão, ou curválico na Suìça; o ilírico-románico, e por fim o *romeno* nos antigos Principados Danubianos.

Románica se denomina também a arquitectura, mormente relijiosa, que veio após a chamada arquitectura latina, e prevaleceu entre os séculos VIII e XI, antecedendo a gótica [1]. *Románia* é dição antiga, de imediata proveniência grega, RŌMANĬA, e remotamente latina, Romania, que reviveu modernamente, mercê dos filólogos franceses do último quartel do século passado, nomeadamente do doutíssimo Gastão Paris, que a adoptou para intitular a afamada revista trimestral dêsse nome, consagrada ao estudo das línguas e literaturas novi-latinas *(romanes)*, a qual tem sempre continuado briosamente a honrada tradição que lhe legou o glorioso mestre, há poucos anos falecido.

O termo *Románia* designou no Império romano do Oriente os territórios e seus habitantes *romanizados*, e a cultura e polícia do mundo greco-romano, por oposição aos *Bárbaros*, à *Barbária* ou *Barbárie*, principalmente com relação aos povos germánicos invasores. Nesta designação *Románia* compendiavam-se todas as variadas nações avassaladas pelos romanos, cuja língua elas haviam adoptado, deixando esmorecer e perecer os idiomas vernáculos, ao aceitarem as leis e a civilização dos seus dominadores [2].

A palavra grega RŌMANĬA é a latina Romanĭa, com substituição do suficso latino *-ĭa* pelo suficso grego *-ía*, mudança de

---

[1] *V.* Augusto Fuschini, A ARCHITECTURA RELIGIOSA NA EDADE MEDIA, Lisboa, 1904.

[2] *V.* Alexandre Herculano, HISTORIA DE PORTUGAL, I, Introdução.

acentuação, portanto, de *Románia* para *Romania*. Mas que o vocábulo se há de acentuar *Románia* em português, prova-o a denominação italiana *Romágna (=romanha)*, que se manteve na Itália, e em que o *ń* palatal *(nh)* procedeu de *ni* átono antes de vogal.

Do vocábulo RŌMANÍA, designando o Império Romano em geral e ao depois o do Oriente (desmembrado da antiga sede, transferida para Bizáncio, convém saber, Constantinopla) derivaram os gregos o substantivo étnico RŌMAÍOS, no plural RŌMAÍOI, *(=romáios, romáioi)* pronunciado já desde a idade média *roméos, roméi;* e dêste substantivo formaram o adjectivo ROMAÏKÓS, «romaico», em francês *romaïque*, no grego actual RŌMAÍIKUS *(=roméikos)*, com acentuação diferente da antiga, o qual serve para designar os helenos ou gregos modernos, e, por oposição ao grego literal, a sua língua (TA RŌMAÍIKA), quer esta seja a artificial, quer a manifestada nos vários dialectos vernáculos. Aos romanos, pròpriamente ditos chamaram os escritores gregos RŌMANOÍ, *(romanói, romaní)* e não RŌMAÍOI, helenizando daquele modo a palavra latina Romani [1], que adoptaram.

Do substantivo *romance* derivou-se *romancear*, que equivale a *romanizar*, com referência aos idiomas novi-latinos, ou *románicos*.

Romanche é a língua *románica* especial, falada na Suíça, além do francês, do italiano e do alemão, muito parecida com os dialectos galo-itálicos; é o *ladino*, a que os alemães chamam *curválico (churwâlsch)*, e quem a fala como sua diz-se *romaunsch (=romáunxe)*, ou grisão *(grisun)*.

Romélia, outra designação, mas esta geográfica, era o nome da parte da Turquia que compreendia as antigas províncias da Trácia e da Macedónia, em turco *Rumili*. Desde 1878 que está fora de uso êste termo de geografia política.

Rumes eram os turcos europeus. Assim lhes chamaram os

---

[1] V. Gastão Paris, MÉLANGES LINGUISTIQUES, Paris, 1906, p. 1-31.

ssos autores do XVI e XVII séculos. Entre esses turcos havia itos gregos e outros europeus *elches*, isto é, «renegados».

— Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem — [1].

Romeno é o idioma, também *románico*, oficial no reino da *ménia*, e que os alemães denominam valaco *(wälsch)*. Esta ua, evolução da latina, divide-se em três dialectos, *daco-ro-no*, *mácedo-romeno* e *istro-romeno*, «romeno da Dácia, da cedónia, da Ístria».

Os *romenos* chamam-lhe *român*, também escrito *romên*, *ru-*, e pronunciado *române* (melhor, *romïn*, com um *i* gutu-zado, quási o *e* português de *te*). Os alemães formaram dêste ome *rumänisch*, em francês *roumain*. Um terço quási dos ábulos romenos é de orijem esclavónica, e nesse idioma abun- os termos turcos, húngaros e albaneses [2]. É por isto, em o modo, comparável ao inglês, língua germánica com larga são de palavras románicas.

Ao leitor parecerá que fui minucioso em demasia ao destrin- o significado próprio de cada uma destas expressões; entendi devia fazê-lo, pelo motivo que passo a expor, mas evitando lições descabidas.

Os escritores portugueses, não sabendo como hão de traduzir *oumain* francês, torceram e ajeitaram-lhe sem maior cere- ia o vocábulo *romaico*, que lhes pareceu estar devoluto, só é aplicável, com propriedade, aos gregos modernos, como imos. E quando digo escritores, não me refiro tam sómente jornalistas anónimos. Num artigo de política estranjeira, ado por escritor de bons créditos, publicado recentemente um periódico diário muito lido, vejo que se chama *roumai-*

---

[1] LUSÍADAS, X, 68.

[2] V. A. de Cihac, DICTIONNAIRE D'ÉTYMOLOGIE DACO-ROMANE, Fran- e, 1870 e 1879, 2 volumes, obra capital sôbre êste assunto, ainda que a a emendas parcíais.

cos e *Roumania* ao que os franceses denominam *roumain* e *Roumanie*.

Ora, já há bastantes anos F. Adolfo Coelho, com a sua notória e incontestada competência, lhes chamou, e bem, *romenos* e *Roménia*, diferençando estes nomes de *romanos* e *Romania*, com aportuguesar muito vernáculamente as denominações germánicas *rumänisch* e *Rumänia*, aproveitando uma das duas ortografias, *romên*. A teima no desacêrto, porém, tem continuado, porque nesta terra todos querem ser mestres e ninguém se sujeita de boa mente a confessar-se discípulo. Trazemos todos ciéncia ingénita do ventre das mães! Curioso será ver a barafunda que os nossos jornais hão de fazer, se rebentar a guerra entre *romenos* e *romaicos*, dando êles êste último nome a ambos os contendores, indistintamente, como é de esperar da sua fantasia.

Resumindo a doutrina exposta, temos:

1.º *Roma, romano: románico, Romênia, romance, romancear.*

2.º *romanche:* a língua falada na Suíça *romande.*

3.º *Romélia:* parte da Turquia Europeia: desusado.

4.º *romeno, Roménia:* o valaco, e a Moldo Valáquia.

5.º *romaico:* o grego moderno.

6.º *Rumes:* os turcos europeus nos seculos XVI-XVIII.

7.º *romani, romenho:* dialecto cigano, e português aciganado.

ronca

—«O que não agradou foi a lembrança de quem... se entreteve a tocar *ronca*, na igreja, ou tão proximo dos guarda-ventos, que parecia sê-lo no proprio templo» —[1].

Refere-se a Elvas e à missa do galo.

---

[1] O TRANSTAGANO, de 27 de dezembro de 1860, *in* «Revista Lusitana», vol. IX, p. 113.

roncalha

Contaria que se vende em bagos, aos massos dêles [1].

ronda

O Nôvo Diccionário já inseriu, como inédita, a acepção dada a êste vocábulo no Minho, — «procissão que dá volta por determinados sitios» —.

Eis aqui uma abonação dêste sentido especial: — «No proximo domingo vem a tradicional ronda da Lapinha [a Guimarães], que costuma trazer comsigo grande numero de romeiros» — [2].

roqueira

O Diccionario Contemporaneo define êste termo antigo de artelharia do seguinte modo: — «peça de artelharia que atirava peloiros de pedra» —.

O vocábulo, porém, com o tempo, mudou de significação, pois é dado no seculo XVIII, em documento irrefutável, como sinónimo de bacamarte: — «tres bacamartes ou roqueiras... fortemente carregadas de grossa munição» — [3].

Ora *bacamarte* é explicado por Bluteau como designando — «cravina curta de boca muito larga, que se carrega com muitas balas e quartos» —.

---

[1] V. Anúncio, *in* O Economista, de 4 de novembro de 1882.

[2] O Seculo, de 15 de junho de 1904.

[3] Collecção de legislação portugueza, 1755-1762, Suplemento, p. 589.

roquinho, roque-de-castro

Nome de uma ave da ilha da Madeira, oceanodroma castro, Harcourt [1].

rosbife

É já tempo de dar forma portuguesa ao vocábulo inglês *roastbeef,* que ninguém profere à inglesa *roustbiif,* e tanto mais quanto adquiriu significado especial, muito desviado do que tem na lingua orijinal, onde quere dizer — «carne de vaca assada». Ora, mesmo crua, se dá êste nome em português a uma classe de carne, como se vê da NOTA DOS PREÇOS DOS TALHOS MUNICIPAES.

roseirista

O cultivador de roseiras: — «O... presidente da Camara Municipal do Porto apresentou no paço real o conhecido roseirista» — [2].

Vem já no NÔVO DICCIONÁRIO, mas não abonado.

rossio, ressio; rocio

A forma antiga é *ressio,* a moderna *rossio,* escrita errôneamente *rocio:* — «nesta camara esta [está] hũa janella da banda do Resyo» — [3]. O étimo é desconhecido; não é todavia para desdenhar o proposto por Cándido de Figueiredo [4], isto é *ressa,* que no

---

[1] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRAS.

[2] O SECULO, de 25 de outubro de 1900.

[3] Auto de posse do castelo de Sines, *in* O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, X, p. 102: era de 1533.

[4] DIARIO DE NOTICIAS, de 16 de junho de 1904.

extremo da provincia do Minho se diz em vez de *réstea*, que entre outros significados tem, com a palavra *sol*, a acepção de «feixe de luz». É necessário, porém, que tal étimo seja comprovado. A escrita antiga *ressio* torna inadmissível o étimo *roçar*, proposto no Nôvo Diccionário.

A palavra *rocio*, com *c* e não *ss*, quere dizer «orvalho», e provém do latim roscīuum { ros, roris, «orvalho». A pronúncia é *rocío*, e não *rócio*, como hoje erróneamente se acentua, o que se prova, não só com a sua orijem, visto ser longo o *i* de roscīuum (cf. *sadio* { sanatīuum), e pela acentuação castelhana *rocío*, mas ainda pelas rimas dos poetas anteriores ao século XIX, como em Camões:

— Vão as doces abelhas sussurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco e frio —[1].

Júlio Cornu, fiando-se na acentuação marcada nos dicionários portugueses modernos, *rócio*, atribuíu-lhe como étimo roscīdum[2], ao que se opõe a acentuação antiga e a castelhana, *rocío*.

rota, rotim, rotear, roteiro, rótã, rótan

O Nôvo Diccionário define o primeiro vocábulo — «junco com que se fabricam esteiras e velas de embarcação» —. Podia acrescentar «e com que se empalham as cadeiras que dizemos *de palhinha*, e que os franceses chamam *de canne* e os espanhóis *de rejilla*, «de rótulas». Na Índia portuguesa usa-se o verbo *rotear*, por «empalhar (cadeiras)», e o substantivo *roteiro* por «empalhador», ou «palheiro», como me informou Monse-

[1] Canção XVI.
[2] Grundriss der romanischen Philologie, I (1881).

nhor Sebastião Rodolfo Dalgado, natural de Goa. Neste sentido *rota* é sinónimo de *rotim*, mas também designa cana-da-Índia mais grossa, como a que serve para bengalas, e em outra acepção, «corda fabricada com rotim»:—«amarraram-no com rota»—[1].

O mesmo diccionário insere em diferente inscrição **Rotang**, como inédito, e diz ser—«variedade de palmeiras»—; mas não o abona, o que motiva dúvidas sôbre a existéncia de tal nome, com semelhante significado. Em malaio *rótan*, e não, **rotang**, que não existe, é o *rotim*.

roubo, roupa; roupão, roupeiro, roupeta

Os dois primeiros vocábulos que ideolójicamente, à primeira vista, parecem enteiramente distintos se não contrários, teem em última análise a mesma orijem, o alto alemão antigo *roub*, «o que se arrebatou com violéncia», de *roubôn*, «arrebatar». Êste radical encontra-se mais ou menos representado em todas as línguas germánicas, e quasi que em todas as románicas, com excepção provávelmente do romeno, onde o elemento desta orijem é a bem dizer nulo; pelo menos Cihac, no seu monumental Dicionário de etimolojia daco-románica [2], não o incluíu.

O que nos interessa porém aqui é averiguar a existéncia dêsse radical em português, encontrar o elo que prende os dois sentidos, quási opostos, e explicar a diferença da inicial da segunda sílaba, *p* em *roupa*, *b* em *roubar*, diferença absolutamente igual à que se dá em castelhano, e se mantém semelhantemente em italiano e francês, ainda que com outras fórmulas:

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 186.

[2] DICTIONNAIRE D'ÉTYMOLOGIE DACO-ROMANE, 1.ª parte: Éléments latins, 1870; 2.ª parte: Éléments slaves, magyars, turcs, grecs-moderne et albanais, Francoforte, 1879.

a, rapire, robe, ravir (mas antigo, *rober),* e étimos diferen-
rapire, ravire { latim rapere.

Seria de interêsse expor todas as considerações a que dá
rjem a questão, mas essa exposição houvera de ser lon-
ssima, e portanto só apresentarei resumidamente as conclu
s a que o seu estudo me levou.

Principiarei pela parte fonolójica. O alto alemão antigo ofe-
e-nos um étimo, cuja forma mais simples termina em *b,* que
nos reproduzido no português *roubo,* e no castelhano *robo,*
que o ditongo *ou (=óu)* do vôcábulo germánico se con-
iu em *o* (cf. *touro,* cast. *toro* { lat. taurum. ¿Roborou-se
p, contra todas as previsões, o *b* de *roubo,* para que exista
s duas linguas (e nas mais románicas) uma forma como *ropa,*
upa? Digo contra todas as previsões, por isso que as
nsoantes mediaes tendem a abrandar-se, quando fenómenos es-
ciais sôbre elas não operam em contrário.

Não é assim. A cronolojia dos dois termos não é a mesma,
são da mesma idade; *roubo* deve representar o alto alemão
tigo *roub; roupa,* o alto alemão médio *roup,* no qual a con-
nte *b* se converteu em *p* por ser final (cf. o genetivo *roubes* [1],
inglês *calf, calves,* e ainda melhor, o catalão *amich, amiga).*

Passemos à parte ideolójica.

O vocábulo *roup* do alto alemão médio significa «esbulho»,
presa tomada na guerra», e é um substantivo verbal de pro-
to, deduzido do verbo *rouben,* que quere dizer «saquear» [2].

Resta deduzir cronolójicamente as acepções da palavra *rou-*
a, para que a identificação fique evidente entre *roubar* e
upa. Hão de ter sido:

1.ª fazenda roubada em saque.

2.ª fazenda, bens, posses.

---

[1] V. Kluge, Etymologisches Wörterbuch der deutschen Spra-
ne, Estrasburgo, 1889, *sub voc.* **rauben.**

[2] V. Lexer, Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch, Lípsia,
879.

omo o hábito usual dos jesuítas, porque ainda se não tornara esisorio êsse nome.

Ficando o período ou fase denominada alto alemão médio ntre o XI século, em que se considera terminado o período do lto alemão antigo, e o XVI, em que, com a Bíblia de Lutero, e começa a contar o moderno, segue-se que o vocábulo *roubar* eve ter entrado nas línguas românicas em que existe até neados da idade media, e o vocábulo *roupa* já nos fins dessa dade.

O-da-roupa-feita designa em partes do Minho (Cabeceiras le Basto, por exemplo) «o lôbo», ao passo que *criada ou peeira los lobos* é nome que se dá ao *lobisomem fêmea*—a sétima de sete filhas consecutivas, como o *lobisomem* é o sétimo de sete filhos varões, sem nenhuma filha de permeio—.

Segundo informação fidedigna, é usada no Brasil, com a forma *roupa-velha*, a locução espanhola conhecidíssima *ropa vieja*, para designar, como em Espanha, restos da carne da véspera guisados outra vez, e especialmente feitos em salada, com o tempêro da de hortaliças.

Na India Portuguesa chama-se *roupeiro* [1] ao lojista que dizemos *fanqueiro*, que vende fazendas, principalmente de algodão e linho.

No Alentejo *roupeiro* é o «encarregado da queijeira»—, como o define J. da Silva Picão [2].

rouxinol, roussinol

Esta palavra tem várias formas, tanto em português, como em outras línguas do mesmo ramo românico. Gil Vicente emprega *roussinol* no AUTO DAS FADAS:

---

[1] S. R. Dalgado, O DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA, *in* «Revista lusitana», VI, p. 83.

[2] ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 540.

—Roussinol. Esta ave tem seus amores
Co'as flores
Dous meses, nò mais, no ano,
Porém uma sem engano—.

A forma *rouxinol* é devida a influência da palavra *rouxo, roixo.* O povo no Sul diz *roixinol* ou *ròxinol.*

Rouxinol de barro é o nome de uma espécie de assobio: —«os assobios de Estremoz, e os rouxinoes que apparecem em Lisboa nas festas de Junho, cujo som é modelado e variado, como succede nos do Prado, por meio de agoa agitada com o sopro do tocador»—[1].

Como termo de calão, *rouxinol* é o apito para chamar socorro.

rua, rua-d'árvores, ruão

Êste vocábulo deve ser de orijem francesa *rue,* visto que, sendo o étimo dêste o latim ruga, não se teria perdido o *y,* sem deixar vestijio, depois do *u* acentuado, se directamente houvesse procedido do latim.

Ruão quere dizer «homem de rua», e é de advertir que a mesma significação e a mesma orijem tem a palavra castelhana *ruano,* porque *rua* também na Castela Velha foi usado, como se vê, por exemplo, no «Diálogo entre Lain Calvo y Nuño Rasura»:—«Como salen a las calles... y rua de San Gil»—[2].

É natural que seja alcunha o nome *Ruano* dado por Garcia da Orta ao seu interlocutor castelhano, nos Colóquios dos Simples e Drogas da Índia. *Rua de árvores* se chama em português ao que os franceses dão o nome de *allée,* do verbo *aller,* «andar», e que por aí traduzem por *alea,* acentuando até *álea,* por suporem ser latim: ora alea, em latim quere dizer «jogo de dados».

---

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado, *in* Portugalia, I, p. 253.
[2] Em Burgos. *V.* Revue Hispanique, X, p. 172.

rubrica

O Nôvo Diccionário dá duas acentuações a êste vocábulo — «**Rúbrica**, ou **rubrica**» —; e, depois de apresentar as defini-ões, prossegue nestes termos: — «A pronúncia *rubrica* tem por a pronúncia latina [aliás a acentuação]; a pronúncia *rúbrica*, or hiperbibasmo, tem por si a pronúncia castelhana e, entre ós, o uso de alguns doutos» —. Deveria dizer, o capricho, se a realidade são doutos, porque a serem-no, ao lerem latim de erto não acentuarão a primeira sílaba, mas a penúltima por ser onga. Ora como o vocábulo é de orijem artificial, e nunca des-eu ao uso do povo, que o não conhece, a acentuação latina é quela que todos os que souberem, pouco que seja, latim lhe ão de dar sempre em português. Além disto, o exemplo caste-hano não colhe, por ser caprichoso, e não fundamentado, como utros tantos que em Espanha avultam; os italianos acentuam *ubrica*, como deve ser. Além disto *rubrica* é a acentuação que uarcam todos os dicionários, a começar em Bluteau, até o Pro-ódico de João de Deus.

No Suplemento, o mesmo dicionário amparou a preferência que dá a *rúbrica* em opinião minha, que expendeu pela seguinte maneira:

«São usadas as duas fórmas, mas deve-se defender a primeira *[rúbrica]* que procede da sua analojia com *fábrica*, a par do erbo *fabrica*. E assim temos *rúbrica*, substantivo, e *rubrica* erbo. Esta doutrina, que já defendi noutro logar, é confirmada pelo... Gonç. Vianna» —.

Ora, eu nunca, de palavra ou por escrito, confirmei, nem firmei semelhante êrro. O que disse foi muito diverso, e aqui exponho: — A única pronunciação que cumpre defender é a erta, conquanto se aponte a errada: *rubrica* = latim rubrīca. *Rúbrica* foi feita por analojia com *fábrica*, substantivo, a par e *fabrica*, verbo. —

Ora, isto é uma explicação, e não justificação do êrro, e inda menos confirmação dêle. Todos os erros, vícios e desvios

da linguajem teem explicação, e a quem trabalha neste campo incumbe citá-los; investigá-los e emendá-los, seja, ou não, adoptado o seu parecer e seguido o seu conselho. É o que fiz.

É do meu dever acrescentar que o autor do Nôvo Diccionário rectificou o seu asserto no Diario de Noticias de 31 de agosto de 1901. Fê-lo por seu crédito, como eu ao assunto me refiro e o explano aqui, para acudir pelo meu.

rujido, rujir; ruje-ruje

O Nôvo Diccionário dá como únicas acepções dêste vocábulo — «voz do leão, (fig.) voz prolongada e estridente; bramido; som cavernoso» —.

Nenhuma destas definições se compadece com a da interjeição e substantivo verbal *ruje-ruje,* aplicável ao sussurro ou ranjido da seda por exemplo, o *frou-frou* dos franceses, nem com o emprêgo que da palavra fêz o Padre Gaspar Affonso no trecho seguinte: — «Com as frutas podiam tambem entrar as canas fistulas... as canas pendentes de seus ramos, algumas de três e quatro palmos de comprido, juntas muitas dellas de duas em duas, as quaes com qualquer leve viração, dando umas pelas outras fazem um suave rugido» —[1].

É evidente que *rujido* aqui corresponde a «sussurro brando, rumor».

O apropriado substantivo *ruje-ruje,* que é muito popular, está modernamente abonado por autor vernáculo: — «saias muito engommadas, fazendo extraordinario ruge-ruge» —[2].

Vê-se igualmente que o verbo *rujir* também admite o sentido particular de «fazer pequeno rumor, ranjer».

---

[1] «Relação da viajem e sucesso da nao Sam Francisco», *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. xlv, p. 52.

[2] Pinto de Carvalho, Historia do Fado, Lisboa, 1903, p. 55.

runa

Seiva de pinheiro. O Nôvo Diccionário, no Suplemento, bui a êste vocábulo a acepção de «barranco».

runas

O Nôvo Diccionário aponta esta palavra e remete o leitor a *runos*, onde a define: — «caracteres de que se serviam escandinavos, e que se acham gravados em rochedos (sueco *ra*)» —. Ora, se em sueco é, como diz, *runa*, é inexplicável a ferência que deu ao barbarismo *runos*.

Runa é a forma certa, em português e em sueco, mas o vo-ulo é irlandês *rūn* (*runa*, «segrêdo». Não foram só os es-dinavos que usaram as runas, pois há runas marcománicas número de 23 caracteres, góticas, em número de 24, ao so que as runas escandinavas são apenas 16. Esta escrita é vável imitação da maiúscula romana, e as suas formas, sempre gulosas, foram devidas a que primeiro eram entalhadas em ras ou tábuas de madeira branda, com um punção, ou estilo. ejam-se sôbre esta interessante escrita as duas seguintes obras: rlos Faulmann, Das Buch der Schrift [1], de que dei ampla ticia na revista O Positivismo [2], nomeadamente acêrca das nas, a páj. 411 do III volume; e principalmente o estudo e lhe consagrou Eduardo Sievers na monumental publicação, Grundiss der Germanischen Philologie [3]. Aí se citam os nos em que se lhe referiu Venáncio Fortunato [Carmina, II, 18, 19]:

Barbara *fraxineis* pingatur runa *tabellis*
Quodque papyrus agit virgula plana ualet.

---

[1] Viena, 1880.
[2] III e IV, 1880-1882.
[3] Estrasburgo, 1891-1893, I, p. 238-256.

«A runa dos bárbaros escreve-se em tabuinhas de f servindo uma varinha lisa para o que serve o papiro».

Por êstes versos se vê que, sendo runa a forma lat não runus ou runum, é êrro em português chamar ru *runas*.

rundo

Em Marromeu, África Oriental Portuguesa, é «batu —«Ha um batuque a que chamam *rundo*»—[1].

russo, russificar; ruço

Êste verbo, pautado pelo francês *russifier*, quere dizer russo, converter em russo»:—«Ao passo... que a Rus *russificando* a Mandchuria»—[2].

Não é *Mandchuria*, mas sim *Manjúria:* aquele *dch* pelo *dsch* alemão, expediente de que se servem para exp o valor de *dj* ou *j*.

Cumpre não confundir, como por aí se faz, *russo*, natu próprio da Rússia, com *ruço* { *ruceum*, que designa um ou a falta dela.

rústico

Em Trás-os-Montes quere dizer «robusto» [3].

sábado

Não é do sétimo dia da semana que vou tratar, mas s acepção última que a êste vocábulo atribui o Nôvo Diccion

---

[1] Jornal das Colonias, de 4 de julho de 1903.

[2] Jornal das Colonias, de 26 de dezembro de 1903.

[3] Revista Lusitana, II, p. 119.

e mais nenhum, que eu saiba, admitiu em português: — «assembleia nocturna de feiticeiras» —. É um temerário aportuguesamento do francês *sabbat,* mas não está ali abonado, nem me consta que qualquer escritor português o haja empregado. Ora, trata-se de uma superstição popular, e conseguintemente é a linguajem do povo, e as expressões que êle entende e de que usa, que podem ser aceitas; e o povo nem usa, nem entende semelhante designação: a expressão popular para indicar essa crendice da reunião de bruxas e feiticeiras é *assemblea do diabo,* que no Norte dizem *sumblea do diabo.* Os espanhóis chamam-lhe *aquelarre,* vocábulo composto vasconço, *aquerlarre,* cujos elementos são *aquer,* «bode», e *larre,* «charneca», «descampado» [1].

Quanto ao étimo de *sábado,* o imediato que se aponta é o latim *sabbatum,* e o remoto o hebraico xaBāT, ou mais simplificada a transcrição, *xabbat,* «descanso»; e não *schabbat,* porque na palavra hebraica não há mais que três consoantes diversas, sendo o *b* repetido, e dessas três a inicial tem o valor do nosso *x* de *xadrez; sch* é a ortografia alemã, *sh* a inglesa, *ch* a francesa para êste som, que os italianos representam por *sci,* e os espanhóis tradicionalmente, como nós, por *x,* valor que ainda persiste na Espanha, em galego, asturiano, catalão e vasconço.

sabre

A palavra é moderna em português, que a copiou do francês *sabre,* cujo étimo imediato será, como diz o Nôvo Diccionário, o alemão [antigo] *sabel.*

O vocábulo não é nem alemão, nem mesmo esclavónico (russo *sablia),* mas talvez tartárico [2]. Antigamente, em vez de

---

[1] W. J. van Eys, Dictionnaire basque-français, Paris, 1873, *sub voc.* **Aker** e **Larre.**

[2] V. Fred. Kluge, Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache, Estrasburgo, 1889.

sabre dizia-se em português *catana (q. v.)*, e em geral, *espada*, termo que se aplicava, tanto à de folha direita, como à que era mais ou menos encurvada.

sacaputos (?)

— «São estes panos da costa de Coromandel [aliás, *Choramándel]* que chamam sacaputos pintados, os quaes vestem a modo de calções» —[1].

A edição do livro do Padre Cardim, onde vem êste trecho, está modernizada imprudentemente na escrita das palavras, e nos nomes peregrinos procurou-se aprossimá-los das formas modernas francesas.

Quem dirijiu a publicação, aliás meritória, das BATALHAS considerava, e isso dá a entender, só lejítimas essas formas francesas, e tinha as portuguesas como corrutas. Às vezes são emendadas a capricho e à toa, sem a mínima consideração pelas orijinais, ou pelas tradicionais. Não quero afirmar sem provas, e aqui dou uma pequena relação dos nomes e vocábulos que ora teem duas escritas, ora uma só, evidentemente falsa, porque faltava ao editor a competéncia necessária para apurar a verdadeira.

Páj. 9: **Vsuqui** por *Usuqui*.
» 10: **Yucatar** (?)
» 10: **Uyedo** por *Yedo*, ou melhor, *Iedo*.
» 19: **Macassá** por *Macassa (Macáçar)*.
» 19 e 46: **liberdade** por *liberalidade*.
» 25: **Van Lic** por *Van Lié*.
» 26: **Pam Achilos** por *Pam Achileo*.
» 35: **atrancos** por *a trancos [q. v.]*

---

[1] Padre António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894.

Páj. 44: **Aquileo** por *Achileo.*
» 49 e 55: **iurubaça** por *jurubaça.*
» 65: **Meaio** por *Meaco* ou *Miacó [q. v.]*
» 66: **xẽxi** (?) que diz ser latim!
» 71: **Xaca,** 258 **Xoca,** 277 **Xocu** e **Exoca,** por *Axoca.*
» 175: **attento** por *a tento [q. v.]*
» 207: **Paulo Camby** por *Pulo Camby* (ou *Cambi).*
» 229: **de alcunha vã** (!) por *de alcunha Vã.*
» 241: **servindo** por *servindo-o.*
» 251: **benjoim, amendoado** por *benjoim amendoado.*
» 255: **reino de Peru** por *de Pegu.*
» 257: **Coromandel** por *Choramándel.*
» 258: **vazellas** por varelas.

Acrescentem-se, *passim*, **baterias, artilheria,** etc. por *bata-rias, artelharia,* etc., etc.

Com relação a *Choramándel* é esta a forma que usaram os ossos autores, e a verdadeira, visto que a denominação é *Chora-mándala* em támil, e quere dizer «reino de Chora» [1]. *Coro-mandél* é deturpação estranjeira, que de torna-viajem passou ara cá e se generalizou, a despeito de ser êrro mais que reco-hecido, e talvez por isso mesmo.

— Os de Choramándel vendem
Seus filhos e suas filhas — [2].

saco

Peça central da rêde para pescar sardinha. — «O *saco* tem a bocca a circumferencia de 60 a 70^{mm} e é composto de redes

[1] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WOADS, Londres, 886.
[2] Garcia de Resende, MISCELÂNEA.

de malhas differentes, que o dividem em cinco partes denominadas—*cuada*—*meios bastos*—*meios meinhos*—*meios alegras*—*alegras*. A bocca do saco é tambem formada de redes de malhas differentes, chamadas *muros*»—[1].

Êste vocábulo não está rejistado nos dicionários na acepção que lhe é dada em Angola, isto é, 30000 mil réis em moeda de cobre, e o seu pêso, que é a carga de um homem.—«A *saku* is thirty «mil reis fortes»... a *saku* of copper is exactly one man's load»—[2].

saganha

—«a *saganha* ou *carranha* (carrasca) trasida do alto, pelos pastores das vezeiras, no Gerez»—[3].

Vezeira, conforme o Diccionario Contemporaneo, é «vara de porcos».

sagral, segral, segre

Sagral é uma forma antiga, devida à influéncia do *r* no *a* átono de *segral* ⟨ sec(u)lare, e não alterada de *sagrado*, como se diz no Suplemento ao Nôvo Diccionário. Do *-cl-* latino resultou *-gr-*, como em *regra* ⟨ reg(u)la, e o *l* final por *r* procede de dissímilação dêsse *r*, como em *frol* ⟨ flor(em).

Segre ⟨ sec(u)lum acusa influéncia francesa ou proençal, como *milagre* ⟨ mirac(u)lum, em castelhano *milagro*.

---

[1] F. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 151.

[2] Héli Chatelain, Folk-Tales of Angola, Boston e Nova-Iorque, 1894, p. 288, n. 439.

[3] Rocha Peixoto, A illuminação popular, *in* Portugalia, II, p. 36.

sag(u)ate, *çaugate, çaguate,* çagate

Esta palavra quere dizer «mimo, dádiva»: — «presente, especialmente o que se dá por occasiões festivas»... do sansk. *svāgata*» —[1].

O vocábulo, que foi muitas vezes empregado pelos nossos cronistas das conquistas e descobrimentos, passou à costa oriental da África, provávelmente em bôca de banianes, e é lá também muito usado: — «tratam de arranjar um presente (saguate)» —[2].

— «um grande çaugate de muytas galinhas» —[3].

É sabido que os nossos escritores até o XVIII século usaram o *ç* para a transcrição da sibilante apical surda, não só arábica, mas igualmente de todas as línguas, quer asiáticas, quer americanas, e outro tanto fizeram os espanhóis. Cumpre ter isto em vista.

A forma *çagate, sagate,* se não é êrro tipográfico, vemo-la empregada no trecho seguinte: — «a troco de alguns sagates de aguardente, algodão e *lopa*» —[4].

sai

— «Disputei com um sai (é o mesmo que Bonzo) [no Aname]» —[5].

---

[1] Sebastião Rodolfo Dalgado, DIALECTO INDO-PORTUGUEZ DE GOA, *in* «Revista Lusitana», VI, p. 83.

[2] JORNAL DAS COLONIAS, de 30 de maio de 1903.

[3] F. Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. III.

[4] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

[5] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894.

saibro, saibrar, saibra, saibramento, saibrento

O substantivo *saibro* vem em todos os dicionários e é e cado como significando «areia grossa; com pedras à mistu

No passo seguinte está incluído o verbo *saibrar*, e um s tantivo dêle derivado, e que não figura nos dicionários: « *bramento*, surriba profunda para a plantação do bacello. tambem o verbo *saibrar*. Deriva de *saibro*, e significa, port propriamente *desfazer o saibro*, cortar a terra *saibrenta*. D tambem *esbouçar*, *esbouçamento* e *esbouça*» —[1].

Não se cita o substantivo verbal *saibro*, que correspon *esbouça* apontado; vemo-lo porém no trecho seguinte: — isso a exploração, provocada pelos achados de uma recent bra»—; e acrescenta-se em nota—«*saibrar* é na região nymo de cavar»—[2].

Pertencem à curiosa terminolojia agrícola duriense e t montana.

salamaleque, çalamaleque

Os nossos autores antigos escreveram *çalamaleque*, ortográfica a que o Nôvo Diccionário dá com razão a réncia, visto que em português, como em castelhano, até culo XVIII os ss arábicos foram sempre representados po não por *s*. A saudação expressa por estas duas palavras cas, SALAM OLIK, «pax tibi», não é sómente turca, como dito dicionário, mas de todos os mocelemanos, qualquer seja a língua que falem, e mais que todos, dos indivíduos celemanos, cuja língua vernácula é árabe, como o é a expressão.

---

[1] Júlio Moreira, NOTAS SOBRE SYNTAXE POPULAR, *in* «A Re de 15 de dezembro de 1905.

[2] José Fortes, NECROPOLE LUSITANO-ROMANA DA LOMBA RANTE), *in* Portugalia, II, p. 254.

saleiro

Como adjectivo, aparece num requerimento feito pelos *negociantes saleiros,* enviado ao Conde de Casal-Ribeiro, e apresentado à Camara dos Pares em sessão de 16 de maio de 1884.

A acepção natural, como substantivo, é conhecida; aplica-se êsse nome ao vaso em que se guarda, ou serve o sal.

É formação propriamente portuguesa, de *sal,* pois a ser latina, derivada por evolução, não haveria conservado o *l* intervocálico.

saltadouro

Rêde para pescar tainhas [1].

salvar

No sentido em que hoje empregamos *saudar* é desusado êste verbo, mas não o era antes: — «Tanto que acertam de ver aquella exalação, acodem todos [os pescadores] ao convés a salvar com grandes gritos e alaridos» — [2].

A exalação é o Sant'Elmo, do qual Camões disse — «Que a maritima gente tem por santo» —.

salve, salvete

São palavras latinas, que lêmos *sálvè, salvétè.*

A primeira é o singular, a segunda o plural, da 2.ª pessoa

---

[1] Luís de Magalhães, Os BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugal, II, p. 60.

[2] História trájico-marítima, in BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, XLI, p. 128.

do imperativo do verbo salveo, «estar de saude», e não o vocativo de saluus, como diz o Nôvo Diccionário.

Quando em 1889 desembarcaram em Malmö os membros do Congresso dos Orientalistas, que em setembro ia celebrar-se nas capitais da Suécia e da Noruega, estava o cais adornado e a meio um pendão com a palavra latina Salve.

O Dr. Kern, ao ler aquele letreiro exclamou:—¿Para qual de nós será aquele cumprimento? porque é só para um; se fosse para mais, ou para todos, tinham pintado Salvete!—.

salvo seja

Esta locução muito usada, no sentido de «Deus não permita, Deus o defenda», era já latina, pois se encontra em Petrónio:—«tanquam hoc loco, saluum sit quod tango—[1] como se fosse neste sítio, salvo seja (aquele em que estou tocando)»—.

sambaqui, saumaqui

=«Il ya une autre analogie entre les usages des Tupis et ceux des peuples de l'ancien continent dans ces monticules de coquilles qu'ils nous ont laissés sur les côtes, et que l'on connait au Brésil sous le nom de *saumaquis*»—[2].

Esta forma é menos conhecida que *sambaqui*, ou melhor *çambaqui*, visto que não se usa *s* mas *ç* nas transcrições portuguesas e castelhanas das línguas da América. A forma mais correcta, pois, é sem dúvida *çambaqui*, como a vemos explicada por Teodoro Sampaio:—«*Sambaqui* por *Tambâ-qui*, pouta ou

---

[1] Satyricon. *V.* a edição de Héguin Guerbe, Paris, 1862, acompanhada da tradução francesa.

[1] Vicomte de Porto-Seguro, Les Américains Tupis-Caribes et les anciens Egyptiens, Viena, 1876, p. 58.

umulo de conchas, servindo para designar os depositos antiquíssimos, formados de cascas de ostra, de restos de cozinha, de resíduos de varias procedencias accumulados por um povo selvagem que habitou a zona littoral em periodo pre-historico»—[1].

Como termo geral está já consagrado *kjökkenmödding (q. v.)*, palavra bem dificil de ler para quem ignore a língua a que ela pertence, o dinamarquês, e demais a mais com dois erros de ortografia, pois a escrita não é com *ö*, mas com *o* cortado obliquamente da direita para a esquerda, e de cima para baixo. O *ö* é grego e alemão.

Poderia em português adoptar-se o vocábulo *cascal* ¦ *casca*, como *tojal* ¦ *tojo*, *juncal* ¦ *junca*, ou *junco*, isto é, um colectivo de *casca*, análogo a *areal* ¦ *areia*, com o plural *cascais*. É possível mesmo que o nome da vila de *Cascais* lhe provenha dêsse incidente, pois é sabido que lá existem lapas, que serviram de vivenda em tempos remotos, o que se reconhece pelos objectos de indústria pre-histórica, nelas encontrados.

sambuco, çambuco

Os nossos escreveram *çambuco*, o nome da embarcação asiática, que é em árabe SAMBUQ.

Veja-se **salamaleque, çalamaleque.**

samear, semear

Forma popular, correspondente à culta moderna *semear* ¦ seminare, e que é devida a querer-se manter a integridade silábica do vocábulo, que proferido *sęmear* degeneraria em *(ę)smear*.

> Per minha mão sameado,
> Colhido, moído, amassado [2].

---

1 O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL, Sam-Paulo, 1901, p. 65.

2 Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

samenina

Bóia em Buarcos: — «A tralha inferior assenta no fund
á superior estão presas as grandes boias, que se chamam
Norte, do Sul, e *Sámenina*» — [1].

sandia

O Nôvo Diccionário diz-nos que êste vocábulo, ali a
tuado *sándia,* é o nome de um melão mexicano. Deve ter ha
informação errada, pois *sandía,* e não, **sándia,** é em castel
«melancia», e nunca foi, nem é, «melão». O que em castel
se acentua *sándio, sándia,* na pronúncia, e conseguintement
escreve sem acento marcado, conforme a ortografia modern
outro vocábulo, que corresponde ao nosso adjectivo *sandeu:*

— Y en sus sandios ó lúbricos amores
fastidio solo encontrará y enojos — [2].

sangra-mocho

Armadilha para caçar passaros, principalmente usada
ribeira de Travanca, e que consiste em uma vara, *vergueiro,*
se prende, curva, a uma estaca por uma ponta, ficando a o
livre para se ligar ao pinguel por um cordelinho [3].

---

[1] P. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugal
p. 148.

[2] Espronceda, Jarifa.

[3] *V.* José Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Po
galia, I, p. 91.

sanjaque, sanjaco, sanjeaco, **sanjiaco**

O Nôvo Diccionário consigna a terceira forma, que escreve *sangeaco,* abonando-se com Diogo do Couto — «Nesta batalha morreo o Baxá dos Turcos, e elegeram outro, que era um *Sangeaco*...» —[1]. Condena, e com razão, a acentuação da última forma, *sanjíaco,* que deu Morais e Silva. Bluteau escreve *sanjaco,* abonando a forma com Jacinto Freire. Eu, na Selecta de Autores Ingleses [2] adoptei *sanjaque.* O vocábulo é turco, *(sanǧak)* e quere dizer própriamente «estendarte», dando-se também êste nome ao rejedor de um districto, subordinado a uma província, ou *vilaiete.*

sánscrito, sanscrito

Áscoli defendeu para italiano a acentuação *sanscrito.* Vasconcelos Abreu insiste para português na acentuação proparoxítona *sánscrito (sámscrito;* antes escrevera *sãoscrito).*

Se regularmos a adopção, em português, de palavras da língua clássica da Índia árica pelas regras da prosódia latina, como parece de razão, visto que o mesmo processo seguimos para as palavras gregas, e até para as arábicas, não há a menor dúvida que o vocábulo tem de ser esdrúxulo, visto que a forma orijinal é sāskṛṭam, com *ṛ* vogal breve na penúltima sílaba [3].

Com respeito à pronúncia da primeira sílaba tónica ser *são* ou *sã,* direi que, conquanto esteja averiguado que, pelo menos conforme a pronúncia marata dos pánditas, ela seja *são,* é tam fora dos nossos habitos introduzir um ditongo nasal acentuado

---

[1] Décadas, vii, cap. x.

[2] Lisboa, 1897, p. 774.

[3] «Na Europa lê-se o sánscrito com a acentuação latina»: G. de Vasconcelos Abreu, Curso de literatura samscrítica clássica e védica, ii (1889), p. 2.

V. a acentuação indiana, *ib.* 2-3, que difere um tanto.

no meio de um vocábulo, que as analojías portuguesas exijem a primeira sílaba *sã-*, e não, *são-*, e portanto a escrita *san-*, e não, *sam-* ou *são-*, que o indianista português usara nos seus primeiros trabalhos, e rejeitou ao depois.

Absurda em todos os pontos de vista é a forma *sanscripto*, por desgraça já oficialmente usada, como se tivesse alguma cousa que ver com scriptum latino, e é inútil o escrever *k*, *sanskrito*, em vocábulo aportuguesado, visto não usarmos de semelhante letra nas palavras gregas que empregamos, pois escrevemos *acrópole*, por exemplo, não obstante ser em grego AKRÓPOLIS.

O significado do vocábulo *sánscrito* é «perfeito».

Sanselimão, Sam-Selimão

É uma das muitas formas, que por deturpação ou etimolojia popular adquiriu a expressão signum Salomonis, «sinal de Salomão», *sino Saimão*, «pentágono», ou estrêla de cinco raios: —«O SINO SAIMÃO *(q. v.)* SIGNO-SAMÃO, SINO-SAMANCO, ou SANSELIMÃO» —[1].

santór(i)o

J. Leite de Vasconcelos deu já a etimolojia dêste vocábulo, que serve de nome, na Beira, a um bôlo comprido que se dá ou vende pela festa de Todos os Santos, o *pão por Deus*. É sanctorum, [2] genetivo do plural de sanctus, querendo portanto dizer «dos santos».

sanzoro

—«Ás 11 horas marchou a columna, bivacando junto ao mocurro de Inhangone, que servia de fosso a uma das faces do

[1] Portugalia, I, p. 618.
[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 252.

sanzoro de forma rectangular, em cujos angulos foram collocadas boccas de fogo» —[1]. Vê-se que *sanzoro* é «arraial ou acampamento».

V. **ensanzorar.**

sápão

Era o pau também chamado *brasil*. O termo veio para português do malaio *sápan*, e êste do malabar *xapanam*, «pau vermelho», de *xaua*, «ser vermelho» [2]:

> —De sápão, chumbo, salitre e vitualhas
> Lhe apercebem celeiros e muralhas—[3].

O vocábulo foi tambem usado por António Bocarro:—«Estão nesta cidade de Ová, cabeça do reino de Sião, duas feitorias,... O trato que tem uns e outros é de courama de veado, peles de lixas, sapão, e muita seda que ali vem de Chincheo e Cochinchina»—[4].

O vocábulo *sápão*, ou *sápã*, *sápam*, foi tomado como *japão* por vários, e daí proveio chamar-se ao sápão *japão*, supondo-se que viesse realmente do Japão:—«É [o reino de Camboja] abundante de arroz, e tem muito charão, chumbo, cera, alguma águila e japão»—[5]. *V.* **caucho.**

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 15 de abril de 1905.

[2] Burnell & Yule, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v.* **Sappan.**

[3] António de Abreu, DESCRIÇÃO DE MALACA, *in* «Parnaso Lusitano», II, p. 2 *(ib.)*.

[4] DECADA 13 DA HISTORIA DA ASIA, Lisboa, 1876, cap. LXX.

[5] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 251.

sapeca

É termo de Macau, e designa uma moeda chinesa de cobre, com um furo quadrado no centro, o qual serve para ela com outras se enfiar num cordão. O vocábulo, segundo todas as probabilidades, é híbrido, sendo composto de *sa(tu),* em malaio «um», e do chinês, dialecto de Cantão, *pak,* «cem», «cento». Os malaios formaram dos dois um, *sapeka,* «um cento», porque na realidade as *sapecas* se enfiam aos centos em um cordel. Outros dizem que o vocábulo é todo malaio, *sapéku,* «uma enfiada» de tais moedas, e que passou ao depois a designar cada uma delas.

Em S. Miguel dos Açôres *sapeca* é uma «repreensão áspera» [1], provincialismo que já na metrópole se usa também.

sapinhos-de-leite

—«A *chave.* De prata. Amuleto com a virtude de curar os *sapinhos de leite* (aphtas)»—[2].

sarame

Bairro, arruamento de libatas, ou cabanas de negros em Ajudá [3].

sarangui

O Nôvo Diccionário acentua *sarangúi,* mas é erro manifesto, pois em concani é sarāgī; pelo quê se conhece que o *u*

---

[1] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[2] Portugalia, I, p. 619.

[3] C. E. Correia da Silva, Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá em 1865, Lisboa, 1866.

foi escrito para se não pronunciar *saranji*, e portanto é nulo na pronúncia. É o nome de um instrumento músico na Índia Portuguesa.

sarda: v. **xarda**

sarilho

Além de outros significados, mais ou menos relacionados com a forma do sarilho de mão, que consiste em uma vara, com uma cruzeta quási a cada tôpo, perpendiculares uma à outra, é também nome de peça do maquinismo dos moinhos: — «O *sarilho*, que é um pau circular, excepto meio palmo a partir da trave, onde entram quatro outros da grossura d'um pulso e egualmente redondos: são os *braços do sarilho*» —[1].

sarrico

Na costa de Caparica é o nome de uma rêde de forma e copo redondos, à feição de barrete ribatejano, onde os rapazes arrecadam o peixe que podem apanhar, do que salta fora da rêde. Esta informação foi-me dada por pessoa de lá.

saudade

Êste vocábulo português, a respeito do qual tanto se tem escrito em prosa e verso, desde o Leal Conselheiro de El-rei Dom Duarte, que antes que ninguém o encareceu, até o divino poeta João Baptista de Almeida Garrett, que lhe consagrou os quarenta primeiros versos do seu poema Camões, foi na sua pri-

[1] Portugalia, Moinhos, I, p. 386.

mitiva forma *soidade* { solitatem ({ solum, «só»), que
tim significava «soledade» e «desamparo». Em castell
vocábulo morfolójicamente correlativo é *soledad*, «solidã
dade»; mas não é sem exemplo o seu emprêgo no sent
português *saudade*, e por não menor escritor que o a
poeta Luís de Góngora, mas em prosa:—«Cuanto es m
ruido de esta corte, tanto es mayor la soledad que V. S
hace echando menos en todo lugar la piedad y benevole
santo Obispo de Córdoba»—[1].

Na forma actual, *saudade*, influíu, como é sabido, a
saudar, talvez por intermédio de *soudade*, pronúncia v
que corresponde outra mais vulgar em Lisboa, *sòdade*.

savana, çavana

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, emendou a ace
dêste vocábulo, de *savána*, que adoptara no texto, para
comparando-o ao castelhano *sábana*, «lençol de cama»,
tuguês antigo *sãbana*.

A aprossimação é, na realidade, tentadora, mas
apesar de subscrita por Littré, e eu proprio a aceitei na
Inglesa [2].

Esta palavra não é portuguesa, tirámo-la do francês *s*
e veio com as versões de obras da literatura románti
tamanha voga adquiriram cá. Em francês *savanne*, con
definição dada por Emílio Littré, é:—«o nome que n
lhas, na Gùiana e em outras partes da América se dá ao
e a todas as terras baixas que produzem herva para
dos gados» [3].

---

[1] Carta al Il.^{mo} Señor Don Fray Diego Mardones, i
Hispanique», x, p. 185.

[2] A. R. Gonçálvez Viana e J. C. Berkeley Cotter, Selecta d
ras inglesas faceis, p. 275, n. 12.

[3] Dictionnaire de la langue française, Paris, 1881.

Segue-se a etimolojia que lhe atribui, o castelhano *sábana*, comparando-o ao português *sabena* (aliás *sábana)* [1], do latim *sabanum*, «lenço, toalha», grego SÁBANON, com idéntica significação.

Nisto se tinha ficado, até que Rufino José Cuervo com um sôpro dissipou a nuvem. Na Romania diz-nos o doutíssimo hispanizante:—«La semejanza entre uma sábana blanca y una llanura verde no es muy obvia que digamos, y sin duda este escrúpulo ha sugerido la idea de reforzar el fundamento de la metáfora: ...el [diccionario] etimológico de Skeat (Oxford 1882) apunta que la acepción de llanura proviene del aspecto que ofrece un llano cubierto de nieve. Quien considere que tal denominación aparece por primera vez en las islas del mar Caribe, no podrá menos de mirar tal explicación como *aegri somnia*»—[2]. Na realidade, planícies cobertas de neve na América Central, a 15° de latitude norte, é uma lembrança peregrina!

A palavra pertence a uma língua indíjena da América tropical, e é *sabâna*, como Cuervo nos diz que acentua Alcedo no seu Dicionario, antes escrita com *ç*, *çavana*, depois com *z (= ç)*, *çavana*, *zavana*, ou *zabana*, o que aliás provavam os versos, citados, de João de Castelhanos [3], onde se rima *çavana* com *castelhana*.

Eis aqui um mau exemplo do uso dêste vocábulo em português, num trabalho aliás excelente e quási sempre vernáculo: —«Bem se póde dizer que [no território de Angoche] não ha zonas estereis... que são raras e pouco importantes as savanas»—[4].

Êste emprêgo do vocábulo é abusivo, pois *sabana*, em francês *savane*, é termo das Antilhas e América Central que quere dizer «prado», e não, «terreno estéril, charneca»...

---

[1] A. A. Cortesão, SUBSÍDIOS PARA UM DICCIONÁRIO COMPLETO, Coimbra, 1900.

[2] vol. XXX (1901), p. 123-127.

[3] ELEGIAS DE VARONES ILUSTRES DE LAS INDIAS, Madrid, 1589.

[4] BOL. SOC. GEOGR. DE LISBOA, 24.ª série, p. 255.

À locução francesa *savanes noyées* corresponde na nossa Africa Oriental a palavra *langúa*, e não *lângua*, como está marcado no Nôvo Diccionário.

Pêlo menos assim vemos acentuada a palavra, uma vez, na excelente monografia de Eduardo Lupi, «A região de Angoche», de que acima fiz citação — «planicie geologicamente moderna, formada por sedimentações e alluviões, ás vezes mesmo ainda periodicamente inundada pelas aguas do mar... Chamam-se essas planicies em português colonial «langúas» —[1].

O vocábulo repete-se, mas sem acentuação marcada.

seara, seareiro

Êste vocábulo, cujo étimo não está averiguado, significa no uso comum, terra em que germinam cereais; mas no Alentejo, como *senara* em castelhano, quere dizer especialmente terra onde êles são cultivados por pessoa que não é o proprietário, e como retribuição a mais dos serviços prestados na herdade. O indivíduo que cultiva *seara* nessas condições chama-se *seareiro*:— «Habitam-nos [os montes] os guardas ou outros creados principalmente *ganadeiros [q. v.]*. Ás vezes, porém, residem n'elles *caseiros* estranhos ao lavrador da herdade—*seareiros* que lavram por sua conta, a *quarta* ou *quinta* [isto é, cedendo ao lavrador a quarta ou a quinta parte dos frutos colhidos]» —[2].

sedão, cerdão

Com êstes dois nomes publica a Gazeta das Aldeias [3] um artigo em que preceitua o modo de curar este acidente ou

---

[1] *Ib*, p. 237.

[2] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 535.

[3] de 20 de maio de 1906.

nomalia que aparece no porco, e que consiste, como declara —«numa fístula estreita, situada ao lado do pescôço, ao pé das arótidas, entre a trachêa e a veia jugular, com uma mécha ou feixe de cêrdas mais ou menos profundamente encravadas, originando corrimento, inflammação e ás vêzes gangrêna».

O nome é evidentemente tirado de *seda*, ou de *cerda*.

Quanto à diferente escrita das sílabas finais de *trachêa* e de *veia*, não a sei explicar.

segar, séga; sêga

Significa «ceifar», sendo porém de orijem latina, secare, «cortar», ao passo que *ceifar* procede de *ceifa*, palavra derivada do árabe ṣaif, «estio»: cf. o inglês *harvest*, «colheita» e «outono», alemão *herbst*, «outono», mas cujo radical *harp* corresponde ao latim carpo, «colhêr».

Dêste verbo se deriva o nome verbal *sega*, com *e* aberto, diferente de *sêga* { lat. sīca «faca» (?): cf. o italiano *sega*, «serra»:—«Uma espécie de faca que desce ao nivel da ponta da relha, a qual se chama *sega*»—[1]. O étimo sīca é muito duvidoso, por ser longo o *i*. Em Caminha *segar* significa «cortar», em geral.

De *segar* provém *segador*, sinónimo de *ceifeiro*, e de *sêga*, *segão*, que é aumentativo:—«Quando o *segão* rasga a terra»—[2].

segóvia

Como termo de calão, quere dizer «salada».

---

[1] F. Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, *in* Portugalia, I, p. 408.

[2] O ECONOMISTA, de 15 de outubro de 1887.

seixa

O Nôvo Diccionário dá-nos dois vocábulos diferentes com esta forma: 1.º — «representação de um adem, nos brasões dos Seixas; parte das capas do livro que sobresái ás folhas — 2.º variedade de caranguejo de casco amarello e azulado» —, e no primeiro remete-nos para *seixo*, sem nos dizer porquê, ou para quê. No Suplemento acrescenta terceiro vocábulo, com a mesma forma, a que dá por significado — «pequeno antílope africano» —. Neste ultimo sentido a palavra é muito conhecida.

À primeira acepção temos de acrescentar a de «pombo-bravo», no Alentejo.

sejana

O Nôvo Diccionário, que inseriu êste vocábulo, não lhe marca acentuação gráfica, pelo quê se deve entender que o considera parocsítono.

É fora de duvida, me parece, que é esdrúxulo, *séjana*, se se tiver em atenção que em árabe é sign. Significa «prisão, cadeia, calabouço destinado aos cristãos cativos dos mouros, como vemos no Glossário de Dozy & Engelmann. Eis aqui uma abonação do termo em português: — «Estando na sejana presos... estes fidalgos» —[1].

Aparece-nos escrito com *s*, e não *c*, inicial, porque o vocábulo é dos de segunda importação: veja-se **febra.**

selvela

É o nome que o Pedro Gaspar Afonso dá a uma, entre outras frutas das Antilhas, que menciona e descreve na sua «Relação

[1] Jerónimo de Mendoça, Jornada de África, I, cap. 8.

da viagem e sucesso da nao Sam Francisco»: — «Selvelas respondem ás nossas ameixas» —[1].

É natural que o nome procede de *selva*.

sembrante

Forma mais antiga que a moderna *semblante*, e mais conforme com a fonolojia portuguesa.

semila, semilha

Na ilha da Madeira é êste o nome que, como em parte da Espanha *(semilla)*, dão à batata: — «Um correspondente de Boaventura escreve que está sendo abundante a colheita da semilha (batata)» —[2].

O nome parece ter ido para lá de Espanha, sendo a primeira forma tirada da escrita, e a segunda da pronúncia.

sencelo, sincelo; senceno, sinceno

As duas primeiras formas pronunciam-se com *e* aberto, as duas últimas com *e* fechado.

O Nôvo Diccionário dá a última como trasmontana. As formas em *-lo* são beirãs: — «O *senceno* (neblina)... descendo sôbre a terra parecia o mar que a invadia» —[3].

Como a definição, dada no dito dicionário, de *sincelo* é «caramelo suspenso das árvores *ou* dos beiraes dos telhados», vê-se que há diferença de significado entre *sincelo* e *senceno*.

---

[1] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol, xlv, p. 50.

[2] O Economista, de 5 de agosto de 1891.

[3] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

senho, senha

É a forma portuguesa masculina, correspondente a signum, como *senha* representa o plural signa, tomado como femenino: — «nos disseram ou mostraram o senho de um [fato, *q. v.*], que chegava a vinte mil vacas» —[1].

senhorio

Em Lisboa êste vocábulo significa o dono de prédio urbano, que o arrenda aos inquilinos. Tem, porém outras acepções, além desta e da genérica de «domínio»: — «Ao proprietario da herdade, que não é lavrador, chama-se-lhe *senhorio*» —[2].

— «A maior parte das companhas estão ao serviço de um homem, o *patrão* ou *senhorio*, que é o proprietario dos barcos e de grande parte das redes» —[3].

Sénior

Êste vocábulo latino é hoje muito usado, por importação, em sentido especial, na linguajem da gente dedicada ao que se chama à inglesa *sport*. Como o vocábulo é latino, e além disto as palavras em *r* formam em português, como em latim, o plural em *-res* (cf. *flor*, *flores*), é barbarismo dizer *séniors* em vez de *seniôres*: — «Poule de seniors» —[4]. V. **soror.**

---

[1] P.e Gaspar Afonso, «Relação da viagem e sucesso da nao Sam Francisco», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 47.

[2] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 271.

[3] P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, *ib.*, p. 154.

[4] ESCOLA NACIONAL DE ESGRIMA, Terceiro torneio, 12 de maio de 1900.

separatismo

—«O congresso socialista allemão, embora condemnando o separatismo nacionalista dos socialistas polacos»—[1].

A significação é: a doutrina, ou opinião política, de que os polacos devem constituír nação ou federação por si, apartando-se do domínio das três poténcias a que estão ligados, Rússia, Áustria e Alemanha.

sequeiro

Êste vocábulo significa, como é sabido, «lugar onde se seca», «cultura em lugar sêco», por oposição a *regadio*. Em acepção restrita vemos a palavra empregada no trecho seguinte:—«Manufacturada a loiça [de barro], vae a seccar á sombra, durante oito dias, em prateleiras ou *sequeiros*»—[2].

Como adjectivo é empregado no trecho seguinte:—«Arcos-de-Val-de-Vez, 30... Os milhos das terras *sequeiras* estão magnificos»—[3].

serao, sarau, serão, seroar, seroada

A forma antiga é *serao*, como a lêmos em Rui de Pina: —«nunca por isso deixou de ir à caça e ao monte, e ter seraos e festas»—[4]. Por influéncia do *r* o *e* passou a *a*, como em *para* | *pera* | per ad. A forma *serao* não é portuguesa, mas galega, pois é nesta língua que, conforme os dialectos, alternam

---

[1] O Dia, de 17 de setembro de 1902.

[2] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal, *in* Portugalia, I, p. 77.

[3] O Economista, de 3 de agosto de 1892.

[4] Crónica de El-rei Dom Afonso V, cap. CXI.

...ntanto que *sinal, assinar, ensinar* e
...tados de perto com *sino;* neles não
...mbém o não havia escrito, e por isso

...lomonis, «sinal de Salomão», pro-
...variantes, que se podem ver antes,

...do pelos adros nua,
...panhia nenhua,
...sino samão,
...num coração
...preto, não al —[1].

... que escreve **signo-sa(i)mão**, pronúncia
...lhe dá, e a evolução do segundo termo
...referência popular, diz-nos que êste amu-
...dois triângulos de metal, entrelaçados
—. Podem ser de outras substâncias, e
Também os há de oito pontas, resultado
...eiro triângulo: — «e no bojo [o pote] tem
...*mão* de oito pontas» —[2]. É o que se chama
...*gno duplo.*
... que tem a mesma oríjem, designa um instru-
...mo de *campã (q. v.).* A êste nunca ninguém
...de acrescentar o *g* etimolójico, nem tam pouco
...dos *sineta, sineira, sineiro.* É porque o não re-
...ainda bem!
...o latinidade se usou signum com esta significa-
...peito, lê-se numa autorizada revista [3] o seguinte,

...Vicente, AUTO DAS FADAS.
...galia, I, p. 602.
...BERICHT FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHI-
...I, I.

Collocam-se na extremidade de uma vara... ou amarram-se a qualquer linha de pesca» —[1].

serviço

No fabrico de rendas dá-se êste nome ao «lavor».

servitude, servidão

A primeira forma é neolojismo, em vez de *servidão*, pautado talvez pelo francês *servitude*, mas lejítimo em certo modo, atentas outras idénticas, como *magnitude*, *juventude*, etc.:— «Os mesmos indivíduos livres, habitantes d'uma terra alheia, que podiam cahir em servitude por *insolvabilidade* — »[2].

Não é muito feliz idea esta de formar adjectivos em *-ável*, de verbos da 2.ª e 3.ª conjugações, que os pedem em *-ível*: cf. *temível*, e não *temavel*, de *temer*. Com efeito, *solvabilidade* pressupõe *solvável*, que não pode derivar-se de *solver*.

séssil, sésseis

A Gazeta das Aldeias emprega um plural fictício dêste adjectivo:— «pequenas espigas sessis, constituídas por diminutas flôres brancas» —[3].

Sendo o singular *séssil*, do latim sessĭle ¦ sessum, e portanto adjectivo formado dêste participio de sedeo, mediante o suficso -ĭle, e não -ĭle, é claro que o plural é *sésseis*, como o

---

[1] Portugalia, I, p. 382.

[2] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, in Portugalia, I, p. 557.

[3] Gazeta das Aldeias, de 27 de agosto de 1905.

de *dúctil* é *dúcteis*. Foi a pronúncia dêste vocábulo em francês, em que se acentuam as últimas sílabas, que enganou quem aquele êrro escreveu. A prosódia dada nos dicionários é *séssil*, e pode-se ver no mais moderno, o Nôvo Dicc. cuja acentuação é seguida rigorosamente naquela meritória publicação periódica.

shevet, xebet, xebat

O Nôvo Diccionário incluiu êste vocábulo, que define —«quinto mês do anno civil dos hebreus»—.

Ignoro se alguém escreveu em português o nome com estas letras. Nas Lições elementares de Geographia e Chronologia, usadas no reinado de D. Miguel, no Real Coléjio das artes da Universidade de Coimbra, a forma escrita, com as letras hebraicas a par, mas sem a vocalização massorética, é à alemã *schebat*[1] [xebat], e só os judeus alemães lêem êste nome *xevet*, proferindo o b post-vocálico como *v*. Assim, a escrita portuguesa deve ser *xebet*, ou melhor *xebat*.

shilling, xelim

É o nome de uma moeda inglesa, vijésima parte da libra esterlina, e a que também se poderia chamar *sôldo-de-prata*; vale 225 réis, ao par. A forma portuguesa é *xelim*, já rejistada por Bluteau, que atribui a orijem do nome a um prusso, Bernardo Schilling, de que proviria o nome alemão *schilling*.

A etimolojia averiguada porém deriva êste substantivo de um verbo, *skilja*, «repartir», porque os xelins se podiam fraccionar em quatro partes iguaes, por uns entalhes gravados.

---

[1] Páj. 84.

siame

Natural do reino de Siame, ou Sião, na Indo-China:— mãe siame e o pai malavar» —[1].

sidra

Os espanhóis chamam *sidra* ao «vinho de maçã», qu franceses denominam *cidre* | *sisdre,* mal escrito com *c,* que provém do latim sicéra, em grego SÍKERA, que era bulo hebraico, e designava uma bebida que embriagava, não era vinho.

Os vascongados chamam-lhe, como nós, «vinho de ma *sagardo* | *sagar* «maçã» e *ardó* «vinho». Em português ch -se-lhe às vezes, modernamente, *cidra,* escrito à francesa; deve ter-se em atenção que nada tem que ver com *c* «fruta», que é uma forma femenina feita pelo plural l citra, de citrum, tomado, como outros muitos por fem singular, atenta a coincidencia das formas. *V.* sôbre a identi dos subst. femeninos gregos e latinos em *-a,* e os plurais ne da mesma terminação, Henrique Sweet, HISTORY OF LANGU Londres, 1900, páj. 59.

sigureza

É popular em todo o reino êste substantivo (por *segu* derivado de *seguro,* no sentido de «penhor, caução», e em gança quere dizer «onzena».

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 288.

silfo

O Nôvo Diccionário diz-nos que a palavra, que escreve *sylpho*, é gaulesa. Ora, como de gaulês, ou gálio, língua céltica falada nas Gálias no tempo da conquista romana, pouco ou nada sabemos, podemos sem hesitação repudiar êsse étimo ficticio.

Annandale diz-nos que o vocábulo foi inventado, no XVI século, por Paracelso, que lhe deu aquela forma helenizada [1]. Quere dizer «génio do ar», entidade mítica.

síliqua

Esta palavra é um completo latinismo, silíqua, trissílabo com a penúltima breve, e conseguintemente acentuado na antepenúltima. É pois errada a acentuação marcada no trecho seguinte:—«se transformam em silíquas arredondadas e velludosas»—[2].

Há aqui dois êrros, um de facto, e o outro de aplicação de método. Como disse, e todos os dicionários dizem, o acento é na sílaba *sí-*, e êste é o de facto; a palavra é trissilábica, porque *qua* não póde formar mais que uma sílaba, tanto em latim, como em português, e por isto, se a pronúncia fosse *silíqua*, que não é, conforme o sistema de acentuação do Nôvo Diccionário, seguido nesta excelente publicação, não deveria o vocábulo ser acentuado gráficamente. Êste é o êrro de método.

símel

Forma, hoje desusada, do latim simile, «semelhante»: —«de *similis* simel»—[3].

---

[1] A Concise English Dictionary, Londres, 1896.

[2] Gazeta das Aldeias, de 15 de agosto de 1905.

[3] Duarte Núnez de Leão, Origem da lingoa portuguesa, cap. VII.

simonte: v. em **tabaco**

sinjelo, sengo

Êste adjectivo é derivado do latim *singellum* ¦ singulum, singuli, «cada um de per si», de que procedeu *sengos,* já antiquado, no sentido de «cada um com seu»: cf. *anel* ¦ annellum, a par de annulum ¦ annum, [1] «aro, círculo».

Na língua antiga quis dizer o que hoje se expressa com a palavra *solteiro* ¦ solitarium:

—¿Pois agora estou singela,
Que leĭ me daĭs vós, senhora?—[2].

—Prouvesse a Deus: que já é razão
De eu não estar tam singela—.

—¿Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?—[3].

No mesmo sentido se usa em inglês o adjectivo *single,* que tem a mesma orijem, o singulum latino.

sino, sina, sinal, sinaleiro, assinalar; sinete; signo, etc.

Sino é forma popular, evolutiva do latim signum. que por artifício deu à língua moderna o latinismo *signo,* com o qual se relacionam os verbos *consignar, designar, persignar,* com os seus derivados, e *insigne, insignia,* etc., todos vocábulos afins,

---

[1] Miguel Bréal e Anatólio Bailly, DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE LATIN, Paris, 1885, p. 13 e 349.

[2] [3] Gil Vicente, AUTO DA ÍNDIA, FARSA DE INÊS PEREIRA.

em que o *g* se profere; emtanto que *sinal, assinar, ensinar* e seus derivados são aparentados de perto com *sino;* neles não há *g* proferido, e antes também o não havia escrito, e por isso o suprimi.

Do latim signum Salomonis, «sinal de Salomão», procede *sino-sàmão* e suas variantes, que se podem ver antes, em **sanselimão:**

—Quando pelos adros nua,
Sem companhia nenhua,
Senão um sino samão,
Metido num coração
De gato preto, não al—[1].

O Nôvo Diccionário, que escreve **signo-sa(i)mão,** pronúncia que ninguém do povo lhe dá, e a evolução do segundo termo está a demonstrar a interferéncia popular, diz-nos que êste amuleto é formado por—«dois triângulos de metal, entrelaçados em forma de estrêla»—. Podem ser de outras substáncias, e eu tenho um de osso. Também os há de oito pontas, resultado do cruzamento de terceiro triángulo:—«e no bojo [o pote] tem em relêvo um *sino-samão* de oito pontas»—[2]. É o que se chama técnicamente *pentágono duplo.*

A palavra *sino,* que tem a mesma oríjem, designa um instrumento, e é sinónimo de *campã (q. v.).* A êste nunca ninguém teve a veleidade de acrescentar o *g* etimolójico, nem tam pouco aos seus derivados *sineta, sineira, sineiro.* É porque o não reconheceram, e ainda bem!

Já na baixa latinidade se usou signum com esta significação. A tal respeito, lê-se numa autorizada revista [3] o seguinte,

---

[1] Gil Vicente, Auto das Fadas.

[2] Portugalia, I, p. 602.

[3] Jahresbericht für die Fortschritte der romanischen Philologie, VI, I.

que dou aqui traduzido: — «Wölfin adverte-nos que na antiga oração que se rezava quando se benziam os sinos, se empregavam promiscuamente as palavras campana, signum, tintinnabulum e uasculum» —.

De *sino* neste sentido derivam-se *sineiro,* «o indivíduo que que o toca», e *sineira,* a «abertura, nas tôrres, ou *campanários* onde estão os sinos»: — «Os ladrões entraram pelas sineiras da torre» —[1].

Na Índia portuguesa chama-se *sineiro* ao campanário: — «Grande dia é hoje em Goa... Illuminaram-se hoje os sineiros de todas as egrejas e capellas do Estado, e as fachadas de varias casas particulares» —[2].

As acepções de *sinal* são muitas e podem ver-se nos melhores dicionários da língua. Aqui dou uma, que suponho não estar neles rejistada: — «o desenvolvimento até este termo do conjuncto (cadilha) de fios da espadilha tem o nome de *signal*» —[3]. Refere-se à teia no tear.

Dêste vocábulo, no sentido de «aviso visível» se derivou o termo *sinaleiro,* que denota o indivíduo incumbido por ofício de fazer sinais: — «ficando a companhia exploradora [dos carris de ferro em Lisboa] obrigada a ter... quatro sinaleiros» —[4].

Com a palavra *sinal* estão em relação o verbo *assinalar,* cujo particípio passivo, adjectivado com a significação de «notável, insigne», figura no primeiro verso do poema Os Lusíadas:

— As armas e os barões assinalados —.

Sinete, «carimbo», é o francês *signet,* cuja antiga pronúncia

---

[1] O Economista, de 10 de novembro de 1894.
[2] *Idem,* de 1 de janeiro de 1891.
[3] Portugalia, I, p. 374.
[4] O Seculo, de 2 de março de 1905.

era *sinet*, e não *sinhê*,[1] como actualmente, e que não é mais que uma forma deminutiva de signum.

Sino-de-correr se denominava o sino que dava o toque de recolher, a que os franceses chamaram *couvre-feu*, porque a êsse toque se devia tapar o lume em todas as casas, para acautelar incêndios.

Há outro vocábulo *sino*, independente dêste, e que é o latim sinus, «regaço», e «golfo». Dêle proveio o português *seio*, antigamente *seo*, e *enseada*, que é sinonimo e designa a reintrância da costa, entre dois cabos ou pontas de terra. Assim, dizia-se por exemplo o *Sino Ganjético*, como pode ver-se no Suplemento ao Vocabulário português-latino de Bluteau, que se abona com Diogo do Couto. O Nôvo Diccionário traz esta acepção autorisada com o Esmeraldo de situ orbis, de Duarte Pacheco. Veja-se, desta interessante obra, a primorosa edição feita por Epifânio Diaz no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 21.ª e 22.ª séries, anos de 1903 e 1904, que termina por um Glossário.

sinceiro

Êste sinónimo de *salgueiro* tem, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a mesma orijem remota, o latim salice: *sinceiro* ⟨ *seiceiro* ⟨ *seice* ⟨ salice[2], como *salgueiro* ⟨ *salicarium* ⟨ salice.

singalês, singala, cingala, cingalá

E o natural da ilha de *Ceilão*, pelo quê se deve escrever com *c* e não *s* inicial.

---

[1] H. Michaëlis e P. Passy, Dictionnaire phonétique de la langue française, Berlim, 1897, p. 254 e 255.

[2] Revista Lusitana, III, p. 185.

Manuel de Melo [1] dá as seguintes formas sinónimas: *chingalês, chingulês, cingalês, singhalês, singhala, sinhala, sinhalea,* e não são todas. A preferível é *cingala* ou *chingala,* tanto para a língua, como para quem a fala vernáculamente; sendo a primeira forma a mais próssima do nome Ceilão (SĪHALA), e a segunda a que usou João de Barros.

sintó, sintoísmo, xintó, xintoísmo

O NÔVO DICCIONÁRIO dá êste vocábulo, que designa a antiga relijião do império do Japão, como sendo em japonês *sinton.* É êrro tipográfico por *sintau,* pronunciado, conforme os dialectos, *sintóo* ou *xintóo,* que quere dizer «relijião verdadeira», de *sin* ou *xin,* «fé, verdade», e *tau* «adoração». Consiste no culto rendido aos antepassados heroicos, e a Deus, *Kûmi* [2]. É a relijião mais antiga no Japão; mas a dominante é o budismo, com várias seitas, e assim era no tempo em que maiores relações tivemos com êsse império, nos séculos XVI e XVII. Outras relijiões asiáticas teem lá sectários, como o confucionismo e o menciismo, dos nomes dos filósofos chineses Confúcio e Méncio. O catolicismo, que ali floreceu, mercê da propaganda iniciada por Sam Francisco Xavier e continuada por outros jesuítas, e ainda pelos franciscanos, desapareceu com as perseguições do século XVII.

sirguilha

—«A amostra pertence a riscas especialmente chamadas *sirguilhas*»—[3].

É termo de Viana e arredores.

---

[1] DA GLOTTICA EM PORTUGAL, Rio-de-Janeiro, 1872, p. 23 e 24, nota.

[2] *V.* J. C. Hepburn, ENGLISH-JAPANESE AND JAPANESE-ENGLISH DICTIONARY, *sub v.* **Shinto**, e A. Seidel, PRAKTISCHE GRAMMATIK DER JAPANISCHEN SPRACHE, p. 171.

[3] Portugalia, I, p. 377.

sissó, xissó

O Dicionário Concani-português de Monsenhor Dalgado traz dois vocábulos muito semelhantes, ambos nomes de árvores: xixo, «palmeirinha», e xiso, Dalbergia. Como o x em concani se profere como *s*, o meio de os distinguir em português é escrever o primeiro *xissó*, ou *xiçó*, e o segundo, *sissó*, ou *ciçó*. O Nôvo Diccionário aponta *sinço*, como—«árvore da Índia portuguêsa»—. É forçosamente engano, visto que xiso quere dizer «frasco».

skiachromia, (es)ciacromia

Esta palavra arrevesada com um *k* no meio, porque em grego skía quere dizer «sombra», deve ser reduzida ao aspecto de todos os outros vocábulos portugueses em que figura êste vocábulo, como são *áscios, periscios*, etc., e portanto cumpre escrevê-la e lê-la *esciacromia*, ou *ciacromia*:—«outras [estampas] são feitas pelo novo processo da skiachromia, privilegiado pela patente n.º 2:464»—[1].

smala, zámala

O Nôvo Diccionário inseriu a primeira destas formas, que definiu:—«conjuncto de tendas de guerra que os chefes árabes transportam comsigo, para uso próprio e do seu séquito»—.

Não existe semelhante vocábulo em árabe.

Em Arjel o que se lhe chama é *zemala;* mas a verdadeira forma é *zámala* (zamale), que quere dizer «casa», compreendendo móveis e família. A forma zamile com o competente artigo al, deu em português *azêmola*, e em castelhano *acémila*,

[1] O Seculo, de 10 de dezembro de 1898.

«bêsta de carga», já mencionados por Marcelo Devic [1], e *azemel*, (AL-ZAMAL) que não mencionou.

Proveem todos do radical ZAMAL, «carregar às costas, no lombo».

sobernal, sobornal

Rufino José Cuervo, no seu interessantissimo livro, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO [2], refere-se a êste vocábulo, tanto em castelhano, como em português, que falta nos respectivos dicionários, e cuja significação corresponde ao que em francês se diz *surmenage, surcharge,* que modernamente se arremeda cá, aportuguesando-se em *sobrecarga*. Diz-nos o douto hispanista:

—«Sobernal parece la forma originaria, que representaría en latin *supernalis;* su antigüedad la comprueba el Comendador Griego, que entre los refranes trae: «A carga bem se leva o sobernal causa á *[sic, aliás,* a] queda.—El Portugues:

[1] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876, *sub v.* SMALA, ZMALA.

[2] Bogotá, 1881, p. 508. O Comendador Grego é o célebre humanista espanhol do XVI século, colector de adájios e rifões, lente da universidade de Salamanca, a respeito de quem se lerão com muito proveito os dois estudos publicados nos volumes X e XI da REVUE HISPANIQUE, «*Le Commandeur grec a-t-il commenté le Laberinto*», de R. Foulché Delbosc, e «*Le Commentateur du Laberinto*» [*de Fortuna*, de João de Mena, espécie de *rifacimento* da Divina Comédia de Dante], de Paulo Groussac. O nome do afamado latinista, helenista, hebraísta, colaborador da Bíblia Poliglota, publicada de 1514 a 1517 por ordem do Cardeal Ximénez, e comentador também de Plínio, Séneca, etc., era Fernám Nuñez de Valhadolid, cognominado *Pinciano*, e que o segundo escritor citado provou não ter tido jamais comenda alguma, pois foi Comentador, e não, Comendador, mas sim cavaleiro da ordem de Sant'Iago:—«La deuxième édition du commentaire (Grenade 1505) porte cette suscription curieuse: Acábanse las trezientas ¡del famoso poeta Juan de Mena: glosadas por Hernand Nuñez de Toledo, *cavallero* de la orden de Santiago: y emendadas en esta segunda ympresion por el mismo COMENDADOR...»—: (p. 167).

carga bien se lleva, el sobernal es la causa de parar el que la lleva». Siendo así, *sobornal* seria un ejemplo de asimilacion» —.

O Comendador não entendeu a palavra *queda* do adájio português, e fêz-lhe uma paráfrase, guiado pela homofonia de *queda*, «fica», em castelhano. O vocábulo *sobernal* é muito expressivo, e fôra conveniente ressuscitá-lo em uma e outra língua. O seu étimo certo, o adjectivo latino *supernale*, aduzido por Cuervo, é um derivado de supernus ¦ super, com a significação de «excessivo». Acêrca de supernus e superne, veja-se o Dicionário etimolójico latino de Miguel Bréal e Anatólio Bailly [1].

sobeu, assobear

Em Trás-os-Montes dá-se êste nome a uma correia forte, com a qual se prende a cabeçalha do carro ao jugo dos bois, dizendo-se *assobear o carro*, por prendê-lo desta maneira. *Assobear* deriva-se de *sobeu*, como *brear* de *breu*, com perda do *u*, subjuntiva do ditongo. Cumpre não confundir *assobear*, com *assobiar*, *assoviar* ¦ *ad sibilare*.

sobiote

É uma abreviatura de *assobiote*, deminutivo de *assobio*:— «apito de metal ou de madeira» —[2].

sobrado

—«Com pateo murado, ou sem elle, uns ao rez do chão, outros com sobrados, reunem em geral alojo sufficiente para uma lavoira mediana» —[3] [os montes de 3.ª classe, pois há cinco].

---

[1] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE LATIN, Paris, 1885, *sub voc.* super e post.

[2] Trindade Coelho, ABC DO POVO, p. 5.

[3] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 356.

O vocábulo deve de provir, como opina o Nôvo Diccionario, de superatum | superare | super, «sôbre».

sobresser, sobressimento, sobrestar

O primeiro, evidente composto da preposição *sôbre* e do verbo *ser*, e pelo qual hoje se diz *sobrestar*, não se conjugava como o simples *ser*, visto que o seu pretérito era *sobresseve*, no indicativo, *sobressevesse*, no subjuntivo, pautados por *esteve*, *estevesse*, havendo um substantivo verbal *sobressimento*, de que o simples carece. Destas três formas encontramos exemplos em Rui de Pina: — «e pediram após isso uma hora de sobresimento para haverem seu acôrdo — a grande pressa mandou adiante o Chichorro com vinte ginetes, para que o Infante sobresevesse em sua partida — onde tambem por receios e dificuldades, que recreciam maiores, sobreseve alguns dias» — [1].

O infinito encontra-se no mesmo cronista: — «mas que deveis sobreser até as côrtes que serão logo» — [2]. Nele vemos igualmente o verbo *sobrestar* no mesmo sentido, e no mesmo capítulo em que empregou *sobresimento*: — «El-rei foi conselhado que sobrestevesse e leixasse por então a guerra» — [3].

sobressi

Êste substantivo, formado de uma locução adverbial *sôbre si*, pronome reflecso, foi empregado por António Francisco Cardim no sentido de «vijiláncia, supremacia», como se depreende do trecho seguinte, único em que o tenho encontrado: — «Não tinha o Padre mais que desejar, seguro já com taes penhores da von-

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. cxxxviii, clii e clxxi.
[2] *ib.*, cap. cxv.
[3] *ib.*, cap. cxxxviii.

ade de el-rei, que tanto se declarou, e do vice-rei, que foi o principal autor, para que el-rei tanto se declarasse. Tomou o pare posse do sítio da cidade, porém voltou para a aldeia, para poder lá sem sobresi prègar a lei do Senhor dos ceos, e dar princípio ao ministerio apostolico, apesar da idolatria» — [1].

De propósito fiz a citação bastante longa, para mais fácilmente se poder deduzir a significação dêste vocábulo, que em mais nenhum escritor, que eu saiba, figura como substantivo. que existe e é corrente é a locução *sôbre si*, por exemplo na frase: «êle já não está com a família, vive sôbre si», isto é, independente, em casa própria, não está ao mando de ninguém. Portanto *sem sobressi* equivale a «sem ter quem o mande».

sochão

Termo do Minho: — «Approximando-nos dos tempos actuaes, encontramos mesmo no Alto Minho casas terreas cavadas no monte, e lá chamadas *barracas de suchão* (sub-chão), que servem para recolher os gados, e tambem para tabernas, como eu vi uma» — [2].

Visto que a forma portuguesa da preposição *sub* é *sô*, e não *su*, entendo que o vocábulo, formado já em português, se deve escrever com *o* na primeira sílaba.

Cf. *soterrar*, que se não escreve *suterrar*.

socheio

Eis o que a respeito dêste termo transmontano nos diz Júlio Moreira: — «costuma abrir-se no fundo da valla... uma escava do lado da terra não movida, para que esta, por lhe faltar o

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 277.
[2] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 20.

apoio da base, a um forte impulso de ferros caia facilmente para a valla. É essa escava que se chama *sucheio* ou *socheio*» —[1].

soco

Êste vocábulo, com *o* aberto, *sóco*, diferente de *sôco*, com *o* fechado, «murro», apresenta-se-nos em duas acepções no Nôvo Diccionário: como interjeição de reprovação, e como substantivo designando várias espécies de calçado: dêle se derivam outras subsidiárias, como «sopedáneo», «base quadrangular de um pedestal», etc. No mesmo dicionário põe-se em dúvida a etimolojia latina soccum, em atenção a que em castelhano se escreve *zueco* [antigo *çueco*] o nome que significa «tamanco», correspondente à segunda acepção apontada do vocábulo *soco* em português, que o mesmo dicionário declara dever escrever-se *çoco*. Conquanto a objecção não seja incontrastável, pois em castelhano temos por exemplo *zozobrar*, antigo, *çoçobrar*, que assim se escrevia também em português, e cujo étimo parece ser sub-superare; entendo que nas formas *soco* e *çoco*, estão compreendidos vários vocábulos de orijens independentes, e que, pondo de parte os seus étimos, provados, prováveis, ou incertos, devem por emquanto constituír inscrições separadas, como vou indicar, acompanhando-os de algarismos.

1. *soco:* do latim soccum: calçado que usavam os gregos e que, diferençado do *coturno*, que era próprio dos actores que representavam trajédia, servia aos que representavam comédia ou farsa; por extensão, comédia, assunto de pequena gravidade:

> —Matéria é de Coturno e não de Soco,
> E que a ninfa aprendeu no imenso lago,
> Qual Íopas não soube, ou Demodoco,
> Entre os Feaces um, outro em Cartago —[2].

---

[1] Vocabulos transmontanos, *in* «Revista Lusitana», ix, p. 128.
[2] Os Lusíadas, x, 8.

Peanha; base quadrangular do pedestal.

2. *soco!* (brasileirismo): interjeição de reprovação.

3. *çoco:* tamanco; pé de porco, em Trás-os-Montes.

Como o apontamento que tenho sôbre esta última acepção me foi ministrado por escrito, e eu não ouvi ainda proferir o vocábulo a nenhum trasmontano que diference nítidamente o *ç* do *s*, reuni em dúvida, subordinados ao número 3, dois vocábulos que talvez sejam distintos, havendo portanto três palavras com a inicial *s*, e uma só com a inicial *ç*, correspondente ao castelhano *zueco*.

sôco, çouco

Êste vocábulo, não rejistado nos dicionários portugueses com o significado especial que vou apontar-lhe, é outra forma da palavra *açougue (q. v.)*, mais moderna que esta, e que, em autor português, se bem que não muito castiço, apenas encontrei no seguinte passo da NOVA DESCRIÇÃO DA CIDADE DE ARGEL, de Bernardo Gómez de Brito, ano de 1627:—«As ruas todas da cidade, sendo duas horas de noite se fecham, porque cada uma tem duas portas... salvo a rua grande do soco, ou dos mercadores e officiaes»—[1].

Resta saber se o autor escreveu *soco*, ou *çoco*, à castelhana, o que não admira, pois abundam os castelhanismos na sua linguajem, ou *çouco*, à portuguesa.

O que se vê é que não reconheceu a identidade dos dois vocábulos *soco* e *açougue*, que tem a mais o artigo AL com o *l* assimilado à consoante apical seguinte (*V.* **enxoval**), visto que mais adeante escreveu:—«O renegado botaram no gancho, o qual está pôsto na porta da cidade que vai para a marinha [praia] e é da feição de uma escápola de açougue, em que penduram a carne, mas muito maior»—[2].

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVII, p. 54.

[2] *ib.*, p. 92. *V.* ainda Bluteau, VOC. *s. v.* soco.

soenga

Forno para louça, cuja descripção consta do passo seguinte — «Seguidamente toda [a louça] reunida (Baião) n'uma depres são de terreno e invertida, amontôa-se com a lenha e ahi coser em uma hora ou pouco mais. Volvido este curto espaço de temp amortece-se a fogueira com terriço e abandona-se uma noite loiçaria no rescaldo.

Nos logares de Gondar a cova tem, proximamente, tres metr de diametro e chama-se a *soenga*. É em volta que se dispõe as vasilhas, primeiro com as boccas para fora, depois, e já be seccas, para o interior da depressão. A principio a lenha arde centro; depois, transportada para a peripheria, é que a loiça v para o meio e já com as aberturas para baixo» —[1].

sofeno

É no Algarve o nome de qualidade fina de figo. Como co jectura, suponho que o nome lhe veio da locução *só fino*, p «excelente». Para confirmar, ou invalidar, êste étimo resta sab se em alguma parte do Algarve *fino* se profere *feno*, e se o de *sofeno* se profere *o* ou *u*, e o *e*, *é* ou *ê*.

sofi: v. **sufi**

sofra *(=sôfra)*

Êste vocábulo, que não figura nos dicionários portugues foi empregado uma vez só, e por um único autor, ao que parec

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEI EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 76.

Na «Memoravel relação da perda da nao Conceição»[1], de João Carvalho Mascarenhas (1627), lê-se: — «vindo o seu patrão ao jardim, achou no meio da casa o seu escravo degolado, e a mulher da mesma maneira, junto delle, e uma sofra, ou mesa, posta com pão, vinho e peixe frito» —. Refere-se o autor a Arjel, que é onde se passa a cena que descreve. Cumpre ter em atenção que a linguajem de Carvalho Mascarenhas está eivada de espanholismos, como *patrona* por «patroa», *palos* por «pancadas», etc.

Procurando-se no Dicionário árabe-francês de Augusto Cherbonneau, encontra-se o vocábulo SUFRE, com a definição — «pièce de cuir pliée en forme de sac pour contenir les provisions de voyage, et que l'on étend en guise de nappe pour le repas» —[2].

É o que em português se chama *farnel,* alteração de *fardel,* ou, como entende J. Leite de Vasconcelos, do latim farinarium.

O P.e Belot, no seu Vocabulário árabe-francês, diz-nos ser SUFRE — «cuir ou nappe sur laquelle on met les plats, pour un repas» —.

Nenhuma destas definições se casa bem com a significação que muito explícitamente Carvalho Mascarenhas atribui à palavra, e que deve de ser exacta. Com efeito, no Vocabulário de Barthélemy [3] vemos que no Ejipto a palavra SUFRE, que êle transcreve por *çùffra,* é o nome que se dá ali à mesa baixa, denominada ejípcia, que vem a ser um mocho em que se coloca um tabuleiro grande, que serve de mesa para a pessoa comer, encruzada no chão; e na Guia de conversação turca de Heintze [4] SUFRE, transcrito *szofra,* isto é, *sofrá,* pelo autor, quere também dizer «mesa» *(tisch).*

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVII, p. 103.

[2] DICTIONNAIRE ARABE-FRANÇAIS, Paris, 1876, I, p. 460, col. I.

[3] VOCABULAIRE PHRASÉOLOGIQUE ARABE-FRANÇAIS, Lípsia, 1867, p. 112.

[4] TÜRKISCHER SPRACHFÜHRER, Lípsia, 1882, p. 254, col. II.

Com relação à pronúncia do vocábulo, é de presumir que *sofrá* seja a forma exclusivamente turca, em harmonia com a acentuação vocabular preferida nessa língua; e que os mouros, pelo contrário, a profiram *súfra*, ou *sôfra*, que é o que a escrita de Mascarenhas parece indicar, e não *sófra*, atento o *u* das outras escritas.

soldada, assoldadar

— «A generosidade do monarcha dá-lhes os meios de subsistencia em doações simples, sem obrigação de serviço militar, e por isso os *assoldada* durante a guerra; d'ahi procedeu o costume privativo nosso das *soldadas*, depois *quantias*» —[1].

soldão, sultão; Sudão

A forma mais antiga que o título arábico SULṬAN, «*sultão*» teve em português é *soldão*. Nem se pode considerar incorrecção, visto que Ricardo Lépsio sustentou que a pronúncia lejítima da 16.ª letra do alfabeto arábico é *ḍ* e não *ṭ* [2].

Cumpre não confundir *soldão* com *Sudão* que talvez viesse para cá da forma francêsa *Soudan*, que em árabe (SUDAN) significa «pretos», denominação de que proveio a latina *Nigrícia*, sinónima daquela.

É um êrro indisculpável chamar **Soldão** ao *Sudão* ou *Nigrícia*, pois nem em árabe, nem em francês, donde tomaríamos o nome, figura semelhante *l*.

---

[1] Alberto Sampaio, As «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 578.

[2] STANDARD ALPHABET, Londres-Berlim, 1863, p. 69.

solfado

Denomina-se assim o papel pautado à largura da folha em ez de o ser à altura, como é usual.

A denominação provém de as linhas de pauta nos papéis de ıúsica, ou solfa, serem comummente assim dispostas, para êles : folhearem mais fácilmente.

sòlheiro, sòlheira

É contracção de *soalheiro, soalheira.* — « no andar existem ; aposentos de viver, com a escada exterior encostada á fachada ı lateral, sólheira » — [1].

sôlho-rei

É em Caminha o nome que os pescadores dão ao rodovalho.

— « Mandaram hontem... um magnifico esturjão ou esturião, ıais vulgarmente conhecido por sôlho-rei » — [2].

solinho

— « foram intimados os exploradores de 3 pedreiras... a suspender o trabalho de solinho e a explorar a ceu aberto e em degraus » — [3].

Entende-se que seja « trabalho subterráneo ».

---

[1] Rocha Peixoto, Os PALHEIROS DO LITTORAL, *in* Portugalia, I, p. 82.

[2] O SECULO, de 20 de maio de 1900.

[3] O ECONOMISTA, de 2 de agosto de 1892.

solipsismo

Encontrei êste neolojismo no seguinte trecho, do qual omiti nos meus apontamentos a orijem: — «mas o protestantismo é a indifferença, á qual o solipsismo serve de base» —.

Equivale a «egoísmo», de solum e ipse, «só a própria pessoa».

sombreiro

Queria dizer dantes «guarda sol»: — «sombreiro de seda... como pallio» —[1].

¿Em que acepção, porém, é tomado o vocábulo no seguinte trecho? — «versões vagas... transmittidas... de geração em geração, nas conversas em torno das fogueiras, nos colloquios debaixo dos sombreiros» —[2]. Conforme vemos no Boletim da Sociedade de Geografia (24.ª Série, páj. 240), é um rossio assombrado, onde o régulo africano dá audiéncia, abrigado por um tôldo.

sonave, sonavota

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, dá o vocábulo *sonave*, como termo de Fundão, com a significação de «viga». Cumpre acrescentar *sonavota*, «viga menos grossa que a *sonave*».

sopiar

No Suplemento ao Nôvo Diccionário está rejistado o participio *sopiado*, como termo de Melgaço, com a significação de

---

[1] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, p. 155.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, in «Jornal das Colonias», de 9 de julho de 1904.

«baptizado em casa». É termo de ciganos o verbo *sopiar*, que se aplica a um «primeiro baptismo-caseiro». Nada tem portanto que ver com *sopear*, relacionado com *peia*, e deve de provir do substantivo *pia*, «baptistério».

sorna

É palavra do vocabulário da germania: — «Es voz de germania, que denota la *noche*, e quizás más bien de aquí venga su significación, porque de noche hay necesidad de caminar á tientas y despacio, tanto más cuanto que *sornear* es *dormir*; *con sorna* es con sueño, con calma intencionada y maliciosa» —[1].

É natural que a significação que adquiriu o vocábulo, assim nas línguas da Península Hispánica como também na jíria castelhana denominada germania, não seja a primitiva do vocábulo.

O termo parece que é proençal, isto é, provençal antigo, *sorn*, «escuro», *sornura*, «escuridade».

La balma era tant escura
Totas vez e am tal sornura
Que lum de jorn non hi avia,
Si non un pauc entorn mieydia [2].

No provençal moderno o adjectivo, é *sour(n)* [pron. *sur(n)*], *ournuro* [3] o substantivo, ambos com seus derivados.

Em catalão, porém, *sorna*, *sorneria* tem o mesmo significado

---

[1] Fernández Guerra, *apud* Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, LENGUAJE, Madrid, 1896, p. 215.

[2] V. Romania, t. XXXV, p. 349 (*q. v.*). O texto citado, é do XIII século, conforme Paulo Meyer, que dêle publicou ali longos extractos, e é versão do PSEUDO-MATTHAEI EVANGELIUM.

[3] Xavier de Fourvières, LOU PICHOT TRESOR, Avinhão, 1902.

que em português e castelhano; e mesmo na Provença parece que não é geral, com a significação antiga. Em última instância, o étimo parece que é *Saturno,* e teremos portanto aqui um alótropo de *soturno (q. v.).*

sóror, sorores

O Nôvo Diccionário, reprovando com razão o plural *sororz,* propõe *sórores,* apezar de o vocábulo ser latino, e o lermos em latim *soróres.* Nenhuma outra acentuação ou forma de plural do vocábulo *sóror* é admissível senão *soróres,* exactamente como *caractéres* é o plural de *carácter. V.* **sénior.**

sorrolho

Em Trás-os-Montes, «escuridão». Cf. *sorna (q. v.).*

sortelha, sortilha, sortélia

Êste vocábulo, pouco usado no sul, corresponde na forma e no significado ao castelhano *sortija* ‖ *sorticula* [1]. Forma diverjente é *sortilha,* assim como também existe *vencelho,* a par de *vencilho,* de que procede o verbo *desenvencilhar.*

Sortélia é uma forma de latim bárbaro feita pela portuguesa *sortelha:*—«*Sortelia* (de *sors),* latim barbaro, a que corresponde em português *sortelha,* em hespanhol *sortija,* era, primitivamente, um annel de caracter religioso e talismanico»—[2].

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, iv, p. 272.

[2] O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça, *in* «O Archeologo português», v, p. 3.

soruma

—«a terrivel soruma» ou bangue, que é nosso linho canhamo (Cannabis sativa) donde extrahem [os pretos de Angoche] a intoxicante folha para fumar»—[1].

Na África Ocidental Portuguesa chama-se-lhe *liamba*, que é o quimbundo *riamba*, o haxixe *(q. v.)*, numa palavra [2].

Veja-se ainda o DICCIONARIO KIMBÚNDU-PORTUGUEZ, de Joaquim da Mata, *sub voc.* **liamba.**

sossegar, sessegar

A forma antiga é *sessegar* ¦ *sessicare*, freqùentativo de sedo, «apaziguar», participio passado passivo sessum, etimologia proposta por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [3], e hoje definitivamente aceita por todos os romanistas sem excepção. Em castelhano é *sosegar*. Tanto numa como na outra língua hispánica a mudança de *e* em *o* na primeira sílaba é devida á que, sendo a inicial tanto desta, como da segunda, a mesma consoante *s*, para manter-se a integridade do vocábulo foi o *e* mudado em *o* por ser vogal mais sonora. A escrita errónea com *c* foi devida a confusão com a palavra *cego*, ou ao desejo de diferençar gráficamente da inicial da primeira sílaba a da segunda.

sota

—«CASINHA DO ABEGÃO.—Dormitorio e alojo do encarregado da lavoira e do seu immediato substituto—o sota»—[4].

---

[1] BOL. DA SOC. DE GEOGR. DE LISBOA, 24.ª série, p. 257.

[2] Lisboa, 1893.

[3] REVISTA LUSITANA, III, p. 186.

[4] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 544.

souto, soutar

Souto é um «castanheiral», do latim saltum, «selva». De *souto* provém *soutar,* provincialismo trasmontano, que quere dizer «apanhar castanhas» [1].

V. **persoutar.**

sovaqueiro, sobaqueiro

—«Das varias especies de gatunos que aqui temos ennunciado *[sic]*... uma ha conhecida na giria pelo epitheto de *sobaqueiros*... Não se confundem estes gatunos com os de *golpe* ou de *mosco,* ou *quetes,* porque se entregam tão sómente áquelle genero de furtar [fazendas das lojas], provindo-lhes a designação de fugirem sempre com os roubos debaixo do braço» —[2].

suarabácti

É um termo de gramática sanscrítica, que quere dizer o mesmo que anapticse, isto é, vogal intercalar a desunir consoantes, como em *porão* por *prão (q. v.).*

suastica, *swastika, svastica;* sauvástica

A única forma portuguesa, adoptada pelo indianista Guilherme de Vasconcelos Abreu, é a primeira, *suástica; swastika* é inglesada; a terceira é transliteração directa do vocábulo sanscrítico SVASTIKA, que se pronuncia porém, na Europa pelo menos, com *u* e não *v.* Designa êste vocábulo, hoje muito usual em nomenclatura de arqueologia proto-historica ou pre-historica,

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, RESPIGOS CAMONIANOS, p. 48.
[2] O SECULO, de 23 de janeiro de 1902.

a figura que antes se chamava *cruz gamada*, crux gammata, isto é, quatro gamas ou GG gregos, cujo desenho é Γ, encruzados e unidos pelas bases. Às vezes os ângulos são boleados; outras vezes a figura está reflectida, como se fosse em espelho, e toma a disposição de dois ZZ, que se cortam um ao outro; neste último caso denomina-se *sauvástica*. É símbolo relijioso bramánico. O vocábulo tem outras significações, que importam mais ou menos a idea de «encruzamento, encruzilhada» [1]; mas a fundamental é «bom sinal», de SU, «bem» e ASTI, «é», substantivado, «ente» [2]: — «É uma ornamentação pre-historica frequente nos gregos e gaulezes, e que alternando com swastikas, forma especies de grinaldas em alguns vasos funerarios da Etruria» — [3].

Acrescentarei aqui a informação que em carta de 19 de setembro de 1905 me deu o indianista citado. — «Há mais de «vinte anos que me deixei de escrever em nome português *k*, e «escrevo a semivogal labial com *u* em português quando é pre«cedida de consoante, por *v* quando é inicial de sílaba, ex. (dos «dois casos numa só palavra) *suaiánvara*...; escrevo a semi«vogal palatal por *i* em qualquer caso, ex. *Damaianti, Iama, «Súria, Váruna, Vaio, Cuvera, Páruata*... Escrevo *Páruata*, «e não *Párvata*, e escrevi *suaiánvara*, e não, *svayanvara*; «necessáriamente escrevo *suástica*, e não *svastika*. O suástica é «símbolo de felicidade, de saudação, de salvação. Tanto é bra«mánico, como búdico. No tempo de Axoca (III século antes «de Cr.) havia já 4 variedades, pelo menos... O suástica é uma «cruz de ángulos rectos e braços, ou melhor, ramos iguais, termi«nados por uma hastezinha voltada em cada um no mesmo sen«tido da direita para a esquerda, ou da esquerda para a direita, «e em ángulo recto, no extremo de cada ramo. A haste forma

---

[1] Monier Williams, A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Oxónia, 1872, p. 1161, col. III.

[2] *ib.*, p. 107, col. II.

[3] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 248.

«algumas vezes curva com o ramo, e os ramos encurvam-se então «um pouco, e cortam-se pelo meio como dois S S. Estes dese- «nhos chegam a formar curva fechada, assim ∞ 8, a qual tem «o nome de *xrivatsa*.

«Quando o suástica se desenha no princípio do texto, e por «vezes à esquerda da 1.ª linha, as hastes estão no sentido da «esquerda para a direita; quando o suástica está no fim do texto, «a haste à direita do ramo horizontal está voltada para baixo, e «o movimento é da direita para a esquerda.

«O vocábulo *sũasti* é femenino e significa «bem-estar», «fe- «licidade»: *su*, preficso, «bem, bom, fácil, muito»; *asti*, 3.ª «pessoa do presente do singular $\sqrt{as}$, «ser». Como exclamação «é «salve!» — ».

Do *xrivatsa* se derivou talvez, como ornato, a laçada, que se observa na *Pedra formosa* por exemplo, e que ainda hoje, com perímetro circular, e não oval, é motivo muito usual de esculturas e desenhos decorativos, com as quatro pétalas primitivas, ou com mais, e o centro vazio, ou também alindado, a *roseta*, emfim.

suberização

É neolojismo, termo artificialmente formado do latim suber, «sobreiro», e significa a formação da cortiça nesta árvore.— «Os novos sobreiros no princípio concentram o crescimento na parte subterrânea e pouco desenvolvem a parte aérea, formando uma moita pouco alta, e só passados cinco annos, quando a suberização começa a fazêr-se, é que o caule se apruma e mostra vigor em altear-se» —[1].

sucesso

O significado dêste vocábulo em português é «acontecimento», como é de todos sabido. Modernamente alguns escri-

[1] GAZETA DAS ALDEIAS, de 9 de setembro de 1906.

tores afrancesados tem usado do vocábulo com a significação d «bom exito, sucesso afortunado, bom sucesso». Quanto é impró prio este abuso de expressão póde ver-se no seguinte passo d «Tratado das batalhas e successos do galeão Sam Tiago e d nao Chagas», de Melchior Estácio do Amaral:—«achei um certidão de Dom Pedro Manuel, que conta o sucesso desta ba talha, até o galeão ser entregue»—[1]. Ora, é bom saber-se qu o sucesso foi o galeão português ser afundado pelos holandese

súcia, suciata, suciar, súcio

Os dicionários mais modernos trazem já o primeiro e dois últimos dêstes vocábulos; não assim o segundo, ampliaç arbitrária, e com aspecto italianizado, do primeiro dêles, equiv lendo no significado ao italiano *bambocciata*, que passou português com a forma *bambochata*, e alteração de sentido.

Eis aqui abonação daquele:—«andava em sociatas noctu nas por cafés e tabernas»—[2].

sufi, sofi

A forma portuguesa é *sufi*, como a vemos em António Te reiro:—«Antes que o reyno de Ormuz fosse ganhado por El-r Dom Manuel que Deos aja, pagavaõ os reis de Ormuz párias Xeque Ismael ou Sufi, como lhe agora chamaõ»—[3]. A form arábica é ṣufi. A escrita *sofi*, ou pior *sophi*, como se fosse l tim helenizado, proveio talvez da francesa *sophi*, quando século XIX começámos a reformar, ou antes a disfarçar os voc

---

[1] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. VII, p. 41.

[2] Pinto de Carvalho, Historia do Fado, Lisboa, 1903, p. 214.

[3] Itinerario em que se contém como da India veo por terr a estes reynos de Portugal, Lisboa, 1829, cap. I.

bulos portugueses e os nomes orientais por padrões afrancesados, em virtude da mania, confessada, ou não, de que bastava que uma cousa viesse de França para, por isso mesmo, ser melhor que a mesmíssima cousa feita cá. Esta mania, hoje que mais se sabe, vai passando lentamente, mas ainda tem muitos partidários e devotos entre os que desejam aparentar muito saber com pouco trabalho.

sujigola

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, acrescentou êste vocábulo, escrevendo-o **sugigolla**, escrita em que o primeiro *l*, nulo para a pronúncia, é contra a etimolojia, o latim gula, onde não há mais que um *l*. Quanto ao étimo que lhe atribui, é êle inadmissível, pois sub golla não explica a sílaba *ji*. A etimolojia é clara, e da própria definição que o mesmo diccionário dá do vocábulo ela se deduz: — «correia que, fazendo parte da cabeçada, passa por baixo do queijo do animal» —. A forma antiga do verbo que hoje escrevemos e pronunciamos *subjugar* era *sojigar*, e o vocábulo de que se trata é um daqueles compostos, freqüentes nas línguas románicas, de imperativo e substantivo: *sujiga-gola*, «subjuga-gola». Por simplificação perdeu-se a sílaba *-ga-*, por concorrer com a sílaba seguinte *-go-*: cf. *bondoso* por *bondadoso*, de *bondade*, e veja-se **Haplolojia.**

(de) súpito

É estranho êste modo adverbial, visto não existir nem o substantivo nem o adjectivo *súpito* na língua moderna. Existiu porém êsse adjectivo no português antigo: — «mui enganados nas esperanças de súpetos acrecentamentos, que cada um para si maginava» —[1].

[1] Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. lvii.

Vê-se pois que o actual *súpito* teve por antecedente *supeto*, cujo étimo intuitivo é o *subitum* latino. A evolução portuguesa, porém, deve de ser explicada, pois oferece duas singularidades, a manutenção do *t*, e a mudança de *b* em *p*, insólita, visto que a contrária é a que sempre se observa logo que o *p* é medial; e com relação ao *b* latino em tal situação, é sabido que ou permanece nas formas artificiais, ou se converte em *v* nas evolutivas: cf. *habito*, de *hábitum*, com *havido* ¦ *haver* ¦ habēre.

Do latim subĭtum havia pois a esperar, como forma portuguesa, *súvido*, ou quando muito *súbido*, ou mesmo *súbito*, como actualmente. É a forma *súpeto* que nos dá a explicação: desaparecendo o *ĭ* de subitum, o *b* assimilou-se em *p* à consoante surda *t*, com a qual ficou em contacto, resultando a forma *suptum* por *sub'tum*; como porém o grupo *pt* não era, nem é, português, intercalou-se a vogal anaptíctica *e*, pelo que se obteve a forma *súpeto* do cronista, que se desenvolveu em *súpito* para se manter o esdrúxulo, que de outro modo se reduziria a *suto*. Cf. *alfândiga* por *alfândega* com *conto* ¦ compŭtum.

surita

Informam-me que na Beira-Baixa se dá êste nome ao «pombo-bravo». Em galego *suriña* é a «rôla». Qualquer das formas é deminutiva, e pressupõe um primitivo *sura*, de orijem desconhecida, pois o não podemos subordinar ao latim sura, que significa «barriga da perna».

surraipa

O Suplemento ao Nôvo Diccionário insere como inédito êste vocábulo, com a significação de — «sub-solo, constituído por uma camada compacta de terra dura e saibro. Colhido em Oliveira-do-Bairro» —.

Paulo Choffat dá-o como termo próprio da Marinha Grande

e define-o: «variedade de arenito [grès] ferrujinoso, que os franceses denominam *alios*»[1] [pron. *àlióce*].

Vê-se, pois, que o termo é mais geral no reino.

susto

Como termo de jíria quere dizer «pão».

Tabaco, cachimbo, charuto, cigarro, esturro, fumo, rapé, simonte

O uso do tabaco, importado da América para a Europa, provàvelmente das Antilhas, pelos espanhóis, propagou-se pouco a pouco em todo o mundo, mesmo entre os povos mais rebeldes a influências estranhas, como os chins, se é que estes o não conheciam já antes, ou os mais apartados dos centros comerciais e mais desviados de contacto europeu, como os africanos. Com pequenas excepções, que não é meu propósito averiguar aqui, o nome da fôlha preparada, quer para fumar, quer para mascar ou cheirar, é em quási toda a parte o orijinal, trazido para o Velho Mundo com a planta, e modificado, mas pouco sensívelmente, conforme as particularidades fonéticas de cada idioma. Provenha a palavra *tabaco* de uma língua americana, como é natural, ou tenha uma qualquer orijem artificial, o certo é que em Portugal, quando o uso da planta era ainda muito restrito, e o estado em que se aproveitava mais ou menos pulveriforme, servindo principalmente para se tomar pelas ventas, foi ela primeiramente conhecida pelo nome de *herva santa,* denominação que ainda conserva quando em verde, e que lhe não foi dada, em atenção às suas aplicações medicinais, como poderia supor-se, e

[1] JORNAL DE SCIENCIAS MATHEMATICAS PHYSICAS E NATURAES, vol. XXXIX, 1884.

mesmo recentes enciclopedias tem propagado, mas sim, em razão do que se lê no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, do erudito e enjenhoso Bluteau, no artigo TABACO, *in fine*, onde se encontram as seguintes palavras: — «Nas boticas, e livros dos Hervolarios, além dos nomes de que já fizemos menção, tem muitos outros, a saber, *Herba Sanctae Crucis,* porque o Cardeal de Santa Cruz, Nuncio Apostolico em Portugal, foi o primeiro, que mandou desta herva a Roma» —. Esta afirmação contradiz a que no comêço do dito artigo se lê, isto é: — «as suas prodigiosas virtudes [medicinais] lhe grangeàrão o nome de *Herva Santa*» — e que parece menos aceitável que a outra orijem do nome, que dêle copiei, e acima se leu. Transcreverei para aqui o que na «Revista Lusitana» [1] escrevi acêrca de vários nomes que os produtos da fôlha do tabaco teem adquirido em Portugal, conforme o modo por que se utilizam.

«É de notar que algumas das palavras, que se relacionam «com o uso desta planta, teem em português nomes de di«fícil identificação: TABACO, CIGARRO, RAPÉ, SIMONTE, ESTUR«RO, etc.

«As três primeiras parecem vozes americanas, não estando «claramente averiguado a que línguas da América pertencem; «RAPÉ é provàvelmente o francês *râpé,* «raspado com o ra«lador», «ralado», vocábulo que todavia não consta haja sido «em França aplicado ao tabaco moído; ESTURRO tem ares de «provir de ESTURRAR, «queimar»; SIMONTE [2] é um verdadeiro «enigma, com relação à sua orijem, e, como se sabe, designa «uma espécie de tabaco em pó, sêco e meudíssimo, ao contrário «do *rapé,* que é úmido e de grão mais grosso».

Acrescentarei que há ainda o ESTURRINHO, mais pulverizado que o ESTURRO, e que o *rapé,* entre outras especificações, tem as subdivisões em GROSSO, MEIO GROSSO, etc., que são perfeita-

---

[1] VIII, 1903-1904. VOCABULÁRIO MALAIO DERIVADO DO PORTUGUÊS, p. 28.

[2] Nicolau Tolentino escreveu *sumonte*.

mente intelijíveis, e as pitorescas denominações *reserva do mes-tre, amostrinha,* etc.

Em nota disse mais o seguinte:

«O Padre Brasseur de Bourbourg, no seu curioso e interessante livro «Popol Vuh, *le livre sacré et les mythes de l'antiquité américaine* [1], etc.», diz-nos o seguinte sôbre a orijem da palavra *cigarro:*—«*ciq* ou *zig:* C'est le tabac [na língua quiché da América Central], et par extension le cigare, et quelquefois la pipe. *Ziq* signifie aussi parfum, voix, cri lamentable; *zigar,* fumer, parfumer. C'est évidemment l'origine de l'espagnol *cigarro* et de notre *cigare*»—.

«Para português, como para francês e outras línguas europeias, o vocábulo procede do castelhano *cigarro,* «charuto», a que o Dicionário da Academia espanhola dá como orijem o nome comum dum insecto, *cigarra,* étimo ridículo, que Körting [Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, n.º 1865] incautamente perfilhou.

«Na realidade um cigarro [ou um charuto] parece-se tanto com uma cigarra, como um ôvo com um espêto.

«W. W. Skeat [«A concise Etymological Dictionary of the English Language»] dá o vocábulo inglês *cigar* como procedente do castelhano, acrescentando:—«orig[inally] a kind of tobacco from Cuba»—.

«Como o quiché não possui o som *z,* é provável que a verdadeira escrita do vocábulo citado por B. de Bourbourg seja *sig* (isto é, *sig),* e não *zig.* Consultando os cronistas espanhóis do tempo das conquistas, é presumível que encontremos neles notícias que infirmem ou confirmem o étimo do douto Padre, editor e tradutor do Popol Vuh, e americanista de grande autoridade».

Antes dissera, a p. 15, acêrca da palavra *charuto,* o seguinte:—«inglês *sheroot* [pron. *xarúute]:* É palavra támul, e

[1] Paris, 1861, p. 48.

«desta língua a receberam, provávelmente, tanto os malaios com
«os portugueses».

Acrescentarei que para cá talvez viesse por intermédio d
inglês e no século XIX. O Dicionário português francês de Roque
ainda a não traz [1].

Para confirmação dêste meu modo de ver transcreverei o qu
a respeito dêste vocábulo Cándido de Figueiredo escreveu no
DIARIO DE NOTICIAS de 23 de maio último: — «No periódico
ESPREITADOR DO MUNDO NOVO, que se publicava em Lisboa, no
princípio do século findo, e que era redigido por José Danie
Rodrigues da Costa, em o n.º 7, de julho de 1802, a pag. 5
descreve-se um jantar de tufues lisboetas, e diz-se — «... nã
faltando *charotos*, que em Portugal se chamão cigarros»...; f
mando um *charoto* inteiro, ficou de profundis» —.

A forma *charoto* representa a leitura feita da escrita ingle
sheroot, e *charuto* a correcção posterior, resultante de se ou
pronunciar a palavra como os ingleses a dizem.

Pela citação vê-se igualmente que *cigarro* quis dizer primei
charuto, como nas mais línguas europeias.

Ao que fica exposto resta-me adicionar mais algumas palavr
a propósito de *rapé*, e de *cachimbo*, de que ainda não falei.
que, entre as línguas da Europa, só em português é usado, p
quási todas as mais, incluindo a espanhola, empregam, para d
signar êste objecto, vocábulos relacionados com o português *pip*
e outras teem para êle nomes diferentes dêste, e do portugu
cachimbo.

Em abono da minha conjectura, de que seja francês o ter
rapé, encontro no mais recente dicionário enciclopédico fra
cês [2] a seguinte verba que passo a transcrever: — «*Râpe* (d'or
german.; ancien haut allem. *raspôn*, gratter) n. f. Plaque d
métal hérissée d'aspérités, correspondant à de petits trous, av
laquelle on met en poudre grossière diverses substances: m

[1] 1.ª edição, Paris, 1855.

[2] NOUVEAU LAROUSSE ILLUSTRÉ, VII, p. 69, col. I.

RÂPE *à fromage, à muscade.*» — É o nosso ralador, bem conhecido. E em seguimento: — «Râpe à tabac, Râpe plate dont on se servait autrefois pour mettre en poudre du tabac» —. Vem acompanhada esta descrição de uma vinheta, que representa uma dessas raspadeiras, ou raladores do século XVII. Parece portanto que em francês se diria *tabac râpé,* locução da qual se tomaria o adjectivo como substantivo para português, acomodando-o à nossa pronúncia: cf. libré ∣ *livrée,* maré ∣ *marée.*

Quanto ao vocábulo *cachimbo,* é já antigo no sentido em que o empregamos de «tubo e chaminé para fumar», além do de «fémea de gonzo ou leme», cujo étimo é desconhecido, ignorando-se mesmo qual das acepções é a primordial, e até se serão do mesmo vocábulo, ou formas converjentes, homeótropos.

O Dicionário da Academia espanhola traz a forma *cachimba,* com remissão a *cachimbo,* que diz ser voz americana; sem mencionar a que língua das Américas ela pertence; e o DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO HISPANO-AMERICANO [1] define *cachimba* como — «pipa, utensilio de uso común para fumar tabaco de hoja» —, declarando também ser forma americana, e acrescentando, que o dito objecto foi trazido da Índia pelos portugueses, por meados do XVI século; o que nos coloca em maior perplecsidade, pois na Índia o nome corrente é, conforme as línguas, diverso, mas sempre diferente de *cachimbo:* em indostano, por exemplo *čilam* [2], em concani *čilim,* que própriamente se aplica à chaminé do cachimbo, e que também significa uma *cachimbada,* o conteúdo da chaminé, quando se está a fumar.

Outra hipótese admissível, no caso de o *cachimbo* de fumar ser palavra diferente de *cachimbo,* «gonzo», seria supor-lhe origem africana, cafrial, pois, na realidade, na África Austral se dá a uma espécie de cachimbo o nome de *jingu (q. v.),* e já

---

[1] Barcelona, 1899, *sub voc.* **pipa.**

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, BY Yule Burnell, Londres, 1886.

aleguei ser *ka* um preficso muito freqùente nas línguas da família banta.

Teria havido, em tal caso, a troca de *g* em *b*, por confusão com a palavra portuguesa *cachimbo*, «gonzo», preexistente, mas de orijem igualmente problemática. No emtanto, vemos no DICCIONARIO PORTUGUEZ-CAFRE-TETENSE [1] que à palavra *cachimbo*, portuguesa, se dão como correspondentes na língua do Tete *chana* e *kaximbo*, parecendo, portanto que o segundo termo não seja mais que a palavra portuguesa levada para lá, pelos nossos conterráneos, e adoptada pelos pretos. O autor do dicionário confessa, no Prólogo, ter incluído palavras portuguesas em uso no tetense.

Partindo da hipótese que a primeira acepção de *cachimbo* seja a primordial, e a palavra uma única, o vocábulo conhecido com tal significação, que do português *cachimbo* se aprossima, o turco ČIBUQ, a respeito do qual Marcelo Devic, no seu precioso suplemento ao dicionário francês de E. Littré, diz o seguinte:—«CHIBOUQUE. Dans Bocthor *choubouque*, qui est turc *tchouboûq*, *tchiboûq*, proprement *bâton*, *tuyau*, et puis *pipe* (cf. *tchoûb*, bâton, baguette)»—.

A aceitar êste étimo, teríamos de supôr ainda que o nome nos viria por intermédio de povos cafriais, em que o preficso *ka* é deminutivo, e se desse a nasalisação do *b*, *kacimbu*, com supressão da consoante final, e deslocação do acento para a penúltima sílaba, como é próprio destas línguas. Parece-me, porém, muito excojitado o processo, para que, sem demonstração, se aceite o étimo, pois nenhum facto positivo na história da transmissão do vocábulo se poderia citar, que o abone.

Outra singularidade no uso das palavras que se relacionam com o tabaco é que em castelhano, onde *fumo* se diz *humo*, o verbo *fumar* se profere e escreve *fumar*, com varios derivados. É sabido que ao tabaco se chama *fumo* no Brazil.

Acrescentarei ainda algumas palavras acêrca do nome dado

[1] Traduzido pelo Padre Victor José Courtois, Coimbra, 1899.

à famosa planta americana, cujo uso e abuso se propagou em todo o mundo, no espaço relativamente breve de trezentos a quatrocentos anos; do que talvez não haja outro exemplo, mesmo com relação a plantas de muito maior proveito e necessidade, como a cana de açucar, a batata, etc.

Nos primeiros tempos em que dos nossos foi conhecido o tabaco de fumar, parece que ainda em português não havia nome para o designar nem tampouco aos fragmentos dêle, manipulados, que hoje denominamos *charuto* e *cigarro*. O Padre Gaspar Afonso, na sua noticiosa e bem escrita «Relação da viagem e successo da nao Sam Francisco (1596), referindo-se a êles diz:— «De maneira que o fim dos banquetes mui regalados, e a última iguaria delles, é um prato mui fermoso, cheio de tantos rolos ou canudinhos, como elles lhe chamam, feitos daquellas mesmas folhas [da herva-santa] enroladas, quantos são os convidados. Os quaes canudinhos acesos por uma ponta, e metidos na boca... estão chupando o fumo» —[1].

Refere-se o engraçado narrador igualmente ao *tabaco de cheirar*, mas também lhe não sabe nomes que o diferencem:— «Em lugar de vinho... lhe serve o tabaco, a que nós chamamos herva santa... não ha quem o tire da boca em fumo, ou dos narizes em pó» —. Não menciona porém o tabaco de mascar.

Serafim Estébanez, nas suas ESCENAS ANDALUZAS diz-nos o seguinte sôbre os vários nomes vulgares da herva santa:— «En la Española la llamaron *cohuva*, en Nueva España *pisciel*, en el Perú *sayre*, y en el Brasil *peto*: en Europa, unos la llamaron *nicosiana*, de cierto quidam llamado Nicot que en la embajada que de Francia trajo á Portugal en tiempo del rey D. Sebastián tuvo conocimiento de esta hierba y tomándola consigo la connaturalizó en Francia: otros la llamaron *hierba regina ó de la cruz*; aquellos *vulneraria*; estotros *piperina*; pero los españoles la llamamos *tabaco* y *efetá*: con tal nombre quedó bautizada

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 54 e 55.

para *in eternum,* porque los nombres que han de vivir los de dar la gente de mas autoridad» —[1].

Basófia de castelhanos, como dizia Bocage. É claro qu palavra que viveu foi *tabaco,* e não, o *efetá.*

Sôbre o nome brasileiro *peto, petum, petume, petune,* nos o Vizconde de Beaurepaire-Rohan, no seu excelente Dic NARIO DE BRAZILEIRISMOS, *sub voc.* **petume, petêma,** que cede do tupi-guarani *petïma* ou *petêma,* conforme os diale

É possivel que o termo andaluz *pitillo,* com que em os espanhóis designam o *cigarrillo* ou *cigarro de papel,* não o deminutivo de *pito,* «apito», mas o de *peto,* com a milação tam freqùente da vogal da sílaba pretónica ao sílaba acentuada. Sôbre o sentido restrito de *peto,* «taba significando «cigarro», cf. o malaio *roko,* o qual do m modo quere dizer «tabaco», e «charuto» —.

É sabido que em espanhol o *charuto* se denomina *cig puro,* ou sómente, *puro.*

Vários nomes do tabaco para cheirar e fumar eram já c cidos no tempo de Bocage, como provam os dois tercet um soneto, dos de esfusiote, como chamou Almeida Ga aos improvisos do vate Elmano:

De vício tal, se é vício, eu não me corro,
E só tomo rapé, simonte, esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro,
Deixa ver um cigarro, se não morro,
Traze-me lume já, ou dou-te um murro.

Com relação ao vocábulo *cachimbo* aduzirei aqui o que no DICCIONARIO ETIMOLÓJICO DE VOCES CHILENAS DERIV DE LENGUAS INDÍJENAS AMERICANAS, de Rodolfo Lenz, qu

[1] *apud* Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EN LENGU Madrid, 1896, p. 18, nota.

está publicando: — [1] «cachimba... talvez es voz de las Antillas. Pichardo i Granada la creen africana» —. Antes disse-ra-nos que tanto *cachimba* como *cachimbo* são usados no Perú, Equador, e em Cuba, etc., quer neste sentido, quer no de *cachimba:* — «pozo de pequeña profundidad» —. Conforme o autor citado, *cachimbo* seria voz africana, também usada no Chile, mas aí comummente substituída por *cachimba.* Êste aparelho de fumar está porém desusado na República, pois cedeu o lugar, como em quási toda a parte, ao cigarro, com mortalha de papel, ou de palha de milho, e que ali se denomina como em português.

tabaibo, tabaibeira

São os nomes que na Ilha da Madeira se dão ao fruto da figueira da Barbaria e à planta que o produz. Os espanhois chamam-lhes, respectivamente, *(higo)chumbo,* e *(higuera)chumba,* ou *chumbera. V.* **tuna.**

tabanga, tabanca

— «rompendo o inimigo o fogo de varios sitios, de dentro do matto, que muito denso rodeia, como que a protegel-a, *a tabanga* de Kernag» — [2].

É termo da Guiné Portuguesa.

O vocábulo está já rejistado, com a significação de «povoação» e a forma *tabanca* em vários dicionários, forma de que dou duas abonações: — «atacou a tabanca de Cadica na Guiné portugueza — [3].

As tabancas foram incendiadas» — [4].

---

[1] Santiago de Chile, 1904-1905, I, p. 156.
[2] JORNAL DAS COLONIAS, de 29 de abril de 1905.
[3] O ECONOMISTA, de 6 de agosto de 1882.
[4] *ib.*, de 18 de setembro de 1882.

tabernória

Êste derivado semi-culto e arbitrário, que porém se generalizou, quere dizer «taberna ordinária, de pouca importância e escassa freguesia»:—«Frequentava [no Bairro-Alto] uma tabernoria, onde se reuniam fadistas e bandurrilhas»—[1].

tábua-de-sebo

É um termo de estaleiro, que equivale a «corrediça»:—«A quilha da canhoneira foi revestida por uma enorme viga, a que os technicos chamam *corrediça* ou *tabua de sebo*»—[2].

tabuleiro

São inúmeras as acepções dêste vocábulo, derivado de *tabularium* ¦ tabula, «tábua». Eis aqui duas, que me parece não estarem rejistadas:—«A espessura d'esta [neve] subiu a 13 centimetros, e o caramelo nos *taboleiros*, que são depositos quadrados d'agua, á maneira de salinas, e onde se colhe o gelo natural»—[3]. O trecho refere-se a Bragança.

—«A tolda *[q. v.]* communica na parte inferior com uma especie de telha, tambem de madeira, presa áquella por umas correias, e á qual se dá o nome de *taboleiro*»—[4].

---

[1] Pinto de Carvalho, HISTORIA DO FADO, Lisboa, 1903, p. 56.
[2] O SECULO, de 28 de outubro de 1901.
[3] A ACTUALIDADE, de 21 de março de 1883.
[4] Portugalia, I, p. 387, MOINHOS.

tacho

Êste vocábulo, como louça de cozinha mais usado no sul do reino que no norte, onde se lhe chama em geral *caçoula,* era lá empregado como nome de uma medida de capacidade:—«Até aqui fazia-se a medição pelo antigo *tacho,* ou almude da Companhia dos Vinhos, que corresponde a 25 litros»—[1].

—«[Fachuela]... tendrá que ver con tacho, nombre que dan en Cuba á una gran paila usada en los ingenios?—En favor de esta idea merece notarse que las *tachuelas* son de metal y se aplican á usos que requieren la accion del fuego. Segun Pichardo, en Cuba tachuela es «una especie de plato con su mango... para freir ó calentar»—[2].

tacuara, *tacuará*

O Diccionario Contemporaneo limita-se à segunda forma, que define «taboca», ou «cana brava». O Nôvo Diccionário dá esta mesma definição, e, com a escrita *taquara,* outra equivalente, além de «pássaro esverdeado». Há razão para se hesitar sôbre qual seja a verdadeira acentuação; no entanto, no trecho seguinte, se não ha êrro tipográfico, o acento é na penúltima sílaba:—«Com faca de taquára corta quasi todos os músculos»—. É termo brasileiro, decerto indíjena, mas não vem rejistado no Tesoro tupi-castelhano, de R. de Montoya, e no vocabulário castelhano-tupi sómente vem a forma *taquá,* «cana».

Como o suficso do nomen agentis, porém, é em tupi *-ára,* e não, *-ará,* segue-se que a verdadeira acentuação é *tacuára,*

---

[1] O Economista, de 20 de maio de 1888.

[2] R. J. Cuervo, Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano, Bogotá, 1881, p. 543.

taful, tafularia, tafular, tafulo, tafula

Êste vocábulo de orijem árabica, e que veio para a Europa no tempo das Cruzadas, está definido por Guiberto, um dos cronistas da primeira cruzada, nos seguintes termos: — «Thafur apud gentiles dicuntur quos nos, ut nimis litteraliter loquar *[para falar mal e depressa,* conforme a expressiva frase popular] trudannes uocamus» — [1]. Littré acrescenta: — «Há, com efeito, em árabe uma palavra *tafir,* que em Freitag está traduzida por *vir sordens et squalens*» —. R. Dozy não incluíu o vocábulo no Glossário de palavras espanholas e portuguesas derivadas de árabe. O Vocabulário copiosíssimo de J. B. Belot inscreve as três formas TAFIR, TAFIR e TAFRAN, a pájinas 56, e repete a última a p. 452, com *t* enfático (ṭ) inicial, dando-lhe como significado «pelintra» (qui n'a pas le sou) [2].

— «Esta voz *[tafur]* se introdujo en Europa cuando la primera cruzada, y significaba, segun testimonio de Guibert, truhan, pillo... Es el caso que *tafures* llamaban á aquella muchedumbre haraposa y hambrienta que acompañaba al ejército de los cruzados...» [3].

Em português adquiriu, até meados do seculo XIX, êste vocábulo a significação que ao depois se deu a «janota». *Tafulo, tafula* eram as formas masculina e femenina do correspondente adjectivo; *tafularia* o substantivo abstracto derivado dêste.

O desenvolvimento da significação deve de ter sido: «pobretão: vadio: batoteiro: especulador: ricaço: janota». É esta última acepção que hoje está quási obsoleta, a que a palavra tinha há uns cinqùenta ou sessenta anos. *Tafular* queria dizer «trajar com luxo».

---

[1] Emílio Littré, HISTOIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, I, p. 192.

[2] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893.

[3] R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. 64.

talanqueira

—«O acompanhamento sahe da egreja, mas espera-o a talanqueira ou talanqueiras, que o padrinho [do casamento] tem de desempenhar dando dinheiro áquelles que a apresentam. Havia o costume de a primeira talanqueira ter uma meza em que estava um copo com vinho, talanqueira dos solteiros... As talanqueiras succedem-se, e o padrinho vae gastando dinheiro» —[1].

talento, talante, tento; tenta, tentar

A primeira destas palavras é o latim talentum, do grego TÁLANTON, «balança, pesada», e designava certo pêso, e certa moeda nominal, equivalente na Grécia a um pêso variável de prata, com o valor aprossimado de um conto cento e vinte mil réis, e de cobre em Roma. Havia também o *talento* de ouro, ou *sículo* e outros [2].

Do significado «pêso», «valor» passou o vocábulo nas línguas románicas a equivaler a «vontade», e daí a «merecimento», «valor pessoal».

A segunda, *talante*, «alvedrio», é o francês antigo *talant*, correspondente ao moderno *talent*, cuja ortografia parece que foi alterada para se conformar com o seu étimo latino talentum. O francês *talent*, como o português *talante*, quis também dizer «dilijéncia, empenho», como vemos no célebre mote do infante Dom Henrique *Talant de bien fere*, «empenho em cumprir o dever».

---

[1] Carlos Alves, ETHNOGRAPHIA MIRANDEZA, O Casamento em terra de Miranda, *in* Portugalia, II, p. 102.

[2] Guilherme Smith, A SMALLER DICTIONARY OF GREEK AND ROMAN ANTIQUITIES, Londres, 1871.

Houve também a fórma *talente*, com a mesma significação, e de ambas podem ver-se as abonações nos SUBSÍDIOS de A. A. Cortesão, e no ELUCIDARIO de Viterbo [1].

A palavra *tento*, «marca nos jogos, principalmente de cartas», é também o latim talentum (cf. *quente* de calentem), no seu sentido material de «moeda, penhor» ou seu equivalente.

Propenderia a supor que o vocábulo *tento*, «tino», fosse êste mesmo, em sentido figurado, se não existisse, como existe, a forma correspondente castelhana *tiento*, com o mesmo significado, e que não pode ser derivada de talentum, por isso que o *l* intervocálico latino permanece em castelhano (cf. *caliente* { calentem). O português *tento*, neste sentido, como o castelhano *tiento*, é o latim tentum, participio passado passivo de tenere, de que proveio tentare, «experimentar», que ao português e castelhano deu o verbo *tentar*, em todas as suas acepções.

A forma femenina *tenta*, «instrumento para sondar, tatear», tem a mesma orijem.

A locução adverbial *a tento* quere dizer «com cautela», como se vê do seguinte passo das Batalhas da Companhia de Jesus, do Padre António Francisco Cardim: — «o diabo na bonança forja as tormentas... e haviamos de ir mais a tento» — [2]. O editor mandou imprimir **attento**, e nem ao menos reparou em que o sujeito do verbo é plural! *V.* **sacaputos.**

talhada

No litoral da província do Minho dá-se êste nome ao «toucinho».

---

[1] *V. in* «Revista Lusitana», p. 94, a notícia dada por J. Leite de Vasconcelos acêrca de uma monografia de Francisco de Ovídio, intitulada «TALENTO» NEI SUOI VARÎ VALORI LESSICALI, Nápoles, 1887.

[2] Lisboa, 1894, p. 175.

talhar

Há uma acepção de *talhar* que os dicionários não rejistam e que é muito popular, no sentido de «atalhar», como no seguinte trecho: — «A VERONICA DAS PEDRAS. Uma pequena medalha (de caracter catholico) rodeada de pedrinhas de côr, encravadas. Amoleto contra as *luadas* e *quebranto*. É crença que o espirito malevolo, pretendendo atacar a creança, fixa-se numa das pedras, e esta partindo-se, *talha* o mal» — [1].

A expressão *talhar o bicho* era, e não sei se é, técnica na jiria das curandeiras, e no tratamento do *cobrão*, ou zona, a que aplicavam *palhas alhas* queimadas e azeitadas, *talhando-o* com uma faca, emquanto proferiam, ou antes, engrolavam umas rezas e esconjuros [2].

talharola

Termo pertencente à nomenclatura da ferramenta do tecelão. É um instrumento para cortar os fios ou aselhas que ficam fora da trama no fabrico do veludo, fazendo-lhe assim o pêlo. Consiste num varão de ferro com um encaixe onde entra lonjitudinalmente uma fôlha afiada.

Empreguei êste termo inédito, e que me foi ministrado pelo conhecido poeta e escritor José Benoliel, para traduzir o vocábulo inglês *travet*, que tem a mesma significação [3].

---

[1] Portugalia, I, p. 619.

[2] V. J. Leite de Vasconcelos, ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS, vol. VIII, p. 192-210, onde veem várias dessas rezas.

[3] A. R. Gonçálvez Viana e J. C. Berkeley Cotter, SELECTA DE AUTORES INGLESES, p. 406, n. [21].

taloca

Termo da Beira-Baixa que quere dizer «buraco». Como na língua geral existe *toca,* com o mesmo ou análogo significado, haveria a tentação de considerar o último como resultado do primeiro, pela queda do *l.* Todavia, em castelhano encontramos *tueca,* o que torna inadmissível a hipótese.

tamarança

No Douro dá-se êste nome à «raposa».

támbi

Solenidade fúnebre em Angola, entre os indíjenas. É o quimbundo *tambi,* que quere dizer «luto».

tambió

Termo da Índia Portuguesa. O Nôvo Diccionário diz em dúvida ser «balde para tirar água». Não é; é um jarro de cobre. Veja-se Monsenhor S. R. Dalgado, Diccionário Konkani Portuguez [1]. A palavra concani *tābē* significa «cobre» [2].

tamposa

No calão dos ladrões do Pôrto «caixa para rapé» [3].

---

[1] Lisboa, 1893, p. 230.
[2] *ib., ib.*
[3] O Economista, de 28 de fevereiro de 1885.

támil, támul

O Nôvo Diccionário define a primeira destas formas como designando — «grupo de línguas dravídicas, faladas no sul da Índia, e do qual faz parte o canarim. Alguns dizem tamil» —. A definição não é rigorosa. *Támil* é o nome de uma dessas línguas dravídicas, e por ser a mais culta e que oferece aspecto mais arcaico, aplica-se-lhe o nome, extensivamente, à família enteira, que própriamente se chama *dravídica*. As principais línguas dessa família são as seguintes: malabar, támul, ou támil; telinga, ou télugo; canará, ou canarim; malaíala, ou malaiálim; tulo, ou túluva.

Ao todo são quatorze. Roberto Cust [1] dá o número de quarenta e seis milhões de almas, para quem alguma das quatorze é a língua vernácula. Literárias são sómente as que mencionei, conquanto em todas elas se hajam publicado trechos da Bíblia ou dos Evanjelhos, mercê da Sociedade bíblica de Londres ou da dilijência dos missionários cristãos. A obra primacial sobre as línguas dravídicas é a Gramática comparada de quási todas elas, feita pelo bispo Caldwell [2].

tanca

Termo usado em Marromeu, na África Oriental Portuguesa: — «com os peitos tapados com um pequeno panno... amarrado com um atilho a que chamam *tanca*» —[3]. *V.* **tanga.**

---

[1] A Sketch of the modern languages of the East Indies, Londres, 1878, p. 65.

[2] A comparative Grammar of the Dravidian family of languages, 1875.

[3] Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903.

tancredo

Deu-se há poucos annos a esta parte êste nome a um candeeiro de iluminação pública, pintado de branco para sinal da parajem dos carros americanos nas ruas de Lisboa, onde todos os mais candeeiros são pintados de preto. Proveio êste nome do de um toureiro francês, que todo vestido de branco fazia, na praça do Campo Pequeno, em Lisboa, estacar os touros, pasmados em presença da novidade.

tanga

Esta forma reúne duas palavras de orijem diversíssima.

A primeira é termo de uma língua de negros da África, talvez cafrial, e designa o pano com o que se tapam, mais ou menos, no regaço, entre a cintura e os joelhos:—«da mesma forma que quem tal legislou não se costumaria á tanga»—[1].

O segundo, conforme Yule & Burnell, [2] é vocábulo turqui, mas de orijem índica, e é o nome de certo pêso de prata, em marata *tank*, em sanscrito tāka «pêso, moeda de prata». Veja-se também O LIVRO DOS PESOS, MEDIDAS E MOEDAS, de António Núnez (1554) [3].

Era êste também o nome de uma espécie de papel-moeda turco, corrente na Ásia no XIII século. *Tamga* quere dizer *sêllo-real* [4]. Cf. **tanca**, para a primeira acepção.

---

[1] DIARIO DE NOTICIAS, de 21 de abril de 1902.

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896.

[3] SUBSÍDIOS PARA A HISTORIA DA INDIA PORTUGUEZA, Lisboa, 1868, publicação dirijida pelo sócio da Academia Real das Ciências, Rodrigo José de Lima Felner, p. 25 a 32, 35 e 40-42.

[4] *V.* Leão Cahun, INTRODUCTION À L'HISTOIRE DE L'ASIE: TURCS ET MONGOLS, Paris, 1896, p. 400, n.

tango

—«Quem passa todo o dia agarrado ao *tango*, á noite de todos os modos dorme bem»—[1].

Mas, ¿qual é a significação de *tango?* «trabalho?».

tantaréu

Na ilha da Madeira aplica-se esta denominação, cuja orijem desconheço, ao «indivíduo que em outro exerce tentação, atracção, influência incontrastável».

É esta a informação que a tal respeito me foi dada por pessoa dali natural, o conhecido escritor João de Freitas Branco, que me subministrou várias locuções e termos usados lá, e que nesta obra incluí.

tape

Na Índia Portuguesa *tape* é «barrete». A palavra é concani [2].

tarde

Êste vocábulo, que é o advérbio latino tarde, adquiriu, tanto em castelhano como em português, a função de substantivo, sem perder a de advérbio, que no francês *tard* e no italiano *tardi* conserva exclusivamente.

Introduziu-se modernamente, em italiano e português, mas

---

[1] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 542.

[2] S. R. Dalgado, DIALECTO INDO-PORTUGÊS DE GOA, *in* «Revista Lusitana», VI, p. 84.

creio que não em castelhano, a locução francesa *plus tard*, com as formas *più tardi, mais tarde*, em sentido que não é vernáculo, isto é, no de «ao depois»; os escritores escrupulosos porém só empregam aquela locução quando a referência é a horas, ou fracções de horas, do mesmo dia e nunca se o período de tempo é dias, ou outro maior: convém saber, usam-no por oposição a «mais cedo», e não, a «antes». Dêste modo a locução francesa *plus tard* tem de ser vertida para bom português por *(ao) depois*, quando corresponde a período de tempo que exceda um dia, nos casos em que fica em oposição a *antes*, como vimos, pois é êste o uso que o povo faz dela. Assim, por exemplo, dizemos que qualquer acontecimento se deu, com relação a outro anterior, *depois dêle*, ou, *ao depois*, se entre os dois há intervalo de um dia ou mais, e só empregamos *mais tarde* no caso de haver horas, minutos, segundos, do mesmo dia a separá-los: *João veio às 5 horas devendo vir às três*, veio portanto mais tarde; se tivesse vindo às duas, chegaria mais cedo que a hora ajustada. Pelo contrário: *João veio no domingo*, quando devia ter vindo no sábado; chegou portanto depois do prazo dado, e não, mais tarde que êle, porque se tivesse chegado na sexta-feira, teria vindo antes, e não, mais cedo.

Em qualquer das hipóteses dir-se-ia em francês *plus tard*; mas creio que se não deve dizer assim em português escrito, porque o povo o não diz em português falado, e é êle o dono do idioma pátrio, e a êle compete modificá-lo, e não a quem artificialmente o escreve.

taregá, *tarega*

O Nôvo Diccionário diz-nos simplesmente que é — «ferro-velho, adelo de tarecos» —, o que, quási pelas mesmas palavras, já dissera o Contemporaneo. São conformes ambos com o Manual Etymologico em dar como étimo *tareco*, sem explicarem, porém, como é que o *c* passou para *g*, e a terminação se fêz femenina, com *-a* final. Nenhum abonou o vocábulo, que ninguém no reino usa, nem sabe que tenha tal significação. Roquete in-

uiu o termo como inédito no Dicionario português-francês, denindo-o: — «marchand de vieux meubles» —. Todos acentuam *réga*.

Ora, o termo era usado no Pegu, e não em Portugal: o vocábulo é do sul da Índia, em telinga *taraga*, «loja de adelo»; *regari*, «adelo» [1]. A acentuação há de ser *taregá*.

tartaranha

— «Continuam toleradas, até final extincção, as redes denominadas *Tartaranhas*» —[2].

tasca

Esta palavra quere dizer «taberna ordinária, imunda», e é êste o significado que tem *tasca* no caló de Espanha, do qual proveio para a jíria portuguesa, por meio da convivência, nas prisões, de ciganos e vadios portugueses. Depois o vocábulo generalizou-se por influência dêstes últimos.

tauxia, tauxiar

Êstes vocábulos significam o mesmo que *damasquinado*, e *damasquinar*, galicismos modernos, em vez de *adamascado*, *adamascar*, que são as formas portuguesas correspondentes, mas que especialmente se aplicam a desenhos de fundo liso em tecidos atoalhados e lavrados. Para lavores análogos em metais o termo é *tauxiar* e *tauxia*, árabe TAUXIE, que deve ter passado a português, no XV ou XVI séculos, por intermédio do comércio com os mouros; visto que, se pertencesse ao número considerável

---

[1] V. Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896.

[2] Decreto de 17 de março de 1906, art. 9.º

de vocábulos que êles antes cá deixaram, a forma seria *touxia*, com *ou*, como *azougue*, de AL-ZAUQ, e não, *tauxia*, com o ditongo *au*. Em castelhano disse-se *atauxia*, com o artigo arábico preficsado: cf. *zarcão* e *azarcão*.

tavoa, tábua, tabuado, tablado, távola

Do latim tabula procedeu em português *távoa*, que ao depois se reformou em *tábua*, de onde se deriva *tabuado*. A forma *tablado*, com o sentido restrito do italianismo *palco cénico*, é de proveniência castelhana, pois nesta língua o latim *tabula* deu *tabla*, de que se formou *tablado*, mediante o suficso *-ado*.

A palavra *tabuada*, que antigamente se pronunciava e escrevia *tavoada*, é um derivado femenino, correspondente àquele masculino *tabuado*, mas empregado em sentido figurado, na mesma acepção que o latinismo *tabella*, deminutivo de tabula.

Com relação a *távola*, é o italiano *tavola*, que tem a mesma orijem latina.

teatrada

Função de teatro: — «Ficaram celebres as *theatradas* de Odivellas» — [1].

teca

É o nome de uma madeira da Índia, e também da árvore que a dá. A palavra é malaiala, *tekku*, conforme Yule & Burnell, [2] onde vem abonação em português, de um manuscrito de António Bocarro, o autor da Década 13.

---

[1] António de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL, *in* «O Seculo», de 14 de março de 1899.

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1896, *sub voc.* **teak**.

têgão, tegão

O Diccionario Contemporaneo, o Manual etymológico, o Prosódico, de João de Deus e o Nôvo Diccionário indicam acento na última sílaba dêste vocábulo, que é sinónimo de *tremonha*. José Inácio Ferreira Lapa, contudo, acentuou-o na primeira: — «O peneiro que geralmente vemos estabelecido nas padarias é o peneiro antigo do seculo XVIII, o qual se compõe de uma grande caixa de madeira, provida na tampa de um *tẽgão* ou tremonha» —[1].

Ora, como quási toda a nomenclatura vulgar empregada pelo douto autor da Technologia Rural foi por êle ouvida da bôca de quem a usa, é mais provável que a verdadeira acentuação do vocábulo seja na primeira sílaba, como a marca, e não na segunda como os lecsicógrafos a preceituam, sem provável-o terem ouvido.

Nem Bluteau nem Roquete o incluiram nos seus dicionários.

teia

Esta forma é compêndio de dois vocábulos diversos. O primeiro é *teia*, antigo *tea*, castelhano tea ¦ toeda, «archote», de que proveiò o verbo *atear*, «espertar(-se) o lume».

O segundo é o antigo *tea*, castelhano *tela* ¦ tela, afim de *tear* ¦ telare.

É com êste que se explica uma acepção especial do vocábulo, «divisória nas igrejas, lateral geralmente, como vemos em Bluteau: — «Tea em justas é uma carreyra de taboas continuada. Também chamão *Tea*, hũa obra de taboas unidas, com que em algũas Igrejas, como na de S. Roque de Lisboa, ficam os homens separados das mulheres» —.

---

[1] Technologia Rural, Lisboa, 1868, parte II, p. 220.

Aqui está uma abonação moderna:—«as teias do corpo da egreja e uma teia que foi construida propositadamente a dois terços do templo»—[1].

teijão

—«Indo assim em demanda daquelle gram Cabo [o das Tormentas], e com passaros delle, que chamam teijões, pousados na água»—[2].

tejelão

Em Coimbra dá-se este nome à bacia de lavar a cara.

tejolo; tejadilho

Escrevo êste vocábulo com *e* em vez de *i*, o que é indiferente para a pronúncia, porque, não obstante ser mais freqüente nos antigos escritores a ortografia *tijolo*, o seu étimo imediato é o castelhano *tejuelo*, deminutivo de *tejo*, «telho», «caco de telha», *teja* ⟨ tegula. Fica desta maneira em concordância a ortografia desta palavra com a de *tejadilho*, que, se parece vocábulo absolutamente independente em português, é estreitamente relacionado com *tejolo*, visto que em castelhano, donde também procede, *tejadillo* é deminutivo de *tejado*, «telhado», o qual do mesmo modo provém de *teja*, «telha». *V.* **lentejoula.**

O Diario do Governo de 25 de julho de 1905, na tabela trimestral de valores mínimos de várias mercadorias, imprimiu e bem, *tejolo*, e não, *tijolo*. *V.* **telha.**

---

[1] O Seculo, de 9 de agosto de 1900.

[2] Padre Gaspar Cardoso, «Relação da viagem e sucesso que teve a nau Sam Francisco», *in* Bibl. de classicos portuguezes, xlv, p. 12.

telha, telhado, telho

[illegible] vocábulo provém do latim tegula { tegere, «cubrir, [illegible]. Chama-se *telha vã* à que não leva argamassa, para [illegible] telhado: — «A mesma... simplicidade na disposição da [illegible], na cobertura a telha van» —[1].

[illegible] aqui exemplo castelhano de telha vã, *teja vana:* — «Á la [illegible] de la puerta tiene un horno con su teja-vana, que [illegible] «tapa»] un montón de leña, un carro y varias herra[illegible] de labranza» —[2].

[illegible]*vana*, como substantivo composto, significando «alpen[illegible]» está autorizado no Dicionário da Academia espanhola, [illegible] rejista a locução *á teja vana*, «de telha vã», que [illegible] «sin otro techo que la cubierta del tejado» —.

Telhado significa própriamente a «cubertura de telha», mas [illegible]ção aplica-se a outra qualquer, e por isso se diz *telhado* [illegible], *telhado de lousa, telhados de vidro*, etc.

Telhado tem também a significação colectiva de «muitas [illegible]», como *tabuado* a de «muitas tábuas»: — «e para o fa[illegible] telhado e tijollo no Minho e Douro» —[3].

Telho é uma forma masculina, correspondente à femenina [illegible] (cf. *cabeço* e *cabeça*), e designa um pedaço de telha, um [illegible] um pedaço de barro cozido qualquer, que serve de têsto [illegible]mpa. Em castelhano existem também *teja, tejo*, de que pro[illegible] para português *tejolo*, e *tejadilho* { *tejado*, «telhado». [illegible] que fica dito em **tejolo.**

---

[1] Portugalia, I, p. 82.

[2] António Trueba, CUENTOS DE COLOR DE ROSA, *apud* R. J. Cuervo, «[illegible]crít. sobre el lenguaje bogotano», Bogotá, 1881, p. 471.

[3] O SECULO, de 23 de julho de 1900.

temba

— «o passo agil e despreocupado do cypae, do invejado cypae, do visinho da mesma *temba*» —[1].

É termo da África Oriental Portuguesa, e significa «povoação».

témpera, temperar, tempéra, tempêro

O verbo *temperar* { temperare { tempus, temporis significa primordialmente «ajustar, acertar» [2], — «aprendesse dos padres a concertar e temperar o relogio». — Advirta-se que *concertar* aqui é «acertar» e não, *consertar*, «compôr, emendar». *Témpera* é nos dicionários definido como — «consistencia que se dá aos metaes, e principalmente ao aço» — (CONTEMPORANEO). Tenho, porém, ouvido aos artífices chamar-lhe *tempéra*, como substantivo verbal rizotónico femenino do verbo *temperar* (cf. *espera*, de *esperar*), correspondente ao masculino *tempêro*: — «se fixa com uma cunha, que atravessa a rabiça e se chama *tempera*» — [3]. Nesta citação o vocábulo *tempera* adquiriu significação concreta, pois serve para denominar uma peça do arado.

O acto ou efeito de *temperar* deve ser *tempéra*, e não *témpera*, como o acto de *fabricar* é o *fabríco*, e não o *fábrico*, pois também se diz o *tempêro*, e não o *témpero*. A acentuação dêstes substantivos rizotónicos coincide sempre, à parte o valor da vogal tónica, com a das 1.as pessoas do presente do indicativo, dos verbos respectivos.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

[2] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

[3] F. Adolfo Coelho, ALFAIA AGRICOLA PORTUGUEZA, *in* Portugalia, I, p. 408.

tendal

O Nôvo Diccionário fêz duas inscrições desta forma, e creio que teve razão. Parece ter-se dado confusão entre *tendal*, afim de *tenda, tender,* «estender», quer com a significação de «toldo», ou de «brial» *(q. v.),* quer, no Alentejo, com a de «varas compridas onde se prendem os fueiros» [1], por uma parte; e por outra, a de «lugar onde se tosquiam as ovelhas», a que o mesmo dicionário atribui como étimo um substantivo verbal *tonda,* de um verbo *tonder,* correspondente ao latim tondere, «tosquiar». Poderia, porém, *tendal* nesta acepção, ser meramente um derivado de *tenda,* como *postal* de *posta.*

tenilha

Nome de um tecido, no Minho. ¿Será dissimilação de *telilha?*

tenro, terno; *terne*

Êstes dois adjectivos diverjem hoje muito na significação, pois o primeiro se emprega sempre no sentido material de «novo, delicado, melindroso»; e o segundo em sentido moral de «compassivo, afável, carinhoso». São porém a mesma palavra latina, o adjectivo tener, tenera, tenerum, no primeiro com elisão do *e* da 2.ª sílaba, no segundo, com metátese das duas consoantes *nr* em *rn,* correspondendo no significado ao castelhano *tierno* (cf. *ternera,* «carne de vitela»), e ao francês *tendre,* com um *d* intercalar, a facilitar a pronúncia (cf. o grego ANĒR «varão», genetivo ANDRÓS).

A palavra francesa *terne,* «desmerecido, embaciado», porém

[1] O Economista, de 4 de maio de 1889.

tem outra orijem: é o latim *tetrĭnum* ¦ teter «medonho» [1], correspondente a tetrĭcum, «escuro, lôbrego»; e seria disparatado galicismo o traduzir-se *couleur terne*, por «côr terna», pois em português se diz *côr desbotada, pouco viva, desmerecida*.

A palavra *tenro* foi empregada onde hoje diriamos *terno*: — «brandas e tenras palavras» — [2].

tento: v. **talento**

tepeti, tipiti *(tĭpitĭ)*

A respeito da primeira destas formas farei uma longa citação: — «C'est le pressoir du manioc [no Brasil]. Figurons-nous donc un sac en jonc, étroit et long, dont le diamètre soit d'un vingtième de la longueur, se retrécissant aux deux extrémités, dont l'une est fermée. Le tissu en est tressé de manière à le rendre bien élastique et à lui donner une grande facilité pour se raccourcir; bien entendu qu'en se raccourcissant il augmente beaucoup de diamètre... Introduite dans ce sac la pâte de la racine du manioc râpée d'avance à *l'urupema* [3], le cylindre qui avait grossi en se raccourcissant, cédant à la force d'un grand poids que l'on suspend à sa partie inférieure, commence à s'alonger et à exercer une pression sur toute la pâte, de manière a l'égouter entièrement, la laissant après en état d'être mise au four» — [4].

---

[1] S. Bugge, *in* Romania, IV.

[2] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 25.

[3] «peneira»: DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS, pelo Visconde de Beaurepaire Rohan, Rio-de-Janeiro, 1889.

[4] LES AMÉRICAINS TUPIS-CARIBES ET LES ANCIENS EGYPTIENS, Vicomte de Rio-Seguro, Viena, 1876, p. 52.

Dei por extenso e sem o traduzir êste trecho, bastante curioso pela informação minuciosa que dá; pertence a uma obra que dispertou atenção quando foi publicada, mas não tem valor algum científico, nem o tinha mesmo nessa data. Basta dizer-se que a comparação entre os antigos ejípcios, de há quatro mil anos ou mais, é feita com os tupis de agora, ou de há dois ou três séculos, e que se aduzem para demonstração da tese vocábulos às dezenas, já feitos, nos quais a identidade é afirmada pela simples coincidéncia de uma letra, pois o autor nem indagou se a letra figuraria o mesmo som, ou análogo, no tupi, e no ejípcio representado pelos hieroglifos, ou no cópto, não transcrito!

Certas coincidéncias de hábitos e costumes são, como é sabido, freqùentíssimas entre povos separados pelo tempo e pelo espaço, mas em estados de barbárie ou cultura idénticos, e portanto nada provam. São êstes os dois únicos e inanes argumentos da tentada identificação.

A obra, sem dúvida bastante laboriosa, apresenta certo aspecto de aparato, como são hieroglifos, caracteres cópticos, sem transliteração, como se o alfabeto cóptico fosse familiaríssimo a toda a gente, citações de línguas raramente conhecidas, etc. Mal empregada erudição!

Entre outras afirmações singulares citarei duas. A primeira é que o bronze precedeu a pedra no fabrico de armas e ferramentas; a segunda, que o castelhano moderno *hijo*, pelo antigo *fijo*, é devida a influéncia arábica, como se os árabes não tivessem *f*, e não houvessem quási abandonado as Espanhas, quando a mudança se produziu!

Teodoro Sampaio, no seu interessantíssimo estudo O Tupi na Geographia Nacional, escreve *typity* [1], que podemos reduzir a *tipiti*, sendo, como diz, usual no Brasil a forma *tapiti*. No tupi a primeira e terceira sílabas tem por vogal o chamado *i* grosso, análogo ao *y* polaco, e que eu designo por *ï*, *tipiti*,

[1] Sam-Paulo, 1901, p. 76.

seguindo o exemplo de outros escritores, visto que do *y* nunca me sirvo para denotar vogal. O *ï* fica com os ápices (¨) análogo ao *ü*, que figura o *u* francês, pois êste último é uma vogal para a formação da qual concorrem a posição dos beiços como para o *u* português, e a posição da língua, como para se proferir *i*; no *ï*, pelo contrário, os beiços colocam-se na posição que a emissão do *i* exije, ao passo que a língua toma a que requere a emissão do *u*, isto é, aparta-se dos dentes incisivos inferiores, onde tem a ponta encostada quando se profere *i*.

O *ü* é um *u* com aprossimação a *i*; o *ï* um *i* com approssimação a *u*, e que no efeito acústico muito se assemelha ao *e* português de *se, me, te,* etc.

Na escrita ordinária pode usar-se a ortografia *tipiti* ou *tepiti*, sendo a mais defeituosa escrita *tepeti*.

No *childûgu*, ou araucano, indicou-se esta vogal por várias maneiras, sendo *ù* a preferida, ao que parece [1].

terção, tarção, tração

O Nôvo Diccionário incluíu o vocábulo *tração* como obsoleto no sentido de — «bocado, fragmento, lineamento, perfil» —, e como açoriano na acepção de — «intrigante, mexeriqueiro» —. No concelho de Santarém *tração* (?), ou *terção* (?) é o nome que se dá ao porco mais novo da mesma barrigada, o que é omisso, no dito dicionário, que à forma *terção* atribui o significado de — «rebento da cêpa, que se não corta por occasião da poda» —, considerando-o como evolução do latim tertianum { tertium.

Com efeito, *terção* deve provir de tertianum, como *terçã (febre)* provém de (febris) tertiana.

A forma *tração*, com o significado que tem em Santarém, é

[1] V. Rodolfo Lenz, Die chilenische Lautlehre verglichen mit der Araukanischen, e Estudios araucanos, Santiago de Chile.

comparável à corrutela *cravão* por *carvão*, vulgarismo da Estremadura; sendo o de *tarção* por *terção* devido a influência do *r*, como em *para* pelo antigo e ainda popular *p(e)ra*, e *maravilha*, de mirabilia, que passou por *meravilha*, forma a que José Maria da Costa e Silva dava a preferência.

terral

Os dicionários definem êste adjectivo, substantivado com supressão da palavra *vento*, *(vento) terral*, como significando «vento da terra». Na Índia Portuguesa, além dêste significado, tem também o de «estação do ano, em que predomina o vento que sopra do lado da terra»: — «Reinam em Diu três estações: inverno, terral e verão» —[1].

terrar

Êste verbo é desusado na língua comum, conquanto *aterrar* seja muito usado modernamente. No Alentejo parece que é usual: — «aguarda-se que tenha chovido... e... homens com enxadas cavam a terra entre aquellas fieiras de matto... para assim recobrirem os mattos com uma camada de terra plastica. Dá-se a este trabalho o nome de *terrar as moreias*» —[2].

terriço, terriça

Os dicionários dão a forma masculina, e o CONTEMPORANEO define o vocábulo desta maneira: — «terra formada pela decomposição das substancias animaes e vegetaes misturadas com o solo ordinario; humus» —. É o que os franceses chamam *ter-*

---

[1] João Herculano de Moura, RELATORIO, de 1899-1900.
[2] Portugalia, I, p. 623.

ticué

—«Aquelles [os mantimentos] são guardados em umas tu*lhas* de palha ou caniço, tronco-conicas, a que chamam *ticué*, assentes sobre estacaria para ficarem isoladas da humidade» —[1].

São os *caniços* ou *espigueiros* do Norte do reino. A pronúncia indíjena é *ticuè*, com o acento tónico na 1.ª sílaba, mas o *e* final aberto. É termo da África Oriental.

til

O nome que em português se dá ao sinal (~) com que se designa a nasalização do *ã* e do *õ*, mas que dantes se usava também com o *e* e o *u* (*ẽ*, *ũ*), é de orijem espanhola, *tilde* ⟨ titulum, com metátese das iniciais da 2.ª e 3.ª sílabas, *tilutu*; como em *roldana* de *rotulana*, palavra que para português veio igualmente do castelhano, como *rebelde*, *humilde* também vieram, pois as formas portuguesas antigas são *revel* e *úmil*. De orijem castelhana é também *rol* ⟨ *rolde* ⟨ *rolutum* ⟨ rotulum, que no português antigo deu *rôlo*, *rótulo*, e no moderno, de orijem artificial [2].

tinhó

Vocábulo transmontano: —«molestia cutanea». Representa umderivado latino *tineola* de *tinea*, como GRIJÓ de *ecclesiola*, ALIJÓ de *lageola*, etc.: —«Está-se a tratar os leitões que estabão com tinhó» —[3].

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

[2] *V.* J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 286.

[3] Júlio Moreira, NOTAS SOBRE SYNTAXE POPULAR, *in* «A Revista», de 15 de dezembro de 1905.

tinje-barro

Nome que na ilha da Madeira se dá à ave que também, conforme as localidades, se denomina lá *caniço, camacha* e *cigarrinho (q. v.)* [1]. *V.* **camacheiro.**

tintilão, tintilhão, tintilhoa

Em Santa Cruz, na ilha da Madeira, é este o nome da ave que no Continente se chama *tentilhão;* à fémea chamam *tintilhoa* [2].

tio-lio

Em Macau é o remo com que as tancareiras governam os tancares ou barcos. É remo e leme.

tintojarra, tintonegro, tintonegra

O primeiro vocábulo é comum de dois; o segundo, designa a «toutinegra» macho, e o terceiro a «toutinegra» fémea. São usados nos Prazeres, ilha da Madeira [3].

tintorroixo, tintorroixa

Na Madeira é nome, respectivamente, do macho e da fémea da *fringilla cannabina*, de Lineu [4].

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras.
[2] *Id., ib.*
[3] *Id., ib.*
[4] *Id., ib.*

tipóia

— «Vê-se ali [na exposição de Antuérpia] uma tipoia (rêde), coberta para garantir dos ardores do sol, e atravessada por um tronco, e que os pretos do paiz conduzem ao hombro. O branco descança n'esta especie de liteira, e é este o unico meio de transporte interior na provincia de Angola» — [1].

O vocábulo não é africano, como se poderia julgar. Conforme todas as probabilidades, é um termo que na Índia designa uma «banca, ou banco de três pés, trípode, ou tripeça». Parece ser palavra híbrida formada por algum estranjeiro, somatório de uma palavra persa *sipai* «três pés», e do indostano *tripad*, com a mesma significação. É esta a opinião expressa no Glossário de Yule & Burnell [2]. Do inglês *teapoy*, pronunciado *típòi* veio naturalmente o vocábulo para a Índia portuguesa, onde é sinónimo de *machila (q. v.)*, e de lá, como êste último também, passou para a África Portuguesa.

O Nôvo Diccionário apresenta mais duas acepções novas do vocábulo *tipóia*, usadas no Brasil, das quais a última, pelo menos, — «camisa sem mangas, feita do entrecasco de certas árvores» —, deve ter outra orijem.

tiracolo

É conhecida a locução adverbial *a tiracolo*, que quere dizer «atravessado de um ombro à cintura, passando, por baixo do braço oposto, pelo peito e costas». O substantivo é *tiracolo*, nome de uma correia que assim se dispõe. Eis aqui uma abonação bem antiga do substantivo: — «As armas da China são

---

[1] O Economista, de 5 de agosto de 1885.

[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886, *sub voc.* **teapoy**.

treçados de ferro curtos, punho de pau e tiracolo de corda de esparto» —[1].

toalha

O Nôvo Diccionário dá como étimo a *toalha* a baixa latinidade *toalia* (que é latim bárbaro, mera latinização artificial da palavra románica), atribuindo-lhe como étimo remoto um germánico *twahilla*, isto é, *thwalja* ou *ƒwalja*. Parece ser, por fim de contas, um derivado, *togalia*, de toga. Veja-se a êste pro-

---

[1] Donald Fergusson, Letters from Portuguese Captives in Canton, Bombaim, 1902. As cartas são do primeiro quartel do XVI século, e com a sua publicação, que é sem dúvida meritória, pretende o editor, numa larga introdução, provar em vão que a narrativa feita na Peregrinação de Fernám Méndez Pinto é falsa. Toda a estranha tese pode resumir-se na conclusão seguinte, a pájinas 35 e 36: — «I do not mean to assert that the whole *Peregrinaçam* is a fabrication; but I am convinced, from internal evidence, that many of the incidents related are pure fiction, and that others, genuine enough, either took place before the writer came to India, or formed no part of his adventures» —.

Contra a inspiração do Espírito-Santo, o que o autor chama *internal evidence*, nada tenho a opôr. Direi apenas, porque não é aqui o lugar próprio para a refutação do opúsculo, que é mais um libelo difamatório e odiento, do que uma serena análise crítica; que as *sheer mendacities*, e a *unblushing falsehood*, epitetos brutais com que é mimoseada a narrativa do mais genial dos viajantes do século XVI, fariam a glória dêle, a serem invenções, como as obras de Júlio Verne no século XIX elevaram êste à altíssima categoria dos escritores cuja fantasia e engenho causam a admiração de todos os leitores, e com dificuldade poderão ser excedidos.

Independentemente do juízo que possa, com imparcialidade, formar-se acêrca da veracidade rigorosa de cada uma das inúmeras peripécias e minúcias narradas na Peregrinação, temos pois de proferir esta sentença a respeito do seu autor: Ou foi um narrador fidedigno de factos com êle passados, e acontecimentos em que figurou, ao mesmo passo que um primoroso, sincero e pessoalíssimo escritor; ou então é, até o seu tempo, o mais assombroso romancista que jamais apareceu no mundo, e o mais encantador e justiceiro moralista da sua época. Basta lê-lo para formular um dêstes dois juizos, ambos lisonjeiros para a sua memória.

pósito a publicação JAHRESBERICHTE FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, P. 291 [1].

tojo

Do latim toxicum, conforme Baist; mas o étimo é pouco provável.

tolaria

No Minho quere dizer «tolice».

tolda

—«A um poste que fica junto ás mós, chamado *pião,* ou a uma grade de madeira firmada sobre as chumbeiras está presa a tolda que tem a configuração d'uma pyramide quadrangular invertida e é feita de madeira: aqui se lança o trigo»—[2]. É pois uma tremonha ou *têgão (q. v.).*

tolher

Induzido do presente do indicativo *tolho* ¦ tolleo ¦ *tollēre* ¦ tollĕre [3], pois de outro modo se não poderia explicar o *lh* em vez de *l*. Em italiano *tògliere*, contraído em *tòrre*, significa «tirar».

---

[1] Erlangen, 1903: referente aos anos de 1899-1903.
[2] Portugalia, I, p. 387, MOINHOS.
[3] REVISTA LUSITANA, IV, p. 134.

tomadeira

É termo da Beira-Baixa, e designa uma forquilha feita de uma *galha,* ou galho de árvore, que apresenta já de si a forma de forcado. Veja **brendo.**

tomate

O étimo mexicano *tomatl,* que se atribui ao nome dêste fruto em português, não pode ser imediato, visto que nenhumas relações tivemos com o México. O vocábulo veio de Espanha para cá, juntamente com o fruto, que ao depois se tem cultivado por toda a parte em Portugal, onde completamente se aclimatou.

tombeirinho

— «Foi descoberta uma mamôa *[q. v.]* ou tombeirinho» —[1].
É mais uma designação para juntar às muitas com que em Portugal se denominam os montículos artificiais, de terra e pedras. *V.* **anta.**

tomento

É a fibra mais grosseira do linho: — «os filamentos partidos e exteriores da filaça, formando o que se chama *tomentos.* Estes ainda se classificam em *tomentos de cascar,* obtidos durante a primeira metade da espadelagem de cada manada *[q. v.]* e *tomentos de obrar,* os formados durante a segunda metade da

[1] Albino dos Santos Pereira Lobo, BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 17.ª serie, p. 168 (1898-1899).

mesma operação» —[1]. O vocábulo *tomento,* que não sofreu alteração, em virtude da firmeza da sua estrutura fonética, é o latino tomentum, o qual designava qualquer «enchimento para almofadas».

tona

E êste um dos raríssimos vocábulos célticos existentes em português. Corforme Gustavo Körting, provém do cámbrico *ton* «casca» [2]. No Minho diz-se *tona do pupino,* por «casca do pepino».

Na realidade, em galês, ou língua cámbrico-céltica do país de Gales, *ton* significa a «pele ou casca dos frutos» [3]; e no Vocabulario francês-bretão de Le Gonidec [4] dá-se *tounen* como correspondente ao francês *écorce.*

tondinho

Êste termo de arquitectura, que designa «moldura pequena e redonda na base das colunas», é, como quási todos os da terminolojia de artes, derivado do italiano: *tondino* deminutivo de *tondo,* «prato», do latim rotundum, «redondo», com perda da sílaba única antetónica inicial, fenómeno não raro em toscano.

---

[1] Portugalia, I, p. 360.

[2] LATEINISCHES-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 8225.

[3] Guilherme Spurrell, A DICTIONARY OF THE WELSH LANGUAGE, Carmarthen, 1866.

[4] Saint-Brieuc, 1860.

tono

Em japonês «senhor»; em composição, como segundo termo, determinado pelo primeiro, *dono*:—«Tonos, senhores do Japão»—[1].

Tonquim, tonquim

Nome de uma cidade da China, e do seu habitante:—«alcançando os cochinchinos uma victoria dos tonquins»—[2]. Por meados do século XIX, e talvez antes, chamavam-se *xales de Tonquim*, e vulgarmente, *de Touquim*, os de seda bordados, procedentes da China, a que os espanhóis chamaram *mantones de Manila*, porque os recebiam directamente de Manila, para onde vão da China.

topaz

Duas etimolojias teem sido propostas para êste vocábulo, frequente nos nossos escritores, principalmente nos do século XVII, quando se referem à Índia e ao Oriente asiático, e que por êles era aplicado aos naturais que serviam de intérpretes, por lhes ser familiar o português crioulo. Êste epíteto era sobretudo próprio dos que pretendiam ter ascendência portuguesa. Uma das etimolojias que parece oferecer certas probabilidades é *tópi* «chapéu», por êles o usarem, imitando os europeus; todavia, com essa etimolojia não fica explicada a segunda parte do vocábulo. A outra, proposta por Frei Paulino de Sam Bartolomeu [3], é *dobhaxiĩa*, «de duas línguas, bilingue», e parece preferível.

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 10.

[2] *Id.*, *ib.*, p. 215.

[3] VIAGGIO ALLE INDIE ORIENTALI, *apud* Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886.

— «tendo já tomado por experiencia que por topazes ou língoas chins não poderiamos fazer nenhũ fruito na China» —[1].

— «Si de nuestra Compañia vinieren algunos estrangeros que no sepan hablar portugues, es necesario que aprendan a hablar, porque de otra manera no avra topaz que los entienda» —[2].

Com relação ao gôsto que os indíjenas teem de se vestir à europeia, com o indispensavel chapéu-alto, a gente de mais de quarenta anos há de lembrar-se do barão de Cabinda, que aí por mil oitocentos e sessenta e tantos passeava nas ruas de Lisboa sempre de chapéu-alto e luvas amarelas. Depois veio o rei Kalakaua, também sempre com o referido chapéu e de luvas claras de pelica.

Uma vez apareceu em Lisboa, acompanhando vários landins, uma espécie de embaixada, e servindo-lhes de intérprete, um preto já velho, cabinda também, que fôra parar à África Oriental, como língua, e que não largou nunca em Lisboa o chapéu-alto, e uma sobrecasaca preta muito rafada. Falava e escrevia português com bastante facilidade, o que, como se sabe, é prenda tradicional nos cafres da sua grei.

tope

O Nôvo Diccionário incluíu já êste vocábulo, na particular acepção em que modernamente é tomado de «enfeite que remata um chapéu, etc. ou outro adôrno semelhante»: — «São todas [as amostras] tecidas com lãs do Porto, fazendo a trama, em que se puxam os *topes*, relevos e feitios de facil execução» [3].

---

[1] «Treslado de hũa carta do Padre Mestre Melchior, Cochim, 1558», *apud* Cristóvão Aires, Fernão Mendes Pinto, Lisboa, 1904, p. 99.

[2] «Carta de Sam Francisco Xavier, de 5 de novembro de 1549», *apud* Subsidios para a bibliographia portugueza relativa ao estudo da lingua japoneza, por Jordão A. de Freitas, Coimbra, 1905, p. 75.

[3] Portugalia, I, p. 377.

torgo, torga, toro (pr. *tóro)*

Tanto a forma masculina como a femenina são sinónimas de *urze,* e a segunda também se aplica às raízes da urze, de que se faz carvão de arranca. O étimo foi já dado por J. Leite de Vasconcelos: é *toricum, torica,* adjectivo derivado de tōrum, «toro, nó, grossura». A proposito direi que *toro* é pronunciado geralmente com *o* aberto, e com razão pois procede de *o* breve latino.

torna, tornar

—«As folhas [parcelas de terreno de uma herdade, que se cultivam alternadamente] subdividem-se em *tornas. Torna* é a classificação dada ás fracções de terreno em que se reparte uma folha, por vontade do lavrador, ou por effeito de divisorias naturaes, ou estranhas, como regatos, etc. Chama-se-lhes tornas porque cada uma é lavrada em separado, tornando o arado ou charrua ao sitio onde começou» —[1].

Não pode ser mais clara a explicação, pois até contém a orijem que a denominação teve.

—«Em [certos] sitios [do Gerez] quem primeiro *torna* [utiliza] a agua, aproveita-se d'ella emquanto a guarda» —[2].

De torna-tornas, de torno-tornas:—«taes são os [terrenos] que afloram em certas aguas indivisas, chamadas de *torno-tornas,* ou de *torna-tornas*» —[3].

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 275.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 117.

[3] *Id., ib., ib.*

tôrno, tornos

Êste vocábulo foi empregado no sentido de «borbotão» por António Francisco Cardim:—«e pelos buracos dois tornos de sangue»—[1].

torren-litigioso

Êste extravagante palavrão vi-o empregado em uma correspondencia do Brasil para O ECONOMISTA [2]:—«Apontamentos sobre os limites entre o Brasil e a Republica Argentina»:—«é acompanhado *[sic]* de duas cartas geographicas do torren-litigioso»—. A não ter havido gralha, a morfolojia portuguesa de quem isto escreveu andava a par da sintasse. ¿Será *terreno litijioso?* Assim parece, pelo menos.

torresmada

No Faial usa-se êste vocábulo no sentido de «parvoíce» [3].

tôrre

—«Castellos ou torres assim se chamaram as casas de sobrado»—[4].

torto

Responder torto não significa sómente «responder trocado, ou errado», mas inclui a idea acessória de desprêzo, desaten-

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 196.
[2] de 12 de março de 1889.
[3] O SECULO, de 5 de julho de 1901.
[4] Portugalia, I, p. 178.

ção para com a pessoa a quem se está respondendo: — «Estava [a presa] evidentemente a responder torto» —[1].

torva

— «A machina [de talhar azeitonas] é simples: consta d'um banco, em um dos extremos do qual está uma torva ou tremonha» —[2].

tosquiar: v. **trosquiar**

(toupa) toupeira, toupeirinho

É sabido que *toupeira* procede de um latim talparia, por talpa, que deveria dar em português *toupa,* que talvez exista em qualquer parte do reino, como existe na Galiza, sem que o termo haja sido colijido, visto que os espanhóis teem *topo*, e os franceses *taupe*.

De *toupeira* derivou-se um adjectivo que serve de epíteto a *grilo,* de modo que o *ralo* em certas partes do reino se chama *grilo toupeirinho* [3], como em castelhano *grillotalpa*, que é o latim *gryllotalpa*.

touta, toutiço; toutinegra, *tutinegra*, totinegra

Júlio Cornu já deu a etimolojia das palavras *touta* e *toutinegra,* isto é, capite nigra, *cap'te nigra*, *cautinegra*

---

[1] O Seculo, de 28 de abril de 1902.

[2] O Economista, de 3 de outubro de 1888, citando um jornal de Elvas.

[3] J. F. Nery Delgado, Estudo sobre os bilobites, Suplemento, Lisboa, 1888, p. 64, n. 1.

(cf. cautus ⟨ capitus), *toutinegra* (cf. *couto* ⟨ cautum) [1]. A palavra *toutiço*, significando o «alto da cabeça», é pois *capiticium*, e *touta*, que o Nôvo Diccionário define como — «topete, cabeça» —, e a que atribui em dúvida como étimo *tonta*, o que é inadmissível, é evolução de capita, plural de caput, «cabeça» (cf. *pimenta* ⟨ pigmenta, plural de pigmentum).

Bluteau, no Suplemento ao Vocabulario portuguez e latino, rejistou já o substantivo *touta*, como correspondente na província de Entre-Douro-e-Minho, a *toutiço* ou *cabeça*.

Em uma nota à Selecta de leituras inglesas dissera eu: — «black'cap, «toutinegra». O significado dos componentes é análogo: em inglês, «carapuça preta», em port. «cabeça negra» (lat. *capite nigra)*» — [2]. Na Madeira o macho é denominado *totinegro* [3].

Quanto à forma *tutinegra*, que melhor será escrita *totinegra*, cf. *apoquentar* ⟨ *pouco*, *aposentar* ⟨ *pouso*.

toxogum

É um vocábulo composto japonês, empregado por António Francisco Cardim, que o define assim: — «Toxogum, o grande xogum» — [4].

trabul, trabula, trabulo

O Nôvo Diccionário rejista a segunda e a terceira destas formas, mas não a primeira, que, com a terceira está abonada no trecho seguinte: — «[A roda de oleiro], ordinariamente de carvalho, raro de nogueira (Baião), compõe-se de um estrado

---

[1] Grundriss der romanischen Philologie, I, p. 728.
[2] por Berkeley Cotter e Gonçálvez Viana, Lisboa, 1897, p. 111.
[3] Ernesto Schmitz, Die Vôgel Madeiras.
[4] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 47.

rectangular, o *trabul* ou *trabulo,* do centro do qual se ergue um eixo» —[1].

Traga-malho

O Nôvo Diccionário, autorizando-se com o Diccionario Juridico de Ferreira Borges, dá como orijem do nome dêste imposto — «aluguel de um malho, para enterrar a estaca, a que os barcos se amarravam» —.

Pouco mais ou menos é isto, mas com alguma diferença. Como há muitos anos fui informado, os barqueiros traziam dantes consigo uma estaca, e com um malho, que também traziam, a cravavam na praia, para amarrarem o barco; ou então o malho era-lhes alugado, e para não pagarem êsse aluguer, força era trazerem-no.

Traga-malho é pois um dos muitos substantivos compostos do imperativo de um verbo, tendo como complemento objectivo um substantivo. Lajeados que foram os cais, chumbaram-se neles argolas grossas de ferro, para a amarração dos barcos, mediante o pagamento de certo imposto, o que dispensava os barqueiros de trazerem, ou de alugarem o malho, como antes faziam, hábito que deu o nome ao imposto.

trajo, traje

Qualquer destas formas deve incondicionalmente substituír o indisculpável galicismo *costume, (q. v.),* que, a par da sua inutilidade e de todos os inconvenientes que oferece, tem mais o de se confundir com *costume,* «uso», o que em francês não acontece, pois neste último sentido se diz *coutume,* e não, *costume.*

---

[1] Rocha Peixoto, Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro, *in* Portugalia, II, p. 75.

O Padre António Francisco Cardim [1] usou de *trajo* para designar a pele e o pêlo de animais: — «uma côr entre pardo e branco, que é a divisa do seu trajo», [o de certos cães silvestres do reino dos Laus].

tramuinha

Na Chamusca, e provávelmente em outros pontos do Ribatejo, dá-se êste nome a um «rato pequeno».

tranco

Está êste vocábulo definido como «salto que dá o cavalo»; e a locução adverbial *a trancos* como significando «aos saltos». Ora, já Bluteau dera a esta locução outro sentido, pois diz — «a trancos, com interrupção» —.

Assim o devemos entender na seguinte frase: — «Pelos muros de noute havia fogos a trancos» — [2].

Quere dizer, «intervalados», e não «a eito».

tranvia, tremvia

O termo inglês *tramway* tomou em castelhano a forma de *tranvía*, que também por cá se usa, raras vezes, sendo a designação mais trivial *(carro-)americano*. Houve já quem escrevesse, forjando a seu jeito a palavra, o neolojismo *tremvia*, que não foi aceito: — «vulgarisou-se a viação accelerada em tremvias e nas linhas ferreas» — [3].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 255.
[2] *Ib.*, p. 35.
[3] DIARIO DE NOTICIAS, de 6 de outubro de 1903.

trapeira

Não se sabe bem porquê, *trapeira* designa janela aberta no telhado, e também *água-furtada*, outro termo de difícil explicação. Atribuem-lhe mais os dicionários o significado de «armadilha», e é talvez êste o primitivo. Em sentido especial vemos o dito vocábulo empregado e definido no trecho seguinte:— «a capoeira que n'um dos lados tem uma abertura em forma é com o nome de *trapeira*, pela qual sahe uma trave enorme, denominada *mastro*» —[1].

transcrição, transliteração

Êstes dois substantivos, bem como os verbos correspondentes, *transcrever*, *transliterar*, como termos de glótica e paleografia, são muitas vezes confundidos, e contudo é necessário que a cada um dêles se dê a acepção diversa que lhe convém. Chama-se *transcrever* e *transcrição* a expressão gráfica dos sons de uma língua, independentemente do sistema de escrita que se usa na sua literatura, quando, mediante certas convenções, conhecidas ou explicadas por cada transcritor, os vocábulos dessa língua são escritos por sistema diferente; *transcrição* se chama também a escrita metódica de um idioma que a não tenha sua, ou cujo sistema de escrita não seja fonético, não represente as palavras pelos sons que as compõem, mas sim por outros artifícios, independentes do modo por que se elas proferem. Assim, se qualquer pessoa quiser citar em português palavras chinesas, por exemplo, tem de atender à sua pronúncia únicamente, visto que na literatura dêsse idioma as palavras são em geral expressas por sinais, que pouca ou nenhuma relação teem com o modo por que se dizem quando, em vez de escrito, êle é falado.

---

[1] J. Núnez, Costumes algarvios, Moinhos, *in* Portugalia, I, p. 386.

Outro tanto acontece quando citamos vocábulos timores, por exemplo: escrevemo-los com letras portuguesas, representativas dos sons de que êsses vocábulos constam, por que não teem escrita própria, de que usem, os naturais que falam qualquer dos dialectos vernáculos, naquela ilha.

Transliteração é a passajem de um a outro sistema fonético de escrita, e nela o que se traslada, com maior ou menor fidelidade e conforme o sistema que se segue, é a letra, e não o som que ela representa.

Darei um exemplo que elucidará completamente, a diferença. Sabe-se que o grego moderno se pronuncia de modo muito diverso de qualquer dos convencionais, ou do averiguado, que atribuímos ao grego literal quando o lêmos. Assim, a palavra de grego antigo οἶκος, «casa», translitera-se por oîkos. Mas êste vocábulo persiste no grego moderno, e se o quisermos transliterar reproduziremos a forma antiga oîkos; mas se o representarmos em letras latinas, regulando-nos pela pronúncia que adquiriu na língua actual, teremos de o transcrever, isto é, de escrevê-lo *íkos,* visto que o οι se profere *i,* e nenhum valor real tem já o acento circunflecso, que o diference do agudo, como acontecia no grego antigo.

trave

—«o corte de uma pequeníssima fracção da membrana sublingual [das aves] a que chamam trave»—[1].

travesso, travessa, través, através, atravessar, travesseiro, travesseira, travessia, travêsso, travessura

Todos êstes vocábulos procedem, por evolução, do latim transuersum, e outro tanto acontece a *atravessar, través,* de trans-

[1] Gazeta das Aldeias, de 12 de agosto de 1906.

verse, etc., vocábulos todos íntimamente relacionados uns com os outros.

A palavra *travêsso,* como substantivo, vê-se no trecho seguinte: — «*Ichoz* — Armadilha a mais conhecida dos povos da serra, e por elles mais largamente empregada, tal a simplicidade da sua factura e o maravilhoso resultado que tiram do seu emprêgo. Tem a forma de uma pequena padióla e é feita de duas hastes de madeira (banzos) do comprimento de $0^m,45$ a $0^m,50$ em que pregam duas menores *(travessos),* formando caixilho quadrado de $0^m,25$ a $0^m,30$ de lado» — [1].

Travêssos se denominam também os degraus de uma escada-de-mão, como se chamam *banzos* as vêrgas laterais da dita escada, em que os travêssos se embutem, ou se cravam.

Com a mudança de valor do *e,* aberto em vez de fechado, *travessa* quere dizer «caminho que atravessa outro, ou terras ínvias». É sabido que em Lisboa se denomina *travessa* uma rua mais estreita, que corta ou atravessa outra rua, que se considera principal com relação àquela.

Eis aqui outra acepção da *travessa,* como termo de pescaria: — «É o que se faz ainda hoje na *pesca de travessa,* que os marisqueiros empregam nos esteiros do Carvão e da Troia. A *travessa* é um apparelho de estacada, isto é, uma rede sem pesos nem boias, segura por meio de estacas postas no fundo do mar em linha, que atravessa a boca do esteiro. Emquanto dura o fluxo da maré, a rede está prostrada no fundo e deixa entrar o peixe. Logo porém que começa o refluxo da maré, os pescadores levantam a orla da rede, suspendendo-a nas estacas e impedem assim a saida do peixe» — [2].

Través é empregado nas locuções adverbiais *de través,* e *através,* que para ter a função preposicional necessita de ser acompanhado da preposição *de: através dos campos,* e não,

---

[1] O Archeologo português, x, p. 188.

[2] José Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, ii, p. 93.

vés os campos, que seria galicismo, *à travers les champs.* empre mais vernáculo empregar neste sentido as preposi- *por entre,* ou simplesmente *por,* visto que o povo não ece a locução *através,* mas sómente *ao través,* com a signi- ão de «transversalmente».

Travêsso, travêssa, com *e* fechado, é também adjectivo e ifica, «maldoso, buliçoso», com o substantivo derivado *tra- ura.*

Travesseiro é almofada comprida que se põe atravessada na ceira da cama; *travesseira,* outra quasi quadrada em que se a a cabeça; mas em Lisboa a esta chama-se *almofadinha.*

Travessia, ou vento *travessão* é «o vento que dificulta a na- ção, por lhe ser contrário».

Outro sentido dado pelos dicionários, não é vernáculo. Para uzir o francês *traversée* emprega-se, modernamente *travessia,* como vimos, tem significado diverso, isto é, «vento con- o», ou *travessão* [1]. Ampliou-se desnecessáriamente a signi- ão de um vocábulo, que a tinha bem restrita e definida. *travessia* no sentido do francês *traversée* é convencional e onhecido na linguajem de bordo. Os antigos escritores por- eses diziam *travessa,* e bom fôra que voltasse ao uso comum vocábulo em tal acepção.

Eis aqui exemplos do seu emprêgo: — «Andamos tanto po em esta travessa, que tres meses menos tres dias amos nella» [2]. — «Vasco da Gama tinha feito esta mesma vessa em vinte dias quando demandava Calicut» — [3].

No sentido de «percurso por terra» empregou Rui de Pina palavra: — «E porque se receou de gente que o conde em

---

[1] Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO; F. Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, CLXXXIII.

[2] ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA.

[3] Gomes Monteiro, CARTA AO ILL.mo SNR. THOMAZ NORTON, Pôrto,

Ourém tinha junta, quis naquella travessa segurar sua pe
com outra gente sua» —[1].

Também Bluteau disse, citando Vieira, *travessa de um b
de mar,* pela «acção de o atravessar».

trecho

É um castelhanismo o vocábulo *trecho* { tractum { trah
a que em português antigo correspondia *treito,* como a *p*
castelhano, { pectus, corresponde *peito.*

Nem em castelhano actualmente, nem em português n
foi *trecho* usado como adjectivo, mas sim como substantivo,
a significação de «parte, porção», mormente de obra liter
ou de partitura musical.

Existe todavia em português o adjectivo *atreito,* que pro
de ad tractum, e quere dizer, «sujeito», «habituado».

tresant(e)ontem

É expressão muito popular, para querer dizer «o dia ant
dente ao de antontem»:—«Tresantehontem descobriu-se
Joaquina Gonçalves de Marcos... enterrou no quintal..
fructo dos seus amores» —[2].

tretoura

—«O arado / sem tretoira nada faz» —[3].

---

[1] Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. lxxxix.
[2] O Seculo, de 9 de junho de 1900.
[3] O Economista, de 15 de outubro de 1887.

tribo: *tribal,* tribul, tribuis

Assim se escrevia dantes, e era do género masculino esta palavra:

— Ou quem o Tribo ilustre destruíu — [1].

O neolojismo *tribal* é empregado no trecho seguinte, e quere dizer, como adjectivo, «o que pertence à tribo»: — «a egualdade ethnographica, quasi completa, dos seus variados agrupamentos tribaes» — [2].

Melhor fôra *tribul, tribuis,* visto que o adjectivo latino derivado de tribus (4.ª declinação) é tribūlis, tribūle.

O incorrecto *tribal* foi copiado indiscretamente do inglês *tribal* (pron. *tráibel),* artificialmente derivado nesta língua do substantivo *tribe* (pr. *traib),* que tem a mesma orijem latina.

trilho

— «O instrumento consta de três peças principaes: o *trilho* propriamente dicto, o *peote,* que é a vara fixada mais ou menos verticalmente, e a *timãozella,* que é o cabeçalho ou temão, a que se junjem os animaes de tiro» — [3].

trincha

Além dos significados já apontados nos dicionários para êste vocábulo, dá-se-lhe, no litoral da província do Minho, o de «cós da saia».

---

[1] Camões, Os Lusíadas, III, 140.

[2] Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa, 24.ª série, p. 242.

[3] Francisco Adolfo Coelho, Alfaia agricola portuguesa, *in* Portugalia, I, p. 641.

trincheiro

É o nome que se dá aos socalcos ou degraus feitos numa trincheira, ou barreira, para por êles se subir ou descer.

(por um) tris

Esta locução, muito vulgarizada, é provávelmente de orijem semi-douta, tendo pertencido, como *badameco* (vademecum), primitivamente à jíria estudantesca. Em grego T'RÍKS quere dizer «cabelo», e naturalmente os estudantes de grego usavam êste vocábulo, em vez de «por um cabelo», com a significação de «quási». Ainda hoje os ingleses se servem da locução *to a hair,* como em *he is like his father to a hair,* correspondente à nossa, é «o pai por uma pena», isto é, com diferença sómente de uma pena, entanto que os ingleses dizem, «com a diferença sómente de um cabelo».

A comparação em inglês tem por base pessoa, em português, ave. O termo *tris* é também usado em castelhano, na locução adverbial *en un tris,* correspondente à portuguesa, *por um tris,* e na Bolívia emprega-se o deminutivo *trisito,* equivalente a «pedacinho» [1].

tríscelo

É uma figura, variante do suástica *(q. v.),* que consiste em três linhas curvas que, diverjentes de um centro comum, se en-

[1] R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogotá, 1881, p. 596.

roscam em espiral, formando roseta: — «Começarei pelo triscelo e tetrascelo *[q. v.]*» — [1].

tríz(ia), triz

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo com a significação de *icterícia*, de que é redução popular.

O snr. G. de Vasconcelos Abreu aponta-me outro significado, que deve de pertencer a vocábulo idéntico na forma, mas de outra orijem: «vara grossa».

Forma ainda mais reduzida da palavra *icterícia* é *triz*, apontada na Revista Lusitana, e usada em várias fórmulas, como por exemplo — «a triz matou quem quis» — [2].

trocho, trochada

— «E o mesmo destino já archaico mantem ainda, por economia, o emprego do trocho de urzeira em Terras de Barroso» — [3].

Quere pois *trocho* dizer «graveto».

Trochada, em Sam Miguel dos Açôres significa «pancada» [4]. Assim como *pancada* foi primitivamente golpe dado com a *panca*, ou alavanca, e depois se generalizou a qualquer golpe, assim lá *trochada*, primeiramente «pancada com um trocho», veio a significar qualquer pancada.

tromba

Além de outros significados dêste vocábulo, encontramos mais um não rejistado: — «Il est des signes certains auxquels on

---

[1] Francisco Martins Sarmento, A arte mycenica, *in* Portugalia, I, p. 2.

[2] vol. VIII, p. 291.

[3] Rocha Peixoto, Illuminação popular, *in* Portugalia, II, p. 36.

[4] O Seculo, de 5 de junho de 1901.

reconnaît qu'on a passé le Cap [da Boa-Esperança]... on rencontre alors... des troncs de gros roseaux flottants — des *trombas*... poignées de joncs encore garnies de leurs racines» —[1].

O vocábulo é citado como português.

troneira

O Nôvo Diccionário define esta palavra do modo seguinte: —intervallo dos merlões, por onde se enfia a bôca do canhão *ou* bombarda (De *trom)*» —. É castelhanismo: *tronera* que ainda hoje quere dizer «fresta», derivado de *tron*. Do português *trom* derivar-se-ia *troeira;* cf. o «*troar* da artelharia», *atroar*, etc., sem o *n* medial.

tronga

É, conforme Rafael Salillas [2], vocábulo pertencente à germania, e que desta passou ao caló, que o transmitiria ao português, onde adquiriu sentido depreciativo que não tinha, pois significava e significa ainda, no dialeto cigano de Espanha, simplesmente «amázia».

Em germania, e mesmo no castelhano geral, o termo não é vilipendioso:

> Y miente todo jayán
> y tresmiente toda tronga
> que presume de belleza
> en donde solo te nombran!

Eis aqui uma abonação do vocábulo em português, no sentido vilipendioso que se lhe dá — «Nós mesmos confiámos de-

---

[1] Jurien de la Gravière, Les Anglais et les Hollandais dans les mers polaires et dans la mer des Indes, Paris, 1890, I, p. 152 e 285.

[2] Quevedo, Moxagón, *in* «Revue Hispanique», XIII, p. 71.

masiadamente na lenda chula, que se adensou em volta do nome d'esta tronga de viella» —[1].

Refere-se o autor à decantada Severa, que floreceu antes do meado do século passado, e cuja historia meúdamente narrara em obra anterior.

tropa

A acepção de «manada de gado» vem já rejistada no Nôvo Diccionário como termo brasileiro, mas sem abonação. Eis aqui uma: — «De longe a longe, topavamos vaqueiros á testa de grandes tropas de gado» —[2]. Ignoro se o termo se aplica igualmente a outro qualquer gado, que não seja o vacum.

trosquiar, tresquiar, tosquiar

A forma moderna é *tosquiar;* mas a antiga, que ainda usou Gil Vicente, era *trosquiar,* talvez *tresquiar,* correspondente à castelhana *trasquilar,* derivada de *esquilar,* que tem o mesmo significado:

— Carneiro. Êste se um amor o cobre,
Di [daí] a pouco se trosquia,
E logo outro novo se cria —[3].

É possível que *trosquiar* seja êrro tipográfico por *tresquiar* (cf. *traspasse* e *trespasse),* forma que melhor corresponde à castelhana. O étimo é duvidoso, e Parodi [4] supõe, ou antes

---

[1] Pinto de Carvalho, Historia do Fado, Lisboa, 1903, p. 45. *V.* do mesmo escritor, Lisboa d'outros tempos, 1898.

[2] Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco, *in* «O Seculo», de 8 de julho de 1900.

[3] Auto das Fadas.

[4] *apud* G. Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1890, n.º 7719.

propõe o adjectivo squalidum, como base de *esquilar*, com as formas intermédias, porém, *squadilum*, *squadilare*, escailar, *esc'ilar*, *esquilar*, a que se juntou ao depois o preficso *tras* ⟨ trans. A queda do *l* de uma forma hispánica *trasquilar* é perfeitamente normal em portugués, como é sabido, quando em castelhano êle é intervocálico: cf. *salir* com *saír*.

trunfa: v. **túlipa**

tsar, (t)çar, tzar, czar, czarina, *(t)çari(t)ça*, *(t)çarévi(t)ch*

Até época muito recente a forma escrita dêste título do emperador da Rússia era em português *czar*, que se lia *quezár*, porque assim se escrevia e se pronunciava em francês. Como agora em França se começa a pronunciar e escrever *tsar*, já cá chegou a moda, que por francesa foi logo adoptada, pois bastava que fosse francesa e que fosse moda. É facto que em russo se lê quási *tçar*, e não é mais que russificação do latim Caesar, como o título do imperador da Alemanha *Kaiser* é a germanização do grego KAÎSAR, forma helenizada da mesma palavra, mas que em alemão é o único vocábulo usado para designar um imperador qualquer, da Alemanha ou de outra nação.

A forma *tzar* é alemã, porque são os alemães os únicos que com as duas letras *tz*, ou sómente com *z*, escrevem o ditongo consonantal *tç*, visto que em italiano *z* e *zz* valem por *tç*, na realidade, mas também por *dz*. Generalizou-se o *tz* da transcrição alemã, neste e noutros vocábulos russos, porque durante muito tempo, e mesmo agora, os próprios russos quando escreviam ou escrevem em alemão ou noutras línguas, a francesa principalmente, adoptaram essa fórmula gráfica para representarem a 23.ª letra do alfabeto clementino, de que, um pouco alterado, se servem, e no qual tem a figura de um dois II maiúsculos, unidos e cedilhados, ou antes com um til subscrito.

Czar é forma húngara, já obsoleta, pois hoje em dia o dã-

tongo *tç* se escreve nessa língua, como em polaco, com um simples c, sendo o *cz* apenas usado, por arcaísmo ortográfico, para os apelidos antigos, que já assim se escreviam.

A forma *tçar* seria a que mais se aprossimaria da pronúnciação que esse c, bem como o cz e o tz representam. Eu prefiro, porém, escrever e pronunciar em português *çar*, a não se querer o melhor de tudo, que seria dizer *imperador*.

A imperatriz tem o título de *(t)çari(t)ça*, e não o que se lhe forjou no resto da Europa, *czarina;* o principe herdeiro o de *(t)çarévi(t)ch*, e a princesa o de *(t)çarévna*, todos três com acento tónico na penúltima sílaba. Vejam-se, do autor, Bases da transcrição de nomes estrangeiros [1], e Ortografia Nacional [2].

A propósito de nomes russos, acrescentarei algumas palavras. A «Gazeta das Aldeias», no seu número de 17 de setembro de 1905, com a pitoresca epígrafe Os Vocabulos do dia, ofereceu aos leitores as duas palavras russas, que começavam a aparecer nos jornais estranjeiros, **gosudarstvennaia duma**, dizendo ser êsse o nome da futura «assemblea constituinte da representação nacional da Rússia». Conquanto o adjectivo *gosudarstvennaia* seja suficientemente extenso e dificultoso de pronunciar, com o acento na 3.ª sílaba e três depois átonas, e mais o acréscimo de a penúltima ser ditongo, o que em português só acontece com verbos e complementos pronominais, como *comprávamo-lo, davam-no-las*, etc.; apesar, repito, de ser palavra de légua e meia, não significa de modo algum tudo aquilo com que se pretendeu traduzi-la, e aqui se imprimiu entre aspas. Quere simplesmente dizer «imperial», própriamente «soberana, *senhorial*», de *gosudar*, (pr. *gaçudár)* «soberano». Assim é mais simples livrarmo-nos de tam estrambótico adjectivo, e dizermos a *duma*, ou a *assemblea nacional*, que é o que vem a ser, por fim de contas, ainda que por emquanto, meramente consultiva, se o fôr.

---

[1] Lisboa, 1900, p. 22-26, *passim*.

[2] Lisboa, 1904, p. 250-254.

Acrescentarei que bom seria que os jornais diários explicassem êstes termos estranjeiros que as gazetas põem em circulação obrigada, ensinando aos leitores um modo, aprossimado, se mais não pudesse ser, de os lerem, por forma que se não difundam pronunciações caprichosas em tantas quantas são as pessoas que tentem proferi-los por sua conta e ao sabor das suas preferéncias, as mais das vezes afrancesadas, e por isso fundamentalmente erradas, pois não há segundo povo no mundo para desconjuntar vocábulos estranjeiros, como são os franceses.

tsigano, tzigano, cigano

São absolutamente inúteis, além de sumamente estravagantes, estas escritas, em vez da portuguesa *cigano,* antiqüíssima na língua. Acresce que *ts,* e pior *tz* não são grupos pronunciáveis em português; pois muito se engana quem supuser que o primeiro se lê como o *tec* da palavra *tecendo,* e o segundo como o *tz* de *tesoura.* Nem a alegação de que *cigano* é só aplicável ao *cigano* de Portugal é verdadeira, pois o nome é genérico, e não existem no reino as tribos de ciganos que há em Espanha, onde, por exemplo em Granada, êles ocupam um bairro enteiro, o Albaizim; nem aqui fazem vida totalmente apartada, como lá. Depois, o maior número dêles vem de fora, principalmente de Andaluzia; às vezes são oriundos da Roménia e da Hungria, em pequenas famílias, ou grupos, mas veem sempre directamente de Espanha. Os dialectos mesmos que falam, raras vezes os empregam em Portugal os ciganos domiciliados cá, de maneira que não existe dialecto cigano-português, como existe o cigano-espanhol, chamado *caló.*

É admissível, porém, que aos ciganos de Espanha, para os diferençar dos mais, se dê o nome que em Espanha se lhes dá de *gitanos* (=ejitanos, do Ejipto), e não pertence à língua dêles: é fácil de proferir, e não desdiz da índole do nosso idioma; como também é adoptável a denominação italiana de *zíngaros,* aplicada aos ciganos músicos, e a outros indivíduos que formam

orquestras à moda dos ciganos húngaros, que foram quem deixou cá êsse nome, quando haverá vinte anos deram uns concertos no teatro de D. Maria. Advirta-se, porém, que entre o pessoal que constituía essa orquestra apenas havia três ou quatro figuras que fossem ciganos, e o rejente o não era.

Sôbre os ciganos que vivem em Portugal, ler-se-há com muito proveito a obra clássica de F. Adolfo Coelho, Os Ciganos em Portugal, Lisboa, 1892.

tuaca

O Nôvo Diccionário, seguindo o Contemporaneo, diz-nos ser *tuaca* o mesmo que *sagu*.

Em sentido muito diverso vemos que êste vocábulo é usado em Timor: — «mascando a areca e o betel *[q. v.]*, ou sorvendo, a pequenos goles, o bambú de tuaca (suco da palmeira) vivificante» — [1].

tudesco

Esta palavra, correspondente ao italiano *tedesco*, é a romanização do alto alemão antigo *diutisk*. Designa em geral «alemão». Com referência à língua, quere dizer tanto o alto, como o baixo alemão; o erudito Manuel de Melo [2], porém, usou-a no sentido restrito de alto alemão, e eu segui-lhe o exemplo na Classificação summaria das linguas [3].

Deve ter-se em atenção que os ingleses chamam *Dutch*, que é o mesmo vocábulo, ao holandês, denominando *German* o alemão,

---

[1] J. S. Pereira Jardim, Notas ethnographicas sobre os povos de Timor, *in* Portugalia, I, p. 357.

[2] Da Glottica em Portugal, Rio de Janeiro, 1812.

[3] Antecede o Mappa dialectologico do continente portuguès, de José Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1897. [p. 11].

principalmente o alto alemão, porque ao baixo alemão chamam usualmente *low-Dutch*, ou *low-German*, em alemão *Niederdeutsch*, ou *Plattdeutsch*.

tudum

Dá-se êste nome, em Macau, e tambem o de *dô*, a uma capucha preta, que é usada pelas senhoras. O primeiro é de orijem chinesa, ao que parece, o segundo é português muito conhecido. As mulheres do povo usam capuchas de côr, que se chamam *çaraças*, provávelmente porque as primitivas eram desta fazenda.

tuienjia

Embarcação cochinchina: — «e 41 thuyengia, são umas embarcações mais capazes que as suas galés» — [1].

Note-se o emprego do adjectivo *capaz*, no sentido de «vasto, amplo», como em castelhano.

tulipa, túlipa (?)

O Nôvo Diccionário manda pronunciar *tulípa;* Roquete, o Manual etymologico e o Diccionario prosodico, de João de Deus *túlipa*. Os espanhois dizem *tulipán*, os italianos *tulipáno*, e portanto não nos podem servir de guia.

Bluteau, que traz o vocábulo, não lhe marca acentuação. Se recorrermos ao seu étimo, que, desde Bluteau até Dozy, se afirma ser uma palavra turca, dulband, ou persa dulband, que, provávelmente por intermédio do francês *turban*, deu para o português a palavra *turbante*, não ficamos muito mais adean-

[1] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 217.

ados com relação a como se deva acentuar; ainda que, a ser o étimo verdadeiro, no que tenho muitas dúvidas, apesar do que diz Dozy e os leitores já vão ver, a acentuação mais natural devesse ser *túlipa,* visto que, não havendo vogal nenhuma entre o *l* e o *b* dos étimos, é claro que ela foi neles introduzida como intercalar (cf. *alcáçova [q. v.]* de AL-QAṢBE), e portanto átona. É facto, porém, que João de Sousa [1] dá a forma *tolipa,* e como não seja *tólipa,* é evidente que o acento tem de fazer-se na 2.ª sílaba, pois *o* e *u* átonos portugueses se não diferençam na pronúncia. É também singular que êle escreva o vocábulo, que diz ser persa, TULIPAN, o que é muito duvidoso, pois em persiano *tulipa* se diz LALE.

Eis aqui o passo de Dozy a que me referi antes, o mais literalmente traduzido que é possível: — «TULBAND, TULP — A primeira palavra é o persa *dulband,* ou o turco *dôlband.* Kiliaan dá-o em duas formas, convém saber, como *turbante,* e como *tulipa* [tulp]. Como nome da flor, tanto êle como Dodoneu só conhecem *tulipa;* em italiano chama-se *tulipano,* e é a mesma palavra que *turbante* [tulband]; os europeus deram-lhe êste nome, porque ela, o que também diz Dodoneu *(Cruydt Boek* [livro das plantas], p. 388 *b),* se parece um tanto com um turbante quando está aberta de todo. Os persas e os turcos chamam à flor *lâleh (lāleh)* » — [2].

Assim será. Note-se que a palavra holandesa *tulp* (pr. *tölp)* nos leva a crer que a forma alatinada se há de ler *túlipa,* com o acento na primeira sílaba, visto que entre o *l* e *p* não há vogal, e a flor predilecta dos holandeses de lá é que veio, com o nome que lhe êles deram e os mais povos imitam. Vê-se também que a palavra e o étimo de João de Sousa não teem jeitos de ser certos.

Veja-se ainda o que a respeito de *túlipa* diz Bluteau, no VOCABULARIO.

---

[1] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[2] R. Dozy, OOSTERLINGEN, Haia, 1867, p. 95 e 96.

Quanto a *turbante*, os nomes antigos em português e
fota, *touca* ou *trunfa*, como ainda se lhe chama na nossa Ín

—... O Rei de Melinde...
. . . . . .
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores,
Na cabeça uma fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida—[1].

—«veste [Santobá Rau Ranes] casaco de tanná, *pu*
[q. v.] branco e trunfa preta»—[2].

Uma forma antiga francesa (XVI século), *tolipan*, [3] p
identificar as duas *turbante* e *túlipa*.

tumba

A palavra é, como se sabe, de proveniência latina imed
mas não evolutiva, pelo menos em português, pois de tum
porque o *u* é breve, deveria ter resultado *tomba*, como em
liano; cf. *tombo* ⟨ tumulum, forma anterior * *tómboo*.

Está pois no caso de *mundo* ⟨ mŭndum, em italiano *mo*
É natural que os dois termos tenham orijem eclesiástica, o
explica a permanéncia do *u*.

O vocábulo latino procede do grego TÚMBA, e pela sua p
oferece também a particularidade de ao U grego correspo
u, em vez de *y*, o que prova a antiguidade da sua adopção
latim, não obstante aparecer na literatura sómente no IV
culo.

Em Lisboa o termo adquiriu o significado especial de «c
mortuário», expressão que já o está hoje substituindo, por

---

[1] Os LUSÍADAS, II, 94.
[2] O SECULO, de 1 de abril de 1902.
[3] A. Delboulle, MOTS OBSCURS ET RARES, *in* Romania, XXXV, p.

fuísmo; com pouca propriedade porém, visto que a *tumba* era um carro de forma particular, que transportava quási de graça ao cemitério do Alto de Sam João os pobres falecidos:

— Seis vinténs p'ra ir na tumba
Dois tostões ao padre-cura;
Um pataco p'ra o zambumba;
Que acompanha à sepultura — [1].

Dêste emprego do vocábulo provém a acepção de, «malaventurado, pouco afortunado»: — «Está ou não está com azar? É ou não é tumba?» — [2].

tuna

E o nome americano que o Padre Gaspar Afonso atribui à planta espinhosa que os espanhóis chamam *chumba,* ou *chumbera,* e da qual faz uma perfeita descrição: — «uma forte espessura em contôrno, de tunas, que são o que nós chamamos figueiras da India, senão que tem aquellas suas puas, ou espinhos, como grandes abrolhos» — [3].

Aos frutos chamam os espanhóis *chumbos,* e os franceses *nopal* à planta (cactus opuntia). *V.* **tabaibo.**

tupir

— «Coberta então [a louça que esteve a cozer] com as *rachas* (pinho) e ainda, para *tupir,* com *argaço* (caruma de pinheiro)

---

[1] Acácio de Paiva.

[2] O SECULO, de 27 de outubro de 1906.

[3] «Relação da viajem e sucesso da nao Sam Tiago», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 90.

e o resto do carvão de lenha já pulverisado das cocções anteriores, deixa-se o vasilhame uma hora a rescaldar» —[1].

O verbo *tupir* (cf. o castelhano *tupir*, «entupir») deve de significar «tapar os poros, apertar».

turista, turismo

É já tempo de aportuguesar na escrita êstes vocábulos que se tornaram, a bem dizer, universais, e com tanto maior razão, quanto, a serem escritos com *ou*, parecem derivados de *touro*. López de Mendonça já escreveu *turismo*, e fêz bem: — «tornar Portugal um prazo dado do turismo cosmopolita» —[2].

tuta-e-meia

Quere dizer «preço vil». É provável que venha da expressão *uma macuta e meia*, que, por muito corriqueira, se reduziu por haplolojia a *uma cuta e meia*, e com ou sem a supressão do numeral *uma* e por assimilação do *c* a *t*, *(uma) tuta e meia*: cf. *catatua*, por *cacatua*, malaio *kakatua*, feliz assimilação que nos poupa um cacófaton. *Kakatua* significa «turquês», e os malaios dão êste nome à dita ave por causa do bico.

Macuta, é, como se sabe uma moeda de cobre, que tem curso na África Ocidental Portuguesa, com o valor de 50 réis.

tuxava, *tuchava*

Cabeça de tribo, nos povos indijenas do Brasil: — «Principia [o indio nurucuru] por arrancar os dentes [à cabeça do inimigo

---

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 76.

[2] O SECULO, de 4 de julho de 1904.

a quem matou], que servem para o *parinate rau,* com o qual o tucháva o recompensará cinco annos depois» —[1].

Como em tupi não existe a consoante africata, que se pronuncia no norte do reino, idéntica a *ch* castelhano e inglês, mas sómente a sibilante *x* de *xadrez,* é com *x,* e não com *ch,* que ela deve ser figurada nas palavras brasileiras aportuguesadas.

Mas, ¿que é *parinate rau,* a que se refere êste trecho?

V. **maloca.**

ucanha

— «É uma fructa de que os pretos fazem uma bebida fermentada. Tem um caroço do tamanho [do?] de um pêcego com duas amendoas dentro, das quaes se extrahe finissimo oleo, de gosto delicioso» —[2].

ucasse

É esta a escrita que devemos adoptar para a palavra russa *ukaz* (pr. *ucáce),* que quere dizer «ordenação», «decreto».

ucha, ucharia; ucha

O Nôvo Diccionário inscreveu o vocábulo *hucha,* com a significação de — «caixa ou casa em que se guardam gêneros alimentícios. (B. lat. *hutica)*» —. O étimo está certo, e bem assim a definição; êste baixo latim, ou melhor latim bárbaro, procede de um vocábulo germánico, conforme Fr. Diez e D. Carolina Michaëlis *(V.* em *ichão);* e com *ucha* neste sentido se relaciona *ucharia,* que deveria escrever-se com *h* inicial, em-

[1] O Economista, de 16 de dezembro de 1889.

[2] Diocleciano Fernández das Neves, Itinerario de uma viagem á caça dos elephantes, Lisboa, 1878, p. 230.

quanto se persistir em conservar esta letra inútil, que, apesar das simplificações ortográficas aqui adoptadas, ainda não ousei suprimir. O facto, porém, é que, não se escrevendo usualmente *ucharia* com êsse *h*, não serei eu decerto, que pugne pela sua manutenção em *ucha*, tomado neste sentido.

Um deminutivo de *ucha*, nesta acepção, é *ichó (q. v.)*.

Há outro *ucha*, que eu ouvi na Beira-Alta, e que me consta ser também usado na Beira-Baixa; homeótropo do já definido, mas com diferente significado, e outra orijem, pois quere dizer «fogueira», do latim hipotético *ustia*, afim de ustio, ustionis (cf. *combustão)*, e a que me referi no «Muséon», em um artigo que ali publiquei em 1884, com o título ÉTUDES DE GRAMMAIRE PORTUGAISE, a propósito dos trabalhos de Júlio Cornu, insertos na «Romania» [*v.* X e XI], sôbre o mesmo assunto — morfolojia e fonolojia portuguesas.

Este significado está abonado no seguinte passo: — «a silva e a *gandra* ou vara de urze branca, colhida depois da *ucha* (queimada) na Cabreira» — [1].

Eis aqui abonação actual do vocábulo *ucharia:* — «O monte *[q. v.]* accommoda em si o *casco* da lavoira, isto é, toda a ucharia, representada por mantimentos, forragens, alfaias agricolas» — [2].

ucsório, *uxoriano, uxórico*

O NÔVO DICCIONARIO rejistou o barbarismo **uxoriano**, e um sinónimo menos bárbaro **uxórico.** Era o seu dever, mas também o era, como fêz com outros barbarismos, criticar êstes estrambóticos adjectivos, que desconheço quem usou, por não saber mais. O adjectivo derivado de *uxor* é em latim uxorius, e em português, conseguintemente, *ucsório*, ou *uxório*, se quiserem.

---

[1] Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, *in* Portugalia, I, p. 36.

[2] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 271.

uivar

Em castelhano diz-se *aullar*, em italiano *urlare*, em francês *hurler*, para designar a voz lamentosa do cão e do lobo. Para estas formas é admissível o étimo latino ululare, e conseguintemente inútil a hipótese de Meyer Lübke que propõe eiulare. Com efeito, qualquer delas se explica perfeitamente por leis fonéticas conhecidas e exemplificadas em outros vocábulos. A forma portuguesa *uivar* procede de ululare, mediante as intermédias *u(l)i(l)are, uiuar, uivar;* cf. *louvar* ⟨ *louar* ⟨ *laudare, viúvo* ⟨ *viúo* ⟨ *viuo* ⟨ *uiudum* ⟨ uiduum.

As formas italiana e francesa provéem de uma dissimilação: *hurler* ⟨ *ur(u)lare* ⟨ ululare. Na castelhana *aullar* há a mais o preficso ad: adululare ⟨ *adul'lare* ⟨ *aul-lare* ⟨ *aullar*.

ungã

Tambor de honra usado no Daomé. Só se toca para congregar os povos para a guerra [1].

urdimento

No palco dos theatros é o travejamento do teto, e os sótãos que lhe ficam por cima.

urjamanta, urja-manta, jamanta, uja, uge(m), újia, ujo, uga

É termo do Funchal: — «No dia 14 um rapaz que se banhava ia sendo victima de uma *urja-manta*, que por alli tem sido vista algumas vezes» — [2].

---

[1] *V.* C. Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

[2] O ECONOMISTA, de 9 de agosto de 1886.

Mas, a que peixe se referiu quem deu a notícia? Nenhum dicionário português tem o vocábulo. Roquete inseriu *uja*, com referência a *uga*, que traduz para francês por — «pastenague, tareronde: poisson du genre de la raie» —. Dá ainda outras formas, que são *uge, ugem, újia*, nenhuma das quais admitiu o Nôvo Diccionario. O Manual etymologico inseriu *uge* e *urge*, com referência dêste àquele, que define — «peixe da ordem dos chandropterigeos cartilaginosos» —, definição que o Contemporaneo dá a *uje;* ao passo que o Nôvo Diccionário diz de *uje* ser — «pequeno peixe em forma de raia» —, dizendo o mesmo dicionário de *jamanta* — «peixe de Portugal» —, não sabemos se pequeno, se grande. Para Bluteau *uga* corresponde em dúvida ao latim pastinaca, e assim o traduz Pedro José da Fonseca no Diccionário portuguez-latino [1], e J. A. Ramalho, no Magnum Lexicon [2], verte pastinaca por *uga*, dizendo ser peixe venenoso.

No meio de tamanha confusão temos ainda que o noticiarista escreveu *urja-manta*, com hífen, no que dá a entender que há *urjas*, que não são *mantas*. Não me atrevo a decidir o caso.

urso, ursa, usso, ôsso, ôssa, Ossa

O Nôvo Diccionário rejista no Suplemento a forma *ossa*, e citando J. Inácio Roquete, diz o seguinte: — «Roquete dá-lhe o significado de *ursa*, não sei com que razão» —. A razão é evidente: *osso*, tanto em português antigo, como na antiga ortografia castelhana (na moderna *oso)* é o correspondente do latim ursum, e *ossa* o femenino, latim ursa. É possivel que a Serra da *Ossa* signifique «a serra da Ursa». Formas diverjentes, simultáneas ou sucessivas são, *usso, ussa*.

Ora, *usso, ussa* eram os nomes usados em Portugal em-

[1] Lisboa, 1839, 4.ª edição.
[2] Lisboa, 1819.

quanto cá existiu o animal, e derivavam-se naturalmente do latim ursum, ursam: — cf. *avêsso* ⟨ aduersum, *pessoa* ⟨ persona, etc. *Urso* é forma mais moderna e artificial.

Eis aqui uma abonação da dita forma *usso:* — «em este ilheo ha muitos lobos marinhos, e delles sam tam grandes como usos *(sic)* muito grandes» —[1].

A forma *urso* é portanto refeita pela latina. *Usso* rejistou-o todavia o Nôvo Diccionário, como forma antiga; estranhou-se porém sem motivo a outra forma, com *o* inicial.

O epíteto *urso* equivale, em sentido figurado, a «pessoa desjeitosa, insociavel», como quando se diz *fazer figura de urso:* — «Em terminolojia [universitária] coimbrã dá-se o nome de *urso* a todo o estudante classificado com distincção nos exames de qualquer faculdade, nos actos grandes, como lá se diz» —[2].

É uma especialização do sentido figurado da palavra, e é natural que fôssem os *cábulas* que por enveja o inventassem, para ridiculizarem os que se diferençam dêles, na ralaceira e estroinice que os caracteriza.

usina

É um termo francês que inútilmente se empregou em vez de *oficina:* — «á *central electrica*, ou á *usina*, como também há quem diga, melhór cabe o nome de *fonte electrica*» —[3].

Não me parece: *fonte electrica* seria antes um «chafariz iluminado a luz electrica». É preferível *manancial*, no sentido em que os franceses diriam *source électrique*.

---

[1] Roteiro da viagem de Vasco da Gama, Lisboa, 1861, p. 13.
[2] Diario de Noticias, de 9 de dezembro de 1904.
[3] Diario de Noticias, de 10 de novembro de 1901.

usura

Como *desgaste, gasto, uso,* é galicismo perfeitamente dispensável: — «porque ha vestigios de usura em diversos pontos [do ídolo]» —[1].

Usura em português é «onzena».

vadio, valadio, baldio, baldo, baldar, de balde

Êste vocábulo, que se pronuncia com *a* aberto átono *và-dio,* pressupõe uma forma antiga *vaadio,* na qual se tivesse perdido uma consoante que separava as duas vogais, como em *sàdio* ¦ *saadio* ¦ *sanatiuum, sàveiro* ¦ *saaveiro* ¦ *sala-veiro* ¦ *savaleiro* ¦ *sávalo* (castelhano *sábalo), sável.*

¿Qual foi a consoante que se perdeu? A etimolojia que foi proposta, e é geralmente aceita, é uagatiuum, conecso com o verbo uagari, que deu em português *vaguear,* procedente de uagum. Ora, não me ocorre outro vocábulo latino, contendo *g* entre vogais abertas, *a, e, o,* em que se perdesse de todo, a passarem ao português evolutivamente, êsse *g* que em latim as separava: uacatiuum deveria produzir *vaiadio,* como plaga produziu *praia,* ao passo que pala deu *pá. Plaga* é vocábulo artificial, copiado do latino.

Existe em castelhano um vocábulo de orijem arábica, *balad* (BALADI ¦ BALAD «terra, país»), o qual tem desde há muito a significação de «ordinario, reles». É êste o étimo que eu atribuo ao português *vadio,* com perda do *l,* alótropo de *valadio,* no qual o *l* permaneceu, talvez por ter o mesmo vocábulo entrado ao depois outra vez na língua. A mesma orijem suponho a *baldio, (q. v.),* em que o *l* permaneceu, por ter havido a supressão da segunda vogal átona de BALADI. Ainda no Turcifal, como foi

[1] Portugalia, I, p. 129.

informado por pessoa fidedigna, a palavra *vadio* se usa no mesmo sentido em que *baldio* é empregado; e em Sam Tiago de Cabo Verde *vadio* quere dizer «trabalhador do campo».

—«mas seus exercitos [dos tártaros] constariam pela maior parte de chinas vadios e disfarçados»—[1].

Para confirmar a identificação de *vadio* com o *baladí* espanhol, temos ainda a forma alentejana *bàdio* [2], notável por pertencer a uma rejião de Portugal, Elvas, em que o *b* não substitui o *v*, como acontece no norte.

Júlio Cornu aceitou o étimo que proponho [3].

Com relação a *valadio* ser termo de provável importação arábica, confronte-se a expressão *telhado de valadio*, com estoutra *telhado mouriscado*, isto é, «argamassado».

De *baldio* se derivou, mediante retrocessão, *baldo (q. v.) balda, baldar, de balde.*

vagante

Os dicionários modernos dão êste vocábulo como adjectivo; não porém como substantivo, sinónimo de «vaga, vacatura», em que o vemos empregado por António Francisco Cardim no século XVII:—«esperando pelas vagantes dos officios»—[4].

Todavia, Bluteau inseriu o vocábulo com êste significado, autorizando-se com Frei Luís de Sousa.

vale, bale, baile, uáli, váli

O vocábulo arábico UALI, «governador de provincia», por exemplo, (que se não deve confundir com UÁLI, «amigo», em

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 25.

[2] REVISTA LUSITANA, VIII, p. 298.

[3] GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, Estrasburgo (1888), I, p. 763.

[4] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 257.

que o *a* é breve) foi por Alexandre Herculano usado com a forma *wali*, sem acento marcado, transcrição que encontrou nos autores alemães ou ingleses que consultou. Não é portugueza essa escrita, e a palavra, assim ortografada, será lida cá ou *vali*, ou, quando muito *uali*, o que é erro. O acento tónico está na primeira sílaba, *váli*, se se ler a primeira letra, ao modo turco, *v*, *uáli*, se ela se proferir com o valor que tem em árabe e persiano, *u*, semivogal, ou vogal. Em português encontramos ainda as formas *bale*, *bayle*, *baille*, no ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, por exemplo: — «e mandou um homem que se chama Bale — aquele mouro seu feitor e depois ao Bayle — E... chegou o baille» — [1].

Marco Paulo Véneto escreveu êste nome com a forma *balio*, (provavelmente *bálio*) [2].

Assim, a forma portuguesa pode ser *vale* ou *váli*, consonantizando-se de todo a inicial da palavra arábica UALI; como se fêz com *vizir*, em árabe UAZIR, que é o mesmo vocábulo que *alguazil*, o qual teve em português muitas variantes, do mesmo modo que em outras línguas hispánicas, sendo as portuguezas mais comuns *goazil*, sem o artigo AL, e com êste *alvazir*, *alvazil*, *aguazil*, na última das quais influíu a palavra *água*.

Conforme o Glossário de Engelmann & Dozy [3], *vizir* é em resumo o nome que no Oriente se dá a um membro do conselho, sendo *Gram-Vizir* o «primeiro ministro». Quanto à mudança de significado diz-nos: — «A palavra *alguazil* na Península designou *juiz*, e depois o *esbirro*, significado que ainda conserva em Espanha» —.

Veja-se tambem Santa Rosa de Viterbo, Elucidário, e Egui-

---

[1] Lisboa, 1861, p. 54 e 64.

[2] Henrique Yule, THE BOOK OF SER MARCO POLO..., Londres, 1875, I, p. 407, onde vem citado o ROTEIRO.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

laz y Yanguas, GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL [1], em que se dão todas as formas que o vocábulo teve nas diferentes línguas da Península Hispánica.

A forma *vizir* é moderna em português, para o qual veio provávelmente do francês, no fim do século XVIII.

valeroso, valoroso

Esta forma, em vez de *valoroso*, como de *amor, amoroso*, é devida, conforme a opinião de J. Joaquim Núnez [2], a dissimilação; o mesmo se poderia dizer de *temeroso* por *temoroso*. Eu, contudo, prefiro ver nestas formas excepcionais influência de *poderoso*, regularmente derivado de *poder:*

— E aquelles que por obras valerosas — [3].

valido; valida

O segundo dêstes vocábulos sofreu em português influência do primeiro, que, como se sabe, significa «quem tem valimento», o «privado, protegido, pelo rei». Em turco a forma que tem a palavra *valida* é UALIDE, femenino arábico de UALID, e quere dizer «parturiente». Emprega-se conjuntamente com *sultana*, (UALIDE SULTANE) e dá-se êste título à mãe do sultão. O U inicial em turco pronuncia-se como *v*.

---

[1] Granada, 1886.
[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 269.
[3] LUSIADAS, I, 2.

valo

— «Na Maia ainda hoje é costume fazerem-se estas vedações de terra e torrão, que se chamam vallos» —[1].

Em latim uallum era um reparo, uma trincheira, ou muro feito com paus.

vara, varear

O Diccionário Contemporaneo define o verbo *varear* como significando «medir à vara».

Além desta significação, o trecho seguinte revela outra muito diferente, mas que tem por orijem, semelhantemente, a palavra *vara,* não como medida, mas como guia para navegar na ria de Aveiro: — «[Na bateira mercantel *(q. v.)* o barqueiro] marcha sobre umas taboas largas, que se estendem internamente ao longo das bordas, e que se chamam *taboas de varear*» —[2].

Vara no Alto Alentejo significa «medronheiro», e a locução *estar à vara* deduz-se do trecho seguinte: — «Das [herdades] que se annunciam para arrendamento, e que ficam por arrendar usa dizer-se: «estão à vara» — »[3]. É natural que a locução provenha de qualquer sinal indicativo, que tivesse êsse nome.

varanda, varandim, vara, varão

Já na Ortografia Nacional[4] me referi longamente a êste vocábulo, que passou por muito tempo como sendo de orijem

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 127.

[2] Luís de Magalhães, Os barcos da ria de Aveiro, *in* Portugalia, II, p. 59.

[3] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 271.

[4] Lisboa, 1903, p. 220-222 e 436-437.

indiana, quando, apuradas as contas, foram talvez os portugueses que para a Índia o levaram, visto já pertencer ao tesouro das línguas românicas da Península Hispânica, antes de nós chegarmos à Índia por mar.

Aos argumentos e citações ali apresentados, acrescentarei algumas considerações e outras citações, repetindo aqui a mais característica de todas, e que figura em um modo de dizer proverbial:

> —Agora ver-me em demanda,
> Acho-me tam salteado
> Como gato na varanda—[1].

—«Cercado... de duas ordens de varandas [o pátio], como crasta de frades»—[2]. É claro que era termo já conhecido em Portugal, não só porque o autor o não explica, o que tem por costume fazer sempre, quando o vocábulo empregado é peregrino, mas ainda porque, referindo-se na comparação a um claustro de mosteiro, é evidente que o termo era técnico para a sua arquitectura em Portugal. Além disto Pinto não se refere aqui à Índia mas a uma aldeia, caminho de Nanquim, na China, e no capítulo CCX torna a empregar o termo, com a relação ao Japão.

Em Frei João dos Santos lêmos também:

—«o capitão mandou logo deitar o esquife [escaler] ao mar... e posto debaixo da varanda [da nao Sam Tomé], embarcou-se nele quem o capitão quis pela mesma varanda»—[3]. Aqui vê-se que é termo de bordo.

Cotejem-se ainda BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, de António Francisco Cardim, pájs. 50, 80, 82 e 162 [4], onde o vocábulo é sempre empregado como português e conhecido.

Esta palavra é conecsa com *vara* e *varão,* termos comuns ao

---

[1] Gil Vicente, FARSA DO JUIZ DA BEIRA.
[2] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. LXXXIII.
[3] ETIÓPIA ORIENTAL, parte II, l. 3.º, cap. CCII.
[4] Lisboa, 1894.

castelhano *(vara, varón)*, no qual existem, a par de *baranda*, os derivados *barandaje, barandilla, barandado*, como em português existe *varandim*, nome que se dá à grade de uma janela, pouco sacada fora da parede para a banda da rua.

É pois indubitável que êste vocábulo é português, peninsular, e não indiano, o que está demonstrado pela sua antiguidade e localização, tanto em Portugal, pois figura já no Roteiro da viajem de Vasco da Gama (1498), como também em Espanha, onde Pedro de Alcalá (1505) dêle se serviu para traduzir um termo arábico [1]; e fôra absurdo supor que os portugueses o houvessem aprendido na Índia, em fins do século XV, e tam depréssa o transmitissem, quando as suas relações primeiras com os habitadores da vasta península se limitaram ao trato com os povos dravídicos do sul, onde não é natural que o vocábulo fosse vernáculo então. O Roteiro com efeito, rematando com uma lista de palavras, frases e nomes próprios malabares, não o inclui, empregando-o no texto português, sem o explicar.

Todavia, por outra parte, parece também certo que o vocábulo existiu, ou existe em sánscrito, pelo menos na pena dos doutos asiáticos que artificialmente escreveram, ou escrevem neste idioma, extinto vernáculamente há tantos e tantos séculos: havendo êsse vocábulo (WARANDA) passado aos prácritos modernos, e não sendo presumível de certo que do português o tirassem estes, pois na Índia a língua de comunicação com os europeus era o árabe.

A existência, portanto, desta dição na Índia e em línguas románicas é fortuita, como semelhantemente o deve de ser a de *tanque* e de *chapa* em português e naqueles vernáculos índicos.

A respeito do vocábulo indiano *varanda* diz-nos João Beames, na sua afamada «Gramática comparada das línguas áricas modernas da Índia» [2], e com a habitual grosseria presunçosa, a

---

[1] VOCABULISTA ARÁBIGO EM LETRA CASTELHANA.

[2] A COMPARATIVE GRAMMAR OF THE MODERN ARYAN LANGUAGES OF INDIA, vol. I, p. 153.

que Yule e Burnell fizeram a justiça devida, o seguinte: — «muitos dos nossos *literateurs* [sic] sabichões em indostano consideram esta palavra como derivada do persiano BARAMADA [em caracteres arábicos], e assim escrevem [como?]. É todavia bom sánscrito» —.

A isto responderam os doutíssimos escritores acima referidos, dando-lhe uma lição mestra, depois de lhe apresentarem claramente as dificuldades que se antolham para a identificação de *varanda* na Índia e na Península Hispánica: — «Fortunately we have in Bishop Caldwell [1] a proof that comparative grammar does not preclude good manners [2] — felizmente no Bispo Caldwell temos a prova de que a gramática comparada não exclui a boa educação» —.

Não quero de modo nenhum, porque seria flagrante injustiça, negar a Beames a sua grande competéncia nas línguas e literaturas modernas da India, mesmo porque em tal ramo a minha incompeténcia é manifesta e consciente; pelo contrário, devo dizer que a sua obra capital é digna dos maiores encómios, pela vasta erudição que revela, e pelo rigoroso método com que foi executada. Fora, porém, dêsse domínio o célebre autor inglês dá mostras de pequena habilitação, o que o leva a juízos temerários, que parecem incríveis. Para prova do que digo e visto que veio contender com Portugal, expressa êste senhor a sua cerebrina opinião de que a nossa lingua é — *the most corrupted apabhramsa* [dialecto] entre as línguas románicas. — Ora, se o autor as conhecesse melhor a todas ellas, ou mesmo tivesse quaisquer noções das principais, e se além disso fosse dotado de espírito verdadeiramente científico, prenda que lhe falta e é essencial, teria reconhecido logo depois de escrever êste dislate, que o que chama *corrupted*, «corrompido», em vez de o considerar como

---

[1] A COMPARATIVE GRAMMAR OF DRAVIDIAN OR SOUTH INDIAN FAMILY OF LANGUAGES, 2.ª edição, 1875.

[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, p. 737, col. I.

devêra, especial e mais adeantada evolução com respeito ao latim, só com verdade, entre as línguas románicas literárias é aplicável à que é reputada, ainda que injustamente, a mais culta de todas elas, à francesa, onde os vocábulos latinos foram encurtados, martirizados, alterados de modo incomparávelmente maior do que na portuguesa, que ao contrário foi bastante conservadora, sendo essa uma das suas características.

Quando estudei a afamada e excelente gramática de Beames, ao ler o estranho asserto, escrevi-lhe à marjem: — for those who know it as little, as the author evidently does — para os que sabem tam pouco dela, como o autor evidentemente sabe —.

varina

O Nôvo Diccionário não faz menção de nova acepção dêste vocábulo, que é a seguinte: — « Rede envolvente de arrasto, mais pequena que a *neta [nêta]* » —[1].

varunca, varela

São termos inventados, variações do vocábulo *varão*, « homem ». O primeiro é o título de uma comédia Os Varuncas, de L. M. Díaz, e cujo sub-título é ou maridos dominados por ellas. Foi aprovada pelo Conservatório Dramático, representada no teatro do Gimnásio em 1856, e dada à estampa em 1858 na tipografia da rua da Condessa ao Carmo, em Lisboa. O protagonista chama-se Manuel Bacoco; é procurador de causas, e governado pela mulher.

A comédia tinha coplas, e côro final.

A palavra tornou-se popular naquele tempo. Devo esta in-

[1] P. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 152.

ormação ao conhecido comediógrafo e crítico teatral, o snr. João e Freitas Branco. Faltam no Nôvo Diccionário os vocábulos.

Com as três palavras *varão, varela* e *varunca* formaram-se três dísticos engraçados:

Varão:
Manda êle, e ela não.

Varela:
Tanto êle, como ela.

Varunca:
Ela sempre, e êle nunca.

vascão

Quere dizer «vascongado» — «Fazendo lembrar uma partida de vascões que se levantam das montanhas de Navarra» — [1].

O Nôvo Diccionário traz **vascões** ou **vascones** [aliás, vásones], mas só com referência aos antigos.

vazia

Como termo de carniçaria é uma parte da perna deanteira do boi, junto à barriga, abaixo da pá. É carne de 3.ª classe, conforme a Nota dos preços dos talhos municipais [2].

veeiro: v. **vieiro**

---

[1] Alberto Pimentel, A princeza de Boivão, p. 217.
[2] J. Joaquim Núnez, Revista Lusitana, III, p. 285.

venda

Êste substantivo verbal do verbo *vender* provém provàvelmente de *vêndida*, como *pêrda* de *pêrdida*, em castelhano *pérdida*, e tem como orijem os participios passados passivos latinos *vendĭta*, *perdĭta*.

venerado

—«O snr.... apresenta um casal de faisões *Venerados*, unicos em Lisboa»—[1].

veniaga, beniaga, viniagas, veniagar

Êste vocábulo, que por mero acaso tem certa semelhança na sílaba inicial com o verbo *vender*, é de orijem asiática, malaio *barniyaga*, «negócio, comércio». O termo malaio, aportuguesado, de que tanto se serviram os nossos escritores do século XVI, com relação ao trato comercial com a India e o sul e oriente da Ásia, entrou completamente na língua comum, de modo que, pela coincidência acima indicada, pouca gente o supõe peregrino.

Nem êle é orijináriamente malaio, conquanto da fórma que adquiriu nesta língua proviesse a que tem em português. Em última análise é o sânscrito wāxiḍaka «mercador»[2] ¦ wāxiḍya, «negócio».

Bluteau, que também lhe dá a fórma *beniaga*, mais conforme com a do malaio, que não tem *v*, já declarara ser termo da India, abonando-o com João de Barros, Frei João dos Santos e Fernám Méndez Pinto. Eis aqui abonação dêste último, que é diferente

---

[1] O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902.

[2] Donald Fergusson, LETTERS FROM PORTUGUESE CAPTIVES IN CANTON, Bombaim, 1902, p. 9, n. 37, *q. v.*

das indicadas por Bluteau:—«e se deu por bem pago da veniaga que cõmigo fizera»—[1]. E outra ainda mais moderna:—«Hervas medicinaes de que se faz boa viniaga»—[2].

venta, ventã

O português antigo teve o vocábulo *ventã*, forma vernácula correspondente ao castelhano *ventana*, como *campã* a *campana (q. v.)*. Dêste se deduziu o suposto primitivo *venta* como aconteceu com *campã*, de que se tirou *campa*. *Ventã* ainda hoje é usado, com a significação de—«vesícula do ruivo [peixe], cheia de ar»—, acepção única em que o vocábulo foi admitido no Nôvo Diccionário. É natural que antes de *venta* se usasse *ventã*, como em castelhano se usa *ventana*, no mesmo sentido.

ventanio

Como adjectivo encontra-se no seguinte passo:—«De Aveiro communicam em 10: O tempo continúa chuvoso e ventanio»—[3].

ventureiro

Numa rubrica do Auto das Fadas de Gil Vicente, é empregado êste adjectivo:—«Daqui adiante se seguem as sortes ventureiras dos galantes per animaes»—. São estrofes pequenas, seguindo-se aos nomes dos animais, e nas quais são descritos os costumes de cada um dêles.

---

[1] Peregrinação, cap. xxv.

[2] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 228.

[3] O Economista, de 13 de novembro de 1888.

Era sinónimo de *aventureiro,* como pode ver-se em Bluteau. Conseguintemente, as *sortes ventureiras* eram um jôgo de sala, no qual cada fidalgo tomava por sua divisa o nome de uma ave, ou de outro animal, com um daqueles motes, para os quais Gil Vicente escreveu as letras.

Ventureiros eram nas festas réjias os fidalgos que figuravam nelas de *aventureiros, cavaleiros andantes:* — «O Infante Dom Fernando veio com seus ventureiros vestidos de guedelhas de seda fina, como salvages» —[1].

verbo

É o latim uerbum, «palavra». Êste vocábulo tem duas acepções principais em português: «palavra», e «parte da oração em que está expressa a acção praticada ou sofrida pelo sujeito dela».

É à primeira acepção que se subordina a locução *verbo-d'encher,* por «cousa ou pessoa desnecessária» — como, por exemplo, no seguinte passo: — «O conselho de administração seria... indefinidamente elastico: teria dez, vinte, trinta verbos de encher» —[2].

Verbo de encher, termo de gramática já hoje desusado, é substituído, na terminolojia moderna, pela denominação *(palavra) expletiva,* que vem a dizer o mesmo.

verde

— «Os *verdes,* isto é, os pescadores que vão pela primeira vêz á Terra Nova» —[3].

---

[1] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.
[2] O SECULO, de 24 de setembro de 1906.
[3] O DIA, de 14 de maio de 1903.

verdial

É o nome de uma herva, não estando bem definido que casta de herva seja:—«outra herva muito parecida com esta [o Lolium italicum] na folhagem (verde luzente) e tambem usada pāra prados e pastagens é o *Lolium perenne*, usada nos arrelvados ou placas *verdes* dos jardins; é possível que seja esta a *verdial* dahi [Felgueiras]»—[1].

Há de ser uma gramínea, e mais particularmente um joio.

verdugo, verdugão

Além de outros significados, já colijidos nos dicionários, tem *verdugo* mais o que se depreende do trecho seguinte:—«N'uma tira de barro annexa á maior dilatação [da vasilha], ou ainda no rebordo, effectuam-se tambem as depressões digitaes *(verdugos* em Gondar), já conhecidas»—[2]. Arnaldo da Gama empregou *verdugão,* no sentido de «vergão, cicatriz», no SEGREDO DO ABBADE, páj. 59. Corresponde ao que em francês se chama *empreinte.*

verdurengo

Êste adjectivo, derivado do substantivo *verdura,* no sentido de «qualidade de ser verde, não maduro», é sinónimo de *verdoengo,* e, neolojismo, ou termo dialectal do Norte; encontramo-lo no seguinte passo:—«os engaços em vinhas fundas...

---

[1] GAZETA DAS ALDEIAS, de 7 de outubro de 1906.

[2] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 77.

hão de estar verdurengos, e communicar ao vinho muita rascância» —[1].

Não está rejistado nos dicionários.

vergueiro

— «Para se fazer [a armadilha chamada *sangramocho, q. v.*] toma-se uma vara de 1[m] de comprimento, o vergueiro, dobra-se ficando a curvatura para baixo» —[2].

verónica-de-pedras

— «Uma pequena medalha (de caracter catholico, rodeada de pedrinhas de côr, encravadas). Amuleto contra as *luadas* e *quebranto*» —[3].

viajante

Os espanhóis chamam *viajante*, o indivíduo que em português se denomina *caixeiro ambulante*, e em francês *commis voyageur*, por que aos viajantes chamam êles *viajeros*. Na acepção castelhana vêmos empregado *viajante* no trecho seguinte: — «começou elle... com vinhos... a explorar os mercados brasileiros, mandando... viajantes para fazer a maior propaganda com mostruarios» —[4].

---

[1] GAZETA DAS ALDEIAS, de 19 de agosto de 1905.

[2] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 91.

[3] Portugalia, I, p. 619.

[4] O SECULO, de 3 de junho de 1900.

viável, viabilidade

Esta desastrada palavra é de muito recente introdução na linguajem dos periódicos e dos relatórios, como a não menos extravagante locução *por completo,* contra a qual se insurjiu o grande poeta e prosador Bulhão Pato, relíquia preciosa dos tempos em que em Portugal se escrevia bem. É a torto, que nunca a direito, empregada e às vezes repetida e repisada no mesmo trecho, tendo-se já tornado, como a outra, um verdadeiro e impertinente bordão na pena de vários escrevedores, que a usam num sentido enteiramente contrário ao que tem em francês, onde se foi buscar, isto é, no de *exeqùivel.* Em francês, onde também é de moderno emprêgo, e mal formada, apenas significa *duradouro, vivedouro.*

No Dicionário de Littré [1], sómente numa acepção muito restrita vemos o vocábulo *viable,* definido dêste modo:—«terme de médecine. Qui présente, au moment de la naissance, une conformation assez régulière et assez de développement pour que les fonctions nécessaires à l'entretien de la vie puissent s'exécuter d'une manière plus ou moins durable. Fœtus viable. L'enfant est né viable. // Par extension. On a toujours pensé que les femmes étaient plus viables que les hommes. MOURGUE, *Inst. Mém. sc. phys. et math. Sav. étr.* t. I, páj. 72»—.

Como etimolojia, para francês, note-se, dá-lhe o abalisado filólogo o latim vitae habilis, *apte à vivre;* muito subtil, e pouco provável, é destinada esta etimolojia a justificar o barbarismo.

Vê-se pois que, mesmo em francês, onde o vocábulo foi enjenhado com pouca fortuna, era êle um termo técnico, peculiar das ciências médicas.

Posteriormente adquiriu êste adjectivo um sentido um tanto mais lato, e o NOUVEAU LAROUSSE ILLUSTRÉ consigna-lhe, por

[1] DICTIONNAIRE DE LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

extensão, o significado de «organizado, combinado por forma que pode durar, produzir efeito (aboutir)», e autoriza com Guéroult esta aplicação do termo. Como étimo, dá-lhe o que de Littré copiou, que parece muito enjenhoso, mas também muito conceituoso demais e artificial, como disse. A mim, afigura-se-me que êle se orijinou da adição arbitrária e errónea do suficso *-able* ao substantivo *vie*, «vida», como outro *viable*, que não vem aduzido, mas é postulado pelo substantivo *viabilité*, mal derivado também do latim *via*, e que, conforme o referido dicionário significa: «bon état d'une route permettant d'y circuler», o que em latim se denominava peruius, e em português se diria *transitável*.

Escritores nossos, muito lidos na língua francesa e pouquíssimo na própria, transportaram para cá estas expressões, defeituosas mesmo em francês.

Arsénio Darmesteter, na sua valiosa obra LA CRÉATION ACTUELLE DE MOTS NOUVEAUX DANS LA LANGUE FRANÇAISE [1] expressa-se da maneira seguinte acêrca do suficso *able*:—«Ce suffixe se joint au thème du participe présent (particípio activo) des verbes, pour indiquer une possibilité passive, quand le verbe est actif, et une possibilité active, quand le verbe est neutre. Dans la langue actuelle il est très fécond, il sert à former de nombreux adjectifs...»—...«la langue actuelle ne forme plus d'ajectifs en *able* qu'avec des verbes actifs, c'est-à-dire, qu'elle attache à *able* la signification de ce qui peut être»—.

Ora, que os franceses, cometendo um êrro de linguajem, acrescentassem o suficso *able* ao substantivo *vie*, «vida», é já pouco lejítimo; mas que em português se acrescente o suficso *vel*, que lhe corresponde no valor, à palavra *via*, que quere dizer «caminho», para que o derivado fique significando «que pode, ou há de viver», é insensato; o mais que se poderia dizer fôra *vidavel*, já bastante ruim, ou *vivível*, um nadinha melhor, por-

[1] Paris, 1877, p. 78 e 80.

ıe ao menos se derivaria acertadamente de um tema verbal, ſv-.

Dos nossos vocabulários o único que o admitiu foi o Nôvo ıccionário, que, no emtanto, o condenou no Suplemento. Meıor seria não o ter admitido, ou corriji-lo de uma vez por ›das, como incapaz de expressar a idea que se lhe atribui.

A única acepção pois, em que poderá empregar-se o adjectivo *ıável* é aquela em que o vemos no trecho seguinte: — «que esıadas viaveis e uma rede de ferro viaria completa approximem ; povos» —[1].

Neste único emprêgo, todavia, é *viavel* ainda um barbarismo, ›is ninguém diz **viar estradas** por «transitar por elas», e o ıelhor de tudo fôra recambiar para França, de uma vez por ›das, êste e outros vocábulos que para nada prestam, e se teem ›rnado chavões e bordões incómodos, aos quais sómente se enosta quem se não quere dar ao trabalho de aprender a própria ıngua, com aqueles que a falam ou a escreveram bem. Digam *ıável* a quem quer que seja, estranho à leitura de periódicos, e posto mil contra um, em como não entenderá.

Viabilidade está empregado, no único sentido em que podeıa ser português, no seguinte trecho. — «Aqui, se a viabilidade ›s caminhos ainda não ganhou fóros de argumento para tamém cada qual não se mover do sitio onde nasceu, para isso caıinhamos a passos de gigante» —[2].

Outro adjectivo, igualmente bárbaro, e incompreensível para ıem saiba sómente português, é *carroçavel;* e repito que o que escrito em português, o é principal senão únicamente para porıgueses, e na língua dêles; quem deseja usar de locuções franesas, escreva em francês; e se não sabe, ou não gosta, ou não ›de escrever português vernáculo, não escreva para o público, ›is ninguém o obriga a isso.

O adjectivo neológico *carroçável* é arremedado do francês

---

[1] O Seculo, de 30 de junho de 1905.
[2] O Seculo, de 6 de janeiro de 1906.

ver no trecho seguinte, referente ao norte do paiz: — «Apenas subsistiram, através de todo o progresso industrial, para as viagens nocturnas, como ainda persistem entre nós os murracos *[q. v.]* de vido» —[1].

A forma anterior há de ter sido *vídoo*, de que *vidoeiro* é derivado; de outro modo teriamos *videiro*, e não *vidoeiro*, que representa um latim *betularium*.

vieiro

Denomina-se assim a linha por onde uma pedra se fende naturalmente quando se lhe dá uma pancada. É o que em francês se chama *le clivage*, que já por cá se aportuguesou em *clivajem*, palavra inútil, visto que a temos nossa. A melhor escrita devêra ser *veeiro* de *uenarium* ¦ uena, de onde procede *veia*, e dêste a forma masculina *veio*, que corresponde no sentido ao *filon* francês, que também já se aportuguesou inútilmente em *filão*.

vila, vilão

— «Resta emfim a *villa*. Esta palavra denominou primitivamente a vivenda do *dominus*, mas depois na Italia, na Gallia e na Hispania comprehendeu quanto se continha dentro d'um predio rustico» —[2].

— «como as gerações da gente rustica, villãos * *villanus-villa*» —[3].

Sôbre *vilãos reguengueiros* e *vilãos herdadores* v. a obra citada nas notas.

---

[1] Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, *in* Portugalia, II, p. 38.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, *in* Portugalia, I, p. 124.

[3] *ib.*, p. 571 e 575.

Na Ilha da Madeira, como é sabido, *vilão* é o «homem do campo».

(dar às de) Vila Diogo

Esta expressão que é já antiga na língua, nunca foi analisada, que eu saiba, sendo porém todos concordes, porque se tornou popularíssima, em que significa, ou antes, é equivalente a «fugir correndo».

Não encontrei ainda a explicação dêste modo de dizer nem em livros, nem em revistas ou periódicos nacionais ou estranjeiros, nem em dicionários portugueses ou castelhanos, conquanto muitos o incluam, e o definam, como disse.

A frase deve de ser castelhana e ter vindo para cá juntamente com outras, nos tempos em que essa língua era tam familiar em Portugal, que os nossos escritores nela compunham prosas e versos, tam estimados em Espanha, como os lá feitos. Digo que a locução é castelhana, por existir ali também, e com igual significado. O dicionário da Academia [1], por exemplo, rejista-a e define-a nos termos seguintes:—Villadiego. n. p. Coger, ó tomar, las de Villadiego. fr. fig. Ausentarse impensadamente, de ordinario por huir de un riesgo ó compromiso—.

As abreviaturas querem dizer «nome próprio, frase figurada». Vê-se pois que *Villadiego* é nome de pessoa ou de sítio.

Na realidade, com êste nome há em Espanha uma vila na província de Leão, e um lugar na de Burgos [2]; e como nenhuma vila ou outra povoação ou localidade existe em Portugal, que tenha por nome Vila-Diogo, segue-se que a locução é simplesmente traduzida para português, a êle acomodada, e alterados os termos, mas não o significado.

---

[1] Diccionario de la lengua castellana, por la Real Academia, Madrid, 1899.

[2] Geografía general de España—Diccionario general de los pueblos, Madrid, 1862, p. 321, col. II.

Examinando a definição indicada, vemos que ela se diferença la portuguesa corrente, no verbo empregado, que no nosso modo le dizer é *dar a*, no castelhano *tomar* (tomar, coger). Em ambas s linguas a frase é elíptica, pois não declara aquilo «a que se lá», ou aquilo «que se toma». Conhece-se, porém que há de er um substantivo femenino, no plural, em razão do as e do as.

Um embaraço na frase portugueza, a mais que na castehana, é o verbo que figura naquela e cujo sentido não é claro, isto que *dar a*, pode ser entendido no seu significado primário le «outorgar», como verbo com dois complementos, o directo la cousa, e o indirecto da pessoa a quem; ou como verbo ntransitivo acompanhado de complemento circunstancial de insrumento, como em *dar à bomba, dar à manivela, dar à língua*, nos quais, para maior clareza, se pode completar a frase com a palavra *movimento*, tornando transitivo o verbo *dar*.

Paremos por emquanto aqui e voltemos à locução espanhola, de mais fácil análise, e que, como vimos, é a orijinal, suposto que para português muito idiomáticamente vertida por quem de certo compreendia perfeitamente a castelhana.

Tomar las de Villadiego. ¿Que substantivo plural femenino está subentendido?

Não seria fácil descobri-lo por meio de raciocínios, porque a frase cuja significação sabemos é idiomática também, e abreviada de outra mais completa que nos é desconhecida.

Era, mas já o não é.

Há uma celebrada peça anónima intitulada Comedia de Calisto y Melibea [1], melhor conhecida pelo nome de Celestina, por assim se chamar nela uma das personajens importantes, mas não protagonista, e que ficou típica, como caracterizando clássicamente a alcoviteira. No auto dozeno há uma cena, em que Semprónio e Parmeno, ambos guarda-costas de Calisto,

[1] «Reimpresión publicada por R. Foulché-Delbosc», vol. I da sua meritória Bibliotheca Hispanica.

travam um diálogo entre si, no qual cada um se manifesta extremamente pusilánime, e os dois planeiam fujir.

Diz Semprónio para o companheiro:—«Anda, no te penen a ti esas sospechas, aunque salgan verdaderas. Apercibete, a la primera boz que oyeres, tomar calças de Villadiego»—.

Responde Parmeno:—«Leydo has donde yo; en un coraçon estamos. Calças traigo, y aun borzeguies desos ligeros que tu dizes, para mejor huyr que otro»—.

Por êste diálogo ficamos sabendo já qual é o substantivo femenino plural, que no prolóquio castelhano está elidido; acrescentado a êle, resulta a seguinte expressão: *tomar las calzas de Villadiego,* isto é, *ningunas;* e como comentário do outro interlocutor, nem calças nem borzeguins, portanto pernas e pés, descalços, para correr mais à vontade.

A frase castelhana deve pois interpretar-se:—*tomar las piernas,* e a portuguesa—*dar ás pernas,* correspondendo ambas a *fujir* a sete pés, modo de dizer êste último que também carece de explicação satisfatória.

Outra expressão, na qual a célebre locução figura,—atou as de Vila Diogo—, é censurada pelo autor das INFIRMIDADES DA LINGOA [1].

Concluirei com uma abonação moderna da singular locução:—«o homem, naturalmente apavorado declinou preferindo retroceder e dar ás de Villa Diogo»—[2].

vintém-de-Santo-António

—«Moeda de prata do valor de 20 réis (do reinado de D. João V)... Amuleto contra as *luadas* e *quebranto*»—[3].

---

[1] Silvestre Silvério da Silveira e Silva, Lisboa, 1754.
[2] O DIA, de 26 de junho de 1905.
[3] Portugalia, I, p. 619.

visco, visgo

A forma mais usual no sul do reino é *visco*, porém no norte *isgo* parece ser a preferida:—«Ha duas especies de visgo, mas usado... é extrahido por maceração e lavagem da casca do zevinheiro... É conhecido pelo nome de visgo branco, em pposição ao de resina que é escuro ou levemente amarelado»—[1].

Na Madeira chama-se *visgo* à «borracha», ou *guta-percha*.

(dança de Sam) Vito

Em um artigo de bastante interêsse, intitulado Os TREMEDORES EM PORTUGAL NO SECULO XVI, publicado na revista Portugalia [2], diz Pedro A. de Azevedo, em uma nota, que êste nome, dado à coreia, é importado, derivando-se *Vito* do alemão *Veit*. Na realidade, tanto a corea como a epilepsia se denominam actualmente em alemão *(Sankt)-Veitstanz;* mas da forma *Veit (=vait)* do alemão moderno não se derivaria *Vito*, mas sim da forma do alemão médio *Vit*.

O nome de *Dança de Sam Vito*, porém, não provém direcamente, nem do alto alemão moderno, nem do médio; é simlesmente a tradução do latino chorea sancti Viti, assim deominada por se invocar o nome dêste santo, como advogado essa enfermidade [3].

No mesmo artigo há uma afirmação dúbia, expressa por estas lavras:—«Uma religião dos povos anglo-saxões tirou o seu

---

[1] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 96.

[2] II, p. 103.

[3] Frederico Kluge, ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER DEUTSCHEN SPRACHE, Estrasburgo, 1889, *sub voc.* **Veitstanz.**

nome de *to quaker,* tremer. São os *quakers* ou tremedor
Em primeiro logar, o verbo «tremer» é *to quake,* e não t
ker; *quaker* é o nomen agentis, que, como é sabido, se
em inglês suficsando *-er* (e menos freqüentemente *-ar,* -
radical do verbo, com perda do *e* final, se o verbo nele te
Em segundo lugar, o *Quakerism* é uma seita cristã, nasc
século XVII em Inglaterra, e difundida ao depois na A
inglesa, e cujos sectários se intitularam *quakers,* «treme
ou trémulos», e também *Friends,* «amigos»: não era, pois
jião especial. Por outra parte a expressão anglo-saxões
mais explicação nem referência a época, pode induzir o le
êrro de supor que tal relijião era pagã, própria dos pov
avassalaram os celtas em Inglaterra, nos séculos V e VI,
antes de se cristianizarem.

viveiro, viveirista

O Nôvo Diccionário deu a definição dêste vocábul
relação às marinhas de sal; como, porém, a seguinte é
explícita, aqui a reproduzo: — «Recebe-se a agua salgada
collecção de tanques cavados no solo, de pouco mais de 0
fundo. O primeiro, chamado *viveiro,* é muito grande, d
metros quadrados ou mais» — [1].

Viveirista é o indivíduo que cultiva para venda á
vides, etc., em viveiro. É um neolojismo bem formado, e
do seguinte anúncio: — «Joaquim Daniel dos Santos, vit
e viveirista em Bastos...» — [2].

vivenda

Esta palavra, que hoje se emprega especialmente no s
de «casa de campo», tinha dantes acepções diversas. B

[1] O Seculo, de 10 de junho de 1901.
[2] Gazeta das Aldeias, de 11 de março de 1906.

define-a do seguinte modo: — «Domicilio. O lugar, que alguem escolheo para nelle viver» —, acrescentando as locuções seguintes: «assentar, ter vivenda em alguma parte», «buscar em alguma parte sua vivenda», e aduzindo em abono desta última Francisco de Sà [de Miranda]:

> Fez uns aos outros matar
> Passou de vivenda ao mar,
> Homens, naturaes da terra.

Assim, *vivenda* é «o sítio em que se vive».

Êste vocábulo podia ser aproveitado para substituir o arrevesado habitat, «habita», com referéncia quer à flora, quer à fauna de qualquer rejião, e parece-me preferível a *solar*, que foi empregado no RECENSEAMENTO GERAL DOS GADOS: — «A raça [de vacas turinas] holandesa tem o seu solar nas ribas do mar do norte e do Baltico» —[1].

É o que fêz Bluteau, dando o exemplo da sua definição, em vários passos do VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, e entre eles no seguinte bem característico: — «RANGIFER. He o nome de hum animal do Septentrião nas terras dos Finnos e Lapões. He do feytio de Veado, ou Corso, mas mais delgado, e de côr parda. Faz sua vivenda entre neves, e caramelos, de que gosta muito» —. *V.* **ranjifer(o)**.

Hoje, qualquer naturalista, ao perfilhar esta descrição, não deixaria de substituir a frase que espacejei por Tem o seu *habitat*. Faria mal, visto que o vocábulo português, a todos intelijível, é mais próprio e mais fácil de pronunciar, além da vantajem de se lhe poder dar plural, o que não acontece com *habitat*. No sentido de moradia empregou-ó Rui de Pina: — «encomendando os filhamentos e vivendas de seus criados a aqueles senhores de Castela» —[2].

---

[1] NO ANNO DE 1870, Lisboa, 1875, p. 65.

[2] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXXIV.

vivo

No Alto-Alentejo quere dizer animal de criação:—«e ainda a concessão gratuita ou onerosa de lhe consentirem os vivos... Pelo termo «vivos» designam-se genericamente os gados e aves»—[1].

vizicurum (?)

—«Uma [palmeira das Antilhas] dá uns coquinhos pouco maiores que avelãs, com seo focinho, boca, olhos e nariz, que no Brazil chamam vizicurum»—.

É duvidosa esta forma, que me parece nenhum dicionário ainda rejistou, nem mesmo o copioso DICCIONARIO DE VOCABULOS BRASILEIROS, do Vizconde de Beaurepaire Rohan [2].

Digo ser duvidosa, porque nas várias línguas indíjenas do Brasil, nomeadamente no nheengatu ou tupi, não existe a consoante *v*. Será *uizicurum?* Mas esta forma também não encontra.

vizir: v. váli

você

Êste tratamento é contracção polissintética de *vossemecê*, que já o é de *vossa mercê*. Em castelhano antigo houve *boacé*, como se vê no entremês RUFIÁN VIUDO:

—Mi so Trampagos, es possible sea
boace tan enemigo suyo—[3].

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 274.

[2] Rio de Janeiro, 1889.

[3] F. de Haan, *in* REVUE HISPANIQUE, X, p. 245.

Outras formas intermédias portuguesas são: *vòmecê, voncê, ecê* [1].

volante

Rêde para a pesca da pescada [2].

voltário, volteiro, volta

O Nôvo Diccionário, como outros antes, mas com significados diversos, rejista a segunda destas formas, na acepção de «instável», entre outras, subordinada pois à significação de *volta,* no sentido de «vicissitude», e do toscano *vicenda,* como vemos nestes formosos versos de Metastásio:—

Mutar vicende e voglie
D'instabil fortuna è stabile arte;
Presto dà, presto toglie,
Viene t'abbraccia, inde t'abborre e parte.—

Volta em tal sentido é muito popular em português:—

Constança, minha Constança
Não sei que de ti será:
São acasos da ventura,
São voltas que o mundo dá.—

Pinto de Carvalho, no seu interessante livro Historia do Fado [3], usou o adjectivo *voltário,* por *volteiro;* não afianço, porém, que não seja êrro tipográfico.

Se o não é, temos aqui um neolojismo individual do autor,

[1] J. Leite de Vasconcelos, Esquisse d'une dialectologie portugaise, Paris, 1901, p. 129.
[2] Portugalia, I, p. 591.
[3] Lisboa, 1903, p. 20.

No Alto-Alentejo que
a concessão gratuita ou
Pelo termo «vivos»
aves»—[1].

—«Uma [palmeira
maiores que avelãs,
Brazil chamam vixicur
É duvidosa esta
ainda rejistou, nem
LOS BRAZILEIROS, do
Digo ser duvido
Brasil, nomeadamen
soante *v*. Será
contra.

Êste trat
já o é de
se vê no ent

[1]

avultam principalmente em versos, cujos autores e, na verdade, é uma preocupação infundada o tais quais se ouvem, corrijindo-os, o que é con- apenas na pronúncia dos vocábulos, quando o canta- aparta da que é tida por mais culta. Se êsses versos s, há toda a autoridade, da parte de quem pela es- reproduz, para os corrijir; porque em relação aos de ecido, êle, se fôr vivo, ou alguem por êle, se morto, como lhe cumpre, restabelecendo o rigor do metro, para que sejam versos, e não prosa.

emplo, entre dezenas e dezenas dêles, apontarei aqui, o verso, como sempre o ouvi cantar, o que é bem o-me à seguinte formosa quadra:

—Eu dei-te um beijo, coraste(s),
Deite-te o segundo, sorriste(s);
Todos os mais que levaste(s),
Foste tu que mos pediste(s)—.

pejinas 143 do livro citado vem assim transcrito, com uma sílaba, o 1.º verso:

Deite um beijo, coraste;

, se se emendou *corastes, sorristes, levastes, pedistes,* fadista naturalmente pronunciava, não posso atinar com por que se não enteirou aquele verso manco.

VOZ

o sentido de «voto», como o francês *voix,* vemos êste vo- empregado na Crónica de El-rei Dom Afonso V, de Rui na, duas vezes, que uma à outra se confirmam:—«E sendo que seus votos fossem em desvairo por igual, que o notifi- m então aos Infantes e condes; e que segundo as mais

vozes fosse o negocio da dúvida determinado» —[1]. Refere-se o cronista ao conselho de rejéncia, que por parecer do infante Dom Henrique se estabeleceu durante a menoridade do Principe D. Afonso, ficando sua mãe a rainha D. Leonor por tutora, ou *tetor*, como diz o cronista. — «Acabando o doutor [Diogo Afonso] sua fala, foi-lhe por um vereador dadas [sic] graças por ela em nome de todos, os quaes encomendaram logo ao capitão que desse sobre o caso a sua voz, que a deu com cautelas e fundamentos de homem prudente e mui avisado» —[2].

Xá: xàinxá, xabándar, xabánder; xaxá

É esta a escrita portuguesa do título persiano que equivale a «rei, principe», *xāh*. Poderia escrever-se com *h* final, visto que neste nome a antepenúltima letra do respectivo alfabeto, apesar de final, não é aqui, como quási sempre acontece em árabe, simples sinal de *a*, como suficso que designa o femenino, e para o qual adoptei a transliteração E neste escrito [3]. Inútil é porém tal adôrno ortográfico, o qual em nada influi para a pronúncia do vocábulo em português, e que os nossos autores antigos nunca tiveram em atenção: — «muito mais os que agora trouxe o Xá para a Persia» —[4].

Os franceses transcrevem a letra inicial, que se profere como o *x* português de *xadrez*, por *ch*, os ingleses por *sh*, os alemães por *sch*, escrevendo respectivamente *chah*, *shah*, *schah*; os italianos escrevem *scià*; os espanhóis *xá* por tradição, como os portugueses, tradição que lhes ficou do tempo em que o *x* tinha lá êsse valor, que ainda conserva em galego, asturiano, catalão, e que os seus arabistas e escritores teem louvávelmente mantido em livros modernos.

---

[1] [2] cap. XV e XXXVI.

[3] *V.* o Prefácio.

[4] Frei João dos Santos, ETIÓPIA ORIENTAL, parte II, l. 1.º, cap. I.

O título de *xá* veio depois a significar qualquer funcionário no Oriente, que exerce funções superiores de mando; assim *xabánder*, ou *xabándar*, era na Índia, o «capitão do pôrto» sendo o segundo termo do composto o vocábulo persiano BANDAR «pôrto de mar»: não falando nos xabandares, nas «barcas e rios» —[1].

É possivel que no plural se acentuasse *xabandáres*, visto que o plural persiano é XABANDARA.

Nos povos do Daomé dá-se o nome de *xaxá* ao governador dos brancos [2]. É provável que a denominação seja a reduplicação cerimoniosa do vocábulo *xá*, que pelos mouros lhes fosse transmitida. Em persiano *xàinxá (xāhinxāh)*, literalmente, «rei dos reis», denominação antiqüíssima, é o título honorífico dado ao monarca.

xaboco, xabouco

No Ribatejo é o nome que se dá a uma lagoa, ou grande poça de água. Em árabe XABAKE significa, segundo o Vocabulário do Padre J. B. Belot [3], «sítio em que há muitas poças».

É possível que um derivado, XABUK, desse orijem ao vocábulo português.

xácara, *jácara*

O NÔVO DICCIONÁRIO inclui a segunda destas formas como portuguesa, equivalente à primeira. Não o é: *jácara* é meramente a ortografia moderna da antiga forma castelhana *xácara*, idêntica à portuguesa *xácara*, na pronunciação da letra inicial. A Academia Espanhola, ao reformar nos fins do século XVIII a

---

[1] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 70.

[2] Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865, Lisboa, 1866.

[3] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 307, col. I.

ortografia, unificou em **j** todos os *xx* e todos os *jj* da antiga escrita, por isso que haviam perdido a pronúncia antiga, igual à portuguesa, e se tinham identificado em um som, comum a ambas estas letras, consoante fricativa velar, surda, convém saber, proferida por fricção e sem voz no véu palatino, que é o valor actual do **j** castelhano, o qual eu convencionalmente represento neste trabalho por *y (h* voltado). A palavra *jácara,* pois, não é portuguesa, e quem a emprega usa inconscientemente uma forma estranjeira e espúria.

Eguílaz y Yanguas declara ser *xácara* a palavra arábica XAOAR, que transcreve *xa'ar* [1], de uma raiz verbal, a qual significa «versejar». É singular, porém, que a 18.ª letra do alfabeto arábico apareça excepcionalmente figurada por *c* nas línguas hispánicas.

É claro que o termo *xácara,* talvez *chácara, chacra,* como significando «prédio rústico, fazenda», no Brasil, é outro vocábulo, cujo étimo não está averiguado, que eu saiba, mas que pela forma que apresenta não tem jeito de pertencer à língua geral, ou tupi.

xaja

— «Para dentro [da ilha de Caipeti ou Cardina] ha certa herva, chamada *xaja,* que serve de tinta como nas ilhas o pastel» —[2].

xarda, xardoso

— «O povo lá chama-lhes até [aos cristãos-novos, denominados *judeus],* nos arredores de Bragança, *xardósos* (isto é, que

---

[1] GLOSÁRIO ETIMOLÓGICO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886, *sub voc.* JÁCARA.

[2] Padre Manuel Bernárdez, DESCRIÇÃO DA CIDADE DE COLOMBO, *in* História trájico-marítima de Bernardo Gómez de Brito, t. XLI da *Bibliotheca de classicos portuguezes,* p. 93.

em *xardas,* termo que significa sardas); chama-lhes igualmente *canineiros* ou *caniqueiros,* e diz que elles, quando falam, ladram como cães» —[1].

Seria engano de apontamento, e o *x* inicial não estará ali por *s*? Conquanto o escritor que cito seja beirão, e não deva facilmente confundir *s* com *x,* é possível que a nota lhe fosse subministrada por pessoa do sul, que não conhece o valor do *s* beirão e trasmontano.

xarife, xerife, xerifina, xerifado

Na ORTOGRAFIA NACIONAL [2] já me referi a êste vocábulo arábico XARIF, o qual, conforme Marcelo Devic [3], é o título dado a qualquer descendente de Mafoma por parte de sua filha Fátima, esposa de Áli. O mesmo arabista diz-nos ser um substantivo verbal de ajente do verbo XARAFA, «realçar», significando portanto «ilustre».

João de Sousa escreve *xarife,* com *a* na primeira sílaba e declara que significa — «Nobre, Eminente em gloria, e dignidade, sublime entre todos» —, e dá-lhe a mesma derivação, acrescendo: — «Entre os Mahometanos, he titulo de muita honra, e só o Principe da cidade de Mecca, e o rei de Marrocos gozam deste titulo de *jure,* por serem descendentes dos antigos Arabes, e por consequencia de Mafoma. No Oriente e em Africa ha outra qualidade de Xarifes, e são aqueles que tem visitado tres vezes o Templo de Mecca, que sem estas tres visitas não podem gozar o referido titulo. Os Xarifes do Oriente são conhecidos pelo turbante verde que só elles podem trazer: Huns e outros, por aquellas tres peregrinações adquirem tal nobreza, que além dos grandes privilegios, que lhes são concedidos, podem aparen-

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 33.

[2] Lisboa, 1904, p. 147.

[3] Suplemento ao Dicionário francês de Littré, *sub voc. chérif.*

tar-se com as primeiras familias, e os principes não duvidam receber suas filhas por mulheres» —[1].

Chérif é ortografia francesa, *scherif*, alemã, *shereef* ou *sherif* inglesa. O *sheriff (=xérif)* inglês é outra palavra, em anglo-saxão *scire-geréfa* [2], e significa «prefeito», «governador civil», cargo puramente honorífico hoje em dia, e que nada tem que ver com o *xarife* mocelemano.

De *chérif* fizeram os franceses *chérifat*, «**xarifado**», dignidade de *xarife*, e *chérifien, chérifienne*, «**xarifino, xarifina**», e não xerifiano, ou xerifiato, como se vê no seguinte trecho: —«Nem a força, nem a grandeza, nem a fortuna da Allemanha dependem de algumas concessões arrancadas ao anarchico xerifiato» —[3]. Como de *príncipe* fazemos *principado*, e não principiato, assim, de *xarife, xarifado*; e *xarifino*, como de *Tânis, tunisino*, de *Tânjere, tanjerino*, etc. E visto que já se emendou o desacêrto de sherif ou chérif, em *xerife*, ou *xarife*, convém corrijir também os outros.

Com relação a qual seja a forma preferível, *xarife* ou *xerife*, direi que a primeira foi a preferida pelos nossos escritores antigos, como o Padre João dos Santos na Etiópia Oriental, e já vimos que João de Sousa é a que aponta. Bluteau dá as duas, abonando a segunda com João de Barros [Décadas, I, fol. 60, col. 3.ª].

No Roteiro da viagem de Vasco da Gama empregou-se *xarife*:—«huum mouro branco que era xarife, que quer dizer creligo» —[4].

Na realidade, a primeira moção ou vogal é lida ora como *a*, ora como *e*, isto é, poderia figurar-se por *æ* [5]. No árabe falado

---

[1] Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

[2] Henrique Sweet, The Students Dictionary of Anglo-Saxon, Ocsónia, 1897.

[3] O Seculo, de 2 de julho de 1905.

[4] Lisboa, 1861, p. 79.

[5] V. Guilherme Wright, Lectures on... the Semitic Languages, Cambridge, 1890, p. 75-78.

em África, é nula, valendo pelo nosso *e* surdo, o que talvez nos conduza a preferir *xerife, xerifado, xerifino* a *xarife, xarifado, xarifino.*

A forma com *a, xarife,* é devida provávelmente à conhecida influência do *r* no *e* átono que o precede ou segue em português, e de que são exemplos *rasgar* em vez de *resgar* { resecare, *amaricano,* popular por *americano, farum* { *fera,* etc.:— «Um xarife que era provedor da sua armada» —[1].

xaroco, xarouco

João de Sousa dá êste vocábulo como português, sem abonação, citando Bluteau, e atribui-lhe como étimo (imediato?) a palavra árabica XARUQ, que transcreve *xaruco.* Diz mais que se deriva—«da voz (XARQI) *xarqui* o Nascente ou Oriente, por ser o vento xaroco daquella parte» —[2].

Bluteau escrevera:—«XAROUCO. O P. Bento Pereira diz, que é vento da terra, e chama-lhe *Altanus.* Com nome, que tem analojia com este, chamão os Italianos *Siroco* a hum vento humido, & Meridional, a que os Latinos chamão *Notus*» —[3].

Parece pois haver contradição entre o significado do *siroco* italiano e o do *xaroco* português, estando êste mais conforme com o valor do étimo arábico, pois, na realidade, em árabe XARQ, e AXRAQ é «nascente» { XARAQA, «nascer o sol» { XURUQ, «o nascer do sol», XARQĪ(a), «vento leste».

Mas o *siroco* italiano, de que fala Bluteau, com maior exactidão *scirocco, scilocco* (pr. *xiróc-co, xilóc-co),* não significam «vento sul», ou «vento leste», mas sim «vento sueste»; o nosso *soão,* o hespanhol *solano* { solanum { sol, é leste ou sueste, o que aprossima o vocábulo peninsular do citado arábico, na ori-

[1] Frei João dos Santos, ETIÓPIA ORIENTAL, I, l. 4.º, cap. X.
[2] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.
[3] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

jem, mas com o mesmo desvio de significação que sofreu o *xaroco,* ou *scirocco.*

A rosa dos ventos chamada do Mediterráneo, com os nomes em italiano, compreendia os seguintes rumos, a começar pelo norte, na direcção de leste-sul: *tramontana* (norte), *greco* (nordeste), *levante* (leste), *scirocco* (sueste), *ostro* (sul), *libeccio* (sudueste), *ponente* (oeste), *maestro* (noroeste). Estes oito rumos, subdividiam-se em trinta e dois, subdivisões denominadas, as dezasseis primeiras com a designação composta dos nomes daquelas de que eram intermédias, *levante scirocco* (lés-sueste), por exemplo, e as subdivisões destas últimas com as palavras *quarta di (scirocco verso levante,* por exemplo).

A rosa dos ventos romana, como a grega, tinha só os oito rumos principais: Septemtrio (setentrião), Aquilo (aguião), Subsolanus (nascente), Uulturnus (soão), Auster ou Notus (sul), Africus (sudoeste), Fauouius ou Zephyrus (oeste), Caurus (norueste).

Parece-me, pois, que o nome *xaroco,* ou, *xarouco,* em vez de designar o vento, ou rumo de leste, como afirmou João de Sousa, ou o do sul como pretendeu Bluteau, indicava o do sueste, entre estes dois rumos, como no Mediterráneo, isto é, o *scirocco* italiano, o *vulturno* dos romanos.

Faltam-me abonações para confirmar êste modo de ver, apenas baseado em raciocínio, mas que está em harmonia com o de J. Inácio Roquete, que traduz *xarouco* por *siroc:*—«vent sud-est sur la Méditerranée»—.

Dos nomes italianos dos rumos passou para português o do norte, na locução *perder a tramontana,* «desorientar-se», que talvez viesse para cá por intermédio do francês *perdre la tramontane,* que sem dúvida a recebeu do italiano *perdere la tramontana,* e que Molière põe na boca de um Gascão, pessoa episódica da comédia Le Bourgeois Gentilhomme.

—Jé perds la tramontane—[1].

[1] Acto v, Ballet des Nations.

Ainda hoje nos servimos das expressões de sentido análogo, *sem norte, desnorteado.*

Veja-se sobre o termo *xiroco,* Marcelo Devic, DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, *sub. v.* **Siroc** [1].

xarope, sorvete

Êste vocábulo é de orijem arábica XARAB, «bebida, de XARABA», beber, e por especificação «determinada bebida», como café, vinho, etc. As formas portuguesas são duas, sem o artigo, ou com o artigo AL, *axarope,* ALXARAB, pronunciado *axxarâb.*

Marcelo Devic [2] relaciona com êste vocábulo outro, *zurrapa;* porem não só os dois *rr,* mas a mudança anormal de *x* inicial em *z,* tornam o étimo pouco provável.

Oferece êste vocábulo uma singularidade: é a mudança do *b* em *p,* quando em árabe esta última letra não existe. Influíu na permutação talvez a regra formulada por Dozy [3]: as consoantes finais eram mal ouvidas, e por isso mudadas sem norma certa. A lei é enjenhosa, cumpre porém não abusar muito dela, e escojitar os motivos da mudança.

Em castelhano alternam as formas de *p* final com as de *b* ou *v* final, predominando as primeiras: *xarabe, axarave,* antigas, moderna *jarabe,* todas elas com *e* final de encôsto à consoante *p* ou *b,* desusadas como finais.

O francês *sirop* provém da latinização *sirupus* de qualquer das formas peninsulares do vocábulo citado, ou melhor de outra forma arábica derivada, XARUB, que talvez seja o étimo imediato das formas peninsulares que teem *o* na 2.ª sílaba, e portanto do português *xarope.*

---

[1] Paris, 1876.

[2] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876, *sub voc.* **Sirop.**

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, p. 24.

João de Sousa, ao dar, nos VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, a etimologia de *xarope,* aduz apenas a forma XARAB, que transcreve por *Xarabe.* Atribui, como é de razão, a significação «lambedor» à palavra portuguesa, acrescentando —«Também significa qualquer bebida medicinal»—. Devia, porém, ter acrescentado que aquela acepção especial não é a que compete ao vocábulo arábico, de que não dá a significação geral.

A palavra *sorvete* procedeu naturalmente da francesa *sorbet,* conquanto em França se dê êste nome ao que nós chamamos *carapinhada,* e não à *neve* ou «gelado pastoso». Para francês veio talvez do italiano *sorbetto,* que o recebeu de XORBET, pronúncia dada pelos turcos ao vocábulo arábico XURBE, outro derivado de XARABA «beber». Para a forma portuguesa com *v,* contribuíu a relação aparente com o verbo *sorver* | sorbere, que, a triunfarem as modernissimas teorias de Alfredo Trombetti[1] é em última análise o mesmo vocábulo que o arábico. Outra forma, usada na Índia, é *xarau:* v. **raca.**

xelim: v. *shilling*

xeque, xecado

É esta a forma portuguesa, estabelecida pelos nossos antigos escritores para o vocábulo arábico XAIH, que quere própriamente dizer «ancião», e por extensão «rejedor, governante».

Disse estabelecida, e não transmitida tradicionalmente por audição, visto que a última letra da palavra, que aqui represento

---

[1] L'UNITÀ D'ORIGINE DEL LINGUAGGIO, Bolonha, 1905, p. 60: «Tre consonanti sono possibili in una radice soltanto se fra di esse ve n' è una che possa assumere la funzione di vocale, come nell' indoeuropeo *serbh* sorbire =semitico *sarab, sarap*».

ي, a sétima do respectivo alfabeto, e cujo valor é o do **j** elhano actual, a ser tradicional a transmissão, estaria repre-ada, *f* como em *alfaiate, alface,* AL-ЧАІАТ, AL ЧАS̄ [1].

A escrita *cheik* é francesa, *sheik,* inglesa, *scheich,* alemã, muitas variantes, mais ou menos caprichosas; ao passo que ossa transcrição foi sempre invariável, e ainda é usada pre-emente, com referência a certos rejedores mouros na África ental.

Os exemplos e provas são de sobra e de todos os tempos, relação à escrita portuguesa dêste título mocelemano, já tivo, já honorífico, a qual se pode comparar ao da palavra *hor,* que equivalendo em latim, de onde deriva, seniorem, almente a «ancião», adquiriu tantas e tam variadas signifi-ões e aplicações nas línguas románicas:

—«e dali se tornou Molé Xeque»—[2].

—«Velho sabio e co'o xeque mui valido»—[3].

—«O Xeque Ismail Sofi»—[4].

E já moderno, contemporáneo, referido à África Oriental, na correspondencia de Moçambique:—«O Xeque eleito tem permanecer, por preceito da sua religião, 40 dias no local em foi lavado o cadaver do xeque fallecido»—[5]. À jurisdição a autoridade mocelemana devemos chamar, se quisermos r tal denominação, *xecado,* e não **xequado,** pois o *u* de *ue* se não profere,—«a acção politica... ficou governando pre os xequados»—[6].

---

[1] V. A. R. Gonçálvez Viana, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE-HISTORI-PORTUGAISE, Lisboa, 1892, p. 10 e 11.

[2] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CLXVI.

[3] Camões, OS LUSÍADAS, I, 77.

[4] Diogo do Couto, DÉCADAS DA ÁSIA.

[5] O ECONOMISTA, de 8 de julho de 1884.

[6] BOL. SOC. GEOGR. 24.ª série, p. 243.

xerém

Êste termo figura no Nôvo Diccionário em duas acepções, como termo algarvio: «farinha de milho para papas», e «papas de milho». Faltou indicar outra: é o nome de um baile-de-roda.

xerume

—«O abuso do xerume ou bandage—herva que os indigenas [de Manica] fumam»—[1].

xicaca

O Nôvo Diccionário define esta palavra, que diz ser brasileira, como significando—«pequeno cêsto com tampa»—O Diccionario de vocabulos brazileiros, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan [2], diz-nos ser próprio da província de Sam Paulo e significar—«pequeno cesto ou balaio com tampa»—Há porém outro vocábulo, de orijem africana, cafrial, *xicaca,* que vemos assim definido no Boletim da Sociedade de Geographia:—«No Congo... quando os mercadores portugueses iam aos longinquos *pumbos* commerciar eram-lhes exigidas muitas *xicacas*... as quaes são como «aduanas, alcavallas e rendas»—[3].

---

[1] Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 24.ª Série, p. 120.

[2] Rio de Janeiro, 1889.

[3] 24.ª série, (1906), p. 216.

ximbeque

Habitação entre os povos mussorongos: — «dando ordem para ue rompesse o fogo, bombardeando os *ximbeques* ou habitações entilicas dos povos d'aquella localidade» — [1].

Xiraz, xirazi

A primeira palavra é a forma clássica portuguesa do nome róprio persa XIRAZ, que erróneamente por aí se escreve *Shiraz,* inglesa, *Schiraz,* à alemã, ou *Chiraz,* à francesa. A segunda é m adjectivo derivado dêsse nome, abonado com o seguinte recho moderníssimo: — «na capital, no berço do sultanato xirazi nplantado para as bandas do sũl da ilha de Moçambique» — [2].

xofo (?)

— «Aos treze de septimalva do quarto anno da era chamada Xofo» — [3].

Não sei identificar êste nome: *xófu,* conforme o Dicionário aponês-inglês de J. C. Hepburn [4], quere dizer «farinha fina de rigo». Como uma das prerrogativas do imperador é pôr os nomes os anos, é possível que houvesse imposto êsse ao de 1647, em ue se realizou a malograda embaixada, que Dom João IV man- ou saír de Lisboa em 1644, em dois galeões, em direitura a acau, onde chegou em fins de maio de 1645. A ela se refere

---

[1] RELATORIO de 30 de setembro de 1869, de Joaquim Viegas do O, «O Economista», de 11 de novembro de 1882.

[2] BOL. SOC. DE GEOGR. DE LISBOA, 24.ª série, 242.

[3] António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, 57.

[4] Tóquio, 1897.

o douto jesuíta, e o trecho acima citado é o fecho do ofício enviado de Nangassaque ao embaixador Gonçalo de Siqueira de Sousa, despedindo-o sem mais cumprimentos e repudiando a amizade oferecida.

Repito que *xofo* ficou para mim um enigma, que não pude resolver nem pela cronolojia japonesa da JAPAANSCHE SPRAAKLEER, de J. Hoffmann, nem pela da JAPANSCHE GRAMMATIK, de Seidel, conquanto ambas elas sejam minuciosas a tal respeito.

A *septimalva* deve de ser a *sétima alva*, isto é, o sétimo mês.

xogum: v. **Japão**

xote

Abreviatura de *caixote*. Dá-se êste nome em Leiria a uma arca pequena de pinho, em branco, onde se guarda a roupa: vendem-se na feira de agosto. Teem tampa e fecham-se com chave.

A informação é do snr. Acácio de Paiva, dali natural.

zabumba

É esta designação que popularmente se dá ao instrumento músico de pancada chamado *bombo [q. v.]*. Diz-nos o NOVO DICCIONÁRIO que o termo é africano, o que é muito vaga orijem, e pouco provável.

Bluteau, tanto no Vocabulário como no Suplemento, dá à voz *zabumba* valor interjectivo, sinónimo de *zás!* e designativo de «dar pancada», e no Suplemento já lhe atribui êste significado como substantivo. Como nome de instrumento, que provàvelmente se orijinou da interjeição e sem influência africana, já o vemos no Dicionário português-francês de J. Inácio Roquete, com a única tradução — «grosse caisse» —, tendo sido as outras

significações aí omitidas. Com êste vocábulo pode comparar-se o castelhano *zambomba,* que é o nome que em Espanha se dá ao que chamamos *ronca:* — «A autoridade não prohibiu, como se disse, o uso de zabumbas n'esta caracteristica ronda *[q. v.]*» —[1].

¿Quere *zabumba* dizer aqui «bombo», ou é forma portuguesa correspondente à *zambomba* espanhola?

zambra

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo, emendando-o para *çambra.* Define-o: — «espécie de dansa e música moirisca, que se conservou na península hispánica, espécie de barco moirisco» —.

Primeiramente, há aqui dois vocábulos diferentes, fundidos numa só inscrição. *Zambra,* «barco», nada tem que ver com *zambra,* «música»; e conforme Eguílaz y Yanguas, a palavra arábica que lhe corresponde é samarie,, corrutela de salarie, do grego sellárion [2] (o que não é muito convincente, valha a verdade), sendo o castelhano *çambra* contracção da primeira forma, mais extensa, arábica. É a êste segundo vocábulo pois que cabe a emenda de *zambra* para *çambra,* porque aos *ss* arábicos corresponde *ç* na Península Hispánica.

O outro vocábulo é com *z,* e não *ç,* pois em árabe é zamr, ou zumr, com o suficso de unidade zamre, e significa «instrumento músico», «musica festiva», «orquestra», *toques,* como dizemos, e também «dança com música».

Que a forma é *zambra* está provado pelo Memorial de Francisco Núnez Mulei, em defeza dos trajos, língua, usos e costumes dos mouriscos do antigo reino de Granada, suprimidos pela pragmática de 17 de novembro de 1567, apesar dos prometimentos que se lhes haviam feito após a conquista, e em que

---

[1] O Seculo, de 15 de junho de 1904.

[2] Glosário de palabras españolas de origen oriental, Granada, 1886.

ficara empenhada a palavra dos reis católicos Fernando e Isabel, que Felipe II assim desatendeu e desmentiu setenta e cinco anos depois.

Nesse interessantíssimo documento, publicado na REVUE HISPANIQUE [1], e no qual se fazem referências meudíssimas a êsses usos e costumes, que o velho mouro em castelhano amouriscado enaltece, e humilde- mas enérjicamente desculpa, louva e advoga, figura várias vezes a palavra *zambra,* sempre escrita com *z* inicial, cujo valor no castelhano e andaluz de então era o do *z* arábico e português: — «En lo que toca al terçero capitulo que habla en las cosas de las bodas y plazeres, y zanbras e estrumentos dellas y otras cosas que en la dicha prematica contenida y eligida, al alçobispo que entonces fue digo questa probision no fue pregonada... y demas desto no fue de todo ello mas de la zanbra y estrumentos della de los señores ynquisidores antiguos, y hasta entonces se usaba la zanbra, y estrumentos della consentida por todos los alçobispos hasta el alçobispo don pedro dalua [d'Alva]» —.

Em conclusão, há dois vocábulos: *çambra,* «barco», provávelmente arábico, mas de difícil identificação; e *zambra,* em arabe ZAMRE, com a significação de «orquestra, música, baile mouriscos», e actualmente «festa tumultuosa de ciganos». É claro que no castelhano actual os dois se confundem numa só pronúncia, que é em Castela *ʒambra,* e na Andaluzia *çambra,* mas que em português podem e devem ser diferençados como em castelhano o foram antes pela consoante inicial, *ç* no primeiro, *z* no segundo.

Veja-se sôbre *zambra* o substancioso artigo que R. Dozy lhe consagrou no Glossário [2], e no qual tudo se acha perfeitamente explicado e abonado.

---

[1] vol. VI, 1899, p. 221, e *passim.*

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

zão-zão

—«Aqui o portuguez ao zãozão da viola chuleira»—[1].

zaranza

Êste nome, na língua geral é comum de dois, pois tanto se diz *um (homem) zaranza,* como *uma (mulher) zaranza.* quando qualquer dêles fácilmente se embaraça e tudo faz à toa, e com falta de jeito. No Alentejo, porém diz-se *zaranzo* no masculino, e quere dizer «bêbedo».

zarola, zerola, azarola, azerola

Em árabe o vocábulo é AL-ZARUR, com o artigo, e dêle proveio a forma portuguesa com *a* inicial. Sem o artigo deu *zerola* ou *zarola.* Cf. *zarcão* e *azarcão:*—«exemplares de zarolas e pecegos carecas»—[2].

No NÔVO DICCIONÁRIO introduziu-se um vocábulo *acérolo,* que não existe, e é simplesmente a forma castelhana moderna, *acerolo (= aſerólo),* que designa a *azaroleira,* chamando-se *acerola* ao fruto. As formas antigas eram, como as portuguesas, *azerola, azerolo,* com *z* escrito e pronunciado. A definição também ali não está certa.

Zé-Pereira

Denominação popular e faceta do «bombo e pífaro», soando desafinados, e também sómente do «bombo».

---

[1] Alberto Pimentel, A PRINCEZA DE BOIVÃO, p. 44, n.

[2] O DIA, de 12 de setembro de 1904.

zinga-mocho

No concelho de Amarante, é o mesmo que *aboiz,* armadilha, para caçar passaros» [1].

O Nôvo Dicionário traz êste vocábulo, com a definição de «zimbório, pináculo».

-zinho

Actualmente, o acrescentamento dêste suficso composto do inficso *-z-,* e do suficso *-inho,* como todos os mais, quer deminutivos, quer aumentativos, em que entra o dito inficso *-z-,* faz-se ajuntando-o ao tema do nome, e no plural, ao tema do plural dêsse nome, menos o *-s* com que é formado. Dêste modo, de *grão,* e *grãos,* formam-se *grãozinho* e *grãozinhos;* de *mãe* e *mães, mãezinha* e *mãezinhas;* de *pão* e *pães, pãozinho* e *pãezinhos;* de *botão* e *botões, botãozinho* e *botõezinhos;* de *árvore* e *árvores, árvorezinha* e *árvorezinhas.*

Antigamente, porém, em alguns pelo menos, o *s* do plural permanecia: — «Trinta e dous botõeszinhos esmaltados de branco e roxiere *[roxieré, rosicler]*» — [2].

zirbeiro

— A meio dos travessos ainda ha nos ichozes mais bem construidos dois pequenos tornos...

Agora para que o ichoz cace é necessario preparar o *zirbeiro,* nome que os serranos, especialmente de Anciães, dão ao local onde elle se arma. Para isso interceptam as leiras ou campos,

---

[1] V. José Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 91.

[2] Archivo historico portuguez, II, p. 386.

onde as perdizes vão pastar, ou os caminhos por ellas frequentados, com giestas ou urzes deitadas apenas umas sobre as outras, formando assim uma baixa e atabalhoada sebe, aberta apenas no ponto em que se colloca o ichoz» —[1].

zorreiro

Êste adjectivo, sem dúvida derivado de *zorro*, «raposo», tem uma acepção que se não compadece fácilmente com essa orijem, pois quere dizer «vagaroso», como já o aponta o Nôvo Diccionário, mas aplicado unicamente a homem, quando da citação seguinte vemos que também se aplicava a animais: — «como [os cães bravos no reino de Laujã, ou dos Laus] são muito zorreiros, esperam a pé quedo que o caçador os mate» —[2].

zorro

— «Pequena rêde envolvente de arrasto, tendo em logar de saco um pequeno seio chamado *copo*» —[3].

zuavo, (a)zuago

Êste vocábulo, o qual designa certa milícia francesa, que primeiro era constituida por arjelinos, e ainda hoje tem fardamento amouriscado, aportuguesou-se do francês *zouave*, acomo-

---

[1] José Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugália, II, p. 93.

[2] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, p. 255.

[3] P. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 152.

dação do nome de uma tribo berbere denominada *Zuaua*, (pron. *zuáua)*.

Faz-se menção dela na NOVA DESCRIÇÃO DE ARJEL, de João Carvalho Mascarenhas (1621), com a forma aportuguesada *azuago*, em que o *a* inicial é o artigo arábico AL, AL-ZUAU, (pròn. *azzuâu)*:—«mouros, amigos e vasalos [dos turcos, em Arjel], a que chamam azuagos»—.

Forma idéntica se encontra na JORNADA DE AFRICA, de Jerónimo de Mendoça, anterior ao autor já citado, e portanto de maior fé:—«Porque sendo [Dom Teodósio, duque de Barcelos] cativo de dous Alarves, como fosse visto em seu poder de [por] um soldado azuago, que percebeo em um momento a calidade da presa... porém o azuago, como soldado esperto, movido assi da gentileza do menino»—[1].

A palavra *azuago*, como se vê, é empregada primeiro como adjectivo, depois, como substantivo.

No capítulo XIV dêste segundo livro dá-nos Jerónimo de Mendoça mais ampla informação dêste nome:—«São estes Azuagos descendentes de christãos de differentes nações, que no tempo de um rei dos Merines, fazendo muitas obras por seu mandado, lhe prometeo liberdade... não consentio que se viessem a terra de christãos, assinando-lhe terras em que vivessem livres»—.

zunaco

—«em presença... de muitos mandarins e zunacos da sua côrte [do Aname]»—[2].

zunzum

Êste vocábulo onomatopeico já foi consignado no NÔVO DICCIONÁRIO, no sentido de «sussurro, boato». O ARCHEOLOGO

---

[1] livro 2.º, cap. I.

[2] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 133.

PORTUGUÊS dá a entender ser nome de instrumento músico popular, sem o definir: — «um zum-zum de madeira» — [1].

Parece-me escusado separar as duas sílabas por hífen, e por isso o escrevo *zunzum*.

zurbada

— «Quando as hervas se dobram com as zurbadas de agua, tangidas pelo vento» — [2]. É termo transmontano.

[1] t. x, p. 379.

[2] M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de Educação e Ensino», 1891.

aipo: ápeto
aito: eito
ajardinar: armazém
ajoelhar: geolho
ajuar: enxoval
alacral, alacrau, alacrão: lacrau
álamo, alameda: azinhaga
Alandroal: landro
albertiço: linho
alcaçaria: *muezzin*
alcáçova: récua
alcorão: *minarete*
alcomonia: ferroba
aldeagar: aldeagante
aldeão: pão
alea: rua
alegra: saco
alface: xeque
alfaiate: xeque
alfanje: *muezzin*
alfarroba: ferroba
alfavaca: cobrinha
alféoa: *muezzin*
alforje: forjoco
alfurja: forjoco
algar(a)via: ingresia
algoz: carrasco
alguazil: vale
alguergue: arrió(s)
alguidar: aljofaina
alicerce: alfeça
Alijó: tinhó
Aljeziras: jazerino
almanjarra: manjarra
almatrixa: almandra
almazém: armazém
almeice: atabefe
almenara: *minarete, muezzin*
almiara: *minarete*
almocávar: *macabre*
almôço: parvo
almotalia: aljofaina
almuadem: *muezzin*
alotropo: homeótropo
Alporão: porão
altesa: artesa
aluguer: alquilé
alumiar: deslumbrar
alva: camisa
alvíssaras: vale
amago: meogo
amargo: preguntar
amassilho: artesa
amável: novel
ameixoeira: jugo
americano: leque, rabeca, tranvia
amicíssimo: docíssimo
amigo: nariz
amortiguado: apaniguado
ancho: cacho
anda(i)na: roldana
andas: palanquim
andoenças: endoenças
andor: palanquim
anciro: cada
anel: sinjelo
angola: japão
anil: *índigo*
aninhador: inço
aniquilar: nicles
anjinho: alma-negra
anta: dólmen

: adua
ır: chisca
ta
: aparar, aparadeira
apretar, entregar
rego
se: Genesi
ar: bobo
ıpto
ucuiada
caída
alambá
agüista
: rabisco
arábigo: *índigo*
ıupir
ro, rabeca
assorear
eísco
areísco, surraipa
ırmazém
greja
zerino
: poltrona
mazém
ır: armazém
: arcainha

rabeca
aca
): rabeca
chada, arrió(s), rã
arraialeiro: arrió(s), igreja,
se
enjendrar
: metalista

arrazoado: rabeca
arredores: redor
Arriaga: arrió(s)
asa-de-môsca: cágado
áscios: *skiachromia*
aspar: cabide
assemblea: sábado
assentador: arrasto
assobear: sobeu
assobiar: sobeu
assovio: sobiote
assuada: consoada
assuar: consoada
assueto: arrenega
astro, astroso: desastrado
atacador: arrasto
atambor: bétele
atar: ápeto
atear: teia
atenazar: atazanar
atreito: trecho
atroar: troneira
áugua: ẽaugar
auto: eito
avalanche: alude
avano: leque
aventureiro: ventureiro
averiguar: apaniguado
avesso: envés
avisso: abismo (EMENDAS, p. 538)
avistar: entrevista
avito: *ancestral*
avó, avô: arrió(s)
axi, axiaco: hagi
axorca: atabefe
axuar: enxoval

azarola: **zarola**
azarcão: **atabefe**
azeirado: **campa**
Azevedo: **azevinho**
azevo: **azevinho**
azinho: **azinhaga**
azougar: **avelar**
azougue: **açougue, tauxia**
Azoia: **Furada**
azuago: **zuavo**
azulóio: **lóio**

B

babuches: **papus**
bacailaba: **bacalhau**
bacamarte: **roqueiro**
bacharel: **bacalhau**
baço: **bubela**
báculo: baga
Badajoz, Badalhouce: aragoês
badejo: bacalhau
bago: desastrado; espiga
bairro: polaina
baixete: malhal
bajular: bajoujar
balancia: mabure, melancia, melão
baldaquim: poltrona
balde (de): baldo
bale: vale
bambochata: súcia
bandaje: xerime
bandurra: mandora
bandurrilha: tabernória
bangue: chambo, soruma
banzo: travêsso
baobab: **embondeiro**
barata: **carocha**
Barbária: **Barbárie**
barba(s): **bigode; canicinha**
baroque: **barrêco**
barquinha: **leque**
barraca: **espera**
barranco: **barroco**
barreirenta: **bombo**
barril: **caneco**
bastarda: **ginête**
bastos: **saco**
batata: **semilha**
bateria: **rabeca**
batota: **bilhafre**
baxá: **padixá**
bebedouro: **arrasta**
Belcouce: **alcouce**
beliche: **cámara**
bem-aventurança: ēaugar
berjaçote: cotio
berrão: bilhafre
besco: bescate
bêvera: baforeira
bibelot: brinco
bicha: rabo
Bié: **baruísta**
bilião: milhar
bilro: espirro
biombo: bonzo, cágado, dáimio
biscainho: *euscaldunac*
bisco: biscato
biscouto: galheta
bispo, bispinho: bubela, pontifica
bitafe: pitafe
boas-noutes: pinta-cega

bobèche: aparadeira
bôca-de-sino: pata
bocarra: cangarra
bodega: adega
bodum: faro
bogalho: bogacho
boémio: cigano
boganga: chila
bofetada: galheta
bolacha: galheta
bolota: bejoga
bonacho: poucachinho
bondoso: haplolejia, perda
bonzo: dáimio
bordão: burro
boroa: pão
borracha: cauchu, cerne
borzeguim: Vila-Diogo
bote: batel
botequim: adega
botica: adega
botoque: metara
bouquet: rama
bovina: chacina
braga(s): calceta, canicinho
bramá: Japão
branco: ingresia, preto
brasil: sápão
brasileiro: nababo
bretanha: leque, pano
broa: pão
buçal: buço
buena: arrenega
buhonero: bofarinheiro
bujio: burro
bule: chá
buraca: palheiro
burrié: passadiço
bus: chus
buz: bruços

C

cabaça: afogar
cabaia: quimão
cabana: cova
cabano: cova
cabeça, cabeço: telho
cabeludo: deúdo
caber: jazer
cabillau: bacalhau
cabo: caudel
cábula: presilhice, urso
caçarete: manga
cachimbo: cachimba, jingo, tabaco
cacho: cauchu
cachorro: burro, cacho
cacimba: tabaco
caco: cacho
caçoula: caço, tacho
cadaneiro: aneiro, cada
cadeia: calceta
cadeirão: poltrona
cadela: mela
çáfaro: serra
çaguate: saguate
cagucho: mela
caiota: chila
caipora: bruxa
caixote: assobio
cajori: jaumadim
çalamaleque: salamaleque, çambuco

calambuco: calambá
calão: baste
calceta, calças: bragas
caló: calão
calote: malga
calvo: escalvado
cámara: jardim
camarada: impedido
camarim: rabeca
çamarra: samarra
çambaqui: *kjökkenmödding*, sambaqui
cambas: cantadoura
çambra: *zambra*
cambuco: sambuco
camoês: azeite
campa: quinta, vinha
canadio: malga, espigueiro
cancela: escancarar
çancos: pió
cancro: escancarar
candeia: facho
candeeiro: castiçal
canela: bacia, cadêlo, encanelar
cangalhas: gafo
cangosta: congosta, quingosta
Cango-Ximá: bonzo, Japão
canhamaço: belhó
cánhamo: cánave
caniço: canastro, espiga
canineiro, caniqueiro: xarda
canivete: crabelina
canoa: banheiro
cantaria: areísca
canteiro: malhal
cão: burro
caoutchouc: cauchu
capa: coroça; dáimio
çapata: braga
capitel: apanha; caudel
cara: carranca
carácter: sóror
çaraça: tudum
caramol: clamor
car(a)pinteiro: algaravia, carabelina
carcaça: canastro
caranguejo: escancarar
carapau: cherelo
carcunda: calombo
carda: asselajem
cardeal: bacalhau
cárdeo: avergoaf, encardir
cardir: encardir
careca: labrego
cargo: charola
caridoso: bondoso
carimbo: calombo, jingo
carmear: carrapiço
carpela: escar(a)pelar
carrejar: acarrejar
carrilhão: repique
cascal: sambaqui
Cascais: Furada, sambaqui
casco: ucha
cassungo: almandrilha
castanha: azinhaga
castanhola: batata
castão: gastão
castelhano: aragoês
castelo: tôrre
castiçal: matula
casti(e)lle: caudel

castro: **citânia**
casula: **tôrre**
catana: **cágado**
cátaro: **abafador**
catatua: **tuta-e-meia**
cautchouc: **cauchu**
cavalaria: **rabeca**
cavalheiro: **mêla**
cavalo: **burro**
cá-vai: **pinta-cega**
çavana: **savana**
cavide: **cabide**
cear: **pear**
cecear: ciciar
cedo: fêvera
cega-rega: chucharrão
ceia: parvo
ceifa: cegar
cemitério: arrenega
cena: poltrona
cenário: decorar
cencerrada: latada
cera: meda, preto
cêrco: preguntar
cerdão: sedão
César: *tçar*
cesta, cesto: bacio, espiga
cêvo: cibo
chabancas: ciciar
chác(a)ra: **xácara**
chada: **achada**
chafurdo: chamiceiro
chairo: porão
chalacear: caço
chaleira: bul(e)
chama: achar, bombaça, **lhama**
chamariz: pregão
chambre: roupa
chaminé: bombaça
chançarel: bacalhau
chantar: prantar
chão: chana, diabo, lhano, porão
chapeleiro: guarda-sol
chapéu: charavasco, jardim
charaviscal: malateca
charlatão: poltrona
charrua: jardim
charuto: tabaco
chato: escaparate
chavasco, chavascal: charabasco
chave: facha
chavelha: apanha, cabeça
chávena: chá
cheda: cantadoura
chefe: cacique
cheio: deslumbrar
cheirar: cheiro, faro, igreja
cheiros: segurelha
chicango: ensaca
chícara: chá
chicharrón: chucharrão
China: **Japão**
chiqueiro: curral
chisseiro: chicua
chituredo: chicua
chocharrão: chucharrão
chola: cacho
chor: diabo
Choromándel: sacaputos
choupana: pouchana
chuchar: chacina
chumba, chumbo: tabaibo, tuna

ciacromia: *skiachromia*
cidadão: aldeão.
cidade: citânia, metade
cidra: *sidra*
cingala: singalês
cigano: Roma, *tsigano*
cigarro: tabaco
cinzete: goma
cipai: ensaca
ciriciro: candeia
cisco: chisca
cividade: citânia, metade
clamante: falar
claustro: cansto
clina: neblina
clises: parne
coador: arrasta
coalhada: asada
coba: chicua
côcedra: colchão
côco: carranca, jagra, *ogro*
cocq: *muezin*, sôco
coçobrar: sôco
cocilhar: diabo
cofre: cova
cognome: alcunha
coirciciro: cada
coisa: aquela
colgar: colcha
colo: pescoço
comaca: cornaca
comonia: ferroba
comparsa: poltrona, rabeca
compostouras: apanha
conca: cunca
concertar: consertar, fèvera
conde: condessa
conduteiro: moleiro
confetti: confeito
confesso, confissão: discrição
considerar: bondoso
consolamento: abafador
conta: pancada
constitucional: estatutário
contracenar: poltrona
contrálto: rabeca
copejar: gotejar
copo: câmara, círculo
cor: decorar
[illegible]ante: redondel
corbelha: geirelha
cordão: carr[illegible], relojo
corde'ra: carapuça
cordoeiro: bacalhau
cordovão: polaina
corisco: rabisco
cornicho: cabaça
cornipo: galhipo
coroça: bedem, jorne
corrediça: tábua-de-sebo
correria: rabeca
cortiço: mosqueiro
coser: besouro, **cosinha**
costume: traje
cotovêlo: côvodo
cotovia: corja
coturno: soco
coudel: caudel
cova: côvo, **dòn'nha**
côvado: **côvodo**
coxia: rabeca
côzedra: **colchão**

cozer: besouro, cozinha
cramação: clamor
cramol: clamor, jogral
cravão, carvão: terção
cravina: carabelina
cravo: preto
creível: igreja
crina: neblina
crisada: cucuiada
crisma: jimbaje
cristão: abafador
crível: igreja, novel
cuada: saco
cuberto: descuberto
cuidoso: bondoso
çura: jagra, raca
curadillo: bacalhau
curválico: Roma
czar: *(t)çar*

D

dádiva: data
Dai Nipon: Japão
daimiado: Japão
dáimio: Japão
deão: pior
debruçar-se: bruços
declareza: comparança
decoro: decorar
dedal: besouro, bondoso
defesa: charabasco
deita: parvo
deitar alonje: aleixar
deixar: desdeixado
dente, dentista: absentista
derviche: daroês
desabado: aba; desastrado
desabar: aba
desaguar: ẽaugar
desayuno: parvo
descaída: caída
descarregar: carregar
descrição: discrição
desempolear: poleá
desenganado: desconfiado
desengonçar: escancarar
desenvencilhar: sortelha
desesperado: desconfiado
desesperançado: desconfiado
desinço: inço
desinfeliz: desastrado
desinquieto: desastrado
desmazelado: desastrado
despertador: relójio
despojar: desbulhar
desvanecido: desmaio
deteúdo: deúdo
diálogo: data
Diana: janela, jens
diária: geira
dir: ringir
discordar: decorar
dívida: data
dívido: deúdo
dobrado: jaumadim
doçaria: confeito
doce: colchão
doceira: confeito
dois: grou
dono: tono
donzela: dòninha

dose: data
dúctil: séssil
dugá: avergoar
duma: tçar

E

ẽader: ẽaugar
eagle-wood: calambá
Eça: essa
efetá: tabaco
egual: igual
eguariça: aneira
egreja, eigreja: igreja
eiró(s): arrió(s), igreja, ilhó(s)
eis: lo
(e)isento: igreja
eixo: apanha
ejípcio: cigano
ejitanato: cigano
elche: Roma
eloendro: landro
Elói: lóio
em: faiança
em-ader: ẽaugar
emamo: imã
em-asprar: ẽaugar
embetara: metara
emborcar: borco
embuçar: buço, rebuçado
empipa: embondeiro
empolear: poleá
empreita: espreitar
encabeçadas: desmochar
encaixe: peão
encarriçado: carriço
encher: achar, cacho
enchimento: tomentó
encinzeirado: acinzeirado
encrave, *enclave:* manga
endez: inço
engadanhar: gadanha
engalfinhar: gafa
engalinhar: galinha
engaranhado: gadanha
engaranhido: gadanha
engelhar: avelar
engole-vento: pinta-cega
engonço: escancarar
engraxar: graxa
enlambuzar: lambuzão
enlodar: moleiro
ennodoar: nódoa
enrêdo: leque
ensanzorar: sanzoro
ensogadura: cabeça
entalhe: peão
enteiro: faro
entrecho: poltrona
entrevado: arredar
entupir: tupir
enveja: bòjo; grelha
enxame: enxoval
enxó: enxoval
enxôfre: enxoval
enxoval: golpelha
epitáfio: pitafe
-eria: rabeca
Ericeira: ouriço
esbouçar: saibro
esbulhar: desbulhar
escarnecer: caço

escangalhar: canga
escano: escamel
esciacromia: *skiachromia*
escoitar: ascoitar
escolha: perda
escumalha: chucharrão
esfera: hetera
esfregar: estregar
esgadanhar: gadanha
esgarçar: escarçar
esgatanhar: gadanha
esgraminhar: ancinho
esnoga: esmola
espada: *sabre*
espádua: espada
espalda: espada
espatela: espada
espear: espiar
espelho: desastrado
espera: apanha, arrasta, pouso, prazo, témpera
espeteira: estanheira
espigueiro: canastro, feno
espigueta: pomba
espim: porco
esporas: papagaítos
esquecido: falar
esquerdo: arrió(s)
estadas: palanquim
estadoal: estatutário
estança: poltrona
estanheira: casa
estantígua: bruxa
estatura: estatelado, poltrona
estrêla: desastrado
estribilho: mela
estro: desastrado
esturro: tabaco
étape: pouso
exame: enxoval, igreja
exemplo: igreja
exército: enxoval, igreja

F

fábrica: cantiga, rubrica
fabrico: escancarar
facada: cucuiada, cuquiada
facho: facha
fada: cabaça, fado
fado (e derivados): *voltário*
fagote: rabeca
fagueiro: afagar, escada
faia: fado
faiante: fado
falaises: arribas
falda: espada, fralda
falante: falar
faltriqueira: fralda
fangùeiro: fungùeiro
Farelhão: prazo
farinha: cabeça
farnel: sofra
fatia: rabanada
favaca: alfavaca
fato: roupa
faxa: facha
fecha, **fecho**: data
feérico: *ancestral*
feijão: frade
feito: igreja
feixe: faxa

felpudo: deúdo
fêmea: deslumbrar
fera: faró
ferreiro: hereró
ferro: campa
festival: kermesse
fêvera: febra
feveseiro: febra
fiar: febra
fibra: febra
ficso: reixa
fidalgo: bondoso, apaniguado
figueira: tabaibo
filão: veeiro
filhó(s): belhó(s), ilhó(s)
fio: lo
flote: linguester
fléctico: alfôstico
fiúza: desconfiado
fivela: mela
fixo: reixa
flamengo: escaparate
flauta: rabeca
fogacho: poucachinho
fogo-fátuo: bruxa
foguear: chupão
fôlego: carregar
folgar: carregar
fôlha: moleiro
for: decorar
fôrca: preguntar
formoso, formosa: poço
fota: túlipa
frade: desastrado
fragùeiro: fangueiro
framengo: escaparate
Frandes: ingresia
franganote: assobio
frecheiro: brejo
freixeal: azinhaga
frente: esteira
fresa: fragária
fressura: forçura
frol: jogral, sagral
frou-frou: ruje-ruje
fula: raca
fumo: tabaco
função: *kermesse*
funé: dáimio
funil: candeia
funileiro: moleiro; picheleiro
furna: forno
fusaiola: gastão
fuso: gastão

G

gaboná: bacalhau
gado: ganadeiro
gafanhoto: gafa
gafar: gafa
gafaria: gafa, cacimba
gafas: gafa
gafeira: gafa
gaio: jardim
gaiola: jardim
gajo: parne
galdido: gualdido
galfarro: gafa
galha: tornadeira
galinha: estou-fraca, jardim
galiziano: galego, gereziano

galo: frango
gana: esganar
gandra: ucha
ganga: Nanquim
ganhar: gadanha, ganadeiro
garfo: gafa
garimpa: gaiolo
garra: garroteia
garraio: rabo
garrote: garroteia
gastar: cibo
gato: burro, carapuça, gadanha
gatum: carapuça
gaziva: *muezzin, razia*
gazua: *muezzin, razia*
gázua: *muezzin, razia*
geada: ge(i)o
genro: enjendrar
gens: jens
geoso: ge(i)o
geral: *familial*
gerar: enjendrar
giboia: jiboia
ginja: garrafa
gitano: (EMENDAS, p. 544), *tsigano*
goela: golilha
gogo: enjogar, gôdo
goivo: enxoval
gom: bacia
goma-guta: cauchu
gomil: bacia
goraz: cibo
grado: cepo
gradura: feijão
gralho: desastrado
gravateira: estojeira
grei: *clan*, freguês
greja: igreja
Grejó: arrió(s), igreja; tinhó
grenat: índigo
grés: areísca, pedra, surraipa
greve: arrenega
Grijó: Grejó, igreja
grilheta: braga, calceta
grima: ingreme
grimpa: gaiolo
grinalda: guirlanda
grisão: Roma
grosso: gordo
grotesco: poltrona
grude: desastrado
guadanha: gadanha
Guadiana: aragoês
gualdir: arrió(s)
guardanapo: lenço
guarda-roupa: cubrir
guarda-sol: pintarroixo
guardar: Estranjeirismos
guedelha: gadelha
guilherme: alberto
guinda: garrafa, ginja
guitarra: mandora
guta-percha: cauchu, *hagi*, visco

H

habitat: pouso, vivenda
haxixe: *muezzin*, soruma
hera: pêra
(h)erecha: cada
hereo: adua
herrero: hereró

o
ar
ega
..o
deslumbrar, pente(m)
nor... ardim
hucha: ichão, ucha
(h)uivar: caluete, *hurrá*
hule: cauchu
lde: revel

I

e. I
: avergoar
Jehovah
icno(s): ilhó(s), ucha
idololatra: haplolojia
ignorar: Estranjeirismos
igual: familiar
ilhama: lhama
ilhó(s): **casa**
iman: ***muezzin***
Imberton: Garrett
imbigo: ancinho, índigo
imbricado: brelho
império: charola
incerto: *inapto*
inchar: cacho
indez: inço
Inês: igreja
íngreme: apaniguado
ingùento: ancinho
insolvabilidade: servitude
insua: ilha
insular: ilha
irlanda: leque
isento: igreja
isolar: ilha
izbâ: avergoar

J

jã: jens
jácara: xácara
jacaré: lagarto
jamanta: urja-manta
jana: jens
janeiro: janela
janela: manada, panela
Jano: janela
jantar: parvo
japão: sápão
jardim: armazém
Jarreteira: Garroteia
jau: Japão
jaula: armazém
javali: candeia, montês
jazerão; jazerino
jíria: Roma
joelho: geolho
jofaina: aljofaina
jogo: enjogar
joio: **joeiro**
josézinho: **alberto**
jouver: **jazer**
juncal: **sambaqui**
juventude: **servitude**

K

Kaiser: ***tçar***
kuáli: cali

L

labrega: murtoseira
labisomem: lambuzão
ladino: Roma
ladra: biscato
lagosta: gafo
lambaz: lambuzão
lamber, *lamer*: gremial
lámpada: padiola
lamparina: padiola
lanche: parvo
langúa: savana
lanho: fêvera
laque: leque
laranja: chá
lascarim: *muezzin*
lata, latoeiro: bacalhau, funil
latim: ladino, latinado
latada: fumeiro
lavadouro: bebedouro
lavra(r): arrasta, leque
lavar: rabeca
leal: pior
leão, leoa: bacalhau, pior
lei: freguês
leito: Estranjeirismos
leituga: alface
leixar: aleixar
lenho: fêvera
lentejoula: arrió(s)
lentilha: lentejoula
leonês: aragoês
leprosório: gafo
levar: rabeca
lezír(i)as: jazerino
lhano: chana, chana
liamba: haxixe, soruma
liar: espiar
liberal: rabeca
libré: tabaco
liça: lissa
lição: igreja
licorne: olicórnio
limão, limoeiro: relojo
linear: familiar
lindo: limpo
lisseira: apanha
lit(e)ratura: rabeca
livel: nivel
livro, livreiro: bacalhau, relojo
lizarra: *acudia*
loa: enxoval
lobisomem: labrego, lambuzão
lobrigar: lavagante
lodo: lama
loja: adega
lombo: carambelo, gremial
loquete: aloquete
louça: faiança, pó
loura: parne
louvar: enxoval, uivar
louvárã, louvárõ: pão
lufada: luzo
lula: moleiro
lume: deslumbrar
lustrar: quimão

M

má: bacalhau
maçã: apanha

macaco: burro, fidalguinho
maçapão: argamassa
maçaroca: espiga
machin: aquela
macho: burro, cacho, diabo
maçon: pedreiro-livre
mácula: homeótropo
macula: cabide
madeira: encanelar, mecha
ra: anta
o: aurásio
mafarrico: labrego
magarefe: febra
magazim: armazém
magnitude: servitude
mágoa: homeótropo, mela
Mahomet: Mafoma
maioral: rabadão
má(i)s: lo
malabar, malaiala: támil
malapeiro: aneiro
mal-cozinhado: adega
males: moleiro
malha: arrió(s), homeótropo, mela
malhete: apanha
mamaltar, mamoa, mamua, mamunha: anta
mamão: papaia
mamite: teteirá
manancial: *usina*
mancha: homeótropo, malha
manequim: escaparate
manga: antenal
manjericão: alfavaca
manjerona: alfavaca
manto: almandra
manuelino: joanino
mapira: chimabanda
maran atá: raca
maravilha: terção
marca: jimbaje
Marco Paulo Véneto: Japão
maré: polé, tabaco
Maria II: almandra
marinha: sôco
marquesinho: palito
marsão: bilhafre
marroca: papaiola
marrocaga: amasarcha
marroquim: polaina
mascarado: encaraçado
mastro: trapeira
matadouro: bebedouro
matilha: matula
matuca: bare
mau: bacalhau
maunça: gastão
maurá: cajuri
Mayer: Garrett
mazurca: Moscou
meada: encanelar, **mecha**
meão: cantadoura
mechero: bicho, **bilhafre**
médão: duna
melronheiro: **érvodo**
meia: pintarroixo
mela: malha
melápio: aneiro, **malápio**
melga: belfa
melhoria: pior
melro: espirrar
ménagerie: pátio

mendreira: merendeira
menino: menĩo, neno
mentira: gadanha, padiola
mercearia: adega
merecer: pardeeiro
merenda: parvo
merino: meirinho
mesa: apanha
mester: meogo
mestre: caída
meu: enha
meúl: cantadoura
mexicano: nababo
mexoeira: chimabanda
mexuda: deúdo
mialha: mealha
Micado: Japão
mico: fidalguinho
micondó: embondeiro
milagre: desastrado, sagral
milhafre: bilhafre
minarete: ***muezzin***
minguar: mangual:
minha: enha
Minho: igreja
mintir: cetim
missa; pedidor
mistureiro: chafariqueiro
modorra: mêdo
moganga: chila
mogo: desastrado
moineau: bacalhau
moinheira: moleiro
moinho: moleiro
molarinho: bísaro
molho: cacho, manojo
molinheiro: moleiro
monhé: inhabaca
monje: desastrado
monte: alôjo
montilhão: anta
morango: fragária
morcela: murcela
moreno: mouro
morgue: arrenega
moringue: porrão
mortificar: apaniguar
mostacho: bigode
Mosteirô: arrió(s)
motejar: caço
monco: bobo
mouriscado: baldio, vadio
montão: apanha
mouxão: morraça
móvel: novel
mu: amuado
mueddin, muezzin: (al)muadem
mula: amuado, moleiro
muleta: burro
mundial: estatutário
mu(n)jir: ordenar
murilho: morilho
mus: chus
muslo: bucho

N

naifa: pico
Na(n)gassáqui: bonzo, Japão
naquele, naquilo: lo
nariz: noz
navalha: cacho

názir: nadir
necrotério: arrenega
negro: prêto
nele: lo
nesse, neste: lo
neve: xarope
ninho: linho
nisso, nisto: lo
nivel: livel
niza: casaca
no: lo
noitibó: pinta(-cega)
nopal: tuna
nós: febra
Nossa Senhora: *madona*
noz: febra, nariz
nozcada: moscada
nuvem: pente(m)

O

o: lo
oboé: poltrona, rabeca
obra: opera
ocar: oco, ocarina
óculos:
Odeceixe: aragoês
Odelouca: aragoês
Odiana: aragoês
oison: carreirão
óleo: azeite
oleiro: panela
oliveira: azeite, moleiro
orca: anta
organeiro: metalista
órgão: apanha
orilla: gafo
orleã: pano
orraca: jagra, raca
osso, ossa: urso
ougar: ẽaugar
ourela: gafo
ouro: armazém, arrasta
outeiro: bobo, moleiro, papo
ouvir: enxoval
ovelha: pano
ovina: chacina
ovo, ovos, ova: gaiolo, poço

P

pá: vadio
pação: escada
pacassa: empacassa
paceiro: baldio
paço: baldio
Paçó: arrió(s)
padejar: padiola
Pai-do-céu: *madona*
pai-dos-caixeiros: aragão
painel: quartão
palacete: alquitete
palavra: parola
paleo: poltrona, rabeca
paletó: casaca
palhaço: poltrona
palheiro: feno
palhoça: bedem, coroça, jorne, pilhota
palito: moleiro
palmelão: camacheiro
palpo: papo
pança: trocho

pancá: leque
pancada: trocho
panela: oleiro
paniguado: apaniguado
pantana, pantano: amago, meogo
papa-fina: papel
paparrotão: papel
papelinho: confeito
para: pardeus, rabeca, terção
paramento: aparamento
parávoa: parola
parecer: pardeeiro
parentela: *clan*
parlapatão: papel
paro: arrenega
parola: falar
paróquia: freguês
parreira: fumeiro
partitura: rabeca
paspalhão: papel
passadeira: passadiço
passerelle: passadiço
passo: paço
pau-ferro: chá
pavão, pavoa: bacalhau, pardo, peru
peal: pedal
peão: frade
peça: apanha
pechar: data
pedal: apanha
pedinte: idouro
pedra: areísco, corisco
pedrisco: areísco
peeira: forquilha
pega: apanha
peitar: data
peito: trecho
peixe: faxa
peixe-frade: bacalhau
pelangana: palangana
pelico: carapuça
pelote: carapuça
peluca: cabelo
penedo: barroco
penha: pena
penhasco: pena
penny, pence: real
pente: asselajem, inço
peor: pior
peote: trilho
pepino: bondoso
pequeno: pechincho
pera: pardeus, rabeca, terção
Peravana: pedra
percha: cauchu
perda: venda
perdigoto: gafo
pernas-de-prumo: apanhar
pérola: coral
perruma: amassaria
perto: apretado
pescada, pescado: bacalhau
pescar: caçar
pêssego: essa
pessoa: essa, osso
petar: pitança
peto, petume: tabaco
pial: pedal
piano: rabeca
pica-pau: paparroia
pidir: cetim
pigarro: cabeça

pimenta: arrió(s), touta
pinacoteca: adega
pinasco: pena
pingalim: bengala
pinho: azinhaga
pintassilgo: pintarroixo
pipo: tabaco
piqueno: pechincho
pires: chá
pitada: pitança
pitoresco: poltrona
pitillo: tabaco
plaga: vadio
planalto: achada
plano: chana, porão
planura: achada
plató: achada
poço: Quixote
poda, podar: leque
pó-de-pedra: faiança
poderoso: valeroso
poial, poio: pedal
polaina: enxaravia
polca: Moscou
poleá: pária, pariá
polenta: apolentar, pão
polpa: *pulpe*
pombo: apanha
pompon: maçã
porcelana: chá
porta: gaiolo, tendal
portal: tendal
pôsto: gaiolo
poupar: bobo, moleiro, papo
pousada: conta
praia: real, vadio
prão: chana, porão
prantar: ingresia
prata: preto
prato: escaparate
praú: parau
pregão: reclamo
pregoeiro: eleiçoeiro
preguiceiro: poltrona
premedeira: apanha
prenária: perna
prenda: golpelha
preso: discrição
preto: apretado
prima-dona: rabeca
prisão: discrição
professo: profissão
protestantismo: absent(e)ismo
próximo: Quixote
público: púlvego
pumbo: xicaca

q

quadrilheiro: cada
quaireleiro: cada
quaker: Vito
quebrar: crebar
queda: caída, quente
queijo, queija, queijada: bôla, Quixote
queimadoiro: arrasta
qu(e)imão: cágado, dáimio,
queixa: apanha
queixal: cachalote
queixo, queixada: Quixote
quelha: cangosta

quelme: bairro
quemadero: arrasta
quenda: quente
quente: caída, encalir, talento
quezil(i)a: quijila
quilómetro, quilograma: quilovátio
quimão: cágado, dáimio
quinda: embondeiro
Quiú-Siú:

R

rabel: rabeca
rabelo: rabeca
rabiar: rabo
rabil: rabeca
rábula: ralhar
ração: rabeca
raer: rer
raia: arraia, arrió
raio: arrió
rajaputros: resbutos
ramada: cadafalso
ramadão: *muezzin*
ranhura: encaixe
ranilha: rã
ranjer: rinjir
rapa: rapar
rapé: tabaco
rapeira: morraça
rasgar: rabanada, rabeca, rinjir
ratinha: faiança
ravina: barroco
raxar: ralhar
rayuela: arrió
razão: rabeca
real: arrió, pior
reais: apretado
reales: mutra
rebanho: relojo
rebate: repique
rebeca, Rebeca: rabeca
rebel: rabeca
rebelde: rabeca, revel
rebuçado: buço; carambelo
recaída: caída
reção: rabeca
recepisse: ónibus
recordar: cor, decorar
recovo: copa
rêde: machila
redondo: redor
redrar: arredar
reespuma: panela
refém: febra
regalo: manga
regno: igreja
regra: jogra, nivel, sagral
régua: nóloa
regular: armazém
rei: freguês
reino: igreja
rela: elo, rã
relíquias: arrelicas
relojoeiro: bacalhau, relojo
remela, remelar: mela
renegar: arrenegar
rês: cabeça, febra
resgar: rabeca, rasgar
resmungar: resbunar
restôlho: rastôlho
reteúdo: deúdo
revel: til

pimenta: arrió(s), **touta**
pinacoteca: **adega**
pinasco: pena
pingalim: **bengala**
pinho: **azinhaga**
pintassilgo: pintarroixo
pipo: tabaco
piqueno: pechincho
pires: chá
pitada: pitança
pitoresco: poltrona
pitillo: tabaco
plaga: vadio
planalto: **achada**
plano: chana, porão
planura: achada
plató: achada
poço: Quixote
poda, podar: leque
pó-de-pedra: faiança
poderoso: valeroso
poial, poio: pedal
polaina: enxaravia
polca: Moscou
polca: pária, pariá
polenta: apolentar, pão
polpa: *pulpe*
pombo: apanha
pompon: maçã
porcelana: chá
porta: gaiolo, tendal
portal: tendal
pôsto: gaiolo
poupar: bobo, moleiro, papo
pousada: conta
praia: real, vadio
prão: chana, porão
prantar: ingresia
prata: preto
prato: **escaparate**
prau: **parau**
pregão: reclamo
pregoeiro: eleiçoeiro
preguiceiro: poltrona
premedeira: apanha
prenária: perna
prenda: golpelha
preso: discrição
preto: apretado
prima-dona: **rabeca**
prisão: **discrição**
professo: **profissão**
protestantismo: **absent(e)fumo**
próximo: **Quixote**
público: **púlvego**
pumbo: xicaca

Q

quadrilheiro: cada
quaireleiro: **cada**
quaker: Vito
quebrar: **crebar**
queda: caída, quente
queijo, queija, queijada: bóla, pra
Quixote
queimadoiro: **arrasta**
queimão: **cágado, dáimio, quim**
queixa: apanha
queixal: cachalote
queixo, queixada: **Quixote**
quelha: cangosta

quelme: bairro
quemadero: arrasta
quenda: quente
quente: caída, encalir, talento
quezil(i)a: quijila
quilómetro, quilograma: quilovátio
quimão: cágado, dáimio
quinda: embondeiro
Quiú-Siú:

R

rabel: rabeca
rabelo: rabeca
rabiar: rabo
rabil: rabeca
rábula: ralhar
ração: rabeca
raer: rer
raia: arraia, arrió
raio: arrió
rajaputros: resbutos
ramada: cadafalso
ramadão: *muezzin*
ranhura: encaixe
ranilha: rã
ranjer: rinjir
rapa: rapar
rapé: tabaco
rapeira: morraça
rasgar: rabanada, rabeca, rinjir
ratinha: faiança
ravina: barroco
raxar: ralhar
rayuela: arrió
razão: rabeca
real: arrió, pior
reais: apretado
reales: mutra
rebanho: relojo
rebate: repique
rebeca, Rebeca: rabeca
rebel: rabeca
rebelde: rabeca, revel
rebuçado: buço; carambelo
recaída: caída
reção: rabeca
recepisse: ónibus
recordar: cor, decorar
recovo: copa
rède: machila
redondo: redor
redrar: arredar
reespuma: panela
refém: febra
regalo: manga
regno: igreja
regra: jogra, nivel, sagral
régua: nódoa
regular: armazém
rei: freguês
reino: igreja
rela: elo, rã
relíquias: arrelicas
relojoeiro: bacalhau, relojo
remela, remelar: mela
renegar: arrenegar
rès: cabeça, febra
resgar: rabeca, rasgar
resmungar: resbunar
restôlho: rastôlho
reteúdo: deúdo
revel: til

revista: rejisto
rezão: ferruba, rabeca
riba: arribas
ribalta: poltrona, rabeca
ricochete: repiquete
rixa: reixa
roca: braga
rocio: ressio, rossio
roixo: avergoar, índigo, rouxinol
rolão: cabeça
roldana: ticué, til
rólo: til
romã (côr de): índigo
romance: Roma
romeiro: Roma
romeno: Roma
ronca: bombo
roseta: suástica
rosnar: resbunar
rosto: crasto
rótula: til
roubar: roupa
roupa: fato, quimão
roupão: quimão
roupinhas: quimão
rubim: bedui, Genesi
ruço: figueiras, russo
rufião: rafião
rume: Roma
rupia: laque
russo, Russia: figueira

S

sábana: savana
sacristão: castro
sadio: vadio
Sagrado: alfa
saio: trosquiar
salão: carreirão
salitre: moleiro
salgueiro: sinceiro
salvar: saudade
samarra: çamarra
sambaqui: *kiökkenmödding*
samurai: Japão
sanedrim: nassi
sangue: ẽaugar
sangüíneo: Estranjeirismos
Sant'Elmo: Corpo-Santo.
santig(u)ado: apaniguado
sarau: serau
sarda: pico
sargasso: morraça
Sátsuma: Japão
Saturno: soturno
saudar: saudade
saudoso: bondoso
sauvástica: suástica
saveiro: vadio
século: desastrado
sedeiro: asselajem
sedeúdo: bísaro
sediço: cediço
segral: desastrado
segre: desastrado, sagral
seixo: mecha
séjana: masmorra
sejeiro: brejo
semana: dómaa
semear: samear
semilha: castanhola

sengo: sinjelo
serão: serau
seringa: cauchu
sestro: arrió
setim: cetim
siame: anámico
simonte: tabaco
sinagoga: esmola
sincelo: sencelo
sinédrio: nassi
sino-saimão: armamento, arrelicas
sirga: preguntar
snob: papel
só: febra
sobiote: assobio
sobrado: alôjo
sobrestar: sobresser
social: armazém
soco: *muezzin*
sofeno: cotio
sofi: sufi
sôga: cabeça
solar: vivenda
soledade: saudade
solteiro: moleiro, sinjelo
solúvel: novel
somblea-do-diabo: balhão, sábado
sombreireiro: guarda-sol
sombreiro: chapéu, guarda-sol
soneto: arrenega
soprano: rabeca
sorver, sorvete: xarope
sossobrar: sôco
soterrar: sochão
soturno: sorna
souto: bobo, persoutar
Stockler: Garrett
sudão: soldão
suíço: esguíçaro
Sultão: soldão
súpito (de): golpelha
sura: çura, jagra, raca
surcharge: sobernal

T

tabardilho: mal
tábua: távoa
tacha: febra
talante: talento
tamoeiro: cantadoura
tancredo: alberto
tanjerino: xarife
tantã: bacia
tanyas erei: atazanar
tapete: alfresses
tarção: terção
tareco: tarego
tatuajem: jimbaje, marca
taxa: febra
tear: pedal
teatro: cadafalso
tejadilho: lentejoula
tejolo: arrió(s)
telinga: támil
télugo: támil
temão: cantadoura
temente: idouro
temeroso: valeroso
tempereiro: apanha
Temudo: deúdo
tenaz: atazanar

tenda: adega
tendilha: cabeça
tentar: talento
tente: falar
tento: talento
terraço: passadiço
terra japónica: cauchu
terral: mareiro
terrasse: passadiço
tesouro: besouro
timãozela: trilho
tirada: falar
toca: taloca
toda: píntarroixo
tojal: sambaqui
Tonquim: Japão
toque: zambra
toque-emboque: beto
torga: preguntar
tormenta: rala
toro: torga
tosquiar: trosquiar
touca: túlipa
Touquim: Tonquim
touro: roupa
toutinegra: cabeça, touta
tração: terção
traje, trajo: *costume*
tramontana: xaroco
trapiche: *hangar*
transliteração: transcrição
trar: rinjir
travessa: essa
travessão: apanha
travesseira: almofada
treito: trecho
tremonha: têgão
trenó: arrasta, corsa
trevo: azevinho
tripeiro: alfacinha
troar: troneira
trombone: poltrona, rabeca
trombudo: deúdo
trompa: rabeca
trotar: choutar
trunfa: túlipa
túluva: támil
tunisino: xarife
turbante: túlipa
tuta-e-meia: cabide

U

u: *v.* J
uga, uja: urjamanta
uivar: *hurrá*
ulao: fachi
uma: perruma
úmil: til
unicórnio: olicórnio
urraca: jaumadim, raca
urrar: *hurrá*
urso, usso: osso

V

v: *v.* J
vadio: baldio
vajem: bainha
valaco: Roma
valadio: baldio
Vanzeller: Garrett
vara: varanda

varão: barão, varanda
vareiro: oleiro, peixinheiro
vareta: apanha
varíola: bexiga
varsoviana: leque
vasconço, vascongado: *cuscaldunac*
veio: veeiro, vieiro
vela: candeia
velacho: poucachinho
velhice: brejo
velho: brejo, cacho
velhote: assobio
vencilho: sortelha
venta: campa
verdacho: poucachinho
verdasca: carrasco
verde-gaio: gaio
verdugo: carrasco
vêrga, vergão: avergoar
verificar: apaniguar
vezinho: lechia
via: *viável*
vidraça: metalista
vilão: pão
vime: deslumbrar
vindo: homeotropo
vindouro: idouro
vinha: igreja
vinho: chacina, perruma
vinte: conta, pousada
vintém: armazém
vintena: armazém
viola, violeta, violino: poltrona, rabeca
violeta: avergoar, índigo, roixo
violete: índigo
violoncelo: rabeca
visitar: entrevistar
viúva: bacalhau, enxoval, uivar
vivenda: *habitat*
viver: calueto
vizir: vale
vizlumbre: deslumbrar
volcar: borco

X

xadrez: chicuangué, enxadrez
xágara: jagra
xarau: raca
xarope: julepo, raca
xebat: *shevet*
xerga: preguntar
xerife: xarife
Xintó: Sintó
xissó: sissó
Xisto: bexiga
xogum: Japão, toxogum

Z

zabumba: bombo
zámala: *smala*
zambujo, Zambujal: azeite
Zanzibar: Japão
zarcão: azarcão, tauxia
zénite: nadir
zíngaro: *tsigano*
zombar: caço
zuago: zuavo
zuarte: Nanquim
zurdo: gafo

ERRATAS DO II VOLUME

Linhas	Êrros	Correcções
18	*ustiólum*	*ostiolum*
6	pois,	pois é
25	Como outros	Como a outros
17	Vede	Vêde
25	etymolojias	etimolojias
21	longe	lonje
14	engenhoso	enjenhoso
30	Parece	A primeira parece
6	A última	A segunda
16	quantidade	qualidade
11	e significação	significação
5	latim	latino
23	dialectamente	dialectalmente
8	a citação	citação
16	substantivado	substantivada
16	caracterisamente	caracterizadamente
13	não usados	são usados
11	NAZIR	NAZIR
10	feminino	femenino
20	em *-a*	em *-a*,
1	*Orleans*	*Orléans*
1	éi ndostana	é indostana
7	alviçareiro	alvissareiro
6	do	dos

Páginas	Linhas	Erros	Correcções
236	27	em *b*	em *l*
250	11	quasi	quási
259	2	enfústico	enfuístico
»	17	uma	deitem uma
272	penúltima	BOGOTONO	BOGOTANO
291	7	plenarius : planus	plenarius : plenus
296	[illegible]	escrita	escrito
[illegible]	17	[illegible]pofonia	apofonia
315	4	trazia	vestia
318	10	accentua	acentua
[illegible]	25	distinctos	distintos
325	20	francēz	francês
328	1	*Rebé(c)ca,*	*Rebe(c)ca*
334	6, 8	á	à
[illegible]	6	saiu	saíu
[illegible]	7	pôz-se	pôs-se
341	5	de	do
346	1	dialecte	dialecto
351	15	de	do
378	12	RŌMAÍIKUS	RŌMAÍIKOS
380	21	Moldo Valáquia	Moldo-Valáquia
384	6	diccionario	dicionário
387	2	desisorio	derisório
388	9	modelado	modulado
409, 410	29, 1	*savane*	*savanne*
413	12	sejana	séjana
»	25	Pedro	Padre
415	2	E a forma	É a forma
417	15	*çafara, çafaro*	*çáfara, çáfaro*
436	21	indisculpável	indesculpável
441	2	é nosso	é o nosso
455	5	açucar	açúcar
459	7	Fachuela	Tachuela
481	17	*rótulo,* e no moderno	e no moderno, *rót*
490	6	proposito	propósito

Linhas	Êrros	Correcções
12	E o nome	É o nome
18	theatros	teatros
26	ellas	elas
13	*viajante*, o	*viajante* ao
7	sudueste	sudoeste
17	norueste	noroeste
11	a qual	o qual

---

eixo à discrição dos leitores a emenda de outros erros menos importanis como falta de virgulação ou a de acentos, em contradição com o ı de acentuação usado no texto.

Stanford University Libraries
3 6105 014 980 192

Pc
5329
G6
v. 2

DATE DUE

MAY 1 6 19			